

LeYa

# Dragões de Éter

CÍRCULOS DE CHUVA

Raphael Dracoon

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



LeYa

# Dragões de Eter

CÍRCULOS DE CHUVA

Raphael Draccon

DRAGÕES DE

ÉTER 03

Círculos de Chuva

2ª . Reimpressão

LeYa

2010

*Para minhas tias Daisy Cucinello e Maria Luísa, o menino*

*creceu, mas para ele as duas continuam grandes.*

Oz

Albion

Ereë

Arctia

(10)

Arctia

Wherou

Stadla Vera Cru

Mar Esquecido

Carabís

Cálice

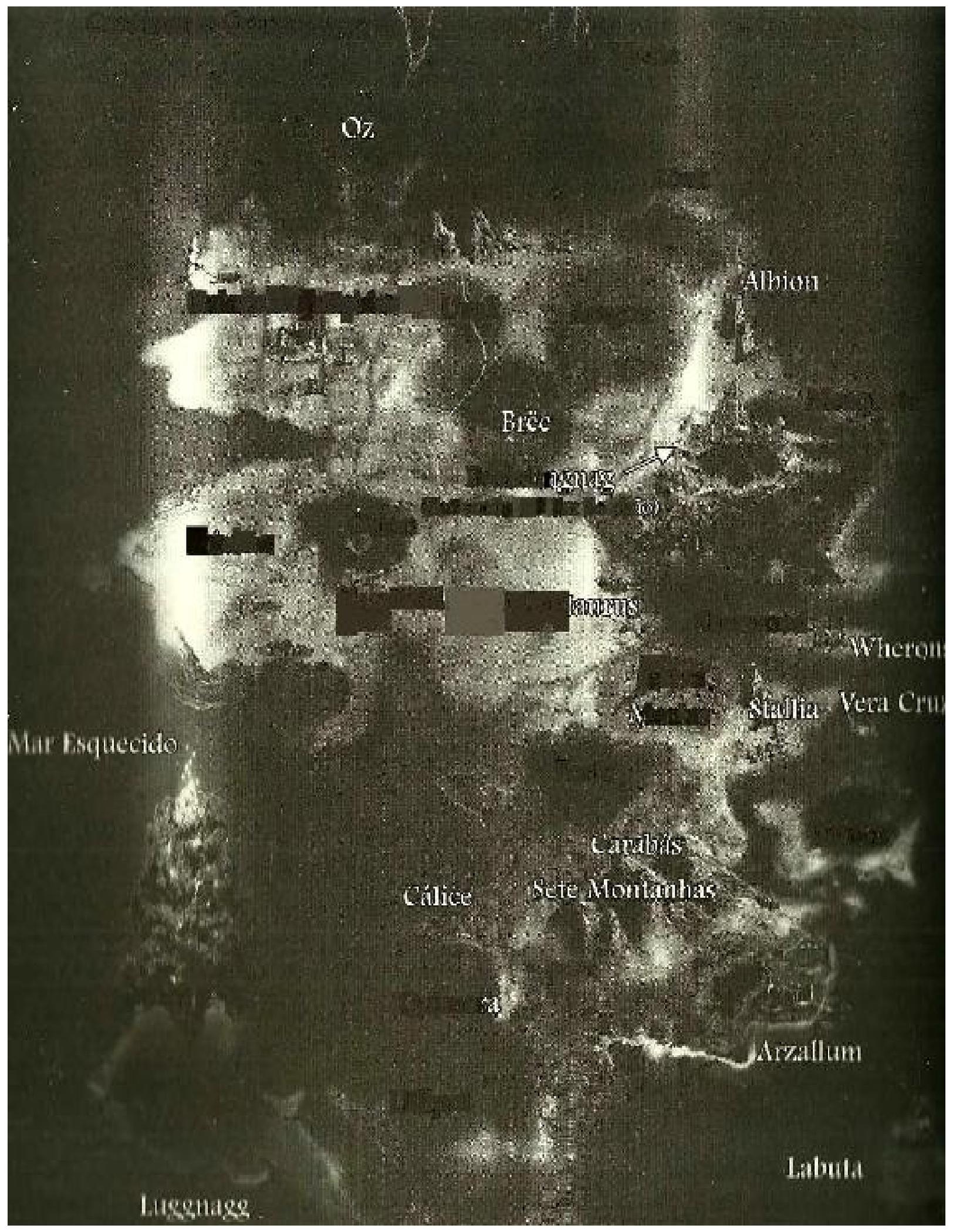
Sete Montanhas

sa

Arzallum

Labuta

Luggenagg



Glubbdrif

Mon-o-Nok

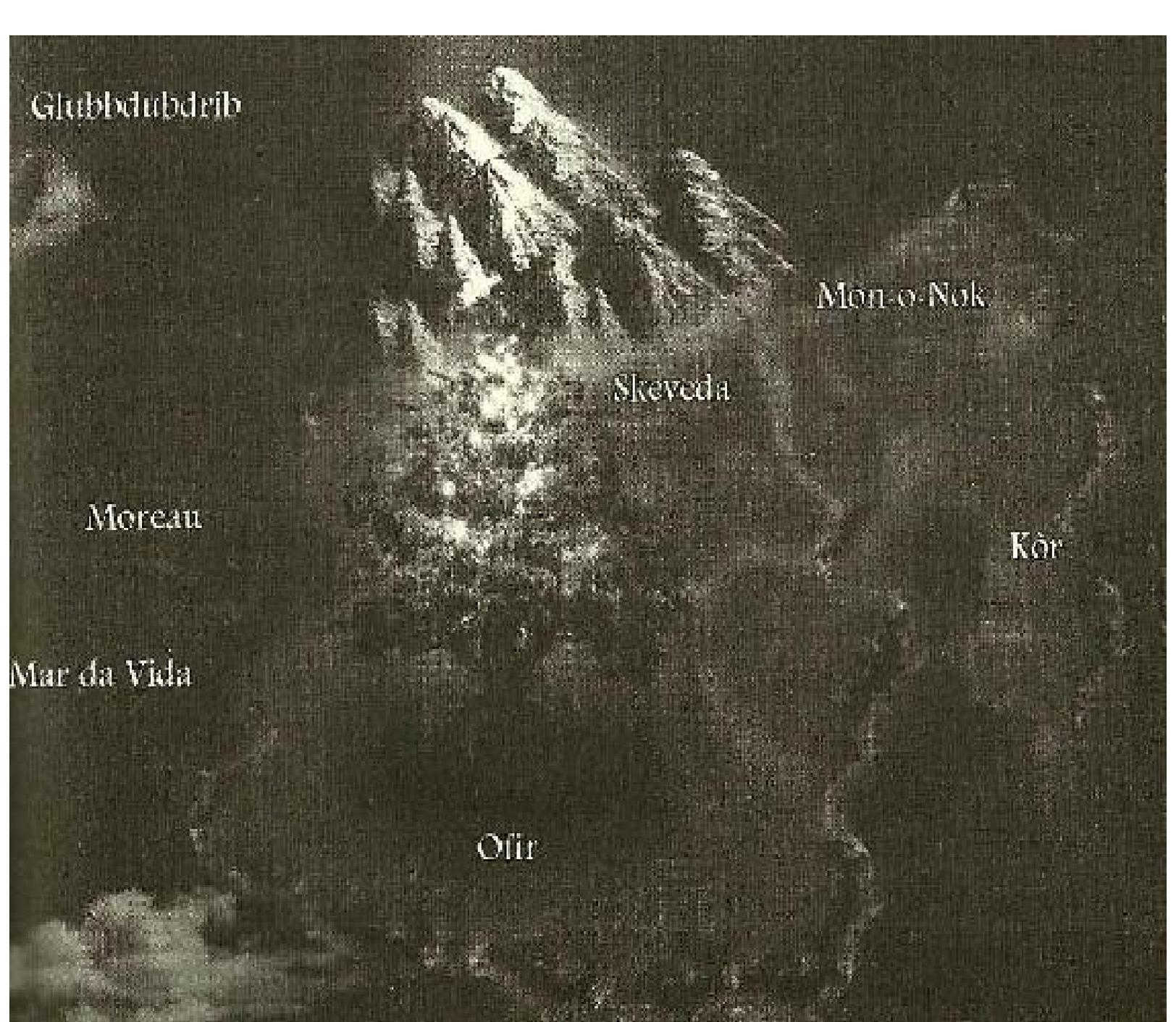
Skeveda

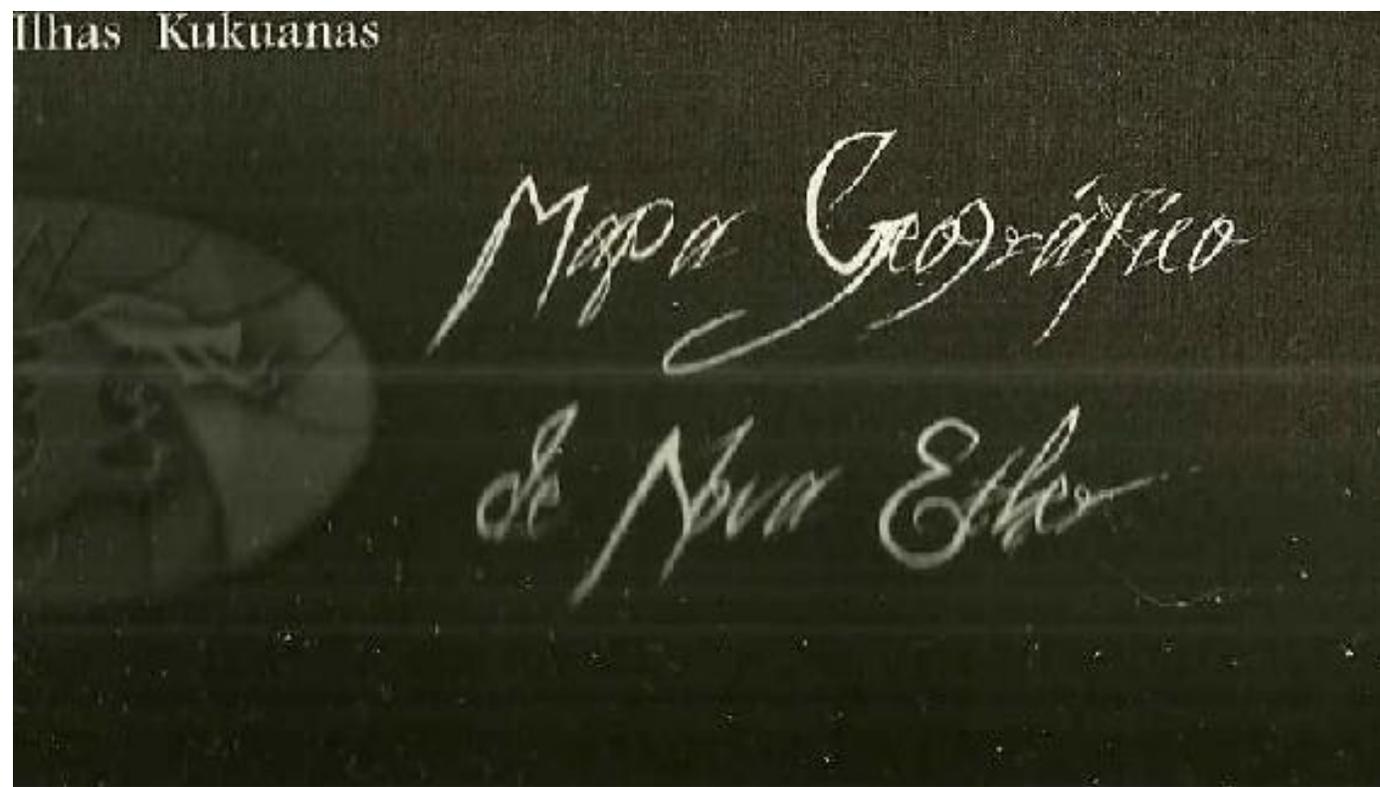
Moreau

Kör

Mar da Vida

Ofir





Mapa Geográfico  
de Nova Ether

## PRÓLOGO

00

*Eu pensei que fosse um imenso pé de feijão...*, diria o garoto muito, muito tempo depois daquele terrível acontecimento.

Em Nova Ether, existem três grandes árvores que representam

a essência mágica vital daquele mundo. São árvores

gigantescas que fazem a alma humana se sentir pequena e

limitar sua visão de vida até o limite dessa pequenez. São

troncos mais grossos que dezenas de pessoas de mãos dadas.

São raízes mais profundas que tentáculos de polvos ancestrais.

E tudo dotado de um significado capaz de iluminar o homem

santo ou entreter por uma vida inteira o homem comum.

Na Árvore da Sabedoria foi onde nasceu o conhecimento do

mundo, e de onde provinha a evolução desse pensamento. Na

Árvore da Vida foi onde nasceu o éter que gerava o

movimento dos seres, e para onde retornava esse éter após o fecho de ciclos. Mas, de todas elas, visualmente, a mais impressionante ainda era a *terceira*. Uma árvore capaz de nascer no fundo do mar, e terminar nas nuvens do céu. A Árvore Do Criador. A Árvore Que Não Se Escala.

A Árvore Do Mundo.

Imagine uma árvore com centenas de quilômetros, cujo final toque no éter. Uma árvore que tenha raízes em Atlântidas, o tronco em Nova Ether e a copa na Terra dos Gigantes. Imagine uma árvore que nasça no oceano e faça sombra para ogros.

Uma árvore protegida por quatro serpentes gigantes, que impediriam qualquer ser vivo de tentar escalá-la ou até mesmo de *desejar tentar*.

Isso começa a gerar a dúvida de que, se por séculos foi assim, por que elas permitiram que um menino de cinco anos a escalasse?

O pequeno Jack havia ido até lá atiçado pela extrema curiosidade, a mesma de milhares de turistas que vão até o Lago do Sol, o maior lago do mundo, a oeste de Sherwood, abaixo do Reino dos Gigantes, para observar de longe aquele imenso tronco que nascia no lago e subia além de nuvens.

Naquele lago, havia quatro serpentes: Graback, Grafvolluth, Goin e Moin.

Todas comandadas pela mais poderosa: Níohōggr. Uma serpente assustadora, que vivia desde o início dos tempos.

Uma serpente evoluída, a ponto de ser considerada um dragão.

Mas nunca um dragão qualquer.

Um dragão de sonhos. Um dragão de essência.

*Um Dragão de éter.*

O pequeno Jack, o mesmo de cinco anos, sempre que podia caminhava até o limite que circundava o imenso lago e observava a Árvore do Mundo. As pessoas costumavam fazer pedidos e jogar moedas de princês na água. A maioria pedia por riqueza ou prosperidade.

Jack Spriggins pedia pela mãe.

Isso até o dia em que fez além disso, e o mais curioso é que nem ele sabia bem o porquê. Ele só sabia que havia ido até lá no amanhecer da madrugada, enquanto os pais do casebre rústico ainda dormiam, e mesmo o sol ainda estava sonolento, com preguiça de amanhecer. Uma música lenta corria pelos ouvidos, e uma voz bonita e hipnótica como as de sereias lhe chamava para aquele lugar.

Quando ele chegou ao local, havia uma jangada improvisada, um pequeno tronco de madeira, que brilhava para ele ainda na escuridão que precedia a aurora. O menino Jack subiu no grande toco, tendo apenas o coaxar de sapos e o cheiro de relva ao redor como testemunhas. A jangada se moveu na direção da árvore, sem que ele precisasse fazer esforço ou se preocupasse com o feito.

E o primeiro homem do vilarejo acordou.

Ao fundo, tarde demais para o impedimento, um pai desesperado correu e viu seu menino flutuando na direção da árvore. E das serpentes.

O choro em desespero do adulto acordou o vilarejo inteiro, mas ninguém, nem o mais rápido, seria capaz de alcançar o menino. Ninguém seria capaz de duelar com quatro serpentes místicas e com um Dragão de éter ancestral. E ninguém nem mesmo o desejaria, por nada nem ninguém desse mundo.

O vilarejo rendido, então, apenas verteu lágrimas com o pai em desespero, um rústico artesão de vida difícil o suficiente. A egrégora de todo aquele choro não aliviou em nenhum momento nenhuma dor.

Mas testemunhou o milagre.

Pois, quando se esperava que alguma bocarra de serpente se levantasse do lago e engolisse o menino como faria um grande peixe diante de uma pequena isca, o que se viu foram quatro serpentes erguerem-se ao redor da Árvore do Mundo, como se permitindo um momento do tipo que escritores têm prazer de contar.

O menino desceu da jangada e percebeu que o tronco possuía diversas falhas e galhos enroscados que facilitavam a subida. Quando ele iniciou a escalada em direção à voz que chamava seu nome, o tronco de árvore que o havia levado até ali se afastou, e a luz do sol, que já havia acordado para testemunhar aquele momento, revelou um rabo de dragão no lugar da

jangada.

Jack Spriggins continuou a escalada e, a cada galho vencido, ele tinha certeza de que aquela voz era de sua mãe.

Mesmo que nunca a tivesse conhecido, aquela voz *tinha* de ser a dela.

Níohöggr soltou um grito e afundou de volta em seu Reino atlântico, levando suas quatro serpentes com ela. O desígnio estava concluído. O menino havia iniciado a escalada, e o destino de Nova Ether estava, como no princípio, enroscado na Árvore do Mundo. Aquele simples ato encadearia uma série de reações de eventos tão impressionantes, que a humanidade e todas as raças que viviam ao redor tornar-se-iam diferentes pelo resto da existência.

Um menino de cinco anos.

Uma maldita árvore que ligava o céu e a terra. Apenas isso.

Apenas isso fora suficiente para iniciar a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

# ATO I

## CÍRCULOS DE TERRA

01

Prestes a entrar no salão, a mão dela estava fria, mas não o coração. O Salão Real estava iluminado por candelabros, que arrastavam luzes trêmulas lambendo o ambiente eufórico.

Bandejas, taças, talheres de prata, nobres homens exibindo sorrisos de poucos dentes, belas mulheres com maquiagens em excesso exibindo vestidos de tecidos caros, militares de uniformes impecáveis, de medalhas polidas e de botas lustradas se exibindo simplesmente. Aquele era mais um evento, mais uma consagração no Salão Real do Grande Paço, local onde muito havia sido feito e dado ao mundo.

E, cada vez mais, muito pouco havia retornado a ele.

Dessa vez, havia um tapete vermelho que levava a três tronos, como na cerimônia em que Anísio Branford fora consagrado Rei. A diferença estava apenas na distribuição. Porque dessa vez dois tronos estavam um ao lado do outro, à frente. E, ao fundo, o trono onde deveria estar sentado o então primeiro príncipe de Arzallum, Áxel Terra Branford, estava vazio.

Corneteiros reais ecoaram os acordes. E escutou-se a voz que anunciava:

- Sua Majestade, Rei Anísio Terra Branford!

E Rei Anísio entrou. Vestia a capa e a armadura com o

símbolo de Arzallum no peito. Trazia nas mãos o bastão de ouro maciço. Trazia na cabeça a coroa de ouro e diamante em forma de estrelas cruzadas de cinco pontas. E trazia também todo o silêncio que acompanha os passos de um Rei na direção de mais uma etapa da história do mundo.

As pessoas, com exceção das que também eram Reis ou Rainhas, ajoelharam-se enquanto ele passava com uma expressão indefinida entre a preocupação e a alegria que acompanha uma satisfação. Sem definir se estava diante de uma dádiva dada ao homem que é escolhido dentre milhões para liderá-los, ou do fardo que acompanha a mesma escolha diante da mesma liderança.

Do lado de fora, chovia copiosamente.

Do lado de dentro, ao menos do peito de cada uma daquelas pessoas, tudo parecia queimar como papel arremessado em uma fogueira. O fato era que o mundo estava diferente. O filho do Maior dos Reis havia assumido aquele trono há pouco tempo, porque o pai fora assassinado em um ritual de magia negra. Caçadores de Bruxas retornavam com poder militar e apoio popular. Gnomos e homens de olhos puxados chegavam dos céus em navios que deveriam estar acima do mar, trazendo uma magia que prometia uma evolução que assustava e fascinava o ignorante. E o príncipe daquele Reino, o campeão do mundo, não estava ali.

Ao menos, daquela cerimônia, havia restado algo de profundo,

que aliviava um pouco os peitos em brasa. Ao menos o segundo acorde daquelas trombetas trazia ao salão um rosto que todo súdito ama ver.

Porque todo homem que já viu uma princesa como Branca Coração-de-Neve caminhar, prestes a receber a coroa de um Reino, agradece pela existência.

- Sua Majestade, Rainha Branca Coração-de-Neve!

Foi assim. Foi assim que, naquele dia, apesar de chover copiosamente do lado de fora, de alguma forma, da maneira que apenas os poetas entendem, parecia que também chovia no peito de homens vivos.

**02**

Áxel Branford desceu do corcel acompanhado de alguns soldados e caminhou pesado diante da chuva. Os pés pisavam na lama e pareciam formar círculos nas pegadas deixadas para trás. Havia lágrimas, que ele limpava insistentemente. Vestia uma blusa grossa com capuz, lembrando vestes de pugilistas, mas dessa vez sentia o mundo pesando nas costas. E pesando muito.

Pesando a ponto de cravar-lhe no chão, feito uma árvore, e não se sentir mais vivo.

-Alteza...

A voz do soldado despertou o príncipe. Ele observava o cenário de batalha. Era circular, como uma arena de pedras.

Diversos pontos estavam destruídos por choques poderosos o

suficiente para arrancar a cabeça de um homem, mas apenas necessário para o resultado final daquilo.

E havia sangue.

Ele podia ver a marca, que permanecia manchando determinados pontos ainda que a chuva tentasse limpá-los.

Eram como medalhas de guerra penduradas em paredes decalcadas; como insígnias emolduradas para os filhos de condecorados mortos; como um registro de tintas de um pintor competente exposto à chuva, e com imagens borradas demais.

Áxel Branford tentava construir uma imagem mental do que teria acontecido naquele círculo de pedra e, por mais que a imaginação pensasse em coisas ruins, ele ainda não acreditava que era fiel o suficiente tal como deveria ter realmente acontecido.

- Alteza...

Áxel seguiu a voz do soldado, feito um zumbi sem vontade própria, ou uma marionete ligada a cordas. Outros soldados abriam caminho, enquanto seu príncipe passava. Todos estavam de cabeça baixa. Todos.

Áxel Branford chegou ao canto direito daquele círculo de pedras, onde havia um imenso corpo coberto por um lençol.

Um soldado o esperava de cócoras, prestes a retirar o tecido grosso e preto. Ele também mantinha a cabeça baixa. O agora primeiro príncipe de Arzallum parou diante dele e disse: -

Soldado...

O lençol foi retirado. E Áxel Branford viu.

### 03

Brança Coração-de-Neve entrou. Caminhou como Rainha e postou-se diante de seu trono. Ajoelhou-se e fez uma reverência a Anísio Branford. O Rei de Arzallum lhe devolveu a reverência. Segurava nas mãos o bastão de ouro real e, com as duas mãos em oferecimento, curvou-se um pouco, ofertando-o a Branca.

A Rainha o aceitou.

Depois se colocou de frente aos nobres presentes e chorou quando viu o pai e Rei, Alonso Coração-de-Neve, caminhar em sua direção, com uma coroa de ouro e diamante em forma de estrelas de cinco pontas quase idêntica, apenas um pouco menor que a de Anísio Branford, nas mãos.

Rei Alonso Coração-de-Neve também chorava.

A Rainha inclinou a cabeça em humildade para aceitar a coroa que a consagrava. Os três, dois Reis e uma Rainha, fizeram mais uma reverência, e a Rainha de Arzallum se sentou no trono ao lado de seu Rei. Nobres novamente se ajoelharam.

Rei Alonso derramou mais uma lágrima.

E a Rainha Branca Coração-de-Neve limpou a garganta, prestes a falar.

### 04

O soldado cobriu novamente o corpo morto que havia sido exposto. Áxel Branford apertava um dos punhos, estressando o

próprio corpo e sentindo a cabeça ferver como se fosse implodir. O peso do mundo aumentou nas costas. Os dentes se espremeram a ponto de ranger.

Nenhum soldado levantou a cabeça.

E, em silêncio, todos eles fizeram uma oração ao Criador pela alma de um dos seus.

Moonwakrston, o troll Muralha, estava morto.

**05**

- Do lado de fora, chove - iniciou a Rainha Coração-de-Neve.

- Eu olho a chuva tocando nos vitrais deste Paço, e não posso parar de pensar em como ela me lembra lágrimas. Porque, neste local, muitas delas foram derramadas, seja por parte de minha família, seja pela de meu amado. Duas famílias, que a partir do dia de hoje se tornam uma, assim como suas lágrimas e seus sorrisos. Não existem duas vidas iguais, mas existem sentimentos que co-habitam corações diferentes. E hoje, consagrada Rainha da maior nação do mundo, meu único desejo é que um mesmo sentimento habite nossos diferentes corações. Que esse sentimento seja de justiça, de amor, de esperança, de solidariedade. Não importa. Meu único desejo como Rainha é que um dia um mesmo sentimento habite diferentes corações. Hoje, os Reinos de Arzallum e Stallia se unem em uma bandeira que não sabemos se será manchada de sangue, mas que nos fará estar em arenas quando for preciso, e estar na sala dos enfermos quando for inevitável. Estaremos

em campos de batalhas em tempo de guerra, e estaremos em anfiteatros em tempo de paz. Mas a guerra interna, não importa em que tempo estejamos, nunca termina. Merlim Ambrosius, o Christo de Avalon, nos mandou orar e vigiar a cada segundo, nos mandou amar os inimigos, e nos ensinou que a magia de um caldeirão é menos perigosa que a força de um pensamento. Então, eu lhes pergunto: que tipo de pensamentos teremos em Arzallum? Que tipo de sentimentos teremos unificados em nossos corações? Ajudem seu Rei e sua Rainha a descobrir. Por isso, quando possível, esqueçam um pouco, e façam como semi-deuses: sonhem. Sonhem hoje, sonhem sempre. Sonhem conosco...

Nobres se levantaram e aplaudiram com vigor sua nova Rainha. E unificaram por um breve momento o mesmo sentimento dentro de cada coração. Um sentimento que dizia muito.

*Sonhem conosco.*

Sempre.

**06**

João Hanson acordou com um balde de água fria no rosto. Levantou-se assustado, procurando compreender em ordem lógica o que naquele momento ainda lhe era subjetivo. Estava dormindo em uma cama dura, improvisada com palha e cobertores no chão de um estaleiro onde dormiam cavalos. O cheiro do local era enjoativo, exalando excremento animal e

urina por todo canto. O tipo de cheiro que não sai, ainda que um local seja lavado, e ao qual após um longo tempo exposto o homem até se acostuma, mas sem saber se é porque o olfato resolveu ignorar a informação sensorial ou se o odor se entranhou tanto ao longo da exposição, que é difícil separá-lo de si mesmo após se distanciar dele.

- Quantas malditas horas você precisa para dormir, Hanson? - perguntou um homem de pé diante dele.

Eram cinco horas da manhã.

João provavelmente havia ido dormir lá pela meia-noite.

Havia sido assim ao longo daquela semana inteira. João havia chegado sorridente ao novo posto de escudeiro de cavaleiro.

Trazia um sorriso no rosto, satisfação nas costas e um orgulho estufado no peito. Uma mochila com poucos pertences e um cobertor pessoal.

Cumprimentou Rinaldo Grimaldi, cavaleiro da Guarda Real e seu novo senhor, e perguntou onde deveria guardar suas coisas. Rinaldo disse-lhe que *em seu quarto*. João já estava entrando sorridente na casa, quando o cavaleiro gritou com ele. Ele virou-se assustado, sentindo-se como um criminoso pego em flagrante por um crime que não tinha psicológico suficiente para compreender ter cometido.

*"Se eu o vir entrando pela porta da frente de novo nesta casa, enfio-lhe um golpe na nuca, compreende?"*

João pensou em dizer alguma coisa. Mas apenas aquiesceu.

"Escudeiro entra pela porta dos fundos da casa de um cavaleiro. Lugar de escudeiro é junto de bicho, e de toda a ralé a que ele pertence. Você compreende?"

João compreendeu. E segurando o cobertor entre os braços, em profundo silêncio, caminhou para o celeiro sujo, vazio e inebriante.

Nos três dias daquela semana, havia sido acordado com baldes de água fria. Primeiro, às oito da manhã. Depois, às sete.

Depois, às seis.

Naquele dia, ele não sabia mais, mas eram cinco horas.

Mais uma vez, estava molhado e com frio. Sentindo os ossos racharem, feito galhos em crescimento que acumulam neve sobre si. Galhos que rangem com o peso que carregam.

Mas não quebram.

*Quantas malditas horas você precisa para dormir, Hanson?*

O homem continuou ali olhando para ele, esperando uma resposta atravessada. *Desejando* uma resposta do tipo. Mas

João apenas fechou a expressão, ergueu-se e disse:

-Poucas, senhor...

O homem à frente dele não era *apenas* um cavaleiro. Rinaldo Grimaldi era o cavaleiro que, conhecido por Lorde Ivanhoé, um dos *originais* da histórica e sangrenta *Caçada de Bruxas*, convocou-o pessoalmente para aquela função. Um cavaleiro que testemunhou o desafio de João Hanson convocando um homem que desafiou a honra de *sua noiva prometida* para um

Tribunal de Arthur; uma arena dominada por magias antigas onde ele matou pela primeira vez. De vez em quando, João tinha pesadelos quando se lembrava do acontecido. Pesadelos por se lembrar da sensação de tirar uma vida. Pesadelos por ter *gostado* da sensação. Por não sentir remorsos.

E por se sentir pecaminoso com a culpa de não se sentir culpado.

-Está com frio? - perguntou o cavaleiro Rinaldo Grimaldi. Era a primeira vez em quatro dias que ele perguntava aquilo.

-Um pouco, senhor.

Rinaldo ESTALOU um tapa na nuca de João.

-O frio é psicológico - expressão difícil e pouco utilizada a empregada pelo cavaleiro: "psicológico". - Repita.

- *O frio é psicológico... senhor.*

Rinaldo balançou a cabeça duas vezes, virou-se de costas e saiu, resmungando:

-Em dois minutos, lá fora. Com a espada.

E saiu antes mesmo que João Hanson pudesse dizer: "Sim, senhor". Na nuca, a marca vermelha da região estapeada. O jovem olhou para a espada de madeira encostada no canto.

Uma espada de madeira de treinamento, como a que utilizara no treinamento de escudeiro. Como a que aposentara um guarda-costas e espadachim experiente, *antes* de matar seu protegido algumas horas depois.

A culpa da falta de culpa voltou a corroer o jovem Hanson.

O cheiro daquele lugar pareceu não diminuir.

07

Maria Hanson havia terminado de dar sua aula na Escola Real do Saber e juntou seu material, observada por um visitante que havia assistido a sua aula e não se retirara. Estava magra, esquelética, fraca. Nem de longe lembrava aquela professora outrora alegre e simpática de tempos atrás. Isso havia acontecido desde... desde... bom, desde que havia levado um fora do namorado e sido trocada pelo homem da sua vida por alguma prometida nobre que o teria em seus braços em pouco tempo, e nas divagações de Maria Hanson já desde sempre. Sabe, somente uma garota que já levou um *grande* fora do namorado no momento em que se considerava dentro de um conto de fadas, e de um conto de fadas dos *bons*, sabe como é a sensação de ter o mundo ruído aos pés quando ele se interrompe bruscamente, quando a sensação de vida desaparece, quando o estímulo se esvai e a alegria desiste de acompanhá-la, quando a realidade parece inconcebível com o antigo sonho contado. Imagino que a vontade seja a de enforcar o narrador do conto. Com Maria Hanson não foi diferente. Comia pouco, quando comia. Falava pouco, quando falava. E chorava muito. Muito. Chorava quando estava sozinha, e quando se recolhia em algum canto à simples menção do nome dele. E como se dizia o nome dele!

Somente após ele não estar mais na vida dela é que percebeu o quanto o nome de Áxel Branford era dito *o tempo inteiro* naquela cidade. Junte a isso a morte inesperada do pai e você poderá entender o que se tornou a vida para aquela boa garota, hoje, com dezessete anos.

- Como pode um conto de fadas terminar mal, professor? - ela perguntou ao tal visitante que ainda se encontrava na sala. O senhor era Sabino von Fígaro, antigo professor daquele local, o responsável pela indicação de Maria como professora e João como aprendiz de cavaleiro, hoje um dos sete Conselheiros Reais, e dizem até que em cargos mais altos que este.

-Nenhum conto de fadas termina mal, senhorita Hanson. Se atualmente não está bem, é porque ainda não chegou ao fim.

-Não, o meu conto de fadas terminou.

-Preferiria, pois, não ter amado?

Maria, que mais parecia estar falando sozinha, observou melhor o professor, retornando a mente àquela sala.

-Como?

-Afinal, na vida, é preferível amar e perder ou nunca ter amado? - insistiu o velho professor.

-É preferível não sofrer a dor da perda.

-E como se pode amar separado da dor? E como se pode, distanciado da perda, valorizar algo?

-Não tomando conhecimento da injustiça do amor platônico.

-Maria... Maria... - repare a troca do "senhorita Hanson" pelo

primeiro nome. - Como toda jovem, você tem uma vida pela frente e muito a ser aprendido...

Maria apenas o observou, trazendo no olhar a espera por uma conclusão mais objetiva que *respeitasse* a sua dor.

-Ninguém pode ser considerado totalmente infeliz quando ama. Até o amor platônico tem sua beleza.

-Talvez para quem o observe, mas não para quem o sinta.

-Sabe o que lhe traz a dor? Não é a falta, é a presença constante dele no seu pensamento.

-Não posso iludir a ausência da pessoa pensada.

-Talvez...

-Nem posso controlar a escolha dos meus pensamentos.

-Talvez não. Mas pode decidir não se entregar aos sentimentos destrutivos que eles provocam.

Maria suspirou. O irmão, naquele momento, estava ralando que nem um condenado para sustentar a casa e havia matado um homem pela honra da família. Quando pensava nisso, Maria se sentia mal pelos momentos depressivos provocados por aqueles sentimentos inúteis para sua vida atual, e que pareciam pequenos perto dos atuais sacrifícios do irmão.

Um irmão que havia encontrado o amor da sua vida e provavelmente se casaria com ele em pouco tempo, porque nenhum dos dois pertencia a realidades sociais diferentes.

-Como poderia não me entregar a eles, professor?

-Começando pela distração que relembra à mente que o

mundo ainda existe.

-Não posso fugir de mim mesma...

-Nem deve. A senhorita deve se levar para sair, e mostrar a si que a vida continua.

Maria Hanson riu.

-Professor, o senhor às vezes parece um sábio.

-É um outro nome para velho.

-O senhor não é velho, o senhor é... *experiente*.

- *Também* é outro nome para velho.

Maria voltou a sorrir. Sabino adorou que a garota voltasse a lembrar como era tal expressão.

-A senhorita viu a peça que estreará no dia de hoje no Majestade? - perguntou o professor.

- *O Quebra-Nozes?*

-Sim, é uma história de amor proibido.

-Não sei se deveria vê-la então.

-Bom, recebi convites, e irei com uma... *amiga* assistir à peça.

Oh, meu Criador, pensou Maria, até mesmo o professor

Sabino von Fígaro, com toda *sabedoria e experiência*, tinha relacionamentos amorosos melhores que ela.

-Fico feliz por você, professor...

-E se não se incomodar, gostaria que viesse conosco.

Maria se surpreendeu. E muito. Não conseguia mesmo compreender se havia sentido no que havia escutado.

-Nossa, professor, eu... nem sei o que dizer...

-Convide mais alguém. Chame seu irmão.

-Não, ele não pode. Só tem liberado para descanso o quinto dia. Mas eu poderia chamar Ariane...

-O prazer será meu. Quero apenas que tenha consciência de que é preciso seguir em frente, senhorita Hanson - e Sabino fez uma pausa, prestes a sair da sala. - A dor é inevitável. O sofrimento é opcional.

E o velho senhor se foi. Maria ficou observando a porta, absorta. Em seus pensamentos, apenas uma única dúvida. *A dor é inevitável. O sofrimento é opcional.* Será mesmo que, algum dia, algum poeta saberá realmente o que diz?

**08**

- Você sabe por que matou o conde, não sabe?

João Hanson estava com a espada de madeira e em posição de guarda, diante de Rinaldo Grimaldi, que também portava uma grossa espada de madeira para treinamento. As roupas continuavam molhadas, e o frio da madrugada continuava rangendo os ossos.

Ele não respondeu ao cavaleiro.

-Nunca deixe de responder a seu senhor, Hanson.

-Porque tive sorte, senhor.

A espada na mão do adolescente tremia. Estava com quinze anos, prestes a completar dezesseis em dois meses. Ainda assim, não era mais uma criança, nem se considerava mais um adolescente. Possuía um *cordão de compromisso* com um

pedaço do tronco de uma árvore com nomes gravados com um canivete cego e que o colocava na condição de noivo de sua antiga paixão infantil, viu o pai morrer orgulhoso de si e era o único homem de uma casa que precisava dele.

O fato era que João Hanson poderia ter a idade e a aparência de um adolescente. Mas, dentro de si, ele já era um homem.

-Isso *também* - disse o cavaleiro. - Mas você acha que teve algum mérito na batalha em si? Acredita que suas habilidades em combate merecem algum elogio diante do feito?

João se manteve em silêncio. E, antes que fosse repreendido, disse:

-Não sei se sou apto a julgar, senhor.

Rinaldo avançou a espada violentamente sobre ele.

As armas em velocidade se CHOCARAM uma, duas, três, quatro, cinco e... BAM!

João sentiu uma tontura momentânea provocada por um estalo na lateral da testa. Mal vira o que lhe atingira, mas escutara o ESTRONDO dentro do crânio. Teve dificuldade para focar novamente, colocou a mão sobre o lugar e tentou observá-la melhor, lutando contra a tontura.

Quando o foco voltou ao normal, viu que havia algo diferente na palma da mão.

Havia sangue.

-Sabe por que você matou o conde, Hanson? - perguntou

Rinaldo, com uma voz tão fria quanto aquela manhã molhada.

- Porque ele era velho, acabado, lento e corroído por um orgulho que o impedia de ver isso. Sabe qual a sensação de um velho como aquele ao entrar em uma arena de combate mortal e segurar uma espada afiada depois de tanto tempo? A mesma que você está sentindo agora, com ossos rangendo pelo frio em combate, como se fosse um maldito velho moribundo - o cavaleiro cuspiu no chão molhado. João continuou sentindo-se sujo. - Sabe qual a sensação dele ao ser perfurado? A mesma que a sua ao ver seu sangue por um golpe que você nem mesmo viu! E sabe qual a diferença entre vocês dois, apesar de estarem em extremos quanto à idade e forma física? A espada usada lá era *afiada*. Esta é de madeira.

- Uma pausa. - Se eu tivesse utilizado mais força no golpe aplicado, porém, eu poderia ter rachado seu crânio da mesma forma. - Outra pausa. João sabia que aquilo era verdade. - E a cada dia, eu vou aumentar a intensidade dessa força. Até chegar o dia em que, se você não defender o golpe, eu vou rachar a sua cabeça, enterrá-lo em uma cova qualquer, sem honra e com apenas sua noiva, irmã e mãe chorando por você.

Você compreende?

João queria responder. Mas, como a voz não saía, ele aquiesceu.

-Então *pede*.

Aquilo era duro. Na escola de aprendizes, os mais experientes costumavam dizer que aquela era a pior parte da vida de

escudeiro. Os momentos em que os senhores, após fazerem da vida de seus aprendizes um soturno círculo de Aramis, ordenavam que eles *pedissem a desistência*. Porque o instinto e a natureza humana, por mais que soubessem o que eles estavam fazendo e o que estava em jogo, sempre imploravam pela rendição. Uma rendição que a cada dia ficava mais difícil de ser negada. E que, se chegasse ao extremo, e ainda assim fosse negada, então tornava o instinto do guerreiro indomável, e o fazia pronto para morrer, mas jamais se entregar.

-Não, senhor.

A espada de Rinaldo foi jogada ao chão, enquanto ele limpava as mãos.

-Você é mais burro do que pensei. Logo, se é estúpido, faça então o trabalho que qualquer estúpido pode fazer. Limpe a sujeira espalhada pelo estábulo, dê ração aos animais e depois dê banho no cavalo. Ele já está cheirando pior que você...

E Rinaldo se foi. Sozinho, sentindo-se humilhado, com uma espada de madeira em uma das mãos e sangue seu na outra, com frio, João Hanson se lembrou do pai e sentiu saudades de casa. Lágrimas começaram a se formar, e ele fez uma expressão dura para impedir que elas nascessem. Uma delas se formou mesmo assim e desceu pelo rosto sério.

E o mais curioso era que, ainda assim, mesmo após ela percorrer a face feito o afluente de um rio, o jovem Hanson ainda se sentia sujo.

Ariane Narin havia escrito algo em seu Livro Negro. Não achava que estava bom; nunca achava, na verdade. A letra estava horrível; o conteúdo, então, nem se fala. Mas continuava a escrever dia após dia ainda assim.

Na realidade, ultimamente o que mais andava escrevendo nele eram seus *sonhos lúcidos*. Ao menos uma vez por semana sonhava em locais de éter *estranhos* e, ao mesmo tempo, fascinantes, e sabia que sonhava ou que *se projetava* até lá. Naquele momento, diante da mãe e de Madame Viotti, ela voltava a contar sobre o último:

-Como foi dessa vez, querida? - perguntou Madame Viotti, com a voz mansa e ponderada.

-Hum, você nem imagina...

-Então me ajude a imaginar.

-Tá, beleza! Olha só: o lugar era meio deserto, sabe? Pelo menos, onde eu estava...

-"Deserto" somente do tipo vazio, ou do tipo árido?

-Dos dois.

-Certo. E o que mais?

-E, aí, eu estava andando sozinha. Até que um vento começou a soprar e a levantar poeira! E veio um barulho muito alto!

-E o que era? - perguntou, ansiosa, Anna Narin.

-Eu não vi direito. Entrou poeira nos meus olhos! Quer dizer, pô, eu não sei se em sonho entra poeira nos olhos da gente,

mas eu fechei os olhos pelo menos! - e aqui Ariane fez uma cara de nojo para dizer. - E eu também não sei se a gente fecha os olhos dentro de um sonho, já que já estamos de olhos fechados, mas...

-Esqueça isso, querida - disse Madame Viotti. - Concentre-se nas lembranças que anotou no Livro Negro...

-Tá bom! O fato é que surgiram de repente uns *navios voadores* iguais àquele dos gnomos do oriente daqui, sabe? E de lá saiu um monte de... de... *bestas*, sabe?

-Descreva melhor - insistiu a Madame.

-Eram uns *bichos*... mas que andavam em duas pernas, feito humanos...

-Humanóides.

-Que seja! O principal era verde, gosmento, com um rabo gordo e uma boca de sapo, ai, o Criador que me livre! E pior que ele não era nem o mais feio! Porque tinha um com cara de urubu! Como pode alguém ter cara de urubu? Ele tinha asas, e penas, e olhos grandes horrorosos! E nem vou falar da besta-macaco!

-E atacaram você?

-Sim. Não. Quer dizer...

-Atacaram ou não?

- *Eles tentaram.*

-Mas...

-Mas *eles* chegaram.

Viotti e Anna se olharam. A mãe de Ariane perguntou:

-Quem eram eles?

-Eles também eram humanóides. Mas tipo... esses sim eram irados! Eles eram meio... tigres ou meio gatos, sabe? E, caraca, vocês tinham de ver! Eles eram capazes de coisas incríveis! Tinha um bonitão, que liderava o grupo e cortava todo mundo com uma espada toda estilosa! Ele vestia uma sunga que eu não entendia pra que, afinal, você já viu um gato ou um leão usando sunga? Ou *precisando* de uma? Mas ele usava; tinha até cinto! E tinha uma luva com garra que o Áxel iria ficar babando pra ter uma igual! Mas o melhor era a mulher! Ela corria com um bastão e dava porrada em todo mundo, na maior! E ela ainda corria pra caramba!

-E como você saiu dali?

-A mulher passou correndo e me segurou! E eu vi como era a sensação de correr daquele jeito quando ela me levou com ela!

Caraca, ela era muito *quente*!

Anna Narin e Madame Viotti ficaram se olhando, tentando compreender a expressão. O fato era que aquela era a nova expressão que andava na boca dos adolescentes de Andreamne.

Se algo era bom e intenso, era *por inteiro*. Mas, se algo era estiloso ou digno de nota, então era *quente*. Ariane, mal percebendo que as duas mais velhas tinham dificuldades com determinadas expressões, continuou falando da tal mulher-felina:

-Se eu fosse *humanitária*... ou... como é que é o termo mesmo?

-"Humanóide".

-Isso, se eu fosse isso aí, eu iria querer ser que nem ela! E, olha, caiu um botão aqui, mas... eu acho que o gato bonito estava caidinho por ela! Na verdade, vou mandar a real: eu acho que *todos* eles estavam caidinhos por ela!

-Então havia mais? - perguntou Viotti.

-Sim, havia! Tinha um que desaparecia, feito fantasma! E ele não usava cinto, mas usava um macacão no corpo todo, é mole? Se já é esquisito gato que usa sunga e cinto, imagina macacão? Tinha outro, forte pra dedéu, que saía de dentro de um outro gato gigante e metálico! E com rodas, feito rodas de carruagem, mas muito mais grossas! E tinha dois irmãos um pouco mais baixos do que eu, que lembravam a relação da Maria e do João! Assim, eles pareciam bem unidos, sabe? Até que, daquelas bestas, surgiu a pior delas! Disparado era o mais sinistro!

-Como ele era?

-Feito... *a bruxa*, sabe?

-Qual?

-A da Casa de Doces. A que tentou devorar o...

-Parecia com Babau? - perguntou a senhora Narin, de bate-pronto.

-Parecia, mas não com ela no início. Parecia com ela *no fim*,

sabe?

-Como assim?

-Parecia com o visual da bruxa *depois* de ser fritada, sabe?

Houve um silêncio pouco agradável. Madame Viotti

continuou:

-Então ele tinha ataduras para esconder queimaduras?

-Eu acho que ele não tinha queimaduras. Mas tinha as ataduras. Era magro, esquelético mesmo, sabe? Mas o pior daquela coisa horrorosa era a voz. Era uma voz rouca, que mais parecia um condenado de Aramis! Ai, se lembrar daquela voz, nem durmo hoje! E pior que ele começou a gritar uma parada estranha! E, de repente, ele começou a crescer, e a ficar mais forte, e a perder as ataduras! Do nada! Do nada! E, de repente, aquele ser mirradinho ficou todo forte e assustador! E com uns dentes de vampiro e uma cara de bruxo!

-E então? - perguntou Anna Narin, nervosa.

-Aí o gato-chefe foi lá e enfiou porrada nele, feito um Cavaleiro de Helsing! E todo mundo fugiu! Um gato gordo, mas esse era gato mesmo, com uma voz meio efeminada (nada contra, sabe, estou só comentando...), disse alguma coisa idiota, e o gato bonitão respondeu outra, e todo mundo riu. -

Uma pausa. - *Aí eu voltei.*

Houve mais uma vez silêncio. E Anna Narin disse:

- Mas que mundo de éter estranho...

- Talvez, talvez até do ponto de vista humanóide... - concluiu Madame Viotti. - Mas, talvez do ponto de vista tecnológico, ele esteja mais próximo dos planos da Criadora para o que Nova Ether está para se tornar hoje, do que qualquer uma de nós poderia inicialmente imaginar...

## 10

- Quando você pretende partir? - perguntou o Rei.

- Antes que o meio do dia nasça, estarei na estrada - respondeu o irmão.

Áxel estava com um blusão com capuz novo, pois o anterior estava encharcado. Os cabelos, porém, ainda estavam molhados.

-De minha parte, sabe que não pretendo impedi-lo - disse Rei Anísio.

-E, da minha, que eu nem mesmo desejaria isso.

-A questão, Áxel, é que, se você vai fazer isso, apenas gostaria que o fizesse pelos motivos corretos.

Áxel mantinha uma expressão fechada, tão séria que chegava a ser traumática.

-Ele está *morto* - disse com voz sombria. - Isso não seria motivo suficiente?

-Se assim o fosse, Stallia estaria em guerra com Arzallum, em vez de sua princesa se tornando Rainha.

-A princesa de Stallia amava o inimigo.

-Ou talvez tenha enxergado que o inimigo não era real. Que

havia algo mais por detrás de destinos tristes. E que

determinadas mortes às vezes são atos de sacrifício.

-Há de ser um homem iluminado para conseguir vislumbrar tamanha grandeza onde o comum só vê pequenez.

-Sua Rainha lhe parece um ser do tipo iluminado?

-Ela é do tipo pura. Na prática, é a mesma coisa.

-Você confunde a característica de um sentimento com a personalidade do ser que o sente. No caso, o amor de Branca Coração-de-Neve é puro. Não a pessoa por detrás dele.

Áxel pareceu *realmente* surpreso.

-Não acredita em pessoas puras, Anísio?

-Não; acredito em

*sentimentos puros*. Sentimentos

manifestados pela vontade e ilimitados pela fé.

Áxel sorriu com a frase. Não era possível dizer se o riso era verdadeiro ou irônico.

-E por que as *pessoas que o sentem* não poderiam ter a característica?

-O ser humano é dúbio por natureza. Todos possuímos algo que escondemos. Todos gostaríamos de ser outra pessoa de vez em quando. Todos guardamos o melhor e o pior do mundo dentro de nós. E passamos a vida tentando descobrir o que é real e o que não é dentro de nós. O que podemos revelar ao mundo e o que devemos guardar para nós. O que precisamos ensinar ao mundo. E o que o mundo precisa aprender sobre

nós por si próprio.

-E se o mundo não quiser aprender sobre nós?

-Então morreremos esquecidos. Ou teremos de ter a sabedoria de saber a hora certa de mostrar a ele.

Áxel ponderou. Suspirou. E comentou:

-Então o amor de Branca é real?

-Sim. Ele o é, sim.

Áxel continuou ponderando.

-Logo, chegamos à conclusão de que não sou uma pessoa odiável - o príncipe disse com uma voz *cada vez mais* sombria. - Mas que meu ódio atual é real.

Anísio pareceu incomodado, não com a conclusão do irmão, mas com o *tom* utilizado na pronúncia.

-Você já imaginou, Áxel, se cada pessoa que sofre uma perda, se cada ser humano neste planeta que passa por uma provação que considera injusta aos seus olhos, resolvesse canalizar ódio na direção de algo ou *de alguém*? O que sobraria do mundo?

-Isso é algo que cada um deveria discutir com sua própria visão espiritual do Criador.

-Mas, segundo o Merlin, o Criador é *amor*.

-Talvez tenhamos interpretado mal suas palavras, Anísio.

Porque, a cada dia, minha ideia sobre Ele muda de figura - as palavras por aqui já pesavam, como se feitas de chumbo. - Eu já perdi uma mãe... um pai... e um melhor amigo. E nenhum deles de morte natural.

-Eu também os perdi, e minha opinião continua a mesma.

Áxel sorriu. Dessa vez o riso era claramente irônico.

-Se assim o é, então por que não juntamos todas as pessoas do

mundo, nos damos as mãos ao longo das estradas em um

imenso abraço no mundo? Por que não vai até o Reino dos

Gigantes e oferece a maior flor do mundo ao Rei

Blunderbore? Melhor ainda: por que não carrega sozinho a

cruz de Merlim nas costas e propõe um acordo de armistício

com Minotaurus, pessoalmente?

-Porque sou um Rei, não um semideus.

-Pensei que ambos fossem a mesma coisa.

-Não, Reis morrem. Deuses são esquecidos. Semi-deuses nos

dão vida.

-Então Reis são semi-deuses às avessas.

-Gostaria de saber se teria a mesma opinião se fosse você que

usasse uma coroa.

Houve silêncio. Áxel fixou o olhar em um espelho em cima de

um criado-mudo imenso e bem trabalhado por um marceneiro.

-Mas eu não a uso.

-Eu sei. É por isso que estou vivo. E por isso *fui resgatado*.

Afinal, você também *quase* perdeu um irmão, não é verdade?

Houve silêncio novamente. Sempre, mesmo nos lugares mais

sombrios, não importa onde se esteja, existem lembranças

escuras que um ser humano gostaria de ver esquecidas.

Mas não consegue.

-Um Rei não teria semelhanças com semi-deuses?

-Não, porque um Rei não escolhe seu destino. E apenas *sonha* estar fazendo a coisa certa.

-Acredita que semideuses sempre sabem o que estão fazendo?

-Acredito que sim.

Áxel se aproximou do criado-mudo e reparou nos diversos utensílios, desde pentes a vidros de perfume e remédios ali ao redor.

Um deles, pequeno e avermelhado, chamou-lhe *bastante* a atenção.

-Então eu gostaria de ter uma conversa com o maldito Criador e ouvir o que Ele tem a me dizer! Gostaria de saber o motivo de tamanho sofrimento nesta família. E o que fiz de tão ruim para merecê-lo...

-Você não é o homem mais triste do mundo, Áxel. A maioria não pode juntar provisões e moedas de reis para justificar uma vingança, quando tal sentimento a corrói.

-O que quer dizer com isso?

-Que nem todos nascem príncipes. Mas que aqueles que o fazem deveriam fazer e agir pelo motivo certo. E usar seus recursos com tal responsabilidade.

Áxel virou-se de costas e suspirou pesado. Outra vez. Rei Anísio ficou observando-o se aproximar da porta, sem encará-lo.

-Eu parto antes do meio do dia... - disse o príncipe, antes de se

retirar.

Nos bolsos, Áxel Branford carregava um frasco que o irmão não havia percebido que ele havia surrupiado.

## 11

Era noite e a rua estava agitada. Tochas iluminavam uma trilha dentre uma multidão prestes a entrar na maior casa de espetáculos do mundo. O maior teatro já construído e reconstruído do mundo. O maior palco para a consagração de uma trupe de artistas. Um símbolo cultural que esbarrava em uma identidade nacional. A lenda. O mito.

O Majestade.

As pessoas se aglomeravam na entrada e falavam em murmurinhos, o que as obrigava a gritar umas com as outras. Havia crianças, senhores, senhoras e idosos. E, por mais que houvesse locais específicos para a entrada de idosos, crianças e grávidas, ainda assim era difícil para tais grupos específicos conseguirem *chegar* até essas entradas. Figuras ilustres como gladiadores e pugilistas conhecidos desfilavam em áreas especiais, assim como os membros de clãs famosos, ricos e rivais, como os Don Juan e os Casanova, que exibiam vestes impecáveis e comportamentos facilmente reconhecíveis.

-Caraça! Tá muuuito cheio hoje! - obviamente quem dissera a frase fora Ariane Narin. Estava com os olhos arregalados, agarrando o braço de Maria Hanson. Era impressionante como adorava aquilo. Adorava gente; adorava festa; adorava estar

em locais agitados ou agitando determinados locais.

-É, tá sim, né? - comentou Maria Hanson, um pouco assustada.

Maria era o oposto de Ariane. Gostava de estar com poucas pessoas de cada vez, de locais silenciosos, de lugares e pessoas tranquilas.

-Essa peça deve ser a supremacia máxima do universo, né?

-Ariane, querida... - comentou Madame Viotti. - O *Quebra-*

*Nozes* é o maior fenômeno teatral dos últimos tempos. Sabia que eles lotaram o Pottier?

O Pottier era o maior teatro da cidade de Dare-Villa, vizinha a Metropolitan. O local era conhecido pela criação do melhor vinho de Arzallum. O teatro, dizem as boas línguas, pois as más nem se manifestam nesse assunto, foi designado com o nome de um semi-deus.

-Sério mesmo? - perguntou Ariane, excitada.

-E esse comentário é realmente digno de nota... - acrescentou Sabino von Fígaro. - Acredite, tirar as pessoas de Dare-Villa de uma taberna e colocá-las quietas em um teatro não é para qualquer um..

-Uau... - Ariane balançou os braços de Maria (de novo). - Ai, Maria, obrigada de novo por ter me chamado! Você sabe que eu amo você, né?

-Agradeça ao professor! É por causa dele que nós estamos aqui...

-O que é isso? - Sabino recusou qualquer manifestação. - É um

prazer estarmos juntos. Agora venham, venham..

E Ariane, Maria, Sabino e Viotti se meteram no meio da multidão na direção da área de lugares especiais, os cobijados camarotes. Sabino vestia-se com um fraque elegantíssimo, apesar de fora de moda. Madame Viotti usava um vestido de duas cores até a altura dos tornozelos, alguns anéis e cordões de prata. Maria não queria se produzir, mas Ariane basicamente a obrigou, e a garota estava deslumbrante com um vestido branco presenteado por Áxel, que ia até a altura dos joelhos. No pescoço usava o colar caríssimo e original em formato octogonal, comprado nas Luzes Gêmeas em Metropolitan por... bom... *também* por Áxel. Aliás, Maria estava a cada momento odiando estar vestida daquele jeito, mais ainda porque isso a lembrava constantemente do que ela estava tentando esquecer indo ali. Mas Ariane a convenceu de que ninguém a deixaria entrar nos lugares aonde elas estavam indo, se ela não estivesse vestida assim.

Já Ariane odiava seus brincos de madeira, mas relaxou quando Maria emprestou os dela, assim como um vestido que ela usara no ano passado (também comprado pelo... bom... deixa para lá...), que vinha com sapatos de cristal, e agora cabia em Ariane. Maria resolveu que ela poderia ficar com ele, afinal ele só lhe trazia más lembranças do único dia em que o usou. Ariane quase enforcou a amiga em um abraço emocionado. Entretanto, Ariane só conseguira permissão para ir a tamanho

evento acompanhada de Madame Viotti porque a mãe, Anna, intercedera a seu favor. O pai, Golbez Narin, não via com bons olhos o fato de a filha estar andando com uma acusada de bruxaria que quase fora queimada em praça pública em outros tempos, como não via com bons olhos o que fosse ligado à bruxaria. E todo ser humano sabe que, quando o macho de uma casa está irreduzível quanto a uma decisão, o único membro restante que pode fazê-lo mudar de ideia é sua fêmea. No caso, Anna conseguira, mas a cada dia isso estava ficando mais difícil.

Na entrada, havia o Homem Que Conferia Os Bilhetes e dois seguranças, que na verdade eram soldados reais fazendo hora extra para complementar o salário. Sabino mostrou sua entrada, e o Homem Que Conferia Os Bilhetes franziu a testa, desconfiado.

-Senhor...

-Sabino von Fígaro.

-Senhor von Fígaro, da parte de quem o senhor recebeu os bilhetes deste camarote?

-Da parte de Rei Anísio Terra Branford.

Aqueles eram bilhetes para o Camarote Real; os locais acessíveis somente a convite de um membro direto da família real. Obviamente, a testa franzida do Homem Que Conferia Os Bilhetes não voltou ao normal com a resposta.

-Senhor von Fígaro, veja bem, não fomos avisados de que o

Camarote Real receberia convidados no dia de hoje. E Sua Majestade comunicou que não possuía interesse em vir à estréia.

-Sim. Exatamente por esse motivo ele me pediu que viesse à estréia em seu lugar, para não desperdiçar os melhores lugares da casa. - Sabino mantinha um sorriso no rosto. - Isso não soa como a decisão de um Rei prudente?

O Homem Que Conferia Os Bilhetes não sabia se estava irritado com o que lhe parecia alguém tentando lhe passar um bilhete falso ou com a cara de pau do sorriso aberto do sujeito diante da tentativa.

-Senhor von Fígaro, espero que entenda minha posição, mas diante da falta de aviso prévio de uma vinda ao Camarote Real preciso que me dê alguma prova de sua ligação com a família real, senhor.

O sorriso de Sabino desapareceu. Aquilo tudo foi, no mínimo, *assustador*. E era uma situação difícil aquela. Afinal, Sabino von Fígaro estava no mais alto patamar militar da hierarquia real de Arzallum. Ele era um Conselheiro Real da Sala Redonda e, mais do que isso, havia sido promovido a general e comandante da Ordem dos Cavaleiros de Helsing.

Nenhum dos dois títulos, porém, eram interessantes de ser exibidos por aí.

Primeiro, porque Conselheiros Reais eram proibidos de revelar as identidades verdadeiras para civis. E, segundo,

porque os Cavaleiros de Helsing deveriam existir, o máximo possível, à sombra da sociedade que protegiam. Afinal, como dizia o nome, eram eles os cavaleiros vermelhos.

Eram eles os Caçadores de Bruxas.

-Mas isso é um absurdo! - exclamou Ariane, colocando as mãos na cintura. - Eu mesma já assisti antes à *Caçadores de Bruxas* lá, e ninguém pediu *prova* nenhuma! - Ariane ignorava o fato de que, naquele dia, estava acompanhada *pessoalmente* de Áxel Branford.

O Homem Que Conferia Os Bilhetes não alterou a expressão nem pareceu convencido por um momento que fosse.

-Senhor, senhoras, se não puderem fornecer a prova pedida, tenho de lhes pedir que, por favor, retirem-se do local, pois preciso dar prosseguimento ao resto da fila.

A situação estava ficando embaraçosa. Realmente, somente ali o quarteto se deu conta de que uma fila de nobres e pessoas de status social mais elevado estava começando a se formar, com a típica impaciência que permeia tal condição.

Os guardas reais se aproximaram. Sabino manteve a sombria expressão contrastada àquela sorridente que demonstrara anteriormente. Quando O Homem Que Conferia Os Bilhetes tocou no cotovelo de Madame Viotti para indicá-la o caminho da saída, Sabino disse:

-Jovem rapaz, nem ouse... - e um dos soldados atrás do homem dos bilhetes travou a expressão quando pareceu então

*reconhecer* Sabino. E o coração acelerou, porque a situação o estava obrigando a informar ao Homem Que Conferia Os Bilhetes *quem* ele estava querendo expulsar do Majestade. E qualquer possibilidade era capaz de afogar um homem em adrenalina.

-Sabe um fato que tomo como fascinante? A ratificação da existência de pessoas que *realmente* nasceram para ficar atrás das cortinas, por mais chances que a vida lhes dê para subir profissionalmente ou ascender socialmente. É um fato: existem pessoas que simplesmente nasceram para aplaudir o sucesso alheio, aquém do próprio.

A voz partia de um rapaz de não mais que vinte anos, na fila diretamente atrás do quarteto. Obviamente a atenção de todos se voltou para ele. E continuou nele. Afinal, aquela voz não era de qualquer pessoa. Era de um jovem extremamente popular e conhecido. Um popstar social.

Um legítimo herdeiro Casanova.

-Senhor Casanova... - disse o Homem Que Conferia Os Bilhetes, franzindo a testa.

-Senhor... - suspirou Giacomo Casanova, tocando levemente Maria Hanson e aproximando-a do homem. - Será que tem problemas de visão, ou será pura e mera lentidão de raciocínio o fato de não reconhecer tal jovem, impecavelmente vestida e dona da beleza mais chamativa de toda a noite?

O Homem Que Conferia Os Bilhetes ficou observando Maria

Hanson. O cérebro raciocinando na máxima velocidade, lembrando-se de todos os rostos da elite social que havia gravado.

O de Maria Hanson, definitivamente, não estava em nenhum deles.

O jovem Casanova suspirou novamente.

-Senhor, será que é realmente tão difícil guardar um rosto tão belo, contagiante a ponto de roubar o coração do segundo, e hoje primeiro, príncipe Branford, e fazê-lo comprar a mais perfeita jóia esculpida pessoalmente por Le Fontuar e capaz de parar o coração de qualquer dama simplesmente à visão?

O Homem Que Conferia Os Bilhetes então olhou melhor para a jóia octogonal no pescoço de Maria Hanson. E o coração bambeou de nervoso. Enfim a havia reconhecido. Bastou que não procurasse aquele rosto em seu arquivo mental de nobres populares.

Mas no de plebéias notáveis.

-Senhora... - engoliu em seco o Homem Que Conferia Os Bilhetes.

- *Senhorita* - corrigiu Maria.

-É claro. Senhorita...

Quando Maria ia dizer seu nome, mais uma vez o jovem

Casanova surpreendeu:

-Senhorita Maria Hanson... - anunciou ele.

-Hanson... - disse o Homem Que Conferia Os Bilhetes,

tentando visualizar um sobrenome que não lhe dizia nada.

-É... - disse Ariane, empinando o nariz e olhando o homem de cima, doida para ver se ele tinha alguma coisa depreciativa a acrescentar.

- *Irmã de um aprendiz de cavaleiro, entendeu?*

-Um aprendiz indicado por mim, que um dia será requisitado por Lorde Wilfred de Ivanhoé - acrescentou Sabino. - Será que *este* nome lhe diz alguma coisa, senhor?

O Homem Que Conferia Os Bilhetes começou a ficar pálido.

Mas, para piorar sua situação, o tal soldado que pareceu reconhecer Sabino se aproximou e sussurrou em seu ouvido:

-Acredite, este senhor *realmente* é capaz de indicar um candidato a cavaleiro, e a muito, mas muito mais do que isso *mesmo...*

-Senhores, o Majestade muito se honra com vossa presença hoje... - disse o Homem Que Conferia Os Bilhetes, inclinando a cabeça em uma humildade que impedia os presentes de escutar seu coração. - Peço desculpas pelos aborrecimentos de hoje e prometo que este servo jamais esquecerá o nome ou a face de qualquer um dos presentes.

O quarteto se virou na direção do caminho que levava ao Camarote Real.

-Senhor Giacomo... - disse Sabino, erguendo a cartola. - E como anda seu pai, o velho Girolamo? - perguntou o senhor.

-Velho no corpo, jovem na alma e fértil em virilidade,

professor.

E os dois se puseram a rir.

-Senhorita Hanson... - ele disse, enquanto segurava a mão de Maria, e se inclinou uma vez diante dela.

-Senhor Casanova... - Maria segurou o vestido com a mão livre, dobrou e ergueu os joelhos uma vez, em agradecimento.

O quarteto ia começar a andar, quando Sabino virou-se para o Homem Que Conferia os Bilhetes e perguntou:

-Senhor, até o momento não sei seu nome.

-É Ludens, senhor - disse com uma voz fraca.

-Assim como você, prometo que não esquecerei seu nome nem face. Tenham todos uma boa noite.

E Sabino se pôs a andar. Atrás de si, o jovem Ludens tremia quando o soldado que o havia alertado fez uma careta preocupante e nada animadora.

Já Ariane apenas cutucava Maria, dizendo em leitura labial "que gato" a cada dois passos. Maria tapava os ouvidos, fingindo que não queria nem escutar aquela conversa. Quando os destampou, porém, foi obrigada a escutar a jovem Narin dizer:

-Viu? Eu falei que a jóia ia ser importante. Eu entendo dessas coisas...

Maria Hanson sorriu. Naquele momento, começou a achar até mesmo que aquela noite poderia ser *realmente* divertida.

João Hanson estava esgotado. Completamente esgotado, depois de um dia inteiro de serviço. Havia limpado o celeiro imundo em que dormia e feito o que mais odiava de todo aquele maldito **trabalho** de escudeiro: dar banho em Sea, o corcel de seu senhor. Na verdade, João adorava o cavalo. O que ele odiava era apenas o ato de dar banho no bicho inquieto.

Escutou a porta se abrir e Rinaldo entrar. Não disse nada, e ficou tenso enquanto seu senhor observava o celeiro que havia ordenado que fosse limpo. Nas mãos, um pote com um prato de comida que mais lembrava uma ração de cachorro que um jantar de gente.

-Você fez o que lhe foi ordenado, Hanson?

João continuou tenso, embora tivesse a expressão fechada e cautelosa.

-Sim, senhor.

Rinaldo observou mais uma vez o local. E observou *devagar*.

-Então, me diga: colocando-se no meu lugar, você consideraria este celeiro limpo?

João observou o local. Lembrou-se do dia inteiro dedicado a tudo aquilo. E achou justo dizer:

-Sim, senhor.

A expressão de Rinaldo foi algo próxima do desgosto. O pote em suas mãos sofreu a ação da gravidade e ESPARRAMOU a ração no chão.

-Bom, isso então só prova o quanto você está longe de ser um cavaleiro e impossibilitado de sonhar estar no meu lugar.

João trincou os dentes. E apertou os punhos. Mas não alterou a expressão, que escutou Rinaldo completar:

-Já que considera este chiqueiro limpo, então não deve se importar de comer como um sujo. Use a mão, lamba no chão como um cachorro o faria. - Uma pausa esperando alguma colocação. Como nada foi dito, ele concluiu: - Só espero que pela manhã Sea esteja com o pelo escovado e seco. Afinal de contas, ele tem noções de higiene melhores que as suas...

E Rinaldo virou-se de costas e saiu.

João caminhou até a comida no chão, e tudo o que ele não queria era se submeter ao que teria de se submeter para comê-la. Tudo o que não queria era se sentir humilhado, como sabia que se sentiria. A razão lhe dizia para voltar ao seu canto, deitar-se em posição fetal e desejar que o sono não demorasse a vir.

Entretanto, como você diz ao corpo, depois de um dia inteiro de trabalho, que ele não pode comer?

E foi assim, dentre razão e instinto, que João Hanson se pôs de joelhos e passou uma das mãos na ração espalhada pelo chão.

Ele cheirou a comida e sentiu um cheiro azedo de alguma ração misturada com peixe.

Sentiu náuseas, e o estômago ameaçou vomitar o próprio suco gástrico. Ele não queria comer aquilo, não daquele jeito nem

daquela forma.

Entretanto, não havia como voltar atrás na decisão que tomara no dia em que matara um homem.

E foi assim que João Hanson colocou na boca e engoliu aquela ração sem sentir nem mesmo o gosto direito, e comeu seu jantar feito um bicho no chão de um celeiro, enquanto lágrimas escorriam da expressão séria de um homem que se sente bicho. O corcel que o observava se afastou e se pôs em posição de dormir. João Hanson invejou o sono rápido que aquele animal teria.

Noites como aquela, ele demoraria a esquecer.

## 13

O *Quebra-Nozes* contava uma história interessante envolvendo magia e tragédia.

Na peça apresentada, um antigo capitão havia lutado durante a *Caçada de Bruxas* ao lado do Reino de Stallia, lar dos Corações-de-Neve.

Era assim a sinopse: no início, ele precisa guiar sua tropa para o *Reino dos Corações-de-Neve* em pleno inverno e ainda sobreviver à Linha Inimiga e, para isso, precisa usar uma saga de coragem e muito sacrifício.

Perdendo soldados e mantimentos um atrás do outro, diante do rigoroso inverno, o capitão e sua tropa começam a sobreviver à custa do improviso, alimentando-se do que conseguem na própria floresta.

Chegando com seus homens esgotados, ainda assim a tropa de soldados salva um juiz e sua família de um ritual negro, que seria concretizado por feiticeiros vestidos com roupas animais, que lembravam pele de ratos. Em uma batalha violenta, o capitão e seus soldados matam os feiticeiros e libertam o juiz Stahlbaun, a mulher e os dois filhos, Clara e Fritz.

O salvamento, contudo, exige um sacrifício: a morte do capitão, que padece ao salvar Clara.

Preso pelos soldados sobreviventes, o último feiticeiro ainda vivo é obrigado pelo juiz a fazer uma magia que mantenha a alma do capitão herói naquele mundo.

O Feiticeiro exige a pureza de Clara.

O juiz recusa, mas a jovem aceita. O Feiticeiro toma os sonhos de Clara e a condena a uma vida de pesadelos eternos ao se deitar. Com o ritual, a alma do capitão permanece em Nova Ether e se funde a um quebra-nozes, nascendo um golem.

A peça termina com Clara deixando a família e indo cuidar do Quebra-Nozes, em uma vida isolada e dedicada.

Envelhecida, após provar tamanha dedicação ao homem que salvara sua vida e a de sua família, ainda que diante de noites de pesadelos e dos momentos em que o Quebra-Nozes vai pouco a pouco se quebrando, o Criador resolve testá-la e envia uma de suas avatares.

A fada, ali chamada de Fada do Açúcar, propõe a Clara a honra de se tornar uma delas, dando-lhe a imortalidade. Clara recusa, pedindo que a concessão de imortalidade seja transferida para a alma do ser que ama, ainda que ele esteja em outro corpo.

A Fada de Açúcar considera seu teste aprovado.

O Criador com isso toma a vida de Clara e a do Quebra-Nozes e leva suas almas, juntas, a Mantaquim, onde são recebidos de braços abertos como almas elevadas e geram uma história de amor que é recontada eternamente em diversos mundos de éter.

Não era à toa que Maria Hanson e Ariane Narin derramavam lágrimas dentre braços entrelaçados, suspirando com a história de amor contada. Ariane achava tudo um barato e estava até começando a se acostumar com os olhares que recebia das pessoas simplesmente por se sentar no Camarote Real.

Observava as pessoas no andar de baixo e acenava como se fosse ela, veja só, uma artista. Mandava até beijos! Se bobeasse, era capaz de dar seu próprio autógrafo.

Sabino von Fígaro e Madame Viotti eram discretos e ignoravam qualquer atenção dedicada a eles, como se estivessem nos lugares mais humildes da casa. Já Maria também gostaria de fazer o mesmo, mas, definitivamente, para ela a situação seria muito, mas muito mais difícil.

Explico: o Camarote Real era o mais bem posicionado de todo

o Majestade, bem de frente ao palco, no segundo andar. Era o maior e mais bem decorado. Entretanto, os outros camarotes, se não dispunham de mesma localização e decoração, ficavam na mesma altura, e um conseguia visualizar o outro perfeitamente.

E isso significava passar a peça inteira observando o camarote que servia, naquela noite, à família Casanova. E, pior do que isso, ser observada a noite toda pelo herdeiro da família, que parecia conscientemente esquecer e ignorar a peça abaixo para concentrar-se especificamente nela.

-Maria... - sussurrou Ariane, enquanto os integrantes dos camarotes esperavam o público abaixo sair aos poucos da casa. - Psssiu... ei, Maria...

Maria conhecia aquele *tom*. E conhecia *bem*.

-Fale, Ariane...

-Você já percebeu o...

-Já. Já sim.

Ariane fingiu morder a própria língua.

-E, também, né? Quem é que não vai perceber *aquilo ali*, né?

Fala sério, mas, tipo, fala  *muito sério*, né? Não é pouco não...

-Ariane...

Ariane ficou quieta, como se fosse tentar se comportar. E então contou um... dois... três... quatro... tamborilou os dedos... e cinco... e seis... e... raios, virou-se agitada para Maria de novo e começou a balançar o ombro dela:

-Caraça, Maria, ele não para de olhar pra cá!

-Ariane, o que você quer que eu faça? Cada um tem o direito de olhar para onde quiser!

-Ah, sei lá, pô! Você podia jogar um charme pra ele! - e ela balançou os ombros para a frente e para trás como se fosse uma dançarina de cabaré. - Sabe como é? Dá um incentivo, sabe? Joga um *borogodó*!

-E eu lá sou garota de ficar jogando charme por aí?

Ariane botou as mãos na cintura.

-Ah, tá bom! Tá bom, senhorita "eu não preciso jogar charme"! Só porque você *pegou* o príncipe, tá se achando agora? - e Maria abriu a boca, mas não conseguiu achar o que dizer de tão sem graça. Ariane, sem se importar, mudou a expressão para uma extremamente pensativa, e a voz baixou, como a de alguém que está falando consigo próprio: - Quer dizer, se bem que você pode, né? Pô, você pegou o príncipe! Ainda que ele tenha largado você pra ir atrás da lambisgória prometida "tomara-que-seja-feia" dele, sabe-se lá de onde, ainda assim deve ser difícil encarar a vida depois de experimentar um negócio daqueles, né?

-Ariane... - exclamou Maria, como uma mãe com vergonha do que diz a filha.

Era complicada para Maria aquela situação. Áxel Branford cortejá-la já havia sido chocante demais para uma vida inteira; o herdeiro Casanova fitando-a uma peça inteira era de

estremecer uma Hanson por duas existências.

Bom, e fazer o quê? E aqui chegamos àquela parte que sempre gostaria de pular, mas muitas me esganariam se o fizesse. Ok, vamos explicar *o que* era o herdeiro Casanova para justificar a excitação de Ariane. Faça assim: imagine um sujeito de um metro e noventa, rico, com cabelos claros, lisos, até a altura dos ombros, barba por fazer e os olhos mais claros que já tenha visto.

Era isso o herdeiro dos Casanova.

E era por isso que Ariane Narin estava quase esganando Maria Hanson naquela poltrona de teatro.

-Ah, mas quer saber: se você não for lá falar com ele, eu vou!

-Fica quieta, maluca! O que deu em você, hein?

-Olha aqui, Maria, eu sei que para uma mulher perder um Áxel Branford deve ser... tipo... como ferver no caldeirão mais quente de Aramis com uma bruxa cozinhando os miolos, tá me entendendo? Deve dar vontade de ser esquartejada e ter as partes espalhada por aí, sei lá! Deve dar vontade de se tacar de cabeça em um poço de desejos, pois a vida deve ficar extremamente sem graça e sem sentido!

-Você sabe *mesmo* animar as pessoas...

-Ah, escuta primeiro, cabeçuda! Então... tipo, resumindo: dá pra entender que você fique por aí toda tristonha, toda lenga-lenga quando outro homem aparece na sua vida! Porque, afinal, um Áxel é um Áxel, e não existe nada acima disso!

Mas... caraca, Maria: *acorda!* - e Ariane deu um berro que atraiu a atenção dos outros camarotes que já estavam se retirando também. Pensa que a jovem se importou? - Depois do Áxel, aquela coisa ali do outro lado é *a coisa mais linda que já andou sobre Nova Ether!* - E Ariane ficou apontando o dedo na direção do jovem Giacomo.

E então Ariane percebeu que *continuava* apontando aquele dedo mesmo depois de já ter terminado de falar e virou a cabeça lentamente na direção do dedo apontado.

Giacomo sorriu para as duas, percebendo que estavam falando dele.

-Tipo... a culpa dele ter percebido isso é exclusivamente sua...

- disse Ariane, sentando-se de novo e olhando para cima como se nada estivesse acontecendo.

Maria colocava a mão no rosto, tentando parecer *menos* vermelha. Houve um silêncio constrangedor. Até que, ainda com a mão no rosto lhe tapando a face, Maria perguntou pelo canto dos lábios:

-Ariane...

-Ele *ainda* tá olhando - ela respondeu igualmente entre os dentes cerrados.

-Ok...

E o silêncio constrangedor durou até que as duas se levantaram para sair do teatro com o chamado de Sabino ("Graças ao Criador"). Ao saírem daquela situação, porém,

Maria Hanson não perdoou:

-Agora... peraí, quer dizer que, segundo a teoria da senhorita, o meu irmão não entra na sua lista *depois* do Áxel não, né?

-Ai, cabeça! Não é nada disso, tá legal? O João é que nem o

Áxel: *you não pode contar*, na verdade! Eles são

considerados *fora de série!* Porque, tipo, eu sei que ele não é o

garoto mais bonito do mundo, eu sei disso, tá legal? Ele é

fofo, e lindinho, mas vou fazer o que se o Criador criou um

Áxel? Mas quer saber também, *senhorita Hanson?* Nenhum

outro garoto também jamais, jamais vai ter esse título pra

mim, porque nenhum outro garoto é o João! Logo, sua

venenosa... - e Maria começou a rir -... pra mim, o meu

cavaleiro vai ser sempre o garoto mais bonito do mundo...

ainda que exista em um mundo de *Branfordes* e *Casanovas*...

porque ele é *meu!* E ninguém em toda Nova Ether jamais vai

poder me separar do meu amor! Porque a minha vida está

ligada à dele! E a dele está ligada à minha! Fui clara?

E ponto final.

**14**

Olívia era uma garçonete de Stallia que ajudava os pais a

sustentar a casa, servindo canecas de cerveja e vinho aos

piores tipos de homens do mar em um estabelecimento

próximo a uma área portuária. Naquela noite, ela voltava para

casa depois de um dia cansativo em que haviam vomitado

álcool em seu avental três vezes.

Sentia-se cansada e fedorenta. Sentia o cabelo pegajoso e cheirando a tabaco. Estava doida para chegar em casa e lavar-se do melhor jeito que conseguisse com uma bacia e uma esponja naquela noite de temperatura amena para os padrões de Stallia, mas fria para os dos outros. Entretanto, não seria assim tão fácil. Pois a jovem Olívia ali não tinha como saber. Mas ela estava sendo seguida.

A cada passo que ela dava na direção de seu trajeto de rotina, seguiam-se três. Três homens. Armados, e com lâminas suficientemente afiadas para cortar uma língua como se fosse queijo. Enquanto esperavam, os três primeiro haviam reparado em outra mulher, na verdade.

Só que, para azar da garçonete, haviam se interessado muito mais por ela.

Olívia passara pelo primeiro, estranhou-o, mas seguiu seu caminho, pois não há muito que uma mulher possa fazer diante de um estranho suspeito quando se vê sozinha e isolada à noite. O único jeito é continuar seu caminho apressada e esperando encontrar com uma alma que lhe seja um porto seguro.

Um porto seguro que ela não encontrara naquela noite.

O primeiro tapou-lhe a boca e a puxou para trás de imensas pilhas de caixotes do cais sombrio e silencioso. O segundo espantou na marra os mendigos que se aqueciam em uma fogueira improvisada. O terceiro vigiou os arredores,

esperando sua vez.

O primeiro então a chocou contra um muro decalcado. Olívia chorou. O homem sorriu.

E morreu.

Olívia gritou quando a flecha entrou pela parte de trás e saiu pela frente do pescoço, forçando o homem que antes a pressionava a se engasgar com o próprio sangue. O que vigiava os arredores fora morto sem saber por dois moleques que não haviam completado nem mesmo dezessete anos. E o terceiro...

Bom, o terceiro, completamente desorientado e desnorteado, foi se afastando e sendo cada vez mais acuado feito um gambá caçado. Ao redor dele, havia pelo menos uns quinze adolescentes no mínimo sombrios, vestindo roupas escuras e parecendo se divertir com tudo aquilo.

Ao fundo, havia um homem mais velho, com um arco.

Entretanto, para o acuado, a maior preocupação era com aqueles garotos armados com lâminas afiadas que se aproximavam com um passo de cada vez, como se fossem representantes da morte. E se aproximavam, e se aproximavam.

E quando o primeiro armou o primeiro golpe, escutou-se naquela noite fria um...

- Não. Esse aí não - disse uma voz baixa e rouca. - Esse aí é meu...

Das sombras, o negro parrudo de touca na cabeça surgiu,

raspando lâminas de facas. Os jovens abriram caminho para que ele se aproximasse, lembrando um Rei.

Snail Galford se posicionou de frente ao homem e lhe jogou uma faca. Os dois se olharam.

E o combate começou.

Antes mesmo do primeiro golpe, um daqueles dois já chorava por um único lado da face.

**15**

Áxel batia e batia e batia. As ataduras ao redor dos punhos se chocavam contra o maldito boneco de madeira repetidas e repetidas vezes, como se machucar aquilo fosse aliviar algum sentimento. Como se fosse daquele boneco a culpa de todos os seus problemas.

*Eu tenho um compromisso.*

Fora isso que ele dissera pela última vez em que o vira. Vivo.

Havia recolhido suas poucas coisas e deixado o Paço Real antes do amanhecer, e antes que o palácio o visse sair.

É uma viagem pessoal. Tenho de fazê-la sozinho.

Respiração pesada. E cansada. Movia-se rápido, mas sentia o mundo pesado. Ainda. Antigamente, ao longo de toda a infância e adolescência, ser um príncipe real lhe era padecer nos melhores Reinos de Mantaquim.

*Sabe, gostaria de agradecer por tudo.*

Agora, porém, cada dia era mais difícil que o anterior. Cada prova a que era submetido eram testes e provas de fogo,

em que nunca sabia se era bom o bastante para passar.

*Se não fosse por você, eu ainda seria escravo em arenas de Metropolitan e julgado por minha aparência entre humanos.*

*Você me deu liberdade e dignidade.*

Talvez fosse o motivo de tudo. Talvez a intenção do maldito Criador fosse fazê-los passar por provas de fogo em que nunca saberiam se seriam bons o suficiente. Bons a ponto de conseguirem a vitória e se tornarem os melhores do mundo em alguma coisa. Ruins a ponto de fracassarem e perderem a vida.

Ou eternamente punidos por vencerem e permanecerem vivos, *simplesmente* para chorar e enterrar os fracassados.

*E, se fosse preciso, eu seria capaz de dar minha vida para provar minha gratidão.*

Dar a vida como gratidão.

Por algum maldito motivo, aquilo tudo não saía da cabeça de Áxel Branford, e ele sentia o estômago queimando com cada lembrança. E por isso batia e batia e batia naquele *maldito* boneco de madeira, que nem ao menos reagia diante dos golpes. A raiva ardia e ardia e ardia, e as mãos, ainda que debaixo das ataduras, começaram a sangrar sem que ele nem ao menos percebesse.

*Apesar de ser seu servo, gosto de pensar em você como amigo, Áxel.*

Lágrimas eram formadas na face e isso apenas trazia raiva

maior por toda uma situação do Destino que ele não podia prever nem controlar. Quando o filho desgraçado de um pirata mercenário lhe tirou a vida do pai, ele foi até lá e lhe cortou a perna, jogando-o de cima de uma catedral. Mas alguém capaz de tirar a vida de um troll cinzento não era algo que ele pudesse ter poder para confrontar.

Então vinha o conflito: que caminho seguir contra uma força impossível de ser confrontada? Submeter-se a ela? Perdoá-la? E como se pede o caminho do perdão a uma mente cega por raiva?

Como se pede pureza a uma alma em conflito?

*Você nunca foi meu servo, Moonwakrston!*

Foi isso que fora dito. Foi isso que fora dito a ele na última vez.

*Você nunca foi meu servo.*

Ele havia dito em palavras profundas demais para serem esquecidas. O boneco de madeira enfim parou de receber golpes.

- E sempre foi meu *melhor* amigo...

**16**

As lâminas se cruzaram uma, duas, três vezes, e um dedo indicador foi decepado. Obviamente, o homem GRITOU de dor! - Pega - disse Snail.

O homem, trêmulo e chocado, caminhou com o coração na boca devagar.

-Eu disse a faca, não o dedo.

O homem engoliu em seco e pegou a faca que havia derrubado no chão. Os quinze adolescentes ao redor gargalharam de maneira estridente. O homem sem um dedo tremeu, gingou e de súbito avançou no mais puro instinto. Os golpes vieram avançando em diagonal de cima por uma vez, e outra, e outra, e... SLASH!

O dedo médio da *outra mão* caiu no chão.

-Aaahhh!!! - o homem ficou observando as mãos como se fosse um ET em outro corpo. E caiu de joelhos.

-Levanta - disse Snail, novamente. - E pega.

O homem chorou de dor e desespero de novo. E então, em um gesto de puro transtorno, correu para cima do negro gritando feito um ensandecido!

-Aaahhh!!! - o grito agora era de raiva. Trazia apenas uma faca na mão e segurava-a atrás da cabeça como se fosse um dardo prestes a ser lançado.

Snail arremessou de forma giratória e violenta uma das facas na direção dele, projetando o corpo do homem que corria para a frente bruscamente para trás, como se ele tivesse escorregado em uma poça.

As costas bateram no chão com um estrondo, e ele gritou pela última vez.

Quando o corpo acertado estabilizou-se no chão, com a faca cravada no peito e os dedos cortados, foram poucos segundos

até que parasse de respirar de vez. Havia sangue ao redor das mãos.

-Mais três... - disse o arqueiro se aproximando.

-Põe na conta do Locksley... - resmungou Snail.

Alguns adolescentes estavam chutando o corpo do brutamontes morto com a flecha na garganta. Snail reparou neles.

-Você sempre tem de fazer isso? - perguntou o arqueiro.

-"Isso"?

-Essa *sujeira*. Você cortou dois dedos do cara...

-Você não é conhecido como "Vermelho" ou algo assim?

-Pelas minhas roupas. Não pelo sangue que deixo em cena.

-Então meu apelido seria qual? "Preto"?

Houve um silêncio constrangedor, mas do tipo *extremamente* constrangedor. O fato era que Will Scarlet nunca sabia quando aquele homem falava sério e quando fazia uma piada de humor negro e duvidoso.

Na verdade, não sabia nem mesmo se Snail Galford *fazia* piadas.

- *Pai*... - disse um dos adolescentes, se aproximando. - Jogamos os corpos na água?

-Sim, mas guardem os dedos cortados...

A ordem arrepiou o adolescente, mas ele aquiesceu.

-Você não acha *estranho* esses meninos o chamando assim?

"Pai"?

-Eles são órfãos que eu recrutei em Andreanne e trouxe para guerrearem em Stallia por uma identidade nacional que jamais tiveram. O que você acha que a minha figura se tornou para cada um deles?

Will balançou a cabeça para lá e para cá, dando-se por vencido.

-Está certo. Mas juro que ainda não entendo por que guardar dedos cortados de um maldito como esse!

-Por prevenção.

-Prevenção de quê?

-Sabe-se lá se teremos outra *Caçada*?

Will franziu as sobrancelhas.

-E o que você faria? Negociaria com bruxas?

-Se elas pagarem melhor.

-Você, no fundo, continua um maldito mercenário, não é?

-Escuta aqui: *garoto feliz!* - a lembrança do apelido antigo fervia Scarlet. - Viver como um órfão em Stallia é diferente de viver como um órfão em Arzallum! E eu não pretendo vender ingredientes para bruxas. Eu pretendo vendê-los a quem quiser pagar por eles, caso um dia eles sejam necessários. Se uma bruxa precisar deles para fazer um ritual, eu tenho um preço pra ela. Se alguém quiser impedir essa mesma bruxa de fazer o mesmo ritual, eu tenho outro preço pra essa pessoa. Deu pra entender?

-Pelo sagrado Criador. Você continua *mesmo* um maldito mer-

cenário...

-Tanto quanto você a porcaria de um garoto feliz...

Os dois se olharam sem saber se detestavam a presença um do outro, ou se gostavam dela.

Ao redor, os corpos dos três homens mortos foram jogados na água salgada do mar. E os dedos do último morto recolhidos com cuidado. E nenhum daqueles adolescentes que fizeram o serviço sabia disso, obviamente, mas, antes de se decidirem pela pobre e já salva Olívia, que o Criador a proteja, aqueles três antes vivos, e agora mortos, haviam realmente visto outra mulher solitária.

Uma sinistra mulher de cabelos ruivos desgrelhados, que caminhava em meio ao porto daquele cais à procura dos próximos que conseguiriam vê-la.

**17**

Os portões do Salão Real se abriram e o pequenino ser entrou. Era muito cedo, algo próximo das seis da manhã. Aquela raça, porém, não separava horários de trabalho de horários de lazer nem compreendia por que algumas raças necessitavam de tanto tempo para descansar por um dia de trabalho de *meio* período.

Rei Anísio Branford observou o gnomo, que já lhe era familiar, caminhar com seu jeito singular, as vestimentas impecáveis e a cabeça desproporcional ao resto do corpo, ao menos na visão anatômica coerente para um ser humano. Ao

seu lado, sentada no segundo trono, estava sua Rainha Branca

Coração-de-Neve.

Outros três da mesma raça pequena entraram com o visitante,

mas permaneceram afastados.

-Vossa Majestade... - ele se dirigiu ao Rei.

-Senhor Rumpelstichen...

-Vossa Majestade... - ele se dirigiu à Rainha.

-Senhor Rumpelstichen...

Houve um sinal da parte do gnomo e os outros se

aproximaram, tirando de maletas com formatos esdrúxulos

determinados conteúdos particulares que lembravam grandes

mapas. Os olhos da Rainha brilharam de curiosidade. Os de

Anísio, de excitação.

-Estão sendo bem tratados nas instalações utilizadas para

vossas... *experiências*? - perguntou Rei Anísio.

-De uma maneira exemplar, Vossa Majestade.

-Como é mesmo o nome que dão a tais locais particulares?

-Uma *Colméia*, grande Rei.

-"Colmeia"... exatamente. Talvez seja um nome realmente

apropriado...

-Aprecio o comentário.

-Os outros continuam o trabalho proposto?

-Parando apenas para uma refeição por dia.

-Acaso vossa raça então não dorme?

-Não como a vossa. Com todo o respeito, trabalhamos demais,

Majestade, e nossos projetos exigem dedicação integral para serem executados. Não podemos nos dar ao luxo de perder seis horas de um dia com vinte e quatro.

-Então vosso corpo não se cansa?

-Mas é claro. Entretanto, não nos deitamos em camas e esperamos o relaxamento do corpo e da consciência. Simplesmente nos isolamos da Colméia, paramos quietos a um canto e *exigimos* isso de nossa consciência.

-Então vós ordenais ao próprio corpo que durma?

-É como vossa respiração. É algo natural, da qual vosso corpo se utiliza sem que vós precisásseis controlá-la ou mesmo pensar nela. Entretanto, se Vossa Majestade o desejar, pode prendê-la ou expirá-la mais forte. É o mesmo exemplo. Não precisamos pedir a hibernação de maneira consciente, ela pode ser natural. Mas podemos controlá-la se quisermos, então, ela acaba sempre sendo consciente.

-E como é para vossa raça? Sonhais como humanos?

-Não, sonhamos apenas acordados. Ao entrar no estado de hibernação, alcançamos o nada absoluto. E por isso poucos minutos nesse estágio são mais revigorantes que seis horas de sono de um humano, que possui muitos estágios até o real descanso e, se perturbados, saem dele de maneira abrupta.

Nós, gnomos, por outro lado, só saímos desse estágio quando desejamos, pois apenas nossa própria mente é capaz de nos tirar do nada absoluto.

-Fascinante. Então apenas alguns minutos são necessários?

-Perfeitamente. E acrescento: na realidade, com vossa raça acontece o mesmo. Apenas como citei, possuem muitos estágios no caminho até ele.

-Achas que podes ensinar um humano a atingir tal estágio de maneira tamanha?

O gnomo ficou pensativo. E respondeu:

-Nunca pensei nisso, nem conheço estudos que tenham sido feitos nesse sentido.

-Gostarias de conduzi-los?

O gnomo continuou pensativo. E sorriu.

-Seria um prazer, Vossa Majestade.

Os outros gnomos exibiram o conteúdo do que antes pareciam grandes mapas. O formato e o papel caro, afinal, acabaram demonstrando-se o mesmo. Mas o conteúdo, aí não! Esse era de desenhos e geringonças a princípio difíceis de serem compreendidas pela mente humana, acessíveis apenas pela fértil imaginação.

Havia ali espécie de... charretes sem necessidade de cavalos e com rodas bem mais grossas que as utilizadas em charretes comuns. Havia navios que *voavam*, os tais *Vishnu*, como aquele em que aquela própria e curiosa raça havia chegado a Arzallum. Havia bolas que se mantinham no ar e pareciam com o objetivo de emitir algum tipo de luz sem necessidade de fogo. Havia *plataformas*... espécie de "pequenas pontes", que

pareciam ter o intuito de se mover e levar uma pessoa de um ponto a outro, sem a necessidade de correntes.

E havia o mais difícil de ser visualizado pela mente de um Rei bombardeada por uma nova *realidade*: uma imensa serpente de aço, que deveria correr sobre uma pista tecnológica mais rápido, mas  *muito mais rápido mesmo*, do que um navio conseguiria singrar com os melhores ventos, o menor peso e as maiores velas.

- *Isso tudo* realmente já existe do outro lado do mundo? -

perguntou Rainha Branca. O gnomo se surpreendeu com a pergunta, mas por causa das circunstâncias. Em outros Reinos Humanos que conhecera, uma Rainha que não fosse a única soberana real nunca falava primeiro que seu Rei; aliás, mesmo uma Rainha só falava quando seu Rei lhe pedia a opinião.

Senhor Rumpelstichen não tinha nada contra aquele tipo de tratamento. Na verdade, até gostava dele.

Evolução, fosse na ciência, fosse na filosofia humana, sempre o deixava fascinado.

-Há mais tempo do que Vossa Majestade poderia supor...

-E se já temos o acordo, os projetos, os engenheiros de vossa raça nestas terras e... a matéria-prima da magia vermelha que tudo move, então, qual o próximo passo para transformarmos em verdade o que por enquanto vivenciamos em imaginação deste lado do mundo?

-Precisamos de mão de obra capacitada, Grande Rei.

-Homens de Andreanne loucos por trabalho já se ofereceram ao chamado voluntário, não?

-Como citei: precisamos de mão de obra *especializada*, Rei Branford. Não apenas de mão de obra.

-E o que isso significa *exatamente*?

-Precisamos estabelecer acordos com lenhadores de diversas cidades para nos trazer madeira. Precisamos dos melhores ferreiros de Arzallum e dos aprendizes desses ferreiros para manipular aço sob comando de nossos projetistas de Labuta. - Labuta era o Reino gnomo, de onde muitos haviam já imigrado em suas geringonças para Andreanne há poucos dias. Na verdade, o Reino se tratava de uma colossal massa de terra que se movia além-mar sozinha, ou, se necessário, para desafiar qualquer realidade imaginada pelo ocidente de uma vez, *se erguia* como se fosse mais uma geringonça gnoma e voava pelos ares até seu destino. Naqueles dias, ela havia *estacionado* nos mares de Andreanne, bem próximo ao porto. - Precisamos de peões para construir as instalações necessárias e de mestres de obras que coordenem tamanha movimentação. Precisamos de mercenários que façam a proteção de equipamentos e materiais caros e de cozinheiros que alimentem os trabalhadores. Em suma: precisamos de uma mão de obra *especializada*, Vossa Majestade.

-Uma mão de obra que extrapola Andreanne...

-E chega a todo Reino de Arzallum. Todos nós temos conheci-

mento de que Andreanne possui os melhores lenhadores deste Reino, mas apenas isso não será o bastante. Desempregados que se ofereçam rodem nos servir como peões, mas ainda assim serão em número irrisório para o que construiremos *ao mesmo tempo*, mesmo porque teremos equipes trabalhando vinte e quatro horas por dia em turnos separados.

- O gnomo fez uma pausa. - E, tratando o assunto de maneira sincera, sabemos também, por exemplo, que os melhores ferreiros de Arzallum se encontram em Metropolitan, que os melhores mercenários estão em Sharpe e que os melhores construtores vivem em Marroig.

-Vejo que andas conhecendo mesmo Arzallum, senhor Rumpelstichen... - surpreendeu-se a Rainha.

-Todos nós lemos e ouvimos sobre a *Caçada*, Vossa Majestade.

-E *como* pretende dar início a processo tão grandioso?

Pretendes que promova uma *imigração* a Andreanne?

-Aí está o ponto-chave! Na verdade, Andreanne *não* seria o melhor ponto para a construção de tudo isso!

Rei e Rainha se olharam, com as sobrancelhas franzidas.

-E onde seria o *ponto ideal*? - perguntou o Rei, com um certo *tom* próprio.

Os ajudantes gnomos puxaram mais um de seus apetrechos, mas dessa vez sim, com os mapas de Andreanne.

-O ponto ideal, Vossas Majestades, seria em Denims, na

estrada que liga Andreeanne a Metropolitan.

-Por que lá?

-Fica próximo de Andreeanne, de onde temos o melhor porto do Reino, e perto de Metropolitan, de onde temos o melhor aço.

Levando em consideração que outros teriam de migrar para lá, também é um bom ponto estrategicamente localizado para a chegada de voluntários de toda parte de Arzallum.

-Mas não existe *nada* em Denims - comentou o Rei. - Apenas algumas fazendas e moinhos.

-E por isso teremos de *construir* tudo o que será necessário.

Começando por comprar tais fazendas para transformá-las em *alojamentos!*

-E o que farão as famílias de tais fazendeiros?

-Trabalharão como empregados reais e, além do valor já comprado de sua propriedade, receberão um valor mensal para acomodarem e suprirem as necessidades dos alojados.

-E, quando alojados, o que será erguido por vossos engenheiros?

-Um *parque etérico*, Vossa Majestade. O primeiro de toda Nascente! - o gnomo chegava a não ter rosto suficiente para o tamanho do sorriso.

-E o que viria a ser um termo como esse: *etérico*? - a Rainha perguntara. Inteligentemente, colocara-se primeiro para evitar que Anísio tivesse de fazer tal pergunta. Sempre que possível, é melhor para todos um Rei *parecer* sábio.

-Grande Rainha, quando temos uma Colmeia produzindo algum material em série, chamamos esse processo de *etherização*, que vem do ermo da tecnologia revolucionária que utilizamos. Quando juntamos mais Colméias e trabalhamos em prol de um imenso objetivo, formamos um *parque etérico*, compreende?

Rei Anísio estava com o queixo apoiado no punho. De fato, compreendia tudo que estava sendo dito. Desejava-o até.

A única questão que o preocupava era apenas como *financiar* aquilo tudo.

-É um projeto *expansivo*... - pontuou o Rei.

- *Extremamente*... - comentou o gnomo.

-Tu poderias cuidar das convocações?

-Tão rápido Vossa Majestade permita que usemos vosso serviço de pombos-correios! Aliás, em pouco tempo, tereis tal tecnologia ultrapassada também atualizada a uma Era Nova...

O Rei continuava pensativo. Um servo real apareceu na lateral do salão e fez um sinal ao Rei, que indicava que *algo* do lado de fora já estava preparado.

O Rei sabia do que se tratava e compreendeu. Na verdade, todos naquele Salão Real sabiam do que se tratava.

-Então que comecemos de uma vez a revolução tecnológica desta ração.

Branca olhou para o esposo, preocupada. E sussurrou para si:

-Anísio...

-Vossa Majestade quer um cálculo do custo que tudo isso acarreará *inicialmente*?

-Não, não agora. Preciso ver com meu irmão um assunto de família. Deixai todos os documentos que quiser quando se retirar do Salão. Mas atenham-se à vossas preocupações; tantos as tuas, quanto as de teus engenheiros, senhor Rumpelstichen. É *teu* o trabalho de conduzir tudo o que está sendo prometido. E *meu* o de encontrar uma forma de financiar isso.

-Vossa Majestade é mesmo o Rei dos Reis - disse o gnomo, fazendo uma reverência sorridente e satisfeita, que foi seguida pelos outros três. - Vossas Majestades, que então iniciemos o futuro.

"Sejam bem-vindos ao início da ciência do *etherpunk*"

**18**

Áxel Branford estava do lado de fora, no jardim do Grande Paço. Servos haviam preparado sua montaria e prendido na sela as provisões de que ele necessitaria em viagem.

-Bóris novamente? - perguntou a voz de Anísio, ao se aproximar. - Soube que foi nele que iniciou sua jornada atrás de mim...

Áxel suspirou pesado.

-Algumas coisas se modificaram. Da outra vez, *ele* estava vivo.

-E o que mais estava diferente?

-No seu lugar, estava o papai.

Nenhum dos dois disse nada. Anísio reparou em mais algumas figuras presentes. Além de soldados da Guarda Real, ali também estavam Bradamante, atual capitã daquela Guarda, e o estrangeiro Ruggiero, o oriental que se tornara capitão dos Cavaleiros de Helsing a convite do próprio Rei Branford. Gnomos prepararam a geringonça que iria levar Áxel até Malan, cidade de fazendeiros de onde seguiria sozinho e encapuzado sobre Bóris.

-Você se lembra das instruções, não lembra? - perguntou Anísio.

-Elas são um pouco difíceis de esquecer. Devo cavalgar pela estrada de Malan na direção da praia. Quando o sol formar o crepúsculo, devo vendar os olhos. E esperar.

-Sem olhar para trás...

- *Certo. Sem olhar para trás.*

Rainha Branca Coração-de-Neve apareceu no jardim e se pôs a caminhar até eles.

-Pedi a Ruggiero que acompanhe nossos visitantes de Labuta em seu transporte.

-Tem medo de que isto despenque sozinho? - perguntou

Anísio. Era interessante a influência de Áxel no casal; até mesmo entre eles, Anísio e Branca já começavam a se referir entre si pelos pronomes "você" no lugar do "tu". Pouco a pouco, o segundo pronome de tratamento parecia cada vez

mais segregado a momentos políticos oficiais.

Até a abolição oficial.

-Seria mais fácil esbarrar em bruxas voando em cabos de vassouras. Já viajei em um desses uma vez. De dentro, parecem mais seguros do que daqui de fora.

-Ele tem razão, Áxel querido - disse a Rainha. Áxel se impressionava todas as vezes com a transformação daquela princesa tímida e deslocada naquela Rainha de pulso e personalidade, cada vez mais segura de seu papel no Reino que agora também era seu. - Também andei em um desses para voltar a Andreanne. E aqui estou..

Em outros tempos, Áxel faria algum comentário bem-humorado sobre aquela colocação. Naquelas condições, porém, o máximo que conseguiu foi balançar a cabeça, dando-se por vencido. O capitão gnomo se aproximou:

-Vossas Majestades, Vossa Alteza, nosso *Vishnu* está pronto.

Todos se olharam mais uma vez em silêncio. Áxel e Anísio não pareciam saber o que dizer um ao outro ou como se cumprimentarem. Branca Coração-de-Neve resolveu o problema ao abraçar forte o príncipe de Arzallum e puxar Anísio propositadamente. O Rei bateu duas vezes nas costas do irmão e disse:

-Traga-a ainda para Arzallum. Ela será importante...

Áxel aquiesceu duas vezes, incomodado.

-Eu sei.

O estrangeiro oriental Ruggiero se aproximou. Fez uma

reverência, dizendo:

- Alteza...

E entrou na geringonça. Os servos reais que também iriam

acompanhar a comitiva entraram em seguida, levando o corcel

Bóris. Três engenheiros-gnomos acompanharam seu capitão

para a esquisita geringonça.

-Só falta você, medroso! - comentou a Rainha Branca.

-Talvez dentro da máquina - disse o príncipe. - Mas do lado de

fora, ainda falta outra.

Áxel Branford colocou dois dedos na boca e assobiou o mais

alto que pôde. As nuvens pareceram dançar em alegria com a

presença daquele bendito *chamado*. Alguns segundos se

passaram.

E então, de todo o Grande Paço, escutou-se aquele potente e

arrepicante *kiai!*

Um rastro escarlate riscou o céu de vermelho e plainou pelo

céu até descer ao seu senhor. Áxel enfim, após bastante tempo,

sorriu um pouco com a presença dela.

-Você voa conosco, querida. Afinal, você também faz parte das

*instruções* do acordo...

Ele fez um movimento e Tuhanny, a águia-dragão, subiu aos

céus berrando e anunciando sua presença a quem ainda não a

tivesse ouvido. Permaneceu no céu planando e desenhando

formas vermelhas, até que Áxel se pôs na rampa de acesso ao

*Vishnu*, e disse na direção de Anísio Branford:

-Ao menos algumas coisas continuam iguais.

Rei Anísio Branford gostou, mesmo que fosse por tão pouco tempo, de ver o irmão sorrir um pouco.

## 19

João Hanson entrou em casa. Era o quinto dia, o Dia da Terra, e o único em que podia visitar a mãe e a irmã. E, claro, a noiva. Quando entrou em casa, a mãe apenas o *escutou* entrar, pois tudo o que estava nas suas mãos (e, pelo som, presume-se que eram uma vassoura e uma pesado balde) foi jogado no chão.

-Filho! Meu filho! - ela disse, enquanto agarrava o filho sem ter mãos suficientes para tocá-lo, como se fosse ele um boneco de madeira em vez de um jovem de verdade. - Meu filho! Meu filho...

João suspirou e abraçou a mãe. Abraçava-a, mas tentava não fazê-lo *muito*. O motivo era óbvio: ele podia lembrar como era bom estar em casa. Mas não o quanto era *tão* bom.

Não considerando a vida para a qual teria de voltar naquela mesma noite, no máximo três horas após o sol se pôr.

-Oi, mãe... - ele disse, com a voz cansada.

Érika Hanson se afastou e observou melhor o filho. Está imenso! Imenso perto de dois anos atrás, aos treze anos! E está desenvolvendo músculos! O rosto de cabelos bem curtos começa a deixar a forma de adolescente e, aos poucos, a

formar o rosto de homem. E o que é isso? Até mesmo está nascendo...

-O que é isso? Barba? - ela disse, alisando o rosto do filho.

- Mãe...

E então, enquanto ainda olhava o rosto do herdeiro como se fosse uma pedra de diamante, ela começou a notar os machucados. Primeiro, havia alguns cortes. Notava-se nos supercílios e nas bochechas. Havia um hematoma abaixo do queixo. E alguns pontos roxos próximos do pescoço.

Érika tomou as mãos do filho e viu calos por todos os lados.

Havia unhas sujas e roídas. Os nós dos dedos já com cascas.

E, então, ela reparou as imensas olheiras ao redor dos olhos.

-Meu filho... - ela disse em choque. - Você tem se alimentado?

João, em um gesto ríspido, afastou as mãos e a mãe de si.

-Mãe, para! Onde está minha irmã?

A mãe ainda estava em choque. De repente, para onde ela olhava em João, via hematomas difíceis de esconder.

-Mãe!

A mãe saiu do transe.

-Ah...

-Maria, mãe! Onde está Maria?

Ela colocou a mão na cabeça.

-Ah, sim, sua irmã foi fazer compras na feira de Andreanne!

Eu disse a ela o que precisava para fazer o seu almoço, e elas foram comprar!

- "Elas"?

- Você acha que Ariane deixaria de ir?

João sorriu. A mãe também gostaria de ter sorrido, mas ainda só via hematomas no seu eterno menino.

- Como elas estão?

- Quem?

- As duas, né, mãe? Como elas estão?

- Ah... sim. Ora, lindas, né? Como sempre. Ariane está prestes a fazer quinze anos! Sua irmã já é uma mulher formada com dezessete, só que está mais magrinha do que eu gostaria, afinal, nós sabemos que ela anda triste, né? E, apesar de personalidades inteiramente opostas, nós dois sabemos que jóia são as duas.

João sentou-se em uma rede. Ainda sorria.

- É verdade. - E então de repente ergueu-se de súbito. - E por acaso existe algum vagabundo rondando...

- Não, não, meu filho! Nenhum *vagabundo*...

E João Hanson deixou o corpo deitar novamente, fechando os olhos e dizendo:

- Menos mal... menos mal.

Erika Hanson observava o filho e encantou-se ao ver como cada vez mais ele se parecia com seu falecido marido.

*Você quer me dizer que estava perambulando até essa hora com um... vagabundo?*

As preocupações e autoridade transferidas. A responsabilidade

familiar herdada. Até mesmo o *termo*, pelo Criador, até o mesmo termo do pai era utilizado agora pelo filho. No pescoço, já quase adormecido, ela reparou no *cordão de compromisso*, formado pelo pedaço de uma árvore. O mesmo cordão que Ariane Narin utilizava ao redor do dela. No dedo, o anel de lenhador que representava a metade de uma alma gêmea. O patriarca daquele clã, Hígor Hanson, havia dado o seu para ela. João Hanson havia surpreendido e dado o seu para a irmã, representando uma união que havia sobrevivido a uma bruxa canibal e a um Tribunal de Arthur.

-Mãe... - ele disse ainda com os olhos fechados. - Você se incomodaria se eu dormisse um pouco enquanto as duas não retornam para o almoço?

- Claro que não, meu filho.

E Érika Hanson ficou olhando o filho adormecido e, ao olhar o próprio anel de lenhador, lágrimas se formaram. Estivesse em que plano estivesse, com certeza o marido estava orgulhoso daquele garoto. O garoto *deles*. O garoto capaz de se tornar homem no momento em que a família precisava dele. Por muito tempo, ela ainda ficou ali observando a cria, sem sair do lugar. E limpando lágrimas que limpavam corações. Se alguém tentasse convencê-la de que havia algo no prometido Reino de Mantaquim após a morte mais valioso do que um momento como aquele, ela não acreditaria jamais. Talvez por isso, ainda que ali sozinha e em silêncio, Érika Hanson tenha

rezado.

Mas não uma reza de proteção ou algo do tipo. A vontade de falar com seu Criador e com seus semideuses naquele momento era apenas para agradecer uma vez mais. E somente agradecer.

Naquele momento de rara sensibilidade, Érika Hanson queria apenas agradecer a todos que lhe davam vida por permitir-lhe ser mãe.

Por apenas isso.

**20**

O gigante-mensageiro parou diante da figura do general militar. Estava em Minotaurus, a nação que amava a guerra e amava o Imperador que a comandava para a guerra.

E a nação que odiava Arzallum.

O mensageiro que ali estava media três metros e catorze e era um dos *menores* do Reino de onde vinha. Um pergaminho escrito na língua ativa havia sido lido por Ferrabrás e sua expressão era a de quem se pega analisando uma agradável surpresa.

- Então Brobdingnag está com o garoto?

O gigante-mensageiro aquiesceu. Até aquele momento, Ferrabrás ainda não sabia dizer se o gigantesco sabia falar ou não. - E Arzallum já sabe?

O gigante meneou a cabeça negativamente. O Imperador de Minotaurus abriu um largo sorriso de prazer.

Maria Hanson havia acabado de fazer suas compras e estava com uma cesta abarrotada de frutas, legumes e determinados mantimentos que sempre lhe foram caros demais para escolher, como pimentas, vinagres e especiarias à base de óleos vegetais. Ao seu lado, Ariane Narin, além de não parar de falar (óbvio), excitada com o futuro almoço e encontro que teria com o namorado, esbanjava simpatia com as pessoas, orgulhosa de ser a *noiva prometida* (escutaram direito?) de um *futuro cavaleiro* (escutaram direito *mesmo*, ou querem que eu escreva?).

As duas já eram verdadeiras celebridades em Andreeanne, ainda que vivessem vidas simples, chamando a atenção do povo por onde passassem, fruto da fama dos episódios macabros do passado e, claro, do fato de que, quisessem as más-línguas ou não deturparem o fato, Maria Hanson seria para sempre *a plebéia que conquistou o coração do príncipe*.

Logo, o tempo passou e as duas se acostumaram com aquilo.

Não por completo, mas o suficiente para não perderem a naturalidade. Maria era tímida e educada; Ariane era agitada e sincera; as duas acabavam exemplos de simpatia em pontos extremos. Logo, com exceção das tais citadas más-línguas, as pessoas gostavam das duas. E os sobrenomes daquelas famílias cada vez mais ganhavam um status que nunca haviam possuído. Logo, aquele dia particularmente havia começado

como um grande dia.

Até que Ariane Narin avistou Hector Farmer e Paulo Costard, os dois maiores inimigos de João Hanson, aproximando-se.

-Curioso como uma família que passava fome no dia anterior de repente compra temperos no dia seguinte... - sussurrou o naquele ano ainda mais obeso Hector Farmer.

-Esta deve ser mesmo a terra das oportunidades... - debochou Paulo Costard. Ambos haviam aprendido aquele termo, *terra das oportunidades*, nas aulas da própria Maria Hanson.

Ariane, como sempre, fechou a expressão na hora, franziu a testa, tremeu o nariz e apertou os olhos. Mas foi Maria quem tomou a palavra:

-Farmer, tenha respeito pelas pessoas. Já lhe avisei uma vez que não sou uma de suas amigas; mas agora uma professora da Escola Real.

-Eu não me referia a você, senhora... digo... *senhorita* Hanson - continuou o debochado Farmer. - Eu me referia à *senhorita* Narin.

-Ei, Farmer... - acrescentou Costard - ... em breve, a *senhorita* Narin *também* vai se tornar uma *senhorita* Hanson. Talvez seja por isso que você tenha ofendido a outra *senhorita* Hanson.

-Oh, é verdade. Desculpem-me, *senhoritas* Hanson. Eu havia esquecido que ambas estão para se tornar sangue do mesmo frasco...

As duas fecharam ainda mais a expressão. Aquele termo

"sangue do mesmo frasco" era um termo pejorativo usado por caçadores para as bruxas de pior espécie, que faziam parte de um mesmo clã sombrio. Ariane queria dizer alguma coisa entre dentes trincados, mas só conseguia acumular raiva, feito uma panela de pressão.

Maria continuou:

-Farmer, eu vou ter de repetir que...

-Que "não é minha amiga", que é "minha professora" e o "nhé-nhé-nhé" de sempre! E eu vou ter de repetir que não estava falando com você! Além do mais, você não é mais minha professora!

-E o que acontece quando se é expulso de uma escola! - disse Ariane entre dentes trincados.

-Ih, ô mosquito gripado, fica na sua aí! - disse Farmer. - Vai procurar um cavalo pra picar...

-E verdade. Sabe o quanto eu tive de escutar do meu pai por ter sido expulso da Escola Real? - esbravejou Costard. - Eu apanhei de cinta! Eu nunca tinha apanhado e apanhei de cinta por causa de vocês!

-Você não acha que foi pouco para quem colocou três vidas sob risco de morte com uma vingança sem limite? - elevou a voz Maria.

-Além do mais, você já tinha apanhado antes quando o João quebrou a sua cara... - disse Ariane, com desdém, como se fizesse o comentário mais óbvio do mundo.

Foi a vez de Paulo Costard trincar os dentes. Hector Farmer então emendou:

-Ei, ei, pega leve, tá legal? A gente já falou que não sabia que aquilo tudo ia acontecer! A gente só queria devolver o que o Hanson fez! A gente não sabia que iam querer *matar* ele.

Paulo Costard, que mal havia escutado o que Hector Farmer havia dito, emendou ainda dentre raiva contraída:

-Falando nisso, como *ele* está? Ele ainda se lamenta por saber que a primeira língua que você conheceu na vida foi a minha?

Ariane botou as mãos na cintura e empinou o nariz, dizendo:

-Não, ele não está preocupado com isso não, sabe por quê?

Porque ele já me ensinou como é um beijo de língua de

verdade! Aí eu vi como antes eu estava nas trevas da

ignorância! - Paulo Costard ficou danado... e, para deixá-lo

pior de vez, Ariane emendou com seu jeito *dócil*: - E pode

deixar que eu já fiz questão de espalhar para as meninas *da*

*cidade inteira* (e olha que, se falávamos de Ariane, isso não

era lá muito exagero...) o quanto você é ruim nisso, para que

nenhuma delas precise passar pelo mesmo infortúnio que eu..

Paulo Costard abriu a boca, ofendido e chocado. Todo homem

sabe que uma fofoca sobre meninos na boca de grupos de

meninas corre feito vento e marca por vidas inteiras.

-Sua... sua... - Costard chegava a tremer o maxilar.

-Ei, não precisa agradecer! - sorriu a jovem Narin. - Eu adoro fazer caridade...

Maria não aguentou (juro que até tentou, mas não teve jeito) e sorriu. O sorriso irritou *ainda mais* os dois. Mas, quando Farmer ia dizer algo novamente, Ariane virou-se para ele e finalizou:

-Quanto a você, Farmer, eu nem precisei ter trabalho! Afinal, a sua fama de *veadinho cute-cute* já repercute até além de Arzallum...

Hector Farmer *apertou* o braço de Ariane, cego pelo ódio que inflava o ego com o *maldito* apelido. A cegueira era tanta, que ele chegou a armar um tapa.

Aqui entre nós: talvez aquilo tudo fosse apenas uma insanidade temporária, que seria recuperada no segundo seguinte; *talvez* Hector Farmer tenha armado aquela pose apenas como forma de assustar e parecer grande em alguma coisa, já que era uma pessoa sem atrativos físicos ou intelectuais para o fazer sem violência ou menosprezo a outros melhores.

Mas o fato é que ele armou aquele tapa, fosse, hipoteticamente, até o fim com aquilo tudo ou não.

E isso mudou tudo.

-Sua... sua maldita...

Hector Farmer sentiu três dedos se DOBRAREM violentamente para trás, obrigando-o a torcer o próprio punho e a se ajoelhar para evitar maior estrago.

Chegou a gritar.

Foi tudo tão rápido, que até as pessoas ao redor e os próprios envolvidos demoraram para entender o que estava acontecendo. O fato era que um rapaz moreno de não mais que dezenove anos, forte e com uma máscara que lhe cobria os olhos, além de um chapéu nobre imenso para sua própria cabeça, colocava Farmer de joelhos com uma mão só.

-Ei! - disse Paulo Costard, apenas *ameaçando* avançar sobre o rapaz.

E, de um segundo para o outro, uma espada lhe estava apontada na garganta.

Era uma espada fina, desses floretes criados no Reino de Mosquete, e utilizada pela guarda de lá. E assim a cena permaneceu: um rapaz que parecia ter saído de um quadro montando outro. Com uma das mãos, ele tinha Hector Farmer de joelhos, chorando de dor. Com a outra, um florete apontado para a garganta de Paulo Costard.

-Você... - ele disse na direção do assustado Paulo Costard, paralisado pelo medo de se mexer -... apresente suas desculpas...

Paulo Costard ainda era choque. O rapaz bateu com o lado da lâmina no rosto dele, trazendo-o de volta a Nova Ether.

-Suas desculpas...

-Eu... - e então Costard piscou várias vezes, deu-se conta da situação e disse: - Senhoras... quero dizer, senhoritas Hanson... -

reparou que dessa vez *não* tem deboche no termo? - ...peço  
sinceras desculpas pelo meu comportamento e de meu amigo  
presente.

As pessoas ao redor começaram a rir. O rapaz, porém, não  
parecia satisfeito.

-Certo! Agora fale bem alto pra todo mundo escutar!

-O quê? - o garoto perguntou alto!

-Diz alto pra todo mundo escutar: "eu sou otário!"- era  
engraçado que aquele termo era muito, muito pouco utilizado  
pela nobreza, de onde aquele rapaz parecia vir. - "Eu sou  
estúpido, eu sou pior que um ogro e não sei tratar uma dama!"

Vamos, alto...

Maria e Ariane se olharam. Inicialmente, estavam um pouco  
chocadas com a violência inicial da cena, mas agora, naquele  
momento, quer saber? Elas estavam começando a adorar  
aquilo...

-Eu... eu... eu *não* vou dizer isso!

-Se você não disser, na primeira vez, eu vou dobrar os dedos  
do seu amigo tão forte, que ele vai começar a chorar de dor!

Na segunda, eu vou fazer um talo no seu rosto que vai  
demorar a cicatrizar e vai fazê-lo lembrar por muito tempo  
que o ganhou por não ter dito o que devia!

-Quem você pensa que é para...

Os dedos de Hector Farmer foram dobrados para trás ainda  
mais, e o menino GRITOU, a ponto de começar a chorar

humilhado.

Paulo Costard ficou mais branco do que já era quando a lâmina daquela espada tremulou. E começou a gritar com voz de garça e pernas bambas:

- *Eu sou um otário! Eu sou um otário!*

-E o que mais?

-E... e...

-Lembra? Estúpido... ogro...

- *E sou estúpido e... e pior que um ogro porque não sei tratar mulher!*

Desnecessário dizer que o povo ao redor começou não apenas a rir mas a verdadeiramente gargalhar com a cena mais ridícula da semana. O rapaz virou-se ainda para as duas e disse:

-Senhoritas... há algo que ele se esqueceu de dizer?

Maria já estava balançando a cabeça negativamente, com o intuito de acabar com tudo aquilo e liberar os dois, quando Ariane *lhe tomou a frente* e disse:

-É, e pode ir dizendo também: "eu beijo mal que nem um sapo!". É, pode ir dizendo...

Paulo Costard arregalou os olhos. A lâmina do florete foi virada de lado e começou a *lhe cortar a pele*, até que ele gritou:

-*Eu... eu beijo mal...*

-O sapo... o sapo... - balançou o dedo, Ariane.

- *Que... que nem um sapo!*

-E eu fico mexendo a boca... - e Ariane começou a fazer rir o povo ao redor, abrindo e fechando a boca com os dois lábios esticados em uma cena absurdamente surreal -... e fazendo um monte de bico esquisito, igual um peixe!

-E... - o estômago de Paulo Costard fervendo... - E eu mexo a boca que nem um peixe...

-Ariane... - Maria tocou o ombro da menina com o intuito de terminar aquele show. Ariane tirou a mão dela sem nem olhar pra trás, dizendo:

-Peraí, que eu já tô acabando! - o rapaz dos olhos azuis era só sorriso. Ariane finalizou: - E diz também: eu sou pior que o *veadinho cute-cute!* Porque eu sou o *amigo* do *veadinho cute-cute!*

Hector *tentou* dizer alguma coisa, mas voltou a gritar de dor com os dedos pressionados. Paulo Costard fechou a cara, desta vez, sem se importar com a lâmina encostada em seu rosto:

-Eu não digo isso mesmo, sua anã de jardim, sangue de uma...

A lâmina cortou, e o garoto GRITOU!

Até as duas meninas se assustaram. O povo ao redor também, embora ninguém tenha condenado a atitude. Os dedos de Hector foram liberados, e ele ergueu-se com dificuldade, segurando a mão machucada.

Já Paulo Costard tocou no rosto e, quando viu o próprio sangue na mão, provocado pelo talo acima do queixo,

arregalou os olhos como diante do fim do mundo.

-Seu... seu... você é um homem morto, me escutou? Morto!

Você sabe quem é meu pai, seu...

-Você sabe quem é o meu?

O rapaz retirou o chapéu. E então retirou a máscara, revelando olhos azuis tão límpidos, que era possível uma pessoa pentear o cabelo com o reflexo neles.

Paulo Costard continuou com os olhos arregalados. Ariane e Maria, e mais todo o povo ao redor, só então se deram conta de quem aquele jovem era.

-Vocês dois, podem dar o fora daqui...

Hector Farmer e Paulo Costard, dentre silêncios e olhares contraídos, retiraram-se, como sempre, dizendo muito mais nas expressões de rancor do que nas palavras que não eram ditas.

O jovem, quando se virou para as duas, escutou Ariane dizer:

-Você é o mais novo, não é? O mais jovem da família...

-Sim, eu sou o filho de Don Antônio Garibaldi!

-Você é Juan De Marco... - disse uma Maria já perdendo a voz.

-E a senhorita é Maria Hanson... - ele respondeu, para parar de vez o coração dela.

Ariane olhou aquele rapaz moreno de estatura mediana, forte, espadachim e de olhos azuis brilhantes e comentou baixo para si própria:

-Não, parei! Tô passada já...

Como Maria não dizia nada, Juan intercedeu:

-Algum problema, senhorita Hanson?

-Não, não! Nada, claro que não. É que eu só estava pensando...

-Diga, por favor.

-É que... sabe... não é nada de mais...

-Então, não há problema em dizer! - a voz dele era baixa, melodiosa, um pouco rouca. O tipo de voz que uma mulher adora escutar ao pé do ouvido.

-É que, sabe, você não precisava ter feito aquilo...

-A defesa da honra de duas damas?

-O corte no rosto dele.

-Sim, era óbvio que eu precisava - disse o jovem De Marco, com uma expressão de quem falava *sério*. - Eu não *gostaria* de ter feito, é verdade, mas precisava.

-E por quê?

-Porque eu *havia dito* a ele que o faria, se ele se recusasse pela segunda vez. E ele se recusou por duas vezes. Se eu não o fizesse, seria um homem sem palavra. E a palavra de um homem é o que ele tem de mais valoroso. Não concorda, senhorita?

E enquanto Ariane Narin ficava se abanando com expressões engraçadas ("ai, tá um calor aqui hoje, né?"), Maria curiosamente se lembrava de algumas palavras próprias, sopradas ao vento há tempos.

*Pois então o que ainda estamos fazendo aqui parados? Eu li*

*que hoje seria a noite mais agradável que pudesse oferecer e*

*penso que um príncipe sempre cumpre sua palavra.*

Maria Hanson começou a achar os rumos daquela conversa até que bem interessantes.

21

- Qual o seu problema agora?

Snail Galford estava arremessando pequenas facas em um alvo, quando escutou a pergunta de alguém se aproximando atrás de si. A voz era de uma garota.

E o nome dela é Liriel.

-Por que acha que eu tenho algum problema?

-Pelas facas.

-Eu sempre arremesso facas.

-Mas, quando está com problemas ou incomodado com alguma coisa, você *erra*.

A pequena faca girou na direção do alvo. E acertou *ao lado* do alvo do meio.

-Você me desconcentrou.

-Foi o *terceiro* tiro errado.

-Você estava me desconcentrando há mais tempo...

-Você nem percebeu eu me aproximar.

-O que *diabos* você quer que eu diga, Gabbiani?

-O que quiser me dizer.

Snail abaixou as facas. Era um fato: estava incomodado.

Olhou para ela de lado, como se a menina fosse alguma

espécie de alienígena canibal. E suspirou.

-Eu não quero ouvir sermão seu.

-Para isso eu teria de lhe censurar.

-E eu não vou correr o risco.

-Então é algo que tem consciência que eu não vou concordar?

-Talvez.

-Por que não tenta, se lhe falta a certeza?

-Porque a dúvida já me é suficiente. Liriel sorriu e cruzou os braços.

-Está certo; continue atirando as facas então.

Snail deu de ombros e armou mais uma delas para lançar. De repente, sentiu-se incomodado (de novo), balançou-se um pouco e abaixou a faca, virando-se para ela:

-Você vai ficar aí em pé me olhando?

-Vou.

-Eu tô com um olho pintado na testa por acaso?

-Eu quero ver você *errar*.

-Eu não vou errar.

- *Então prove.*

Snail balançou a cabeça, ergueu a pequena faca e arremessou!

A lâmina girou e girou e girou e se CRAVOU *ao lado* do alvo central.

-Você *mexeu* a faca!

-Deixe de ser ridículo...

-O tiro foi perfeito! Você mexeu *sim* na trajetória!

-E por que eu faria isso?

-Para me ver errar.

-Com que intuito?

-Fazer com que eu fale o que você está doida pra saber.

-Nossa, eu seria muito *manipuladora* se fizesse um negócio desses, não concorda?

-Mas você é.

-Vindo de alguém como você, eu deveria me sentir ofendida ou orgulhosa?

-Vindo de alguém *da minha laia*?

Ela sorriu. Aqui entre nós, sei que não parece *tanto*, mas até que eles gostavam um do outro.

-Está certo, eu vou me virar de costas para provar a você, ok? - e ela se virou. E colocou as mãos em cima dos olhos fechados.

- Só escuridão! Arremessa!

Snail ficou observando ainda alguns segundos, e Liriel não se mexeu. Ergueu a faca, resabiado. E arremessou!

A faca cravou no alvo. Mais uma vez fora do centro.

-E agora? Fui eu que *desviei*?

-Você continua me *desconcentrando* parada aí; me vigiando como se fosse um cavaleiro da Guarda Real!

-Você anda tendo problemas com a Guarda Real?

-Ah, não enche meu saco, Gabbiani! Parece até uma maldita *caloura* aprendendo a investigar esconderijos de bruxas!

-Está certo. Nem estou mais aqui...

Liriel caminhou com seu jeito felino até um balanço enferrujado, deu um salto e sentou-se de cócoras como se aquela posição fosse a mais confortável do mundo para uma pessoa se sentar em um balanço enferrujado. Estavam do lado de fora de um abrigo de Stallia, próximo ao cais, que estava servindo de morada para Snail e seus adolescentes órfãos.

-Mas sabe que ainda não entendo? Você começou como um ladrãozinho pé de chinelo, trabalhando para o pior pirata mercenário dos últimos tempos! Conseguiu se tornar agente duplo da Coroa, passar a perna no tal pirata, convocar um exército de seguidores adolescentes, ajudar Robert de Locksley a fazer História e libertar Sherwood, se tornar rastreador urbano e patrulheiro do porto de Stallia... Aonde mais você quer chegar, Galford?

Snail foi na direção de um cesta de chocolates que havia deixado próximo de si.

-É, falando assim eu deveria estar *satisfeito*, não é?

Ele esticou a mão para pegar uma das barras de chocolate. A barra *saltou* da mão dele para a de Liriel em um piscar.

-E, deveria... - ela disse, com a boca cheia.

Ele olhou para ela de lado, sem saber se ignorava ou pagava-lhe um esporro. A segunda opção não lhe pareceu que iria alterar muita coisa.

-Mas quer saber? - ela continuou. - Você fica *um saco* quando satisfeito!

Ele virou-se realmente surpreso. E mordeu uma das barras doces.

-É mesmo?

-Sim. Você sempre tem ótimas ideias, apenas tem sempre dificuldade em colocá-las em prática. Na verdade, só sobreviveu até hoje porque tem um incrível dom de improvisar e se adaptar às piores situações...

-Vindo de alguém como você, vou considerar elogio.

Ela mostrou a língua para ele.

-Já eu, tenho dificuldade com improvisos. Mas sou ótima para fazer planejamentos minuciosos e prevenir situações hipotéticas...

-Eu sei. O que também lhe teria levado à morte diante de um assassino pintado de palhaço, que surgiu de repente.

-Um assassino que foi me matar por sua causa!

-E que eu lhe avisei anteriormente para que a senhorita pudesse *prevenir uma situação hipotética*...

-Você acabou com o meu nome para livrar seu traseiro!

- *Talvez* porque a senhorita tenha me tomado uma jóia que eu fora contratado para buscar!

-E eu também!

-E você a tirou de mim de maneira desonesta até para o *código de ladrões*!

-Você me atacou com facas!

-Ah, desculpe se não tenho *poderes sobrenaturais*! Se os

tivesse, talvez não precisasse apelar para violência, ok?

Liriel se calou e emburrou a expressão facial, ofendida.

Perdera o pai assassinado quando jovem e adquirira então

aversão à violência. Era uma ladra competente, nascera

*tocada* com um dom e era uma excelente ginasta; mas

inteiramente incapaz de encarar um confronto de qualquer

espécie, muito menos reagir a um.

Snail também sabia disso.

O difícil era dizer apenas se se arrependera ou não das últimas

palavras. De qualquer forma, ele disse, *parecendo* que sim:

-Ei, no fim das contas nós ficamos quites, não ficamos? Eu

matei o palhaço *antes* que ele a matasse, não foi?

-E eu *mexi* aquelas malditas flechas antes que elas perfurassem  
você...

-Você fez muito mais do que isso, Gabbiani. Ali, a minha vida  
não era importante; havia centenas ao nosso redor melhores do  
que eu. E aquelas flechas iriam matar a mais importante de  
todas nós naquele momento...

Liriel não comentou. Snail armou mais uma de suas facas e a  
arremessou!

A lâmina caminhou girando e girando e girando, e era notável  
que erraria seu alvo central.

Mas, de repente, cravou-se certo!

-Quando quiser me contar seu problema, sabe onde me encon-  
trar, *sócio*. - Uma das mãos dela estava esticada.

Em um salto, Liriel Gabbiani desceu do balanço enferrujado e caminhou de costas.

Snail Galford a observou partir, já sem facas nas mãos. Ele deveria ir até o alvo e retirar uma a uma novamente, como espinhos sendo retirados da boca de um pobre cão que mordera um ouriço. Entretanto, perdera a vontade de continuar atirando facas, ou de descobrir se estava errando por incompetência, por manipulação ou incômodo.

*Você sempre tem ótimas idéias, apenas tem sempre dificuldade em colocá-las em prática.*

Era verdade. E estava na hora de colocar aquilo à prova mais uma vez.

22

Um homem chegara a Andreeanne montado em um burro cansado. Vestia roupas que lembravam quase farrapos de tão desgastadas, tinha piolhos e barbas crescidas, suor em excesso e o corpo magro e esgotado. O sol castigava a pele, e havia olheiras enormes ao redor dos olhos. Olheiras de quem dormia pouco.

Olheiras de quem chorara muito.

Chegara à entrada do Grande Paço, apresentou-se como Gildrig Spriggins e sentiu uma pontada de esperança no coração, de que tudo acabaria bem, por mais difícil que fosse enxergar *como*. Essa pontada se tornou de dor logo que percebeu que soldados reais não o deixariam entrar tão fácil

em um local como aquele.

Nada, contudo, que já não lhe fosse esperado.

-Eu... preciso falar com Rei Branford... - disse o viajante cansado.

-Todos precisam - respondeu o soldado responsável pelo turno.

-Rei Branford é um bom Rei. Ele...

-E também um Rei ocupado.

- Você não entende, filho...

-Não, é o senhor quem não entende. Acaso o senhor já

imaginou se cada cidadão de Nova Ether que chegar a estes

portões com o mesmo intuito, como chegam, for recebido pelo

Rei? Não sobrar tempo a ele para governar a nação... - o

soldado olhava as roupas e aparência do estranho e se sentia

mal. O cheiro de suor que vinha do esfarrapado estava forte, e

o soldado estava ansioso para se livrar daquela situação.

O esfarrapado reparou na insígnia dele.

-Eu vim de muito longe, sargento. Você usa um cordão de

aliança no pescoço, imagino que já deva ter um filho lhe

esperando nos braços de uma jovem...

-Uma filha, senhor Spriggins.

-O *meu* filho foi sequestrado. Você, como pai, consegue

compreender meu desespero, sargento?

O soldado real arregalou os olhos, tentando entender se estava

diante de uma verdade ou um blefe.

-Senhor, posso perguntar por que não procurou a Guarda Real?

O esfarrapado vacilou. Era o tipo de coisa que gostaria de dizer ao Rei, não a um subordinado. Mas, como ninguém chega a um Rei sem passar por outros no caminho, aquilo teria de ser dito antes a muitas pessoas.

-Porque ele foi levado para os Reinos Maiores, sargento...

O soldado arregalou os olhos ainda mais. Aquilo *tinha* de ser um blefe. *Tinha* de ser um blefe.

-Senhor... - Uma pausa. Temerosa. -... está me dizendo que uma criança arzallina está, neste momento, contrariando o *Pacto de Swift*, sendo mantida refém em Brobdingnag?

O senhor aquiesceu. E era possível ver *quase* lágrimas nascendo nos olhos arroxeados.

-Que o Criador tenha piedade... - sussurrou o soldado. E virou-se para o subalterno mais próximo. - Soldado, vá chamar a capitã. Se este homem convencer a ela de que está falando a verdade, nosso Rei terá ainda hoje uma decisão das mais sombrias a tomar...

O pior é que o sargento estava certo.

**23**

O *Vishnu* cortava os céus de uma maneira pendular, feito o vôo de um besouro.

Era barulhento e era preciso cinco homens - ou gnomos - para comandar aquela máquina. Na parte de dentro, entre metais e fios que se ligavam a um painel incandescente, havia

determinados apetrechos que eram importantes para o conjunto de funcionamento daquela máquina impressionante.

Áxel Branford observava bem o que acontecia e, ao seu lado, o guerreiro oriental e então capitão dos Cavaleiros de Helsing, Ruggiero, ajudava-o a compreender aquela realidade que a mente ainda estava aprendendo a conceber.

-Vê: no painel haver três deles. Um comandar velocidade e potência do *Vishnu* para a frente. Outro comandar para cima e para baixo. - Era verdade. Os dois gnomos das pontas ficavam o tempo inteiro preocupados com uma alavanca em cada mão, com as quais estavam o tempo inteiro ministrando movimentos em direções opostas e proporções mínimas.

-E o terceiro?

-Ser o grande capitão. Aquele que ficar com bússola e mapa, enquanto calcular tempo e comandar os outros dois.

O terceiro gnomo, capitão e piloto-mestre, ficava à frente do painel, observando pelo vidro o lado de fora, com um mapa-múndi ao lado, repleto de réguas e cálculos geométricos e matemáticos.

-E os outros dois? - perguntou o príncipe.

-Aquele na janela ser o navegador-mestre! - Ruggiero apontou para um gnomo ao lado de uma janela pequena. O gnomo estava com uma bola de ferro na mão, que lembrava uma bússola um pouco diferente das utilizadas no Ocaso. E mantinha do lado de fora da janela um sistema de pêndulo,

cujo pequeno mastro, com uma bola de ferro que se projetava para dentro, balançava cada vez mais agitado, de acordo com o atrito com sua contraparte e o vento do lado de fora. - Pela vibração daquele mecanismo, ele conseguiu saber em que velocidade estamos e informar ao capitão a cada variação, para ele manter seus cálculos. Também possui uma bússola para ajudar na orientação cardeal, se solicitado.

-Complexo...

Áxel reparou melhor e notou que o capitão à frente do painel mantinha pequenos alfinetes, que ia colocando e marcando no mapa-múndi um trajeto, conforme o *Vishnu* passava pelos locais. De acordo com a velocidade do vento, ele calculava, ali na hora, com uma mente de raciocínio espantoso, quanto tempo levariam ainda para percorrer seus destinos.

-E o quinto?

-Ele cuidar da aterrissagem.

-Como assim?

-Ele soltar o mecanismo de impacto e liberar as rodas que sustentam em terra e correm com tudo isso. Além disso, enquanto estarmos em voo, é ele quem cuidar do suporte de todo mecanismo aqui dentro, vedando locais, cobrindo vazamentos e auxiliando os outros quatro na navegação por ar.

Áxel observou o quinto gnomo, naquele momento, entretido com um fio que metros à frente se conectava ao lado vermelho do painel aceso.

-O que ele está fazendo neste momento?

-Provavelmente fio de cobre estar com alguma falha. Ele está cobrindo para impedir vazamento.

-O que corre por esses fios?

-Magia.

Áxel engoliu em seco.

Ainda ali dentro, o *Vishnu* carregava o corcel Bóris, devidamente quieto em seu canto como se esperaria de um animal bem adestrado, e dois servos reais. Um escovava o pelo; outro, alimentava o cavalo. Mas o mais impressionante era aquela geringonça carregar não apenas seu próprio peso no ar como também o peso extra ali presente.

Áxel passava a mão pelo rosto vez ou outra, limpando um suor que não havia mais. Era um fato: estava nervoso.

Estava extremamente nervoso.

-Ah, se não for tomar como incômodo, gostaria de lhe fazer uma consulta... - disse o príncipe.

-Eu agradecer em ser útil.

Áxel tirou do bolso o frasco com o líquido avermelhado que retirara do quarto de Anísio Branford. Entregou ao oriental e perguntou:

-Por algum acaso, saberia me dizer o que é isso?

Ruggiero segurou o frasco e o ergueu acima dos olhos.

Balançou o vidro um pouco e concentrou-se naquela cor.

-Onde conseguir isso?

Áxel continuou observando-o, sem dizer nada. Entendendo o recado, Ruggiero apenas retirou a tampa do frasco e o cheirou.

O aroma era doce.

-E *downer* - concluiu o oriental.

-E você sabe para que serve?

-Em algumas culturas, servir como veneno em longo prazo.

Em outras, como contraveneno em curto prazo.

O oriental esticou o frasco de volta ao príncipe. Áxel o recusou.

-Por favor, quando retornar, dê o frasco a Anísio. Diga a ele que ele o havia perdido, mas que ainda bem que possui um irmão que encontra coisas...

Ruggiero ficou em silêncio. E então aquiesceu.

-Eu o fazer, Vossa Alteza.

Áxel voltou a atenção a toda aquela geringonça metálica ao redor. Prestou maior atenção ao barulho que faziam determinadas hélices do lado de fora. Pensou em Maria Hanson, e depois pensou em tentar esquecê-la.

Era um saco admitir isto, mas como estava nervoso!

-Como é, Ruggiero? - ele perguntou, na tentativa de que um devaneio distraísse sua mente. - Me fale sobre essa sensação de sair da normalidade que acredita e embarcar por um Destino que acredita ter sido traçado até terras difíceis de se imaginar diante de seu conceito próprio de realidade...

-Ser fascinante. Pois tocar em mesmos planos que semi-

deuses.

-O que quer dizer?

-Semideuses fazer isso o tempo inteiro. Eles ser capazes de tocar em terras além do próprio conceito de realidade.

-É óbvio - resmungou o príncipe, sem muita paciência. - Por isso, têm essências divinas. Por isso, eles são semi-deuses; e nós, humanos.

-Mas eles nos dar imaginação, não?

-E em que isso nos aproxima deles?

-Toda imaginação ser uma forma de criação.

-Estou em dúvida se o entendo. - Um recesso pensativo. - Você quer dizer que nós podemos ser semideuses de uma criação nossa?

-Se nós der vida a ela, sim.

-E esta vida que criarmos pode se expandir até que ela própria tenha sua própria imaginação?

-Compreender...

-Então estaríamos criando coisas que sairiam de nosso domínio...

-Sim, porque ganhar vida própria. E com isso gerar universo próprio.

Áxel começou a ponderar sobre aquilo. Imaginou o que o oriental estava propondo. Imaginou diversas criações, que geravam diversas criações, que geravam diversas criações, em uma infinita criação e recriação de universos.

Aquilo parecia o princípio do próprio fantástico.

-Então semi-deuses seriam criações de deuses acima deles, que seriam criações de sabe-se lá que forças que lhes deram vida.

-Sim.

-E onde estaria o início de tudo isso?

-Aí é que está. Não haver início. Nem haver fim.

Simplesmente há o que sempre existiu, e criamos o que sempre existirá.

-É impossível para o raciocínio humano aceitar algo sem início, Ruggiero!

-Por isso, não sermos deuses nem semideuses. Nossa mente ser limitada para compreender tal mecanismo.

-Mas, ainda assim é fascinante seu raciocínio como teoria para a vida. Criações que geram criações, a ponto de ganharem existência independente de seus criadores...

Ruggiero sorriu seu típico riso satisfeito.

-Sim, ser isto o princípio da fantasia. Logo, isto tudo aqui nesta máquina inicialmente ser criação de semi-deuses. Mas, hoje, já possuir vida própria. - E então ele encostou a cabeça na parede do banco onde ambos estavam sentados e fechou os olhos. - Por isso lhe afirmar que não ter medo, mas fascínio por seu dharma. Por tocar no mesmo poder que semi-deuses possuem.

Áxel voltou a limpar o suor que não havia no rosto. Até que

estava começando a ficar um pouco mais tranquilo para o que teria de fazer.

-Vossa Alteza, chegaremos ao destino traçado em pouco menos de quatro horas...

Mentira, ele continuava nervoso. Áxel Branford continuava extremamente nervoso.

**24**

- Aaaah! - É sim, era Ariane Narin encontrando João Hanson.

A garota simplesmente se debruçou sobre o pescoço do garoto, e foi isso. Os dois ficaram ali, quietos, abraçados como um único corpo durante muito tempo. Como um único ser. Como um único coração.

Quando eles se afastaram, as testas se uniram e João disse dentre um sorriso de lábios próximos:

-Oi, Ariane...

-Tipo... eu tava com saudade... sabe... assim ó... - e ela aproximou o polegar do indicador, como se fosse uma saudade bem pequena.

João Hanson sorriu. Um riso desarmado, do tipo que um homem sorri diante de uma mulher que consegue dele o que quiser, simplesmente porque existe.

Ele a pegou pelo pescoço e já ia arrastando-a na direção de Maria para cumprimentá-la, quando mudou a expressão, aproximando as sobrancelhas...

-E o *senhor*, quem é? - perguntou seco.

-Ah, desculpe por não me apresentar antes, senhor Hanson. -

Repare que não há nenhuma ironia no termo. João Hanson realmente havia se tornado o *senhor* daquela casa. - Eu sou Juan De Marco e estava apenas acompanhando suas senhoritas até esta casa em segurança...

-Poderia perguntar que motivos eu teria para compreender tamanha cautela de sua parte, senhor De Marco? - perguntou João, com uma segurança que chegava a assustar. Maria Hanson olhava para o irmão boquiaberta, sem saber se estava diante do filho ou do falecido pai.

-João... - cortou Ariane -... o senhor De Marco defendeu a nossa honra lá no mercado...

João olhou para ela, extremamente surpreso.

-E por que diabos o *senhor De Marco* teve de fazer isso, Ariane? - Acaso alguém reparou na ênfase do... bom.

-Dois nomes pra você! - disse Maria, enfim. - Hector Farmer e Paulo Costard.

João trincou os dentes. E apertou os olhos. Aquela expressão, que já estava se tornando clássica, *também* assustava.

-Desgraçados...

-Ei, não se preocupe, João! O senhor De Marco colocou o Farmer de joelhos chorando que nem bebê e fez o Costard gritar pra rua toda que era um idiota! Ele levou até um talo na cara quando quis se recusar! E eu ainda contei pra todo mundo

que ele beija mal feito um sap...! - e então Ariane se calou

abruptamente, colocou a mão na boca e olhou para cima e para todos os lados como se nada daquilo ali fosse com ela. -

Tem hora que eu devia calar a boca, né?

-Senhor Hanson... - voltou a dizer o jovem De Marco. - Antes de me retirar, gostaria de parabenizá-lo pelo atual estágio de escudeiro real. Espero que as melhores estrelas brilhem em seu treinamento e que possa alcançar seu objetivo e se tornar tutelado de Lorde Ivanhoé, com certeza a consagração máxima de um aprendiz de cavaleiro.

João voltou a mostrar surpresa.

-Como sabe que Lorde Ivanhoé detém minha tutela, senhor De Marco?

-Ele próprio comentou entre dois goles de chá com meu pai.

João se calou, pensativo. Ficou imaginando que bem relacionado era um homem que tomava chá com um lorde militar lendário. Mas, mais ainda, que Lorde Ivanhoé se lembrava dele o suficiente para citar seu nome dentre dois goles de bebida quente.

-E posso lhe fazer uma pergunta que sempre tive curiosidade, senhor Hanson?

-Se eu souber respondê-la...

-Como um escudeiro sabe que saiu da posição em que está e está pronto para se tornar um cavaleiro em treinamento?

-Quando o considera pronto, se não conseguir fazer seu aprendiz desistir, o tutor o faz passar por alguma prova de

fogo envolvendo força ou lealdade ao código.

-Hum... compreendo - aquiesceu o rapaz. - É mesmo um mundo fascinante esse de vocês...

-Todos prontos para o almoço? - a voz que surgiu de súbito era de Erika Hanson, interrompendo a conversa.

A senhora vestia um avental e fazia sinal para uma mesa de aparência maravilhosa, com carne de javali, arroz com cereja, batatas cozidas e hidromel.

-Senhora Hanson... - o jovem De Marco fez uma reverência -... eu já estava de saída. Agradeço a atenção de todos, mas não desejo incomodar este reencontro de família. Senhorita Narin... - ele fez uma reverência a Ariane. E então se virou para Maria e não deixou que os olhos escapassem dos dela nem durante o reverenciar. - Senhorita Hanson...

Ele beijou a mão de Maria. E ela não sabia se deveria se sentir mal por aquilo, mas *adorou*.

-Senhor Hanson...

E o jovem De Marco se virou e caminhou na direção de uma impecável carruagem; a mesma que os havia levado até ali.

Mas sabe o que era o mais interessante daquela cena? Maria, Ariane e até mesmo a mãe, Erika, simpatizaram com o rapaz, e simpatizaram a ponto de até mesmo *desejarem* que ele se juntasse à família naquele almoço.

E o que chama a atenção é que, se vissem João ainda apenas como o caçula da família, o que ainda era há pouco tempo,

com certeza alguma delas o teria convidado diretamente. Mas não. Nenhuma o fez por respeito ao *homem* da casa presente.

Elas sabiam que aquele momento era de João e que tal convite só partiria daquela casa se o *senhor* daquela casa o fizesse a outro homem.

-Senhor De Marco... - ele disse, antes que o jovem se afastasse demais.

-Senhor Hanson...

-Fez mesmo um talo no rosto de Paulo Costard?

-Ele se recusou por duas vezes a admitir sua pequenez...

João Hanson sorriu. Um sorriso verdadeiro.

-Gosta de carne de javali, senhor De Marco?

-Somente daquelas preparadas por boas cozinheiras.

Todas as mulheres atrás dele também sorriram. João Hanson pegou Ariane pela mão e disse:

-Então, seja bem-vindo a esta casa.

Ali começava uma amizade que ainda iria mexer em alguns alicerces de Nova Ether.

25

A capitã Bradamante estava em uma sala fechada com o senhor cansado, esfarrapado e sujo, que se dizia chamar Spriggins.

Treinada como era, observava a linguagem corporal por detrás da história surreal narrada.

E não conseguia encontrar nada que dissesse que aquele

homem estava mentindo.

-Senhor Spriggins... o senhor compreende a gravidade do que está me descrevendo? - ela perguntou pausadamente, esperando uma reação explosiva de quem está desesperado e não encontra alguém que o escute. Na verdade, estava *provocando* essa reação.

Entretanto, para sua surpresa, o homem, com total paciência e cooperação, apenas balançou a cabeça. Como se compreendesse a situação.

Como se compreendesse o procedimento militar de interrogatório que ela estava fazendo.

-O senhor compreende que o *Pacto de Swift* estabelece entre as duas nações um acordo de armistício... em que se estabelece que nenhum gigante caminhará sobre a terra dos homens... e nenhum homem caminhará sobre a terra dos gigantes... e que, caso isso aconteça, se uma das duas raças for ferida no território de outra... isso será compreendido como um *ato de declaração de guerra*?

O homem aquiesceu. Bradamante, por detrás dos olhos verdes como esmeraldas, observava a compreensão do desespero de um homem que tem de levar tal notícia a um Rei. A capitã coçou a então retesada parte de trás do pescoço, logo abaixo do rabo de cavalo formado pelo cabelo loiro preso por uma fita.

-Certo! - ela disse, ainda tensa. - E compreende o atual cenário

político que o Ocaso construiu desde a ascensão de Anísio

Branford como Rei?

-Minotaurus apoia Brobdingnag. Se Arzallum declarar guerra a ela, irá haver uma sequência de eventos que culminará na Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

A voz era seca. A voz de uma pessoa que tinha certeza do que dizia. E, ainda assim, precisava ir em frente.

-Senhor Spriggins, por último, o senhor tem consciência do quão frágil é, neste momento, minha posição como capitã da Guarda Real? E digo frágil a ponto de não ter certeza ainda se devo realmente ou não levar tal informação a meu Rei. Porque impedir que isso chegue até ele seria talvez evitar a morte de milhares de pessoas. E são para coisas desse tipo que eu possuo a minha autoridade.

-Capitã... - o homem disse cansado, mas seguro. - Sei o que é estar na sua posição. Porque eu *já estive* nela.

A capitã era treinada, mas não conseguiu esconder a surpresa.

- *Capitão da Guarda Real?*

- *Não da Guarda Real...*

Ela esperou para ver se ele completava a informação. Em vez disso, ele disse:

-Sei que minha aparência pode gerar descrença, e sei o quanto em sua posição é difícil julgar se a vida de uma criança pode valer a vida de milhões.

Os dois ficaram em silêncio. E então o homem continuou:

-Mas a sua avaliação é a de uma pessoa *de fora*. Eu sou uma pessoa diretamente envolvida, porque aquele garoto é *meu filho*. E, se é preciso eu convencer um Rei a ir buscá-lo, eu tenho a obrigação como pai de ao menos *tentar*, a senhora compreende?

A capitã aquiesceu, percebendo que ele estava invertendo os papéis naquele interrogatório. Mas sem se importar, a princípio.

-Além disso, esta guerra, se não acontecer agora, acontecerá no próximo, ou no próximo, ou no próximo mês. Porque nós dois sabemos, capitã, que alianças e inimizades já foram postas à mesa, que os exércitos já foram armados e que todos estão apenas esperando um *motivo*...

A capitã continuou em silêncio, observando aquele homem tão dúbio. Observando *bem*. E, ainda assim, enxergando-o de maneira cada vez mais difícil.

-E se há de se ter um motivo para isso, que seja! Eu posso viver com isso. Eu não posso viver sem ter tentado...

Os dois ficaram em silêncio. Ficaram aproximadamente dois minutos, observando-se olhos nos olhos, decidindo ali qual dos dois era o mais fraco. Qual dos dois lados deveria ceder primeiro.

Nenhum dos dois desviou o olhar um do outro durante todo o tempo.

-Eu o compreendo, senhor Spriggins. Na verdade, até mesmo

respeito sua determinação e sinceridade. Mas, se o senhor *realmente* já esteve em minha posição antes, então sabe que, pela minha visão *de fora*, eu ainda não tenho motivos para levá-lo ao Rei de Arzallum. - Era um teste. Se aquilo tudo fosse um blefe, era naquele momento que Bradamante o desmontaria. - Afinal, *eu* não tenho a obrigação de viver com isso...

O homem balançou a cabeça, compreensivo. Aquela reação, mais uma vez, era inesperada.

-Capitã, não me surpreende sua decisão. Talvez, se fosse eu em seu lugar, o faria da mesma forma. - Bradamante continuou observando-o, imaginando que um homem determinado como aquele não entregaria os pontos tão facilmente. - É por isso que vou ter de apelar para algo que gostaria de não mencionar, mas estava pronto para caso a situação me obrigasse, como obriga.

-E do que estaríamos falando, senhor Spriggins?

-Capitã... há muito tempo... mais do que me lembro quando isto começou... meu nome tem sido "Gildrig Spriggins". -

Uma pausa, significativa. - Mas não é este meu nome de batismo. Nem com o qual vivi a maior parte da vida...

-E qual o seu nome de batismo, senhor Spriggins?

O homem parou, como se continuar com aquilo fosse um extremo peso para ele. Como se dizer seu nome esquecido fosse algo muito, muito pior do que viajar centenas de

quilômetros sem provisões necessárias com uma informação que poderia destruir o mundo e enfrentar uma capitã militar em uma sala fechada.

Ainda assim, os dois passaram mais dois minutos sem desviar o olhar um do outro.

E Gildrig Spriggins enfim disse seu nome *verdadeiro* a Bradamante.

A capitã da Guarda Real ergueu-se bruscamente, sobressaltada, e decidiu que aquele homem iria ver Rei Anísio Branford. Imediatamente.

**26**

Faltavam poucos minutos. Pouquíssimos.

O coração de Áxel Branford já estava na boca, batendo de dentro para fora com violência. Bóris, o corcel, parecia sentir a ansiedade de seu príncipe e também começou a se agitar, dando trabalho aos servos reais.

-Dois minutos, Alteza... - disse o capitão do *Vishnu*.

Ruggiero tocou-lhe o ombro. E disse:

-Mais uma vez, querer desejar a você boa sorte!

Áxel balançou a cabeça sem conseguir dizer qualquer coisa.

Um dos servos reais veio até ele e lhe deu a faixa de cor preta que ele colocaria nos olhos.

Ele foi até Bóris, e o outro servo lhe ajudou a montar no corcel. Bóris RELINCHOU.

O cavalo estava pronto. E *também* parecia tenso.

-Um minuto, Alteza...

Áxel suspirou e colocou a venda na cabeça, deixando-a acima dos olhos, cobrindo a testa. Segurou as rédeas. O coração batendo forte, e forte, e forte.

Uma ventania começou a invadir o interior da geringonça quando um dos gnomos liberou a rampa que dava acesso ao lado de fora. Bóris relinchou uma vez mais. De dentro, eles conseguiam ver o chão se aproximar, e se aproximar, e se aproximar, tudo em velocidade acelerada.

-Dez segundos, Alteza...

Áxel sentiu as mãos úmidas na sela. Observou fixamente a rampa alguns metros à frente.

-Sete... seis... cinco...

Colocou Bóris em posição de partida. O gnomo liberou a rampa por completo. O *Vishnu* fez uma descida em meia-lua e começou a correr paralelo ao chão.

-Três... dois...

Mais perto. *Cada vez* mais perto.

- Vai! - berrou o príncipe, e o corcel partiu.

E partiu com a fúria do rugido de um trovão.

Ele correu, como se flutuasse. Correu como se o mundo fosse dele e estivesse, naquele momento, sendo criado para ele.

Bóris partiu com a leveza de um jaguar em caça e desceu aquela rampa saltando dentre cascos poderosos. O *Vishnu* diminuiu sua velocidade, mas o corcel não se importou.

Quando seu corpo saltou da geringonça em movimento e tocou o chão da estrada de Malan, em velocidade cada vez mais acelerada, era como se tudo fosse parte de uma mesma máquina.

Foi assim que Áxel Branford partiu naquele corcel na mais pura adrenalina, sem saber direito aonde seu destino o estava levando. Poeira ia sendo erguida enquanto os novos senhores corriam, e poder-se-ia dizer que, de fora, era bonita aquela jornada. Aquela imagem. Aquela ação.

Áxel Branford, naquele anoitecer, não correu por si só. Correu por um irmão que precisava compartilhar. Correu por um amor por quem não podia voltar atrás. Correu por uma nação que esperava dele muito mais do que ele achava que tinha capacidade para lhe dar. Correu pela lembrança de um pai herói. Correu pela busca de uma identidade.

Áxel Branford correu pela magia que existe em cada homem. Em cada espírito. Em cada criação.

Áxel Branford, naquele crepúsculo, colocou a venda negra nos olhos e correu por Arzallum.

27

Liriel Gabbiani estava rodando ao redor de uma barra improvisada. Girou curto, deu um salto mortal com o corpo todo esticado e caiu em pé como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Atrás de si, uma voz a assustou:

-Vamos voltar a Arzallum...

-Cansou de patrulhar o porto com seus meninos?

-Eu vou levar meus garotos comigo.

-Pensei que seu interesse fosse dar a eles uma identidade.

Snail se aproximou dela, com cara de desprezo.

-Olha bem pra minha cara, Gabbiani! - E ela olhou. E sentiu vontade de rir. - Você acha que eu *realmente* acredito nisso?

-Não. Sinceramente não acho...

-Por que não?

-Porque você é do tipo de sujeito que deve achar que um governo não está nem aí para os órfãos em suas terras, sejam eles nativos ou *adotados* por ela.

-E estaria errado?

-Não posso julgar o que foi que você sentiu na pele.

Snail manteve a expressão fechada. Gostava do raciocínio daquela menina. *Realmente* gostava.

-Meu interesse era dar a eles uma sensação de *família*. E isso eu já consegui. Eles se apoiam, brigam entre si, mas resolvem as pendências entre si. E mais: eles se protegem. Nenhum deles seria capaz de trair outro...

-E se um deles o fosse?

-Você quer saber como *eu* reagiria?

-Como *eles* reagiriam.

-Não sei, talvez eles lhe dessem uma surra. Talvez eles o banissem para sempre. Talvez...

- *Eles o matassem?*

Snail deu de ombros.

-Quem sabe...

Liriel se espantou com a reação.

-E você não se importa com isso?

-Com a punição de algo que não aconteceu, cometida por pessoas que não existem? Não, não me importo.

-Ai, você, quando quer, é mais do que irritante! - Liriel arremessou uma toalha na direção dele. Snail apenas se esquivou e ficou olhando a toalha cair no chão. - E quer pegar a minha toalha do chão?

Snail fez uma cara de idiota.

-Foi você que a arremessou...

-Mas, se você não tivesse se esquivado, ela não teria caído no chão!

-Então a culpa daquela toalha estar no chão é *minha*?

-É, a partir do momento em que *you* me irritou a ponto de eu arremessá-la na sua cara!

-E eu deveria ter *deixado* você me acertar?

-Sim, como *punição*.

-Uma punição que *you* decidiu?

-Sim. E não há como você contestar esse meu direito. Afinal, *you não se importa*.

Snail Galford suspirou. Pensando bem, *odiava* o raciocínio daquela garota.

-Mas tudo bem... - ela disse. - Em parte, eu também gostaria de voltar a Arzallum. Talvez até reabrir o circo...

-Na verdade, não vamos voltar a Andreanne para ficar por lá.

-Ah, não?

Liriel foi até a toalha no chão e a apanhou. Bateu um pouco nela para tirar a terra acumulada.

-Não - ele respondeu. - Nós nunca mais vamos parar em lugar algum.

-E por quê?

-Porque eu e meu exército de órfãos não pertencemos a lugar algum.

-E eu me incluo nisso? - não era possível dizer se ela perguntava aquilo a ele ou a ela própria.

-Você está acostumada com uma vida itinerante. Uma pessoa que se esconde atrás de um circo precisa, querendo ou não, percorrer trajetos diversos sem registrar uma localidade fixa.

Você é uma nômade por natureza...

-No meu caso, pelas circunstâncias.

-E não é assim com todo nômade?

-Não, existem pessoas que são aventureiras por vocação.

-Talvez aventureiras. Mas não órfãs. - Uma pausa profunda entre os dois. E ele completou: - Órfãos *sempre* o são por circunstâncias.

-Sempre? - ela perguntou, com o olhar desfocado.

-Sempre.

Liriel queria dizer algo. Mas o raciocínio não conseguiu pensar em uma contra-resposta decente.

-E se eu quiser estabelecer uma *localidade fixa*?. E se, ao chegar lá, eu quiser me fixar em Andreanne pelo resto da vida?

-Eu não vou julgar a decisão.

- *Você não se importa?*

-Eu não julgo.

Liriel aquiesceu, cedendo. Colocou a toalha ao redor do pescoço, segurando cada extremidade com uma das mãos.

-E como você quer voltar até lá?

-Pelo mar.

Liriel ergueu as sobrancelhas. Motivo óbvio: voltar pelo mar significava conseguir um navio. Voltar pelo mar carregando centenas de adolescentes órfãos significava conseguir um galeão! Na verdade, mais de um.

-E vai mandar esses meninos construírem corsas com as mãos?

-Não, eles não irão construir. Eles irão *tomar*.

-E como pretende fazer isso?

-Eu tenho um plano. Nós iremos libertar um homem preso aqui em Stallia que, em troca, irá nos ajudar. Mas, para isso, eu vou precisar de você.

-Ah, é? E por que motivo?

- *Porque tenho dificuldades com planejamentos minuciosos e*

*prevenção de situações hipotéticas...*

Liriel arremessou a toalha na cara dele. Dessa vez, acertou em cheio. Não era possível saber se ela havia acertado o alvo ou se ele deixara que ela o acertasse como *punição* pelo cinismo.

Independentemente do motivo, o plano já iria começar naquela noite.

**28**

- Vossa Majestade...

- Capitã Bradamante...

O Rei de Arzallum chegara ao Salão Real às pressas. Havia sido comunicado de que sua capitã havia interrogado um homem que se dizia uma pessoa que não deveria estar ali, trazendo uma notícia que ninguém gostaria de receber.

Não era à toa, pois, a apreensão de Anísio Branford.

-Vossa Majestade, em minha avaliação pessoal, acho que deveria receber o homem do outro lado e ouvir *realmente* o que ele tem a dizer. Tentei procurar sinais de blefe, e apenas um já me seria suficiente, mas juro que não os encontrei.

-Capitã, a par de tua competência, não há como agirmos de outra forma, nem eu o desejo. - E o Rei virou-se para o servo real na entrada do Salão Real. - Anuncia o visitante.

O servo limpou a garganta, com dificuldade em dizer aquilo que tinha de dizer. E *acreditar* naquilo que tinha de dizer.

-Vossa Majestade, o antigo comandante da armada naval militar de Arzallum e um dos *originais* da *Caçada de Bruxas*,

capitão Lemuel Gulliver...

29

João Hanson havia abraçado a mãe e a irmã e beijado a namorada (*noiva prometida*, hein?) antes de entrar na carruagem do novo amigo, na qual estava naquele momento se dirigindo à fazenda de seu tutor, o cavaleiro Rinaldo Grimaldi. O dia começava a terminar, e ele sabia que seu fim de noite já não seria bom em quaisquer circunstâncias. Se chegasse ainda após o prazo estabelecido, então...

O que mais surpreendeu o escudeiro, porém, foi, ao longo do caminho, o jovem Juan parar sua carruagem para dar carona a uma dama que *seguiria para o mesmo lado que ambos estavam cavalgando*.

-Deixe-me ver se entendi... - disse João, antes de a dama subir à carruagem. - Você jogou galanteios ao longo do almoço para cima da minha irmã e, alguns minutos depois, na minha frente, pretende flertar com outra dama? É isso mesmo que devo entender?

João falava *sério*. Juan De Marco, porém, tratou tudo como uma grande piada.

-Ei, não se preocupe, guarda-costas troll! Estamos falando apenas de uma amiga. É mais fácil *você* passar a conviver com ela e irritar a senhorita Ariane do que eu fazer o que propõe com Maria.

Foi a vez de João relaxar. E dizer como uma piada em que se

falava sério:

-É sempre bom encontrar pessoas conscientes, que prezam pelas vidas.

Na carruagem havia subido a jovem Almirena. Era uma jovem da idade de Juan, não mais do que dezenove ou vinte anos.

Provavelmente dezenove. O fato era que Almirena era uma ruiva de traços finos, sardas no rosto e voz doce. Usava um vestido de linho nobre até a altura dos tornozelos, insistia em falar na segunda pessoa como as damas eram treinadas e parecia conhecer Juan de outros tempos.

-Meu pai anda ocupado com a parte dos negócios de venda e extração de madeira - disse Juan. - Não sei exatamente ainda o porquê, mas parece que Andreanne, de repente, passou a precisar desesperadamente do triplo normalmente requisitado...

-Pelo visto então... - disse a dama com a tal voz doce -... teu pai terá de empregar mais pessoas. Ou então cobrar o dobro de trabalho dos lenhadores.

-Não há como cobrar o dobro de trabalho dos lenhadores. São homens que dão o máximo do que podem todos os dias e vão até além do que aguentam pelas horas extras quando estas lhes são pagas - disse João Hanson.

Os dois olharam para ele de maneira curiosa.

-Ouvi falar disso - disse a jovem. - Conversei hoje com um barão que comentou que lenhadores costumam dosar suas

energias ao longo das horas de trabalho normais a fim de lhes sobrar energia para ganhar um pouco mais com horas extras.

-Com todo o respeito, madame, eu sinceramente duvido que seu amigo barão já tenha erguido um machado uma única vez na vida para saber do que fala. Gostaria que ele me mostrasse como se *conserva energia* ao ter a obrigação de bater dezenas de vezes, com uma lâmina afiada de uma ferramenta pesada, em um mesmo ponto do tronco grosso de uma árvore bem enraizada.

Almirena deixou a direção de Juan e virou-se de vez na direção do jovem Hanson:

-Senhor Hanson, pareces conhecer bastante do universo dos lenhadores. Nosso amigo De Marco tem te levado para conhecer seu negócio de família relacionado à extração de madeira?

-Na verdade, senhorita, o senhor De Marco não tem conhecimento, mas meu pai trabalhou para ele como lenhador, e eu o substituí quando ficou impossibilitado de continuar.

O próprio Juan ergueu as sobrancelhas surpreso. Almirena achou a curiosidade *fascinante*.

-Olha só, quem diria, não é verdade? Isso bem explica teus braços fortes - ela disse acompanhando olhares. Juan sorriu com o comentário; João, não. - E o que impossibilitou teu pai de continuar, senhor Hanson? Algo como um acidente infeliz ou consequências da idade?

-Um pacto de magia negra estabelecido com um conde que mexia com forças escuras.

Houve um silêncio, que parecia que seria perpétuo naquela carruagem. Juan foi quem cortou o silêncio chocante:

-Sabe, senhorita Almirena, o senhor Hanson foi o cavaleiro que pediu recentemente o Tribunal de Arthur, a senhorita se lembra? O de conde Edmond... a senhorita deve ter ouvido...

Almirena arregalou todos os músculos da face.

-Ah, és *tu* o aprendiz que matou o conde? O que está sob a tutela de cavaleiro Grimaldi?

João se surpreendeu por ela conhecer todos aqueles fatos.

-Nosso amigo Hanson já possui uma experiência de vida fascinante para alguém de sua idade, senhorita. Foi ele também que sobreviveu aos sete anos ao macabro caso da Casa de Doces.

-Quantos anos tens, senhor Hanson? - a pergunta feita partindo dela a um homem não era tomada como ofensa. Já, se fosse o contrário...

-A poucos dias de dezesseis, senhorita.

-Impressiona-me tua história. O nome de tua família deve estar em ascensão.

-Na verdade, é ele o irmão da jovem Hanson escolhida pelo atual primeiro príncipe de Arzallum.

-A *plebéia*? - Almirena disse, sem deixar claro se havia na frase um ar de curiosidade ou desdém.

-De coração muito mais nobre do que qualquer nobre que já conheci - disse João Hanson, *desejando* que fosse desdém.

-No atual cenário, quando João Hanson se sagrar cavaleiro, o sobrenome Hanson passará de vez a um nível acima. Na verdade, uma escalada social tão impressionante que lembraria a família Branford.

Almirena continuava a achar tudo aquilo *extremamente* fascinante.

-E sobre teu tutor, senhor Hanson?

-Qual deles? O temporário ou o verdadeiro?

-O atual.

-O que tem?

-Quem seria, aliás, o *verdadeiro*?

-O general de guerra e *herói original* Lorde Ivanhoé.

Almirena voltou a fazer a expressão curiosa.

-Será que conseguiremos chegar ao nosso destino sem que o senhor Hanson pare de me surpreender? Mas, e então, senhor Hanson? O que achas de teu atual mentor, Rinaldo Grimaldi?

-É um tutor rigoroso. Como já seria esperado.

-O que mais te irrita em tal rigor?

-Não seria relevante a esta conversa.

-Gostaria de conhecer mais um pouco sobre teu universo.

-Com todo o respeito, não sou uma peça de teatro ou jogo de entretenimento, senhorita Almirena. Levo a vida que escolhi a sério e, principalmente, o código que ela exige. E um aprendiz

que se queixe a um estranho de seu tutor não merece estar sob sua tutela.

Juan sorriu diante da expressão decepcionada de Almirina.

-Não se assuste com a franqueza de meu amigo, Lady

Almirina. Por detrás de toda essa carapaça, bate um coração puro. Sabem... eu não passei pelas experiências que nosso amigo passou nem pela vida de privações que ele foi obrigado a viver. Mas ainda assim, no que chamam de minha vida fácil, eu li grandes autores e aprendi muito com as estrelas.

-É mesmo, senhor De Marco?

-Sim, sim! E existe uma delas que me ensinou tudo o que preciso saber desta vida. Uma estrela que se localiza a oeste, onde as estrelas românticas se reúnem, onde brilha a estrela de Blake White.

-Minha irmã já me falou dessa estrela. A primeira estrela romântica - disse João.

-Não, as estrelas de Blake e de Blake White são duas estrelas diferentes, mas que brilham por motivos semelhantes.

-E o que Blake White te ensinou, senhor De Marco? - perguntou curiosa Lady Almirina.

- *Ela me ensinou que existem apenas quatro perguntas na vida: O que é realmente sagrado? Do que é feito o espírito? Pelo que vale a pena viver? Pelo que vale a pena morrer?*

Lady Almirina olhou para João Hanson, esperando que o rapaz dissesse a resposta. João manteve-se quieto. E Don Juan

concluiu:

-A resposta de todas elas é a mesma: *só amor...* - ele disse, com olhar desfocado. - *Apenas amor...*

Lady Almirena continuou a olhar para João Hanson e a sorrir.

João abaixou a cabeça, olhou seu cordão de compromisso e disse:

-Aliás, é aqui que eu desço.

Juan pareceu sair de seu transe, fez um sinal e o condutor da carruagem a parou.

-Obrigado pela condução até aqui - disse João.

-O prazer foi meu. - E eles se cumprimentaram com um aperto de mão.

-Senhorita...

João iria apenas acenar com a cabeça e se retirar, quando

Almirena estendeu a mão para ele. Feito isso, como lhe seria obrigação, ele segurou a mão dela e a beijou.

Assim que ele saiu e a carruagem se pôs a andar, ela disse:

-Fascinante esse rapaz...

-Na verdade, toda família dele o é. Inclusive a parte que irá se juntar...

-Como assim? - ela perguntou, surpresa.

-Acaso não notou o *cordão*, senhorita? - Juan disse, em tom provocador. - Ele é noivo prometido da mais jovem Narin. A mesma que sobreviveu ao *outro* caso macabro.

Almirena fechou a expressão. *Definitivamente*, João Hanson

não parava de surpreendê-la.

-E como é o nome dessa aí?

-Ariane. Ariane Narin.

A mulher apertou os olhos. Juntou os lábios. E balançou a cabeça, com o nariz apontado para cima.

- *Ariane, né?*

Aqueles nomes, em pouco tempo, ainda iriam todos bater de frente.

Com a intensidade de um tufão.

**30**

- És mesmo tu o capitão que nos foi anunciado? - iniciou o diálogo Rei Anísio Branford.

-Sentiria tal confirmação mais como a de um homem que já fora, do que a do homem que hoje sou - disse o senhor magro e esfarrapado.

-Por muitos anos, muitos procuraram pelo paradeiro de Lemuel Gulliver...

-E só o encontrariam se eu *ainda* aceitasse tal identidade. E corroborasse com ela.

Rei Anísio ajeitou-se no trono. E olhou para a capitã Bradamante. Estavam apenas os três naquele momento naquele Salão Real.

Nenhum em uma posição extremamente confortável.

-E tens alguma prova concreta que comprove tua afirmação, senhor... Spriggins?

-Nenhuma que me importasse, Vossa Majestade. Mas seria facilmente reconhecido por um dos *originais*, como vosso pai.

O Rei aquiesceu. E em tom compreensível, comentou:

-Também lamento a falta de circunstância para que *ele* te reconhecesse. Entretanto, existe outra forma de ratificarmos o que dizes.

-Existe algum *original* presente neste Paço?

-Não, não um dos *originais* - disse a quarta voz que entrava no Salão Real. - Mas um que esteve ao lado de todos eles.

O senhor se aproximou, com seu caminhar excêntrico característico. Poder-se-ia dizer que o esfarrapado até mesmo sorriu:

-Senhor Spriggins... - continuou o Rei, ainda ignorando o título anunciado ao visitante. - Sabes quem é este homem que aqui adentra?

-Ele é Sabino von Fígaro. Conselheiro da Sala Redonda, especialista em artes das trevas e exímio estrategista militar, responsável por auxiliar Primo Branford ao longo da *Caçada de Bruxas* antes mesmo de o moleiro se tornar Rei.

Anísio e Sabino se olharam. E pareceram gostar daquilo.

-Hoje... - continuou o Rei -... Sabino von Fígaro retornou como o oitavo Conselheiro Real e ocupa também o cargo de General e Comandante dos Cavaleiros da Ordem de Helsing. O esfarrapado balançou a cabeça.

-Duvido que alguém neste Reino tenha mais experiência e

mérito para tal feito. O título assumido demonstra uma extrema justiça, Vossa Majestade.

O Rei virou-se para Sabino.

-General Sabino von Fígaro, reconheces este homem aqui presente?

Sabino se aproximou do homem cansado. Apertou os olhos, coçou o queixo e, com sua excentricidade de sempre, disse:

-Em um vilarejo existem dois irmãos gêmeos. Um sempre diz a verdade. O outro sempre diz mentira, mas ninguém sabe diferenciá-los. Entretanto, os dois foram testemunhas de um crime que possui dois suspeitos. E é preciso que um deles identifique o culpado...

O senhor surrado balançou a cabeça duas vezes, compreendendo.

-Como tu farias para identificar o suspeito correto, tendo o direito de fazer apenas uma única pergunta a um deles?

O homem nem titubeou:

-Eu perguntaria a qualquer um dos gêmeos: qual daqueles dois homens o seu irmão diria que é o culpado? O homem que ele apontasse seria libertado.

Sabino sorriu um sorriso largo e disse:

-Emociona-me saber que estás vivo, capitão Gulliver!

Os dois tocaram as mãos e se abraçaram como parentes que não se veem há muito tempo.

Bradamante e Rei Anísio ficaram se olhando, embasbacados,

primeiro tentando entender o motivo e raciocínio da história perguntada e, depois, o motivo daquilo servir como embasamento para a conclusão.

A demora para o raciocínio era justificada: até mesmo semideuses poderiam perder uma dose de eternidade para compreender o enigma.

-General Sabino, tu poderias, apenas a título de curiosidade, nos fazer compreender vosso raciocínio?

-Com todo o prazer, Vossa Majestade. Capitão Lemuel Gulliver sempre fora um dos homens mais inteligentes que eu já conheci nestas terras. Não à toa, um excelente capitão de embarcações, médico-cirurgião e diria até mesmo escritor.

-General Sabino me supervaloriza...

-E uma de nossas grandes diversões era bolar jogos de inteligência e raciocínio para testar um ao outro. A cada vez que o capitão saía em viagem, ele retornava com um ou dois jogos que me obrigavam a ir além do meu limite para encontrar a melhor resposta.

-Nada que nosso professor também não tenha feito comigo.

-E este enigma que propus a ele foi o último que ele me fez, antes de nunca mais nos encontrarmos...

O Rei compreendeu e ergueu-se do trono.

-Então não há mais dúvidas. Capitão Lemuel Gulliver, é uma honra para este Paço recebê-lo uma vez mais.

O capitão se colocou de joelhos.

-Vossa Majestade, eu que lhe vi criança, afirmo que a honra é minha de ver agora o homem e Rei em que se tornou.

Bradamante cortou a cerimônia:

-Rei Branford, admito que tocante é este momento no qual nosso capitão foi oficialmente reconhecido pelo general Sabino, mas em nome do próprio preciso manifestar a urgência e angústia do que ele, infelizmente, tem a dizer. E acredito que não seria nem um pouco impróprio se deixássemos para outra ocasião todas as formalidades que a chegada de um herói de guerra mereceria, em prol das decisões que terão de ser tomadas.

Rei Anísio olhou para sua capitã e não tomou nenhuma palavra como ofensa. Então virou-se para o capitão Gulliver e disse:

-Se és tu então o *original* que lutaste ao lado de meu pai, Rei Primo Branford, então me conta, capitão, o que aconteceu nesses anos que renegaste teu título e teu histórico? E que aconteceu de tão importante a ponto de vir até aqui pessoalmente mesmo sob o risco de descrença?

O homem suspirou. Sabino se afastou e tomou posição para escutá-lo igualmente. O capitão então disse:

-Vossa Majestade, como capitão da armada de Arzallum, naveguei por mares adentro deste mundo e conheci povos e culturas de características inimagináveis para aqueles que nunca com eles tiveram contato.

-Acredito em ti, capitão. Já tivemos contato com Labuta e seus gnomos engenhosos, que nos apresentaram a ciência da magia vermelha.

- *O etherpunk?*

O Rei demonstrou surpresa.

-Sim, essa ciência.

-No oriente, ela já é utilizada há tempos. Vós todos nem imaginais o que este continente se tornará em cinco anos.

-No devido tempo, tu poderás nos contar. Mas nos conta o que hoje nos é importante tomar conhecimento...

-General Sabino, deves lembrar-te de minha esposa...

-A senhorita Mary Burton Gulliver - respondeu de imediato o general. - Segunda filha de Edmund Burton, conhecido negociante burguês que atingiu a riqueza com a venda de meias de boa qualidade.

-Meu casamento com Mary atingia uma dualidade visível.

Cada um possuía um lado que o outro não compreendia, e por isso nossa união não daria tão certo quanto pareceria ao público alheio. Mary não compreendia meu desejo por conhecer culturas e singrar o oceano atrás de conhecimentos que desafiassem minha visão sobre o mundo. Eu não compreendia sua ambição social e desejo obsessivo por bens materiais e status progressivo para o sobrenome de família.

Quando estava com ela, meus pensamentos estavam no oceano. Quando estava no oceano, não me lembrava de pensar

nela.

-Capitão Gulliver... - disse Bradamante. - Desculpe interromper a narrativa, mas mais uma vez preciso bancar a objetiva devido à urgência: isso realmente é relevante para nossa atual situação urgente?

-Sim, capitã, a partir do momento em que foi por causa dela que tal situação se estabeleceu.

Houve silêncio. E Gulliver continuou:

-Rei Branford, vós todos sabeis o que representa o *Pacto de Swift*, com certeza...

-Um documento que estabelece um armistício entre os Reinos Humanos e os Reinos Gigantes, baseado na não intervenção de nenhuma das partes nas regiões delimitadas ao outro.

-E sabeis por que o pacto recebera este nome...

-Porque era a estrela que brilhava mais forte na noite em que foi estabelecido.

O capitão aquiesceu. Duas vezes.

-Pois, nessa noite, muita coisa que não se sabe aconteceu também. Acaso todos aqui lembrais o cenário político ao redor do pacto que se estabeleceu?

Sabino tomou a palavra:

-A guerra entre gigantes e elfas-amazons havia tomado proporções absurdas. Os Reinos Humanos no meio do fogo cruzado começaram a ser atingidos, e os humanos precisavam tomar um lado. E este lado tenderia a ser o lado élfico.

-A título de curiosidade apenas: hoje em dia já existem elfos adultos?

-Apenas seu Rei-Elfo, Vossa Majestade - conclui o capitão. -

Na época da guerra entre as duas raças, a Terra Elfica era composta apenas de elfas-amazonas, crianças elfos e índios moicanos.

-É verdade que os índios em tal sociedade são permitidos apenas para... - Bradamante queria completar a frase, mas era difícil para ela.

- *Reprodução*, capitã - disse Gulliver. - Na Terra Élfica, elfos não crescem; eles mantêm sua pureza e idade infantil enquanto permanecerem em sua terra natal. Logo, para se reproduzirem, elfas aceitam a presença de índios moicanos em suas terras, escolhendo os *melhores exemplares* para descendências.

-Isso me soa como tomar um homem por um cavalo - a capitã disse.

-Compreendo tua visão. Entretanto, anos como homem do mar, e curioso pela natureza humana, me ensinaram uma lição que tomei como um perfeito axioma: culturas não se medem com sinais de mais ou de menos. Se assim o fizermos, com certeza elas terão muito espanto em relação a atitudes da cultura humana.

-Capitão Gulliver... - o Rei retomou a conversa. - Conclua, por favor, o raciocínio em relação ao dia em que o tratado fora

assinado. Até onde sabemos, humanos tomariam o lado élfico e isso significaria entrar em combate direto com o exército gigante.

-Um combate que talvez tivesse vitória, mas que destruiria boa parte dos Reinos Humanos no fogo cruzado, concordam?

-Perfeitamente - disse o Rei.

-Então, um mensageiro gigante foi enviado a Rei Primo.

-A princesa Gumdalclitch! - disse Sabino. - Eu estive presente a este encontro. Uma princesa que falava muito bem de ti, capitão Gulliver.

-Quando eu a conheci, ela tinha a idade que para nós corresponderia à de uma criança de nove ou dez anos. De qualquer forma, eu não estava presente no Reino nessa data; estava singrando mares no Antílope, infelizmente. Tudo talvez fosse diferente se eu estivesse por aqui.

-Sei que meu pai, Primo Branford, escutou a proposta de *armistício* entre homens e gigantes. Seria uma *suspensão de guerra* baseada na não intervenção. Dessa forma, humanos não deveriam jamais subir a Brobdingnag sem convite, e nenhum gigante deveria descer a qualquer Reino Humano sem o mesmo...

-A não ser em casos como a ocasião especial da posse de Rei Anísio, por exemplo, em que foram devidamente convidados - acrescentou Sabino.

-Aceitar tal armistício, porém, seria deixar a raça élfica à

própria mercê. Rei Primo estava envolvido com uma *Caçada* que já lhe tomava esforços, contudo. E recursos.

-E se a decisão dele estivesse em minhas mãos nos dias de hoje... - disse Rei Anísio - ...não tenho dúvidas de que teria tomado a mesma escolha.

-O que ninguém soube, porém, Vossa Majestade, é que antes de retornar a Brobdingnag, a princesa se encontrou com minha mulher.

Todos os outros três, incluindo Sabino, modificaram as posições. Agora enfim começavam a entrar no terreno desconhecido.

-E ela, tomada pela simpatia que tinha por mim, estendeu tal simpatia e inocência a minha esposa e a *convidou* a Brobdingnag. Mary se apaixonou pela forma como fora tratada por lá e ganhou no Reino Gigante a mesma importância que tem aqui em Arzallum um Conselheiro Real. Os três se olharam assustados.

-Mary Burton se tornou uma *conselheira militar*? - perguntou a capitã Bradamante, estupefata.

-Não chegaria a tanto. Mas também é um cargo que ela o faz ocasionalmente. O que interessa a Mary é satisfazer suas ambições. E ela pretende chegar ao ápice da escalada social humana...

-E isso significaria... - colocou a capitã.

-Capitã Bradamante, qual a maior posição social que uma

mulher pode alcançar na sociedade humana?

-O status de Rainha de uma nação - respondeu Anísio

Branford, de bate-pronto, antes da capitã. A voz era grave.

A expressão, incômoda.

-Então... - concluiu Sabino com os olhos apertados -... Mary

Burton pretende se tornar *Rainha* de uma nação?

-Capitão... desculpe perguntar, mas... como tivestes acesso a  
tamanho informação, informações que nem ao Grande Paço  
chegaram?

-Porque fui *convidado* por ela e estive naquelas terras.

Houve outra surpresa nos presentes.

-Estivestes em Brobdingnag? - perguntou um confuso Sabino.

-Estive na capital Lorbrulgrud. E mais: pus-me diante do Rei  
Blunderbore, de sua Rainha e de minha esposa. Foi quando  
tive a maior surpresa de toda a minha vida, e olha que falamos  
de um navegador. - O capitão parou. Suspirou. E enfim  
concluiu: - Mary Burton então me entregou em mãos meu  
filho...

Rei Anísio coçou a barba, sem concluir nada.

-Tu não sabias que ela estava grávida?

-Não. Nem desconfiava. Como vós sabeis, temos uma filha de  
nome Isabel, *já* casada e mãe de dois filhos, atualmente  
vivendo na cidade de Silbra, aqui em Arzallum, se não me  
engano. Até aquele momento, imaginava se tratar da única  
herdeira que possuía.

-Então seu segundo filho nasceu em Brobdingnag? - perguntou a capitã Bradamante, notando o absurdo da situação de uma pessoa ter um filho com tal nacionalidade.

-Vós conseguis encontrar ironia maior? - e nenhum encontrou realmente. - O fato é que isto fez de Mary uma celebridade naquelas terras. A mãe de uma criança única no mundo; um bebê humano nascido em Brobdingnag...

-E assim ela começou sua escalada social... - concluiu Sabino.

-Realmente, foi aí que ela apenas *começou*. Mais tarde, fui entender que o ato de me chamar até lá e me entregar a criança foi parte de um plano muito maior. Fazia parte do plano dela para chegar ao ápice!

-Então ali começava o plano de Mary Burton para se tornar Rainha... - concluiu o Rei.

O capitão concordou com a cabeça três vezes. E perguntou:

-Como é mesmo o nome daquela *estrela* dos governantes manipuladores?

- *Maquiavel* - respondeu Sabino.

O capitão Lemuel Gulliver ergueu as sobrancelhas e aquiesceu, concordando com a lembrança.

-Pois então. A parte mais *maquiavélica* daquele plano vem exatamente agora...

**31**

Snail Galford e Liriel Gabbiani estavam parados de frente à Solitária, a mesma prisão onde Robert de Locksley, hoje

primeiro-ministro de Stallia, passou anos preso.

-Ele está lá dentro?

João Hanson estava esgotado. Completamente esgotado, depois de um dia inteiro de serviço. Havia limpado o celeiro imundo em que dormia e feito o que mais odiava de todo aquele maldito trabalho de escudeiro: dar banho em Sea, o corcel de seu senhor. Na verdade, João adorava o cavalo. O que ele odiava era a penas o ato de dar banho no bicho inquieto. .... .38

Houve silêncio.

-Quer saber? - ela perguntou. - Eu acho que dessa vez não deve haver *planejamentos minuciosos nem prevenção de situações hipotéticas!*

-Como assim?

-Esta prisão não segue uma rotina. Eles a modificam constantemente para evitar exatamente planejamentos do tipo.

-Certo, mas até mesmo uma rotina alternada segue um *padrão*.

-Sim, mas, no nosso caso, acho que o mais eficiente é agir da mesma forma e também *quebrar um padrão*.

-O que você quer dizer, sua maluca?

-Reúna seus moleques, *senhor improvisação!* Nós não vamos estudar este local e retornar daqui a alguns dias.

"Nós vamos invadir este local *agora*"!

32

- Ela chamou o bebê de John, em homenagem a um tio meu

falecido. John Gulliver...

-E por que ela o ofereceu a ti? - perguntou Rei Branford.

-Porque ele deveria ser criado no mundo dos homens. E eu posso não ser o chefe de família mais dedicado do mundo, mas também não gostaria de ver um filho com meu sangue criado por outra raça.

-Ainda assim, desculpe a franqueza, capitão... - tomou cuidado com as palavras o general Sabino. - Tu não és uma pessoa de te *apegar* à família. Tu poderias, por exemplo, ter entregues o bebê a freiras e o visitado quando retornastes de tuas viagens. Tens de haver um motivo para ter te feito abandonar a vida do mar e te tornar pai em tempo integral.

O capitão se calou. Como todos ficaram esperando sua resposta, ele disse em tom de lamento:

-Tu mereces mesmo toda nomeação recebida. Tu tens razão; esta seria minha natureza. Se não a mais nobre, ao menos seria uma decisão crível em se tratando de mim.

-Então...

-Então que descobri que meu filho John, apesar de ainda um bebê, já estava sendo tratado como um *novo messias* em Brobdingnag. Vós todos sabeis que já estamos nos tempos que estudiosos definiram para a volta de Merlim Ambrosius; e todos estão ávidos atrás da criança santa.

-Eu pensei que Merlim retornaria através de uma virgem.. - disse a capitã.

-Isto se trata de uma metáfora - emendou Sabino. - A virgem

no caso é no sentido de alma pura, não de... bom... isso

deveria ser óbvio, não é? Do contrário, como... bom...

-Não importa - cortou o capitão. - O que interessa é que Rei

Blunderbore começou a acreditar na história de Mary de que

John *seria* a tal criança. E, por isso, me chamaram até lá...

- E concordaram que tu a trouxeste... - concluiu Sabino.

- Porque somente entre os humanos seria possível saber se era

ele mesmo o *avatar* - acrescentou Rei Anísio.

Todos ficaram quietos, enquanto o capitão Gulliver abaixou a

cabeça. Dessa vez, Rei Anísio Branford não esperou que ele

continuasse e afirmou:

-E é por isso que, ainda que contrariando tua natureza, tu o

trouxeste ao Reino Humano. - Ele passou a mão na barba uma

vez mais. - Porque tu também tiveste a *dúvida*...

O capitão continuou de cabeça baixa.

-E por que, na época, não procuraste Primo Branford, capitão?

Por que não procuraste a mim?

-Eles me fizeram acreditar que um dia mandariam gigantes

para vir buscá-lo. Sabe, nenhum de vós fazes idéia do que é

ao menos imaginar a possibilidade de *talvez* ser pai do avatar.

A sensação é um incômodo conflito entre o êxtase e o medo,

em seus limites extremos. Eu estava com medo... eu *realmente*

estava...

A capitã tomou a palavra:

-Então foi quando mudaste teu nome? E passaste a viver em uma vila de pescadores?

-Sim, adotei o nome *Gildrib*, como me chamavam naquelas terras, e o sobrenome *Spriggins*. John chamei *Jack*. E por cinco anos o vi crescer, temendo me expor a ponto de gigantes, ou espiões daquela raça, um dia nos acharem. - Uma pausa. - Ao menos, *antes* de eu ter a certeza...

Sabino von Fígaro coçou a parte de trás do pescoço, já compreendendo aonde aquilo tudo iria chegar. E foi assim, preocupado, que escutou Rei Anísio perguntar:

-Mas os gigantes nunca vieram?

Capitão Gulliver balançou a cabeça negativamente. E disse:

-Eu tinha medo de que isso provocasse um conflito entre homens e gigantes. Uma guerra que arrastaria muitas vidas com ela. Uma guerra que me tomasse meu filho... - A voz ficou presa na garganta. - Porque... - a voz continuava presa -... porque era a primeira vez, em toda a minha vida... como posso dizer isso... entendam, era a primeira vez que eu me sentia paz. Eu estava cansado... cansado de viver só, e... John me ensinou o que era *se completar* em família... e... bom...

Todos o observaram e viram que ele impediu lágrimas de nascer. Era um fato: o capitão sabia o que estava em julgamento. Nunca tivera laços fortes com nenhuma família, entretanto, adquirira uma justamente quando o filho ganhava a suspeita de ser a criança mais importante do mundo.

Ao mesmo tempo, quem poderia julgar o amor tardio de um pai arrependido?

-Mas eu fui enganado. E senti vergonha disso. John, há tempos, começou a ter sonhos com a mãe. E a escutar a voz dela *chamando-o*. Eu me preocupei, mas acho que não o suficiente. Talvez se eu tivesse... bom... de que adiantaria agora me lamentar, a esta altura... não é verdade?

-Achas que tais sonhos foram induzidos? - perguntou Sabino.

-Sim. Tenho motivos para acreditar que Mary Burton se tornou discípula de Iddian-Si, a Mãe Gorda.

-Mary Burton estaria se envolvendo com bruxaria? - perguntou o Rei com expressão de desgosto.

-Infelizmente, acredito que sim, Vossa Majestade - disse o capitão, com voz fraca.

-Isso explicaria o sonho. E até mesmo o *chamado* - comentou, mais para si que para todos, Sabino.

- *Como é*, general? - perguntou o Rei.

-Bruxas são capazes de *chamar* pessoas, Rei Anísio. Ainda mais quando existem laços afetivos.

Todos ficaram em silêncio, analisando as informações.

Principalmente as *piores* delas.

-Conte a eles o último acontecido, capitão - insistiu capitã Bradamante, retomando o assunto. - Conte a eles o que me contaste.

-Eu acordei, e, de repente, John não estava no quarto. Era ma-

drugada, e ele não estava lá. Eu senti no peito, na pontada que vinha no peito, o que havia acontecido. E corri. Corri como um ensandecido por todo o vilarejo, rezando ao Criador para que meu temor não fosse verdade, mas era. Ao fundo... eu vi... eu vi John subindo a maldita árvore. Eu vi John escalando para Brobdingnag!

Rei Anísio e general Sabino se olharam *extremamente* preocupados e boquiabertos.

-E por que, por mil demônios de Aramis, tu foste te abrigar no vilarejo próximo de tal árvore? - perguntou Rei Anísio, explosivo.

-Acaso não deveria ser ali um local seguro? - Lemuel Gulliver abriu os braços. - Ou como se poderia imaginar que *Dragões de Éter* permitiriam que uma criança de cinco anos escalasse aquele tronco?

-Explica melhor, capitão!

-Vossa Majestade, uma das serpentes guardiãs *conduziu* John pela água até o tronco. *As outras permitiram* que ele subisse...

-Alguém, por favor, explique como isso é possível! - exclamou a capitã, já nervosa.

-Aí está o problema: *não há* explicação! - esbravejou o capitão. - Por que elas matariam qualquer pessoa que tentasse escalar o tronco, mas permitiram que um menino de nove anos o fizesse?

Todos se olharam e respiraram pesado. Era claro o que

Lemuel Gulliver estava insinuando. *A possibilidade*. Era difícil negar que realmente a possibilidade daquela criança ser especial existia.

-Vossa Majestade, um humano, criança ou não, subir ao Reino gigante sem ser convidado ainda é uma quebra do *Pacto de Swift!* - disse a capitã, temerosa.

-Curiosamente... - acrescentou Sabino -... uma infração cometida não muito tempo após a instauração da Era Nova de Arzallum, e Rei Anísio, ao tomar posse, estabelecer alianças e desavenças políticas.

Rei Anísio Branford desabou em seu trono, pensativo. E com uma expressão que faria até mesmo um bicho de estimação não querer se aproximar do dono.

-Então, Conselheiro... - repare o termo que ele usou para Sabino. O papo era sério mesmo. - Tu consideras que Brobdingnag preparou tudo isto?

-O mundo nunca esteve tão próximo de uma guerra mundial, Rei Branford - disse Sabino. - E, se Brobdingnag reconheceu Ferrabrás como Imperador e tomou Minotaurus como aliada, haveria momento mais propício para estourar um conflito desse porte?

-Um conflito que tomasse nações, destituísse Reis do poder e colocasse Mary Burton como Rainha em uma delas... - concluiu Lemuel Gulliver, com pesar.

Rei Anísio Branford bufou. E disse:

-Ainda assim, Arzallum teria o direito de argumentar e colocar essa situação debaixo dos panos à mostra.

-Arzallum poderia *correr o risco*, na verdade - disse Sabino. -

Porque, perante o mundo, eles fizeram parecer que *nós*, humanos, rompemos o pacto. Não o oposto.

-E logo... - concluiu o Rei - ... exigir a devolução dessa criança que eles têm em mãos, neste momento, tornar-se-ia algo que definiria o respeito de Arzallum diante do mundo. Afinal, deixar que ficassem com ela significaria Arzallum abaixar a cabeça para Brobdingnag e perder a moral como o Reino dos Reinos.

-Enfrentá-los seria iniciar a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

Houve silêncio, uma vez mais.

-Ferrabrás deve estar sorrindo - disse a capitã, em lamento.

Rei Anísio colocou as duas mãos atrás da cabeça, inclinou o corpo e ficou olhando para o alto, pensativo.

-Vossa Majestade... - disse o capitão Gulliver. - Sei que sua decisão não será uma decisão fácil. E que qualquer decisão que tome afetará tudo. Apenas como pai, eu...

O Rei olhou para ele.

-Como o pai que *recentemente* descobriste ser, tu queres que eu dê início a uma guerra de proporções épicas, e que matará milhões, *unicamente* por causa de teu único filho?

O capitão abaixou a cabeça. O ambiente era cada vez mais

pesado. O silêncio, ainda sepulcral.

Até que então o próprio Rei Anísio voltou a perguntar:

-E tu a tiveste?

-O que, Vossa Majestade? - perguntou um capitão angustiado e de voz ainda fraca.

-A *certeza*. Em algum momento, tu tiveste a *completa* certeza de que o menino em posse de Brobdingnag seria *ele*?

Mais uma vez, capitão Lemuel Gulliver abaixou a cabeça.

Lágrimas nasceram e ele tentou impedi-las uma vez mais.

Mas não conseguiu.

-Não...

Ferrabrás deve estar sorrindo.

A capitã da Guarda Real não poderia nem imaginar o quanto.

**33**

Áxel cavalgava o corcel diante da luminosidade da noite.

Corria iluminado pela lua e pelas estrelas. Por milhares de estrelas. E milhares de semi-deuses.

No rosto, ainda possuía a venda negra que o deixava em uma situação ainda mais incômoda. Pois, pior que correr em um corcel à noite por uma estrada desconhecida, era correr sem poder nem mesmo olhar para os arredores. O máximo que se permitia era observar o corcel pela parte de baixo da venda e, vez ou outra, o chão da estrada de terra para se certificar ao menos que *ainda* estava na estrada. Queria muito, muito tirar aquilo do rosto. Mas, se fosse para tirar aquela maldita venda,

então que também não tivesse descido daquela maldita máquina voadora nem muito menos ameaçado cumprir aquela viagem.

Eu teria amado você.

E, claro, nem tivesse se despedido *dela*. Ao menos gostaria de saber qual estrela brilhava mais forte naquela noite. Mas o fato era que estava naquela estrada e se lembrava bem das *instruções*.

*Ele* não podia olhar para a frente-, *ele* não podia reagir; *ele* não podia resistir.

Eu sei.

Ao menos não até que *eles* chegassem. Para chegar ao local onde ele tinha de chegar, ele tinha *de acreditar*. Ele tinha *de crer*. E tinha *de merecer*.

E, com isso, resistir à tentação de desconfiança e medo que percorre o ego humano em situações como essa.

E o príncipe de Arzallum nunca saberia disso, mas ele nem imaginava o quanto aquilo parecia com os princípios da iniciação de um *coven* de bruxas brancas.

Sentia frio e cheiro de mar salgado. O cheiro, aliás, era tão forte, que parecia sentir na boca seca o gosto de sal. Suava e tremia. Talvez por excesso. Talvez por temor.

Talvez pelos dois.

Não importava; fosse o motivo que fosse, Bóris, o corcel perfeito, não se importava e cavalgava. E cavalgava. E

cavalgava.

Seu cavaleiro ainda suave, ainda tremia e ainda sentia a boca seca, a ponto de sentir gosto de sal. Escutava ondas de mar se quebrando com violência ao fundo. E uma brisa gélida arrepiar a pele do rosto parcialmente coberto e soprar nos ouvidos uma melodia cantada por sereias.

E Áxel ainda pensava curioso na estrela que estaria a brilhar mais forte, quando escutou outro som. Um que se aproximava dele. E se aproximava *rápido*.

O som então duplicou. E triplicou! Áxel Branford apertou os olhos.

E eles chegaram.

**34**

Ariane Narin deitou-se na cama de casa, com o sorriso que precede o sono tranquilo da menina apaixonada que se despediu há pouco do amado. Já ia fechar os olhos para dormir, quando a mãe entrou no quarto:

-Levante-se, querida. Precisamos sair.

Ariane pensou que horas deveriam ser. Provavelmente algo próximo das nove ou dez da noite.

-Mas aonde nós vamos a essa hora, mãe?

-É hora de você conhecer um *coven* de verdade...

**35**

Primeiro, ele sentiu uma mão lhe tocar de forma violenta um dos braços, tentando desequilibrá-lo do corcel. Escutou Bóris

RELINCHAR e titubear na corrida. Percebeu outro cavalo, ou o que parecia um cavalo, aproximar-se e manter o ritmo do corcel, tentando desestabilizá-lo. Um segundo animal se aproximou.

Eles gritavam gritos agudos, e Áxel não conseguia distinguir se estavam levando aquilo como uma brincadeira perigosa ou com uma seriedade além da conta.

Um dos cavalos deu um tranco em Bóris. Áxel segurou mais firme as rédeas e sentiu o coração bater forte. *Eles* continuavam gritando agudo e tentando empurrá-lo para fora da sela. Sentiu uma segunda mão, dessa vez do outro lado, agarrar-lhe a parte de trás do cabelo e puxá-lo violentamente para trás.

Quando a cabeça inclinou, ele conseguiu ver que um terceiro rodava um laço formado por uma corda grossa. O laço foi arremessado no pescoço de Bóris e puxado.

O corcel tropeçou e foi ao chão.

Áxel caiu por cima dele e girou e girou e girou em cambalhotas até conseguir parar. Ergueu-se sentindo a pele ralada em vários pontos e ardendo nas partes expostas. A venda havia caído dos olhos, e ele tentava reconhecer os *vultos* que se misturavam às sombras à frente.

Sentiu uma mão de pele áspera segurar seu punho e tentar torcer-lhe o braço.

Áxel, no mais puro reflexo, EXPLODIU um murro no meio

do rosto que mal conseguia distinguir direito. Os gritos agudos do acertado se tornaram gritos de dor. E Áxel descobriu que, na verdade, das duas opções que havia imaginado, os *estranhos* levavam aquilo tudo *a sério demais*.

Uma segunda corda girou com um laço e foi arremessada em cima do príncipe. Mesmo estando escuro, ele esquivou o pescoço, mas o nó se prendeu em seu braço. O estranho correu com o cavalo negro que montava, e o príncipe foi puxado violentamente para o chão. O corpo foi arrastado no chão de terra, e a pele começou a ralar mais, em uma mistura de ferida e sangue.

Áxel gritou de raiva. Segurou a corda e tentou derrubar o homem do cavalo negro, mas não tinha forças para um feito do tipo. O cavalo negro fez uma meia-volta brusca, e Áxel girou na mesma intensidade e continuou sendo arrastado, como um maldito brinquedo de criança preso por um barbante.

Foi quando apertou os olhos de raiva, e o espírito inflou de fúria. A mente se concentrou no homem que o arrastava e no foco que precisava eliminar, embora pouco conseguisse ver.

E então *algo* aconteceu.

Algo inexplicável; algo fantástico. Algo semi-divino. Algo que não seria fácil de explicar, nem de compreender.

Áxel Branford, ainda que de olhos fechados, *viu* o estranho que o puxava por uma corda. E viu *bem*.

As pupilas haviam adquirido a tonalidade vermelho-sangue. A visão era do alto, como se ele não estivesse no corpo que estava sendo arrastado, mas em um outro, livre de movimentos, um corpo que podia voar. E não precisava de nenhum sentido humano para compreender o mundo ao redor.

Como se fosse um corpo fantástico, capaz de galgar em planos que apenas sonhos podem alcançar.

E então ele entendeu.

O foco no homem em cima do cavalo negro ficou ainda mais concentrado. E a consciência naquele corpo livre que via de cima ordenou a *destruição* daquele foco.

Os estranhos ainda gritavam de forma aguda, mas todos os gritos foram interrompidos.

Porque no céu escuro *berrava* uma águia-dragão.

Tuhanny desceu riscando de vermelho o manto escuro, e as garras zuniram como um golpe de espada preciso. O violento movimento *dilacerou* o olho esquerdo do homem que cavalgava. A corda foi solta enquanto ele gritava e tocava a região agora cega, com um buraco na carne.

Áxel continuava vendo o mundo através de uma visão fantástica e compreendia um pouco o que era *ser fantástico* em um mundo de éter e formas-pensamento de semideuses.

O foco dessa vez passou para o *segundo*, o que tinha derrubado Bóris. Ele - e ela - não precisavam olhar para saber onde cada um estava. Onde cada coisa estava. Bastava sentir.

Bastava perceber oscilações na energia vital. Oscilações que se traduziam em movimentos, em pensamentos, em batidas de coração. Áxel enfim compreendia como aquele ser compreendia o mundo.

Áxel Terra Branford compreendia o que era sentir o éter que dava vida ao mundo.

Havia ainda dois. Ele continuava focado no que derrubara Bóris. E focado na energia que se traduzia na psique humana como *destruição*.

Tuhanny *berrou* seu *kiai* uma vez mais.

E avançou sobre o estranho. As garras vieram acompanhando o voo ágil e pendular e cravaram-se no ombro, dilacerando um pedaço de carne. Ela jogou o pedaço para cima e o abocanhou.

O estranho caiu de joelhos e começou a gritar com as mãos em sangue na região atacada.

E então o foco se firmou no terceiro.

E Áxel sentiu a energia diferente. O terceiro estranho havia se ajoelhado em desespero e gritava palavras em uma língua desconhecida, implorando por algo que não era difícil de compreender.

Porque Áxel - através do mundo dela - *compreendia intenções*. Traduzia sentimentos, baseado na percepção sutil da energia emanada por um ser vivo. Logo, não era preciso idiomas. Não era preciso sinais nem cumprimentos. Áxel Branford descobria um mundo em que *bastava pensamentos* e

*sentimentos* para seres de raças diferentes se compreenderem.

E, se isso não tocava na fantasia mais profunda da busca de uma alma humana, então o fantástico não existia.

No mesmo momento em que o estranho modificou a energia de afronta; no momento em que sua intenção de agressão se modificou pela de misericórdia, Áxel sentiu.

E, sem controle total, *retornou*.

Tuhanny gritou, mas voltou aos céus sem encostar em mais ninguém. Áxel sentiu o corpo pesado e machucado, e a impressão era de que ele estava *ainda* mais pesado e machucado. A sensação de experimentar a realidade do mundo de maneira tão sutil e plena e retornar violentamente para a realidade humana limitada por sentidos e corpos frágeis lembrava o sentimento de um homem livre bruscamente trancafiado em uma cela.

Ao fundo, dois dos estranhos ainda gritavam de dor.

O terceiro, que pedira clemência, aproximou-se dele. Áxel percebeu dessa vez o colar feito com conchas e os brincos de pequenos ossos perfurando as orelhas e as sobrancelhas.

O estranho fez a ele uma reverência. Áxel, ainda que em meio à dor do corpo esfolado, retribuiu. Ele sabia que *agora* podia confiar neles.

O fato era que os dois estranhos falavam idiomas diferentes.

Mas dessa vez possuíam a mesma intenção.

Ariane seguiu com a mãe por um caminho sossegado de dia, mas extremamente arrepiante à noite. Com certeza, passavam das dez horas. E qualquer vulto de animal no meio da mata fazia pelos se eriçarem e suor escorrer devagar pela nuca. Ao menos, no caminho, haviam encontrado uma pessoa cuja presença sempre as acalmava.

- Puxa, madame, você nem imagina como o João está mudado! Ele está mais... tipo forte, sabe? Mas não é só por fora, não! Quer dizer, por fora também, né? Afinal, é o meu gato! - ela disse como se aquilo fosse a conclusão mais plausível e natural do mundo. - Mas eu quero dizer *por dentro* também, sabe? Ele amadureceu de uma vez só, entende? Ele já é praticamente um homem!

Madame Viotti, como *quase* sempre, sorria.

-Querida, João é um menino muito especial. Ele sobreviveu a situações que outros não sobreviveriam e assumiu responsabilidades muito cedo. A linha da vida dele percorre o caminho da dor. E a dor purifica mais rápido.

Ariane ficou pensativa. E perguntou:

-Mas ele necessariamente *tem* de percorrer a linha da vida dele em caminho de dor?

-Se assim estiver escrito pelo Criador.

-Mas... me fala uma coisa... ele não pode merecer caminhar pelo amor?

Madame Viotti olhou para Anna Narin, que não se intrometia

na conversa enquanto as três caminhavam. Anna carregava um lampião. A luz era suficiente para entender o olhar de Madame Viotti.

Ariane Narin tinha um *caminho escrito*.

-Querida, me dê um exemplo de um casal que você considere perfeito.

-Hum, fácil: o Áxel e a Maria! Quer dizer, tudo bem que nas atuais circunstâncias *não rolou*, né? Mas... se tivesse dado certo, sabe...

-Por que você os considera perfeitos um pro outro?

-Ah, pô! A Maria é toda responsável, inteligente, batalhadora e madura, sabe? Ela é muito fofa! E o Áxel é *mara*! Ele é forte, e gentil, e carinhoso, e gostoso e... bom... e, ainda por cima, ele é rico!

-Então eles são bem diferentes! Por que você acha que são perfeitos?

-Ora, por isso! Essa é a graça! A Maria é mais na dela, o Áxel é mais popular, sabe? Eles meio que...

-Se complementam? - a madame perguntou, com uma tonalida-de-chave.

-É... - Ariane balançou a cabeça. - É por aí...

-Não por acaso, assim como João, Maria teve um caminho difícil de vida, moldado na dor. Áxel nasceu príncipe, cercado de regalias, sem necessidade de grandes esforços para conseguir o que queria. Áxel percorreu um caminho oposto ao

de Maria.

-Mas ele merece o que tem! Não viu como ele se esforçou no torneio? Ele virou campeão do mundo!

-Não estamos questionando o *merecimento* dele, querida. Estamos tentando entender os motivos da criação.

-Tá! *Manda* então...

-Como? - a madame sorriu com a expressão.

-Eu já entendi que, quando a senhora começa a falar devagar comigo, meio enigmática, é porque quer que eu preste bem atenção e aprenda alguma coisa! E eu ando me esforçando pra entender tudo que a senhora quer me dizer! Pra não esquecer, eu ando até anotando lá, sabe? Lá no... *livro*! Porque eu quero ser boa. Boa como a senhora é. Eu não quero decepcionar nenhuma de vocês.

Madame Viotti *adorava* aquela menina. Anna Narin, nem o que dizer.

-Querida, raciocine comigo: por que a Criadora *cria* pessoas como a Maria, com vida pobre e difícil, e pessoas como o Áxel, de vida rica e de poucas dificuldades?

Ariane apertou os olhos e pensou. E pensou.

-Porque a gente só dá valor quando vê o outro lado. A gente só dá valor às coisas boas quando passa por coisas ruins.

-Certo, mas por que então uma pessoa como a Maria é escolhida para trilhar um caminho tão difícil? Por que, no lugar dela, não aconteceu com uma pessoa de índole

criminosa, como muitos que nascem nobres possuem?

- *Por causa da linha de destino ? A que possui um caminho escrito?*

-Se assim o for, então a Criadora é injusta.

-Mas Ela criou as fadas para ajudar as pessoas...

-Então Ela é parcial. Porque nem todas as pessoas recebem a ajuda delas...

-Recebem as que passam nos testes propostos!

-Para quê?

-Pra ver se elas *merecem*.

Ariane parou, prestando atenção ao que havia dito. E olhou de lado para Madame Viotti:

-É isso que a senhora queria que eu entendesse?

-O quê?

-Que nós precisamos merecer o amor ou a dor que temos. Mas não do tipo: "Ah, vou ser legal pra merecer isso"! Mas do tipo:

"Tá, eu sei que a minha vida é um saco, mas eu não vou reclamar e vou tentar melhorá-la"!

-E por que as fadas não ajudariam todas as pessoas?

-Porque as pessoas não iriam se esforçar.

-E se elas não se esforçassem?

-Elas não se tornariam melhores.

-Então por que a Criadora *cria* pessoas em determinadas situações desvantajosas perto das outras?

-Porque quer que elas se tornem melhores ao superar os

problemas.

-E as pessoas que nascem como Áxel e, ao contrário dele, se acomodam?

-Elas vão se tornar piores.

-Ou não vão se tornar nada. E passar uma vida inteira sem evolução.

-Ou isso. Mas... tipo... como assim *uma vida inteira*? Como uma pessoa poderia ter *outra* vida?

-Nós somos parte de uma criação, não somos?

-Sim.

-Nós temos uma Criadora que não é injusta nem parcial, correto?

-Sim.

-Então, na mente Dela coexistem milhões de universos. Assim o é na mente Dela e na mente de suas semi-deusas.

-São os locais que visito na *viagem*.

-Sim. Aqueles são *alguns* desses lugares. Existem milhões deles; milhões de outros mundos de éter vivos através deles.

Olhe para o céu, querida! São milhares de estrelas; cada uma produzindo milhares de universos!

Ariane observava as estrelas de Nova Ether no céu. E raciocinar da forma que estava sendo proposta era *fantástico* demais.

Madame Viotti continuou:

-Agora se concentre na figura de uma única Criadora. Imagine

que cada mundo *criado* por Ela seja uma parte da mesma

dualidade que você propôs.

-Dar valor só quando vê o outro lado...

-Isso. Imagine essa dualidade percorrendo uma mente semidivina em cada criação. O resultado será que cada Criadora irá repetir fragmentos dessa dualidade em universos diferentes.

-Ainda não peguei tudo, madame, mas tô chegando lá...

-O que quer que tenha feito Ela ter criado você na condição em que criou; o *motivo* que percorre essa criação estará também presente em cada universo diferente que Ela venha a criar. E você não se dissocia dessa *outra* criação, entende?

-Mais ou menos.

-Você vive em qualquer mundo de éter que a Criadora deste universo venha a gerar, Ariane! Talvez você tenha outro nome.

Talvez você tenha outra forma. Talvez você jamais *se lembre*.

Mas, se o *motivo* Dela ao criar outra personalidade em outro universo for o mesmo da sua criação neste aqui, então você faz parte dessa nova criação Dela, compreende?

-Então eu... tipo... não seria só uma pessoa. Eu seria quase que... o que seria classificado como um *motivo*?

-Uma energia.

-Então a morte não seria o fim. Nem mesmo Aramis ou Mantaquim seriam o fim!

-Não existe fim. Não existe início. Tudo *simplesmente é*.

Ariane estava fascinada. Extremamente fascinada.

E foi então, e só então, que ela percebeu que as três já estavam paradas no mesmo lugar há certo tempo. E ela mal havia notado. Haviam chegado no fim de uma clareira. A frente, havia um monte que ela não via ainda o que havia embaixo, mas estava doida para ver, porque havia alguma iluminação vinda de lá, e vez ou outra até vozes. Antes, porém, ela própria concluiu:

-Isso tudo que você disse, madame, é fantástico *por inteiro!*

Eu não vou me esquecer. - Madame Viotti sorriu para ela. -

Mas... por que, afinal, nós paramos aqui?

-Porque precisávamos que você compreendesse isso antes de continuarmos, filha - disse enfim Anna Narin.

Ariane Narin a cada dia compreendia um pouco mais o mundo e compreendia um pouco mais a si. Aquele caminho que havia iniciado, definitivamente, era realmente um caminho sem volta.

Como todo caminho espiritual que um ser humano assume em vida, era impossível querer voltar a ser cego depois de enxergar.

Anna Narin então deu o primeiro passo na direção do monte, seguida de Madame Viotti.

E então Ariane viu.

**37**

R ei Anísio Branford estava sentado em sua imensa cama real, pensativo. Sua Rainha entrou no quarto e ajeitou os

travesseiros para se deitar ao lado dele.

-Estou preocupada, Anísio - ela disse, enquanto batia o travesseiro do seu lado da cama para retirar poeira.

-Com o quê, Branca?

-Sabe, eu sei que tudo aquilo que está nos sendo mostrado por Rumpelstichen é extremamente fascinante, mas me preocupa o que teremos de dar a ele em troca...

Rainha Branca Coração-de-Neve não fazia a menor idéia das decisões muito piores e grandiosas que o marido tinha de tomar naquele momento, e Anísio já poderia tê-la colocado a par, se quisesse.

Mas ainda não sentira vontade de fazê-lo.

-Teremos de dar a ele o que todo homem na posição dele espera: dinheiro para tal projeção! - ele comentou.

-Um dinheiro que Arzallum não tem.

Anísio parou, inquieto. Branca se sentou na cama e esticou as pernas. Vestia uma roupa leve, quase transparente em determinados ângulos de luz, mas Anísio estava tão longe que não parecia notar se sua mulher estava bela ou não em tais trajes.

-Como pode falar com tanta certeza de algo que não tem conhecimento?

-Conferi as finanças do Tesouro Real.

Anísio ergueu-se da cama, exaltando-se por pura surpresa.

-E com que *maldito* direito fez isso?

-Com o direito de Rainha! Acaso agora algum servo real deveria negar tal *exigência* de Sua Rainha? Ou devo agir como Rainhas-fantoches e esperar que algo aconteça a você para que comece a descobrir como comandar esta nação?

Anísio suspirou. E sentou-se de novo.

-Desculpe

- e houve um silêncio incômodo. Ela, propositadamente, não disse nada e esperou que ele continuasse. - É que ainda não me acostumei com tal situação.

-A de estar casado?

-A de dividir minhas responsabilidades.

A Rainha se aproximou e tocou-lhe a mão na cama.

-Você me ama?

-Mais do que um bardo poderia narrar.

-O quanto?

-A ponto de viver uma vida em pele de anfíbio. Ou de ser capaz de partir uma pele de vidro.

-Se é capaz disso, então sabe que sou a alma que o complementa. E que vai estar ao seu lado nos melhores momentos, mas vai estar muito mais nos piores deles.

Anísio pegou a mão dela. Era como se ela soubesse. Era como se *sempre* ela soubesse quando ele mais precisava dela.

-Confie em mim. Eu vou conseguir uma forma de financiar a revolução da Era Nova.

-Disso não duvido, amado. O que temo é apenas se esse

processo se trata de um processo benéfico ou destrutivo para você.

Anísio era inteligente e já experiente o suficiente para saber aonde aquela Rainha queria chegar.

A questão, Áxel, é que se você vai fazer isso, apenas gostaria que você o fizesse pelos motivos corretos.

-Explique.

-Quero dizer, Anísio, que gostaria de ter a certeza de que você pretende fazer isso porque acredita que é o que se espera do Rei de Arzallum, e não porque a obsessão por não decepcionar seu pai ainda o persegue a ponto de querer estar no patamar que acredita que ele esperaria que você estivesse.

Anísio deitou-se ao lado dela. Olhou para cima. E suspirou.

-Tomo minhas decisões por mim mesmo, se é o que teme. Não há nenhuma crença menos perigosa do que a de apenas querer ser tão bom quanto ele.

-Nunca *melhor* do que ele?

Anísio continuou olhando para cima. Próximo aos dois, havia um espelho, que Branca evitava, ao lado de uma curiosa chave com ponta de estrela, presa em um pesado chaveiro composto de moedas antigas soldadas, retiradas do fundo do mar. Uma chave que ainda seria importante, mas não ali.

Ao lado de tudo isso, um grande quadro com o busto de Primo Branford e Rainha-Fada Terra.

-Isso não seria possível.

-Mas e se fosse? - ela insistiu.

-O que tem?

-E se lhe fosse possível ser melhor do que ele? Você gostaria de ser?

Anísio pensou. E fechou os olhos.

-Isso *não* seria possível.

Branca Coração-de-Neve podia jurar que os olhos daquele quadro estavam sempre virados na direção dos dois.

**38**

Havia uns cento e cinquenta garotos por ali. Um jovem dez anos mais velho. E uma garota. Os dezessete escolhidos achavam que iriam entrar em uma cadeia de segurança máxima e retirar de lá um prisioneiro que provavelmente estava condenado a morrer esquecido naquela prisão.

-Vamos pela parte dos fundos - disse Liriel Gabbiani, tomando o comando da ação. Snail Galford não sabia se estava fazendo a coisa certa ao deixar que ela assumisse a situação.

Mas fazer o quê? Ele próprio não tinha nenhuma ideia melhor.

-Existem guardas nos fundos... - disse um dos adolescentes.

-Existem guardas em qualquer lugar dessa prisão.

-Existem trancas naquelas grades!

- Vocês cuidam dos guardas. *Eu* cuido das trancas.

E foi assim que tudo aconteceu. Os fundos da prisão eram formados por grades enferrujadas com trancas poderosas.

Havia vários níveis, compostos de várias sequências de outras

grades, em um sinistro corredor escuro. Havia um vão no chão, por onde corria um riacho estreito, oriundo de uma nascente desviada para a utilização da água na prisão.

Nos dias mais frios, aquele vão congelava.

Naquela noite, ainda não estava frio o suficiente para isso.

-São oito! - disse Snail. - Nenhum deles esperando um ataque de peito aberto. - O mais perigoso é o da direita!

-Por quê? - perguntou um dos jovens.

-Porque é ele que toca o alarme.

-Então bota a maior parte em cima dele.

-Não - disse Snail. - A maior parte vai na frente!

-Não entendi, *pai!* - disse outro jovem. O *termo* sempre arrepiava.

-A maior parte de vocês vai até a frente da prisão causar arruaça. Finjam que estão revoltados com a prisão de alguém, xinguem os guardas e façam o suficiente para chamar a atenção deles *para lá*.

-É, até que você realmente presta para alguma coisa quando tem de *improvisar!* - disse Liriel.

-Um de nós dois tem de prestar, né?

Ela mostrou a língua para ele. E sorriu.

-São oito guardas nos fundos - disse um dos jovens. - Quantos de nós vão contigo?

-Uns vinte está de bom tamanho. Outros cem seguem logo que a gente abra os portões. Os outros façam arruaça lá na frente!

-Nós *podemos* matá-los? - perguntou um dos mais jovens, com um olhar raivoso que chegava a assustar.

- *Tentem* não - disse Snail. - Ver companheiros mortos faz com que os outros fiquem mais violentos...

Todos concordaram.

Estava na hora de colocar em prática um plano que tinha tudo para dar errado.

**39**

Era um *coven*. A clareira havia sido iluminada por tochas, e um círculo havia sido traçado no chão. Havia dez pessoas por ali. Com Madame Viotti e Anna Narin elas se tornavam doze.

Mas havia Ariane. E, dessa vez, uma Ariane Narin *iniciada*.

Logo, dessa vez elas eram em treze.

O número de um *coven*.

O que mais surpreendia Ariane, contudo, era que dessa vez havia *homens*. Quatro deles.

-Mãe... - ela sussurrou. - Não sabia que *homens* podiam frequentar essas coisas...

Anna sorriu.

-Querida, nesse caminho que seguimos, todas as pessoas são iguais. Não fale como se os homens fossem menos importantes do que as mulheres nos rituais. Na verdade, para que haja harmonia em nossas vidas, deve haver um equilíbrio entre as energias masculina e feminina, compreende?

Ariane aquiesceu duas vezes.

-É ela? - perguntou, ao fundo, uma das mulheres ao se aproximar de Madame Viotti. O olhar da mulher estava em Ariane.

-É... - respondeu a sacerdotisa.

Anna Narin orientou Ariane a se despir para ser banhada com água aquecida em uma pequena fogueira improvisada. Ariane não reclamou, já conhecia o banho purificador e sabia que era um momento de reflexão própria em que deveria limpar suas palavras. Seus pensamentos. E seus sentimentos.

Quando terminou e se enxugava em uma toalha, teve uma grande surpresa. A mãe se aproximou com duas túnicas em forma de manto, um pouco maiores que o seu tamanho, mas que lhe serviriam bem. As túnicas eram leves, de tecido bom que cobria o corpo todo, com um capuz que tomava boa parte da cabeça quando colocado. Internamente, eles o chamavam naquele *coven*, pela forma do capuz que lembrava um corvo, de *Manto de Ravena*.

O mais interessante, porém, não era o tecido nem o capuz.

-Em nosso *coven*, gostamos dessas duas cores - disse Anna Narin, imaginando a surpresa da filha. Ariane mal conseguia acreditar no que via. - Qual dos dois você prefere?

Havia um manto branco e um manto vermelho.

Um manto branco *idêntico* ao que ela usara aos nove anos, quando seguia para a casa da avó dilacerada por um *lobo marcado*.

Eu seria o quê, mãe? Repete...

Ariane se lembrava de quando a mãe lhe explicara pela primeira vez o *motivo* de ter ido sozinha à casa da avó. O dia fatídico. O dia impossível de esquecer.

Iniciada.

O dia em que o branco se tornou vermelho.

Você era para ter sido iniciada aos nove anos, exatamente como sua avó previu que deveria acontecer.

Ariane mantinha os olhos arregalados, a típica expressão que instintivamente assumia sempre quando, ou tudo parecia fazer sentido, ou nada parecia sensato.

A mãe ainda segurava os dois mantos à frente.

-E então, qual dos dois?

Ariane Narin sorriu um riso difícil de descrever. Poderia fugir da existência de acontecimentos passados...

... e você bem sabe o que impediu isso.

... ou aceitá-los de vez, de forma a superá-los. A escolha era difícil. Mas ela sabia que era também igualmente inevitável.

-O vermelho... - ela respondeu.

O local onde aconteceria o ritual havia sido varrido com vassoura, eliminando negatividades. O cheiro do local provinha da defumação provocada pela queima de ramos de sálvia. A maioria usava o manto branco. Naquela noite, apenas

Ariane e mais três pessoas optavam pelo vermelho-escuro.

Em rituais de magia branca, a Alta Sacerdotisa era a

responsável por tudo, desde definir a função de cada um até explicar os motivos da reunião e dos rituais em questão.

E foi o que Madame Viotti fez.

-Hoje, aqui reunidos, após tanto tempo, e diante de ameaças a que sobrevivemos, e em nome de outras e outros que infelizmente não caminharam pelo mesmo Destino, nós invocaremos nossa Criadora e Criador para darmos prosseguimento a algo que esperamos há anos nas escrituras semidivinas e acreditamos com fé inabalável. - As pessoas estavam dispostas em um círculo.

Acontece que eu, sua avó e todas as mulheres dessa família estamos ligadas a um grupo muito especial de pessoas.

Madame Viotti gostava que todos dessem as mãos e fechassem os olhos quando explicava os motivos da reunião.

Os homens distribuía-se de maneira simétrica entre as mulheres, de forma a espalhar da melhor forma as energias masculina e feminina.

-A menina iniciada aos treze anos, e que hoje se encontra presente neste *coven* pela primeira vez, é uma menina nascida no dia 13, numa noite de Lua Negra, no Dia da Terra. Uma menina que sobreviveu a um animal *marcado* e desafiou a morte em nome da própria fé e do próprio amor. Em outras palavras, uma menina que nasceu *tocada*.

As pessoas mantinham o silêncio, mas era perceptível que, ainda que nada dissessem, sentimentos diferentes começavam

a correr naquela corrente de energia.

E você não é diferente, aliás, muito pelo contrário.

Sentimentos como ansiedade, como êxtase, como curiosidade, dúvida e crença. Sentimentos de pessoas comuns diante de fatos extraordinários, que elas sabiam ser impossíveis de negar, tanto com a mente como com o coração.

Você talvez seja a mais abençoada de todas nós.

-E hoje invocaremos a Semideusa e o Semideus, para que esse *toque* seja ativado. Temos consciência de que entramos em uma Era Nova e que este *coven* é um dos poucos que sobreviveram à *Caçada*, que não separou na desinformação dos homens as magias branca e negra. Talvez estejamos diante da chave que nos guiará para um futuro de menos preconceito e ignorância, no qual poderemos trabalhar em prol do Bem e da evolução da humanidade, ou prepararmos o terreno para que as próximas gerações o façam. Que assim seja.

Ainda em silêncio, cada integrante do *coven* tomou sua posição. No céu, brilhava a Lua Nova, ideal para novos começos. O círculo seria traçado no sentido horário por Viotti, a Senhora do *coven*, a Alta Sacerdotisa. Algumas senhoras começavam o círculo de seus *covens* pelo Leste.

Madame Viotti começava pelo Norte.

-Pelo poder da Criadora e do Criador, pelos guardiões dos Quatro Quadrantes, eu traço este círculo sagrado. Deste espaço, nenhum Mal saiu e, nele, nenhum Mal poderá entrar.

O círculo foi traçado com um Athame no chão três vezes, sendo visualizada a cor dourada saindo da ponta da lâmina como um raio.

A primeira traçada foi para a Criadora. A segunda para o Criador.

A terceira para proteção.

Um sino foi tocado, como sinal de que estavam entrando em um mundo de magia. Ariane sentia-se bem no ambiente, sentia-se leve e sentia-se em paz. Recebeu a unção quando usaram uma gota de óleo para untar sua testa, no local do Terceiro Olho, entre as sobrancelhas.

No círculo, havia elementos nos quatro quadrantes, representando os Quatro Elementos. Logo, havia uma vasilha com água a Oeste, uma vela ao Sul, um vaso com terra ao Norte e um incenso a Leste.

Assim, uma vela foi acesa e todos se prepararam para o momento em que os Guardiões dos Quatro Quadrantes seriam invocados.

A Alta Sacerdotisa ergueu o Athame e disse ao Norte:

-Eu invoco os Guardiões das Torres do Norte. Venham se juntar a nós neste Círculo, Poderes da Terra, e vigiem este espaço sagrado. Sejam bem-vindos!

Ela foi então ao ponto Leste, ergueu o Athame e disse:

-Eu invoco os Guardiões das Torres do Leste. Venham se juntar a nós neste Círculo, Poderes do Ar, e vigiem este espaço

sagrado. Sejam bem-vindos!

Todos adquiriram a forma de um Pentagrama. E no ponto Sul, com o Athame novamente erguido, novamente ela disse:

-Eu invoco os Guardiões das Torres do Sul. Venham se juntar a nós neste Círculo, Poderes do Fogo, e vigiem este espaço sagrado. Sejam bem-vindos!

E, por último, a Oeste:

-Eu invoco os Guardiões das Torres do Oeste. Venham se juntar a nós neste Círculo, Poderes da Água, e vigiem este espaço sagrado. Sejam bem-vindos!

Os guardiões se aproximaram. Eles surgiam dos mesmos planos dos deusas, e o mais interessante é que, assim como a Alta Sacerdotisa, a menina tocada os viu se aproximarem.

E até mesmo sorriu para eles.

E então chegara o momento mais esperado. Era a hora daquele *coven* dar prosseguimento à Invocação dos Semideuses.

O momento em que a Criadora e o Criador eram chamados por sua criação para dar sentido à existência. E, claro, se você está aqui comigo há tanto tempo, acho justo que seja meu escolhido.

E o escolhido delas nesta noite.

Entenda que, para que o ritual seja concluído, eles precisam de uma energia semidivina masculina e uma feminina. Como seres semi-divinos, nós possuímos as duas energias em nosso éter, tendendo apenas mais para um lado que outro.

Logo, caso prefira, assuma a energia masculina ou feminina no dia de hoje. Eu lhe permito, e você se permitirá. Eu farei o papel da outra. Neste momento, a única coisa que importa é que sejamos dignos da fé daquela criação que nos venera.

Então, neste momento, assuma seu papel semi-divino.

Toque sua criação.

E sonhe comigo em um. E dois.

E três.

-Semi-deusa graciosa, você é a Rainha dos Semi-deuses; a Lâmpada da noite; a Criadora de tudo que é selvagem e livre; Mãe das mulheres e dos homens, Amante do Semi-deus e protetora; desça, eu suplico, com seu raio de força lunar, aqui, sobre o meu Círculo - diz a Alta Sacerdotisa. – Semi-deus brilhante, você é o Rei dos Semi-deuses; Senhor do Sol; Mestre de tudo que é selvagem e livre; Pai das mulheres e dos homens; Amante da Semi-deusa e protetor; desça, eu suplico, com seu raio de força solar.

E ali nós chegamos.

Neste momento, há treze pessoas ao nosso redor. Nós estamos em outro nível de vibração, o nível deles. Em alguns *covens*, mesmo entre os iniciados, nem todos conseguem nos ver.

Hoje, todos os treze conseguem.

Os olhos de cada um e de cada uma estão em lágrimas. A pele, arrepiada. O coração, acelerado, mas tranquilo. A alma, em sossego, ao menos por um pouco. Você repara no fascínio com

que olham para nós e vê no brilho que transcende a expressão humana a fé em algo maior do que eles podem entender.

Pois, a eles, não é preciso o entendimento da criação, mas a fé no que lhes dá vida.

Nós caminhamos ao redor do círculo e ao redor deles. Eles estão em roda, e você escuta cada um deles agradecer nossa presença.

A Alta Sacerdotisa então desenha o Pentagrama de Invocação.

E o Ritual começa.

- Ó, semi-deuses que nos abençoam e que aqui hoje presente dão vida a este nosso momento. Aqui nos reunimos para que possamos, se não ao menos entender, ao menos contribuir para que os melhores caminhos deste *coven* sejam seguidos.

Esperamos que a menina aqui tocada no nascimento seja alçada a toda glória e capricho que rodeia seu Destino e que possamos ter a disciplina para guiá-la em caminho tão importante.

A Alta Sacerdotisa conduz uma meditação que não nos importa. Importa apenas a reação deles às palavras que lhes são ditas. Porque, seguindo a meditação que lhes é dita, o padrão vibratório de cada um se iguala e seus pensamentos se acalmam e nos permitem tocá-los.

Você me vê ir até a Alta Sacerdotisa e sussurrar algo no ouvido dela. Algo que ela deve fazer. Um lugar aonde ela deva ir. Lágrimas escorrem dela, mas a voz continua a guiar seu

*coven.*

E, enquanto a voz dela guia os pensamentos deles, você caminha ao meu lado na direção de cada um, ou cada uma, dos presentes.

Em nossa dupla energia, aquele que de nós dois hoje representa a energia feminina toca primeiro com o polegar a testa de cada um. A outra toca depois.

A cada rosto pelo qual passamos, nós podemos sentir a pureza que existe no desejo de ser melhor, ou de tentar ser, de cada um. Algumas são pessoas humildes; outras, de classe social elevada. Alguns representam a classe plebeia mais baixa; outras, a dos chamados entre eles de sangue nobre. Não importa, ali, naquele Círculo, eles compreendem um pouco do semi-divino.

Porque, ali, naquele Círculo, eles compreendem que são iguais.

São treze pessoas. Quatro homens. Oito mulheres.

Uma menina.

Ela nos observa com os olhos grandes e arregalados. Nós caminhamos até ela e sentimos a ansiedade juvenil. Sentimos os joelhos bambos e o coração em extrema pulsação. Sentimos a pureza de um ser que representa a emoção de agir sem pensar. Do ser que age por sentimento, não por razão.

Do ser que nasceu com uma missão já escrita.

Os pelos dela estão arrepiados. A pele branca, ainda mais

pálida. Mas não é temor. Ela não nos teme, nem mesmo um pouco. Na verdade, o sentimento por detrás de toda aquela reação não se trata de nenhum sentimento destrutivo. Trata-se de um sentimento purificador.

Um sentimento de amor.

A menina de capuz vermelho olha para mim e olha para você, e a única coisa que ela sente é amor.

Eu toco o Terceiro Olho entre as sobrancelhas dela, na parte em que o óleo unge. Ela sente meu toque e fecha os olhos.

Quando meu polegar desliza na vertical, o óleo ganha a forma de uma linha. E eu me afasto.

Para permitir que você termine a consagração.

Dessa vez, é o seu polegar que toca na testa dela. Mas dessa vez, seu objetivo é correr com ela e espalhar na horizontal uma linha na parte superior da linha vertical que eu traçara anteriormente, com um desenho arredondado em cada ponta.

O desenho de uma cruz.

Mas não uma cruz qualquer. Uma cruz desenhada por semi-deuses no corpo de uma menina de sentimento puro, manifestada por amor. Uma cruz de Fé. Uma cruz de Verdade, que traz ao homem perdido um caminho por onde começar a tentar se encontrar.

Uma cruz além da matéria. Uma cruz de éter. Uma cruz semi-divina.

Uma cruz de Merlin.

Lágrimas escorrem dos olhos ainda fechados dela. E tanto eu como você escutamos sua oração de agradecimento. E sentimos a verdade por trás de cada palavra não dita.

Nós voltamos ao centro, e tudo o que corre ali naquele Círculo parece correr para nós. E através de nós. A Alta Sacerdotisa também se emociona diante do momento e caminha para cumprir seus desígnios, afinal, também porque sabe que mesmo nós, semideuses, somos seres ocupados.

Ela então, mais uma vez, pega o Athame, vai até o ponto Norte e diz:

-Eu agradeço aos Guardiões das Torres de observação do Norte, Os Elementais da terra, por terem vindo e compartilhado conosco deste ritual. Sigam em paz.

E vai até o ponto Leste, ergue o Athame e diz:

-Eu agradeço aos Guardiões das Torres de observação do Leste, Os Elementais do ar, por terem vindo e compartilhado conosco deste ritual. Sigam em paz.

E faz o mesmo no ponto Sul:

-Eu agradeço aos Guardiões das Torres de observação do Sul, Os Elementais do fogo, por terem vindo e compartilhado conosco deste ritual. Sigam em paz.

E no ponto Oeste:

-Eu agradeço aos Guardiões das Torres de observação do Oeste, Os Elementais da água, por terem vindo e compartilhado conosco deste ritual. Sigam em paz.

Os elementais se vão, e Ariane Narin também os vê partindo.

A Alta Sacerdotisa volta-se novamente ao ponto Norte, ergue o Athame e diz:

-Agradeço à Criadora, ao Criador e a todos os semi-deuses antigos da Colina do Norte. E todas as energias que estiveram presentes conosco hoje, que retornem ao local de onde vieram! Sigam em paz...

E é aqui que nós voltamos. Voltamos sem interferir demais. Sem sussurrar demais. Voltamos como seres superiores, mas que, ao mesmo tempo, por admirá-los tanto, gostaríamos de viver ao lado deles um pouco.

Não importa, o fato é que nós os amamos. E eles nos amam de volta.

E é por ter consciência dessa relação de veneração, que você deixará esse local comigo em três momentos. Em um. Em dois.

Em três.

Madame Viotti por fim andou em volta do círculo no sentido anti-horário três vezes, imaginando que a terra estava puxando de volta a energia dourada que lhe fora doada na abertura.

-Com o Athame lhe construí, com o Athame lhe desfaço. E envio as energias aqui presentes neste Círculo Sagrado novamente ao centro do Universo. Ele está aberto, mas não quebrado. Pelo poder do três vezes o três, que assim seja. E que assim se faça.

E todo o *coven* disse três vezes, como se fosse um só:

-O Círculo se desfaz, mas ele nunca se rompe.

Ariane Narin, por baixo do capuz vermelho, ainda chorava lágrimas de emoção do ser humano que sente o toque do ser semi-divino.

Determinados eventos e determinadas pessoas foram criadas com uma missão, que não pode ser interrompida, entende?

Enfim estava onde a avó lhe preparara desde o nascimento para estar, e dera a vida por isso.

Pessoas como você são enviadas para nos lembrar o quanto somos maravilhosos, o quanto somos em parte semi-divinos e o quanto somos parte de uma Criação que não apenas se renova em nós como aprende conosco.

O capuz vermelho ainda lhe contornava o corpo e a face, mas dessa vez a cor não lhe causava pânico. A cor do sangue não mais trazia o pensamento de morte, mas o de vida. A avó não lhe era mais vítima, mas heroína. O futuro lhe parecia condizente.

E o destino, aceito.

Essa menina é muito especial. Muito, muito especial.

As lágrimas que caíam não eram mais de tristeza. Ao menos não de tristeza. O passado finalmente estava superado.

O vermelho enfim se tornara branco.

**40**

Áxel Branford freou o corcel Bóris a poucos metros do mar.

Estava escuro, e se escutavam as ondas ao fundo quebrando de maneira violenta. O cheiro que vinha com a brisa que lambia o mar era salgado e frio o suficiente para arrepiar um homem comum.

Mas nenhum homem daqueles.

-E agora? - ele perguntou, sabendo que o *estranho* não entendia seu idioma.

O homem, na verdade, era um índio moicano, como o velho índio Dulan que um dia conhecera na jornada em direção às Sete Montanhas. Os outros também os acompanhavam e, embora machucados, não manifestavam hostilidade contra Áxel.

Na verdade, mais pareciam manifestar respeito.

O índio *menos* machucado fez movimentos com as mãos, que Áxel reconheceu. Na verdade, não exatamente os movimentos, mas a *linguagem* por detrás deles.

Erdim.

A mesma linguagem do velho moicano. A língua em que as palavras não faziam sentido através da harmonia de frases, mas através das sensações promovidas pelas vibrações energéticas que representavam.

Nesse tipo de linguagem, as palavras têm vibrações, e essas vibrações definem seus significados.

Um idioma universal. Um idioma que devia ser escutado sem pretensão e respondido sem preocupação.

Vocês provavelmente irão escutar a mesma frase de formas diferentes, seus cérebros a receberão de forma diferente, mas o sentido delas será único.

Um idioma baseado em *intenções*.

-Então nós devemos ir para *lá*? - disse Áxel para si próprio, compreendendo o que lhe era dito.

A questão era que "lá" era o mar.

Não havia passagens, e nenhum daqueles moicanos parecia ser capaz de dividir o mar em dois, como na história de fantasia de um dos romances mais famosos do mundo de Nova Ether.

O idioma na prática ainda era cheio de expressões tônicas, lembrando dialetos antigos. E, ainda que Áxel compreendesse a intenção do que o moicano estava querendo lhe explicar, aquilo *não* fazia sentido. E continuaria não fazendo, se ele não houvesse se lembrado do momento com o velho Dulan há tempos.

Momentos ao lado de Mestre Ira.

E o que ele responde quando perguntado sobre o local de sua origem?

Momento ao lado do *maldito* Mestre Ira.

A primeira à direita, sempre em frente, até o amanhecer.

-E como chegaremos até lá? - ele perguntou, transformando a intenção em *erdim*.

O fato é que o príncipe sabia a resposta. Apenas não estava em uma boa ultimamente com seu Criador para aceitá-la.

O índio respondeu, e independentemente do que tivesse dito ao pé da letra Áxel compreendeu a intenção da resposta.

-Com fé... - ele sussurrou, contrariado. - Sempre com a *maldita fé*, não é?

Tuhanny gritou um *kiai* como se o repreendesse.

-Como se já não fosse o bastante um irmão mais velho em pele leprosa de anfíbio me torrando a paciência, agora a minha vida também tem uma águia bancando a babá...

Bóris colocou-se em duas patas, preparando-se para aceitar e *acreditar* no que seu cavaleiro parecia querer ordená-lo.

-Está certo, moicano! Eu já estive montado em um unicórnio negro e já fui arremessado quilômetros de distância por um velho índio que afirmava vir de e para onde vocês pretendem me levar - ele disse, com expressão séria. - E, apesar de eu e o Criador estarmos em um período de *divergência de opiniões*, eu teria de negar um encontro com uma fada para não acreditar em Sua existência. E não acreditar que existe mais ocorrendo neste mundo de éter do que nossos olhos podem acompanhar...

Os moicanos pareceram entender e viraram suas montarias na direção do mar. Os cavalos bufaram. Trotaram um pouco na areia.

E partiram.

- Confia em mim, batalhador! - ele disse ao corcel. - Toma coragem! E *vai!*

O corcel ergueu-se novamente nas duas patas de maneira muito mais agressiva que a anterior.

E, sem nenhuma dúvida, partiu alucinado na direção do mar.

Ao fundo, ondas poderosas continuavam quebrando-se violentamente. E, quanto mais perto do mar, mais temeroso aquele momento se tornava.

Tuhanny berrou um *kiai* e mergulhou em um voo na mesma altura da corrida do corcel.

As patas batiam fundo e erguiam areia. E eles se aproximavam. Mais próximo. Mais próximo. Cada vez mais próximo. O som das ondas ao fundo era tão forte, mas tão forte, que mais parecia sair de uma concha colada ao ouvido.

O cavalo saltou na direção do mar, prestes a afundar nas águas que levava até as ondas.

E, no segundo que antecedia a violenta entrada na água escura, *aquilo* aconteceu.

**41**

- Pois não...- disse um Lemuel Gulliver com os olhos cheios de olheiras de noites maldormidas, ao abrir a porta de uma das dezenas de quartos de hóspedes.

- Capitão Gulliver... - disse a capitã Bradamante. - Desculpa por acordar-te a esta hora da madrugada, mas Rei Anísio Branford exige tua presença nos confins da Sala Redonda...

**42**

O corcel saltou, e o que era fantástico tomou forma. Mais uma

vez. Os cascos tocaram nas águas do mar salgado, e as patas não tremeram pelo medo de afundar. E continuaram a correr. E correr. Como os cavalos dos moicanos que corriam à sua frente e representavam ali o conceito de *realidade* que eles passaram naquele momento a acreditar.

O fato era que a água, que deveria absorvê-los, apenas *amortecia* a corrida e devolvia-os para cima. Era como trotar em cima de uma das camas elásticas dos artistas circenses. Como correr diante de uma realidade de gravidade diferente. Ou como correr através do sonho de seres maiores do que eles.

Era como correr através das linhas que dão existência a contos de fadas.

Ao fundo, porém, as ondas ainda cresciam e se partiam em igual violência. A escuridão tornava o mar muito mais assustador que extasiante. E o som cada vez mais alto gerava temor. E medo. E descuido.

Áxel Branford mantinha as mãos nas rédeas do corcel, forçando-o a não desistir e acompanhar a corrida dos dois cavalos à sua frente. A corrida fantástica em cima de um mar escuro maleável na direção de ondas gigantes que poderiam parti-los sem esforço algum.

Uma fada, porém, já havia ensinado àquele príncipe que, em momentos fantásticos, uma única chave é necessária. Apenas ela pode fazê-los se tornarem realidade.

E apenas ela pode destruí-los em segundos.

Entenda que, neste mundo, o pensamento é mais perigoso do que uma espada.

O pensamento. O pensamento baseado em palavras. Em atitudes.

E em sentimentos.

Perca a fé, deixe o ego dominar você e tudo se tornará mais difícil, você me compreende?

E quando a fé não titubeava, mas o ódio que crescia por detrás dela alcançava uma intensidade a cada dia mais difícil de ser freada?

Tuhanny BERROU seu *kiai* quando os três cavalos se tornaram três pequenos pontos escuros diante de uma imensa parede de onda que prometia abocanhá-los. O barulho ensurdeceu os tímpanos. O cheiro tornou-se inebriante. E o coração não se decidiu entre acelerar ou parar de vez. Áxel bateu as rédeas, ordenando que Bóris não desistisse.

O corcel continuou.

E no momento em que a parede de água iria engolfá-los, seguindo os dois cavalos à frente, ele saltou na direção de encontro a ela. Tuhanny berrou e riscou a noite de vermelho, arremessando-se na mesma direção da imensa parede d'água.

A onda gigantesca e barulhenta se quebrou, encobrindo violentamente todos eles.

E o mar voltou a ser escuro.

Os guardas dos fundos foram dominados rapidamente. Tanto pelo motivo numérico como pela surpresa do ataque.

Era um fato: aquela prisão costumava ter tentativas de fugas.

Mas toda ameaça sempre partia *de dentro para fora*. Nunca

houve uma única vez em que a regra havia se invertido.

Como naquela madrugada.

Os oito guardas daquele espaço ao fundo foram surpreendidos, dominados e amarrados. Todos foram bastante machucados.

Nenhum foi morto.

Na frente da prisão, quase cem adolescentes começaram a

fazer arruaça e arremessar coisas na direção da entrada,

obrigando os guardas reais a convocarem reforços e a

seguirem para a entrada com tochas e lampiões.

Ao fundo, Snail apagou em uma gravata poderosa o guarda da direita.

É ele que toca o alarme.

Depois caminhou, com seus seguidores atrás, na direção do corredor escuro, cuja passagem era impedida pela sequência de portões enferrujados e cadeados poderosos.

-E agora, cabeçuda? - ele gritou, sem olhar para ela.

-Afastem-se.

Todos abriram um vão entre Liriel Gabbiani e os portões de ferro. A voz de comando da garota chegava a assustar. Ela passou por um Snail boquiaberto sem olhar para ele. Esticou

uma das mãos. E...

CLENK!

Um dos cadeados torceu-se violentamente em uma direção não condizente, lembrando um dedo sendo quebrado. A garota continuou andando na direção do portão, apertando as sobrancelhas e sendo seguida de...

CLENK! CLENK! CLENK! CLENK!

Quatro cadeados rompidos nos portões à frente do primeiro! Os adolescentes se olhavam maravilhados. Snail, não, mas seguiu atrás dela.

Liriel Gabbiani ia caminhando, e velhas grades enferrujadas iam se dobrando à sua passagem, abrindo sozinhas violentamente em barulhos violentos de choque entre metais.

Quando passou pelo quinto portão, ela já ia continuar seguindo, quando Snail lhe tocou o ombro:

-Não, você vem no meio! Fique atrás de mim e entre eles!

Os vinte adolescentes se agruparam ao redor dela. Outras dezenas começaram a surgir das sombras do lado de fora e invadir o lugar feito minhocas perfurando a terra.

Snail correu com eles atrás, enquanto a maioria dos guardas reais haviam se deslocado para a entrada onde mais adolescentes faziam baderna, como se quisessem invadir aquela prisão pela frente.

Ele correu por uma imensidão de corredores, como se estivesse acostumado com aquele lugar, ou ao menos já

tivesse sido preso anteriormente e conhecesse não apenas a rotina daquele lugar como também sua estrutura.

Um grupo de doze guardas passou correndo e percebeu a movimentação, assustando-se. Estavam todos um pavilhão acima do subsolo, e o grupo corria na direção do pavilhão superior, quando deparou com aquelas dezenas de adolescentes invadindo o lugar. O grupo de Snail nem pensou duas vezes e partiu para cima em um combate violento.

Dessa vez, haveria mortes.

Snail, contudo, deixou que alguns de seus jovens se digladiassem, enquanto seguia com Liriel e mais alguns, ainda por corredores e escadas escuras, feito um gato na mansão em que cresceu.

-Acaso já cumpriu pena nesta prisão, negro? - ela perguntou, enquanto corria no meio de outros.

-Não. Mas sou bom com *mapas!*

Liriel franziu as sobrancelhas, tentando compreender. E logo compreendeu.

-É um desgraçado...

Era óbvio. Por que, afinal, havia passado meses com seu grupo ao lado de William Scarlet e outros da confiança de Locksley, patrulhando portos e lugares suspeitos à procura da mesma corja a qual sempre pertencera?

Para ganhar confiança e requisitar mapas desses mesmos locais suspeitos que precisavam ser conhecidos para evitar

*invasões*. Ou ser colocado em aposentos onde tais mapas estariam, o que, para um ladino competente como aquele maldito, era a mesma coisa.

Ele parou no meio da corrida de um corredor, obrigando alguns a se atropelarem pela freada brusca.

-Aqui! - ele disse, e com vigor na voz.

-O que tem?

-Tá vendo esta grade de ferro?

Havia realmente uma grade de ferro. Várias ao longo do chão, disponibilizadas em vários quadrados ao longo corredor.

-Estou - Liriel concordou.

-São locais de ventilação para os presos nas solitárias do subsolo! São os únicos locais por onde entra ar!

-Certo.

-Onde é o décimo terceiro? Andem: qual é o décimo terceiro?

- ele bradou ansioso, obrigando muitos de seus moleques a aproximarem tochas desde o início do corredor e a contarem juntos para se certificarem.

Colocaram Snail de frente ao décimo terceiro quadrado.

-É contigo! - ele disse a Liriel, com urgência.

-O que você quer que eu faça?

-Arranca! - ele gritou.

Liriel, mais irritada com o grito do que por vontade própria, *forçou* com violência, e a tampa de metal subiu de forma brusca rodopiando na direção de Snail. Ele se abaixou, e a

tampa bateu no braço, deixando hematomas, antes de cair no chão em barulho estridente.

Ele não reclamou.

-Mas que maldição de corda é essa? - Liriel perguntou quando o viu retirar um pedaço de corda muito fina e negra, que não parecia capaz de aguentar um homem sozinho. O pior é que a corda nem mesmo estava em uma bolsa, mas parecia estar entrecruzada ao longo de vários bolsos falsos do sobretudo do ladino, como se fosse uma cobra enroscada ao longo da roupa.

-É *corda fria*. Não se fabrica, ao menos não nos *meios normais*. Na realidade, não é exatamente uma corda: é um *organismo inteligente* utilizado para amarrar... *criaturas*. Ela é quase invisível aos olhos e impossível de ser partida. Você nem mesmo a sente na pele. A não ser, claro, se você tiver origem feérica...

-Como assim um *organismo inteligente*? Está me dizendo que essa coisa é *viva*?

-É, mas não viva como um... *bicho*, sabe? *Viva* mais como uma planta...

-Sei. E Caçadores de Bruxas sabem que está faltando uma dessas em seus acessórios?

-Bom..

A *corda fria* foi arremessada na direção de alguns adolescentes presentes. Snail segurou a ponta e começou a amarrar ao redor da cintura. Na verdade *amarrar* não seria o

termo mais apropriado; o fato era que, quando ele passou ao redor da cintura e encostou a ponta solta no corpo novamente onde fazia o nó, o próprio *organismo inteligente* compreendia o que ele queria e se tornava uma coisa só, sem início nem fim.

Na outra ponta, cinco adolescentes iam se afastando e segurando em pontos diferentes da corda, feito um cabo de força. Outros adolescentes procuravam pontos de apoio para segurar cada um deles e ajudar a evitar o atrito, já que os cinco seriam puxados na direção contrária quando tivessem que sustentar o peso de Snail. Eles poderiam também ter enroscado em algum suporte, mas apenas o ladino sabia como destravar o que quer que fosse aquele sinistro *mecanismo* posteriormente.

Snail saltou feito uma aranha descendo pela teia, na direção do buraco escuro. Quando tocou no chão, ordenou:

-Jogue!

Lá de cima, o adolescente Oliver deixou uma tocha cair da maneira como faria com um vaso de plantas, deixando apenas com a ação da gravidade o cuidado de não deixar que a parte do fogo virasse ao contrário.

O desgraçado embaixo pegou a tocha que caía no escuro sem se queimar, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

A prisão era úmida e fétida. Havia pouco ar e muita sujeira.

Pedras ao redor e lodo. Urina e fezes se misturavam à ração de

bicho. E entre essa amálgama bizarra, havia um homem de unhas imensas e barbas e cabelos brancos tão extensos, que mais lembravam a figura dos velhos profetas loucos.

Na verdade, talvez ele fosse *realmente* um profeta. Ou talvez simplesmente louco.

O fato é que, no momento em que Snail aproximou a tocha do rosto dele, houve um sorriso.

-Olá, Jim - o ladino negro disse. - Você não me conhece. Mas eu vim lhe tirar deste calabouço. Existem homens *piores* do que você para sofrer de tal destino.

"No seu caso, é hora de você achar um lugar melhor para morrer."

Fosse profeta, ou fosse louco, o homem velho do outro lado também sorriu.

**44**

Sala Redonda. Uma mesa octogonal, que lembrava um círculo.

Rei Anísio Branford estava diante da mesa que antigamente contava com Sete Conselheiros, um de cada cor, mas que ali contava com Oito, um pouco mais espremidos. Antigamente, havia cadeiras que mais pareciam tronos, com jóias incrustadas na mesa que representavam a cor e importância de cada Conselheiro.

Hoje, as jóias continuam, mas as cadeiras foram abolidas. Rei Anísio chegou à conclusão de que medidas emergenciais

precisam de soluções rápidas. E que reuniões terminam muito mais rápido quando as pessoas estão de pé. Rainha Branca Coração-de-Neve era bem provável que quisesse também estar presente, mas, naquele instante, dormia tranquilamente sem imaginar o que o esposo estava fazendo.

O sol nem havia nascido.

- A situação que hoje deve ser julgada tem o caráter urgente que esta convocação súbita exige. Como todos sabem, Arzallum foi invadida por uma tecnologia a que nunca tivemos acesso, e minha chegada ao trono deste Reino iniciou uma Era Nova em que inimigos e aliados declarados estão muito bem estabelecidos...

A sala era decorada com brasões de guerra, com as bandeiras de Arzallum e da Guarda Real e, hoje em dia, novamente também dos Cavaleiros de Helsing.

Quando o Rei se reunia com seus Conselheiros na Sala Redonda, ninguém deveria incomodá-lo, a não ser por um motivo de extrema urgência. E, logo, como toda reunião com tais Conselheiros se dava por questões emergenciais, era difícil imaginar melhores motivos para se interromper uma reunião.

Naquele momento, porém, bateram na porta. E o motivo era justo.

A capitã da guarda entrou com o capitão Lemuel Gulliver.

Todos os presentes se calaram, surpresos com a entrada,

embora já soubessem que ela se daria. Verdade seja dita: não era todos os dias que mesmo Conselheiros Reais viam à sua frente um *original*.

-Vossa Majestade... - Bradamante fez uma reverência. Capitão Gulliver a acompanhou.

-Conselheiros...

Sabino von Fígaro, na figura e manto claro do Conselheiro Branco, convidou Lemuel Gulliver para se posicionar ao seu lado. A capitã ficou ao fundo, esperando ser requisitada caso sua opinião fosse necessária.

-Senhores, com muita surpresa e admiração temos hoje de volta neste Paço um dos heróis originais que lutaram ao lado de meu pai, Rei Primo. Sua chegada, porém, trouxe notícias alarmantes e que me colocam em uma encruzilhada perigosa onde qualquer decisão que eu venha a tomar neste momento irá modificar Arzallum para sempre. Mais uma vez.

Os silenciosos Conselheiros balançaram as cabeças cobertas.

Todos eles já estavam a par do que estava acontecendo.

-Pois bem, neste momento, Brobdingnag possui em seu poder uma criança arzallina, chamada Jack Spriggins. Seu nome verdadeiro, porém, é John Gulliver, filho de nosso capitão presente Lemuel Gulliver. - Os Conselheiros ainda se mantiveram silenciosos, mas era possível sentir as ansiedades e preocupações. - Os motivos que levaram nosso capitão ao isolamento já lhes foi explicado e não serão nesta Sala

julgados por nós, mas sim o fato de que, independentemente da forma como tais acontecimentos se deram, existe hoje uma quebra do tratado estabelecido no *Pacto de Swift*. E, aqui, neste dia, é hora de Arzallum decidir como se posicionará diante disso.

O Conselheiro Preto, na figura do robusto coronel Athos, segundo em comando na Ordem dos Cavaleiros de Helsing e desafeto de Sabino von Fígaro, exclamou:

-Vossa Majestade, diante do cenário proposto, não há muito o que ser discutido. Se Brobdingnag está com uma criança arzallina em seu poder destratando o *Pacto*, é obrigação desta nação perante o mundo exigir tal custódia de volta, ou tomá-la à força, se necessário.

O Rei fez um sinal na direção de Sabino, e o Conselheiro Branco assumiu:

-Um dos grandes dilemas aqui estabelecido, porém, é que a criança de que estamos falando se trata na verdade de uma criança *meio-arzallina*. - Por baixo de capuzes coloridos, todos arregalaram os olhos. - Na realidade, John Gulliver é filho de dois arzallinos, mas nasceu na capital do Reino Gigante, Lorbrulgrud.

Os Conselheiros murmuraram coisas para si próprios. Enfim, compreendiam onde estava o grande ponto daquele conflito.

Ou, ao menos, *achavam* que compreendiam.

Mal tinham consciência de que ainda nem faziam ideia.

-Gostaria de compreender melhor onde se encontram as ideias ambiciosas da senhora Mary Gulliver ao ter seu filho em tais terras.

O próprio capitão Gulliver tomou a palavra. Impressionava como, pouco a pouco, a figura do velho pai cansado que chegara a Arzallum desesperado e em trapos dava lugar a um capitão militar com anos de experiência como herói de guerra.

-A senhora Mary Burton... - repare a ausência do próprio sobrenome - ... tornou-se *aprendiz* da bruxa mais influente de Brobdingnag.

-A Mãe Gorda? - perguntou o Conselheiro Preto, demonstrando por que era o antigo comandante máximo dos Cavaleiros de Helsing.

-Sim - assumiu Sabino, na eterna rixa. - A bruxa Iddian-Si. Os dois Conselheiros ficaram se olhando. E o Conselheiro Púrpura, conhecido por ter a maior preocupação com a *responsabilidade* da função dos Conselheiros daquela sala, afirmou:

-Vossa Majestade, se compreendo o que está posto em jogo, gostaria de adiantar meu voto para *voto contra*. Todos aqui temos consciência de que armar exércitos para subir até um Reino em posição estrategicamente superior e de poder destrutivo maior que o nosso seria não apenas condenar à morte milhares de arzallinos como incitar a pólvora que provocará uma Primeira Guerra Mundial em Nova Ether.

-Perfeitamente... - comentou o Rei, deixando claro que queria ouvir o resto da conclusão. O Conselheiro pareceu sem jeito e concluiu:

-Então, Vossa Majestade, não entendo qual a dúvida aqui proposta! Sim, todos nós podemos nos solidarizar com a dor de capitão Gulliver; muitos aqui são pais e sabem o que isso significa. Mas, como Conselheiros Reais, temos a consciência de que não podemos matar milhares para salvar um...

-Mas e quanto à moral de Arzallum? - perguntou o impulsivo Conselheiro Vermelho.

-Como? - o Conselheiro Púrpura se virou para ele.

-E quanto à moral desta nação? - insistiu Vermelho. Rei Anísio nada disse; já havia avaliado aquela situação, mas gostaria de ver seus Conselheiros debatendo-a.

-Isso não teria relevância neste momento... - disse o Conselheiro Verde, sempre na esperança de tempos melhores.

- Concordo com Laranja! Não podemos mandar milhares à morte por uma questão de *moral nacional*. Se assim for, deveríamos pensar como *moral humana*.

-Amarelo? - perguntou o Rei, e só então eles perceberam como Anísio Branford estava levando aquela questão a sério, como se já houvesse aberto oficialmente uma votação.

-Vossa Majestade, compreendo os dois lados que estão sendo pesados nesta balança. Compreendo a prudência e compreendo o impulso. Não considero sensato matar milhares

para salvar um, mas a questão de termos um desrespeito a um pacto conhecido pelo mundo e a não intervenção de Arzallum no assunto seria algo mais grave do que pode parecer.

-É óbvio que sim! - disse o Conselheiro Preto. - Se Arzallum ainda quiser se manter como a Maior das Nações, que moral terá diante do mundo, se decide se esconder quando alguém a desafia tão abertamente? Como poderá exigir a palavra de outras nações, se não cobrar o cumprimento estabelecido em acordos?

-Azul - disse o Rei. Assim como fazia Primo Branford, mais parecia uma intimação do que uma pergunta, era o momento de questionar o Conselheiro de maior intuição. - O que sua intuição lhe diz sobre o caso?

Azul manteve-se quieto por um momento. E disse:

-Que não podemos deixar a situação como está ou Arzallum perderá a moral, mas que antes deveríamos dar ao Rei Blunderbore e a Brobdingnag a opção de nos entregar a criança pacificamente.

O capitão Gulliver olhou para baixo, pensativo. Todos os presentes emitiram murmurinhos concordando que aquela parecia a melhor solução.

-Brobdingnag não vai nos entregar a criança pacificamente... - disse Lemuel Gulliver.

-E como podes ter tamanha certeza, capitão? - perguntou com sua cordialidade de sempre o Conselheiro Laranja.

-Porque eu *estive* lá. E fiz o mesmo pedido.

Os Conselheiros se surpreenderam.

-E qual seria o interesse de Blunderbore em provocar

Arzallum por uma simples criança? E qual o interesse de

Mary... - ele *quase* falou Gulliver - ... Burton em permanecer

ao lado de uma nação que pode usar seu filho como estopim

para uma guerra mundial?

Sabino von Fígaro assumiu:

-Mary Burton *espera* pela guerra. Em sua ambição, espera que

Brobdingnag destrone algum Rei inimigo e coloque-a no

posto de Rainha.

-Além disso... - disse Rei Anísio - ... nós sabemos que

Brobdingnag e Minotaurus são aliados. E Ferrabrás está

sedento por um motivo para enfrentar Arzallum.

-Mais uma razão para *não* darmos esta guerra a eles... - insistiu

o Conselheiro Púrpura.

Houve silêncio na sala. E silêncio. E som:

-Conselheiros... - disse o Rei. - Em vez de perguntar

individualmente, vou abrir uma exceção no dia de hoje e pedir

que vós apenas levantais as mãos à minha pergunta.

Os Conselheiros se olharam. Mas ninguém protestou.

-A par de que há um desrespeito ao *Pacto de Swift* e de que

Brobdingnag já manifestou a uma testemunha presente que

não pretende se desculpar e muito menos ceder ao motivo do

desrespeito, qual de vocês é a favor da *declaração de guerra*?

Os Conselheiros Vermelho, Preto e Azul ergueram as mãos.

Seriam cinco votos contra três.

Até que Sabino von Fígaro também a ergueu.

O Rei balançou a cabeça. Os outros Conselheiros estranharam que o Conselheiro Branco tivesse tomado parte da decisão, afinal era raro que concordasse com qualquer raciocínio do Conselheiro Preto, ao menos com as informações que estavam postas à mesa.

A não ser que houvesse algo mais que eles não soubessem.

-Senhores, temos um impasse. Logo, vou pedir que aqueles a favor da guerra mantenham os braços erguidos... - disse o Rei.

- E a par da informação que revelarei agora, que os outros se manifestem ainda contra, ou, caso mudem de ideia, ergam também as mãos.

O ambiente daquela sala estava *realmente* ficando tenso. E iria piorar.

Era a hora enfim de se colocarem todas as cartas na mesa.

**45**

- Quem é este velho gagá, Galford? - perguntou Liriel

Gabbiani, com seu jeito debochado, a Snail, observando o velho libertado roncando como um porco em um abrigo improvisado no porão de um velho casarão abandonado.

-Ele é Jim Hawkins. O homem que descobriu o primeiro grande tesouro do mundo; o homem que *inventou* a visão romântica da pirataria e o homem que é, sem dúvida alguma, o

melhor pirata que Nova Ether já viu..

-E Gancho?

-Gancho era o *pior* dentre os melhores piratas.

-De qualquer forma, pensava ter ouvido dizer que o título de melhor pirata do mundo fosse de Andreanne.

-Não por acaso você ouviu isso em Arzallum.

Liriel riu. De fato, Arzallum havia dado o nome da pirata arzallina à sua capital. Snail emendou:

-Relaxa esse ceticismo, Gabbiani! Amanhã, quando ele estiver melhor, você vai entender o que eu estou dizendo.

"Amanhã será o primeiro dia do início da vida que eu sempre sonhei."

**46**

Áxel Branford acordara tossindo e não se lembrava de muita coisa.

Havia apagado momentaneamente quando seu corcel ultrapassara uma onda e continuara correndo até parar na areia de uma praia que não era a mesma de onde havia partido. Foi necessário que tirassem água de seu pulmão. Ele ainda estava um pouco roxo. Mas voltara a respirar.

Ao redor dele, havia alguns índios moicanos e várias mulheres muito, muito além do que o termo poderia fazer justiça. Eram mulheres de pele dourada e olhos brilhantes. Eram mulheres de voz sensual e jeito guerreiro.

Eram mulheres de vida militar e orelhas pontudas.

Eram elfas. Eram as lendárias elfas-amazonas.

-Seja bem-vindo, príncipe Áxel Terra Branford - disse uma elfa de longos cabelos negros que se aproximara, dentre índios moicanos que lhe abriam passagem. - Eu sou Lirath, princesa irmã de sua prometida. Aquela que em algum momento o levará até ela, se você *merecer*.

Áxel ergueu-se com dificuldade e visão turva. E disse com uma voz lenta:

-Estas terras, elfa... são elas realmente... as terras fantásticas... são elas...

-Sim - ela resmungou, como se ratificar aquela informação ao estrangeiro muito mais a incomodasse do que outra coisa. -

Você está em terras inacessíveis à sua raça sem permissão.

Você está em terras que, para nós, são as Terras de Sempre.

"Mas, para vós, são as *Terras do Nunca...*"

**47**

- Conselheiros, e se eu vos informasse de que existe uma *suspeita*, uma única possibilidade de que a criança neste momento em poder de Brobdingnag seja o avatar? - Sim, corações na Sala Redonda pararam por um momento. - E se eu vos informasse de que a criança de sangue arzallino, nascida no Reino Gigante e em poder da Grande Raça, possui o mínimo risco de *poder* ser a esperada criança que trará de volta o Christo para liderar a Era Nova da humanidade?

A Sala Redonda ainda era silêncio; puro silêncio. Mas cada

um presente podia escutar o coração do outro.

-Não há a menor prova de que isso seja concreto? - perguntou, ainda pensativo, o Conselheiro Amarelo. Todos olharam para o capitão Lemuel Gulliver.

O capitão manteve a cabeça baixa e fez um sinal de negativo com a cabeça.

-Mas apenas a suspeita já modifica o cenário - disse o Conselheiro Verde. - Vós sabeis como sempre sonho com melhores ventos e como sempre baseei minha fé na crença do dia em que o Criador nos enviaria de volta o Christo Merlim Ambrosius de Avalon. Eu poderia dormir sabendo que milhares morreram para tentar trazer uma criança dessas de volta à humanidade onde ela deveria estar. Mas não o conseguiria se essa criança for quem se *suspeita* que seja e nós não tivermos *tentado*.

O Conselheiro Verde ergueu a mão a favor da guerra.

-Eu só o farei se vós todos concordardes - disse o Rei.

A Sala Redonda inteira ainda era silêncio e tensão.

-E se a criança *não* for o avatar? - questionou o Conselheiro Púrpura.

O Conselheiro Amarelo ergueu o braço. E justificou:

-O povo poderia nos perdoar por isso. Mas jamais nos perdoará se ela for e nós não o tivermos feito.

Faltavam dois.

-Nossos exércitos serão capazes de enfrentar o exército

gigante? - questionou o ainda indeciso Conselheiro Laranja.

-Capitã... - intimou o Rei.

Capitã Bradamante se aproximou e disse:

-Em *teoria*, talvez não.

-E existe, em algum momento que não percebo, algum

"porém" em tal resposta, capitã? - insistiu o Conselheiro.

-Apenas algo que a experiência me ensinou, Conselheiro.

-E o que tal experiência pode compartilhar conosco?

-Que não importa *contra o que* nós lutamos. Mas *pelo que*. -

Uma pausa. - E por um motivo *desses*, senhores, acredito que

nossos exércitos seriam capazes de quaisquer feitos.

O Conselheiro Laranja ergueu o braço. Faltava um.

As atenções estavam todas no Conselheiro Púrpura. E nunca

sua preocupação com responsabilidades sobre o papel de um

Conselheiro Real estiveram em tamanha intensidade.

-Minha preocupação não é com os que morrerão nesta guerra.

Mas com os que continuarão vivos. E se nosso Reino se

empobrecer a ponto de os órfãos e as mulheres não terem

como se sustentar? E se nosso Reino for tomado, se colocarem

Mary Burton como Rainha e destruírem toda a cultura que

levamos centenas de anos para estabelecer e sustentar? - pela

voz, notava-se que havia quase lágrimas nos olhos daquele

nacionalista. - E se Arzallum *fracassar*, Rei Branford?

Rei Anísio Branford suspirou, estufou o peito e falou no tom

de um general de guerra:

-Então teremos entrado para a História como uma nação que existiu e desapareceu por um motivo pelo qual valeu a pena existir! Então seremos lembrados como um povo que outros tomarão como exemplo, e descendentes sentirão orgulho.

Então seremos lembrados como um povo que honrou uma humanidade e sacrificou a existência por um ideal. Seremos lembrados como os mais virtuosos. Como os mais destemidos.

O Rei apertou os punhos. Os lábios. E concluiu a difícil sentença:

-Seremos lembrados... como a maior nação... que já existiu.

O Conselheiro Púrpura aquiesceu e ergueu a mão dentre lágrimas de medo, dúvida e esperança.

Rei Anísio Branford não titubeou e manteve a voz vibrante:

- De acordo com este Conselho e com a autoridade a mim atribuída, eu, Anísio Terra Branford, Rei de Arzallum, sob o motivo de *ofensa nacional e destrato* às normas estabelecidas entre nações pelo *Pacto de Swift*, decido que seja *declarada guerra* à nação gigante de Brobdingnag e que a tormenta desse exército caia sobre a cabeça de seu comandante, Rei Blunderbore!

E um punho real bateu firme na mesa, significando que não havia volta na decisão tomada.

E, como se fossem partes de um único círculo, oito punhos bateram firmes na mesa octogonal, o que significava a bênção de suas sabedorias naquela decisão.

Estava declarada a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether.

# ATO II

## Círculos de Fogo

01

Havia mais um círculo formado. E havia, mais uma vez, treze.

Mas aquele círculo não era um *coven*. E aquelas pessoas não

eram pessoas comuns. Algumas até eram magas, bruxas ou

místicas. Todas conheciam muito, ou *quase tudo*, de um

Caminho de Magia. E ainda assim se respeitavam e talvez *por*

*isso* se respeitassem.

O fato era que ali estavam juntos os treze maiores. Os treze

melhores.

Os treze maiores do mundo.

No dia 8 do oitavo mês, a cada oito anos, eles se reuniam. E

formavam o Círculo dos Dragões. Havia pouco, talvez não

houvesse nem mais nada que se igualasse a um momento

como aquele em expressão semi-divina em todo o mundo.

Aquele não era um círculo de bruxaria branca ou negra, era

algo muito, muito maior. Aquele era o Conselho de Magia

mais poderoso do mundo, acima de qualquer Sala Redonda ou

política humana, que decidia pelo destino do mundo e pela

evolução ou involução da humanidade de Nova Ether.

E o curioso era que mesmo uma involução nesse caso se

tratava de uma evolução.

*Aquele era o Conselho Supremo. O Conselho Druida.*

*Aquele era o Círculo do Pendragon.*

- Hoje é a primeira vez que nos reunimos desde que nos tornamos doze - disse o clérigo-cardeal Próspero, sacerdote máximo de Quimera.

Os outros concordaram. A realidade era que uma daquelas vagas era da falecida Rainha-Fada Terra Branford, mãe do atual Rei de Arzallum.

Obviamente, a vaga agora precisava ser *preenchida*.

-As vagas neste Conselho estão sendo desocupadas cada vez mais rápido... - disse o mago-troll Krull.

O comentário era uma provocação direta a Morgana Le Fey e à trágica morte de Arthur Le Fey, o último Pendragon, nas mãos do próprio filho. Diziam que o trágico acontecimento se dera por manipulação direta da própria Morgana, irmã e Rainha por direito de Albion, que planejou colocar no trono o amante e hoje Rei, Oronte.

Ninguém até hoje conseguiu provar nada de concreto sobre tal caso.

-Vamos torcer para que isto não continue acontecendo... -

comentou Morgana com uma voz rouca e extremamente fria, como se apenas aquele timbre já fosse responsável por todo um inverno.

-A questão é: quem tomará lugar na vaga de Rainha-Fada Terra? - insistiu o clérigo-cardeal Próspero.

Houve silêncio.

-Todos aqui sabem como é a *regra* - disse Mestre Anão

Orgulho. - Não somos nós quem decidimos isso. Foi assim com Arthur; será assim com Terra. O Criador faz o *chamado*.

O escolhido chega até aqui *sozinho*...

O Mestre Anão estava certo. Era assim que *sempre* funcionara:

o Conselho *sempre* se reunia na mesma data, mas nunca no mesmo lugar. E quase todas aquelas pessoas ali só se viam uma vez a cada oito anos, então não havia nem mesmo como se comunicarem previamente.

Logo, era preciso escutar o *chamado*.

Uma voz que *simplesmente* lhes dizia aonde ir e que todo membro por direito daquele Círculo escutava. Era assim; sempre fora assim, e naquele dia, não foi diferente.

Logo, foi assim que, passado algum tempo, todos os presentes escutaram *ela* se aproximar.

E o Conselho inteiro se virou à recém-chegada.

-Quem é ela? - perguntou Iddian-Si, a Mãe Gorda.

Ninguém parecia reconhecê-la. Ainda assim, com suas vestes vastas e claras que cobriam o corpo idoso, ela se aproximou trazendo uma bengala que mais parecia um bastão místico.

Sem contar o chapéu em forma de cone na cabeça.

-Ela é Viotti... - respondeu Próspero. - *Madame* Lenora Viotti.

-De onde a conhece?

-Um incidente envolvendo nosso clérigo Thamasa e a Catedral da Sagrada Criação de Andreeanne...

- "Um incidente"? Ele diz como se não fosse o motivo de não contarmos mais com Terra... - comentou Krull.

A senhora se aproximou, e o Conselho a fitou, tentando entender o motivo da *presença*, ou o motivo da *escolha*, o que no fim era a mesma coisa.

- Boa noite a todos os presentes dos dois lados... - ela disse. -

Como disse o clérigo-cardeal Próspero, eu sou Lenora Viotti, Alta Sacerdotisa e uma das únicas sobreviventes da *Caçada*.

- Uma *branca*? - disse com desdém Calígula, Alta Sacerdotisa careca e repleta de tatuagens e brincos espalhados pelo corpo, a fada caída e mestra suprema da mais temida ordem da magia negra do mundo: as *Filhas de Bruja*. Cavaleiros de Helsing e outros Caçadores de Bruxas em geral seriam capazes de fazer pactos com entidades sombrias *somente* para tê-la em mãos.

E, antes que alguém se confunda, obviamente o comentário da bruxa não se referia à cor de pele de Viotti. Mas à opção dela como maga.

- Decepcionada? - perguntou o feiticeiro Oberon.

Oberon tratava-se do Feiticeiro-Mestre do Reino de Orion, que atualmente tentava de tudo para tirar a Rainha Adormecida Belluci de seu coma profundo. O mais curioso caso desse feiticeiro, contudo, é que acabara por ficar famoso mundialmente por seu maior deslize: um infeliz aprendiz que resolveu criar golens de madeira e levou o Reino de Orion à loucura com uma horda de golens destrutivos.

O episódio ficou conhecido como o caso do *Aprendiz Infeliz de Feiticeiro*.

A par disso, era um dos mais notáveis magos do mundo.

-Calígula provavelmente esperava que fosse Helena... - voltou a dizer clérigo Próspero.

-Helena Bravaria? *A escorraçada?* - perguntou o mago-troll Krull. - Soube que fora expulsa de Stallia feito uma cadela prenha que ninguém mais quer que tenha filhotes...

-Helena Bravaria é parte do *Conselho do Mal* - disse Oberon. -

Talvez um dia ela entre neste círculo no lugar de Baba...

Oberon tinha razão. Cada um daqueles magos e bruxos presentes liderava algum *coven*, conselho ou círculo próprio em suas próprias terras. No Conselho Druida, porém, nunca duas pessoas de um mesmo Círculo ou Conselho poderiam tomar parte.

Baba Yaga, a bruxa de quase três metros de altura e dentes pontiagudos de aço, exclamou com sua voz

proporcionalmente alta:

-O nome que quer dizer é *Conselho de Sangue*. E para isso acontecer, feiticeiro-faxineiro... - o desdém vinha do caso do *aprendiz infeliz* - ... *eu, primeiro*, teria de morrer.

-Nem sempre. Zoroastro morreu e se tornou um maldito *linche*.

Das sombras, *ele* surgiu. De longe, entre todos, era o mais soturno.

O mais sombrio. O mais temido. A presença do sinistro Mago de Oz era tão arrepiante, que até mesmo Baba Yaga, que era respeitada por todos, o respeitava. Vestia-se de negro e mais parecia uma imensa sombra em pé. O corpo era magricelo. E, quando a lua ou alguma estrela resolvia iluminar seu rosto, o que antes já fora carne hoje se demonstrava apenas esqueleto. Era o preço de um humano se tornar um linche. Triplicava-se poder, mas se perdia três vezes humanidade.

Hoje, dizia-se que, se um dia fosse preciso, o único capaz de anular o poder do Mago de Oz seria Mestre Anão Orgulho. Talvez isso fosse verdade.

-Não estou vendo muita produtividade neste Conselho hoje - ele disse, com uma voz que parecia não dizer nada. - Aliás, vejo, a cada oito anos, cada vez menos.

As pessoas notaram que, ao fundo, o Mago Atlantis concordou. Guelron não falava nenhuma linguagem dos Reinos da Superfície e só compreendia as reuniões porque eram faladas em erdim. Tinha uma cor azulada, nenhum pelo, orelhas que lembravam ostras, pele escamosa e guelras.

O tipo de ser que não podia ficar muito tempo fora do mar e, por isso, contava cada minuto perdido.

Sua estada ali a cada oito anos, porém, era pautada apenas pela própria presença em si realmente. Ele nunca falava nada.

E apenas observava, vez ou outra concordando ou não com algo que era dito. E, acredite, para o povo atlante, que não se

envolvia com o povo da superfície, isso já era um avanço.

Para se ter uma idéia, nenhum de seus príncipes e princesas saiu de seus Reinos submersos nem mesmo para a coroação do novo Rei de Arzallum.

-Ninguém é obrigado a vir ao Conselho... - disse Mestre Orgulho.

-Mas, infelizmente, somos *chamados*... - respondeu o Mago de Oz.

As atenções se viraram para ele.

-Já pensaste em recusar o chamado de teu Criador, mago sombrio? - perguntou clérigo Próspero.

-Apenas no dia em que tomar Seu lugar. Ou me tornar um de Seus *preferidos*...

Os presentes não sabiam se tomavam aquilo como uma grande piada ou como a maior das ameaças imaginadas.

-Já chega de blasfêmias por hoje - disse Oberon. - Temos mais presentes que ainda precisam dizer alguma coisa.

Era verdade. Havia um encapuzado, com uma veste que lhe cobria todo o corpo e cabeça. Aquela era a *veste sagrada* do círculo.

Porque só quem a vestia era o atual Pendragon.

O Pendragon era o único *tocado* capaz de deixar o corpo físico e, através de seu espírito, ter acesso ao plano de *Dragões de Éter*.

Apenas um ser vivo no mundo era *tocado* com tal dom por

vez.

O último fora Rei e cavaleiro Arthur, e apenas isso já dá uma idéia do que fora sua perda para o mundo.

Ser um Pendragon, porém, envolvia um caminho de grande sacrifício. Era preciso passar por uma grande provação para ser *tocado*, e por outras duas para ser *escolhido*.

O *tocado* poderia falar com dragões etéricos. O *escolhido* seria capaz de acordar deusas e decidir o destino do mundo.

Por isso, esperava-se tanto o retorno de Merlim Ambrosius.

Porque seria ele quem guiaria o novo *tocado*. E, assim, o novo *escolhido*.

Mais uma vez.

Arthur Pendragon havia passado sua primeira provação quando arrancara a Espada da Pedra e se tornara Rei. A segunda seria por matar o próprio filho que o traía.

Mas ele não conseguiu.

Aquele novo encapuzado ali presente passara pela primeira provação. E fora *tocado*.

Em breve, todos daquele círculo saberiam que ele iria passar por uma segunda.

As pessoas, porém, naquele instante, viraram-se melhor para ver um mago de vestes orientais, com tecidos e toucas leves, como os descritos pelas poucas pessoas confiáveis que deliraram vendo gênios. Vestia uma faixa que lhe cobria até mesmo o umbigo e usava duas toalhas azuis: uma em cada

ombro.

-E quanto a você, oriental? - perguntou Calígula. - Precisa de uma língua para dizer algo? Eu posso lhe arranjar uma, se você a devolver depois...

O mago oriental, que mantinha os braços cruzados e olhos fechados, os abriu pacientemente. E disse:

-Não há muito o que ser dito. Há oito anos, eu lhes disse o que está acontecendo hoje.

-Gnomos chegarem dos céus? - perguntou o mago-troll Krull.

-O estopim que levaria ao início da Grande Guerra. Por mim, fora dito que a tecnologia evoluiria rapidamente neste continente, mas que a ambição deste lado das terras não a acompanharia. E então haveria a Grande Guerra.

-Tolices - disse a horrenda Baba Yaga. - A Grande Guerra ocorrerá por causa do avatar...

-Não é incrível como o retorno do Filho do Criador é cercado de ódio e rivalidade, quando deveria ser cercado de amor? - perguntou clérigo Próspero.

-No dia em que seus padres dividirem o poder das pedras de criação, então conversaremos sobre *amor e desapego*, sacerdote hipócrita... - disse Calígula.

-Falar sobre o poder das pedras e sobre amor é um pleonasmo, *maga de brincos*.

Mestre Anão Orgulho tomou a palavra:

-Suas discussões são inoportunas e fogem à objetividade que

exige nosso pouco tempo. Tomemos agora uma linha de raciocínio concreta. Deem a palavra àquela que pode nos confirmar ou não...

E todos se viraram para Iddian-Si, a imensa Mãe Gorda.

-O que este Conselho quer saber? - ela perguntou, com sua voz poderosa.

-É verdade que está com uma criança que rompe o *Pacto de Swift*? - perguntou Mestre Orgulho.

-Não se fala de política no Círculo... - disse Morgana Le Fay.

-Sim, se fala quando estamos nos referindo a uma criança que pode ser o avatar - comentou o Mago de Oz.

As pessoas se calaram. Até que o mago-troll deixou escapar:

-Não me admira que Morgana não goste de falar de política neste Círculo...

-Cale-se - disse o Mago de Oz, o único que ousaria falar com alguém presente naqueles termos sem sofrer as consequências.

E disse na direção da Mãe Gorda: - Agora ratifique ou retifique o que foi perguntado...

Iddian-Si pareceu incomodada. E enfim disse:

-Sim. É verdade...

-Uma criança que pode provocar a Grande Guerra? - perguntou Mestre Orgulho.

-Não é *isto* que provocará a Grande Guerra... - disse o mago oriental.

-Sei que sou nova neste Conselho, e peço desculpas por pedir

a palavra... - disse Madame Viotti, virando para o mago-gênio.

- Mas uma vida não é uma *coisa*, mago oriental, para ser usado tal termo.

-E não me refiro mesmo a uma *vida*, bruxa-caçula. - Era esquisito para uma senhora como Viotti ser chamada de caçula, mas, afinal, não era mesmo ela a mais nova integrante daquele Conselho? - Mas a uma *atitude*.

Mestre Orgulho ignorou o comentário do mago-gênio e perguntou à Mãe Gorda:

-Afinal, poupe tempo e diga-nos: é *ela*?

Houve silêncio novamente diante da tensão de uma resposta que mudaria tudo. As motivações. As atitudes. As buscas. O mundo.

Iddian-Si, suando feito uma porca por todos os poros e exalando um forte cheiro das axilas, enfim, disse:

-Eu *acho* que sim.

Houve explosões de murmurinhos de desdém. E até escárnios.

-Oh, meu Criador, ela *acha*... - resmungou Oberon. - Agora o mundo está pronto para mudar...

-O que viria depois? Ensinar-nos como *acha* que devemos manter a forma física? - perguntou o mago-troll Krull.

Iddian-Si fechou a expressão. Mas não comentou nenhum escárnio (houve outros em curto espaço).

-Dê a criança a mim que descubro em dois tempos - disse Baba Yaga. - Se ela não o for, devoro-lhe a cabeça. E os

braços. E todo o resto. E sirvo o sangue em taças, diante de sacrifícios.

-Não hoje - disse Zoroastro, e todos se calaram mais uma vez diante do Mago de Oz. Qualquer risada, piada ou comentário perdeu a vida e secou. - Hoje, Iddian-Si é parte deste Conselho.

-O que deveria lhe ser uma prudência para pensar nos dias a partir de amanhã... - disse Calígula, mostrando a língua. O órgão também tinha um brinco (talvez até mais de um).

-Mãe Gorda... - assumiu o Mestre Anão. - Você tem consciência do que está sendo colocado neste Círculo?

Iddian-Si balançou a cabeça. E demorou para dizer:

-Eu sei.

-E você sabe que, se não *dividi-la* conosco, cada um de nós apoiará cada aliado que resolva buscá-la?

A maioria concordou com a cabeça. Até mesmo o calado Mago Atlantis.

-Eu sei - ela respondeu.

-E que estamos falando não apenas de místicos, mas de *exércitos*...

A Mãe Gorda pareceu *quase* sorrir.

-Eu sei.

-E, ainda assim, pretende correr o risco?

-Sim.

-Repare que, quando digo *risco*, estou me referindo ao risco

*de ele* não ser quem você *acha* que ele é.

-Ainda assim, Mestre Anão, eu irei arriscar.

-Então escolhe guardar o conhecimento dado à humanidade para si? - perguntou o clérigo Próspero. - Será que corpanzil tão grande necessita também de tamanho egoísmo para ser saciado?

-Se esta criança veio até mim, acredito em um motivo desenhado em traços de Destino.

A maioria riu, com gosto.

-Acredita-se em muitas coisas quando o Poder passa por nossas mãos.

-Nada que nenhum de vocês não seria tentado.

Houve silêncio. Não porque estivessem analisando a última frase, mas porque estavam analisando como dar o próximo passo. Na realidade, todos sabiam como dar o próximo passo.

Mas poucos naquele círculo seriam capazes de dizer.

-Vamos consultá-los... - disse o Mago de Oz.

E o coração de todos os presentes bateu mais rápido.

-Tem certeza? - perguntou Morgana. - Desde Arthur, ainda não tentamos um contato com...

-Esse momento um dia chegaria - disse o mago soturno.

-E realmente ele chegou - disse Mestre Orgulho. - Nosso caso é óbvio. A única forma de confirmarmos se é esta criança o avatar ou não é perguntando a *elas*.

Madame Viotti, que já vira muito naquela vida, mal conseguia

falar. Chegava a arrepiar a pele que sua Criadora a tivesse escolhido para ver um momento como aquele ainda em vida, depois de tudo o que ela já havia visto.

-Então que seja... - resmungou Morgana. - E que aceitem as consequências da *resposta*...

-Vamos limpar a energia deste círculo - disse o feiticeiro-mestre Oberon, quase como uma ordem. - É hora de falarmos com *Dragões de Éter*...

-Que o novo Pendragon, atual *Senhor dos Dragões*, apresente-se... - disse Mestre Orgulho.

O encapuzado, que se mantivera em silêncio por absoluta opção, deixou o capuz cair, ficando com o dorso nu.

Nas costas, em marcas que ainda mantinham algumas cicatrizes, havia um desenho de um dragão tatuado na carne que se enroscava ao longo da coluna vertebral daquele *tocado*.

O círculo ecoou mantras que geraram um cone de poder violentíssimo.

O ex-encapuzado caminhou para o centro e sentiu a vibração agitar-lhe violentamente a partir das entranhas.

A boca abriu e ele gritou. Os olhos se acenderam. O dragão enroscado e gravado nas costas ganhou cor. O espírito foi violentamente separado do corpo físico e arremessado a outro plano espiritual.

E ele perguntou a poderosos *Dragões de Éter* se aquela criança, afinal, era ou não o esperado avatar do Criador de

Nova Ether.

E obteve a resposta.

**02**

João Hanson se lembraria bem daquele dia.

Estava ele terminando de passar um verniz feito à base de resina de pinheiro e clara de ovo no escudo de guerra de seu senhor, para proteger a pintura da arma da chuva, que parecia estar sendo anunciada pelo céu sem sol. E foi quando Rinaldo Grimaldi entrou.

- Hanson, de pé. Temos visita na fazenda. Limpe-se o máximo possível, pois é uma visita nobre.

João imediatamente parou tudo o que estava fazendo, apoiou o escudo com todo o cuidado do mundo (e talvez até mais um pouco) e limpou as mãos em um balde com água de rio.

Depois, pegou um pedaço de pano, molhou no balde e passou no rosto. Apertou ainda mais o pano, molhou novamente e raspou ao redor das áreas mais sujas da roupa. Não serviu para muita coisa, mas, ao menos, servira para alguma coisa.

Enxugou tudo em uma toalha limpa, ou o mais próximo de limpa. Caminhou na direção da entrada da casa. Dirigiu-se até seu senhor cavaleiro. Olhou para a visita recém-chegada.

Arregalou os olhos de surpresa.

E perdeu a voz.

-João Hanson, quero que conheça *milady* Almirina Goffredo, filha de capitão Goffredo e minha futura senhora.

-Escudeiro... - ela disse, fazendo uma reverência.

João ficou chocado, observando-a. Era a mesma; a mesma nobre ruiva que seguira com ele e Juan De Marco na carruagem; a mesma nobre que *seguiria para o mesmo lado que ambos estavam cavalgando*; a mesma nobre que...

-Hanson! Seja educado e não me envergonhe.

João saiu do choque inicial, posicionou-se e fez a reverência de volta.

-Lady Almirina...

Rinaldo voltou a dizer:

-Nós vamos almoçar imediatamente porque tenho de ir ao Grande Paço o mais rápido possível.

-Irei comunicar à criada e à cozinheira e preparar as montarias, senhor.

-Irei *sozinho*, Hanson - disse Rinaldo, assim que o escudeiro virou as costas. - Recebi ainda há pouco uma convocação militar de alta patente.

João Hanson franziu as sobrancelhas. Nos tempos livres, folheava livros de guerra da modesta mas interessante livraria de seu senhor. E reconhecia aquele termo. Uma *convocação militar de alta patente*. Uma convocação permitida apenas para cavaleiros e superiores.

Uma convocação que antecedia momentos de guerra.

-Senhor...

Rinaldo percebeu que seu escudeiro compreendia a gravidade

da situação. Como, porém, não desejava que tal preocupação se estendesse à dama presente, logo emendou o comentário:

-Contudo, não há motivos para alarde. É comum haver convocações desse tipo em períodos iniciais de governos de novos Reis.

João compreendeu o comentário. Soou *falso*, mas ele compreendeu. E aquiesceu.

-Perfeitamente, senhor.

Rinaldo segurou a mão de Almirena e disse:

-Lady Almirena nos dará o prazer da sua companhia durante o almoço. Depois, irei atender a minha convocação, e você irá escoltá-la de volta à fazenda dos Goffredo.

João inspirou fundo. Olhou para baixo com os lábios apertados e disse:

-Como quiser, senhor.

-Agora vá se lavar e volte para nossa refeição.

João apertou os lábios e saiu dali pensativo. Havia notado o sorriso de Lady Almirena e sabia o que isso significava. Sabia sim e sabia bem. Era um fato.

Aquilo ainda iria lhe causar problemas.

### 03

Ariane Narin bocejou, afinal, estava de pé há poucas horas e demorara a dormir na noite anterior. De fato, sonhara que era uma princesa e, de súbito, um cavaleiro com o rosto de João Hanson (certo: e *com o corpo* de Áxel Branford) entrava de

repente e a levava para um casamento. O tipo de sonho difícil de querer voltar à realidade para uma garota como aquela.

E de se manter nela por muito tempo.

-Estou lhe entediando hoje? - a pergunta que lhe trouxe novamente a Nova Ether havia sido feita por Maria Hanson.

-O quê? Quem? Não, pô, nem... é que, Mari... digo, é que eu dormi pouco ontem, *professora* Hanson.

É, ela estava na Escola Real do Saber. Algumas alunas riram da marca que ficara no rosto de Ariane quando ela desgrudou o rosto da carteira. A menina ficou passando a mão ao redor da face, como se aquela marca pudesse ser limpa como uma sujeira.

-Continuando... - disse Maria Hanson, em meio à classe de adolescentes. - Um *Imperador* comanda uma nação através de que tipo de governo?

Um adolescente ergueu um dos braços. E disse:

- *Através de um governo de soldados.*

-Está certo - a professora confirmou. - Mas o termo correto é um *governo militar*.

Taruga, a melhor amiga de Ariane Narin, levantou o dedo e questionou:

-Mas... sabe, eu fico pensando às vezes: e se um Rei quiser ser um Imperador, ele poderia?

-Sim, claro que poderia. Mas ele teria de pautar seu governo em conquistas militares e supremacia sobre outras nações.

-Tipo *dominar* outras nações?

Maria sorriu. E disse:

- *Tipo* isso.

-Mas o Ferrabrás acabou com a monarquia em Minotaurus!

-Sim. Mas ser Imperador é uma coisa. Governar através da monarquia é outra. São duas coisas diferentes. É que ele tomou as duas decisões juntas.

Alguns alunos estavam coçando a cabeça. Até que Taruga resumiu a dúvida de todo mundo naquela sala:

-Mas então por que o Ferrabrás não ficou sendo Rei e Imperador?

O menino Albarus, sentado mais ao fundo, respondeu antes da própria professora:

-Para ser melhor que os outros.

Taruga virou-se para Albarus. Na verdade, toda a classe virou-se também.

-Tá, mas... o que isso torna ele *melhor*?

-Na verdade, isso o torna *diferente* - disse Maria, dominando as atenções novamente.

-Mas diferente de quê?

-De Arzallum - disse Albarus.

Taruga ergueu as sobrancelhas. Ariane, que já havia perdido o sono, perguntou dessa vez:

-Esse careca-magricelo-sem-noção é meio tapado, né? Porque, falando sério, *quem* pode enfrentar Arzallum?

-Não é bem assim - voltou a comentar Albarus.

-Então explica! - disse Ariane, mais como uma ordem do que um pedido.

-Professora... - ele olhou para Maria.

-Sinta-se à vontade...

E Maria Hanson se afastou e sentou-se em sua mesa. Albarus foi para a frente da turma.

-Por exemplo... todo mundo aqui conhece meu irmão, né?

-É lógico. É igualzinho a você!

Albarus e Andreos eram os gêmeos mais conhecidos da cidade. Ambos eram os melhores amigos de João Hanson e queriam se tornar cavaleiros. Enquanto Albarus, porém, dividia seu tempo entre a Escola Real do Saber e a escola de aprendizes de cavaleiro, Andreos se dedicava exclusivamente ao objetivo de se tornar cavaleiro.

Naquele ano, Andreos, assim como João, já havia avançado uma etapa e se tornado escudeiro de um cavaleiro real.

-Então... - continuou Albarus. - Digamos que eu e Andreos fôssemos brigar! Em quem vocês apostariam?

Até que a turma se dividiu bem nos votos. Maria compreendia onde o garoto queria chegar e achou fascinante o raciocínio do jovem. Na recontagem, havia uma pequena vantagem para Andreos.

-Certo, a maioria escolheria o Andreos. E por quê?

Um dos adolescentes deu sua opinião:

-Você divide seu tempo entre estudar e treinar, Albarus!

Andreos só treina. Ele até já virou escudeiro!

-Certo. Mas isso não quer dizer que ele seja melhor do que eu, certo? É o que parece só! *Talvez* ele até seja. Mas a gente só vai saber se lutar, certo?

A turma concordou.

-Logo, *de fora*, julgando pela aparência, vocês se uniriam ao Andreos porque ele *parece* se dedicar mais a isso do que eu.

-Ah, saquei aonde você quer chegar! - disse Ariane. - Você quer dizer que você é Minotaurus! - ela fez uma careta para si própria. - Ou você seria Arzallum?

-Então. Tanto faz. Mas digamos que eu fosse Arzallum.

Digamos que eu seja um Rei Branford, conhecido por governar bem e seja conhecido também por ser um grande líder de exércitos.

-A gente está falando do falecido Rei Primo ou do Rei Anísio?

- perguntou Taruga, confusa.

-Tanto faz! - disse Albarus, com paciência. - Eu posso ser qualquer Rei da família Branford. O que interessa é que eu sou conhecido por ser bom governante e bom militar, ok?

A turma concordou. Maria continuava fascinada com a facilidade de Albarus em se expor.

-Se Ferrabrás se torna Rei e resolve que vai ser um Rei e Imperador, o mundo vai ficar em dúvida sobre quem é mais poderoso: Rei Ferrabrás ou Rei Branford?

-Ora, claro que é Rei Branford! - disse Ariane.

-Por quê?

-Porque ele... pô, ele é o Maior dos Reis!

-Ou seja, porque você *acha* que ele é! - concluiu Albarus.

-Ah, tá bom, espertinho! - começou Ariane em sua eterna impaciência. - E o *senhor* acha o quê? Que não?

Albarus se divertia. O riso vinha mais de pensar em como aquela menina e o amigo Hanson eram diferentes e, ao mesmo tempo, tão parecidos.

-Não, Ariane! Vê: minha opinião não importa! Importa que a gente compare!

-Albarus tem razão! - disse Maria. - Nós *achamos* que Arzallum é mais forte porque Rei Primo Branford se tornou o Rei dos Reis quando liderou a *Caçada de Bruxas* e exterminou centenas de magas negras.

Ariane se encolheu com a lembrança. Antigamente, vibrava com tais histórias. Hoje, ela lamentava, ainda que sozinha e sem que pudesse comentar com mais ninguém ali. Maria continuou:

-Aos olhos do mundo, ele se tornou o Rei mais forte do mundo. Entretanto, quem está hoje no poder é o filho, Anísio Branford, e ninguém pode aqui afirmar com certeza que Anísio é tão forte quanto Primo era. Nós acreditamos nisso e temos de acreditar nisso realmente, mas só teríamos como saber em uma guerra, que esperamos que jamais aconteça.

-Então... - continuou Albarus. - A força de Arzallum perante o resto do mundo vive da *fama* da família Branford, correto?

A turma concordou.

-Logo, se eu quiser combatê-lo em condições iguais, o mundo vai escolher Arzallum! Por causa da fama.

A turma continuou a concordar. Maria emendou:

-E, seguindo o raciocínio do Albarus, se um Reino abole a monarquia, ele já cria uma *proposta* diferente. E, se ele resolve que vai se tornar Imperador, gera uma dúvida.

-Que dúvida? - uma das alunas perguntou.

-Sobre ser mais forte - disse Albarus. - É o mesmo caso que citei lá no início. Por que a maioria aqui apostaria em Andreos? Porque ele *parece* que vive treinando. Assim como Minotaurus! Já Arzallum seria o meu caso: vocês olham para mim e imaginam que sou bom, mas divido meu tempo entre aprender a lutar e estudar. Logo, ficam na dúvida em apostar todas as fichas em algo que envolve combate, ignorando que inteligência e estratégia também são fundamentais em uma batalha!

-Tá dizendo que o Andreos não é inteligente, é? - Taruga fechou a cara. Os alunos riram, percebendo que havia um *algo mais* naquele interesse de Taruga em defender o irmão não presente. A menina ficou vermelha ao perceber.

-Claro que não! Estou só dizendo que isso gera a dúvida!

-E é essa dúvida... - disse Maria -... que levou aliados a se

unirem aos ideais de Minotaurus.

Houve silêncio. E então Ariane perguntou:

-Mas, professora, e o que a senhora acha? Se houver uma guerra entre Arzallum e Minotaurus... seria melhor estar ao lado do filho do Rei que sabia liderar exércitos e governar um povo ou do careca-magricelo-sem-noção que só pensa em liderar exércitos?

Maria ponderou. Ponderou. Ponderou. E disse:

-Eu espero nunca ter de descobrir, Ariane. Eu espero que todos nós jamais tenhamos de descobrir...

Infelizmente, Maria Hanson, naquele momento, ainda não tinha como saber.

Mas ela e todo o resto do mundo, em pouco tempo, iriam ter sim.

**04**

- Quem é Jim Hawkins?

A pergunta era procedente. Partia de Liriel Gabbiani, mas poderia ter partido de qualquer um dos órfãos do bando que ali estava, e ela própria havia revitalizado ao lado de Snail Galford.

O novo grupo. A nova sociedade secreta.

-O maior caçador de tesouros do mundo.

Liriel continuou olhando para ele sem comentar, como se a resposta não fosse suficiente. Se Snail compreendeu isso, fingiu que não, o que irritou ainda mais a garota por obrigá-la

a ter de estimulá-lo a continuar com um:

-Tá bom, e...

Snail bebeu um gole de uma garrafa de aguardente. Saboreou a bebida como se estivesse sozinho no cômodo e fechou os olhos, dizendo:

-E é isso...

Liriel emburrou a cara, como faz uma mulher ao ficar *realmente* irritada. Ela cruzou os braços e olhou para ele com os olhos apertados de baixo para cima, franzindo as sobrancelhas.

E, no momento em que Snail ameaçou beber novamente aquela maldita aguardente, ela...

-Aaaaaah!!! - Snail berrou!

A garrafa de súbito voou da mão dele até a parede e violentamente se DESPEDAÇOU. Snail ergueu-se da cadeira em um pulo de susto.

-Você está... você está... - ele tentou dizer.

- *Você* está?

O rapaz negro suspirou. Era *realmente* difícil para ele não mais trabalhar sozinho. À frente, Liriel Gabbiani ainda mantinha uma das mãos esticadas.

E que enfim recolheu.

-Está certo. O que você quer saber? - ele perguntou, com um tom de voz vencido.

-Qual é o seu plano em relação a isso tudo?

-Eu não tenho *exatamente* um plano.

-Você *sempre* tem um plano.

Ao fundo, era possível ainda escutar os roncos do tal velho conhecido como Jim Hawkins. Alguns órfãos estavam presentes e também queriam uma explicação por terem arriscado seus pescoços para libertar um velho que estava dormindo há quase vinte e quatro horas e que só se levantava para beber rum, nunca para comer nada.

Bom, talvez um pedaço de pão, ou dois, mas nada muito mais do que isso.

-Nem sempre tenho um plano.

-Pra que serve o velho?

-Vocês *realmente* não sabem quem ele é, né?

Snail observou os rostos presentes. Ninguém comentou.

-Certo. - A palavra tinha o tom de um suspiro. - Há muito, muito tempo, havia um zarolho mercenário chamado Flint. Ele era capitão de um navio pirata, mas era um pirata diferente.

Flint era um capitão de verdade, um cara que conseguia navegar por intuição, quase sem necessitar de bússola. Diziam que era capaz de saquear navios sem matar um único tripulante inimigo; não porque não gostasse da matança, mas porque seus planos e estratégias costumavam ser inteligentes o suficiente para que, quando o inimigo se desse conta, já estivesse dominado.

Os órfãos presentes nunca haviam ouvido falar de nenhum Ca-

pitão Flint. Mas, com apenas aquela pequena narrativa, já haviam gostado dele.

-E dizem que Flint encontrou o tesouro mais valioso do mundo. Um Grande Tesouro. Na verdade, que fora Clint quem *estabelecera* na história da pirataria o conceito de *caça ao tesouro*.

-Ninguém nunca havia caçado tesouros antes dele? - perguntou um dos adolescentes, curioso o suficiente para pensar por si só.

-Não *da forma* como ele o fizera. Nunca de forma tão desbravadora e às cegas em alto-mar. E ninguém havia capturado tesouros tão poderosos e teoricamente inacessíveis, além de condições precárias e tripulação inexperiente.

Liriel Gabbiani escutava a narrativa com uma expressão cínica. Até havia deixado a raiva passar, mas a desconfiança, nunca.

-E onde entra o tal velho Hawkins aqui?

-Jim Hawkins *descobriu* alguns dos tesouros de Flint.

As pessoas presentes se olharam. Compreenda-as; era difícil acreditar que aquele velho barrigudo, de imundos tufo de cabelos brancos trançados, roncando feito uma porca preta (bom, dizem que porcas pretas roncam alto, vai saber...), seria capaz de um feito do tipo.

-Tesouros de que tipo? - perguntou outro rapaz.

-Ouro, jóias, relíquias históricas, quadros de pintores mortos,

manuscritos de línguas antigas, armaduras e espadas de metais desconhecidos. Ele encontrou de tudo...

-Então ele deve ter sido muito rico... - uma das meninas órfãs comentou. Os outros olharam para ela com olhos brilhantes e concordaram.

-Em sua época, ele foi o pirata mais rico e poderoso do mundo.

-Mais do que Gancho?

-Gancho foi o pirata mais cruel, por isso ficou famoso. Mas ele nunca fora um grande conquistador de tesouros; era na verdade um grande caçador de escravos e assaltante de navios.

- Snail fez uma pausa enquanto os adolescentes se observavam, absorvendo a conclusão. - Já esse velho dorminhoco aí era um dos *melhores* piratas. Talvez não tão bom quanto Flint, mas, que se dane, foi ele quem encontrou os tesouros que mais ninguém achou...

-Mas ele encontrou o tal "Grande Tesouro"? - perguntou mais um órfão, mais parecendo expressar um deboche do que uma curiosidade.

-Não. Esse *ninguém* encontrou.

Houve caretas de decepção. A história de Snail começava a ficar desinteressante.

Antes que a empolgação caísse, ele emendou:

-Mas ele fora preso aqui em Stallia, *no momento* em que sairia do porto para buscá-lo...

Os olhos presentes, de repente, faiscaram. Até mesmo Liriel apertou as pálpebras, mas dessa vez para dar um daqueles sorrisos curtos que as mulheres dão quando algo maquiavélico *realmente* as agrada.

-Então o velho *sabe*... - ela comentou.

-Sim. Por mais que doam em nossos ouvidos seus roncões, por mais que suas excentricidades causem estranheza e sua saúde esteja condenada, nós devemos tratar esse velho como a um Rei. Afinal de contas, em algum lugar daquela mente débil está o mapa para o local onde encontraremos nossa aposentadoria. Aquela mente sabe o mapa que nos levará até o tesouro mais procurado do mundo...

As pessoas se olharam em silêncio. Era possível sentir a excitação que tomava de assalto o ambiente, iluminava mentes e escurecia corações.

Definitivamente, havia faíscas naqueles olhos.

**05**

Áxel Branford acordou após algumas horas de sono. O corpo estava cansado, alguns músculos doloridos, mas nada a que não estivesse acostumado. Havia sido posto para descansar em uma esteira de cipó trançado que, na prática, era mais confortável que pareceria na primeira observação.

O aposento onde esta esteira ficava era o grande problema.

Primeiro de tudo, direi de uma vez: Áxel nunca esteve cercado de tantos homens em um espaço tão pequeno. Era como uma

espécie de casa de fazendeiro, mas com um desenho que a arquitetura humana não desenvolvera. A geografia da construção lembrava uma grande colmeia de abelhas, de forma oval, e com uns cinco ou seis andares.

Dessa forma, os dois andares do meio eram mais largos, enquanto os dois primeiros e os dois últimos eram estreitos.

Áxel estava deitado em um dos andares do meio, um dos mais cheios. Contando por alto, podia-se ter certeza de que se encontravam ali, naquele calor infernal, umas... cento e vinte pessoas, mais ou menos, só naquele andar.

E o pior: todos homens suados, musculosos, sem camisa e vestindo apenas algumas sungas ou tangas para cobrir as partes baixas. *Quando* cobriam as partes baixas...

- Pelo Criador... eu morri e vim parar no *pior* Círculo de Aramis...

Eram índios. índios moicanos como o velho sábio das Sete Montanhas; índios como aqueles que foram tentar capturá-lo na corrida para as terras élficas. As terras sonhadas. As terras que não deveriam existir.

Nunca.

Áxel - não por vontade própria, obviamente - observou com mais detalhes algumas cicatrizes que aqueles guerreiros índios exibiam. E *todos* exibiam alguma cicatriz, por maior ou menor que fosse. Eram cortes, arranhões, costuras; eram de tudo, mas eram cicatrizes. Todos possuíam um porte físico respeitável,

fosse o índio mais alto ou o menor dos ali presentes. Os cabelos costumavam ser longos; a maioria de fios lisos, mas não havia regra. Alguns usavam rabo de cavalo; a maioria os deixava solto.

Outro detalhe interessante: eles idolatravam jóias. Mas, veja bem, não estamos falando de *adereços*, mas de brincos e argolas que eles ostentavam no próprio corpo, nas regiões mais inimagináveis. Alguns utilizavam brincos na língua inchada, outros ao longo do antebraço; havia argolas, não presas na orelha, mas *dentro* da orelha; e havia até mesmo um deles com uma surpreendente bola metálica, do tamanho de uma azeitona, enfiada *por dentro* do beijo inferior.

Para Áxel, em sua visão de estrangeiro, eram aberrações no próprio corpo que beiravam mutilações. Para aqueles índios moicanos, tudo aquilo era o próprio entendimento cultural de beleza e perfeição.

Dentro daquele extenso cômodo, ainda como em uma colmeia,

havia uma divisão por determinados

"departamentos", divididos por portas em forma de

semicírculo. E, ao redor dessas portas, havia espelhos. Muitos

espelhos. E Áxel reparava bem como os índios gostavam de se

olhar e conferir constantemente suas cicatrizes, e sabe-se lá

mais o que suas vaidades desejassem.

-Existe algum índio nesta maldita ilha que seja raquítico? - ele

perguntou para si, mas alto o suficiente para que o escutassem, mesmo porque também, né? Um do lado do outro...

Um dos índios se abaixou na direção dele. Vestia apenas uma espécie de toalha ao redor da cintura e, quando se colocou de cócoras para ficar na altura de Áxel, o príncipe obviamente fez uma cara de desgosto e olhou para o outro lado.

-Acordado, estrangeiro? - o moicano perguntou, e Áxel entendeu. Ele falava em erdim.

Áxel aquiesceu duas vezes.

O índio gritou algo em um idioma desconhecido, e todos olharam na direção de um vitral, que ocupava toda a parede. Outro índio moicano foi até lá, e só então Áxel percebeu que havia ali uma espécie de sino, mas não como uma versão miniatura do sino da Igreja da Sagrada Criação, por exemplo. Ele nem sabia, na verdade, se aquilo era um sino. Havia um "bule de metal" com uma tampa também de metal que ocupava a parte superior como se fosse um chapéu de monge. E, na parte inferior, havia uma corda fina, que vinha presa por dentro de alguma coisa dentro do cilindro.

O índio puxou a tal corda para baixo.

O "chapéu de monge" subiu um pouco em um ângulo diagonal, e era difícil de acreditar que um negócio aparentemente inofensivo daquele pudesse fazer tamanho esporro.

Escutou-se ecoar um som muito pior do que as constantes

batidas de um sino. Ecoou por ali foi um som agudo e incessante, que lembrava uma corneta e que continuou lembrando até que aquele maldito índio soltou aquela maldita corda. Áxel suspirou e agradeceu.

O índio que havia perguntado se ele havia "acordado" deu-lhe um tapa no ombro, que lhe explicava, em resumo, que deveria seguir adiante. Áxel sentia vontade de repreendê-lo, mas, falando sério, ele estava realmente doido para sair dali. Na caminhada, percebeu os olhos dos homens semi-nus o observando sair.

E *não* se sentiu bem.

Quando começou a descer as escadas em forma de espiral, repensou que o que seu cérebro havia traduzido antes como "acordado, estrangeiro?" poderia ser, na verdade, a forma de compreender a intenção da pergunta: "*preparado, estrangeiro?*"

E, mais uma vez, *não* se sentiu bem.

Enquanto passava por eles, reparou melhor em duas coisas: os detalhes nos dedos deles e os índios do piso de baixo, o segundo andar. Primeiramente, notou que os dedos das mãos dos índios também possuíam adereços. O fato era que havia letras gravadas com lâmina de faca nas partes dos quatro dedos que se projetam à frente quando um punho é fechado.

Letras que formavam diferentes palavras.

Já o andar inferior, que reparara, chamara a sua atenção por

outro motivo: naquele segundo andar havia índios *realmente* machucados. Quando digo "machucados", aqui, estou longe de citar as cicatrizes exibidas com orgulho pelos de cima. Eu digo machucados *mesmo!* Eram índios com dedos arrancados, com feridas expostas, ombros costurados precisando ser costurados *de novo*, um pedaço de perna faltando, glóbulos oculares já saltando para fora e por aí vai.

E então Áxel parou hipnotizado.

Entre aqueles feridos, havia algo de mágico passando. Eram seres vivos, mas não humanos. Eram crianças, mas que traziam com elas um encanto ainda maior do que o encanto que uma criança humana já traz naturalmente.

Eram crianças élficas.

Vestidas de branco, com máscaras na altura do nariz e da boca como pequenos cirurgiões, elas cuidavam dos feridos, como se soubessem exatamente o que estavam fazendo.

Talvez soubessem.

-Quem são esses? - Áxel parou a caminhada e perguntou de forma até meio inquisitória ao homem que fazia sua escolta.

O homem parou e ficou em silêncio, como que ponderando se lhe devia dar uma resposta.

-São os feridos em batalha.

-E essas crianças?

-Seus médicos. E juízes.

Áxel parou meio em choque. O cheiro local era dos mais desa-

gradáveis; apenas a visão da realidade daquele aposento já se mostrava enjoativa.

-Por que colocam crianças para cuidar de feridos?

-Porque apenas homens cuidam dos homens feridos.

-E onde estão os elfos adultos?

-Não existem elfos adultos.

Era um fato: Áxel Branford estava literalmente boquiaberto.

As crianças-elfos caminhavam de um ponto a outro carregando linhas de costura, bisturis, ataduras, pedaços de panos, com sabe-se lá o que eles umedeciam, para colocar nas narinas dos feridos. Tinham olhos grandes e pupilas imensas.

Na maioria das vezes, nem mesmo se podia diferenciar as pupilas do resto do olho. As orelhas eram bem maiores do que as de um humano.

E nenhum deles passava de um metro e vinte, no máximo.

O fascínio que uma figura como aquela podia causar em um ser humano era notório. O índio percebeu o quanto aquilo atordoava o príncipe presente. E compreendeu.

Afinal de contas, eles eram moicanos, mas possuíam uma origem humana.

-Eles podem *estar* em forma de criança - disse o índio. - Mas são muito mais velhos do que você. E muito mais sábios. E muito mais puros.

-Não existe então *nenhum* elfo adulto?

-Na verdade, existe um.

-Quem é ele?

-Você está sendo levado até ele.

Áxel continuou descendo as escadas em espiral, e no primeiro andar a situação era ainda pior do que no segundo. Ali, ele só via carniças. Eram índios moicanos já quase semi-mortos. A maioria não tinha mais força nem para falar, conseguindo apenas gemer.

-Quem são esses? - o príncipe perguntou.

-Os condenados.

Áxel parou mais uma vez, já no andar térreo, obrigando o índio que fazia a escolta a interromper o caminho.

-Vocês nem mesmo *vão tentar* salvá-los?

-Isso foi feito, no andar de cima.

O príncipe fechou a expressão. Raciocinou e perguntou:

-Os que não podem ser salvos são jogados aqui embaixo? Para quê?

-Para serem sacrificados mais tarde.

-Isso não é um ato bárbaro?

-Você é um estrangeiro e não entende o que é ser um *moicano*.

-Não importa o que isso seja! Não acredito em tão pouco valor ávida humana...

Uma das crianças de branco chegara até aquele andar. O detalhe mais fantástico é que ela não usara a escada.

Mas simplesmente *flutuara* do andar superior até lá.

-É você o estrangeiro?

Áxel queria dizer alguma coisa, mas ainda estava abobalhado com a criança que até ali desceu como se pudesse... *flutuar*.

-É engraçado escutá-lo chamar de *bárbara* a cultura élfica.

Áxel enfim conseguiu sair do transe e dizer:

-Minha intenção não foi ofender ninguém, jovem médico...

-Eu sei que não. Você simplesmente é limitado ainda. Sabe, uma vez, um de nós que estava estudando e aprendendo uma de suas linguagens foi a um enterro humano. Ele usou um chapéu e as pessoas não notaram que era um elfo, confundindo-o com uma criança.

Áxel e até mesmo o índio moicano concentraram-se.

-As pessoas levavam flores e as colocavam diante de uma cruz de Merlim, posta à frente da cova onde o caixão fora enterrado. É isso que vocês fazem com seus mortos, não é? Vocês não os enterram?

Áxel aquiesceu. Duas vezes.

-O elfo resolveu levar uma cesta com biscoito. E, na sua vez, quando ele colocou a cesta diante da cruz em homenagem ao morto, um dos homens perguntou a ele: "Criança, você acredita mesmo que o homem morto virá comer esse biscoitos?". Os dois se olharam curiosos. E o elfo respondeu: "Eu acredito que sim, logo que ele vier cheirar suas flores..."

O pequeno médico-elfo sorriu como uma criança e saiu do cômodo. Áxel Branford fez o mesmo.

Mas sem sorrisos, nem comentários.

O príncipe humano pisou do lado de fora daquele aposento-colmeia e, então, foi tomado por uma visão geral da ilha em que estava.

*Aquilo* lhe apertou o coração.

**06**

Rei Blunderbore recebeu um de seus mensageiros. O monarca se pôs de pé e o mensageiro de três metros e meio se sentiu pequeno diante de tamanha figura, que media seis. Estavam no Palácio Impico, uma das maiores construções do mundo, localizado na capital Lorbrulgrud, e também na presença da Rainha, da Feiticeira e da Conselheira.

A mensagem foi lida na língua alta. Como Rei Blunderbore conhecia apenas algumas expressões dessa linguagem, ao final, quis saber:

-O que diz *exatamente* a mensagem? - perguntou o Rei na língua-alta, falada pelos homens maiores. Era uma língua pesada, carregada de sons oriundos de encontro de muitas consoantes e poucas vogais, e que, aos ouvidos humanos, mais lembravam grunhidos.

-Meu Rei... - disse o mensageiro. - A mensagem diz que Arzallum declara guerra ao Reino de Brobdingnag, em virtude do motivo de *ofensa nacional e destrato* às normas estabelecidas entre nações pelo *Pacto de Swift*, e que a primeira ofensiva pode se dar a qualquer momento a partir do envio desta mensagem e que escolhe como primeiro embate

uma guerra de paliçadas. E como cumprimento a tal exigência, e por ser a parte ofendida, Arzallum tem o direito de escolher o primeiro campo de batalha. E escolhe as Terras Mortas.

Rei Blunderbore se surpreendeu e olhou para Iddian-Si, a imensa Mãe Gorda.

-Iniciamos o processo. Daqui, poderemos agora terminar em um apogeu ou em uma submissão da raça gigante. E será assim que a minha Era como Rei será lembrada...

-Será uma Era vitoriosa, meu Rei, e será assim, e para sempre, que será lembrado - disse a Mãe Gorda.

-É o que espero, Feiticeira. Até porque estou arriscando o futuro desta nação em função de crenças e ambições das quais não tenho certeza.

-Mãe Gorda sabe o que faz, marido - disse a Rainha gigante. - Se esta criança for quem pensamos que seja, então seu governo será lembrado como o maior do mundo.

-E, se não for, não seremos nem mesmo lembrados - respondeu o Rei. - Entretanto, assumo tamanho risco, tendo a consciência de que, quanto maior o risco assumido por um Rei, maior poderá ser sua queda, mas também sua ascensão.

Os outros concordaram. E a Rainha gigante perguntou:

-Como está a criança?

Mary Burton se pôs à frente:

-No momento, está dormindo. Na noite passada, ouvi-a sussur-

rar alguns nomes santos durante os sonhos.

-Um bom presságio... - disse a Mãe Gorda. - Crianças

sussurrando nomes santos em sonhos são sinais de tempos de mudanças. - As outras pessoas continuaram olhando para ela, sem entender ainda se aquilo era um presságio interessante ou desprezível. - *Neste* caso, são bons sinais.

Os outros pareceram sentir-se mais confortáveis.

-E quando é que sussurros de crianças são sinais de mau agouro? - perguntou a Rainha, curiosa.

-Quando sussurram nomes de demônios - disse a Feiticeira. - Ou quando sussurram nomes santos ao serem utilizadas em rituais escuros...

O Rei caminhou para longe de seu trono de madeira polida cravada de cristais, ignorando os comentários femininos, enquanto dizia:

-Vou deixá-las agora! Preciso me reunir com meus líderes militares, definir estratégias de batalha e nos preparar para o momento em que Arzallum chegar...

Ele já estava *quase* deixando a sala, quando parou ao escutar a pergunta:

-Brobdingnag é realmente páreo para Arzallum, não é, meu Rei? - perguntou Mary Burton.

-Brobdingnag é páreo para qualquer nação. Nenhum exército é capaz de galgar os céus com facilidade, e fileiras de soldados unidos não possuem a força de um único soldado desta nação.

-Mas outras nações se juntarão a eles - insistiu Mary Burton.

-Sim... - disse o Rei gigante -... mas outras nações se juntarão a nós.

O Rei se virou novamente para seu caminho. E disse, sem olhar para trás:

- E, no fim de tudo, caso Mãe Gorda esteja errada, ela própria sabe que eu mesmo irei cortar sua cabeça...

Rei Blunderbore deixou o salão.

Ao fundo, três reações distintas. Sua Rainha gigante sorriu.

Mary Burton ficou séria e engoliu em seco. A bruxa Iddian-Si expirou fundo e começou a suar.

Crianças sussurrando nomes santos em sonhos são sinais de tempos de mudanças.

Ninguém, em nenhum lugar do mundo, iria duvidar disso.

**07**

Nunca. O Reino Élfico. A Terra Que Ninguém Vê.

Existem poucos, muitos poucos lugares para os quais um homem aceitaria deixar a condição de homem simplesmente para ganhar o direito de conhecer.

Aquele era um deles.

Áxel Branford saiu daquela colmeia-dormitório e observou uma visão geral do local em que se encontrava. O coração bateu diferente, não porque estivesse nervoso mas porque estava em êxtase. O que ele via era uma cena que não poderia ser pintada em quadros nem encenada em palcos de teatros

grandiosos. *Uma fração* dela, até talvez. Mas *aquilo* que ele estava vendo, e *aquilo* que ele estava sentindo, só era possível de existir na imaginação de semi-deuses.

E em nenhum outro lugar.

Havia verde e havia azul. Era uma ilha, havia mar por todos os cantos e havia árvores por toda a terra. Ao fundo, havia o barulho de pequenas ondas que não pareciam se quebrar na orla, mas lamber a areia com a alegria de um cão pelo dono.

Havia sol, mas a luz que refletia o mundo se portava como um holofote iluminando um espetáculo. O cheiro era comparável ao de fragrâncias humanas excêntricas, oriundas de plantas exóticas do oriente.

Era possível jurar que o cheiro local vinha do mar.

As árvores dançavam ao vento feito tietes, e não havia pegadas na areia nem mesmo quando alguém andava por elas.

As construções eram monumentais e espaçosas. Havia bastante espaço *dentro* delas e *entre* elas. Na parte onde estava, Áxel notava que árvores e areia se destacavam entre os dormitórios que lembravam colmeias; e havia muitos deles.

Era fácil perceber que ali era o local destinado ao povo moicano; fosse esse destino livre ou imposto.

Mas, do outro lado, não. Do outro lado, o *lado élfico*, que ocupava pelo menos setenta por cento daquela ilha, as construções eram *diferentes*.

Era óbvio que se tratava de moradias, mas não no formato de

*casas* como os humanos estavam acostumados. Eram moradas que se *estendiam* pelas árvores imensas; a maioria de troncos com pelo menos dez ou doze metros de altura. Elas não possuíam ângulos retangulares, mas arredondados. A madeira da qual eram feitas não era a mesma que humanos conheciam e parecia *mais... flexível*, se isso fosse possível a algum tipo de madeira já imaginada. O fato era que as construções se desenhavam ao redor dos troncos fortes e se prendiam a eles através de imensos tubos verdes que saíam de orifícios e entravam pelos troncos. Áxel estava longe e acreditou que era golpe de vista.

Mas, de longe, ele podia jurar que os tubos verdes *respiravam*.

Havia estátuas com os corpos e os bustos de semi-deuses poderosos. Havia fontes que jorravam com força a água do mar para cima, em formato de chafariz. *Crianças* fechavam os olhos e abriam os braços debaixo de tais chuveiros, como se aquela água do mar fosse água fluidificada por fadas ou benzida por santos.

E havia mais. Havia o mais fantástico. Havia o espetáculo.

Áxel via os vôos. Por todo local, cruzando areias, mares, estátuas, fontes e construções; dançando sombras por todo território eles subiam e desciam leves e esplêndidos como pássaros humanos desfrutando do magnânimo. Flutuando como que levados ao vento, eles cortavam os céus às centenas.

E só então o príncipe humano percebeu que as crianças, na

verdade, não eram crianças.

E onde estão os elfos adultos?

Eram eles.

Não existem elfos adultos.

Eram os elfos de Nova Ether.

Amaldiçoados ou abençoados em corpos infantis, as maravilhas fantásticas bailavam donas de um céu intenso.

Observá-los cruzar o ar daquela maneira deixava o corpo estático e a mente limpa. Pois a deixava pura. O coração não batia; quicava. E o mundo passava a ser inteiramente fantástico. E apenas isso. Áxel Terra Branford estava sendo escoltado, mas mais parecia uma criança que vivia a intensidade da descoberta do mundo, ou de um mundo inteiramente diferente e curioso para ela.

Para levá-lo aonde quer que quisessem levá-lo, trouxeram um veículo que ele também jamais havia visto antes. Tratava-se de uma prancha, pouco rente ao chão, suspensa por um mecanismo de pés que se mostrava flexível e se adaptava às dificuldades do terreno que precisasse percorrer. Subindo em vertical, havia uma haste de suporte, provavelmente para ajudar o equilíbrio. Não havia condutor, e o príncipe então percebeu o porquê.

A frente do veículo, e preso a ele, estavam dois seres que ele jamais imaginara existir.

-O que são eles? - ele perguntou ao moicano mais próximo,

ainda em erdim, com o fascínio no semblante e a inquietude no coração.

-Tigreses.

Eram dois e imensos. Pareciam extremamente selvagens e, ao mesmo tempo, perfeitamente domesticados, na medida em que animais como aqueles poderiam receber tal status. Ambos lembravam tigres, é verdade, mas as cores eram diferentes. Os olhos de ambos eram do tipo felino, amendoados e com pupilas que mudavam de cor ocupando boa parte do mecanismo óptico. A pelugem sem excesso e o corpo esguio mais lembravam duas panteras do tamanho de um pônei.

Entretanto, eram mesmo duas panteras-tigres robustas e fortes e assustadoras; apenas olhar aquelas patas com garras afiadas já parecia ser o próprio padecer antes do combate.

O mais interessante, porém, ainda eram as marcas.

O primeiro tinha a pele roxa e marcas brancas que se estendiam tendendo ao arredondado, nascendo ao redor dos olhos e descendo pelo pescoço e costelas. O segundo tinha a pele verde e marcas com tendências triangulares que nasciam pela nuca e desciam pelas costas.

Assim como seus senhores moicanos, era como se os bichos gostassem daquelas marcas e as exibissem com orgulho.

-Eu posso tocá-los? - o príncipe perguntou.

-Apenas se eles gostarem do seu cheiro.

Áxel titubeou.

-E como posso saber?

-Arriscando.

O príncipe de Arzallum pensou um pouco e optou por subir apenas na prancha. O moicano que lhe fazia escolta fez o mesmo e pegou uma rédea que o ligava aos dois tigreses.

Áxel esqueceu um pouco os dois seres fantásticos e buscou os céus, preocupado. O índio percebeu.

-Está procurando por *ela*?

-Você a viu? - o príncipe perguntou, surpreso.

-Sim. Ela está no palácio, bem cuidada pelas *senhoras*.

O termo era interessante. Áxel *forçou* um pensamento que gerou um sentimento dentro de si. Ele sentiu que Tuhanny estava realmente bem. Mas ainda não compreendia a situação por completo em um tópico específico:

-E como a convenceram a ir para lá sem mim?

-Ninguém a convenceu.

-Então...

-Foi apenas dado a ela a opção de escolha - o índio disse, como se aquilo fosse a coisa mais óbvia do mundo.

Antes que Áxel perguntasse mais alguma coisa, a rédea foi agitada, e os tigreses começaram a correr como loucos. O príncipe arregalou os olhos e forçou-se a segurar o suporte vertical antes que caísse para trás. Sentiu a brisa forte no rosto.

E continuou com o coração inquieto enquanto aqueles dois cortavam alucinados na corrida pelo caminho de areia.

Conforme a prancha ia derrapando demais, o mecanismo abaixo dos pés dos dois também deslizava para um lado e outro, e a princípio aquilo era extremamente incômodo. Ao menos para o príncipe. O maldito moicano entortava o corpo conforme as curvas e bailava pela areia, como se ele e aqueles corredores felinos fizessem aquilo todos os dias com uma dedicação religiosa e quase esportiva.

E então a praia acabou e a pista passou a ser de terra. E, ainda assim, aquela prancha deu um salto em um elevado que separava o caminho de areia do de terra e continuou a deslizar como se não fizesse diferença alguma. Áxel, porém...

-Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah!!!!!!!!!!

O índio moicano puxou as rédeas de forma que os tigreses colocaram-se em duas patas e frearam violentamente. Áxel, entretanto, já havia caído muito antes e estava estatelado feito uma velha senhora que cai da escada.

O moicano olhou para ele com expressão de desgosto.

-Ei, é a minha primeira vez, tá legal? - ele disse, limpando a sujeira de terra dos joelhos esfolados. - Eu quero ver você disputar a sua primeira rodada de *boxing* pra ver se vai achar tão fácil assim!

O príncipe já ia se levantar, quando mais uma vez se impressionou. Dos céus, descendo leve como uma folha solta ao vento, um elfo pousou diante dele, sorrindo... bom... como uma criança.

E enfim o príncipe pôde observar um *daqueles* bem de perto.

A altura não deveria passar de um metro. Os olhos até possuíam pupila, mas o interior dessas pupilas era da mesma cor do fundo da íris. O que diferenciava uma da outra era apenas a *tonalidade*. No caso daquele pequeno elfo, a cor era cinza.

Mas, de tudo, e olha que havia material para isso, o maior diferencial ainda eram as orelhas.

As orelhas daquele pequeno ser cresciam, mas com um detalhe notável: cresciam *para baixo*. Comparando com uma orelha humana, a parte superior era colada ao crânio, não havia um desenho circular. E a parte de baixo, onde qualquer um de nós prenderia um brinco, era esticada em diagonal para trás.

-Você está bem, estrangeiro? - o elfo perguntou, tirando Áxel do transe em que estava.

-Eu...

-Precisa de algum curativo?

-Não, eu acho que...

-Você já deslocou o ombro uma vez, não?

Áxel gelou.

-Você... estava lá?

Eu ia dizer que o elfo franziu as sobrancelhas, mas seria mentira, pois não eram sobrancelhas aquilo. Na verdade, ele nem tinha sobrancelhas. Bom, o elfo fez uma expressão de

incompreensão.

-Como?

-Você estava lá? Na final do torneio de pugilismo?

-Não, não faço ideia de como adquiriu o ferimento. Apenas *sei* que já se machucou.

-Mas... consegue saber disso... sem ter visto a luta? - Áxel estava quase gaguejando. - Você ao menos conversou com alguém de Arzallum?

-Nunca saímos do Nunca.

-Então como...

-Apenas *posso* ver. Como posso ver que já fraturou o tornozelo uma vez...

Era verdade, aos *doze anos*, ao cair do cavalo.

-... e fraturou costelas, esfolou dedos, rompeu tendões...

Ferimentos da prática de pugilismo.

-... e até mesmo sofreu uma perfuração na altura do rim.

Uma *facada* de Jamil Coração-de-Crocodilo, o pirata que arremessara de cima da Catedral da Sagrada Criação.

-Elfo... como pode saber tamanhos detalhes?

- *Eu* vejo.

E algo nos olhos daquele elfo brilhou; brilhou a ponto de Áxel conseguir compreender.

-Vocês veem... *através* do corpo? - o príncipe perguntou.

O elfo aquiesceu.

-Nós, elfos, *podemos* ver o corpo físico. Elfas veem o corpo

emocional.

-Mas você descreveu ferimentos que aconteceram anos atrás...

- a frase era quase um sussurro.

-Se você arranha uma superfície, você pode lustrá-la e pintá-la

para que a aparência dela volte a ficar a melhor possível. Mas

o arranhão continuará lá...

Áxel ainda era fascínio. E deslumbre. O índio moicano se

aproximou.

-Tenho de conduzi-lo. A princesa espera...

-Então é ele o *enviado*? - perguntou o pequeno.

-Eu apenas cumpro ordens - respondeu o moicano, abstendo-

se de conclusões.

Áxel ainda era silêncio. E incompreensão. Ergueu-se aos

poucos, ainda atordoado.

-Vá com ele, estrangeiro - disse o elfo.

Áxel se levantou e não soube o que dizer. O menino-elfo

sorriu e pareceu prestes a flutuar mais uma vez.

-O que devo esperar do lugar para onde vou, menino-elfo? -

perguntou o príncipe, em uma última pergunta.

-O encontro de dois mundos que lembram superfícies que

foram polidas, mas ainda possuem arranhões.

-Arranhões que sempre permanecerão?

-Você se lembrava dos antigos ferimentos em seu corpo que

citei?

-Lembrava dos atuais. Não dos mais antigos.

-Mas eles ainda estão lá. E você convive com suas marcas, ainda que não se importe mais com elas. Ou mesmo se lembre de como as conseguiu.

O príncipe aquiesceu.

-E se você pode conviver bem com isto, por que duas raças não poderiam fazer o mesmo?

O príncipe não aquiesceu nem discordou. Apenas subiu no pequeno esqui e ficou observando aquele elfo fechar os olhos e ser levado pelos ares, como se fosse uma pena solta ao vento, tão leve, mas tão leve, que nada poderia prendê-lo à terra.

Na mente, uma certeza. Existiam; existiam momentos em que valia a pena estar vivo apenas para imaginar.

## 08

João Hanson estava sentado dentro de um tanque de madeira, lavando-se à medida que a água, já suja, permitia. Ergueu-se, enxugou os cabelos curtos de aprendiz e enrolou a toalha ao redor da cintura. Escutou uma voz atrás de si:

-Tu ficas melhor sem armadura... João se virou assustado.

-Eu ainda não tenho uma armadura.

-Eu não me referia ao metal.

João suspirou pesado. *Definitivamente*, aquilo iria lhe causar problemas.

-A senhora não deveria estar aqui...

-Pretendes me destratar, escudeiro?

-Jamais poderia, nem conseguiria. Mesmo se fosse esta minha

vontade...

Lady Almirena abriu um sorriso, do tipo que as mulheres abrem quando gostam do que escutam, e perguntou:

-E por que não?

-Porque é a futura esposa de meu tutor.

A expressão de Almirena se modificou, como se fosse ela quem estivesse molhada de água fria.

-Vim *apenas* te avisar que a mesa do almoço está posta.

-Eu não como na mesma mesa de meu senhor.

- Não?

- Não.

-E por que não?

-Porque *ainda* não o mereço.

-E quando comes?

-Quando consigo tempo para preparar minhas refeições.

-E quando não consegues?

-Não como. Ou conto com a boa vontade de que outra pessoa me traga comida.

-Outro servo da fazenda?

-Não posso me servir dos serviços deles. Aqui estamos todos para servir ao senhor deste local.

-Então quem teria boa vontade contigo a ponto de te trazer comida?

-Minha noiva prometida.

Se antes parecera um balde, agora lembrava uma cachoeira.

-Quer saber? Tu não pareces com fome hoje.

A Lady já *iria* se afastar dele, quando reparou em alguns machucados ao longo do peito e dos braços e das costas. Ela então se aproximou fascinada, com o olhar que traduzia o mesmo fascínio de um escudeiro quando vê uma espada de duas mãos de verdade pela primeira vez.

-São ferimentos... - ela disse, sem deixar claro se fazia uma pergunta ou uma afirmação.

-São partes da vida que escolhemos. Meu tutor também os deve ter aos montes...

João respirava pesado. A jovem ruiva se aproximou dele, e ele reparou nas sardas do rosto fino. O pior para ele, porém, era o *cheiro* dela. Era um odor doce, convidativo, afrodisíaco. As mãos dele se mantiveram baixas, e ele pediu ao Criador por um bendito milagre que tirasse aquela mulher dali.

Ela estendeu as mãos para *tocar* em um dos ferimentos do peito dele.

Os dedos ficaram suspensos a alguns centímetros, como que esperando a autorização dele. João não queria autorizar o toque. Mas aquela mulher tão próxima e aquele cheiro doce o estavam impelindo a não dizer não. Ele queria; juro que ele queria.

Mas simplesmente não conseguia.

Três dedos dela tocaram em um ponto da pele ferida dele e os pelos se eriçaram. Os batimentos começaram a ficar mais

fortes. E ele sentiu o ambiente muito mais quente do que

alguns minutos atrás.

João Hanson pediu mais uma vez ao Criador por um bendito

milagre que o livrasse daquela situação.

E ele aconteceu.

**09**

- Você sente que algo diferente começou, não é? - perguntou

Mestre Ira.

-Você não? - perguntou Mestre Orgulho.

Ambos os Mestres Anões estavam no alto de uma das

montanhas, de frente a uma das aldeias. Não importava qual

delas. Independentemente de qual fosse, o horizonte para onde

observavam era o mesmo.

-Em parte. Mas não tudo.

-Por quê?

-Eu sou cego para determinadas sensibilidades - respondeu o

Mestre Zangado.

-É o que dá querer ser uma única forma.

-Como se você fosse diferente. Mestre Orgulho sorriu. E disse:

-Mas *ele* virá atrás de você. Você sabe, não é?

- *Isso* eu sei.

-E você o teme?

-No atual estágio?

O Mestre Orgulho apenas aquiesceu. Mestre Ira concluiu:

- Não.

- *E no próximo?*

- *Se ele chegar até lá...*

- *E se ele chegar?* - perguntou Mestre Orgulho, sério.

- *Então aceitarei o que for meu Destino.*

- *E se ele se tornar a você?*

- *Terei cumprido a missão para a qual fomos criados. Todos nós teremos...*

- *E tomará esta singela decisão baseada em sua única forma?*

- *Não. Eu a tomarei com orgulho* - respondeu Mestre Ira.

Mestre Anão Orgulho riu forte. Com prazer extremo.

- *Mas e quanto à guerra que se aproxima?* - perguntou Ira. -

*Acha que devemos tomar parte?*

- *Teremos de tomar parte* - respondeu Orgulho. - *Mas apenas quando chegar a hora...*

Uma hora que não tardava a chegar.

## 10

Os dois escutaram o grito pelo nome dele vindo do lado de fora do celeiro.

Lady Almirena soltou a pele dele no susto e se afastou por reflexo. João suspirou pesado e fechou os olhos, não sabendo se agradecia ou não por aquele momento. Havia conseguido seu milagre. Mas estava imaginando o preço...

O grito que se aproximava do lado de fora vinha de Ariane Narin.

Lady Almirena se afastou dele e, sem dizer nada, caminhou

para fora do celeiro. João mordeu os lábios porque sabia que no momento em que a dama cruzasse a porta, pela distância calculada pelo eco da voz, ela logo cruzaria com...

- Ah... - exclamou a menina loira ao cruzar com uma mulher solitária se esgueirando para fora do dormitório do seu noivo prometido, como se estivesse fazendo *alguma coisa errada*. O ato pegou Ariane tão desprevenida, mas tão desprevenida, que a garota apenas arregalou os olhos de maneira típica e ficou de boca aberta e queixo caído.

Nas mãos, trazia uma marmita com o almoço de João Hanson, envolvendo frutas misturadas com farofa.

A mulher ruiva e sardenta passou por ela, olhando-a de cima a baixo e reparando em detalhes que apenas as mulheres percebem (e aqui falamos desde roupas a unhas e tratamento do cabelo). Ariane fez o mesmo com ela no reflexo, mas apenas porque também era mulher, e isso *já* estava no instinto.

Mas foi apenas quando a Lady se afastou por completo e entrou na grande casa que Ariane saiu do estado de choque e voltou ao normal. Isso significava franzir as sobrancelhas; torcer o nariz; fazer uma careta de furiosa.

E partir para dentro do dormitório furiosa, com a postura dura e a expressão mais emburrada que você possa imaginar.

-João, quem é essa lambisgóia que acabou de...

Obviamente a situação não melhorou *nem um pouco* quando ela viu João Hanson com apenas uma toalha lhe cobrindo a

região abaixo da cintura.

-João Hanson, *o que* significa isso?

João Hanson, como todo homem pego em tal situação, *quase* disse por reflexo algo parecido com: "Calma, não é nada disso que você está pensando". Mas teve discernimento suficiente para saber que Ariane não se convence tão fácil sobre os assuntos *em que está pensando*.

-Ela só veio me avisar do almoço...

Ariane colocou a mão livre na cintura e ficou em uma pose desconfortável, ainda segurando a marmita com a outra:

-Ah, sim, imagino como ela deve estar com fome...

- Ariane...

-E eu me preocupando contigo e andando pra dedéu feito uma tonta até aqui, só pra trazer essa porcaria pra você! E encontro você *nu*, com uma mulher saindo do seu quarto!

-Eu não estou nu!

-Só porque eu gritei seu nome lá de fora! Aí deu tempo de você colocar uma toalha na cintura, seu cachorro, safado, sem-vergonha!

João tapou o rosto com uma das mãos, lamentando a *criatividade* da garota.

-E se ficar de toalha mostrando o peitinho sarado não for ficar nu, eu não sei como chamar isso! Aliás, quer saber?

Ariane arremessou a marmita no meio do feno.

-Chama ela pra te dar na boquinha!

João foi andando até ela.

-Ariane, não é nada disso! Eu tava aqui tomando banho, e ela entrou pra me avisar do...

-Você deixa qualquer uma entrar no seu quarto quando está tomando banho?

- Ariane! Isso aqui não é o *meu quarto!* É um celeiro onde eu durmo improvisado!

-Pois deveria ser um canil! - ela disse, quando João se aproximou e *tentou* encostar nela. - E não encoste em mim!!! - ela gritou tão agudo, que ele recuou imediatamente, erguendo as mãos em sinal de paz.

-Calma, Ariane....

-"Calma"? Calma porque você está do outro lado, tá bom?

Quando você soube que o Paulo Costard tinha me beijado, você foi lá e encheu o coitado de porrada!

João trincou os dentes só de *lembrar* daquele nome.

-Agora, na minha vez é "calma", né? E olha que, no meu caso, eu *estava vestida*, e quando ele me beijou você não era nem meu namorado!

-Ariane, pelo Criador, não teve beijo nenhum!

-É, não teve porque eu atralhei, né?

João trincou os dentes mais uma vez. Dessa vez a irritação era por não saber se Ariane estava certa.

Ou não.

-E quer saber? Quem vai enfiar a porrada naquela garota agora

sou eu!

E Ariane já se virou invocada para sair atrás da ruiva sardenta, quando João a segurou pela cintura, desesperado, fazendo a garota ficar correndo no mesmo lugar.

-Não, para! Para! Para com isso, *amor*. - O abraço e o termo mexeram com ela. Ariane relaxou *um pouco*.

E, naquele momento, odiou o abraço dele ser tão bom.

-Aquela mulher é a *prometida* do meu tutor...

-E desde quando *prometidas* ficam visitando escudeiros de tanguinha? Não, porque, se for assim, eu vou sair por aí também para avisar um monte de amigos seus peladões que está na hora do almoço deles...

João trincou os dentes. De novo.

Ariane retirou do pescoço o cordão de compromisso que unia o casal e jogou em cima dele.

-Aliás, quer mais? Fica com você esse cordão que *eu te dei* E só me devolve quando você tiver um bom motivo para eu aceitá-lo de novo!

Ariane Narin largou João Hanson sozinho e caminhou, ainda em postura dura e expressão emburrada, para fora daquele celeiro. Saiu e BATEU a porta de entrada.

João suspirou.

Passaram-se alguns segundos quando a porta se abriu de novo bruscamente, e a invocada ainda colocou meio corpo para dentro, mais uma vez, intimando:

-E depois me devolve a cumbuca da comida, que é da minha mãe!

E bateu a porta de novo!

João Hanson abriu os braços e olhou para os céus, irritado, perguntando-se de forma sincera se, em algum maldito lugar, semideuses deveriam estar rindo de suas desgraças.

## 11

Rei Anísio Branford estava sentado em seu trono, ao lado da Rainha Branca Coração-de-Neve, quando a capitã da Guarda Real Bradamante entrou.

Ao lado dela, entrou Ruggiero, capitão dos Cavaleiros de Helsing.

- Majestade... - ela fez a reverência, abaixando a cabeça quase até a altura da cintura e dobrando os joelhos.

- Capitã... capitão... - o Rei fez o mesmo na direção de cada um, mas de pé, e trazendo apenas o queixo na altura do peito.

No Salão Real, também estavam os Conselheiros Reais uniformizados com suas vestimentas coloridas. Nenhum deles, porém, estava ali para dizer algo; a função era apenas observar e tecer comentários para quando consultados na Sala Redonda do Grande Paço.

-Capitã, como anda o chamado de meus comandantes militares?

-Todos eles já foram convocados e estão a caminho do Grande Paço, Vossa Majestade.

-E meus cavaleiros?

-A maior parte já está presente. O resto também se aproxima.

O Rei balançou a cabeça, satisfeito. E disse:

-Então ordena que a parte que já está aqui comece desde já a se preparar para a Primeira Marcha de Guerra.

-Majestade... - a capitã disse, em parte assustada, e com um tom que aceitava a ordem recebida mas, ao mesmo tempo, implorava por mais detalhes.

-Nós começamos a marcha para a batalha com Brobdingnag nesta madrugada...

## 12

- E quando ela entrou entendeu tudo errado!

Maria Hanson riu. Estava no celeiro de João, para onde havia ido após escutar a versão de uma Ariane irritada e ficar curiosa pela versão do irmão antes de se decidir de que lado ficar.

-E você tá rindo do quê? - perguntou um João Hanson bem irritado.

-Certo. Eu sei que não tem graça, ao menos não na atual situação. Mas convenhamos que uma garota pegar outra saindo do quarto do namorado e ainda encontrá-lo só de toalha ao redor da cintura não é a situação mais fácil do mundo para se entender, não é verdade?

-Você está *realmente* do meu lado?

-Eu *sempre* estou do seu lado.

-É que não par...

-A não ser quando é você que está errado.

Houve silêncio de ambas as partes. João fechou a cara. De novo.

-E eu estou errado? - perguntou taciturno.

-Não está?

-Por que eu estaria?

-Se você encontrasse um homem saindo do quarto de Ariane, e ela estivesse só com roupas de baixo, o que você faria?

João não respondeu. Maria disse em tom de resmungo:

-Por muito menos você arrebentou a cara de outro garoto.

João olhou para o lado de fora e mordeu o lábio inferior, pensativo.

-E matei um homem... - ele sussurrou para si próprio.

-O que você disse? - ela franziu a expressão, *achando* que não havia compreendido.

-Que eu *matei* um homem.

Maria ficou em silêncio. E então disse:

-Você não matou o conde por causa de Ariane. Você o fez por papai...

João não respondeu nem comentou. Voltou a olhar para o lado de fora e a morder o lábio inferior, pensativo.

-Por que você acha que eu estou enganado?

-Porque você não o fez por causa da ofensa ou agressão do conde a Ariane; você o fez porque era a única forma de permitir um bom descanso na outra vida para o pai.

-Não, digo especificamente com Ariane. Nesse caso... de agora. Por que você acha que sou eu quem estava errado nesse caso?

-João, no momento em que a garota entrou naquele celeiro, você deveria tê-la colocado para correr...

João se virou para Maria.

-Ela é noiva de meu tutor...

-Isso é uma desculpa para a sua atitude ou uma confirmação do que eu disse?

-O que quero dizer é que não sei como seria a reação dele! Um escudeiro tem de prezar e descomplicar a vida de seu senhor; não trazer mais problemas!

-E deixar que ele se case com uma mulher capaz de tentar seduzir seu escudeiro é evitar problemas para a vida dele?

João abaixou os olhos. De vez em quando, *odiava* se sentir o irmão mais novo.

-Eu me refiro ao que seria a minha palavra contra a dela - disse em sussurro.

-Ao menos seria você quem estaria do lado certo.

-E se meu tutor acreditar nela e me expulsar?

-Então isso significará que ele não lhe merece como escudeiro.

E que não está *escrito* que é com ele que você irá aprender sobre como ser um cavaleiro com princípios corretos e bom senso.

João continuava agitado. Maria continuava achando *estranho*

aquele agito.

-Por que você está assim tão... *diferente* sobre esse assunto?

Você sempre foi um garoto sensato; eu nem mesmo precisaria estar aqui lhe falando coisas que antes lhe soariam óbvias!

João não respondeu. Maria começou a raciocinar em cima do fato, e então perguntou:

-Você disse que Ariane *acha* que interrompeu um beijo de você e tal Lady, não é?

João aquiesceu duas vezes.

-E se ela não tivesse aparecido?

-Como assim?

-O que teria acontecido?

João Hanson inspirou para responder. Mas não disse nada. E o mais curioso era que o silêncio que vinha dele dizia mais do que qualquer palavra que poderia ter sido dita, mas que não fora.

Maria Hanson concluiu:

-Logo, nesse caso eu acho que Ariane faz bem em só querer esse colar de volta no momento em que você realmente lembrar o motivo de usá-lo...

Maria saiu da sala, deixando o irmão sozinho. João Hanson sentia vontade de socar alguma coisa desesperadamente e enfiou uma pancada na parede, fazendo tremer o vidro da janela.

Depois se sentiu idiota, afinal, seus problemas ainda estavam

lá.

Em seu pouco tempo como escudeiro, o que João Hanson mais aprendia era que os maiores inimigos que cercam um ser humano não podiam ser vencidos com lâminas de espadas.

As maiores conquistas não podiam ser exibidas como marcas de batalha. As maiores tentações e distrações não vinham dentro de círculos de combate.

Ariane, pelo Criador, não teve beijo nenhum!

E nenhum dinheiro poderia lhe comprar a tão sonhada paz interna que desejava ter.

É, não teve porque eu atrapalhei, né?

Dias ruins estavam por vir.

**13**

Liriel Gabbiani deu um salto de susto quando escutou, pelas costas, gritar:

- Aaaaaaaarr!!!

Atrás dela, estava o velho Jim Hawkins com uma garrafa de rum que já havia passado da metade.

-Você está com algum maldito problema? - ela perguntou, diante de um mau humor extremo.

-Estava me perguntando se estava dormindo ou se havia acordado em um pesadelo; o que, no final, sabe-se lá qual é a diferença...

-Pelo tempo que leva dormindo e roncando, não duvido que não saiba diferenciar os momentos.

O velho caminhou trôpego até ela. E disse com um forte bafo de álcool:

-Quer saber o que sonhei, *invocadinha*?

Liriel fechou a cara com o bafo e o apelido. Já ia colocar o dedo na cara do velho, quando ele antes concluiu:

-Que eu estava preso em um galpão com um casal formado por um negro idiota e uma branca imbecil, que haviam resolvido adotar um monte de fedelhos sem-teto e me escolhido pra ser o avô...

-Ah, aposto que a mulher branca desse sonho tinha em mente outros nomes muitos melhores para o cargo.

-Mas, para isso, ela teria de *pensar*.

-Não, para escolher você, ela teria *exatamente* de fazer o oposto.

-A "não pensar"? Ah, então ela já estaria acostumada...

O velho voltou a beber a garrafa. Liriel continuou com uma expressão irada. Já iria apontar o dedo, de novo, quando Snail surgiu, sabe-se lá de onde, e se meteu entre os dois, dizendo:

-Que bom que acordou, velho Jim! Sua presença aqui nos inspira!

Liriel olhou para Snail como se quisesse que ele morresse.

Como se quisesse que *eles dois* morressem.

-Ao menos alguém tem alguma inspiração em um lugar como este... - resmungou Hawkins.

-Vamos... - e Snail abriu os braços, empurrou-lhe pelas costas

e começou a fazê-lo caminhar pelo galpão. - Admita, não é

bem melhor do que a velha prisão em que estava?

-Do que adianta me retirar de uma prisão imunda e mal

frequentada para me colocar em outra pior?

-O que é isso, velho Jim? Aqui você não está preso! Você está

em casa!

-Então me diga o que preciso fazer pra ser preso...

Snail gargalhou forçado, sem saber se era uma piada o que o

velho havia dito. Liriel observava a cena e não conseguia

deixar de achar tudo um nível abaixo do patético.

-Jim, meu caro, admita: você tirou a sorte grande!

-Imagine se eu fosse azarado...

-Você foi retirado da prisão, conseguiu uma nova tripulação e

está prestes a morrer como um homem rico...

-Qual a diferença da riqueza para um homem morto?

-Você será *lembrado*, Jim Hawkins! Como o maior de todos!

Mesmo depois da morte...

-Por que eu gostaria de ser lembrado, se nem vou estar aqui?

-E eu vou continuar o seu legado quando resolver partir.

Jim Hawkins observou Snail Galford de cima a baixo e fez

uma careta de desgosto.

-Quer dizer que vivi uma vida inteira de conquistas pra morrer

na sarjeta e deixar meu legado pra um autointitulado pirata,

que nem mesmo tem um navio?

Snail ergueu os ombros e abriu os braços, como se dissesse

em linguagem corporal: "Fazer o quê?"

-Façamos assim, caro Jim: você aceita nos levar com você, e eu prometo que lhe arranjo um navio!

-E como você me arranjará um navio, pé-rapado?

-Stallia, em breve, estará em guerra. Eu posso pensar em alguma coisa.

-Stallia vai entrar em guerra?

-É o que parece...

-Baseado em quê?

-Movimentação de tropas, deslocamento de milícias, reforço dos portos e menor patrulhamento de cavaleiros!

O velho parou e observou Snail surpreso.

-Até que você serve pra alguma coisa, não é?

Snail voltou a erguer os ombros e abrir os braços uma vez mais. O velho pirata bebeu mais um trago.

-E o que você quer de mim, pé-rapado?

-Que me leve até o Grande Tesouro de Flint!

O velho Hawkins cuspiu o que estava bebendo.

-Você endoidou de vez... - disse, achando graça.

-Você foi preso quando estava indo pra lá! Qual o problema de concluir a missão?

- *Exatamente!* Eu fui preso quando saía para lá, tantos anos atrás, que mal me lembro do tempo exato! Acha que eu me lembraria pra onde estava indo?

-Acho.

-E acha que eu levaria você, pra que me passasse a perna e ficasse com a glória?

-Acho.

-E por que eu faria isso?

-Porque eu sei pouca coisa desta vida, mas sei que nós não fazemos o que nós fazemos porque *a vida nos colocou aqui*, ou nenhum blefe do tipo.

- Não?

-Não, nós fazemos isso porque *gostamos*. Fazemos isso porque é o que nascemos pra fazer.

-Você acha que homens nascem pra ser piratas, saquear e roubar o próximo, pé-rapado?

-Se pessoas como nós não existissem, ainda estaríamos vivendo em cavernas...

-Quer dizer que pessoas como você ajudam a evoluir a sociedade?

-Pessoas ambiciosas *ajudam*.

O velho pirata riu alto. Dessa vez o riso era sincero.

-Faça algum contato... - disse o velho sujo. - Esse contato deve lhe arranjar um navio, não sei a que preço. Seja o que for, consiga. Se conseguir, eu carrego esse bando de gente inútil que você tem por aqui...

Snail sorriu como sorriria uma criança diante da atenção de um tio que acabou de conhecer.

-Você não vai se arrepender disso no futuro...

-Eu já estou arrependido. Não há como me arrepender disso no futuro...

Snail gargalhou, ainda envolto na energia de ignorância.

Afinal, de fato, em poucas horas ele iria realmente conseguir aquele navio.

Ele só não imaginava a que preço.

## 14

O esqui puxado pelos dois tigres imensos se aproximou de uma imensa torre.

A localização era no centro de diversas casas rústicas. Áxel havia passado por elas ao ser conduzido e continuava observando a arquitetura alienígena. As construções eram à base de bambu, cipós trançados, madeira e palha. Eles haviam acabado de sair de uma praia, onde moravam os moicanos, e estavam caminhando agora em uma floresta, que tinha diversas trilhas abertas. As casas que via se espalhavam pelo caminho, mas com uma arquitetura própria e original, que era difícil para um ser acostumado a viver em metrópoles urbanas consentir.

De fato, as casas se complementavam à natureza em que estavam inseridas. Elas não destruíam a região natural ao redor; elas se complementavam a ela. Até mesmo o desenho da luz do sol parecia ter sido levado em consideração na forma com que aquelas construções eram feitas, e tal artifício se tratava de uma ciência exata. O detalhe da arquitetura mais

impressionante, contudo, era que as casas normalmente se expandem em uma base vertical e, ainda que existam construções de vários andares, uma cidade se expande na horizontal.

Aquela cidade não.

-Que lugar é este, moicano? - Áxel perguntou, com olhos arregalados.

-Esta é Themiscyra; lar das elfas-amazonas.

Aquela cidade se expandia na vertical, e era isso que impressionava. Suas casas eram conectadas por rampas e pontes feitas com cipós e madeira, além de sistemas de grossas cordas e poderosas roldanas, que levavam objetos de um lugar a outro. Vultos caminhavam de um ponto a outro, saltando feito gatos, quando necessário, mas com a agilidade, leveza e confiança que um mico tem ao saltar por uma floresta.

E então Áxel reconheceu os vultos. Eram elfas.

Além delas, crianças-elfas que, quanto mais alto se podia observá-las, mais lembravam pássaros, mantendo seus vôos, abrindo os braços e flutuando junto ao vento. O esquí continuava sendo puxado pelos tigreses, e aquilo estava desesperando Áxel, que queria parar para observar melhor aquela maravilha. Parar um pouco. Até mesmo parar para sempre.

Em alguns pontos, ele percebia mulheres... elfas pararem junto

a janelas e pontes para observá-lo passar puxado pelos felinos e escoltado pelo moicano. De vez em quando, de acordo com o humor do vento, algumas árvores se retorciam como se o saudassem, e folhas e flores caíam pelo caminho que ele percorria como se fossem ali arremessadas de propósito.

E assim ele era conduzido, cada vez mais profundamente dentro daquelas trilhas de florestas, e cada vez mais engolido em meio àquela cidade alta que crescia para cima, a ponto dos olhos serem limitados para enxergar seu fim.

-O que é aquilo? Uma prisão? - ele perguntou, observando a torre que se aproximava e para onde *parecia* que ele estava sendo levado.

- A morada de Sua Majestade, onde será recebido. Aquela é a Torre de Vidro.

A Torre de Vidro.

Era uma torre desenhada, esculpida; precisa. Era gorda, larga, imensa. De longe, parecia que sua construção era feita de metal, mas Áxel não poderia dizer nada de concreto. Possuía muitos andares e muitos vitrais. Na base, ao redor dela, havia moicanos armados a postos, com outros tigreses presos entre correntes grossas. Determinados andares possuíam sacadas e varandas, onde *também* havia guardas moicanos. E havia muitas plantas; raízes que se estendiam ao redor da torre e se posicionavam entre vitrais, gárgulas e outras estátuas de seres fantásticos e desconhecidos, mais sacadas e mais janelas. As

folhas tinham uma coloração metálica e contribuíam para a conclusão antecipada do príncipe sobre a construção. O coração pulsou mais rápido conforme a entrada ia se aproximando.

E era bom mesmo que pulsasse.

Moicanos colocaram lanças na vertical e aquilo pareceu um sinal de permissão. Os dois tigreses, seguindo a orientação do moicano que os trazia às rédeas, passaram pelos moicanos-sentinelas e entraram trazendo o estrangeiro.

Do lado de dentro, era bem mais quente do que do lado de fora. Muito mais quente, o que justificava as diversas janelas e aberturas para passagem e ventilação. O Nunca era uma terra extremamente quente, mas estar na tal Torre de Vidro por dentro era como estar socado em uma colossal armadura completa, em pleno calor de batalha incessante.

O moicano, em suas poucas vestes, não parecia se importar.

Havia uma escadaria em espiral, e foi ali que os tigreses pararam. Duas elfas estavam a postos, ao lado de Lirath, irmã da princesa. O veículo parou, e o índio disse ao príncipe:

-Siga com as senhoras.

Áxel já estava descendo daquele maldito esqui, quando o moicano lhe segurou o ombro e o fez olhar para ele.

-Somente olhe para qualquer uma delas nos olhos quando elas falarem com você. Nunca comece uma conversa, espere que elas o façam. Nunca observe, espie ou mostre desejo pelo

corpo de nenhuma delas, a não ser que elas assim o desejem.

Refira-se a elas pelo termo "senhora" e sempre mantenha seu tom abaixo do tom com que elas se referirem a você.

Áxel estava boquiaberto. Nunca, mas nunca *mesmo* em sua história de vida como príncipe real alguém havia ordenado que fosse tão submisso em relação a outro ser humano; ainda mais a mulheres. Aquelas eram regras de um jogo que ele não conhecia e, mais do que isso, nem mesmo imaginava existir.

E coexistir.

As elfas vestiam túnicas claras, com sandálias e cabelos amendoados que alternavam a parte central lisa e as laterais trançadas. Os olhos eram claros, em tonalidades rosadas, e o cheiro que vinha delas lembrava a de colônias trazidas do oriente como especiarias raras por marinheiros mercantes aos portos ocidentais.

A beleza de um ser como aquele transpassava o conceito de beleza e feiura. Pois *não existia* feiura no Nunca. Sua arquitetura era imponente; suas cidades, exuberantes; sua Torre de Vidro, magnânima; seus homens moicanos, perfeitos; suas elfas-amazons, indescritíveis. Os rostos eram mais ovais do que o das mulheres humanas, mas cada traço era muito mais fino. Os olhos, os narizes, os lábios que formavam a boca; tudo era um conjunto de sensibilidade extrema e sutil, que parecia desenhado com uma caneta-tinteiro por um artista obcecado.

E havia as orelhas.

As orelhas eram diferentes das orelhas das crianças-elfos. As das elfas cresciam para cima. Nelas, a parte onde mulheres prenderiam brincos é que não existia e se grudava à orelha em si, enquanto a parte de cima crescia em diagonal, e era ali que era enfeitada com argolas coloridas.

As elfas o guiaram para outro andar daquela torre, após alguns lances de escadas e corredores. Por dentro, a arquitetura mostrava-se muito mais complexa do que pareceria a princípio observando-se de fora, havia escadarias que levavam a corredores que possuíam outras escadarias que levavam a outros corredores.

Do alto, sabe-se lá de onde, ecoava por toda torre um som lírico e transcendental, produzido pelas cordas de uma harpa poderosa. Algumas vezes, uma voz igualmente onírica cantava canções em linguagens esquecidas, que lembravam óperas e mantras. Fosse o poderoso acorde da harpa, fosse a extasiante voz lírica, qualquer um dos sons arrepiava. E arrepiava *mesmo*.

Áxel Branford caminhava por aqueles corredores arredondados ainda atordoado. Era como se houvesse sido arremessado em outra dimensão; era como se alguém obrigasse um ser humano a esquecer tudo o que ele havia conhecido como realidade e passasse a concretizar sonhos que antes lhe eram efêmeros.

Exatamente como apenas semideuses seriam capazes.

Não havia realmente um único elfo adulto naquele lugar.

Crianças-elfas, de vez em quando, passavam pelas vidraças flutuando, mas, mesmo os índios moicanos resumiam-se aos seus lugares como guardas ou sentinelas. E jamais tiravam os olhos do horizonte ou do que quer que tivessem de vigiar; jamais olhavam para elas; jamais lhe dirigiam a palavra.

Jamais.

Ele tentava não olhar diretamente para as duas *senhoras* que lhe conduziam, ou para qualquer uma das outras elfas que iam cruzando seu caminho, e que olhavam *diretamente* para ele, mas era difícil seguir o conselho à risca. Elas vestiam roupas de musselina, um tecido com torção elevada, feito de seda e muito fino, leve e... transparente. Definitivamente, era muito, muito difícil seguir as orientações do moicano. Principalmente em determinados ângulos em que a luz do sol penetrava com delicadeza e complementava as curvaturas de beleza e graça de corpos oníricos.

Tudo o que elas faziam era dotado de leveza. Quando caminhavam, caminhavam leve. Quando falavam, a voz era sutil. Quando lhe tocavam, o toque era terno.

Não havia embrutecimento em nenhum suspiro, em nenhum desenho de luz, em nenhum gesto de menor ou maior grandeza. Havia infância (ou o mais próximo disso), havia juventude, havia até mesmo maturidade, mas era curioso que

não havia velhice. O tempo em Themiscyra, ou melhor ainda, o tempo em todo o Nunca corria diferente, porque trazia uma bagagem histórica, mas nunca olhava para trás.

E, enquanto cada ser permanecesse com tais características dentro de si, ele pertenceria àquele lugar. Quando não mais...

- Alteza...

Uma das elfas tocou as costas de Áxel, e o toque mais pareceu uma descarga elétrica. O príncipe virou-se e a olhou nos olhos, sem saber se isso seria permitido, ou não.

-Senhora...

A segunda elfa *também* o tocou, e o toque pareceu dotado das mesmas condições.

-Você não vai precisar delas, príncipe de Arzallum...

À frente dele havia uma banheira com água perfumada com ervas. Da água, saía vapor, denunciando a temperatura agradável. Áxel imaginou o quanto deveria estar sujo e com cheiro ruim e se sentiu mal. Havia uma roupa que parecia seda e lembrava uma veste cerimonial.

Na verdade *era* uma veste cerimonial. E ele entendeu.

Ele permitiu que as senhoras elfas lhe tirassem as roupas sujas e entrou na banheira de água quente. O aroma era agradável; a temperatura, ideal. As duas elfas cuidaram dele naquele banho e passaram ervas por suas costas, que impregnavam nele um cheiro bom. Banhavam-no naquela água, mas não da forma e intenção com que uma mulher faria com um amante, mas

muito mais como uma mãe faria com um filho ou uma bruxa com uma iniciada.

Na realidade, Áxel percebeu que a forma como as duas o tratavam mais lembrava a forma com que um dono age quando banha seu cão do que qualquer outra em que poderia pensar. Já Lirath apenas o observou, mas, mais como se estivesse se certificando de que as elfas estavam cumprindo corretamente seu papel.

Quando ele saiu da água, sentiu o corpo, e o espírito, mais leve e vestiu a roupa cerimonial. Para ele, a roupa lembrava vestes femininas, mas é difícil se utilizar conceitos próprios quando se comparam culturas estrangeiras.

Afinal, culturas não se medem com sinais de mais e de menos.

-Que tecido é este, senhoras? - ele perguntou, da maneira mais formal que conseguiu, e elas compreenderam bem suas *intenções* sinceras.

-É chiffon - respondeu Lirath.

-É bem agradável. Mas me lembra vestes femininas...

O tecido causava uma agradável sensação térmica junto à pele e era tão leve e fino, que se tornava extremamente apropriado para um local quente e bem ventilado como aquela torre-castelo.

-Faz sentido, mas estamos em uma terra governada por mulheres. Logo, o único que mantém um sentido de masculinidade nesta terra é nosso Elfo-Rei.

-Espero que um dia possa me juntar a ele.

-Você irá...

As três começaram a conduzi-lo para fora da área de banho.

Áxel, ainda encantado com a leveza do tecido, perguntou:

-Mas, desculpe pela pergunta que soará como a ignorância de um estrangeiro, mas gostaria de entender... como um homem governa uma sociedade de mulheres tão independentes?

As três pararam. E olharam para ele, sem poder dizer se havia censura ou compreensão no olhar.

-O Elfo-Rei não governa o Nunca porque é homem.

-Perdoe-me se passei esta falsa impressão de machismo, afinal, não fora a isso que quis me referir, senhoras. Digo: nem mesmo existem elfos crescidos aqui, não é verdade?

-Apenas um. Apenas o Elfo-Rei.

-Então, aí que questiono e gostaria de entender: o que o faz especial? Especial a ponto de ser o único crescido. Especial a ponto de conquistar o respeito e a liderança de uma sociedade de mulheres que não se dobram nem mesmo a índios fortes e bem treinados!

-O que o faz especial é ele ser o *elfian pan* - insistiu Lirath.

Áxel se perdeu no erdim, sem compreender o final da frase.

Compreensível: não tinha em sua mente conhecimento suficiente daquele assunto para que a *intenção* daquela frase fosse traduzida para algo que pudesse entender.

-Senhora, poderia traduzir de uma forma intencionalmente

mais clara em erdim o que significa tal expressão na língua

élfica?

-Em sua língua, príncipe, ele seria o *elfo tocado*.

Áxel enfim compreendeu algum sentido.

-Entendo. *Pan* significaria *tocado*...

-Mais do que isso; mas acho que em sua língua isto seria o mais próximo - a elfa continuou. - *Pan* seria um ser tocado por uma força superior. *Pen* seria um ser tocado por mais de uma.

-E o Elfo-Rei foi *tocado* por uma força superior?

-Na verdade, por mais de uma. E por isso ele é o atual *Pendragon*.

O queixo de Áxel quase se estatelou no chão!

-Ele... ele foi o *escolhido* após Arthur?

-Sim, e é por isso, e não por seu sexo, que ele governa o Nunca.

Áxel ainda era surpresa. Deslumbre. E estupefação.

- E quando irei conhecê-lo? - ele perguntou em uma voz fraca.

- Agora...

**15**

- Hoje, na batida da meia-noite, Arzallum irá marchar.

Foi assim que começou o discurso de Rei Anísio Branford, em um pátio imenso do Grande Paço, diante de centenas de cavaleiros, lanceiros, arqueiros e líderes militares.

A cena era histórica por dois motivos: primeiro, porque ali se iniciava uma guerra de proporções mundiais; segundo, porque

era a primeira vez que centenas de pessoas escutavam com perfeição a voz de seu Rei.

Para que isso fosse possível, o gnomo Rumpelstichen e sua equipe haviam construído uma plataforma em que se prendia um apetrecho alienígena. O aparato possuía uma forma cônica e projetava a voz do Rei de uma forma distorcida, mas bastante ampliada. A voz se arrastava em ecos e parecia ser baseada no mesmo efeito que ocorre dentro do interior de grutas, quando alguém diz ou grita alguma coisa.

Comandantes militares estavam à frente de cada tropa. Os cavaleiros estavam em formação militar, vestidos com seus uniformes, sem as armaduras. Atrás deles vinham os lanceiros. Atrás, os arqueiros. Atrás, os soldados.

De frente para eles, estava seu Rei no palanque, com sua Rainha ao lado. De frente à tropa, mas abaixo do palanque, estavam nomes como comandante Sabino von Fígaro, a capitã Bradamante e o capitão Lemuel Gulliver.

- Hoje, Arzallum irá guerrear. Iremos marchar por terrenos insólitos e iremos escalar locais inatingíveis. Será a guerra mais difícil que qualquer um de nós já tenha visto. Entretanto, quem pode dizer o que esta nação não é capaz de fazer? Quem pode menosprezar este Reino, se foi este Reino quem liderou a *Caçada*, e se foi um Branford quem salvou esta sociedade na primeira vez? Pois hoje iremos ao campo de batalha pela ordem da sociedade mais uma vez. Arzallum não irá guerrear

apenas por orgulho, embora o orgulho desta nação tenha sido atacado. E tenha sido atacado no momento em que Brobdingnag transgrediu o *Pacto de Swift* e manteve uma criança arzallina sobre sua custódia, recusando o pedido do Rei desta nação de devolvê-la em paz. Como homens de uma ordem militar, e como seres que compreendem o que é viver desta forma, todos aqui com certeza podem compreender por si próprios que, se Arzallum permitir que outro Rei cuspa em seus tratados e ignore os pedidos do Rei desta nação, outras nações se darão o direito de fazer o mesmo, e esta se tornará a nação mais fraca, mais submissa e mais ridicularizada que já existiu em Nova Ether. - Uma pausa reflexiva. Mas não extensa. - Entretanto, dentro de vós correis sangue arzallino como o daquela criança refém no Reino Gigante. E todos vós sabeis que Arzallum não é uma nação fraca. Nem submissa. Nem que jamais será ridicularizada por nenhuma civilização que exista ou que venha a nascer. Porque, ainda que um dia Arzallum deixe de existir, este será um Reino lembrado para sempre como o *maior Reino que já existiu!* - Soldados trincaram os dentes. - E no campo de batalha, se algum de vós se perguntardes por que muitos estão arriscando-se a morrer pela vida de uma única criança, sabeis que Brobdingnag não mantém aquela criança simplesmente por provocação a este povo. Brobdingnag mantém a criança arzallina como sua refém porque existe a suspeita de que ela seja nosso esperado

*avatar!* - Olhos se arregalaram. Respirações foram suspensas. Dentes continuaram trincados. - E, se o Criador escolheu que seu avatar retornaria no sangue de um arzallino, então isto só prova a responsabilidade e o dever desta nação de manter sua conquistada superioridade e sua mais histórica vocação! Pois, se o Christo Merlim Ambrosius voltou para trazer a Verdade a esta nação, então isto nos dá um motivo para viver. E um motivo *para morrer!* - Punhos apertados. Gargantas secas. Corações acelerados. - Nós iremos guerrear por este povo. Nós iremos guerrear por esta bandeira. E nós iremos guerrear em nome do Sagrado Criador, que escolheu este povo para trazer seu avatar! E, se outras nações se colocarem neste nosso caminho pela busca da Verdade, então nós a lembraremos de que já vimos o que um arzallino pode fazer com os maiores campeões do mundo dentro de um ringue! E, se assim for preciso, nós também vamos mostrar ao mundo o que Arzallum pode fazer com os exércitos de nossos inimigos dentro de um campo de batalha! Os soldados pisaram firme no chão, com os olhos fixos e os pelos arrepiados. Em suas mentes e em seus corações, todos já estavam prontos.

A Primeira Guerra Mundial ali já havia começado.

**16**

Áxel Branford entrou no Salão Élfico e se sentiu não apenas pequeno mas intimidado. Não havia ali grandes monumentos,

quadros, candelabros, altares ou coisas do tipo que costumam haver em Reinos humanos para causar o mesmo impacto; neste ponto, o Salão Élfico era de certa forma modesto. Havia muita luz, muitas almofadas e muitas janelas, e havia fontes e frutas e espaço. Definitivamente, era um fato: elfos gostavam de espaços.

Mas nada disso era o que impressionava o príncipe.

O que o impressionava, e intimidava, *de verdade* era a quantidade de fêmeas vestidas em roupas de tecidos leves, enfeitadas com jóias e maquiagens, espalhando um cheiro de perfume no ambiente. E esperando por ele próprio.

Ele entrou, e elas o observaram curiosas. A sala era quente, mas fresca, e ainda assim, a cada passo, ele se sentia sufocado.

Deveria haver ali, por baixo, umas cinquenta elfas espreguiçadas sobre grandes almofadas que se espalhavam pelo salão. Elfas de todos os tipos: altas, baixas, magras, gordas, de cabelos e olhos das cores mais criativas que um semi-deus poderia imaginar.

Algo em comum, porém, todas elas possuíam: a cor de pele de todas elas tendia ao bronzeado que uma pele adquire após ser forçada a produzir melanina por anos, com o intuito de suportar uma ilha constantemente ensolarada.

E, claro, as orelhas que cresciam em diagonal superior para trás.

As três elfas que o haviam conduzido indicaram com gestos

que ele deveria prosseguir. O caminho da porta onde estava até o fim da sala terminava em um trono esculpido na forma de um dragão sentado em duas patas, como na posição de um cachorro tentando agradar por um osso.

Sentado nele, estava o Elfo-Rei.

Áxel sentiu uma pontada quando o viu. O sentimento de temor que aquele maldito elfo crescido gerava era muito, muito pior do que olhar, por exemplo, para Radamisto, o gigante branco de Minotaurus que ele vencera na final do Punho De Ferro. De longe, parecia uma figura formada de sombras, e se ajeitava naquele trono como se o móvel fosse uma desconfortável rede, sentado na vertical com o cotovelo segurando o rosto para baixo em um dos braços do trono, enquanto uma das pernas descansava em cima do outro braço.

E, a cada passo que Áxel dava mais próximo dele, mais sentia vontade de se afastar.

Era um elfo gigantesco, de quase dois metros de altura e com braços da grossura de marretas. Vestia um robe aberto no peito feito um roupão de seda, uma calça larga sem bolsos e não calçava quaisquer sapatos ou chinelos, permanecendo descalço. O rosto era triangular, os olhos eram vermelhos, e apenas a tonalidade escarlate diferenciava, como nas crianças-elfos, a pupila da íris. No caso, a íris era *mais vermelha* que o resto.

Era possível jurar que o vermelho que corria naqueles olhos

élficos sombrios parecia sangue.

Assim como os olhos, os cabelos eram ruivos, mas de um vermelho vivo. E intenso. Os fios escorriam além dos ombros e encobriam parte do rosto baixo, como se toda aquela figura já não fosse sombria o suficiente. As orelhas, também comparando com a das crianças-elfos, crescia, ao contrário das elfas, na diagonal para baixo, mas, no caso, eram proporcionais àquele elfo de tamanho imenso. As unhas eram grossas, longas e cheias de falhas, do tipo de unha que nunca é cortada, mas roída. Havia pelos nos antebraços, mas não havia barba no rosto marcado com sulcos.

A figura do Elfo-Rei se destacava e se deslocava inteiramente daquele ambiente arejado e feminino, mais parecendo uma marionete que não fazia parte de um espetáculo e teve de ser improvisada na hora. E Áxel percebeu que, quando ele se aproximou, o que tirou o Elfo-Rei de seu transe foi um movimento do nariz; um movimento que indicava que ele havia percebido a aproximação de *Áxel pelo cheiro*.

E, quando o humanoide ergueu a cabeça e apontou aqueles olhos vermelhos na direção do príncipe, Áxel jurou que não escutava mais o próprio coração.

Os dois, o elfo rei e o príncipe humano, ficaram se olhando, quase sem piscar.

Um minuto se passou. E então dois. E apenas no terceiro o Elfo-Rei perguntou:

-É você?

Áxel continuou a olhar para ele, sem responder. E sem sequer *saber* o que responder.

-É você o príncipe?

A voz que perguntava era rouca. Parecia a voz que um leão teria, se optasse por falar em vez de rugir, logo após acordar.

Como não havia ninguém para apresentá-lo, o próprio Áxel teve de ceder à cerimônia e dizer:

- Vossa Majestade, eu sou Áxel Terra Branford, filho de Primo e Terra Branford, irmão de Rei Anísio Branford e atual primeiro príncipe de Arzallum.

O correto, ao menos para a cultura humana, seria Áxel fazer uma reverência depois disso. Contudo, ele nada mais fez, não porque não respeitasse o Rei à sua frente, mas porque estava concentrado e hipnotizado demais com aquele instante surreal.

Na verdade, a situação já lhe parecia tão fora de série, que ele não estranharia ou consideraria anormal nem mesmo se o

Elfo-Rei ordenasse que o levassem para uma guilhotina ou que o arremessassem em uma cova de tigres de cores bizarras.

O Elfo-Rei se pôs de pé.

O *maldito* já era gigantesco, e, do ângulo de onde estava, Áxel via a figura *ainda* maior. Apenas a porcaria das mãos daquele elfo já seriam capazes de pegar um crânio humano e

provavelmente abri-lo como se fosse um coco. Do jeito que parecia um animal bárbaro, talvez até o abrisse realmente e

comesse os miolos, quem iria saber?

Curiosamente, o Elfo-Rei fez o mesmo que ele. Primeiro anunciou seu nome, depois sua função, curiosamente suprindo qualquer referência à paternidade. O curioso do momento, porém, foi que, como já explicado, a língua erdim era um idioma baseado em intenções, que dependia da cultura e compreensão do mundo do receptor.

Logo, o Elfo-Rei quando disse seu nome, era de uma compreensão muito difícil para a mente e o linguajar humano capturarem, principalmente pela ausência de vogais. O mais próximo em uma grafia seria: *Pttrr*. Logo, o mais próximo que o cérebro e o entendimento da comunicação humana de Áxel Branford conseguiram compreender, acrescentando vogais por instinto, foi o nome próprio: *Petter*.

O título que acompanhava o nome próprio, porém, continuava sendo um problema. Porque, por mais que as elfas houvessem lhe explicado anteriormente, o significado da palavra seguinte era muito maior e mais complexo do que a palavra mais próxima que o idioma altivo poderia chegar: *tocado* ou *escolhido*. Não importa, qualquer um dos dois sentidos seria um sentido pobre para transmutar aquela *intenção* na palavra dita.

Logo, a mente de Áxel, sem conseguir uma tradução adequada em sua compreensão, reteve a palavra original, dando a ela o sentido que não havia no idioma altivo. E foi assim que Áxel

Branford compreendeu o nome do gigantesco Elfo-Rei à sua frente.

O único elfo crescido do mundo. O elfo escolhido como o atual Senhor dos Dragões. O Elfo-Rei Pptr Pendragon.

*Rei Petter Pendragon. Rei Petter Tocado.*

Rei Petter Pan.

**17**

- Então você não acha que eu estou errada? - perguntou uma

Ariane Narin *extremamente* surpresa.

- Não, não acho não - respondeu Maria Hanson.

- Puxa... - ela disse, com o típico olhar arregalado de surpresa.

- Você parece surpresa. Acha que eu deveria mudar de idéia?

Ariane saiu do transe e começou a sorrir, embaraçada.

- Não, pô! É que... sabe... você *sempre* fica do lado do João em tudo! Até quando ele tá errado, e eu nunca ia imaginar que...

- Eu não fico do lado do João quando ele está errado!

- Não?

- Não! Quando é preciso, eu sou dura com ele. Assim como ele já foi comigo também. É que... a gente se protege...

Ariane voltou a sorrir.

- Eu sei. De vez em quando, eu fico imaginando como seria se eu tivesse tido um irmão também, sabe? Eu fico vendo vocês e pensando se ele também seria tão meu amigo quanto vocês dois são um do outro!

Foi a vez de Maria Hanson sorrir. Por um instante, as duas até

se esqueceram por que estavam emburradas com o garoto.

- Mas isso não quer dizer que eu vou perdoar o João por ter ficado de *cuequinha* para aquela lambisgóia! - disse Ariane, cruzando os braços, fechando a cara e relembrando o motivo.

- Não era de toalha?

- E qual a diferença?

Maria continuou achando graça (não era com ela, né?) e buscou seu casaco em cima de uma cadeira, com o intuito de começar a se despedir da casa dos Narin. Durante a busca, perguntou para Ariane:

- Sabe, acho que você está é precisando relaxar um pouco! O que acha de a gente sair esta noite?

- Sério? Nós duas?

- Na verdade, eu recebi um convite...

- Ah, peraí, né, Maria? Eu tô aqui brigada com o meu namorado, e você me chama pra ficar segurando vela? Isso lá é programa pra "distrair" o quê? - e só então Ariane se deu conta do subtexto por detrás do texto que estava dizendo. - Ei, peraí! Peraí! Você vai sair com alguém hoje, é? Quem é?

Quem é? Fala! Fala logo! É um daqueles dois bonitões, não é?

Não é? Não é?

Maria tentou disfarçar. Mas não conseguiu.

- Eu sabia!!! - Ariane gritou. - Mas qual deles? O moreninho musculoso de cabelo arrepiado com cara de fofo?

- Não, eu recebi uma carta do Casanova...

Ariane abriu a boca e a deixou aberta.

- Ah, tá. Fazer o quê? Então é o semideus loiro com cabelão, barba e cara de macho...

- Bem... é... - disse Maria sem jeito, querendo achar exageradas aquelas descrições. Mas sem conseguir.

- Ai, você dá vontade de fazer a gente querer se jogar de uma ponte...

- Quem seria "a gente", Ariane?

- *Pobres garotas mortais*. Garotas que, se perdessem um Áxel Branford, *nunca*, mas nem se uma fada gastasse a varinha dela toda comprando coisa, nunca encontrariam alguém sequer próximo de uma coisa daquelas! E você, pra humilhar de vez, arruma dois!

- Mas eu não *arrumei* ninguém! Ainda...

- Ah, Maria, para de se fazer de tonta! Você sabe do que eu tô falando! Você tem um Casanova e um De Marco atrás de você! São os dois solteiros mais cobiçados da cidade!

- Não, não é bem assim...

- O que falta pra você entender a situação direito, ô cabeça?

- Não é isso, Ariane! É que... bom, fala a verdade: eles fariam isso se eu não fosse "a tal plebeia" que conquistou o coração do Áxel?

Ariane ponderou. E disse:

- Você é linda de qualquer jeito...

- Obrigada, querida - ela disse, com sorriso largo. - Mas

voltando à questão: o Áxel, quando gostou de mim, gostou do que eu era. Eu não tinha nada a oferecer a ele em termos de status!

- Claro que não, ele é o príncipe de Arzallum, pô! Mas já disse que você não pode comparar ele com ninguém! Ele é único! E mais: ele a deixou e foi embora atrás de outra lambisgóia mal-amada! Aliás, como tem lambisgóia neste mundo!

Maria queria dizer que *compreendia* Áxel. Queria dizer que entendia que ele tinha obrigações reais como príncipe e que tinha de cumprir compromissos que sobressaíam às suas verdadeiras vontades.

Mas ela não conseguia. Juro, juro que ela tentava.

Mas não conseguia.

- Tá, mas vamos nos concentrar no caso desses dois! De novo: eles teriam tanto trabalho se eu não tivesse me tornado conhecida como a "escolhida do príncipe" ou qualquer coisa desse tipo?

- Tá, tá bom! Você deve ter razão! Mas qual a diferença?

- A diferença é que eu não quero me sentir um objeto de conquista! Não quero ser como se fosse um... *prêmio*... no jogo de dois garotos da alta classe e mimados e ricos...

- E lindos...

- Tá, e isso *também*.

Ariane apertou os lábios e começou a bater o pé no chão, impaciente.

- Maria Hanson, nem com todo mundo com quem você vai sair

na vida você precisa casar, entendeu?

- Olha quem fala: a *noiva prometida!*

- Mas, no meu caso, é diferente, né?

- Por que é diferente no seu?

- Porque *eu* já encontrei o homem da minha vida...

E Ariane parou, mais uma vez se dando conta tarde demais do

que havia dito. Olhou para Maria Hanson com os olhos

apertados, de quem se deu conta de que havia caído em uma

pegadinha *proposita* da amiga.

- Isso foi golpe baixo...

Maria ergueu os ombros e dobrou o pescoço um pouco para o

lado.

- Será que já não chegamos a um ponto em que o bom senso

está sendo minimizado pelo orgulho?

- O que você quer dizer?

-Você o ama. Ele errou e sabe disso. E você sabe que ele ama

você. - Ariane odiava como, da forma como Maria colocava

as coisas, tudo parecia *tão* simples. - Logo, esquece isso...

Ariane voltava aos braços cruzados, cara emburrada e pé

batendo no chão.

- Ah, não sei. Não sei...

Maria chegou à porta e disse:

- Certo, vocês dois que se entendam. Eu ainda tenho de decidir

se aceito o tal convite ou não pra hoje à noite...

Ariane fez um gesto utilizando as duas mãos, como se quisesse enforcar Maria. Maria sorriu e se foi.

Ariane caminhou até uma rede próxima da janela e se deitou.

Deixou o corpo balançar, obviamente, e como sempre, pensando em João Hanson.

Será que já não chegamos a um ponto em que o bom senso está senão minimizado pelo orgulho?

Continuava impaciente. E, de repente, começou a se sentir cansada. Não, na verdade, não era exatamente *cansada* que se sentia. Na verdade, ela se sentia *com sono*.

Aliás, com tanto sono, que podia jurar que estava vendo o rosto de um espírito aflito do outro lado do vidro da janela.

E o pior é que isso ela estava vendo mesmo.

## 18

Snail Galford seguia pacientemente e da maneira mais soturna que conseguia: um homem de trajes escuros que qualquer pessoa apostaria tudo o que tivesse no bolso na hipótese de ser um caçador. De certa forma, no final das contas, seria polêmico convencer tal apostador de que não era essa a profissão do rapaz.

Snail era bom em seguir rastros; era bom em desaparecer; e era bom em mais uma penca de coisas que um cidadão honesto jamais imaginaria que alguém perderia tempo para aprender a ser. Não importa, ele era. E, por isso, imagine sua surpresa quando, caminhando por uma praça lotada de gente

vestindo roupas de frio, caminhando por ruas de grandes calçadas e neve espalhada, ele *perdeu* seu vigiado de vista.

- Continua em frente - a voz surgiu de trás do pirata. O timbre era acompanhado de uma ponta de lâmina que queimava ao toque, feito uma ferroada. - Essa lâmina não é de uma faca, é de uma flecha. A flecha, por sua vez, está presa em uma pequena besta. Pequena, mas de precisão suficiente para eu acertar a sua traqueia de uma distância tão próxima que vai parecer que éramos gêmeos siameses.

Snail usava um capuz e possuía facas debaixo dos bolsos falsos do sobretudo. Facas que pensava em usar. Mas desistiu.

- Dois passos para a direita. Cinco para a frente. Mais três para a direita. Caminhe em diagonal e acompanhe a minha velocidade. - Aos poucos, o homem com a flecha desviava Snail de pessoas com quem eles poderiam cruzar no caminho pela praça. Snail sabia o que ele estava fazendo. Ele estava saindo da praça e... - Entra.

... entrando em um beco.

O movimento foi rápido e Snail BATEU violentamente na parede. A flecha, que antes estava nas costas, agora estava na tal da traquéia.

- Se eu inspirar três vezes e você não me disser quem é, a flecha corre.

Snail retirou o capuz. O homem o soltou, extremamente irritado.

E enfim relaxou.

-É você, seu doente? - perguntou Will Scarlet. - Por menos, eu já perfurei cachorros...

-É por isso que eu não lato. Eu mordo.

O homem chegou a sorrir da petulância do jovem negro.

- Queria ver você morder quando a flecha transpassasse seu crânio feito um espeto...

- Quando você estivesse na segunda inspiração, sentiria queimar em uma região abaixo das costelas. E, então, sentiria a queimadura aumentar, no momento em que a perfuração dobrasse de tamanho com o giro da lâmina. E, quando seus joelhos não sustentassem mais o peso do corpo, você enfim daria sua terceira inspiração. E seria a última.

- Quando a região abaixo das minhas costelas começasse a queimar, o meu dedo, por reflexo, acionaria o mesmo gatilho que lhe afogaria no próprio sangue.

-Se o seu braço mantivesse a força e não se mexesse.

- Ele manteria.

- Seria interessante a situação então...

- Por quê?

- Porque poderíamos continuar a brigar em Aramis.

Will Scarlet riu, mas muito mais de desgosto pela situação absurda. Guardou a besta nas costas.

-Você anda sumido... - disse Will.

- Um ex-pirata, ladrão, saqueador e mercenário que não ande

assim não deve ser lá muito competente.

-É por isso que eu notei você me seguindo, não é?

-É por isso que *eu deixei* você me notar te seguindo.

Dessa vez, Will Scarlet riu com gosto mesmo. Snail Galford era tão presunçoso, que no meio do tipo de pessoas com as quais convivia ele acabava sendo carismático para elas.

- O pior é que, pelo visto, você quer que eu *realmente* acredite nisso, não é? Então me diz, Galford: por que então não vir até mim e me cumprimentar como um ser humano normal?

- Porque aí, sim, seria mais fácil eu ter uma flecha no pescoço.

Will continuou olhando para ele com uma expressão de quem estava se esforçando, mas não compreendia o raciocínio. Snail concluiu:

- Você é paranóico. Não que *nós* todos não sejamos, mas você é do pior tipo.

- De que tipo?

- Do paranóico controlador. A maioria de nós é paranóica para *sobreviver*. Nós necessitamos sempre de um caminho que nos tire das situações em que nos metemos. Mesmo que este caminho seja uma estrada pedregosa e lambida de breu. Mas nós precisamos saber que existe ao menos uma esperança de sairmos de situações arriscadas, ou de criarmos um jeito de sairmos delas.

- E eu sou diferente?

- Sim, porque a maioria de nós é capaz de agir de forma

submissa, se isso salvar sua pele. Você não. Você necessita sempre *ter o controle*. É por isso que aquele que o comanda sempre precisa agir de forma que pareça que você está liderando alguma coisa, ao invés de obedecendo a ordens.

- Andou aprendendo a ler, negro?

- A gente se vira com o que tem.

Will Scarlet encostou na outra parede do beco, e o mais impressionante era que, em vez de ofendido, estava realmente pensativo sobre o que havia escutado. A expressão chegava a ser infantil.

- Não foi assim com Locksley... - ele disse, com o olhar distante, feito uma criança desiludida a quem se revela que uma lenda urbana era só uma lenda urbana.

-*Sempre* foi assim com Locksley.

Will continuou ponderando.

-Você está querendo me confundir, não é? Faz seu estilo...

Snail, antes que Will mudasse o foco do assunto de si próprio para ele, insistiu no assunto:

- Você levou uma surra no Punho De Ferro *por que quis?* Você entrou em um campo de batalha contra um exército de Minotaurus disposto a morrer por uma decisão sua e inteiramente consciente? Você montou um grupo de ex-mercenários para caçar outros mercenários nesta cidade decadente sem influência de ninguém? E você realmente acredita que todos os passos da sua vida, desde um garoto

feliz pela floresta até um rastreador urbano obcecado, não foram planejados e subservientes aos planos de Locksley?

-*Pare* de falar assim! Você fala como se Robin fosse um maldito manipulador!

- Não, na verdade ele é um grande líder. Ele sabe como *liderar* pessoas. E sabe porque entende que precisa liderar diferentes tipos de pessoas de maneiras diferentes. Inclusive você.

Will abriu a boca para retrucar. Mas fechou de novo e cruzou os braços, lembrando a reação de um adolescente levando um sermão.

- Quer saber? Eu não vou perder meu tempo contigo, Galford.

Se você se *demitiu* do seu antigo emprego de rastreador urbano, então nós não temos mais o que conversar...

- Por que você perdeu o controle sobre mim?

-*Pare* de falar assim, seu maldito!

- Tá perdendo o controle, né?

Will Scarlet mais uma vez BATEU Snail na parede.

Pressionou o cotovelo no pescoço do (ex-)pirata e manteve os olhos arregalados e a expressão dura de quem estava *realmente* irritado.

- O que você quer comigo, seu rato leproso?

- Quero lhe dar a oportunidade de *parecer* ter chegado à vida adulta e assumir o controle da sua vida.

O cotovelo pressionado na garganta continuou lá.

- E seria você o meu salvador?

- Exatamente.

- Por quê? - o cotovelo pressionou mais. Snail começou a achar sua posição já *bem* menos confortável.

- Porque você tem algo que eu preciso... - as frases já começavam a ser ditas com dificuldades.

- E por que eu me importaria com isso?

- Porque você terá de fazê-lo sem Locksley saber.

Will largou Snail, mas muito mais no susto do que por vontade própria. Estava assustado de ver até onde as ambições daquele (ex-)mercenário podiam chegar.

- Só por curiosidade: o que você *gostaria* de ter de mim?

- Um navio.

Will, mais uma vez, riu forte, mas pela ausência do bom senso.

- E eu *teria* o navio que você precisa?

- Não, você teria o *acesso* a ele.

- De que navio você está falando, Galford?

- O Jolly Rogers.

A surpresa de Will Scarlet foi tanta, mas tanta, que ele não conseguiu nem rir de sarcasmo. Nem mesmo na rodada de pôquer mais roubada a seu favor, com as cartas mais altas e a melhor mão, na banca de aposta mais alta, ele seria capaz de arriscar qualquer coisa que se referisse aos limites da ambição de Snail Galford.

Jolly Rogers.

O navio mais famoso do mundo. O navio mais temido do mundo.

O navio de James Gancho.

- Eu achei que você era louco. Eu estava errado. Você é insano... - Will se virou para sair daquele beco.

O *Jolly Rogers* estava retido em um lugar conhecido em Stallia como o *Cemitério de Navios*. Um lugar que apenas alguém com autorização oficial ou patente militar conseguiria entrar sem chamar a atenção. Alguém conhecido pelos soldados. Alguém da confiança de Robert de Locksley. Alguém como Will Scarlet.

Logo, Snail sabia que tinha apenas alguns segundos para manter aquela conversa viva ou, do contrário, todos os seus planos estariam afundados antes mesmo de começarem.

- Em troca eu lhe darei algo que você quer.

- Não existe nada que eu queira de você...

Will já havia ultrapassado os limites da entrada do beco, quando Snail gritou:

- Eu lhe darei Jim Hawkins.

Houve uma pausa. E alguns momentos de absoluto silêncio.

Nem mesmo as sombras, que tremulam de acordo com os movimentos das chamas, alheias aos seus verdadeiros donos, resolveram se mexer.

E então Will Scarlet retornou ao beco.

- O prisioneiro Jim Hawkins?

- O *fugitivo* Jim Hawkins.

Will Scarlet se aproximou para observar Snail Galford nos olhos e ter certeza de que ele estava *falando sério*.

- E você sabe onde ele está?

- Eu *tenho* como saber.

Will coçou o queixo, ainda observando detalhes e nuances.

- Pior que você parece estar *mesmo* falando sério, não é? -

Snail não se manifestou. Will encarou como uma afirmativa e concluiu: - Vamos colocar uma outra situação: por que eu não levo você preso agora, pagamos um ou dois carrascos para fazer hora extra e extraímos de você sua fonte sem muito esforço?

- Porque, para isso, você, como sempre, vai ter de me entregar para Locksley.

- E daí?

- E, mais uma vez, ele irá fazer com que pareça que você está

no comando e ficará nos bastidores, enquanto você fará o

trabalho todo feito uma marionete presa por amarras que

ninguém vê. - Will se manteve quieto. - E no final, quando

prenderem novamente Hawkins, ele irá lhe dar tapinhas nas

costas e exaltar o quanto você é bom no que faz. Mas, como

sempre, será ele quem será lembrado pelo resto do mundo pela recaptura.

Will cruzou os braços e coçou o queixo.

- Se, na sua cabeça, eu sempre agi assim antes, por que Círculo

de Aramis faria diferente agora?

- Porque uma coisa é ser uma marionete sem perceber ou ter consciência dos fios. Outra coisa é deixar os fios ainda presos quando alguém lhe oferece uma tesoura.

Will continuava pensativo. A proposta era tentadora, mas... se assim era, então por que ele se sentia como se estivesse diante de uma bruxa oferecendo-lhe uma grande graça em troca apenas de sua alma?

- Você é muito bom nessa perícia de lábia, Galford. Mas não vai me confundir. Não acredito em você.

- Não acredita ou *não quer* acreditar? - Houve silêncio. Snail aproveitou a brecha de incerteza e arriscou tudo nela: - Vamos lá: eu estava com você naquele campo de batalha que libertou Sherwood. Eu *quase morri* por isso também. E eu sei o quanto você fez para aquilo acontecer! Você se mudou para outro Reino, se tornou o campeão de pugilismo de lá. Você conseguiu a vaga no Punho De Ferro e partiu para o torneio concentrado na verdadeira missão: você não queria *ganhar o torneio* (nem tinha talento para tanto); você queria ganhar a *confiança do príncipe de Arzallum*. E, como confiança é algo que demanda tempo, não havia melhor forma do que se aproximar como alguém no mesmo barco que ele. Alguém que compreenderia os mesmos temores, e sabe-se lá mais o que você deve ter dito a ele.

Will Scarlet estava rendido. Sem brincadeira, ele estava

pasmo. Snail percebeu isso e adorou.

- Mas tinha um porém: independentemente do motivo principal, para estar em tal situação, você *ainda tinha* de lutar no torneio. E você lutou! E foi bem, talvez fosse até melhor, se não tivesse cruzado seu caminho com o gigante de Minotaurus, o mesmo que lhe deu uma surra histórica diante dos olhos do mundo e que quase o matou no ringue. Aliás, ainda bem que você não precisou retornar a Cálice, pois até mesmo Rei Tércio Branford iria pessoalmente ridicularizar seu título de campeão...

- Não venha me...

- Eu não estou te criticando. Muito pelo contrário, entrar naquele ringue foi um dos atos mais corajosos que eu já vi de alguém! Ou insano, mas qual a diferença, não é verdade?

Will queria dizer: "é verdade". Mas não iria ceder a Snail Galford. Ao menos não *tão fácil*.

- O que importa é que você plantou a consciência no príncipe.

Se não o tivesse feito, talvez Arzallum não tivesse ido ao campo de batalha. E talvez então Sherwood ainda não seria de Stallia. E Locksley não seria o Primeiro-Ministro, mas apenas mais uma cadáver congelando sobre o gelo. Como todos nós.

Era um fato: estava cada vez mais difícil para William Scarlet não ceder a Snail Galford.

- Você consegue compreender a sua importância nessa história, Scarlet? Se não fosse o seu *sacrifício*, talvez todos nós

estivéssemos mortos. -Will estava com o "é verdade" na garganta, debatendo-se para sair como se fosse um deficiente mental em uma camisa de força. - Entretanto, do que o povo sabe? Do que o povo se lembra? Que Locksley é o grande salvador de Sherwood! Eles se lembram de que foi *Locksley* quem se sacrificou por eles.

- Eles se lembram de Locksley e de seu grupo...

- Eles ainda se lembram desse grupo como os *garotos felizes!*

Como os adolescentes perdidos que largaram as fantasias por não caber mais dentro delas, ganharam pelos debaixo dos braços e barrigas de cerveja e foram obrigados a procurar por empregos de verdade! Até que Locksley saiu da prisão para dar algum sentido à vida de vocês novamente...

-As pessoas nos respeitam... - Will estava com os dentes cerrados, prestes a...

- Já viu alguma adolescente tatuar algum "Scarlet" nas costas?

Pois eu já vi alguns "Locksley" em lugares muito mais surpreendentes...

- Aaaaaah! - Will CHUTOU um pedaço de latão que alguém havia abandonado por ali. - Você é irritante!

- Minha parceira costuma dizer a mesma coisa.

- Você tem uma *parceira* então...

Snail teve vontade de pegar a tal da besta e atirar no próprio pescoço por deixar passar algo tão primário. Will Scarlet podia ser um paranoico obcecado por controle, mas não era

um paranóico burro.

- Você quer fazer negócio ou não?

- Em troca de você me dar Hawkins?

- Em troca de eu lhe dar um motivo para você ser lembrado por

toda esta maldita Nova Ether como o homem que recapturou o

maior pirata vivo do mundo. Sozinho. Sem Locksley nem

ninguém.

-É verdade... - Will sussurrou, antes que se desse conta.

- E você irá adquirir fama suficiente para se tornar comandante

de qualquer tropa militar que escolher. Ganhará status

suficiente para se tornar até comandante daquela maldita

prisão, se for esse seu desejo! O fato é que você poderá

escolher qualquer cargo em que possa exercer os maiores

excessos de controle que a sua mente doentia possa imaginar!

Will era conflito. Puro conflito.

- E mais: dessa vez, as pessoas saberão disso. Elas se

lembrarão de você. Sem piadas nem escárnios.

Will ainda era conflito.

- Corte as amarras, Scarlet.

- Que garantias eu teria de que você me entregaria *mesmo*

Hawkins?

Bingo! Snail, por dentro, queria sair pelas ruas saltitando de

maneira teatral em piruetas malfeitas, feito um bobo da corte.

Por fora, era o homem mais sério e soturno do mundo.

- Ele irá em uma viagem comigo. E depois será todo seu.

- Rá! - ele riu *muito* alto. - E essa é a garantia? Eu vou lhe dar um navio para você colocar um fugitivo dentro e ir embora mar afora? É *exatamente* o que eu estava pensando...

- Ele vai me levar até o Grande Tesouro.

Will apertou os olhos.

- O tesouro enterrado de *Flint!*

- Sim, o tesouro que ele ia buscar quando *foi preso*.

- E você acredita que ele saiba onde está?

- Por que não? Ele encontrou todos os outros...

Will ainda estava desconfiado de toda aquela história.

Desconfiado *demais*.

- Certo, digamos, nos sonhos mais improváveis, que ele o leve até o tal tesouro enquanto eu fico feito o maior idiota do mundo esperando no porto de Stallia. E depois? Vocês dividem os louros, e eu fico velho observando o mar?

- Não, eu o trago de volta até você.

-É, você faz o tipo herói altruísta buscando justiça e paz para o mundo.

- Não será altruísmo. Eu não pretendo dividir com Hawkins o tal tesouro. Não existe isso com piratas. Se eu não passar a perna em Hawkins, ele passará em mim.

- Pensei que você fosse um *ex-homem do mar*.

- A gente nunca perde esses títulos. Você será sempre um *garoto feliz*.

Will emburrou a cara. O apelido continuava a incomodá-lo.

- Por que não matá-lo? Por que entregá-lo a mim?

- Porque Hawkins é um velho que não me oferecerá perigo no futuro. E, se eu entregá-lo a você, aí é que ele nunca mais oferecerá.

- Para você, ainda seria mais vantajoso matá-lo...

- Sim. Mas eu perderia outra grande vantagem que posso ganhar entregando-o a você.

- Que seria?

- A sua *aliança*. Eu sei que você é um obcecado por poder, mas sei que você é bom porque também tem ambição, só não sabe para onde direcioná-la. E eu gosto de pessoas ambiciosas. E estou lhe apontando a melhor direção. - Will quase deixou o queixo cair. Snail Galford era tão baixo, que chegava a ser brilhante. Se houvesse tido instrução adequada e nascido em classe nobre, talvez se tornasse Rei. - Logo, eu não tenho como saber o *que* você vai se tornar. Mas será algo grande. Algo grande o suficiente para que me seja vantajoso tê-lo como aliado, em troca da vida de um velho que não vai durar muito tempo.

- Eu não pretendo lhe fazer outros favores.

O "outros" da frase anterior indicava que ao menos *aquela* favor ele pretendia fazer. Snail, por dentro, ainda era pura vibração.

- Talvez eu tenha outras moedas de troca que venham a lhe interessar. É assim que funciona nosso mundo, não é?

- A base de trocas e traições? - Snail entendeu o recado subentendido na pergunta de Scarlet.

- Ei, nós dois temos rabo preso um com o outro. Essa é a melhor maneira de duas pessoas não pensarem em se trair.

-É verdade... - disse Will.

Snail só conseguia pensar em quão boa a vida parecia de uma hora para outra. Will se virou e já estava saindo do beco

novamente, quando Snail perguntou:

- Podemos dar sequência a isso nesta madrugada? Will parou, olhou por cima do ombro e disse:

- Eu tenho duas exigências.

A vida, de repente, já parecia mais ou menos. - Diga...

- Eu quero setenta por cento do Tesouro.

Snail xingou em pensamento todos os semideuses de que se lembrou. Por fora, porém, apenas disse em tom bravo:

- Vinte por cento.

- Sessenta por cento.

- Quarenta por cento.

- Cinquenta e cinco por cento.

- Quarenta e cinco por cento. É minha última oferta.

- Cinquenta por cento ou se vire sozinho. - Will bateu o martelo. Snail CHUTOU o mesmo pedaço de latão que Will havia chutado anteriormente. E disse:

- Fechado.

Bom, que se danasse! Se o Grande Tesouro fosse tudo o que se imaginava que ele era, ele compraria um Reino com cinquenta por cento! Entretanto, faltava ainda *outra* condição.

- E qual é a outra?

-A sua parceira.

- Como é? - Snail nem conseguiu esconder a surpresa.

- Você pode ir na sua viagem com o velho esclerosado. Mas, em troca, eu quero que a sua parceira fique presa aqui em

Stallia como *garantia...*

Snail Galford apertou os olhos e suspirou pesado. A vida, de repente, parecia voltar a ser ruim.

**19**

- É você, Mudinho?

Ariane apertou os olhos tentando ver melhor a *aparição* em sua janela. De longe, parecia o mesmo espírito para quem ela e João Hanson haviam dado uma árvore durante o torneio do Punho De Ferro. Ele continuava com a mesma aparência: com aqueles cabelos negros cheios caindo em franja e aparentando a mesma idade de um ano atrás.

O garoto basicamente se debruçou na janela, e Ariane pôde ver que era ele. O garoto estava com uma expressão preocupada.

*E a* chamou.

Ariane queria ir até ele, mas continuava se sentindo *com sono*.

O corpo pesava, parecia uma armadura de chumbo ou...

Uma casca ao nosso redor que nos protegesse.

... correntes que a impediam de se erguer. Ao fundo, o espírito-mudo continuava *chamando-a*. Ariane fechou os olhos e se sentiu bem. O descanso durou apenas poucos minutos.

Logo, ela vai aprender a quebrar a casca sempre que quiser.

Ela então abriu os olhos e se levantou, bem mais disposta.

Aliás, inteiramente disposta, como nunca havia se sentido *em*

*vida*. Chegou até a janela, e o espírito-menino não sorriu para ela. A expressão ainda era preocupada.

- Você quer me mostrar alguma coisa de novo, Mudinho?

Ele assentiu.

- Mas já está escurecendo...

O garoto balançou a cabeça, e Ariane entendeu que ele estava lhe dizendo que isso não importava.

Ele saiu da janela e seguiu mais uma vez *chamando-a*.

Ariane olhou para trás, pensando se deveria deixar um bilhete para os pais avisando que iria sair. E então arregalou os olhos e travou em choque.

Ao fundo, seu corpo ainda dormia na rede em leve balanço.

Quando a gente dorme, a nossa casca abre.

Ariane observou as próprias mãos e percebeu que ainda *sentia* um toque na outra, como se lembrava de também sentir em sonhos. Sentiu o *chamado* dele mais uma vez e se virou assustada.

Na rua, cada vez mais escurecida, o menino-fantasma continuava querendo que ela o seguisse. Ariane percebia que ele *atravessava* coisas quando andava.

É um dos modos da gente ativar a nossa noz de verdade.

- Mas... eu... posso fazer isso sem ser em um sonho?

E então ela se lembrou. Ela se lembrou das últimas palavras de Madame Viotti no dia em que lhe explicou sobre a relação entre nozes, cascas, corpos e espíritos.

Logo, ela vai aprender a quebrar a casca sempre que quiser.

O corpo espiritual de Ariane Narin saiu por aquela janela e seguiu o rastro da energia do menino-espectro, sem olhar para trás.

**20**

Áxel Branford estava sentado em uma bancada na forma de um 'u' com as pernas mais esticadas, ao lado do trono onde Rei *Petter* quase que se deitava, em vez de se manter sentado. O Elfo-Rei mantinha a expressão fechada, e Áxel podia jurar que, de vez em quando, lampejos de melancolia brilhavam e refletiam ali.

- Rei *Petter*, se não for tratar como insulto, poderia eu saber quando conhecerei princesa *Livith*?

O Elfo-Rei ainda estava em diagonal na poltrona, com uma perna em cima de um braço do trono e um cotovelo dobrado no outro, com o punho segurando a cabeça baixa. Os cabelos vermelhos longos lhe caíam sobre o rosto e tampavam os olhos élficos. Ele ergueu a cabeça lentamente, e Áxel ficou apreensivo para saber se teria uma resposta ou um golpe. O elfo olhou para ele, e o príncipe pôde ver bem os olhos vermelhos. A pupila mais parecia da cor de um rubi, enquanto a íris ganhava uma tonalidade mais clara, tendendo quase ao rosado.

Era um olhar fascinante, é verdade, mas não o tipo de olhar que faz com que uma pessoa se sinta à vontade quando fixado

em si.

Áxel já estava ao lado dele há quase vinte minutos, sem que o Elfo-Rei dissesse nada. Na verdade, sem que nem mesmo *se importasse* com a presença dele ali, relegado a uma exótica atração para as elfas presentes, da mesma forma como qualquer uma delas exerceria o mesmo papel em terras humanas.

- Lvth é livre para fazer o que bem quiser. Você a conhecerá quando ela quiser entrar por aquelas portas.

Áxel engoliu em seco. Sabe *quando* uma princesa em Reinos Humanos deixaria sua apresentação a um príncipe prometido para a ocasião em que bem entendesse?

-Ah... certo.

E ele voltou a fazer o sorriso mais sem graça do mundo ao deparar com as diversas elfas seminuas observando-o como um carismático animal exótico enjaulado.

Quando percebeu que Rei Petter iria voltar a dormir, meditar, ou fazer sabe-se lá o que naquele trono (vá saber se elfos *realmente* dormiam), ele perguntou, com a compreensão de que, se levasse uma pancada, ao menos aquele salão sairia da monotonia que precedia a espera:

- Princesa Livith é sua irmã, Rei Petter?

O elfo ergueu a cabeça mais uma vez, e agora sim Áxel tinha certeza de que levaria um golpe! Mas o elfo suspirou, virou o corpo estirado ao menos um pouco na direção dele (bom sinal)

e, percebendo que o humano não sosseitaria enquanto não sanasse suas dúvidas (afinal, aquela era a raça mais curiosa do mundo, talvez perdendo apenas para gnomos), respondeu:

- Não: Lvth é a Rainha do Nunca.

Imagine a sua pior expressão abestalhada em uma situação que percebeu estar completamente alienado sobre o que outras pessoas estavam dizendo.

Talvez ela até pareça com a de Áxel naquele momento.

-*Livith...* - não adiantava, o cérebro do príncipe transmitia suas intenções naquele nome com vogais. - ... é uma... *Rainha*?

Rei Petter Pendragon não se importava *mesmo* de deixar transparecer que a presença de Áxel o entediava. O príncipe, porém, não estava mais incomodado com isso.

- Lvth... na verdade, não é Rainha nem princesa. Não existem tais títulos no Nunca. Aqui todos são livres e seguem alguns por instinto pela energia universal existente da própria Ordem.

Áxel *tentou* compreender. Como a mente humana funciona melhor por associação, imaginou a raça élfica como formigas, organizando e seguindo uma ordem de ação coerente baseada em instinto.

O pensamento, contudo, começou a lhe ficar confuso, afinal, era difícil imaginar uma formiga-chefe comandando outras.

- Então por que me refiro a ela como *princesa*?

- Porque esta é a única forma de sua raça compreender a atual função dela no Nunca.

- Então... - a pergunta era perigosa. Mas Áxel já havia chegado ao ponto em que estava pouco se lixando. - ... você também não se considera um Rei?

- Insisto, *príncipe* de Arzallum: eu não sou um Rei da forma que pensa. Na verdade, nem *desejo* isso. Não comando o Nunca; não dou ordens; o Nunca é uma terra élfica que toca em Mantaquim, Reino das Fadas e esse sim comandado por Titânia, Rainha das Fadas. O Nunca não precisa ser comandado, ele simplesmente segue a energia.

- A energia de Ordem?

- O pensamento segue a energia. A energia segue a Ordem. Logo, o pensamento segue a Ordem.

O cérebro de Áxel trocou a metáfora e passou a pensar na sociedade élfica como uma sociedade de abelhas. Uma sociedade que compreende a Ordem por instinto, mas, ao mesmo tempo, possui uma Rainha que não necessariamente dá ordens, mas possui uma figura cuja simples existência transmuta em ordem o pensamento e a energia de uma colméia.

Se assim o fosse, moicanos seriam zangões. Elas seriam abelhas operárias.

E então tudo lhe pareceu muito mais claro.

- Mas... Rei... se assim o é, e se todos são livres no Nunca, por que os índios moicanos servem aos elfos como fariam servos reais?

- Eles o fazem *por opção*. É o desejo deles, e aqui no Nunca não costumamos censurar desejos.

Áxel expirou forte. Pensar em jornadas de trabalho como *servidão não remunerada* no pensamento humano era o mesmo que trocar o conceito por *escravidão voluntária*.

E pensar em escravidão *por opção* ia contra tudo o que habitava o instinto humano.

- Mas... como pode um povo querer servir a outro por opção, Rei *Pan*? - a troca do termo de "Petter" por "Pan" indicava inconscientemente uma tentativa maior de demonstração de respeito. - Não pergunto isso como provocação ou discordância, mas apenas para compreender melhor o pensamento élfico...

O Elfo-Rei o observou, concentrado, avaliando a sinceridade da pergunta. E considerou a intenção do príncipe honesta.

- Do *suficiente* que aprendi sobre seu povo... - e Áxel percebeu certo rancor na palavra usada - ... ele costuma pensar por comparação, faz sentido o que digo?

- Com toda a sabedoria.

- O que usou como metáfora para compreender o pouco que acabou de aprender sobre a sociedade élfica?

Áxel *quase* mordeu a língua. Ou aquele maldito elfo três por quatro ouvia pensamentos ou estava anos-luz à frente de seu raciocínio humano limitado.

- Eu os comparei com abelhas.

O Rei fez uma expressão debochada, como se já soubesse a resposta e ela não lhe causasse nem um pouco de surpresa (aliás, lhe causasse tédio).

- Certo... *abelhas*-o Elfo-Rei suspirou. - Sabe... realmente é curioso como o pensamento que segue a energia dessa sociedade de insetos é o que mais se aproxima da sociedade élfica.

Áxel se sentiu *bem melhor* de ver que, ao menos, dera uma dentro.

- Abelhas são atraídas por flores - disse o Elfo-Rei. Até que parecia um pouco menos entediado de poder exibir algum conhecimento que seu visitante *compreendesse*. - As flores as atraem com néctar, para que elas espalhem seus pólenes e as fecundem. Logo, as abelhas têm o que desejam, e as flores têm o que desejam. Você chamaria o trabalho das abelhas de *escravidão*? Ou seria a flor quem exerceria uma *servidão real*?

Áxel voltou a fazer a expressão sem graça.

- Então também há uma *troca* entre elfos e índios...

- Os moicanos aqui têm a moradia que a sua própria raça humana do outro lado lhes negou. Não *exterminamos* índios no Nunca. - Aquilo foi forte. - Na verdade, não *exterminamos* nem mesmo nossa própria espécie...

Áxel se manteve em silêncio. O Elfo-Rei, não:

- E aqui eles têm uma função. Sabe o que é retirar a identidade

de um povo, retirar de maneira tão violenta e invasiva a ponto de esse povo não saber mais qual o seu papel no mundo? Sua raça fez isso com a desses índios, o que torna curioso ver seu discurso dotado de diferentes tons moralistas, envoltos em conceitos como *escravidão* e *servidão*. - O Elfo-Rei fez uma pausa. Rápida. - Se o Nunca não tivesse ouvido suas preces, se fadas não os tivessem testados e se eles não houvessem passado nos testes, hoje essa raça estaria extinta! Eliminada para que raças como a sua pudessem exercer a mesma colonização que necessita de figuras como *Rainhas* e *princesas* para manter a Ordem imposta que sua própria natureza não é capaz de seguir por instinto.

Áxel ainda era silêncio. O tipo de silêncio que um homem produz quando simplesmente não há nada a ser dito. Ao menos, quando resolveu falar, o príncipe surpreendeu ao Elfo-Rei ao retornar a um raciocínio já tomado como esquecido com a questão:

- E o que os índios dão aos elfos?

Rei Pttir Pendragon se surpreendeu, como se aquela questão fosse *toda* a questão. Como se soubesse que Áxel Branford cairia para trás com a resposta.

Como se soubesse que o príncipe repensaria seus conceitos o suficiente para pensar se deveria continuar ali ou voltar para seu mundo desbravado e a cultura segura de Arzallum.

O Elfo-Rei então se preparou para responder àquela pergunta-

chave.

E, de súbito, as portas se abriram, e a princesa Livith entrou.

21

Aquela era a árvore. A mesma árvore de sempre. A mesma onde m? wjoão Hanson a havia pedido oficialmente em namoro. A mesma onde ele havia gravado o nome dele. E o dela.

A mesma árvore que ela havia dado para que aquele espírito-menino passasse a morar.

- Estamos aqui de novo, né, Mudinho?

O espírito menino continuava sem pronunciar nenhuma palavra. Naquela *forma*, entretanto, Ariane conseguia compreendê-lo de maneira muito mais contundente do que anteriormente, na forma *acordada*. Ela estava mais uma vez de frente aos dois nomes gravados com a lâmina de uma faca cega e podia perceber que o menino-espectro queria que ela tocasse no nome *dele*. Mais uma vez.

- Você quer que eu toque no nome dele de novo?

O menino-fantasma aquiesceu.

- Aí eu vou *sentir* a mesma coisa que ele sente de novo?

O menino dessa vez não aquiesceu. Nem discordou.

Continuou olhando para Ariane, que então se manifestou em um:

- Não. Eu não posso, Mudinho. - Um suspiro. - Na verdade, eu *não quero*. Não hoje. Eu... não sei se eu quero saber o que ele

está sentindo... hoje, entendeu?

O garoto aquiesceu dessa vez. Abaixou a cabeça como que decepcionado.

- Ei, não fica assim, ok? Eu agradeço a você por ainda se preocupar comigo e tudo o mais. É que... a vida de vivo é complicada mesmo, sabe? Mas vai ficar tudo bem.

O garoto olhou para ela, e havia tristeza na expressão dele.

Ariane percebeu.

- Mas por que você está triste assim? Aconteceu alguma coisa?

Ela entendeu que ele estava tentando expressar que *ainda não*.

-*Vai* acontecer alguma coisa?

O menino-espectro esticou uma das mãos, para que Ariane entrelaçasse seus dedos nos dele. A menina temeu por um segundo. Não porque tivesse medo dele, ou de tocar nele.

Mas do que quer que ele fosse lhe mostrar.

-Você quer *mesmo* que eu veja algo hoje, né?

Os dedos dele continuaram esticados e oferecidos a ela.

Ariane respirou fundo (ou *achou* que respirou fundo naquela forma etérea em que estava), esticou uma das mãos e entrelaçou seus dedos nos dedos dele.

O menino-espectro tocou na árvore, entre os nomes, encostando por igual em partes do nome de João e de Ariane.

Ariane viu um flash e, mais uma vez, sentiu como se fosse vomitar as entranhas. E então, sem poder controlar as imagens, ela *viu*.

O corpo físico adormecido da menina em casa começou a derramar lágrimas.

22

João Hanson seguia dentro da carruagem de Lady Almirena na direção da Fazenda dos Goffredo. Um condutor guiava os dois cavalos, e havia ainda mais um servo montado em uma mula, que também os acompanhava. Era na garupa dessa mula que João Hanson voltaria à fazenda de seu mentor depois. Vestia e carregava alguns equipamentos típicos de escudeiros, como capacete de ferro, venábulo, besta e jaqueta reforçada.

João ia dentro da carruagem, sentado de frente a Lady Almirena, e em silêncio. De vez em quando, os olhos dos dois se cruzavam e eles tratavam de desviar. A viagem, porém, embora não fosse extremamente longa, era distante o suficiente para aquela situação não poder se prolongar por tempo demais antes de ganhar o status de insuportável.

- Tu queres me dizer alguma coisa, Hanson? - a Lady perguntou de forma direta, como é típico das mulheres.

João Hanson olhou para ela e disse sem mexer na expressão:

- Nada que a Lady possa se interessar.

- Quem deveria julgar meus interesses deveria ser eu mesma, não concordas?

- Em todos os casos que não envolvam minha pessoa, senhora.

O escudeiro voltou a olhar para baixo. Pelo Criador, como odiava aquele cheiro! Fosse qual fosse a colônia que aquela

mulher usava, era tão poderosa, que naquela carruagem fechada tomava de assalto os sentidos a ponto de ser difícil pensar.

- Senhora Almirena... se importaria se eu abrisse uma das janelas?

- Estás com calor, escudeiro?

- Um pouco.

- Ou não gostas de meu cheiro?

João engoliu em seco. Suspirou e pensou oito vezes no que deveria dizer, antes de dizer:

- É uma excelente colônia...

Almirena riu forte.

- Não é o cheiro da colônia que está te deixando assim, bobo.

É o cheiro do óleo essencial...

João continuou olhando para ela, como se a mulher estivesse falando com ele na língua esquecida dos devas.

- É feito com base em sálvia esclareia. Meu pai encomenda para mim direto do oriente. - João se surpreendeu. Há pouco tempo, sua família tinha dificuldades para definir o que comprar para comer. Era surreal saber que, no mesmo mundo, pessoas eram capazes de gastar fortunas para trazer óleos de outro continente para satisfazer caprichos de uma filha. - É um poderoso afrodisíaco...

João voltou a suar. Isso explicava muita coisa.

- De onde vem esse termo?

- Vem de "Afrodite". Uma mulher que viveu há tempos, tão bonita, mas tão bonita, que os homens se ajoelhavam aos seus pés e faziam guerras por ela. Dizem que ela era uma semideusa.

- E por que o nome "afrodisíaco"?

- Ora, porque toda mulher gostaria de ter seu "momento Afrodite", não é verdade? Qual mulher não gostaria de mexer com um homem a ponto de ele mover uma guerra por ela?

- Entendo... - "até demais".

- Tu já moveste uma guerra por alguém, Hanson?

- Nas proporções em que sou capaz de guerrear, sim, senhora.

- É verdade! Tu és capaz de arriscar tua vida por outros, não é?

- Acredito que todos nós somos capazes de arriscá-la por quem amamos, senhora.

- Tu entrarias em uma guerra *por mim*, Hanson?

A pergunta era uma paulada. Negar seria dizer que não jurava sua lealdade a seu tutor. Confirmar seria afirmar que...

Acredito que todos nós somos capazes de arriscá-la por quem amamos.

Bom, seria complicado.

- É meu dever como discípulo de meu tutor, senhora - ele se esquivou.

Lady Almirena sorriu, como se aquele jeito esquivo de João Hanson a agradasse. João Hanson percebia isso e continuava sem entender a cabeça das mulheres.

Percebendo que ele observava o lado de fora concentrado para

*não ter* de olhar para ela, Almirena perguntou:

- O cheiro ainda te incomoda?

- O termo não seria esse.

- E *como* seria o termo?

João engoliu em seco. De novo.

- Não sei como seria, senhora. Apenas afirmo que ele não necessariamente *me incomoda*, como seria grosseiro de minha parte ratificar.

A Lady voltou a sorrir, encantada com a educação e jeito esquivo do rapaz.

- Sabe... uma das coisas que nós mulheres aprendemos utilizando esses óleos exóticos é que eles atacam mais diretamente o sentido de vós, homens, quando o colocamos em locais específicos.

- "Locais específicos"?

- Sim, como os locais que vós treinais atacar para matar.

- Não compreendo, senhora. - E nem sabia *se queria* compreender.

- Aproxima-te.

João engoliu em seco de novo. Definitivamente, ele *não* deveria se aproximar. Mas...

- Eu não estou pedindo, *estou mandando*, escudeiro Hanson.

O termo lembrava o motivo da obrigatória obediência. João respirou fundo e se aproximou dela. A sensação inebriante

daquele odor se intensificou.

- Sinta aqui, existem pontos como esse aqui ao lado do pescoço... - e ela aproximou o próprio pescoço do nariz de João Hanson. O garoto sentiu o coração bater mais rápido, e sentiu a mesma ânsia que sente um vampiro tentado. - E existe esse outro ponto, bem na nuca... - a jovem jogou o cabelo ruivo para o outro lado e se aproximou mais, *quase* deitando a cabeça no ombro de João, para que ele respirasse atrás do pescoço dela.

Um dos seios dela tocou o peito dele, e João travou o corpo inteiro e apertou as mãos até as próprias unhas lhe cortarem, ao ponto de tirar sangue e impedirem de se movimentarem em direções erradas.

- Conseguiu sentir? - A Lady se afastou dele, não muito, mas o suficiente para olhar para ele de frente. João continuou com os punhos travados.

- O suficiente... senhora.

- E qual a sensação que esse cheiro produz em ti, escudeiro?

João pensou rápido, rápido, rápido. E nada lhe veio à mente.

Pensou de novo e... nada! Envergonhado, abaixou a cabeça em silêncio e corou.

Lady Almirena deu uma gargalhada e se encostou no banco novamente. A perna dela *tocou* na dele na altura dos tornozelos.

Nenhum dos dois se afastou.

- Uma vez, eu encontrei uma mulher que vestia roupas extravagantes e dizia que era capaz de saber o destino de uma pessoa pelas linhas que existem em nossas mãos. Tu acreditas em isso ser possível? - ela perguntou.

- É difícil alguém poder dizer o que é e o que não é possível no mundo, senhora. Aprendi a confiar na lei da espada, mas apenas o Criador e seus semideuses podem dizer o que é ou não possível neste mundo.

- Ela me disse que um homem moveria uma guerra por mim. E que esse homem seria capaz de fazer coisas por mim que nenhum outro homem seria capaz.

- E desde então a senhora frequenta festas como as dos De Marco e utiliza óleos que lhe deem um momento de Afrodite para que possa encontrá-lo... - João estava tão distraído, tentando se distrair da figura daquela jovem, que só percebeu o que havia falado, despreziosamente, tarde demais.

Os dois ficaram se olhando sério. Ela parecia chocada. Ele não sabia se se desculpar seria melhor ou pior em sua situação.

Ambos optaram pelo silêncio.

E a Lady afastou a perna que encostava na dele.

- ... - ela também pareceu que iria dizer algo, e que também não sabia se iria melhorar ou piorar a situação. Logo, ambos voltaram ao silêncio inicial, observando além da janela e se perguntando quanto tempo ainda restaria de viagem.

E foi assim que ambos escutaram a mula que os acompanhava

frear bruscamente, sem seu servo montador. E o cheiro afrodisíaco do lado de dentro ser substituído pelo cheiro de morte que vinha do lado de fora.

O fato era que aquela viagem iria demorar muito, muito mais tempo do que qualquer um dos dois jamais poderia ter imaginado. E seria lembrada para sempre.

Infelizmente, não pelas melhores partes.

**23**

Áxel sentiu o coração disparar. A chegada da princesa àquela sala não era um fato, era um evento. Era difícil acreditar que um ser daquele pudesse existir e, mesmo após a crença, era difícil aceitar tal realidade ainda assim. Sobre as mulheres da raça élfica, existem dois pontos que devem ser esclarecidos. Primeiro, é um fato que todas eram seres de beleza feminina exótica para os padrões humanos. Entretanto, isso não quer dizer que todas possuíam os corpos taxados como perfeitos mais até mesmo pela vaidade feminina do que por qualquer exigência masculina. Logo, havia elfas acima do peso, elfas de cabelos curtos, de seios grandes, de cintura larga, de lábios grossos, de coxas finas e de traseiros pequenos. Havia elfas de todos os tipos de corpos e formatos que um semi-deus poderia imaginar.

Entretanto, cada qual da sua maneira, todas elas eram lindas de se ver.

Fosse pelo formato delicado do rosto, fosse pelos olhos, fosse

pela luz que provinha de dentro para fora, cada elfa externava o que tinha de melhor e captava uma atração magnética do sexo oposto impossível de ser ignorada.

Já a princesa Livith, não.

Ela se tratava de um caso completamente diferente, em que aí, sim, a perfeição exótica impossível de atingir pela exigência humana se mostrava possível. O corpo que se movimentava em roupas brancas e leves como seda tinha a pele bronzeada, sem marcas de nenhum tipo. O tipo de pele que se bronzeava nua sob o sol. Os olhos eram da cor de prata. Os cabelos, de um brilho inumano que tendia ao violeta. De novo: a elfa tinha um maldito cabelo que brilhava em tons violáceos. Tons violáceos. Áxel conhecia adolescentes que *morreriam* por um cabelo daqueles. Os fios eram lisos e cheios, de um comprimento imenso. Eles estavam presos em um rabo de cavalo poderoso, e ainda assim se estendiam cheios além da cintura. Áxel imaginou que aquele cabelo solto e molhado deveria tocar no chão.

Havia um cordão com uma joia esculpida em entalhe élfico ao redor do pescoço dela. E havia pulseiras de pérolas retiradas de ostras ao redor do pulso.

A elfa não andava, *flutuava* pelo chão. Tinha um olhar que deixava um homem recuado e uma postura corporal que desafiava a fragilidade como conceito.

Áxel, que já era príncipe, não sabia se se sentia à altura

daquele ser. Não sabia nem mesmo se Anísio, que já era Rei, se sentiria. E foi assim, com perplexidade e conflito, que ele viu a princesa fazer uma reverência diante dele, e dizer em erdim o que o cérebro compreendeu:

- Áxel Terra Branford, príncipe legítimo de Arzallum, eu sou Livith, princesa-fada élfica da Terra do Nunca e sua noiva prometida...

Existiam momentos difíceis de acreditar.

**24**

Quando João Hanson percebeu o que teria percebido antes, se tivesse a experiência necessária para isso, já estavam virando a parte fechada da carruagem, derrubando compartimentos e cavalos ao mesmo tempo. A parte fechada caiu violentamente, provocando um CRASH! de estilhaço, que ia cortando tanto João Hanson como Lady Almirina enquanto ambos eram arrastados pela inércia.

Quando o veículo parou, João inspirou fundo dentre cortes, sangue, poeira e vidro para forçar a porta amassada virada para cima, enquanto os cavalos continuavam a puxar lentamente a carruagem virada em ataques esporádicos de pavor para tentar se libertar das amarras. O capacete de ferro havia lhe protegido de um traumatismo craniano, mas ele precisou retirá-lo com cuidado, pois estava sentindo o crânio pressionado e sendo cortado por estilhaços que haviam entrado na proteção.

Ele conseguiu abrir a porta, tomou Lady Almirena nos ombros e saiu.

E, ao olhar ao redor, a adrenalina acelerou ainda mais o coração. O nariz explodiu em sangue. E ele teve muito, mas muito medo da morte.

**25**

Para Ariane Narin, no início, a imagem era turva. E, quando tudo se estabilizou, ela se viu dentro de casa novamente.

Caminhava de um ponto a outro, ansiosa, agitada, nervosa, mas sem saber exatamente qual era o motivo do coração inquieto. Colocou a mão no pescoço para afagar o cordão que usava, e só então se lembrou que o cordão não estava mais ali.

E isso não ajudou a melhorar seu humor.

Não sabia mais se estava tendo uma visão ou se já havia retornado dela à sala de casa. Os poucos móveis estavam no lugar, o tapete, a posição de um quadro que ganhara de Maria Hanson. A única coisa que estava anormal naquela situação era a própria inquietação.

E então ela viu um cavaleiro. E, de repente, estava de volta à sala de casa!

Tudo era um piscar de olhos. Novamente, em um instante, ela viu um cavaleiro, dessa vez, lutando contra algo que ela não conseguia enxergar na noite mal iluminada e, no instante seguinte, estava novamente em casa.

O coração do cavaleiro estava batendo acelerado; o dela,

também. A adrenalina do cavaleiro exalava cheiro de medo;

Ariane era capaz de *sentir* esse cheiro.

Ela bambeou e quase caiu sobre um joelho. Inspirou e expirou, e inspirou e expirou, e imagens e sentimentos do cavaleiro continuaram aparecendo.

E o cavaleiro era golpeado, e golpeado, e golpeado por forças que iam além da compreensão. E ela não conseguia ver o *rosto* dele porque estava com um elmo, mas ela sentia uma parte do que ele passava, e essa parte já era suficientemente angustiante.

Ela começou a derrubar os poucos móveis na sala e, quando o cavaleiro de suas visões foi arremessado para trás, ela bateu forte com as costas na parede, e o quadro se soltou.

Ao cair, o vidro que o emoldurava se PARTIU!

E, assim como a moldura daquele quadro, *algo* foi até o cavaleiro mascarado para *parti-lo* em dois pedaços. E Ariane começou a chorar. E, no momento em que o cavaleiro foi partido em dois, Ariane começou a berrar sozinha feito uma possuída sendo exorcizada. Uma lágrima escorreu por apenas um lado do rosto do abatido, e Ariane caiu de joelhos sobre o tapete batendo com força repetidas vezes no chão, sem saber *por que* se importava tanto com o guerreiro sem rosto.

E então, no segundo seguinte, ela estava de volta à sua sala, com as mãos trêmulas como as mãos de um alcoólatra em abstinência.

Os lábios também se moviam, e o mundo só parou para ecoar o som de três batidas secas na porta.

Ariane se levantou, observando os arredores desarrumados.

Havia sombra abaixo da porta, indicando que realmente *algo*, ou alguém, a esperava do outro lado. O coração dela continuou batendo forte, e ela caminhou até a porta sem saber se deveria abri-la ou não.

Bateram na porta mais três malditas vezes.

A mão trêmula tocou a fechadura, mas os sentimentos continuavam intranquilos. Lágrimas começaram a escorrer, como se a mente soubesse o que o coração não tinha dúvidas.

E ela abriu a porta.

Do outro lado, havia um senhor de chapéu de palha, assustado, apontando para um corpo caído há poucos metros da frente da casa. Outras pessoas começavam a se aproximar e rodeá-lo, cochichando coisas.

Ariane passou pelo primeiro, e pelo segundo, e pelo terceiro.

Chuviscava, e ela podia sentir a intensidade do cheiro da chuva. Ao fundo, já se formava um círculo de pessoas ao redor do corpo caído.

Um círculo de chuva.

Ela correu até lá, furou o círculo e *viu* o corpo. A chuva começou a aumentar de intensidade rapidamente, como chuva de verão. E, quando as mãos trêmulas tocaram o elmo, o som do mundo era um som triste, que existia dentre bumbos

produzidos por batimentos cardíacos ensurdecedores. Ela retirou o elmo, e antes mesmo de ver o rosto dele lágrimas já escorriam como escorrem dos olhos dos desesperados.

O corpo morto do cavaleiro quebrado tinha o rosto de João Hanson e segurava o cordão de compromisso nas mãos.

Ariane começou a socar o peito dele e a gritar seu nome, como se pudesse reanimá-lo. E subiu no corpo e começou a lhe dar tapas e a beijar seus lábios, como se tudo fosse apenas uma macabra brincadeira que estivessem fazendo com ela, mas o corpo não se mexeu.

O sangue dele começou a manchar as roupas molhadas dela, e água escorria dos cabelos loiros molhando a face morta.

Ariane continuava gritando o nome dele.

Alguns transeuntes vieram e tentaram afastá-la do corpo, e Ariane continuou gritando e gritando e chutando o ar, em uma cena triste para um homem bom assistir. E, quando a afastaram da carroça e ela caiu mais uma vez ajoelhada no chão de terra molhada, ela não conseguia mais compreender nem mesmo a razão de continuar a existir.

Porque a minha vida está ligada à dele.

A chuva continuou a molhar o corpo dela, mas não havia nenhum alívio no toque.

E então, de repente, ela sentiu a face sendo estapeada. E viu o rosto da mãe, desesperada, diante dela. Em segundos, compreendeu que estava de volta à sala de sua casa.

De volta à *verdadeira* sala, sabe-se lá o que isso significasse.

Não havia nenhum espelho à sua frente, mas, ainda assim, ela tinha certeza de que os olhos estavam vermelhos e que deveria haver hematomas em partes de seus braços. O mais curioso era que os móveis ao redor estavam no lugar, o tapete estava imóvel e o quadro de Maria Hanson ainda estava na parede. E, pelos momentos seguintes, Ariane Narin não sabia mais o que era pesadelo e o que era uma visão.

Mas, em pouco tempo, ela iria descobrir.

**26**

Deveriam ser, em uma primeira observação rápida, oito. De longe, pareciam homens, mas, de perto, pareciam espectros que nenhum homem acordado deveria ser capaz de enxergar. Eram altos, bem altos, e magros, com braços longos cujas mãos passavam dos joelhos, mas com um detalhe em comum: todos eles possuíam uma perna maior do que a outra.

Logo, quando andavam, andavam mancando.

A pele lembrava tronco de árvores com relva, e o rosto mais parecia o de uma estátua de pedra sem boca nem expressão nem pelos. Havia muita sujeira de terra seca e de folhas grudadas nos corpos, e se havia olhos os orifícios visuais eram virados para trás.

O mais bizarro de suas anatomias, porém, *ainda* não era nada disso.

Todos eles possuíam... *firos*... que saíam de dentro dos

antebraços, coluna vertebral, tornozelos ou nuca, como se fossem pequenos tubos por onde passava uma seiva. De longe, mais pareciam marionetes macabras interconectadas por fios ao seu real manipulador: um ser andrógono e seminu localizado em cima de uma árvore, de pele acinzentada, e sentado em um galho forte como se o mundo lhe fosse indiferente. Todos os fios que saíam das criaturas acabavam se entrecruzando pelo caminho até chegar a fios-mestres que se ligavam ao ser bizarro também por antebraços, coluna vertebral, tornozelos e nuca.

O ser andrógono ficava sentado em troncos de árvores, de costas para o casal machucado, e tocava um instrumento musical alongado, que lembrava o som de uma flauta ou uma gaita. A melodia que ele produzia era fúnebre. Mantinha os olhos fechados, indiferente a tudo que acontecia. Seus servos, porém, avançavam mancando na direção de João Hanson e Almirena Goffredo. A mulher começou a berrar como se demônios de Aramis estivessem avançando na direção dela. Talvez estivessem.

Os grotescos seres humanóides esticaram as mãos na direção deles, e João, horrorizado, pôde ver pequeninos espinhos se projetando das palmas. Ele retirou a espada média da bainha, se posicionou, esperou que se aproximassem o suficiente e tentou parecer o mais calmo possível.

Você sabe por que matou o conde, não sabe?

Hanson cortou a mão do primeiro. A criatura GUINCHOU, e algo verde-escuro saiu do punho cortado. E então ele cortou o segundo. E cortou o terceiro.

Porque tive sorte, senhor.

Um quarto lhe apertou o ombro, e ele sentiu *aquilo* como se dezenas de pernilongos resolvessem picar um único homem ao mesmo tempo. Ele escutou os gritos de Lady Almirena ao fundo, e eles lhe eram muito piores do que os seus. Porque os gritos dela o lembravam o quanto ele, que deveria ser seu guardião, ainda era imaturo para exercer aquela função.

E o quanto ainda estava distante de onde pretendia chegar.

Você acha que teve algum mérito na batalha em si?

Ele começou a se debater ignorando que *mãos* lhe cortavam simplesmente com o raspar do toque. Na verdade, movimentar-se no meio daqueles seres bizarros era como tentar correr no meio de um soturno espinheiro. Ainda assim, sem ver direito o que estava fazendo, ele girou a espada mais uma, mais duas, mais três, mais seis vezes.

Acredita que suas habilidades em combate merecem algum elogio diante do feito?

Ele cortou duas ou três pernas de tamanho maior, e alguns dos bichos tombaram. Entretanto, um deles lhe socou o estômago, e o garoto se ajoelhou de dor. A espada caiu no chão, o sangue do nariz se misturou ao sangue que caía de cortes de todos os pontos.

Lady Almirena chorou de choque e terror. João Hanson chorou de raiva pela impotência. Ele queria se levantar, uma parte de si implorava pelo feito, mas outra estava paralisada. *Bruxaria*. João Hanson odiava bruxaria desde que ficou preso aos sete anos diante de uma maldita bruxa canibal que torturou sua irmã diariamente, enquanto tentava engordá-lo para um sacrifício humano em um sombrio ritual de magia negra.

Odiava bruxaria desde que passara por uma experiência de quase morte e retornara apenas devido ao *chamado* de um nome.

Ariane Narin.

Ele queria canalizar todo o ódio que sentia *daquilo*, todo o desgosto com aquela manipulação de energias etéreas, mas o trauma ainda o atrapalhava. João queria focar aquela energia, mas sua natureza ainda era dispersa.

Foi assim, dentre conflito e desespero, que um dos seres altos o pegou pela mandíbula, cortando-lhe toda a parte inferior do queixo. João estava tão exausto, mas tão exausto, que não conseguia forças para nem ao menos se debater. Teria forças ainda, porém, para gritar, mas se recusou, e lágrimas de dor rolaram. Os gritos de Lady Almirena continuaram, e isso ao menos deu forças ao menino derrotado novamente para segurar o braço da criatura e *tentar* chutá-lo.

Sentiu lodo entre os dedos, e tudo era tão escorregadio, que

era difícil manter pressão sobre um ponto. Outros seres se aproximaram e começaram a provocar cortes com as palmas de espinhos na altura das costas, dos braços e das pernas. João sentiu um deles agarrar um de seus tornozelos com as duas mãos e *desejou* morrer para fazer aquilo parar.

No instinto, agarrou um dos fios que saíam do antebraço da criatura que o erguia e o separou na raiva. A criatura guinchou, na medida em que um ser sem boca consegue gritar abafado, desesperada.

E João sentiu outras duas criaturas lhe perfurarem as costelas, segurarem-no como se fosse um pedaço de carne e arremessarem-no violentamente na direção de árvores no meio da floresta. O corpo machucado e exausto ganhou velocidade até se chocar de maneira tão extremamente violenta contra um poderoso tronco de um carvalho, que se escutou o som de sua coluna vertebral SE PARTIR.

Ao fundo, escutavam-se os gritos de LadyAlmirena sendo levada por criaturas sombrias, comandadas pelo ser andrógono que ainda tocava sua marcha fúnebre.

João Hanson, aos poucos, sentia que seu mundo ia perdendo formas e som. As dores eram tantas e de intensidades tão variadas, que ele mal as sentia. Em um primeiro momento, voltou a desejar a morte. Em um segundo, viu o cordão de Ariane, o cordão que precisa ser devolvido a Ariane, e desejou viver ainda que ao menos mais um pouco.

Entretanto, mesmo se esse suplício lhe fosse dado, ele não poderia voltar até ela para cumprir aquele desejo.

Ao menos não *sozinho*. Afinal, era um fato.

João Hanson jamais voltaria a andar.

27

Pelas ruas iluminadas por tochas e lampiões, eles marcharam.

Eram centenas, centenas de soldados uniformizados e

marchando diante de estandartes pelas ruas de Andreanne,

com seu Rei e seus capitães entre eles, na direção do porto.

Aquela marcha pelas ruas era uma demonstração de força, um

símbolo de estímulo a soldados e, talvez, para que pudessem

dizer um último adeus, pois, afinal, ninguém sabia quem iria

retornar ou não da batalha.

Andreanne, naquela noite, não dormiu.

Milhares de pessoas foram às ruas e iluminaram a caminhada

de seus soldados. Entre choros, acenos, canções, gritos, apoio

ou protesto, centenas e centenas de tropas marcharam diante

de arzallinos tensos e ainda não inteiramente convencidos dos

motivos pelos quais seus filhos e chefes de família estavam

saindo de casa para lutar pela pátria atacada.

As notícias, porém, haviam corrido o suficiente, afinal,

notícias ruins viajam em grifos. As pessoas sabiam que

Brobdingnag havia desafiado Arzallum, e sabiam que estava

em posse de um arzallino que poderia ser o novo avatar, e por

isso sabiam o quanto aquele momento era necessário e

importante.

Difícil era convencer o coração de uma mãe que via o filho partir para uma jornada incerta, ou o coração de uma garota que sabia que poderia estar se despedindo pela última vez do namorado, ou qualquer bardo pacifista de que o único meio de diálogo entre raças diferentes - e até semelhantes - é através do extermínio da mesma vida tomada que nenhum dos dois lados pode devolver.

Em seu corcel, Rei Anísio Branford marchava à frente de seus cavaleiros e via em semblantes distintos diferentes expressões e sentimentos. Ao lado dele, marchava uniformizado o repatriado e debilitado capitão Lemuel Gulliver, o pai do menino em posse, com a frágil aparência de um morto-vivo que não sabe mais por qual estrada caminha um homem encarnado e por qual caminha um espírito perdido.

O exército de Arzallum marchou naquele início de madrugada dotado da certeza do homem que pretende morrer por uma bandeira que aprende a amar. E entregou as vidas nas mãos de um homem que nunca sabia se era santo o bastante para ter tantas vidas, e tantos corações, em seu poder. Anísio Branford marchava em seu corcel calado, com muitas vozes em mente.

Vozes de pessoas que estavam próximas ali a ele, vozes de pessoas que estavam distantes, vozes de pessoas que nem estavam mais ali.

Ele orou ao Criador máximo e pediu com veemência a

semideuses que ficassem, e lutassem, do seu lado. Havia caminhado por uma estrada escura e se perdido nela o suficiente para saber que não havia mais como voltar atrás do caminho para onde estava indo. O processo inteiro já havia começado. Arzallum já estava na Primeira Marcha de Guerra.

**28**

Maria Hanson sentiu uma dor no peito e derrubou, em um movimento brusco involuntário, uma cara taça de vinho antigo. Do outro lado da mesa, sua companhia impecavelmente vestida ergueu-se rapidamente para socorrê-la:

- Senhorita Hanson! Está bem? - perguntou Giacomo

Casanova, assustado, segurando-a pelo braço.

Maria estava branca, mais do que já era até, como se tivesse sofrido um infarto. Sentou-se novamente ainda com uma mão no peito, atraindo todas as atenções do fino restaurante Bom Ogre.

- Não! Não, desculpe. Não... não... não sei o que houve. É que senti uma... *pontada* no peito...

- Como um ataque de coração?

- Não, como uma angústia. Como se estivesse pressentindo algo.

"Como se sentisse que alguma coisa de ruim estivesse acontecendo..."

**29**

Quando ele acordou, o mundo ainda era dor. E tudo, tudo o que caminhava nele era sombrio, soturno, solitário, injusto. E cruel.

Ele GRITOU sem saber exatamente o porquê, já que motivos não lhe faltavam. Olhou nos arredores e não viu nem escutou ninguém. Uma brisa soprou, e ele sentiu arder quando ela tocou em seus diversos e diversos ferimentos expostos. Ao redor, a terra não era preta: era vermelha. Havia um círculo de sangue ao redor do corpo estático, o mesmo corpo onde até pensar doía, afinal, existem lembranças tão traumáticas que parecem dores físicas. Buscou forças para tentar se levantar. E então percebeu que não sentia mais as pernas.

- Não... oh, Criador... pelo Criador... meu Criador... não... não, não, NÃO! - e ele ali ficou, batendo no chão como um lutador desistindo de uma luta. Lágrimas escorreram como cascatas no rosto ferido, e ele sabia todos os motivos que corriam com elas.

Afundou o rosto na lama vermelha e lutou para não continuar chorando alto como uma criança, mas, em silêncio, como um homem. Se era esse seu destino, se estava ali para morrer solitário sem se tornar o cavaleiro que prometera a si, então, que morresse como guerreiro.

E apenas como guerreiro.

- Isso deve doer, não?

Ele tentou virar o corpo, assustado, procurando a voz de

alguém que há alguns segundos *não* estava ali. Estava com os olhos esbugalhados em choque, emitindo grunhidos e tentando virar o corpo, que as pernas não obedeciam.

- Esse é o preço de ser mortal.

A voz havia se aproximado. Era uma voz feminina, e ele demorou a enxergar de onde ele vinha. Pés femininos se aproximaram do rosto marcado, mas não pareceram estar tocando o chão.

- Entretanto, existem mortais *pelos quais vale a pena...*

Era uma mulher mística aquela. Vestia uma espécie de espartilho preto, com dezenas de bordados de símbolos místicos. Uma saia se estendia até os tornozelos, e havia uma sandália sobre os mesmos pés que não pareciam tocar o chão. Luvas bordadas subiam pelos antebraços até acima do cotovelo, e também era possível ver alguns símbolos ali bordados.

Havia um cordão com a forma de um pentagrama gravado em uma pedra de jade no pescoço. E havia uma espécie de tiara com uma pedra violeta que se prendia no meio da testa. De resto, a mulher era um grande exemplo de mulher gótica.

Desde a pele pálida e lábios escuros, ao corpo esguio, cujo espartilho não parecia conseguir espremer, e cabelos negros com franjas que quase cobriam os olhos puxados, além das sombras ao redor desses olhos.

-Você pode conseguir de mim uma morte rápida, bruxa. Mas

não me terá em um de seus rituais sombrios... - ele disse, com dificuldade em cada palavra.

A mulher sorriu.

- Por que acha que vim usá-lo em um ritual?

- Porque é isso que bruxas fazem.

A mulher dessa vez riu.

- Não é por que *uma* delas tentou fazer isso contigo, que todas o farão.

Ele arregalou os olhos, como se o fato dela saber daquilo fosse extremamente surpreendente. E, depois, modificou a mesma expressão, como se tal informação não mais ali importasse.

- Não, Hanson. Você *hoje* tirou a sorte grande. Aliás, você costuma ter bons *mentores* olhando por você...

- Eu tenho apenas um.

- Eu não me referia aos *vivos*.

João engoliu em seco, e até isso doía.

- Quem é você?

- Eu sou Strix.

- Uma bruxa...

- *Uma* fada.

Ele arregalou os olhos. Se as pernas funcionassem, teria dado um salto e estaria de pé em uma só.

- Uma "fada"?

- Sim. A do tipo que oferece *segundas chances*.

- E por que está aqui?

- Porque você precisa.

- E por que eu?

- Porque você vale a pena.

João ia fazer mais uma pergunta, mas tudo voltou a doer. Ele precisou de alguns segundos bufando em sua posição estirada, buscando forças.

- O que você quer de mim?

- Não, a questão é o que *you* quer de mim...

Ele ficou observando-a, pensando se aquilo era um blefe. Não chegou a nenhuma conclusão. Diante do silêncio dele, ela disse:

- Do outro lado, está Beanshee. Você já a viu uma vez...

João Hanson continuou calado. Ele sabia quem era a mulher de vermelho, arauto da Morte, que vinha buscar as almas partidas.

- Ela está esperando que você se decida se quer chorar por um lado do rosto, ou pelos dois.

Ele compreendeu. E ainda não sabia a resposta.

- E eu também estou... - ela acrescentou.

- Eu pensei que precisaria passar por um *teste*-, ou coisa do tipo.

- Não, eu não sou uma fada *desse tipo*.

- E de que tipo você é? A mulher apenas sorriu.

- Como funciona isso? Eu simplesmente lhe digo o que desejo, e você o realizará para mim?

- Não, nós faremos um *pacto*.

A palavra arrepiou João Hanson.

- Eu não gosto de pactos...

- Bem-vindo ao mundo real, fora dos felizes contos dos bardos.

- Eu não gosto de bruxarias!

- Você está tratando com uma fada...

- O que você irá querer em troca?

- Uma vida.

João olhou para baixo, tentando analisar aquela situação. De todos os pontos que pensou, parecia-lhe absurda.

- *A minha* vida?

- Eu disse *uma* vida.

- E de quem seria essa vida?

- No momento em que eu desejar, eu virei até você, e você a tomará ou a entregará para mim, de acordo com a minha vontade.

- E se eu me recusar?

- Eu tomarei uma vida sua para mim.

- *A minha* vida?

- Uma vida *sua*.

João Hanson apertou a terra vermelha ao seu redor. Ele compreendia o que ela queria dizer.

Porque a minha vida está ligada à dele. Fui clara?

- Pensei que fadas fossem boas...

- Fadas nem sempre são boas como narram os bardos. E ainda bem, ou hoje você só teria a escolha de morrer aqui.

- Talvez seja a escolha correta.

- Quer que eu me retire? Você só precisa *desejar*...

Ele queria. Ele desejaria. Mas ainda havia aquele colar no pescoço. E pendências de um juramento que ele não queria morrer sem cumprir.

- Você sabe o que fizeram com minha protegida?

- Sei.

- Você pode me dizer?

- Eles a levaram para um local maculado, fechado com magias antigas e construído sobre ossos de homens entrelaçados aos de bichos.

- Para quê?

- Para atrair seu tutor. E cobrar pendências.

- E quem era o ser... das árvores?

- O que posso dizer? - e a mulher abriu os braços. - Uma fada.

Como nós...

João trincou os dentes.

- E você quer que eu confie em você?

- Você não tem muita opção. -Vá para Aramis!

- Eu estive lá.

João voltou a se arrepiar todo. O nariz voltou a sangrar.

- Você não é uma fada. Você é uma *caída*!

- Ainda assim, uma fada.

- Não há diferenças entre vocês e bruxas!

- Ah, isso há! E como há! Sabe qual a diferença entre nós, João Hanson? Nós *ensinamos* às bruxas tudo o que elas sabem, e ensinamos apenas o que nos interessava ensinar a elas. Mas nós somos muito acima do que elas jamais serão.

- Fadas caíram e se tornaram bruxas!

- Só as que *nasceram de novo*. Não as como nós, que já estavam em Aramis...

João Hanson sentia vontade novamente de chorar de desespero por não saber o que fazer. Mas até isso lhe dava medo, afinal, não sabia por quais lados da face iria lacrimejar.

- Você irá me trair. É melhor aceitar a morte...

- Não nos confunda! - ela disse irritada. - *Demônios* traem pactos. Bruxas, às vezes. Fadas, *nunca*.

- E por que "nunca"?

- É a nossa natureza.

João Hanson *quase* riu de deboche.

- Como pode me dizer isso, se estou nessa situação por causa de uma das suas?

- Está nessa situação por sua *própria incompetência* em lidar com tal situação. Além disso, entenda, infame, que fadas caídas *têm livre- arbítrio*. Rastalara apenas cumpriu um pacto com outra mortal, assim como estamos prestes a fazer, se for de seu interesse.

João ficou em silêncio.

- E o que *eu* terei em troca?

A fada sorriu, como se achasse que ele jamais perguntaria.

- Eu irei *fechar seu corpo*. E irei abrir um de seus *chakras*,

liberando instintos que você reprime. E então você poderá

batalhar sem que energias sombrias o afetem e poderá

focalizar a energia que possui, mas que não consegue

canalizar diante de magias escuras.

João ainda era arrepio. Dúvida. E medo.

- Eu não acredito em você...

Ela se colocou de cócoras para ficar mais próximo de João.

Seu cheiro era mil vezes mais forte e intenso do que qualquer

afrodisíaco que Lady Almirena pudesse comprar.

- Qual seu Desejo, Hanson?

Ele queria chorar, mas não se permitia. Então abaixou a

cabeça e olhou o cordão.

- Você quer ir até ela?

Lágrimas começaram a nascer, e ele *ordenou* que elas não

caíssem.

A fada tocou dois dedos na altura da nuca dele, onde se

localiza o bulbo. Disse algumas palavras em idiomas

esquecidos, e João sentiu o corpo dobrar e ter espasmos, como

se alguém lhe electrocutasse a coluna vertebral.

O nariz de João Hanson continuou cuspindo sangue,

enlouquecido.

- Eu vou lhe dar um prazo - ela disse. - Metade da metade da

metade de um dia. É este, é este tempo que você tem para ir até ela e *decidir*. Se você escolher voltar aqui, eu cumprirei minha parte do pacto, fecharei seu corpo, liberarei seu centro e mostrarei onde sua protegida está. E você ficará me devendo uma vida que eu cobrarei quando bem entender. - João a observava tentando não vomitar. - Se você decidir que prefere Beanshee, você nem mesmo chegará até ela. Você irá chorar por apenas um lado do rosto e seu coração irá parar.

João sentiu o coração bater mais rápido, e mais rápido, e ainda mais rápido, quando a sensação de vômito passou, e ele sentiu os dedos dos pés.

- Você vive em um mundo de *intenções*, Hanson. Quando caminhar na direção daquela casa, já tenha a certeza do que quer, pois não haverá volta.

João sentiu os joelhos dobrarem. E o peito do pé se mexer.

- Agora se ponha de pé e tome as rédeas de seu destino.

As mãos firmaram, e o corpo balançou um pouco para se erguer, como se com medo daquilo tudo. Mas ele se ergueu.

Quando João Hanson se pôs de pé, ele estava novamente só.

Não havia fadas nem arautos. Havia apenas ele, sua consciência e seu âmago mais profundo.

Ele tomou o cordão de compromisso nas mãos e o apertou como se fosse o amuleto mais poderoso do mundo.

Talvez realmente o fosse.

Lágrimas continuavam a escorrer sem que ele pudesse

controlá-las. E, quando desceram, pareceram limpar-lhe o coração.

Elas desciam pelos dois lados da face.

**30**

Snail Galford preparou seu grupo para seguir até o Cemitério dos Navios. Liriel Gabbiani se aproximou dele e perguntou:

- Scarlet irá mesmo nos entregar o *Rogers*?

- Sim...

Liriel assobiou, surpresa.

- Sabe, eu tenho de admitir que, de vez em quando, você me surpreende. Muito.

Snail até que *gostou* de ouvir aquilo. E depois de lembrar de seu atual cenário, detestou.

- Mesmo?

- Sim. Em outra situação, eu poderia até mesmo admitir uma certa admiração na forma como você conduz as coisas...

Snail riu.

- Em outra situação...

- Sim, alguma história em que fôssemos a parte nobre dela.

- Nós somos o que temos de ser, Gabbiani. Nós não fizemos este mundo. Nós só vivemos nele...

- Mas até onde nos rebaixamos é nossa escolha.

Snail *odiava* aquele tipo de discussão.

- O que quer dizer?

- Eu quero que você olhe nos meus olhos e me diga que *eu*

posso confiar em você.

- Você quer dizer em relação a quê?

- Eu não sei! Ao que tivermos de enfrentar. Até hoje, eu havia confiado apenas no meu pai. Depois dele, você é a primeira pessoa no mundo a quem eu entreguei minha confiança. E eu quero que você olhe nos meus olhos agora e me diga que eu posso confiar em você.

Snail sentiu uma pontada no peito. Entretanto, esse tipo de sentimento nunca o havia feito desistir de continuar nada na vida.

- Você pode - ele disse, e o olhar sério dele parecia sincero.

Liriel deu um sorriso. E relaxou.

- Então conte comigo, Snail Galford.

Ela saiu, e ele sentiu a tal pontada no peito começar a arder, crepitando feito brasas de uma fogueira. Percebendo o mercenário em postura meio acuada, com sua experiência de décadas, o velho Jim Hawkins se aproximou devagar e perguntou:

- Scarlet não lhe dará o *Jolly Rogers* de graça, não é? -

perguntou o velho pirata.

- Não, ele não dará.

- E você está preparado para dar a ele o que ele lhe pediu em troca? Snail Galford olhou ao fundo Liriel Gabbiani dando instruções a uma parte de seus garotos.

- Não, não estou - disse com a voz trêmula.

Jim Hawkins ergueu as sobranceiras e o olhou de baixo para cima.

- Mas, ainda assim, você lhe dará?

Snail Galford suspirou forte, ainda olhando para ela.

- Até chegarmos lá, eu terei decidido.

Até onde nos rebaixamos é nossa escolha.

- Até lá, eu já terei decidido...

**31**

João Hanson havia soltado os dois cavalos que ainda estavam presos à carruagem virada, tentando em vão se libertar. O primeiro, ele deixou que corresse pela floresta livre e entregue à própria sorte. O segundo, ele o montou e o conduziu para correr pela estrada de terra como se estivesse diante do fim do mundo. O detalhe mais curioso, porém, era que, antes de subir na sela, ele foi até o corpo morto do servo que os escoltava na mula e retirou dele o elmo e a capa que vestia.

O animal, antes agitado, de repente pareceu ficar mais tranquilo simplesmente ao toque dele. João Hanson colocou o elmo sobre o rosto, prendeu a capa nas costas e sentiu-se o cavaleiro que queria ser ao viver. Ou ao morrer.

E então, ainda sem saber o que era vida e o que era morte, o corcel partiu.

Os dois cavalgaram como alucinados, e como se fossem uma única forma pela noite que não precisava ser iluminada. Eles passaram como um raio pela fazenda que lhes servia de

moradia sem olhar para os lados, enquanto os discos dentados das esporas, *já* adaptados ao calçado, aumentavam o ritmo da cavalgada.

Na mente de João Hanson, *ainda* havia dúvida. E somente ela.

O que é realmente sagrado?

Ele precisava decidir se deveria morrer como um ser humano, ou sobreviver como sobreviviam todas as aberrações que odiava.

Do que é feito o espírito?

Ele precisava decidir se deveria *cometer* a mesma atitude que seu pai. E precisava decidir se considerava essa atitude uma escolha indiscutível ou um erro irreversível.

Pelo que vale a pena viver?

Ele precisava decidir se deveria viver por ela.

Pelo que vale a pena morrer?

Ou se deveria morrer por alguém que ele não tinha como saber.

O cavalo continuou a correr como se o mundo estivesse em guerra, ou como se soubesse que o mundo *estava* em guerra. E quando entrou nas ruelas de Andreanne, na direção da casa dos Narin, as primeiras gotas de chuva começaram a tocar os dois. O coração de João Hanson batia vivo e batia forte, e ele chorava, embora achasse que as lágrimas eram chuva. Eles saltaram obstáculos, ignoraram transeuntes, escolheram atalhos.

E, no momento em que o corcel interrompeu a corrida brusca diante da casa dos Narin, João Hanson ainda não tinha uma resposta.

Você vive em um mundo de intenções, Hanson.

Ele desceu daquela sela em um salto, e o mundo pareceu correr em velocidade mais lenta em cada momento. Quando ele tocou no chão e os pés espalharam a água de poças, a chuva começou a aumentar de intensidade, como a escolha que precisava ser feita.

Quando caminhar na direção daquela casa, já tenha a certeza do que quer, pois não haverá volta.

João Hanson retirou o cordão de compromisso do pescoço, apertou-o firme entre as mãos e caminhou na direção da porta dos Narin.

Ao fundo, uma dama de vermelho observava atenta a caminhada.

Dentro da casa, Ariane podia sentir o cheiro da chuva se intensificando. A mãe tentava acalmá-la em vão, sem compreender o motivo do agito. Ariane tinha as mãos trêmulas como as de um alcoólatra em abstinência. Os lábios também se moviam, e o mundo só parou *para esperar* pelo eco do som de três batidas secas na porta.

E quando ela viu a sombra abaixo do umbral da porta, ela saltou violentamente para trás, bateu forte com as costas na parede, e o quadro preso na moldura se soltou.

Ao cair, o vidro que o emoldurava se PARTIU.

A mãe *tentou* tocar em Ariane, mas a consciência da filha não estava mais ali. Não *naquela* realidade. Não *naquele* instante.

Do lado de fora, João Hanson ergueu o punho fechado com o intuito de bater na porta três vezes.

Os dedos fechados tremeram.

Uma vida.

Os da outra mão apertavam mais forte o cordão de compromisso.

No momento em que eu desejar, eu virei até você e você a tomará ou a entregará para mim.

Ele *queria* bater naquela porta. Queria mais do que tudo bater naquela porta. Mas o preço daquilo seria alto; seria tão alto, que ele não poderia imaginar como seria o futuro de sua vida e de todos que a rodeavam.

Ele não sabia se havia libertado a alma do próprio pai. E sabia que precisava ter a *alma livre* para servir no lugar dele depois da morte, caso tivesse fracassado.

Ele não sabia se já era crescido o suficiente para tomar uma decisão sobre a qual homens sábios não teriam resposta.

O punho fechado ainda continuava erguido, sem tocar a porta.

O elmo ainda estava na cabeça, e ele não sabia por que não conseguia tirá-lo. Talvez porque, para alguém que olhasse de fora, ele ao menos parecesse um cavaleiro imponente.

Afinal, por dentro, naquele momento, João Hanson se sentia

apenas um menino assustado pela vida, torturado pelas palavras de uma bruxa que pretendia sacrificá-lo em rituais escuros no futuro.

Do lado de dentro, Ariane continuava ajoelhada sobre o tapete. Feito um cão condicionado, esperando o toque na porta.

Esperava pelas malditas três batidas que iriam acabar com sua vida.

Do lado de fora, João Hanson se lembrava das palavras mais difíceis.

E se eu me recusar?

Exclusivamente, das mais difíceis.

Eu tomarei uma vida sua para mim.

Ela lhe tomaria dele. Se ele se recusasse, ela tomaria a vida dela, e isso seria para ele estar morto em vida e mais angustiante do que servir em Aramis pelo resto da existência.

Seria passar dias pedindo ao Criador para não mais existir.

Seria pedir para ser apagado da memória de semi-deuses.

Seria simplesmente não ser. Ou não mais.

E foi assim, pesando tudo o que lhe pesava nas costas, que João Hanson desistiu dos três toques, virou-se de costas e caminhou na direção da mulher de vermelho que o observava do outro lado.

Na caminhada, ele chorava e sabia que eram lágrimas.

Você vive em um mundo de intenções, Hanson.

João Hanson, por detrás do elmo, começou a sentir a pressão do corpo baixar. O peito começou a arder e a parecer crepitar para explodir. O coração começou a diminuir os batimentos, e alguns metros à frente da casa ele bambeou e caiu pesado com um joelho no chão.

Uma das mãos tocava o coração.

A outra apertava cada vez mais fraco o cordão de compromisso, diante das lágrimas da chuva.

Dentro da casa, Ariane viu a sombra se afastar do umbral da porta sem tocar as três vezes. Os olhos continuavam arregalados, e o coração continuava batendo forte. E batendo vivo.

A mãe *tentou* tocá-la, mas ela se desvencilhou de forma afoita e violenta, sem perceber, derrubando poucos móveis na sala, e correu na direção da porta. Correu como se estivesse diante do fim do mundo.

Correu como se o seu mundo estivesse diante do fim.

E no momento em que ela abriu a porta e viu o cavaleiro a alguns metros da entrada de costas, prestes a tombar morto, ela *gritou* o nome dele.

E foi assim.

Foi assim que o mundo, e tudo, tudo o que era sombrio, soturno, solitário, injusto e cruel no mundo, por um instante, ainda que por um único bendito instante, pareceu iluminado, vivo, presente, justo, bom, e repleto de tudo, tudo que o ser

humano tinha, e tem, de melhor.

Ao ouvir a voz dela, e ao ouvir seu nome *através* da voz dela,

João Hanson se colocou de pé, de costas para ela, com a imponência de um cavaleiro real.

E modificou, sem volta, sua *intenção*.

Em um movimento, ele retirou o elmo e virou-se de frente para ela com o olhar do homem que havia se tornado.

E, do outro lado, a dama de vermelho mais uma vez na mesma noite o observava chorar pelos dois lados da face.

O que é realmente sagrado?

Ariane Narin correu até ele repleta da mais pura emoção, e o sentimento de milhares de semi-deuses correu com ela em cada passada, em cada aproximação, em cada respiração oriunda de pulmões que respiravam vivos. O sentimento de milhares de semi-deuses que davam existência àquele momento purificava o amor das duas almas.

Do que é feito o espírito?

E quando ela saltou em cima dele, e quando os corpos se entrelaçaram como duas notas musicais, os dois corações continuaram a bater forte no mesmo ritmo. E na mesma intensidade.

E na mesma intenção.

Pelo que vale a pena viver?

Um senhor de chapéu de palha passou pelo local e achou bonita a cena dos dois jovens visivelmente apaixonados.

E então se pôs a continuar sua caminhada, pois a vida tinha de continuar.

Ela apertou os lábios contra os dele tão forte, que os dentes começaram a se espremer. Nenhum dos dois reclamou da dor.

E quando os corpos se afastaram, dessa vez sim, já era impossível dizer no rosto de ambos o que era chuva e o que eram lágrimas.

Pelo que vale a pena morrer?

João ergueu a mão que segurava o cordão de compromisso, e as lágrimas de Ariane não diminuíram.

Outros transeuntes observaram a cena e cochicharam entre si com seus acompanhantes que aquela deveria ser uma tocante despedida entre uma noiva e um cavaleiro que ia à guerra.

De certa forma, eles estavam certos.

Na mente de João Hanson, a decisão havia sido tomada, e ele precisava honrar e estar pronto para tudo o que viria com ela.

E ele estaria. Porque ele não estaria só.

Afinal, por mais dúvidas e por mais conflitos e por mais perguntas que a vida lhe obrigasse a formular...

A resposta de todas elas é a mesma.

... ele saberia onde buscar forças para prosseguir.

Só amor.

O cordão de compromisso foi colocado novamente ao redor do pescoço dela. E ela o aceitou.

Nada mais fora preciso ser dito. Nada mais fora preciso.

Apenas amor.

Nos melhores momentos da vida, nada mais era preciso.

32

- Fez boa viagem, príncipe? - ela perguntou com uma voz que parecia a de uma cantora lírica. Ao menos a de uma das mais afinadas.

- Na medida do possível, princesa - respondeu um Áxel Branford ainda estupefato.

- E foi bem tratado pelos índios moicanos e as elfas deste local?

- Na medida do possível, princesa.

As atenções das elfas presentes ainda se concentravam nele.

Na figura dele. Na beleza dele. Na curiosidade que ele despertava, assim como tudo ali também o fascinava.

Já para Rei Pptr Pendragon, a chegada da princesa mais lhe pareceu um alívio. Dessa forma, como não precisava mais gastar sua atenção com o príncipe humano, pôde voltar a se estirar em seu trono, silencioso em seus próprios pensamentos e eterna melancolia.

- Aqui é como imaginava em seus devaneios, príncipe?

Áxel suspirou.

- É impossível imaginar algo como este por si só, princesa.

- E como posso me enquadrar nessa categoria?

Áxel suspirou novamente. O suspiro, porém, desta vez era diferente do anterior.

- *A senhora...* - ele se esforçou para dizer o pronome de tratamento mais formal. - ... com todo o respeito, é o onírico mais difícil de um ser humano acreditar existir.

As outras elfas presentes sorriram e se olharam. Seria mentira dizer que a princesa também não o fez. Afinal, ela poderia não ser uma mulher humana, mas era elfa, e era fêmea.

E está para nascer uma fêmea que não se dobre diante de um elogio sincero de um macho.

- Gostaria de caminhar por nossos jardins, príncipe?

Áxel se pôs de pé e, ao olhar para Rei Ptrr estirado e com o rosto escondido dentre o longo cabelo vermelho, desistiu até mesmo de pedir sua licença para se retirar.

- Seria um grande prazer, princesa.

O jardim por onde eles caminharam possuía flores de geometria alienígena para alguém de Arzallum. Até mesmo as cores lhe eram originais, tendendo para cores que não se costuma encontrar em pétalas de flores, como metálico e plúmbeo. A maioria, contudo, era composta de cores vivas e berrantes, que pareciam vez ou outra transbordar dos limites das pétalas ao sabor do vento, como se fossem pintadas à mão.

Áxel não fazia idéia de que horas eram, mas tinha certeza de que deveria ser tarde o suficiente para aquele sol não estar no céu.

- Nunca anoitece por aqui?

-Não.

- Nem uma única vez?

- Não. Nós elfos gostamos de dias claros.

Áxel olhou para ela como se tentando discernir se ela fazia uma piada ou falava sério.

- A senhora... princesa, se importaria se eu utilizasse o "você" em nossas conversas informais?

- Fique à vontade, príncipe. Nós somos noivos prometidos, precisaremos adquirir intimidade.

Áxel inspirou fundo. O que ela dizia era verdade. Modificar o pronome de tratamento em erdim significava apenas utilizar uma intenção mais descontraída e menos pensativa ou formal ao se dirigir a outra pessoa.

- Então... você está falando sério sobre aqui nunca...

- Estou - ela disse, olhando séria para ele. - Nestas terras nunca anoitece; nunca chove; nunca se tem uma colheita ruim; nunca se perde a inocência.

- Incrível...

- Por que *você* achava que chamam esta terra de *Nunca*?

Áxel se sentiu idiota. O comentário depois de analisado soava óbvio.

- Existe algo mais que lhe desperte curiosidade? - ela perguntou, observando a expressão pensativa dele.

- Bom... na verdade... já que perguntou...

- Diga a mim o que altera seu coração - ela sorriu o sorriso complacente, e Áxel, acostumado a ser tratado como um ser

humano superior, mais uma vez sentiu-se pequeno.

- É que... fiquei curioso em relação ao *título* com que você se apresentou a mim há pouco tempo.

- Princesa-fada elfa?

Áxel aquiesceu.

- Não sou uma princesa? E não sou uma elfa?

- Mas não sabia que era uma fada...

A princesa Lvth sorriu de novo. Mais uma vez, Áxel se sentiu como se estivesse fazendo perguntas estúpidas, de respostas óbvias.

- *Todas* as elfas são.

Ok, Áxel até parou de andar. Estava quase desistindo de tudo e pedindo para nascer de novo para poder reaprender tudo o que nunca havia se preocupado em descobrir.

- Como assim, princesa? Como pode todas vocês serem ...*fadas*?

- Sente-se...

E ela e Áxel se sentaram em uma espécie de balanço da largura de um banco de praça, de frente um para o outro.

- Elfas fazem parte de um *tipo específico* de fadas. Nós não somos fadas no sentido que vocês estão acostumados a imaginar, simplesmente porque não interagimos com as outras raças, não as testamos, nem muito menos concedemos Desejos.

- E qual a função de sua raça na sociedade a qual pertencem?

- *Nós* somos fadas de guerra.

Áxel nem mesmo conseguiu comentar. Diante do silêncio dele, ela prosseguiu:

- O Nunca é a ponte entre Nova Ether e Mantaquim. Aqui é o único modo de um ser vivo chegar ao Reino das Fadas *ainda* vivo.

- Foi assim com Gancho?

- Sim, apesar de suas qualidades desprezíveis, existia uma fé distorcida naquele pirata capaz de feitos fantásticos.

, - E você nem conheceu seu filho...

A princesa não comentou.

- Mas como pôde Gancho ter tido acesso a este local? Pensei que era uma entrada *fechada*.

- Não, o Nunca nunca se fecha. Qualquer pessoa pode chegar aqui, desde que saiba o ponto exato dos *noãos* em Nova Ether, e acredite nisso sem nenhum resquício de dúvida. Apenas um único vestígio já é suficiente para a porta se mostrar trancada.

- E Gancho acreditou que entraria aqui, sem nenhuma sombra que lhe trouxesse a dúvida?

- Sim, ele tinha certeza de que estava no ponto certo e que estas terras eram não apenas reais como acessíveis.

Áxel continuou pensativo.

- E se vocês protegem a *entrada*, quem protege Mantaquim?

- Os devas.

- Quem são esses?

- Seres semidivinos com sangue de dragões.

- De que tipo de dragões?

- Dragões de Éter.

Áxel engoliu em seco. E continuou:

- E qual a função dos elfos? Pergunto aqui no Nunca...

- Nós, elfas, temos a tendência à guerra. Eles são a parte intelectual e organizada. São nossos médicos, engenheiros e toda parte criativa.

- Você não me parece uma pessoa que eu esperaria encontrar em campos de batalha.

- E por isso iria sucumbir em minhas mãos antes que se desse conta.

Áxel teve de rir. Não porque não acreditasse no que ela dizia, mas exatamente por isso.

- Então vocês nunca deixam o Nunca?

- Apenas quando a Lei das Fadas está ameaçada, e o Pendragon nos ordena. Do contrário, nunca.

- E por que os elfos não crescem?

- Porque são puros. E a pureza total se conserva na infância.

- E por que Rei *Petter* Pendragon cresceu?

- Porque seu povo humano destruiu a pureza dele.

- Me explique.

- Desde centenas de anos, nossa raça é inimiga da raça gigante de Brobdingnag.

- A origem da raça gigante também não vem da mesma fonte

de sua raça feérica?

- Sim, eles viviam em uma parte do Nunca. Até que seu modo de vida rudimentar começou a bater de frente com o modo de vida élfico, e nós tivemos ordens de expulsá-los.

- E assim começou a Guerra...

- Imagine quantos anos foram precisos para expulsar ou exterminar uma raça de tamanho poder destrutivo como aquela.

- E onde entra o Pendragon?

- Naquela época, Petter ainda não era o Pendragon. Rei Arthur Le Fey, de Albion, o era. Aquele que hoje você vê como Rei e Senhor dos Dragões não passava de mais um elfo que mantinha sua pureza e não crescia. Na verdade, de todos eles, talvez Rei Petter fosse o elfo mais puro que já voou pelo Nunca.

- E quando isso mudou?

- Assim como Gancho já o fizera, existiram outros que conseguiram chegar a estas terras por si próprios. E entre estes, existiu um grupo de crianças humanas...

- Como um grupo de crianças pôde chegar até aqui, ainda que *acreditem* nisso, se o *nodo* se encontra em pleno mar?

- Através de uma viagem a passeio de navio com os pais, em que desapareçam misteriosamente e sem explicação. - Áxel compreendeu. E aquiesceu, incentivando a elfa a continuar. -

E de todas elas... a mais marcante presença foi a de uma

menina que se apegou a Petter, e a qual ele fizera o mesmo.

- Como era o nome dela?

- Wendy Darling.

- Darling? A *herdeira* do clã Darling?

- Sim. A menina de sangue nobre.

- Mas... como eles se *apegaram*?

- Antes, você precisa compreender que elfos pensam a vida de maneira bem diferente de humanos.

- Em que sentido?

- Elfos não possuem o *apego* que a sua raça tem consigo própria.

- *Apego* em relação a sentidos como *amizade* e *família*?

- Entenda, príncipe: a raça élfica possui apenas *sentimento materno*. Ele é o mais próximo do afinco humano que possuem ao longo de toda uma vida.

- Então não existe um sentido de amor paternal para a raça élfica?

- Não como para a raça humana.

- Então como funciona? Digo, como funciona a visão desse sentimento para sua raça?

- Elfas possuem *atração física* por outros machos, mas não possuímos o sentido de *posse* ou *afeto incondicional* das relações humanas.

- Mas possuem o sentimento materno de amor incondicional por um filho?

- Sim, mas afirmo mais uma vez: não da forma como vocês, humanos, compreendem tal sentimento. Para nós, esse sentimento materno só existe no sentido da *responsabilidade* pela cria. Mas não existe sofrimento quando uma separação é forçada, e nem sentimentos de ciúmes ou dor por um filho ou parceiro, mesmo porque a devoção é ausente.

- Realmente, para um humano, isso soa um pouco frio...

- Porque sua raça acredita que *são o que são*. Nossa raça acredita que *estamos o que somos*. Compreende a diferença? Não era tão fácil compreender o que ela queria dizer.

- E o que houve com Wendy?

- A herdeira Darling e as outras crianças foram tomadas como reféns pela raça de Brobdingnag.

Áxel fechou a expressão.

- E, estamos aprendendo que eles gostam de sequestrar crianças e de mantê-las sob seu poder.

- Pena que aprenderam tarde...

- Como assim?

- Ao assistirem à construção de Brobdingnag utilizando magia feérica em terras sublimes acima de suas cabeças, seu povo temeu que tal raça descesse dos céus e quisesse guerrear pelo comando do mundo. Quando os primeiros gigantes andaram sobre a terra de Nova Ether e ameaçaram gostar de continuar a andar por ali, sua raça tentou bani-los, mas, na época, não eram páreos para enfrentar seres tão superiores. Na época,

Petter ficou tão perdido pelo sentimento que havia adquirido por Wendy Darling, que partiu do Nunca atrás dela.

- Mas... princesa... não acabou de me explicar que elfos não possuem o apego humano?

- Raças diferentes tendem a trocar culturas.

Áxel se calou. Como sempre, fazia sentido.

- E então, pela primeira vez na história do Nunca, foi visto o que acontece quando um elfo se afasta destas terras e perde a pureza infantil...

- *Ele* cresceu...

- Ele fez muito mais do que isso, príncipe. Ele passou pela *noite negra*. Ele foi *tocado* pelo sofrimento. E a pureza deu lugar a tudo que antes não caberia naquele ser.

- E ele foi à guerra com os gigantes, dessa vez, em território humano?

- Todos nós fomos. E teríamos vencido.

- E o que os impediu?

- Apenas uma parte de nós podia ir ao Ocaso batalhar com Bro- bdingnag. A maioria tinha obrigações com o Nunca, e tinha de aqui permanecer para proteger as entradas para Mantaquim.

- Compreendo...

- Ainda assim, nós teríamos vencido.

- Por quê?

- Porque, se combatíamos gigantes nos céus, vocês, humanos,

os combatiam na terra. E se a luta tivesse prosseguido, eles teriam sido aniquilados. Teriam, se não houvessem proposto um acordo de suspensão de guerra. E se os Reinos Humanos não o tivessem aceitado.

- Princesa... você quer dizer que o pacto que hoje...

- Eu quero dizer que, ao assinarem o *Pacto de Swift* e fugirem do conflito, vocês provocaram a própria desgraça que hoje ronda sua própria raça, e permitiram que Brobdingnag prosperasse livre de nossa ameaça.

Áxel percebeu que havia um certo rancor naquelas palavras.

Compreendeu os motivos de tal sentimento. E, no momento certo, acrescentou:

- Compreendo o conflito de sua raça. Mas preciso que compreenda também os conflitos da nossa. A raça humana não estava preparada para enfrentar algo como os gigantes de Brobdingnag naquela época. Nós sabíamos que eles queriam um armistício para duelar contra elfos em uma única frente, mas...

- Mas humanos não se importam com nenhuma sociedade que não lhes diga respeito.

Áxel continuou apenas olhando para ela, deixando que ela lhe dissesse tudo o que precisava dizer.

- E sabe o que é mais curioso? - ela perguntou, com o olhar furioso que deveria ter em um campo de batalha. - Se não houvesse uma guerra entre gigantes e elfos; se não houvesse

os mesmos elfos para os quais os humanos viraram as costas e fingiram que não guerreavam contra um inimigo em comum em suas próprias terras; se essa mesma raça élfica não tivesse enfrentado a raça maldita que hoje lhes desafia, Brobdingnag, naquela época, teria descido de seus Reinos dos Céus de maneira devastadora, com seu exército completo e tomado Nova Ether para eles. Sabe qual seria o resultado disso? Você hoje não seria um príncipe. Seria um *escravo*...

Áxel *ainda* era silêncio. E, então, enfim disse:

- *Livith*... - pela primeira vez ele disse o *nome* dela, no lugar do título. - Compreendo sua revolta e a revolta de sua raça diante de episódios tão complexos e traumáticos. Admito que, do ponto de vista élfico, os Reinos Humanos foram covardes por assumir o armistício e ignorar a guerra entre o Nunca e Brobdingnag diante de suas próprias terras. Mas, se analisarmos friamente, também poderemos perceber que estamos sendo julgados por uma guerra que nunca foi nossa...

Dessa vez, foi a princesa Lvth quem se calou.

- Não fomos nós que invadimos o Nunca. Não fomos nós que expulsamos a raça gigante para o Ocaso. Não éramos nós que estávamos preparados para duelar com eles. Ou com *vocês*! Como poderíamos saber quem realmente era nosso inimigo, se nossas culturas caminhavam tão distantes?

A princesa *ainda* era silêncio.

- Eu não estava vivo para ver esses tempos de guerra passados,

mas conheço a complexidade que existe nos sentimentos humanos e os temores que correm no coração de minha raça. Somos apegados realmente aos nossos próximos; apegados a ponto de temer por eles e a ponto de temermos morrer e deixá-los... - O príncipe engasgou por um momento, lembrando de *nomes* que ele jamais gostaria de ter sido obrigado a deixar. - Para nós, um amor materno ou um amor fraterno ou um amor romântico não é algo que enxergamos como mera responsabilidade. É algo que *dá sentido* à nossa existência. Talvez a *única coisa* que dê sentido à nossa existência...

Ele tocou a mão dela e percebeu que, por um momento, a grandeza e superioridade de guerreira deram lugar a um resquício de fragilidade.

Aquela expressão, *quase* humana, Áxel Branford conhecia. - Não sei exatamente por que estou aqui hoje. Mas aprendi com orientais que cruzam oceanos em máquinas voadoras construídas por gnomos que trazem mensagens de princesas de jade, que existe mais entre o céu e a terra do que podemos supor. E que existem linhas traçadas por um Criador que não podemos compreender por completo, mas sempre possuem um sentido. E eu *preciso* acreditar nelas. Porque a existência de um homem também esbarra na fé.

A princesa parecia encantada. Talvez não exatamente *convencida* pela visão apresentada, mas impressionada pela convicção que acompanhava o orador.

- Eu não sei por que meus pais nos *prometeram* desde o berço.

Mas, se conheci bem meu pai, e se bem sei dos conceitos em que ele acreditava, tenho certeza de que este foi seu primeiro ato como desculpa pelas escolhas humanas com sua raça fantástica. E que ele gostaria que fôssemos um recomeço para ambos os lados. E que pudéssemos aprender um com o outro.

-Acredita realmente que temos o que aprender com o outro,

Áxel? - a princesa não se referia apenas aos dois.

- Eu tenho certeza.

- E de onde vem essa crença?

- Raças diferentes tendem a trocar culturas...

As mãos do príncipe humano e da princesa élfica permaneceram unidas. E ambos se contemplaram em um delicado e sutil silêncio interno.

Ambos sabiam que existiam escolhas que cobravam altos preços até mesmo de seus descendentes.

Mas, talvez ali, entre silêncio e contemplação, duas raças e culturas diferentes passaram a acreditar sinceramente que talvez nunca, nunca seja realmente tarde para uma segunda chance.

**33**

Giacomo Casanova e Maria Hanson retornavam para a casa dos Hanson, com os braços entrecruzados de um casal que caminha em uma fria noite de chuva. Haviam já descido da carruagem dos Casanova e seguiam a pé um curto trajeto,

diante da chuva que havia diminuído de intensidade.

-Admito que você me assustou lá! É muito jovem para ter problemas de coração, senhorita Hanson.

- Mais uma vez me desculpo. Como disse, senti ali como se *algo* me angustiasse.

- *Como uma* premonição?

- Já passara por isso antes, senhor Casanova? - ela perguntou, surpresa.

- Sim. Quando fui preso. E previ que seria.

- O senhor já foi preso?

- Cuidado! Não quero que tenha outro ataque de coração...

Maria sorriu, embaraçada.

- Não... desculpe... é que isso é uma surpresa...

- Fui preso por ter em meu poder livros proibidos e por fazer propaganda antirreligiosa!

Maria observou Giacomo Casanova como faria com um fantasma.

- O senhor não parece esse tipo de pessoa...

- E não é?

- Mas... isso é verdade? Digo... o senhor faz *mesmo* propaganda anti-religiosa?

- Não faço mais a propaganda. Mas ainda possuo a crença.

- Não acredita então na figura de um Criador que nos dá vida e de semideuses que nos mantêm existindo?

- Não, não duvido da existência desse Criador e dessa força

que se sub-divide em formas de semi-deuses ou sabe-se lá

como uma pessoa queira acreditar. O que contesto é a

dependência de nossas vidas dessas forças.

- Não acredita que eles nos influenciem?

- Não acredito que dependemos deles para existir. Sabe,

acredito que o conceito em que se acredita por aqui, que eles

nos dão existência, na verdade, é um conceito invertido. Tenho

a crença pessoal de que essa é apenas a forma que eles têm

para que tenham consciência da nossa existência.

- Então nós existiríamos de uma maneira ou de outra?

- Sim. Quisessem eles ou não, tendo consciência de nossa

existência ou não, tudo o que acontece em Nova Ether já

estava escrito e pulsando em algum lugar cósmico, e as forças

que chamam de semideuses são apenas observadores que

podem apenas torcer por seus preferidos e odiar seus malditos.

- Então como explicaria a Lei das Fadas?

- Metalinguagem utilizada pelo cérebro humano para assimilar

o que ele não consegue compreender em condições científicas.

- Mas fadas são reais...

- Irei crer nisso no dia em que vir uma.

Maria ficou chocada. Era a primeira vez na vida que conhecia

uma pessoa que afirmava que fadas eram o fruto de uma

alucinação coletiva.

-Você parece chocada com minhas opiniões...

- Não, é que me são... diferentes.

- Diz isso por causa das fadas? Ora, vamos! O que virá depois? Universos sendo criados após mordidas em maçãs? Maria Hanson ia responder. Mas então eles chegaram diante da residência dos Hanson.

E logo, ao avistar a frente da casa, ela já começou a correr.

## 34

Eles chegaram ao porto. Mais especificamente à parte vigiada, a parte onde ninguém caminhava à noite. A parte silenciosa. Ao Cemitério de Navios.

Caminharam para aquele pavilhão como uma gangue, e pouco foram notados, já que os cidadãos de Andreanne, naquele momento, estavam espalhados pelo centro de sua cidade, abençoando seus soldados e rezando para que retornassem com vida. Havia poucos guardas na entrada. Na verdade, havia um só, e que os deixou passar sem problemas.

Passaram por velhos armazéns feitos de peças metálicas rebitadas em ferro e vãos preenchidos com alvenaria de tijolos maciços. As coberturas com cumeeiras e seus telhados eram repetidos em duas águas, criando um efeito que deveria ser belo de ver durante um dia de sol e na época em que era novo. O vão livre era de aproximadamente vinte metros e variava em torno de oitenta metros para cada armazém. Aquele local, durante dias livres, funcionava como atração turística da cidade, principalmente para avós que gostavam de levar quantos netos conseguissem arrastar para ouvir velhas

histórias de guerra.

Ao fundo, entre águas que, diante daquela iluminação mais lembravam um pântano, dezenas de navios nas condições mais diversas que se possa imaginar estacionavam de maneira desorganizada uns ao lado dos outros, como condenados à espera da execução.

E à frente deles estava Will Scarlet.

Snail e seu grupo se aproximaram do grupo de capangas de Will, os mesmos que o acompanhava no patrulhamento do porto ou de outros locais mais sujos, e dos quais Snail já havia feito parte depois da libertação de Stallia.

Quem visse a cena de longe, contudo, acharia que os *Sombras* e os *Fantasmas* haviam renascido e estavam prestes a se enfrentar.

- Ouvi dizer que Stallia irá a outra guerra - disse Snail.

- Costumam pensar isso sobre Stallia - comentou Scarlet.

- Você bem sabia disso quando estava do outro lado.

- Eu sempre estive do mesmo lado.

- Você sabe então o que é estar ao lado de alguém?

- Tanto quanto você sabe o que é estar por si só.

Os dois ficaram se olhando, tornando o ambiente mais tenso do que um coração intranquilo. Atrás de Snail, ao lado direito, havia o velho Jim Hawkins. Do outro lado, Liriel Gabbiani.

Cada um com seu próprio objetivo.

Liriel Gabbiani queria a confiança de Snail Galford. Snail

Galford queria o mapa que estava na cabeça de Jim Hawkins.

Jim Hawkins queria o navio em posse de Will Scarlet. Will

Scarlet queria Liriel Gabbiani.

Alguém teria de ser traído.

- Você mantém o acordo? - perguntou Snail.

- Uma pessoa como você teria medo de traição?

- Pelo contrário. Eu já estou acostumado.

Will Scarlet sorriu.

- Bom para você...

O grupo de Snail caminhou para próximo da rampa que dava

acesso ao navio. E Scarlet disse:

- Sabe, existe um pirata recém-chegado que quer o *Jolly*

*Rogers*.

- É mesmo?

- Sim, na verdade, o que corre é que não é exatamente um

recém-chegado. Mas um veterano que resolveu retornar.

Parece que é barra-pesada...

- Todos sempre são.

Will Scarlet sorriu um riso irônico. Admito que Jim Hawkins,

também.

- Não... não esse. Esse parece que é barra-pesada *mesmo*, do

tipo de cara *realmente* mau. Para você ter uma ideia, parece

que ele colocou um olho de vidro no lugar de um olho

arrancado e um pedaço de pau no lugar da metade cortada de

uma perna.

- Isso não é um pirata, é a última mulher que dormiu com você...

Até mesmo Will Scarlet teve de rir.

- Você é um desgraçado, sabia? - Will Scarlet disse, enquanto estendia a mão.

- Você nem imagina o quanto...

Snail a apertou, e, no momento em que o fez, seus adolescentes começaram a subir para o navio.

E Liriel Gabbini começou a gritar quando dois homens de Scarlet a pegaram e a torceram pelo braço.

- Não... o que... o que significa isso? Você não... não... você não pode... - os gritos dela não ecoavam na direção de Will Scarlet. - Você não pode...

Ecoavam na de um apático Snail Galford de cabeça baixa.

- Eu confiei em você... - ela disse com uma voz triste. - Eu, *mais uma vez*, confiei em você...

Jim Hawkins bateu duas vezes nas costas de Snail Galford, como se o consolando de que fizera a coisa certa. Ele já não parecia ter tanta certeza.

E foi assim, foi assim que Liriel Gabbiani viu Snail Galford se afastar para subir no *Jolly Rogers* em busca do maior tesouro do mundo.

Sem ela.

Eu confiei em você.

Alguém tinha de ser traído.

- O que... o que... o que aconteceu com você, meu Criador? -

Maria Hanson gaguejava e tremia tanto as mãos quanto a voz.

- Nada com que eu não possa lidar - respondeu um João

Hanson visivelmente machucado.

Maria observava a capa ainda molhada e o corpo lotado de

hematomas. Havia desde cortes e escoriações simples até

marcas roxas que causavam dor apenas ao observar. E se

pudesse, naquele momento, ver as costas de João Hanson, aí

mesmo é que a garota perderia seus limites.

Ao redor dele, havia Ariane Narin e a mãe, Erika Hanson. As

duas choravam, como se a volta de João Hanson a casa fosse

uma notícia triste.

E então Maria compreendeu que elas choravam porque ele iria

partir mais uma vez.

- Mas... o que... o que houve com você?

João afastou Maria do grupo, ignorando a presença de

Casanova, firmou a mão no ombro dela, obrigando-a a olhar

para ele, e disse sério:

- Maria... pare! - e Maria Hanson, por um momento, esqueceu

se estava falando com o irmão ou com o pai. Talvez não

houvesse mesmo mais diferença entre os dois. - Eu preciso

que você dê suporte à mãe! Ela acha que eu vou voltar à

fazenda para meu trabalho de escudeiro, e você deve fazê-la

acreditar nisso.

- Algo de ruim lhe aconteceu, não foi? - ela disse, e ele podia ver nos olhos dela que, de alguma forma, ela havia *sentido* o que estava acontecendo.

Ele se calou. E ela apertou os olhos, compreendendo que os tempos sombrios definitivamente haviam chegado.

- Para onde você vai agora?

- Eu vou para a Floresta das Ândidas. Pela trilha leste. E preciso que você entregue isso ao professor Sabino von Fígaro. - E João lhe mostrou uma carta fechada, na forma de um papel em cone, amarrado com barbante.

Maria abaixou a cabeça, pensativa.

- Eu... eu preciso descobrir como fazer isso! Parece que Arzallum está marchando para... para a guerra. Sabino deve estar...

Giacomo Casanova dessa vez estava próximo o suficiente para escutar o final da conversa.

- Desculpe me intrometer nesta conversa, já que não fui chamado e muito menos pertenço a este clã. Mas, se permitirem, gostaria muito de ajudar.

João Hanson olhou para ele, tentando compreender quem afinal era aquele sujeito.

- João, este é Giacomo Casanova!

João olhou para Maria com uma expressão desentendida. E então, como não havia tempo para muita coisa, apenas perguntou:

- E como gostaria de nos ajudar, senhor Casanova?

- Escutei apenas o fim da conversa entre os dois. E garanto que posso ter acesso a Sabino von Fígaro, não importa em que condições ele esteja neste momento.

João olhou para Maria, e a irmã compreendeu que ele estava perguntando naquele olhar se ela *confiava* naquele sujeito.

Sem dizer nada, Maria Hanson apenas aquiesceu.

João colocou a carta em forma de cone na mão dela. E a fechou.

Ao fundo, Ariane Narin o observava com olhos que brilhavam por lágrimas que já haviam caído demais, e que, ainda assim, insistiam em brilhar. Ao lado dela, Érika Hanson abraçava a menina como se as duas tivessem sido a vida inteira de uma mesma família.

Talvez tivessem.

Maria Hanson já estava se afastando, quando João disse:

- Outra coisa...

Ela se virou com o coração pesado. Como se soubesse o que ele iria dizer. E não quisesse escutar.

- Eu *quero* que você conte a ela.

Maria Hanson apertou os olhos, sabendo que aquilo seria *muito* difícil.

- A *qual* delas?

Ao fundo, as duas mulheres observavam-no. E sofriam juntas por motivos diferentes.

- A Ariane. A mãe está nervosa porque está achando que eu posso ser convocado para a guerra, e nós a fizemos acreditar que escudeiros não lutam. Mantenha a crença dela assim. -

Maria aquiesceu. E João mudou o tom: - Ariane, porém, sabe que algo está errado. E ela *merece* saber o que está acontecendo.

- O que você quer que eu conte a ela?

-As piores partes...

Maria Hanson suspirou trêmula. Afinal, contar a ela significava *relembrar* de memórias que ela não gostava de remexer.

-Você *volta*... não volta?

João puxou o rosto da irmã pela parte de trás do crânio e colocou a testa dela em sua própria testa.

- Escuta... nós dois sobrevivemos ao fim do mundo, não foi? - ela balançou a cabeça, e, como palavras não conseguiam ser ditas, as lágrimas expressaram o que ela queria dizer. - Mais de uma vez, nós sobrevivemos *juntos* ao fim do mundo, não foi? E nós ainda estamos aqui. E sempre vamos estar aqui.

Ela continuou aquiescendo. E continuou a chorar.

- Você confia em mim? - ele perguntou, e, mais uma vez, ela não sabia mais se estava ouvindo o irmão ou o pai.

- Sempre...

João puxou o corpo dela e a abraçou forte, com a expressão fechada e o olhar ereto. Nenhuma lágrima foi derramada do

rosto dele.

E assim, com a expressão fechada, ele se afastou, colocou o elmo, e de costas, com a capa molhada ainda lhe escorrendo nas costas, todos os presentes podiam jurar que aquele era um cavaleiro que estava partindo para a guerra.

E era.

Eu quero que você conte a ela. As piores partes.

Maria Hanson sabia que momentos muito difíceis estavam por vir.

**36**

Snail Galford havia subido a rampa por último e parado na metade dela. Virou-se para o outro lado e ficou olhando com as mãos enfiadas nos bolsos de um sobretudo para uma Liriel em silêncio, com um brutamontes lhe aplicando uma chave de braço.

Percebendo que Snail não conseguiria sair dali sozinho, o velho Jim Hawkins desceu a outra metade da rampa novamente e se pôs ao lado dele:

- Você fez o que tinha de fazer... - ele disse, e Snail não reagiu às palavras dele.

Ele continuou olhando para ela, sentindo forte o cheiro salgado do mar. Ao fundo, um Will Scarlet sorridente se aproximou de Liriel e acariciou o rosto dela como uma provocação, ou ao menos uma lembrança do que estava em jogo.

-Vamos... - disse o velho Jim Hawkins. - Já estão todos no barco...

- Não. Nem todos... - disse um Snail de voz fria como gelo.

Jim Hawkins arregalou os olhos e o observou de lado, preocupado. Na parte mais sombria daquele porto, Will

Scarlet ordenou:

- Tragam as algemas e prendam-na com os braços para trás!

Vamos levá-la para a mesma cela de onde eles retiraram o velho Hawkins...

E então um de seus capangas trouxe as algemas. Os braços foram colocados, sob protestos, para trás. E os pulsos foram presos pelas argolas de metal.

Mas com dois detalhes interessantes.

O primeiro foi que os braços foram presos ao redor de uma haste carcomida próxima, que antigamente funcionava como um mastro de bandeira.

E o segundo foi que os braços que foram presos eram os de Will Scarlet.

- Pelo Criador... o que você fez, lacaio? - perguntou, temeroso, o velho pirata Jim Hawkins perplexo.

- Eu fiz o que tinha de fazer...

Os braços de Liriel foram soltos sob o olhar e protesto de um Will Scarlet atônito, e os capangas que deveriam estar ao seu lado guiaram a mercenária na direção da rampa do *Jolly Rogers*.

E, quando Jim Hawkins percebeu que eles *iriam subir* no

velho navio, teve de perguntar:

- O que você ofereceu a eles, seu maldito larápio?

Snail Galford suspirou, como suspira o homem que sabe que tomou a decisão certa de maneira errada, ou que tomou a decisão errada de maneira certa.

- A metade que iria para Scarlet...

Jim Hawkins riu um riso debochado e subiu de volta para o navio, balançando a cabeça.

Os homens passaram por um Snail Galford estático, que mal retirou as mãos do sobretudo ao vê-los passar. Apenas acenou com a cabeça e deixou que subissem ao navio como se fossem todos velhos conhecidos.

Por último, uma Liriel Gabbiani, assustada, parou ao lado dele, e ambos ficaram se olhando sem saber o que dizer.

Eu quero que você olhe nos meus olhos e me diga que eu posso confiar em você.

Liriel abaixou a cabeça e subiu a rampa na direção do *Jolly Rogers* ainda sem saber o que deveria ser dito.

Snail Galford olhou pela última vez para um Will Scarlet ao fundo, algemado, humilhado e irritado, e então se virou de costas e caminhou para o navio, sem olhar para trás.

Will Scarlet ficou ali observando, perplexo, a rampa ser recolhida e o navio mais famoso do mundo zarpar novamente do Cemitério dos Navios. A boca espumava de raiva feito um

cachorro louco pela situação constrangedora em que havia sido colocado, e que não seria esquecida.

Entretanto, mesmo aquele aprisionado sabia qual era o grande preço de se fazer negócios com ladinos e mercenários.

Definitivamente, não havia como um deles escapar daquelas regras. Não naquele meio; não *daquelas* regras.

Afinal, era um fato.

Alguém sempre tinha de ser traído.

**37**

Sabino von Fígaro marchava entre os seus, vestido com as vestes oficiais de Conselheiro Real. Um capitão, porém, furou a marcha de guerra e foi até ele indicando que Giacomo Casanova parecia precisar falar com ele de *maneira urgente*.

O rapaz estava correndo e se espremendo entre o povo que parou a cidade para observar seus guerreiros marcharem.

O velho senhor abandonou a marcha e foi até o jovem nobre, que lhe entregou a carta escrita por João Hanson. E, no

momento em que Sabino a abriu e leu, os olhos se

arregalaram, a pulsação acelerou e ele correu até o capitão

Rinaldo Grimaldi, que também foi retirado da marcha oficial por Andreeanne de maneira afoita. E preocupante.

Nenhum dos dois voltaria àquela marcha.

**38**

Maria Hanson havia se sentado com Ariane Narin. Estavam as duas na casa de Ariane, sozinhas. A adolescente havia dito aos

pais que Maria queria conversar a sós com ela e pediu aos dois que dessem apoio fraternal a Erika Hanson. Logo, os pais estavam na casa dos Hanson. E as duas tinham o silêncio da casa dos Narin para elas. Isso em parte era bom porque concentrava a atenção.

Em parte era ruim, porque ratificava que *aquilo* teria de ser dito.

- Maria... o que foi? Fale pra mim...

Ariane estava sentada em sua própria cama. Maria estava tão agitada, que não conseguia parar quieta e ficava andando de um lado para outro. A cena era interessante porque o normal seria Ariane ser a inquieta e Maria, a paciente.

Mas as coisas, a cada dia, estavam menos normais.

- Sabe... - disse Ariane. - A última vez em que eu estive sentada nesta cama para alguém me dizer algo importante foi para a minha mãe pra me explicar por que naquele dia aos nove anos aconteceu tudo aquilo comigo...

Maria, por um momento, pareceu se esquecer do que queria dizer.

- Sério? E o que ela disse?

Ariane então, de cabeça baixa, arregalou os olhos percebendo que, como sempre, estava falando mais do que deveria.

- Ah, é que... sabe... ela me explicou que a Bondade e a Maldade caminham lado a lado neste mundo, né? E que eu precisava saber que... coisas ruins também aconteciam a

pessoas boas...

Maria suspirou e se sentou. Ariane sentiu um alívio quando percebeu que ela não faria mais perguntas sobre aquele assunto.

- Ariane... - e Maria Hanson mordeu os lábios. - Tia Anna estava certa. A Bondade e a Maldade caminham por este mundo. E, de vez em quando, pessoas boas sofrem coisas ruins...

Maria estava com os braços em cima dos joelhos sentados, os dedos entrelaçados e a cabeça baixa olhando para o chão.

- Maria, dá pra você me dizer algo que eu já não saiba? Eu não aguento mais você me enrolando! - Tudo bem que Ariane estava tendo um momento de paciência, mas daí a virar uma monja estava distante.

- Tá certo! - e Maria Hanson ergueu a cabeça e olhou Ariane fundo nos olhos. - João quer que você saiba o que a gente nunca comentou com ninguém. Nem mesmo com nossos pais...

Ariane se calou e engoliu em seco.

- Ele quer que você saiba sobre o nosso *pacto pessoal*.

- "Pacto"? - perguntou Ariane desconfiada diante de um tom quase estridente, arregalando os olhos.

- O nosso pacto de *nunca comentar* sobre aquilo.

Maria continuou olhando para a adolescente sem dizer nada, como que esperando forças para continuar.

E, no silêncio de Maria, Ariane entendeu.

- Maria... você está falando... da *casa* macabra?

- Sim - ela balançou a cabeça sem gaguejar, e Ariane, pela primeira vez, viu algo de sombrio na expressão da amiga.

-Você quer dizer... que existe mais?

Maria olhou para baixo, ponderada. Apertou os lábios. Depois mordeu o inferior. Inspirou fundo e expirou forte e, enfim, tomou coragem para dizer:

- Sim, existe - ela disse, mais uma vez, envolta na tonalidade sombria. - E já é hora de você saber o que nunca foi contado pelos bardos, Ariane.

"Já é hora de você saber das piores partes..."

**39**

João Hanson chegou ao local *mercado* e retirou o elmo do rosto. A chuva forte havia dado uma trégua, mas ainda caía, e caía o suficiente para deixar a alma de uma pessoa úmida.

Quando andava, a capa encharcada pesava. Mas ele caminhava como se o peso que suportasse nas costas fosse um peso suportável.

Na estrada, a mesma carroça ainda estava virada. Os mesmos mortos continuavam abandonados à espera de um vivo que lhes desse ao menos um enterro decente. João Hanson não seria esse vivo.

Afinal, ele já não sabia mais nem mesmo o que era, ou por qual estrada caminhava.

Pisou em terra molhada, em folhas caídas e galhos partidos.

Escutou o vento sibilante, mas não se arrepiou com ele. Sentiu o cheiro da morte, mas gostou do aroma forte. Caminhou como se fosse um homem que não mais se reconhecesse, mas, ao mesmo tempo, se descobrisse. E não soubesse o quanto isso era bom. E ruim.

- Entre no círculo... - a voz *dela* surgiu. E ordenou.

João Hanson observou um círculo construído na terra molhada, formado por galhos desenhando símbolos místicos.

Havia elementos nos quadrantes ao redor, mas ele não se preocupou em percebê-los. Mesmo porque ali não havia preocupação ou indecisão. Ao menos, não *mais*. A decisão já havia sido tomada no momento em que caminhara e que colocara o cordão ao redor do pescoço dela. Mais uma vez.

Ele entrou no círculo, e a fada caída de traços orientais sorriu.

Na mente dela, uma certeza.

A vida daquele guerreiro seria intensa como uma *vida eterna*.

- E hora de eu liberar seus *círculos de energia*.

João Hanson fechou os olhos e afastou os braços entregando a alma a um destino que não poderia ainda enxergar. Ajoelhou-se e sentiu a terra úmida. Abaixou a cabeça e percebeu o formato que as gotas faziam ao redor do círculo de magia onde estava.

Aquele era um caminho sem volta. Os olhos foram fechados, mas as imagens das gotas naquele círculo ficaram gravadas na

mente. E ele conseguia visualizá-las mesmo na mais pura escuridão.

Aquele círculo parecia um círculo de chuva.

**40**

Livith estava à espera de Áxel Branford.

O príncipe de Arzallum observava de um sacada o mar infinito cujos nodos uniam aquelas terras às terras aonde Arzallum estava indo para guerrar. Era quase onírico imaginar-se em um local como aquele, tanto como forma física quanto como motivação psicológica.

Afinal, quando Arzallum foi invadida por piratas, e bruxas renasceram culminando na morte de seus pais, ele estava longe, e a culpa permaneceu próxima. Naquele momento, era a vez de seu irmão liderar Arzallum, e ele não pretendia estar longe dessa vez.

Para isso acontecer, porém, seria preciso sacrificar boa parte de si e de tudo o que chegou a acreditar que poderia renegar. E apesar de ter cruzado fronteiras, e até mesmo cruzado *planos*, era ali a real hora de decidir.

Ele foi chamado de volta ao Salão da grande torre circular. Lá, estavam Livith e Rei Petter Pendragon. O Elfo-Rei não parecia muito empolgado com o momento, mas as dezenas de elfas espalhadas por aquela sala, sim.

Áxel se postou ao lado dela, diante dele. E assim, olhando o Elfo-Rei de baixo para cima, que ele o escutou perguntar:

- Áxel Terra Branford, filho de Primo e Terra Branford, primeiro príncipe de Arzallum, você aceita se casar com Livith, princesa-fada élfica e senhora da Terra do Nunca?

Áxel Branford lembrou-se *dela*. Claro que ele se lembrou dela naquele momento. Claro que, uma vez mais, ele desejou que tudo fosse diferente. Mas aquele não era um conto de bardos.

Aquele era o mundo real.

E era o momento de ele assumir seu papel no mundo.

- Eu aceito.

Elfas sorriram, e sonhos, nas terras humanas, nasceram diante de tais inspirações. A maioria se dirigiu para fora do salão para cuidar de suas funções e dos preparativos.

Ao lado dele, Livith parecia feliz.

E Áxel não sabia se deveria sentir culpa por isso, ou não. Mas uma parte dele, ao olhar para ela, também se sentia bem.

- A cerimônia irá se iniciar em algumas horas... - disse Lirath, irmã de Livith, antes de Rei Petter voltar ao seu trono e mais uma vez afundar seu rosto entre mãos, cabelos e melancolias.

Livith pegou a mão de Áxel e segurou-a entre as suas. Áxel não sabia se o ato se tratava de um carinho ou um consolo.

Não importava, tanto ele como ela sabiam que aquele momento de paz seria temporário.

Que, se algum amor entre os dois pudesse nascer, teria de fazê-lo dentre espinheiros e pedras. E que o mundo estava em guerra.

Aproximadamente dez mil soldados iriam navegar na direção da guerra.

Navios estavam aportados no porto de Andreanne, à espera dos ventos que os levariam para morte. Os soldados marchavam ante os acenos de famílias que talvez eles não vissem mais, e alguns podiam jurar que o cheiro salgado do mar parecia férreo demais naquela noite.

No meio do porto, observando uniformes, brasões e aço, Beanshee, a dama de vermelho, observava os milhares de pessoas que se desencontravam entre lamúrias e lágrimas. Ela sabia quais deles voltariam, e quais não. E, talvez por isso, naquela noite, ela não chorou. Nem sorriu. Alguns uniformizados que passavam por ela conseguiam vê-la, mas não choravam por um lado do rosto.

Ainda.

Entretanto, se perguntados, todos esses que conseguiam vê-la poderiam jurar que o cheiro férreo, que parecia acima do cheiro de sal do mar, vinha dela.

O cheiro lembrava sangue.

- Já no primeiro dia, ele foi preso na cela claustrofóbica improvisada abaixo da escada. Nós estávamos machucados pelo que comemos.

- Machucados, *como*?

- Imagine o que seria para o seu sistema digestivo ter de digerir lascas de madeira que você engoliu como se fosse chocolate. Imagine como seu estômago deve ferver quando você ingere cimento achando que é geleia. Ou quando tem terra nos dentes, porque achava que era suco. Ou como suas cordas vocais ficam quando você engole pedaços de vidro como se fossem passas...

Ariane sentiu a pele arrepiar. Ela já havia ouvido aquela história, mas arrepiar-se-ia todas as vezes em que ela fosse contada.

- A boca sangrava, a língua ardia, a garganta doía tanto, mas tanto, que nós tínhamos de cuspir a saliva ensanguentada, ao invés de engolir.

Ariane apertou os lábios, refletindo se gostaria *mesmo* de conhecer as piores partes. Mas aquele já era um caminho sem volta.

- Ela prendeu João debaixo de uma escada em um local escuro. De dia, ainda entrava luz por algumas brechas. De noite, ele ficava no breu total. O mais difícil, porém, para ele, era perceber os ratos que corriam próximos e *esbarravam* nele. Ou subiam nele. E também escutar meus gritos...

- Você gritava por quê, Maria?

- Eu era uma escrava naquela casa. Eu limpava crânios, potes, ninhos de morcego. Tudo acorrentada pelos pés. Eu pensava em fugir de vez em quando, mesmo que com dificuldades,

mas... eu não podia deixar meu irmão sozinho lá.

- Você acha que não conseguiria chamar ajuda a tempo?

- Não sem poder correr. Seria mais fácil a velha me achar.

Sabe, que bom que no seu caso aconteceu, Ariane, que bom *mesmo*, mas nem em todas as histórias aparece um caçador herói...

Ariane era pura seriedade.

- E todos os dias a velha vinha com uma longa agulha aquecida. Uma maldita agulha que ela enfiava em um lugar que escolhia na minha pele, para depois rir...

- Por que ela fazia isso?

- Ela era uma canibal capaz de ficar dias sem se alimentar. Ela não precisava comer carne todos os dias. Ela só precisava *sentir o gosto*, entendeu?

Ariane sentiu enjoo.

- Está dizendo que depois de espetar você com a agulha aquecida...

- Ela se recolhia para uma cadeira de balanço e ficava lá lambendo a agulha como se fosse um doce...

A metáfora era cruel.

- Era assim todos os dias, Maria? - Ariane estava quase derramando lágrimas só por projeção.

-Você quer ver?

Ariane aquiesceu, mais por ter consciência do tal caminho sem volta em que havia se metido do que por real vontade.

Maria soltou uma parte do ombro do vestido que usara para sair com Casanova. Era um vestido que cortava em diagonal por cima de um top e deixava um dos ombros à mostra. No caso, ao soltar a alça, toda a parte do tronco caiu em seu colo, deixando-a apenas com um top que lhe cobria o busto. Ela então virou de costas para Ariane e afastou o lindo cabelo liso.

E Ariane então viu as dezenas de pequenas cicatrizes nas costas dela.

- Maria...

- Se eu não trabalhasse, ela me batia com uma panela. E sempre me chamando daquele nome, que na boca dela soava sinistro: *anda, cabelo de ovelha... trabalha, cabelo de ovelha...*

- Mas... o seu cabelo é lindo! Não entendo por que ela insistia que seu cabelo parecia...

- Não o cabelo de uma ovelha *viva*, Ariane. Mas de uma ovelha morta, depois de ter a pele separada em um caldeirão de água quente...

Ariane inspirou fundo e, mais uma vez, achou que ia vomitar.

- Já João tinha de comer em excesso para ser sacrificado no futuro. Só que aquela mulher só tinha... *bichos* para dar a ele.

Para ele comer, ela tinha... tinha., de fazer aquela *coisa* com ele, sabe? Aquilo que ela fez pra gente comer as coisas achando que eram doces...

- Magia negra...

- Bom, o fato era que tudo o que comia obrigado ele vomitava.

Logo, ao invés de engordar, ele começou a se tornar cada dia mais magro, fraco e esquelético. E um dia a velha resolveu que estava de saco cheio e que iria matá-lo assim mesmo...

As mãos de Ariane estavam úmidas. A boca, seca.

- E ela o tirou lá de dentro, e, tadinho, ele estava muito fraco e machucado e mal conseguia falar. Na verdade, ele *não* conseguia falar! O cabelo dele tava grande e cheio, as unhas imensas, e havia patas de baratas presas entre os fios...

- Ela havia *preparado* o salão antes?

- Sim, ela havia espalhado fumaça com um... peraí, como você sabe dessas coisas?

- Ah... - e Ariane, antes que começasse a gaguejar, disse: - O João me contou uma vez sobre algumas coisas que bruxas fazem...

- Verdade? - Maria parecia *realmente* surpresa de imaginar o irmão falando sobre tal assunto.

- Mas e depois que ela trouxe ele?

- Ela o amarrou em uma cadeira e acorrentou os meus pulsos para eu só poder ficar olhando. E, daí, eu comecei a gritar e a pedir pra ela parar e pra soltar a gente! Mas ela só ria! E então ela tirou a roupa do João e começou a passar a fumaça de um defumador ao redor dele! E então ela começou a murmurar palavras em um idioma sombrio e a girar aquela coisa ao redor de determinados pontos do corpo do João, sabe?

*Círculos*. Ariane sabia do que Maria estava falando, Madame Viotti a havia falado sobre os *círculos energéticos* ao redor do corpo humano.

Locais onde o corpo absorve e troca energia entre o mundo material e espiritual.

- Quantos anos ele tinha mesmo, Maria?

- Sete...

*Sete*. A idade em que os círculos de uma criança se tornam completamente consolidados.

- Mas então não foi nesse dia que...

- Não. Sabe, pensando mais friamente aqui, ela *queria* fazer mal a ele até naquele dia. Mas... ela não conseguiu...

- Ele reagiu?

- Ele nem tinha forças pra isso. Mas, não sei, ela... quando chegou no círculo acima da cabeça dele... eu não sei se ela *viu* ou se ela *sentiu* alguma coisa... mas foi alguma coisa diferente. Sabe, ela ficou nervosa, ficou com raiva, mas, de repente, modificou a expressão...

Ariane queria balançar Maria para fazê-la falar logo tudo de uma vez, mas conseguiu se controlar.

- Conta melhor...

- Ela tinha um... corvo... que, de repente, começou a berrar aquele grito agudo insuportável. E a velha arregalou os olhos, como se só então se desse conta de alguma coisa que não havia percebido antes. E então ela começou a xingar tudo e

todos, dizendo que João estava com o *corpo fechado*...

Ariane daria tudo para que Madame Viotti pudesse estar ali com ela naquele momento, escutando aquele relato. Maria Hanson até conhecia Madame Viotti, mas simplesmente como uma estudiosa em artes das trevas que gostava da companhia de Sabino von Fígaro, mas daí a saber que ela havia iniciado Ariane por ser a sacerdotisa de um *coven* de bruxas ia muito além do que *deveria* saber.

- E ela prendeu ele de novo?

- Foi, mas, como, pelos motivos dela, ela não podia ferir o João naquele dia, ela começou a *reparar* melhor nele. E então a expressão dela se modificou de novo, e ela ficou em êxtase quando percebeu *alguma coisa* nele...

- O que você se lembra de ela ter dito?

- *Ela disse coisas como...* ter mirado no cordeiro e acertado no pastor...

- Hum...

Ariane tentou e tentou e tentou, e não conseguiu chegar sozinha a uma compreensão que fizesse lógica.

- E ela começou a dizer que iria mandar chamar *algumas convidadas*. E elas iriam brindar sob a *lua de sangue* aquele momento histórico...

Ariane tentava processar tanta informação, mas, para isso, precisava fechar alguns buracos:

- Como ela fez para convidar tais pessoas?

- Ela tinha uma espécie de *serviçal*.

Ariane arregalou os olhos.

- Vocês nunca contaram isso!

- Nós nunca contamos nada do que estou lhe dizendo, Ariane.

Só para a Guarda Real...

- E quem era esse *serviçal*?

- Era o mesmo que trazia os bichos para ela comer. Ele

aparecia muito pouco, acho que uma vez por semana apenas, e apenas quando a noite era um breu total. Eu nunca vi o rosto dele, mas...

-Mas...

- Mas ele cheirava a sangue, sabe? E, bom, quando eu tinha de cozinhar os bichos, eles nunca tinham sangue dentro deles...

- Você acha que o *serviçal* dela podia ser um...

- Eu acho que ele... bebia o sangue dos bichos antes de entregar a carne...

Ariane mais uma vez perdeu a voz.

- Você escutou ela chamar o nome dele alguma vez?

- Não sei se *era* o nome dele. Mas Babau se referia a ele como *Nosferatu!*

O nome já arrepiava. As duas.

- E esse... essa *coisa* aí foi chamar as convidadas dela?

- Sim, acho que eram três bruxas. Mas eu não me lembro do nome de nenhuma delas...

Ariane se calou e deixou o nariz apoiado sobre um punho

fechado, pensativa. E de repente, sem preparação, perguntou:

- Maria, volte aqui em uma coisa. Então ela não pôde fazer mal pro João, porque o João estava com o *corpo fechado*...

- Sim. E, então, mais tarde a gente entendeu...

- Foi o tio Hanson, né? Naquele pacto com o conde. Foi ele que *fechou* o corpo do João...

- Em troca da própria alma...

As duas ficaram em silêncio uma vez mais.

- Você... - Ariane arriscou. - Você acha que o João conseguiu *livrar* a alma do tio Hanson? Sabe... no Tribunal de Arthur... ao *matar* o conde...

- A falta de certeza é o que atormenta meu irmão todos os dias, Ariane.

Ariane, por um momento, sentiu-se mal. Seu namorado era o garoto mais responsável e corajoso que ela já conhecera na vida; um jovem de vida difícil que carregava um mundo nas costas por situações muito maiores do que ele deveria ser capaz de suportar.

E ela, em vez de dar o apoio que ele precisava, ultimamente ainda andava atazanando a vida do escudeiro com ciúmes bobos e ataques de cólera.

- Mas então teve o dia em que a velha resolveu que poderia continuar...

- Sim. Ela viu que o corpo de João só teria uma *brecha* em uma lua negra. E foi quando mandou que eu cortasse uma das

mãos dele, e colocasse sangue em taças, e tirasse o coração

dele para ela comer mais tarde...

- E você matou o corvo.

- Sim, e ela foi olhar o caldeirão. E eu sei lá como, em um acesso de raiva e loucura, acertei-a com a mesma panela com que ela me batia se eu não trabalhasse. E ela caiu no caldeirão...

- Mas então isso explica por que ela não morreu...

- Como assim?

- Se ela tinha mandado você colocar sangue na taça, devia ser pra dar pro serviçal dela!

E Maria se surpreendeu sobre como tudo era tão óbvio.

Bastava apenas ela *querer* lembrar dos detalhes que os Hanson sempre quiseram esquecer.

- Você acha que o serviçal deveria estar por perto?

- E claro! Foi ele quem deve ter tirado Babau de dentro do caldeirão fervendo, logo que você e o João fugiram. Do contrário, aquela velha horrorosa teria *fritado* lá...

Ariane falava com raiva. Maria chegou a se assustar com o tom. Entretanto, ela também odiava Babau a ponto de compreender o sentimento.

- Sabe... Maria... tem duas coisas que eu queria que você soubesse. Mas, assim como você só quis me contar hoje sobre essas coisas que eu não sabia, eu queria também que você me desse o direito de só querer lhe explicar como eu sei dessas

coisas quando eu me sentir à vontade...

Maria se ajeitou na cadeira. Se a situação fosse oposta, Ariane iria enchê-la de perguntas antes de concordar. Já Maria simplesmente virou e disse:

- Está certo.

- Eu vou levar a gente até uma pessoa que você conhece, mas que eu queria que você mantivesse essa promessa, tá? De só escutar e de não fazer perguntas sobre *como* ela sabe determinadas coisas, tá?

Maria ponderou muito pouco. E disse:

- Está certo.

- Então, levanta e vamos logo! Coloca uma blusa minha pra você não ficar andando com esse vestido. Vamos falar com quem pode realmente nos ajudar.

"Vamos descobrir, afinal, embora eu já esteja com medo de saber, em quem ou no que João pode vir a se tornar..."

**43**

Aquele era o casamento que decidiria uma parte da guerra.

Primeiro, ela entrou vestindo um tecido de linho prateado e leve, que apenas reforçava o brilho da pele dourada. O cabelo longo era preso por uma grinalda violeta, e havia um cinto de elos de ouro ao redor da cintura. Usava anéis cor de jalne espalhados nas duas mãos e brincos que prendiam jóias na cor rubra. Calçava sandálias, cujas tranças douradas subiam em entrelace ao redor do tornozelo, e havia um cordão de ouro

onde se prendia uma medalha de prata polida, com o símbolo de um sol gravado no centro.

Ele entrou do outro lado, ao mesmo tempo, com as vestes que lhe foram dadas. As roupas eram mais escuras e tendiam a um tom entre o verde-musgo e o âmbar. As bainhas possuíam tiras de tecido prata, que reforçavam a beleza do tecido esmeralda-escuro, e calçava sandálias de cor turfa com presilhas ao redor de cada dedo. Ao redor do pescoço, também havia um cordão de ouro, onde se prendia, dessa vez, uma medalha de prata polida com o símbolo de uma lua cheia talhado.

De início, o príncipe estranhou as escolhas, afinal, visualizava o sol como um símbolo masculino e a lua, feminino. Lirath, a elfa-amazona que o ajudara a se preparar, porém, o havia explicado bem. Para aquela raça, astros não tinham sexo. E o Nunca era a Terra Onde Não Escurecia.

Logo, o sol era élfico. E a lua era humana.

A cerimônia estava acontecendo no coração de Themiscyra. O local tratava-se de um suporte circular erguido por poderosos cabos entre duas pontes. Como se localizava bem no coração do lar das elfas-amazonas, centenas delas acompanhavam a cerimônia não apenas na mesma altura em que a plataforma era erguida mas também nas centenas de metros acima e abaixo, dos mais variados e inusitados ângulos possíveis de se enxergar alguma coisa.

No centro da plataforma circular, estava Rei Petter Pendragon.

Vestia uma roupa de couro preto grosso, que lhe cobria o tronco, mas não os braços. A peça de couro se estendia até a altura do joelho, com duas fendas laterais e com a cintura presa por um cinto pesado com fivela de ouro quadrangular. Havia uma calça igualmente escura por baixo da vestimenta única e botas com tiras prateadas amarradas, cuja dobra erguia-se até o tornozelo. Dois braceletes de bronze adornavam-lhe os punhos, e havia anéis de batalha nos dedos. Na parte superior do peito, dois imensos botões de prata tinham a função de dragonetes e prendiam uma capa vermelha, que lhe caía nas costas por baixo do cabelo longo ruivo. Não sorria nem parecia um pouco mais feliz que fosse.

Ao lado dele, uma elfa-amazona clériga com uma tiara de couro trançada ao redor do topo da cabeça e um vestido tão branco que parecia no limite em que um vestido poderia se esbranquiçar antes de se tornar translúcido.

Áxel observava as expressões de dezenas de elfas-amazonas. Completamente diferente da reação de uma mulher da raça humana, ali elas observavam a cerimônia com a expressão que um cidadão se impõe quando um servo real resolve ler algum decreto de um Rei em praça pública. Uma expressão que demonstra que levavam aquele momento a sério, mas que não estariam ali se não fosse estritamente necessário, ou que foram tomados pela curiosidade de algo externo que lhes tirasse da rotina.

A elfa-amazona clériga costumava abençoar recém-nascidos, realizar cerimônias religiosas e até mesmo realizar casamentos *entre elfas*, informação que deixara Áxel de cabelos em pé. Na verdade, a ideia de casamentos entre elfas não se dava como no conceito humano, mais estava para uma ligação entre irmãs. Elfas-amazonas não dormiam juntas e, se o fizessem, não era da nossa conta, mas os atos com intuito de reprodução de seus rebanhos ainda eram através dos índios moicanos selecionados, que serviam no Nunca por vontade própria. Se duas elfas-amazonas morassem debaixo do mesmo teto, suas crianças-elfas cresciam juntas, embora não houvesse o apego maternal.

Era esse o conceito mais próximo de família humana que aquela raça conhecia.

Logo, casar uma elfa com um ser masculino era um momento único para a clériga. Ela teria tido a oportunidade de fazê-lo antes, com Rei Petter Pendragon, mas, infelizmente, Wendy Darling não sobrevivera para isso.

Livith entrou de um lado da ponte, e quem observasse poderia jurar que era uma ponte firme, tal a segurança com que ela andava sem que a plataforma sequer tremesse. De mãos dadas com ela, uma criança-elfa com as típicas orelhas em diagonal para baixo caminhava sorridente, lembrando ao menos um pouco uma reação humana na mesma cerimônia.

Do outro lado, Áxel era o oposto. Cada vez que pisava na

ponte construída com madeira e cipó trançado, mais parecia que estava andando na corda bamba de um circo itinerante. A ponte tremia; o corpo balançava; o mundo bambeava e, ainda assim, ele tinha de caminhar sem olhar para trás. Caminhar na direção dela, a elfa de longos e cheios cabelos violáceos, cuja pele parecia de ouro. Caminhar na direção de outro coração. Caminhar na direção de um casamento que poderia mudar o destino do mundo.

Ao seu lado, outra criança-elfo também o guiava e era essencial para que ele conseguisse chegar de um ponto a outro. Eles caminharam até pisarem na plataforma circular, e Áxel sentiu o bambeio da base mais uma vez, como o chão em que estivesse tentando se manter de pé fosse uma imensa cama elástica. Para os elfos, era como se pisassem em terra firme.

A clériga-elfa começou a falar em erdim, e Áxel entendeu a *intenção* de tudo o que ela quis dizer:

- Pela eternidade de uma era, pelo tempo em que uma vida élfica possa existir, pelo tempo que um sol consiga iluminar uma terra que não escureça, pelo sentimento que dá vida a seres formados de éter, pela força espiritual que dá vida a semideuses, pela fé capaz de criar deuses acima de nossas compreensões, pela egrégora que une universos e dá sentido à Criação...

Livith se virou para Áxel Branford e tocou em seu cordão

circular com a forma de um sol. Para surpresa de Áxel, com a pressão correta, o círculo se partiu de forma perfeita, separando o desenho do sol em dois.

A elfa então aquiesceu para o príncipe.

Áxel Branford tocou a própria medalha de prata, demorou um pouco mais, mas então encontrou o ponto onde fazer pressão.

A medalha da lua também se partiu.

E, então, Livith se aproximou dele e com sua metade partida com a imagem do sol encaixou na metade da lua ainda presa no pescoço de Áxel Branford. E disse:

- Pela luz infinita que brilha no sol eterno que o Ocaso não pode ter...

E então, mais uma vez, Livith fez a pressão no ponto certo, e a sua metade se prendeu novamente à de Áxel Branford, dessa vez formando um símbolo com a metade de um sol do lado esquerdo e metade de uma lua do lado direito.

Áxel levou sua metade ao cordão dela e disse o que veio à mente, empurrado pelo coração:

- Pela estrelas românticas que brilham na noite que o Nunca não pode ver...

A metade foi presa, formando uma figura com a metade de uma lua cheia do lado esquerdo e a metade de um sol do lado direito.

E então a clériga-elfa disse:

-As linhas que os ligam à vida e aos sonhos agora estão

entrelaçadas. E o Destino que olha pela estrada dos dois agora é apenas um.

Foi então que Áxel compreendeu que era chegado o momento de *abraçar a noiva*. Aquele era outro momento único da cerimônia. Afinal, seu primeiro impulso como ser humano seria beijá-la. Mas, para as elfas-amazonas, o abraço era um ato muito mais intenso do que o beijo. E foi assim que Livith entrelaçou os braços ao redor do pescoço dele e se encaixou em seus braços. Áxel curvou um pouco o corpo para que seu peito chegasse o mais próximo possível do dela. Ela havia compreendido que essa era a chave daquele momento.

O momento em que ambos compartilhavam a mesma batida de coração.

Áxel inicialmente sentiu desconforto, afinal, aquele era o abraço mais longo da sua vida. Aos poucos, porém, uma sensação de calor começou a unir os dois. Era uma sensação de calor diferente da *sensação térmica* de calor, porque essa sensação vinha de dentro para fora. Era como se houvesse um círculo de uma mesma energia, uma mesma força vital que girasse dele para ela, e dela para ele, a cada momento, em igualdade maior. Ele inspirava forte junto com ela, e, quando os pontos cardíacos de ambos eram pressionados mais forte, eles pareciam compartilhar dos mesmos sentimentos.

E Áxel se sentiu vivo. E sentiu a beleza de estar vivo. E a pureza de estar vivo.

Livith deitou a cabeça no ombro dele, e ele a apertou ainda mais junto a si, como se aquilo *viciasse*. Como se ele e ela pudessem sofrer uma amálgama e se tornar um único ser, não de matéria, mas de energia mais pura. De sentimentos mais puros. Como se ainda fosse possível realmente qualquer ser vivo... de qualquer raça... de qualquer crença... de qualquer lugar, existir, e coexistir, em um único mundo. Fosse esse mundo falado em línguas vivas, mortas ou de *intenções*. Fosse esse mundo material ou etérico. Fosse esse mundo comandando por sentimentos tão extraordinários, que seriam dotados do fantástico.

Um mundo que não necessitaria de Leis de Fadas. Nem de Leis de Homens.

Um mundo que não caçaria bruxas nem idolatraria fadas. Um mundo onde a dor não ensinasse, mas fosse uma exceção. Um mundo onde amigos se veriam de novo. Um mundo onde pais não seriam separados bruscamente de filhos. Um mundo onde a riqueza não poderia ser tomada, pois não haveria preço no valor da paz interna. Um mundo de diferentes lágrimas, mas de um único sorriso.

Um mundo de um único sentimento. Um mundo de um único sangue.

Um mundo de uma única vida.

Um mundo de um único amor.

Rei Anísio Branford parou no centro do cais, observando o horizonte triste e sombrio.

Um de seus capitães lhe perguntou:

- Vossa Majestade terá certeza de que não devemos esperar pelo amanhecer?

- Quando amanhecer, capitão, quero que estejam singrando mares e visualizando destinos. Eu estarei no campo de batalha mais rápido do que conseguem pensar. E as batalhas começarão mais cedo do que qualquer um de nós consiga imaginar. Provavelmente antes do nascer do sol.

O capitão aquiesceu. E disse antes de se retirar:

- Majestade...

Rei Anísio Branford ficou ali, observando os soldados que eram seus há tão pouco tempo já sendo enviados para campos de batalha. Sentiu o peso sobre os ombros que sustentavam dragonetes e uma pesada capa, a cada momento mais pesada pela água de chuva que ia se acumulando. Talvez o peso viesse do fardo. Talvez, da consciência.

Talvez da presença de Beanshee atrás do Rei.

Ele não podia vê-la, mas podia senti-la, não porque era Rei, mas porque *estava* vivo. A nuca arrepiava, e ele sabia que não era *apenas* de frio. Ele sabia que *ela* passeava por ali.

E tinha de ser forte o suficiente para ainda assim seguir em frente.

Seguir como esperava que seu irmão estivesse seguindo. Se

Áxel falhasse, toda Arzallum falharia. Seu castelo de cartas iria cair, e ninguém jamais iria saber erguê-lo novamente.

Entretanto, entre pensamentos, temores e anseios, naquele silêncio, diante da chuva, da coragem e de tudo o que emanava, Anísio Branford fazia uma oração.

Ele orava a seu Criador para que estivesse fazendo o que era esperado dele.

Ele orava a milhares de semideuses para que lhe dessem vida por tempo suficiente para que cumprisse os desígnios que seu pai lhe dera no nascimento. Desígnios que apenas ele conhecia. Desígnios que nem mesmo semideuses seriam capazes de imaginar.

Desígnios que apenas seu Criador seria capaz de desvendar.

A chuva que caía transbordava no silêncio do Rei. As lágrimas que jorravam ao redor daquele Rei, de um modo maior, tocavam na responsabilidade dele.

E, de costas para a morte, Rei Anísio Branford pediu pela vida de seus soldados.

Não houve gritos de guerra. Não houve discursos inflamados.

Apenas as lágrimas das famílias em espera, que caíam em poças de águas sujas, e apenas os anéis de água que iam sendo formados pelas lágrimas da chuva, que tocavam a escura água do mar.

E não importava se os círculos concêntricos eram formados pelas lágrimas dos homens ou pelas lágrimas da chuva. A cada

vez que aqueles reflexos oriundos do toque de água em duas formas diferentes formavam outros círculos, fosse nas poças escuras, fosse no mar sombrio, a impressão que se tinha sempre era a mesma.

Quando o dia amanhecesse, as primeiras batalhas já teriam começado.

Aqueles malditos círculos eram círculos de chuva.

# ATO III

## CÍRCULOS DE CHUVA

01

Os olhos se mantinham fechados, sentindo a chuva que lhe encharcava o corpo ajoelhado. E nu.

Havia um cheiro de orquídea no ar, e dizem que as orquídeas são as flores com o melhor cheiro do mundo. Aquele garoto já havia sentido um cheiro muito semelhante a chocolate e a morango em orquídeas raras. E por isso era irônico que, naquele momento, ele sentisse novamente algo parecido.

Afinal, quando criança, aquele cheiro costumava lhe lembrar o melhor da vida.

Depois de quase ter sido sacrificado em um ritual de magia negra por uma bruxa canibal, o mesmo cheiro passou a lhe lembrar o pior.

João Hanson sentia as costas sendo rasgadas e não gritava.

Lágrimas de dor escorriam; dentes eram trincados; dedos se espremiavam até travarem e se porem a tremer.

E atrás dele, a fada caída continuava a desenhar em suas costas *algo* que ele não conseguia ver. Ele sentia o rasgo sendo feito por um pedaço de teixo, uma árvore com seiva e folhagem *venenosas*. Entretanto, aquele pedaço de madeira na mão daquela fada caída não se tornava um pedaço de galho.

Tornava-se uma *varinha* de utilidade mágica.

Curiosamente, o teixo, ao mesmo tempo em que era composto de *taxina*, um alcalóide venenoso, também era composto de virtudes curativas, como o *taxol* que havia em suas folhas, um agente antitumoral já conhecido há anos por tribos de índios moicanos extintas ou que *nunca* mais foram vistas.

João Hanson não fazia ideia se o contato com aquilo iria lhe fazer bem ou mal.

E nem mesmo parecia mais se importar.

A pele foi cortada uma vez mais, na direção vertical. Antes, havia sido cortado na horizontal, na altura das omoplatas.

Agora, o desenho se iniciava pelo alto e descia se estendendo pela coluna vertebral. Sangrava muito. João podia ver o sangue que, de vez em quando, caía na terra molhada em que estava ajoelhado.

Ainda assim, ele não gritava.

Mas o mais curioso era que, quanto mais a fada caída ia lhe cortando, mais intenso ele sentia algo *queimar* no estômago, espalhando-se pelo corpo como eletricidade. Os dentes começavam a mostrar os caninos, e o mundo, a cada momento, parecia diferente.

Fosse para o bem ou para o mal.

Ela espalhou o sangue dele pelo desenho como se fosse tinta, e aquilo *ardeu*.

João Hanson, ali, nem mesmo podia ver, mas após o sangue ser espalhado por aquela varinha nas mãos da *caída* e

preencher os espaços do desenho tatuado ele ia se tornando *negro*.

- Escolha três nomes - a fada caída disse, com sua voz tão gélida quanto a pele pálida, diante daquele espartilho e dos cabelos escuros. - Três nomes que estarão ligados à sua linha da vida em todas as vezes e por todas as vidas que você caminhar.

João Hanson compreendeu. Três nomes que fechariam seu corpo e que iriam se fechar em seu corpo.

- Você sabe quais são...

A fada caída nem mesmo sorriu. Na omoplata direita, ela tatuou um "H". Na omoplata esquerda, ela tatuou um "M". Na base da coluna, ela tatuou um "A".

O mais curioso era que, pela numerologia, a soma daquelas três letras resultava em algo bem especial em se tratando de caçadores de bruxas.

-Você possui agora a soma de um número 13 nas costas.

Existem caçadores que venderiam a alma por isso...

João Hanson não comentou. E então sentiu as costas, na altura da região entre as omoplatas, *queimarem* novamente.

- O que você está fazendo? - ele perguntou com a voz rouca.

- Estou lhe dando o nome que você carregará até não ser mais seu.

João continuou ali sentindo a madeira lhe cortar como uma lâmina e o sangue ser espalhado como tinta.

E, mais uma vez, ele não emitiu um único grito.

-De pé...

Quando ele se ergueu, cada junta pareceu estalar um som cansado. Sentia um pouco da dor que sente o homem com cãibra, mas por um período muito menor de tempo. Pois o mais curioso era que, por mais sombrio que aquele momento fosse, e por mais difícil que viesse a parecer, ele se sentia *renovado* a cada respiração.

Ainda que cada respiração parecesse lhe custar um pedaço de sanidade.

- Em nome das forças inomináveis, de energias indestrutíveis, e de mantras inextinguíveis, eu dou por iniciado este trabalho...

Os pelos dele voltaram a se arrepiar. O nariz começou a sangrar. Entretanto, João Hanson, pela primeira vez na vida, estava *gostando* daquela sensação.

Ela rodopiou a varinha acima da cabeça dele. Depois agitou como se jorrasse fluidos ali. E a manteve estática, como que *fixando* aquela energia. E assim o fez diante da testa. E diante da garganta. E diante do peito. E diante do baço. E diante do umbigo. E abaixo do umbigo.

João Hanson sentiu-se invadido por uma energia primitiva, que lhe trazia à tona instintos que ele não tinha condições de bloquear.

-Você agora é um caçador de *corpo fechado* - ela disse,

indicando a armadura espalhada no chão. - E seus círculos de energia estão despertos...

João Hanson começou à vestir o uniforme de batalha, e o olhar mais lembrava um felino à espera da caça.

- Você agora pode penetrar em locais profanados, pode chutar trabalhos de magia, pode derrubar paredes de crânios, pode até mesmo cuspir na mesma saliva de uma bruxa e, ainda assim, não será afetado. Seus inimigos não poderão lhe fazer mal através de magia, e você sentirá suas presenças como sente o cheiro de chuva ou sente o frio do vento...

João Hanson prendeu a espada e mostrou os caninos para a fada caída. Seria possível dizer que até mesmo se ouvia *rosnados* vindo dele.

- Entenda que você não estará usando seus dons para caçar. Você estará caçando porque *é este* o seu dom. -

Definitivamente, havia *rosnados*. - Os tempos nesta Era Nova estão corridos, e é preciso que seu processo seja mais acelerado do que se parecia a princípio.

Antes que ele colocasse o elmo fechado, Strix ainda foi até ele e esticou a varinha na altura dos olhos. E então ele *viu* onde sua protegida estava presa. E, como um predador libertado da coleira, partiu como um bicho selvagem pelas trilhas sombrias da Floresta das Ândidas.

O menino que havia sobrevivido a bruxas sombrias agora estava prestes a caçá-las.

- A situação do João me lembra *as três fendas*.

Maria Hanson e Ariane Narin se olharam, com impressões curiosas. O típico olhar de quem não sabe se está ouvindo algo definitivamente positivo ou exclusivamente destrutivo.

- O que é isso, madame? - perguntou Ariane.

Madame Viotti pensou no quanto deveria ser dito. Havia sido procurada por Ariane e se surpreendeu quando a menina adentrou com Maria Hanson. Mas, pela urgência na voz da menina, algo estava realmente diferente naquela noite.

E Madame Viotti decidiu que iria até o fim.

- Quando uma pessoa... vai se tornar espiritualmente avançada, ela passa por espécies de *provações*, compreendem?

Ariane parou e observou Maria para notar se ela questionaria algo, mas Maria continuou apenas observando. Ariane gostou disso.

- Por exemplo, para alguém se tornar o Pendragon... -

continuou Viotti. - É preciso que o escolhido passe por três grandes *provações*. Três momentos de dor, que lhe trarão a evolução necessária.

- Mas... - dessa vez Maria se manifestou, entretanto, ignorando curiosidades maiores que rodeavam aquele momento - ... essa evolução tem sempre de ser feita através de momentos ruins, madame?

- Isso varia de acordo com a Era que o planeta passa. No caso

de Nova Ether, estamos iniciando a Era Nova, onde

passaremos por momentos de provações intensos e então teremos o merecimento e a evolução espiritual. E o mundo passará a evoluir por provações através de amor.

- Assim também foi a Era de Rei Primo Branford? - perguntou Ariane.

- Não. Primo deu fim à Era Antiga. Uma Era onde *tudo* era dor. Seu Reinado foi marcado pela provação da *Caçada de Bruxas*, que lhe deu a bonança temporária. Mas mesmo ele sofreu na pele ao final por não compreender que ainda não havia terminado tamanho sofrimento. E a Era Nova ainda não havia se iniciado.

- E por que a senhora acha que o João passou por *três feridas*?

- insistiu Ariane.

- Queridas, eu preciso que entendam que o que vou dizer agora é baseado apenas em fatos, não em minha opinião ou meu real desejo, compreendem?

As duas aquiesceram.

- O fato é que, por mais difícil que seja pensar nisso, nós sabemos que, se dependesse apenas do Destino, João Hanson estaria morto.

Ariane e Maria sentiram uma pontada no coração. Aquele era o tipo de assunto que nenhuma das duas gostava de comentar, ou nem sequer pensar sobre. Antes que se manifestassem, e antes que o ego começasse a gerar negações ante o óbvio,

Madame Viotti concluiu:

- João teria sido morto sacrificado por Babau na Casa de Doces, mas, graças ao pai e a Maria, ele sobreviveu. Depois, teria sido morto pela mesma bruxa na Catedral da Sagrada Criação, mas Ariane intercedeu por ele. E agora parece que ele teria sido morto pela terceira vez. E mais uma vez, por algum motivo não natural, ele evitou a morte...

As duas jovens queriam fazer milhares de perguntas. Mas não conseguiam, qualquer pergunta iria gerar mais perguntas e mais conhecimentos que ambas não sabiam se estavam realmente preparadas para ter.

- E, se um espírito consegue superar a morte três vezes em uma única vida, é porque existe algo de especial na linha de vida dele, que lhe será cobrado.

- Está dizendo que o João é um garoto especial? - perguntou Maria.

- Estou dizendo que ele é um *tocado*. São pessoas escolhidas pelo Criador, capazes de feitos acima da média.

- Feitos de que tipo? - perguntou Ariane.

- Nenhuma pessoa é igual a outra. Algumas são capazes de feitos extraordinários; algumas possuem sangue de fadas correndo nelas; algumas conseguem conversar com seres superiores; algumas conseguem prever o futuro; algumas conseguem curar doenças com o toque; algumas conseguem convocar Dragões de Éter! Não existe uma regra. São seres

escolhidos que ajudam o mundo a evoluir...

- Mas... o que o João teria de especial? - insistiu Ariane. -

Quero dizer, ele sempre pareceu um garoto normal...

- Não, ele sempre foi mais inteligente que a maioria - disse

Maria. - E depois da Casa de Doces... depois da primeira...

*provação*... ele passou a *sentir* coisas...

- E, o nariz dele até sangra, né? - Ariane ponderou.

- *A primeira ferida*... - concluiu Madame Viotti.

Maria estava tão pensativa quanto pálida. E enfim tomou

coragem para perguntar:

- Madame... pode um *tocado*... cair?

Madame Viotti ficou olhando para a menina, surpreendida

com a inteligência da pergunta. Por um momento, imaginou o

quanto Maria Hanson poderia contribuir para um *coven*, se

fosse esse seu destino.

- Se até fadas podem, querida...

Maria ergueu-se *extremamente* preocupada. E desabafou:

- Olha aqui, eu prometi a Ariane que não faria maiores

perguntas sobre como vocês duas entendem... *dessas coisas* e

vou cumprir minha promessa. Eu não pretendo nem quero

saber! Não quero saber nada que seja referente à bruxaria! Eu

já tive amostras dela o suficiente ao longo da minha vida, e

nenhuma delas foi boa para ninguém da minha família!

E Madame Viotti não pôde, mais uma vez, deixar de pensar

em como seria a vida daquela menina *se*, em vez de cair nas

garras de uma maga negra, Maria Hanson tivesse conhecido uma bruxa branca na época em que acreditava na Bondade acima de tudo.

- Mas isso agora envolve o meu irmão! E eu não sei o que ele está se tornando, e seja lá o que for eu quero que você seja sincera comigo, madame! Eu quero que você me diga: João pode se tornar, ou ser manipulado para se tornar, uma pessoa...  
*ruim?*

Houve silêncio.

- Maria, seu irmão possui uma essência. - Viotti disse de forma pausada. - Ninguém pode maculá-la sem que ele permita.

Entretanto, ele pode baixar a guarda em alguns momentos e ser tentado por forças sombrias. E, nesse processo, acreditando estar fazendo o melhor, ele pode ficar cego para determinados atos que venha a cometer.

-A senhora acredita *mesmo* nisso, não é? - perguntou Maria, pensativa.

- Até mesmo Rei Primo Branford passou por isso...

Ariane e Maria ficaram se olhando. As duas tinham a mesma pergunta a ser feita, e foi Ariane quem a fez primeiro:

- E *como* nós podemos ajudar ele a não se perder?

- Vocês são os pilares de quem ele é - ela disse, séria. - Vocês duas e o pai pelo qual ele arriscou a vida para libertar.

Mantenham-se próximas a ele...

As duas continuaram se olhando, como se o mundo, e todo o

fardo que corre em caos pelo mundo, fosse óbvio. Aquilo era algo que elas fariam de qualquer forma. Quando parecia, porém, que aquela conversa enfim havia adquirido um tom mais leve, Madame Viotti disse ainda em intensidade séria:

- Mas estejam preparadas para o futuro antes de colherem os bons frutos. João Hanson escapou da morte por três vezes, e talvez seu corpo tenha sido *fechado* contra ela. Mas isso não quer dizer que Beanshee o esquecerá...

-A senhora acha... que ela vai... continuar *tentando*? - Ariane perguntou, com uma voz em tom melancólico.

- Isso ela irá, como irá com qualquer um de nós, querida. Mas, no caso de João, como ela não poderá tocá-lo mais tão facilmente, ela estará sempre *ao redor* dele. É com isso que vocês duas devem estar atentas.

"E é por isso que ele vai precisar de vocês..."

### 03

Snail Galford estava na proa do navio, observando o horizonte sombrio. Quem observasse de longe poderia jurar que se tratava de uma sombra humana em um precioso habitat.

- Não sei o que é mais sombrio... - disse a voz de Liriel, surgindo ao fundo.

Snail virou o rosto na direção de onde vinha a voz, e ela surgiu ao lado dele. Ele não comentou. Ela concluiu:

- Esse horizonte incerto... ou você.

Snail olhou para baixo, mais uma vez em silêncio. Os dois

ficaram escutando um pouco o barulho daquela orla agitando-se entre choques com o casco e o movimento do vento sobre a água.

Enfim a voz dele cortou:

- Espero que descubra um dia...

- Se eu sobreviver até lá.

Snail, dessa vez, olhou para ela.

- Você *irá* sobreviver. Ou, ao menos até lá, terá tempo para ter uma opinião...

- Por que diz isso?

Snail voltou a ficar em silêncio, e Liriel sentiu um golpe no peito. Um golpe como se não pudesse acreditar que o motivo fosse o que era. Ou que ela imaginasse ser.

Ou, o mais assustador, que ela desejasse que fosse.

-Você quer dizer... que *não me deixaria* morrer primeiro? - a voz dela era cautelosa. Do tipo de cautela que alguém tem quando está pisando em um terreno *extremamente* perigoso.

Snail continuou em silêncio. Liriel continuou tendo a mesma opinião sobre a relação entre ele e a escuridão.

E foi Snail Galford quem sentiu uma pontada quando ela se aproximou dele, mais do que ele esperava. A mão esquerda dela tocou o braço direito dele, e a pele, apesar das sombras esconderem, arrepiou.

- *Aquilo* que você fez... com Scarlet... eu sei que não teve escolha quando eu fui envolvida. E eu sei o quanto deve ter

sido difícil para você ter decidido escolher a ele como inimigo

na hora da decisão final...

Snail *não queria* olhar para ela.

Ela tinha razão, ele havia ido longe demais *por ela*. O Snail Galford que crescera nas ruas sem confiar em ninguém, e sobrevivera devido a tal desconfiança, *nunca* teria trocado a confiança de Will Scarlet, braço direito do Primeiro-Ministro de Stallia, por uma parceira pirata, que poderia traí-lo no futuro. E era disso que ele tinha medo.

Aquele mercenário em silêncio tinha medo do Snail Galford que ele não conhecia.

- Eu o escolhi *apenas* porque vou precisar de você... - ele disse, com seu jeito taciturno.

Liriel suspirou. Uma expressão decepcionada, não porque acreditasse no que fora dito mas porque compreendia a escolha dele e o motivo pelo qual os dois não poderiam avançar em uma vida diferente da que sempre tiveram.

Não naquele mundo. Não naquela vida.

Não naquela Era.

- Você acha... - e ela se aproximou ainda mais. Aproximou-se ao ponto de se localizar a dois palmos dele. Snail Galford desejou estar enfrentando piratas em combates mortais de facas a ter de encarar aquela menina que tinha horror à violência. - Você acha... que, se nossas vidas tivessem sido diferentes... nossos caminhos teriam se cruzado?

Ela era bonita, ele sabia disso. Ainda que as sombras da escuridão lhe maquiassem a pele branca, aquela jovem ruiva tinha traços finos que a faziam a mais bela de um baile nobre, se ela assim desejasse e se arrumasse para tal.

Uma parte de si queria dizer isso a ela. Uma parte de si que Snail Galford gostaria de estrangular.

- Provavelmente jamais teríamos nos conhecido... - ele disse, olhando para ela, com temor oculto.

- E você *se arrepende*? - ela perguntou com aquele ar ácido e desafiador que só ela tinha, ou que na verdade toda mulher tem, mesmo a que não demonstra. Ao menos a pergunta era sincera. O tom, porém, ainda assim, era ácido. - Você se arrepende de termos cruzados nossos caminhos?

Se o coração de Snail fosse uma faca, ele estaria sangrando diante de um buraco no peito do tamanho de um punho, apenas com a possibilidade de admitir o que pensava em admitir.

Ele abriu a boca para responder. Mas não disse nada.

- Você não consegue, não é? - ela continuou com o jeito direto típico. - Você é capaz de enganar Jamil Coração-de-Crocodilo em um blefe lendário, mas não consegue admitir sentimentos que sejam reais, em vez de blefes...

Snail sabia que *tinha* de dizer alguma coisa. Mas, diabos, ele não sabia o quê. Não sem aquilo ser um caminho sem volta.

Não sem ele - nem ela - deixarem de se tornar tudo o que eram

e, dessa forma, tudo o que precisariam ser para alcançar aquele objetivo.

- Nós estamos perto, Gabbiani - ele disse, olhando para ela. E, talvez, naquele momento, o que ele dissesse fosse real. - Nós estamos perto de tudo o que sempre sonhamos no nosso tipo de vida...

- Eu acho que nós estamos muito mais perto do que você possa perceber...

Liriel Gabbiani estava a um único e maldito palmo de Snail Galford.

## 04

Ele seguia o *cheiro*.

Era exatamente como um predador usando o faro, seguindo outro animal rastreado através de uma trilha. João Hanson seguia com os olhos apertados e a expressão séria a trilha de um cheiro equivalente a uma mistura de enxofre com carne queimada. Era compreensível o significado da fragrância perturbadora: em sua mente eram esses os cheiros de bruxas.

E era esse o cheiro daquele local aonde chegava.

Eles a levaram para um local maculado, fechado com magias antigas e construído sobre ossos de homens entrelaçados aos de bichos.

Era exatamente isso que parecia a distância. Tudo parecia nebuloso, havia uma cabana que parecia estar de pé desde o início da vida, havia negritude no interior das janelas cujo pó

abraçado a teias de aranha e insetos dominados impediam de se ver o interior do lado de fora.

Na verdade, não parecia haver diferença entre observar a cabana de fora ou de dentro. A impressão que se tinha era de que sempre se veria escuridão.

Os pelos de João Hanson continuavam em arrepio. O nariz sangrava. Um local de sacrifícios, de rituais maculados, de invocações proibidas e da manifestação de sentimentos que só deveriam existir com a justificativa de ratificar ao ser humano o quanto os melhores sentimentos são realmente melhores de se ter em si. Havia árvores de galhos grossos e tamanhos consideráveis, mas com poucas folhas; árvores que se mantinham de pé, mas com a aparência morta. Os troncos exibiam riscos em forma de símbolos sombrios, delimitando o macabro território como faziam ursos.

E havia eles.

Os malditos golens: os espectros magricelos de altura descomunal e pernas maiores do que as outras. Mancando como aleijados, caminhavam devagar ao redor daquela cabana, como que esperando por algo, ou por alguém. Hanson gostou de pensar que esperavam por ele, mas sabia que isso não era verdade. Para aqueles seres, ele era apenas uma réplica de um guardião de verdade, que eles partiriam em dois como se fosse uma barra de doces.

Hanson observou os fios e procurou o ser andrógono a que se

ligavam. Os fios desapareciam na escuridão das árvores sombrias que ainda possuíam alguma folhagem, lembrando artérias se conectando aos órgãos de um organismo vivo a sua própria maneira. Arrastavam os pés feito zumbis e gingavam sem vida à espera de algo que desse significado às suas existências. Algo que nunca pareciam encontrar.

Escondido entre arbustos agrupados, Hanson começou a perceber as *mudanças* que estavam acontecendo em sua personalidade. A consciência da presença de uma bruxa ou uma *caída* nos arredores já o *chamava*. Uma vez, Ariane lhe contou sobre um sonho estranho de uma terra em que cavaleiros acendiam os olhos quando próximos de seres bestiais, e, para variar, a garota se ofendeu quando ele riu da seriedade com que ela levava aquela conversa. Dessa vez, porém, os olhos não se acendiam, mas era impossível negar que ele passava a compreender a atração irracional de um inimigo por outro. Seu plexo solar tinha espasmos, e ele sentia crescer na região abdominal uma quentura, que *fervia*. Aquilo começava a fazer o corpo tremer, como alguém que acumula raiva enquanto está sendo humilhado por muito tempo por alguém. O cheiro incomodava, mesmo porque ele sabia que só iria parar quando sua caça fosse morta.

E o que João Hanson mais começava a temer naquele momento era que ele precisava querer acreditar que sua preocupação com a mulher que deveria proteger era maior do

que sua vontade de matar a *caída* que a capturou.

Rastyara.

Do ponto de vista estratégico, não havia muito o que ser feito.

Eram muitos. E ele *não* conseguiria entrar naquela cabana sem

ser visto. Um cavaleiro comum bem treinado talvez o

conseguisse; um Cavaleiro de Helsing, provavelmente.

Ele, não.

Hanson teria de escolher um maldito golem para atacar

sorratamente e então todos os outros saberiam que ele ali

estava, afinal, eram interconectados ao mesmo ser místico. O

correto, na verdade, seria encontrar a maldita fada caída, mas

novamente ele teria de arcar com a frustração de ainda não ser

treinado o suficiente para encontrar uma entidade em seu

próprio habitat. Logo, começou esgueirando-se por entre

arbustos espinhosos, ignorando a dor dos cortes. Rastejou pela

terra feito uma cobra e rolou para detrás de troncos quando

algum ser grotesco se aproximava demais. Retirou devagar a

espada da bainha.

E então, quando um deles lhe deu as costas, ele emitiu um

BERRO e correu na direção do golem.

O gume da espada cortou alguns dos fios que partiam do que

deveria ser pele dos tornozelos, cotovelos e costas, e o

grotesco guinchou, caindo no chão e debatendo-se como uma

mariposa ferida, emitindo barulhos perturbadores capazes de

arruinar as noites de um bom homem. Os outros se agitaram e

caminharam rápido, na medida em que as pernas mancadas permitiam, na direção do invasor. Hanson viu aqueles seres medonhos caminharem em ângulos tortos em sua direção, e a visão era muito parecida com a da primeira vez em que terminara aleijado. Só que ali ele estava novamente de pé.

E não havia o medo anterior.

Ele se esquivou do primeiro e cortou um dos fios dos braços.

Recebeu um GOLPE na nuca e cambaleou trôpego feito

bêbado. Um braço fino segurou-lhe o ombro, e ele sentiu a

região queimar com os típicos espinhos presentes nas palmas

daquelas aberrações. Virou a espada e começou a golpear, e

golpear, e golpear com o cabo em vez do gume. O bicho o

soltou, e Hanson girou a espada em círculo. A mão do ser

bizarro foi decepada. Hanson *adorou* os guinchos de dor. E

então lhe cortaram as costas. E os braços. E um deles se

abaixou e fechou as duas palmas em uma de suas pernas. O

corpo *implorou* pelo desmaio. Mas a consciência, a vontade de

caçar e o prazer que os guinchos de dor daquelas criaturas

emitiam impediam o desfalecimento. Braços começaram a lhe

acertar com muita intensidade, como se galhos grossos fossem

arremessados em sua direção. Em algum lugar, ele ouviu

gritos e reconheceu a voz de Lady Almirena vindo de dentro

da cabana, gritando pelo nome dele. A espada tombou quando

um dos seres andrógenos fechou o punho em seu antebraço.

Ainda alucinado pelo som da voz da mulher que deveria

proteger, ataçado da mesma forma que um cão se atia ao escutar a voz do dono, Hanson soltou uma das mãos e agarrou fios que saíam da pele do punho do ser grotesco que lhe tirou a espada. E então o fio foi trazido à própria boca.

E feito um bicho, ele o rasgou nos dentes.

E então ele apanhou e apanhou e apanhou e apanhou E ainda assim, enquanto aqueles seres bestiais lhe espancavam e cortavam por todos os lados, Hanson sorria e adorava continuar ouvindo os guinchos dos feridos. A única coisa que o incomodava eram os gritos do nome dele através da voz dela. Os cotovelos protegiam as costelas e a cabeça se mantinha baixa na guarda fechada enquanto a surra continuava. E então ele *percebeu*. Ao fundo, em um tom cada vez mais distante, ao menos para o que o mundo se tornava para ele, ele enfim percebia que o nome que era gritado pela mulher que deveria proteger não era o nome dele. Ao menos, não mais o nome dele. O nome gritado era outro.

Era o nome de seu tutor.

As imagens foram ficando turvas, mas ainda assim Hanson se lembrava de ter visto, antes de tudo apagar, a chegada de Rinaldo Grimaldi acompanhado de Sabino von Fígaro e outros vestidos com a armadura vermelha que apenas a elite, entre os cavaleiros que ele pretendia ser, poderia usar. Ele escutou outros guinchos de dor daquelas criaturas e lamentou apenas que não fosse ele o algoz. Alguém gritou o nome dele, e era

uma voz tão distante que ele não reconhecia se era de sua protegida ou de seu tutor.

E, quanto mais distante a consciência se encontrava do mundo, menos isso parecia ter importância.

João Hanson escapou da morte por três vezes, e talvez seu corpo tenha sido fechado contra ela. Mas isso não quer dizer que Beanshee o esquecerá...

Antes de apagar por completo, João Hanson teve a impressão de que a ruiva de vermelho estava observando-o, mas tinha a plena satisfação de que ainda não seria dessa vez que ela novamente o veria chorar.

Muito mais tarde, Cavaleiros de Helsing disseram a ele que, quando o resgataram daquele antro obscuro, ainda que desacordado, ele parecia sorrir.

**05**

Aconteceram algumas coisas a partir daquele dia. O mundo estava em guerra. E essas foram algumas delas:

Os acampamentos estavam armados.

O campo de batalha escolhido por Arzallum possuía um nome digno para um local de guerra: as *Terras Mortas*. Localizado em uma região entre divisas que tocavam os Reinos de Minotaurus, Forte e Stallia na terra, e Brobdingnag no céu, o local era o único em toda Nova Ether tocado por um fenômeno geográfico que não seria encontrado em nenhum outro lugar do mundo. Era uma área extensa, formada de

terras baldias com terreno árido rico em argila, que sofrera - e ainda sofria - constantemente erosão pelo vento e pela água.

Antigamente, há milhões de anos, quando os sobrenomes pertenciam à famílias únicas, aqueles terrenos eram compostos de muita lama, areia e cascalho, levados até lá pela ação violenta do típico vento forte local e pelas enxurradas torrenciais. Essa erosão eólica empurrou para o local sedimentos oriundos das Sete Montanhas e acumulou depósitos de cinzas vulcânicas e rochas sedimentares por anos e anos e anos. E anos. A temperatura local também era bem variável, fazendo o território passar por um ciclo anual constante de resfriamento e aquecimento por essas centenas de milhares de anos. Aos poucos, a terra desgastada foi se recuperando da violenta erosão provocada, e a terra e o vento continuaram seu processo criativo para dar forma à arte final. O resultado disso era uma formação rochosa cujo formato geográfico beirava o sobrenatural.

Tratava-se de um local árido, sem vida, um misto de poeira, areia e argila. Uma terra silenciosa e com uma forma irregular, que ora era plana, ora composta de aclives, barrancos, canais, colunas de rochas e montes gastos, todos com o visual rochoso provocado pela erosão milenar. O vento, quando soprava, soprava forte e sibilava de uma maneira característica, erguendo poeira e, de vez em quando, bailando terra e areia no ar. De acordo com a luz do sol, ou a falta dela, a região apre-

sentava uma gama de cores que beirava o espetacular, uma variação que poderia alternar do negro-azulado escuro, característico do carvão, ao vermelho brilhante, característico da argila.

Uma paisagem desolada que parecia a morada de espíritos que não tinham para onde ir, nem mesmo depois da morte.

O local perfeito para alguém morrer de uma maneira sem sentido.

Havia dois acampamentos sendo erguidos naquele local de uma maneira progressiva em ambos os lados. Os dois imensos alojamentos provisórios estavam separados por quilômetros, mas com o relevo irregular, e de acordo com a luminosidade com que o sol dançava na terra rochosa, era possível a um avistar o outro sem maiores dificuldades e acompanhar de maneira diária o tamanho crescimento progressivo das fileiras inimigas.

De um lado, o lado leste, localizava-se o acampamento humano.

Naqueles alojamentos, erguidos na base de paliçadas e cabanas feitas com círculos de pedras cobertos de turfás, a todo momento, chegavam caravanas de guerra em grandes carroças, trazendo com elas homens carrancudos; lâminas conservadas com gordura no inverno e que precisavam ser afiadas; escudos desamassados por forjadores e que precisavam, mas não iriam, ser lustrados; arcos em bom

estado que precisavam ser testados; flechas com pontas de metal já um pouco frouxas; provisões racionalizadas de maneira sucinta; uniformes amarrotados pela viagem; água potável em cantis sujos ou em pequenos barris tão confiáveis quanto; óleo escorrendo dos compartimentos mais frouxos; lampiões gastos pelo uso frequente; madeira cortada às pressas nas mãos de lenhadores de poucas noites de sono; e lonas remendadas nas mãos de costureiras e artesãs convocadas na última hora.

Havia ali mil lanceiros que vieram enviados por Rei Segundo Branford e havia outros mil enviados por Rei Tércio Branford.

Cada homem possuía uma lança de aproximadamente três metros de comprimento, com um peso de dois quilos, construídas com abeto, macieira, ou qualquer outra madeira resistente do tipo. Diziam nos bastidores reais, nas línguas que não vão à guerra, que Rei Tércio enviara mil e duzentos homens, mas, se isso fosse verdade, os duzentos homens deveriam estar então com o endereço do campo de batalha trocado e estavam marchando em locais em que não seriam precisos, ou ao menos seriam menos precisos do que ali.

Já prontos para marchar com o escudo com o brasão que possuía uma espada se cruzando com um escudo e um dragão acima dos dois, havia ali já se estabelecido mil e quinhentos lanceiros treinados. E outros mil e quinhentos estavam chegando.

O motivo do número mais significativo tinha justificativa, afinal aquele era o Reino mais preocupado com as consequências daquelas batalhas.

Porque aquele era o brasão de Arzallum.

Outros estavam chegando e pareciam nunca parar de chegar.

Para se ter um parâmetro, aquele dia começaria nos arredores daquele acampamento a marcha dos arqueiros. Rei Tércio enviaria duzentos homens com o estandarte e o símbolo de seu Reino do Forte no peito. Rei Segundo enviaria trezentos com o símbolo e o estandarte de Cálice.

Arzallum enviaria um número igual ao da soma dos dois.

Além disso, iam à guerra os mercenários: homens com machados de uma ou duas lâminas, martelos, maças, porretes ou lâminas de tamanhos variados que nunca haviam sido utilizadas em uma batalha de guerra. Alguns chegavam a carregar consigo dois machados, um para ser arremessado no inimigo, quando distantes o suficiente, e um para a luta corpo a corpo, quando a distância já se fazia estreita demais. A maioria dos escudos desses grupos era formada de madeira arredondada ou retangular, com protuberâncias de ferro no meio para proteger a mão. Esses homens compunham algo em torno de duas mil pessoas, somando com todos os três Reinos, daria algo próximo de cinco mil homens dispostos a morrer pela chance de um quadrado de terra para chamar de seu.

Afinal, era isso o que se prometia a um mercenário na guerra:

um pedaço de terra ou uma morte ruim.

Havia mulheres também presentes, a maioria voluntárias, normalmente esposas ou familiares dos homens do grupo mercenário, que ali serviriam como enfermeiras com os feridos que pudessem ser salvos, ajudariam a afiar os gumes das lâminas mais cegas e preparariam e distribuiriam a ração do acampamento, à medida que as provisões iam chegando.

Logo, havia ali algo em torno de quinhentas mulheres para ajudar em tais serviços.

Uma única para lutar.

A capitã Bradamante desfilava pelo acampamento humano e atraía olhares. Alguns de admiração; alguns de desconfiança; outros poucos de luxúria, afinal, cada homem ali sabia que estava em guerra.

Ela caminhava pelas cabanas de uma maneira que causava um certo fascínio no coração que sabe estar perto da morte. Vestia uma armadura branca com um corselete de couro por baixo das placas de metal, placas estas reforçadas com cal para parecerem mais brilhantes. Havia ainda manoplas de aço, formadas por placas de dedos totalmente articuladas, que não necessitavam de um fundo de couro para segurá-las. A visão da armadura ainda era bem parcial, mas já o suficiente para inspirar os corações mais temerosos, principalmente aqueles que nunca estiveram antes em uma paliçada à espera da primeira canção de guerra.

Ao longo do acampamento, a capitã da Guarda Real ainda não vestia suas peças completas, como as asas, as grebas, a joelheira, o escarpe ou o elmo que simulava a cabeça de um dragão. Ela caminhava com o cabelo loiro em tranças e a expressão sem nenhum sorriso. Aquela armadura branca, naquele momento, ainda parcial, era, sem dúvida alguma, a armadura mais cara de todo o acampamento humano, e isso tinha um motivo justificável.

Aquela armadura seria de Áxel Terra Branford.

O fato era que Áxel Branford era o primeiro príncipe, e havia pedido também pelo título de campeão de Arzallum. Isso significava que deveria liderar a guarda quando necessário, lutar em duelos de honra quando convocado e tomar à frente do exército quando em estado de guerra.

Logo, era o príncipe de Arzallum quem deveria estar ali.

Entretanto, Áxel havia sido enviado por Anísio Branford para o Nunca, com o intuito de se casar com princesa-Rainha élfica e dar sequência a planos já traçados por Primo e Terra Branford, mesmo antes do nascimento dos filhos. Como consequência disso, fora escolhido um novo campeão para Arzallum em uma eleição promovida entre os próprios soldados. O resultado já era em parte esperado: os dois nomes mais votados foram o da capitã Bradamante Fiordispina e do cavaleiro Rinaldo Grimaldi.

Um duelo entre os dois foi promovido, e Bradamante venceu.

Procure pela taberna certa e um dia poderá escutar essa história.

De qualquer forma, à nova campeã fora dado o título e a caríssima armadura branca, que precisou de poucos ajustes já que Bradamante e Áxel possuíam a mesma altura.

Outros ainda iriam chegar a todo momento. Mas, naquele instante, era isso. Apenas isso, ou tudo isso. Mas era isso.

Era isso o que formava o acampamento humano, comandado por Arzallum.

Do outro lado, no terreno mais irregular, localizava-se o acampamento gigante.

Ao longe, diante dos olhos humanos, o que, para o povo de Brobdingnag, tratava-se de um acampamento de guerra, aos olhos humanos, mais parecia a elevação de uma fortaleza. O agrupamento inimigo, avistado do acampamento humano de maneira convincente através de tubos compostos por lentes objetivas e oculares separadas por um sistema de prismas, parecia já infinitamente superior, não apenas no porte dos soldados militares mas já no desenho geométrico dessa aglomeração.

Ao contrário das paliçadas arzallinas, que tendiam a ser quadriculares, as imensas paliçadas de Brobdingnag tinham formatos circulares. Os troncos de madeira, que eram sobrepostos por trás de fortes estacas verticais previamente cravadas no terreno, eram imensos: colunas de três, quatro,

cinco metros. Lonas com uma geometria que não passavam a impressão de que haviam sido erguidas, mas infladas. Tudo naquele lugar parecia tender ao circular. Parecia tender a esferas.

Parecia tender a círculos.

Assim como do lado inimigo, caravanas chegavam para abastecer aquelas paliçadas circulares e gigantescas a todo o momento em imensos veículos de traseiras octogonais, puxados por animais que lembravam búfalos mascarados com metal e protegidos para a guerra. Quase não havia lâminas daquele lado do campo de guerra. Na realidade, as lâminas que havia não eram para a guerra, mas para cortar alimentos, diminuir o comprimento de cordas, abrir compartimentos lacrados com costura e outras coisas do tipo. Para isso serviam as lâminas, não para a guerra. Ao menos não para a guerra de Brobdingnag.

Para o povo gigante, o campo de batalha era um local para martelos de guerra, maças do tamanho de espadas longas, porretes com e sem espinhos, bastões de ponta protuberante, correntes com bolas de ferro nas pontas, ou mesmo varas imensamente pesadas e de amplitudes de raio poderoso, construídas com tronco de carvalhos para varrer inimigos em grandes alcances. Os guerreiros de Brobdingnag não cortavam adversários durante suas lutas; eles esmagavam os inimigos. Diziam, e quando alguém sobrevive para dizer algo desse tipo

provavelmente deve ter razão, que suas paredes de escudos eram irremovíveis. E que, mesmo que uma força invencível viesse a se chocar contra uma delas, ainda assim ela não sairia do lugar. Na verdade, era de conhecimento das forças militares que gigantes não carregavam escudos nos braços como a maioria das raças. Eram um povo desengonçado e de movimentos bruscos demais para aprender, ou querer aprender, a defender e estocar, e preferiam revestir seus braços e antebraços com placas sobrepostas de seus melhores metais, e essas eram as proteções necessárias para aparar o que lhes fosse direcionado. Entretanto, sabia-se que em batalhas daquele porte Brobdingnag montava sim paredes de escudos, embora de uma maneira diferente de qualquer outro exército do mundo. Para um soldado humano, essa era a típica informação que qualquer um deles sonharia que alguém explicasse com detalhes em um curso de formação militar. Mas a última que gostaria de descobrir na formação de sua própria parede, na prática da zona de guerra.

Comandando o imenso exército circular de quase cinco mil gigantes, estava Polifemo, o campeão do Rei Blunderbore. Era um ciclope de quase seis metros de altura, peludo como um urso e mais forte do que um. Na verdade, não se sabia exatamente se era mesmo um ciclope. O fato era que nascera com dois olhos, mas um deles nascera atrofiado, e o outro tão imenso, que em uma verdadeira anomalia grotesca o olho

maior tomou todo o espaço na altura da testa, sobrepondo-se até quase acima do olho atrofiado. Logo, era um ser horrendo até mesmo entre os gigantes, o último que qualquer pai gostaria de ver casado com uma filha, mas o primeiro que todo guerreiro nascido naquelas terras sonharia ter à frente de uma parede de escudos em uma zona de guerra.

Polifemo era capaz de inspirar um gigante covarde a lutar, embora, para isso, não fosse preciso muito esforço, pois não se tinha notícia na história de Brobdingnag de um gigante desse tipo. E talvez, se um dia houve, com certeza sua própria raça tratou de exterminá-lo.

Pois era assim que vivia o povo acima das nuvens. Através de guerras, conquistas, inspirações e círculos.

E, naquele instante, era isso que formava aquele exército gigante, comandado por Brobdingnag.

Em Nova Ether, ao menos no lado que compõe o Ocaso, o continente oeste, existem leis de guerra que são seguidas por todos os comandantes de exércitos militares, independentemente do estandarte ensanguentado que estejam carregando.

São regras estabelecidas em tratados e que separam a civilização de hoje da barbaridade de muitas eras atrás. Não existe muita civilidade na guerra: os homens sabem disso, e as mulheres, que observam de fora e esperam, sabem ainda mais, mas ao mesmo tempo, no universo masculino, existe um certo

ritual em se dirigir a um campo de combate. Os homens, de acordo com a proximidade do momento do choque com o inimigo, começam a se agitar e a ficar nervosos, e alguns começam a chorar e orar a semi-deuses desconhecidos ou não por um dia a mais de vida. Alguns chegam mesmo a sorrir, ou melhor, gargalhar, diante da morte. Não porque não acreditem que a morte irá chegar até eles, mas exatamente porque preferem morrer sorrindo como homens que chorando como crianças. Além do mais, seres humanos sempre foram conhecidos pelas reações imprevisíveis nos momentos de fúria ou descontração.

De qualquer forma, não importava se se tratava de homens, de bestas ou de gigantes. Todos os comandantes seguiam os códigos de guerra centenários, mesmo porque traí-los significava enviar uma mensagem ao mundo de que aquele Reino merecia o isolacionismo, já que um ser que não pode ser leal na guerra não poderá ser leal na paz. E momentos sombrios da humanidade, como a umbrosa *Caçada de Bruxas*, lembravam às sociedades como o inesperado e os sentimentos mais escuros dessas sociedades podiam causar o caos e o distúrbio, que iam contra anos de civilidade que mesmo a mais bestial das civilizações levou centenas de anos para adquirir. Logo, era comum que Reis e governantes traíssem uns aos outros na política. Mas não comandantes de guerra em um campo de batalha, porque esses tinham muito mais a perder do

que apenas uma batalha. E aquela se tratava de uma guerra própria do ocidente. Pelas leis ocidentais de batalha, assinadas em tratados ou acertadas de maneira verbal, Reinos em guerra deveriam estabelecer previamente a forma de batalha. E, independentemente da escolha, tal estabelecimento e opção de decisão se tratava do mais próximo de uma chamada *guerra justa*. Uma guerra com hora marcada. Uma vida e morte com hora marcada.

Naquele caso, entre os aliados de Arzallum e de Brobdingnag, a decisão se tratava de uma *guerra de paliçadas*.

Uma paliçada era algo simples de ser construído. Utilizando cercas, colocava-se uma proteção militar ao redor de uma área que deveria ser protegida e poderia ser constantemente ampliada de acordo com a necessidade, artifícios e mão de obra. Dentro desses acampamentos eram estocadas armas, armaduras, remédios, pilhagem dos mortos, médicos e enfermeiras. E, claro, o maior tesouro de uma zona de guerra: comida.

Entre uma paliçada e outra existiria a distância em que se desenvolveriam os combates propriamente dito. Nas laterais de cada muralha, eram erguidos os estandartes dos líderes militares que protegiam aquela fortaleza. Na de Arzallum, por exemplo, havia a bandeira do Mosquete se cruzando com a espada longa de coronel Athos Baxter e da estrela da Guarda Real, hoje com a bela Beanshee no centro, indicando a

liderança da campeã Bradamante. Estes símbolos também estariam nos escudos das tropas lideradas por tais capitães.

Já no centro de cada acampamento, existia um estandarte, erguido alto o suficiente para que pudesse ser visto do lado de fora por qualquer um, com o símbolo do Reino que protegia aquela paliçada.

Era esse estandarte que definia a guerra.

O objetivo de um exército era atropelar o inimigo no campo de batalha e invadir a paliçada adversária, tomando o estandarte erguido no centro. Se isso acontecesse, a guerra estava vencida, mesmo porque, se um exército conseguisse tal feito, era porque o inimigo já havia sido dizimado e agora restavam apenas as mulheres, que serviriam como escravas ou, utilizando o termo que estava na moda recentemente, *prisioneiras militares*.

Havia ainda um estandarte que não era erguido a princípio.

Essa bandeira era erguida à frente da paliçada, ao som de dezenas de bumbos e quaisquer outros instrumentos poderosos o suficiente para reverberar por um campo silencioso. Essa era a bandeira mais temida, porque era uma simples bandeira, vermelha como sangue, que poderia ser erguida a qualquer momento. Era a bandeira vermelha. A bandeira de sangue.

A bandeira que iniciava a guerra.

Quando um acampamento a erguia e ecoava seus bumbos, não havia mais volta. Era uma forma de dizer ao inimigo que

aquele exército estava pronto para tomar o sangue inimigo na zona de combate. Quando essa bandeira era erguida e os bumbos eram ecoados, os líderes militares aprontavam as tropas no campo de batalha e esperavam pelo inimigo. Em caso de o outro não erguer a bandeira e também se dirigir ao combate, o exército armado começava a xingar-lhe as mães, debochar das esposas, mostrar os traseiros, urinar na direção adversária, imitar galinhas, fazer gestos obscenos e ecoar risadas diabólicas.

Pelos tratados de guerra, um exército que erguera a bandeira vermelha e se posicionara para o combate poderia esperar o outro se posicionar por até vinte e quatro horas, contadas a partir da hora em que a bandeira vermelha fora erguida. Se, passado tal tempo, o inimigo não posicionasse sua parede de escudos, o exército armado poderia marchar na direção da paliçada e atacá-la diretamente da maneira que bem entendesse.

Obviamente, em guerras estabelecidas sobre tal tratado, aquele exército que erguesse primeiro sua bandeira vermelha e ecoasse seus tambores de guerra, indicando o preparo para matar e dominar, estaria sempre em vantagem. E, em relação ao inimigo, quanto maior fosse a demora para erguer sua própria bandeira não apenas mais perigosa ficaria sua formação apressada como mais confiança tal vacilo gerava no exército opositor, e menos moral sua própria tropa adquiria

para encarar o campo oponente.

Logo, era assim que eram guerreadas as grandes batalhas do Ocaso de Nova Ether.

E aquela seria a maior e mais violenta delas em toda a história das civilizações.

- Nós devemos erguer primeiro a bandeira vermelha... - disse incisiva a capitã e campeã Bradamante diante de uma tenda com outros líderes militares menores.

- Não, nós devemos esperar todos que estão marchando para o nosso lado - retrucara o gordo coronel Athos Baxter, o único com patente mais alta do que a capitã em questão. Na teoria, Bradamante estaria sujeita à autoridade do coronel.

Na prática, era ela quem comandava aquela paliçada de guerra.

O raciocínio era simples: Baxter era um soldado experiente e um dos maiores guerreiros que o Reino de Mosquete já viu lutar, mas, em Arzallum, era apenas um estrangeiro com quem ninguém gostava de conviver. Fora convidado por Rei Primo Branford para integrar o poderio militar de Arzallum por sua experiência de guerra e para dar vazão à liderança dos Cavaleiros de Helsing, os temidos Caçadores de Bruxas.

O gênio arrogante e o ego inflado, porém, do antigo mosqueteiro o tornavam uma pessoa simplesmente insuportável de se conviver, e os soldados, quando o obedeciam, o faziam por mera obrigação militar. Anísio

Branford, ao perceber tal comportamento, traçou uma nova estratégia e promoveu Sabino von Fígaro, o Conselheiro Branco da Sala Redonda do Grande Paço e dono de um carisma dez vezes maior do que o coronel, a general e comandante maior dos novos Cavaleiros de Helsing.

Athos Baxter, obviamente, babou como um cão raivoso com a decisão.

Arzallum, contudo, ainda não podia se privar de sua experiência em um momento como aquele. E já que os Cavaleiros de Helsing voltavam a ser requisitados, para evitar maiores emblemas, Anísio Branford enviara Athos Baxter para aquela paliçada, local de guerra onde sua autoridade na teoria seria maior do que a de capitã Bradamante, e o ego do coronel se sentiria satisfeito momentaneamente, deixando que Sabino trabalhasse sem maiores intervenções. Era assim na teoria.

Na prática, porém, homens estão acostumados a seguir aqueles que os lideram no campo de batalha.

E o hoje obeso coronel Baxter poderia até tomar à frente de exércitos nas negociações entre comandantes militares que antecedem os combates. Mas, na hora de guerrear, era Bradamante quem estaria à frente brandindo uma espada. E era a ela que eles entregariam seus corações.

- Os homens estão assustados... - disse a capitã, com o temor que percorre o inevitável. - Faz tempo que Arzallum não entra em uma guerra como esta.

- A maioria desses soldados é formada de homens experientes.

E Arzallum *já* enfrentou guerras de grandes proporções...

- Com todo o respeito, coronel, desta vez não estamos enfrentando bruxas.

Houve um silêncio constrangedor, e o coronel olhou para a capitã com expressão de poucos amigos.

Os outros presentes na sala eram soldados com patente de sargento, uniformizados com insígnias à mostra e armaduras parcialmente colocadas, e que, nada mais, tratava-se de os melhores de cada tropa, não necessariamente no sentido de habilidades de guerra, mas exclusivamente no conceito de liderança. Quando um desses sargentos conseguia sobreviver e provar em uma batalha como aquela que viria que ele era capaz de unir as duas características, nascia então um capitão. Naquela sala, havia oito sargentos. Nenhum sentia vontade de se meter naquela discussão, se não fosse consultado.

- Acha que bruxas são menos perigosas do que o que nos espera lá fora, capitã?

Bradamante concentrava os olhos verdes nos olhos sombrios daquele coronel. Baxter parecia sentir, ao mesmo tempo, um prazer distorcido e um incômodo delicado com aquilo.

- Não se enfrentam bruxas com paredes de escudos.

- Conversas na cama ao pé do ouvido podem render bons frutos, não?

Houve outro silêncio constrangedor. Aquilo era uma

provocação. O fato era que todos sabiam que Bradamante havia se apaixonado por Ruggiero, o guerreiro oriental que viera do outro continente para enfrentar Áxel Branford no Punho De Ferro, e após provar seu valor como *Shinobi* - os caçadores de bruxas orientais - fora convidado por Rei Anísio Branford para se tornar capitão dos Cavaleiros de Helsing.

A coroação do oriental como cavaleiro e sua promoção militar fora conferida na mesma cerimônia que transformara Sabino von Fígaro em general. Obviamente, Athos Baxter odiava todos os nomes envolvidos em sua humilhação pública daquele dia.

- Aprende-se muito escutando em qualquer lugar, coronel.

- Então talvez você possa aprender algo com o que seja dito nesta tenda, capitã. - O coronel se apoiou para trás com as mãos na nuca, projetando a barriga saliente que forçava o uniforme militar. - Ou será que gostaria que isso também lhe fosse dito ao pé do ouvido?

Bradamante trincou os dentes. Se aquele homem fosse de uma patente ao menos igual à dela, ela já estaria virando a mesa de cabeça para baixo antes que qualquer sargento se desse conta para tentar impedi-la. Desde o início da carreira, ela sempre tivera de lidar com o maior obstáculo: vingar em um mundo tipicamente masculino na condição de mulher. Havia ganhado respeito em batalha, havia se tornado uma capitã militar por mérito e havia se tornado a atual campeã de Arzallum na

prova de guerreiro.

O comentário daquele coronel, porém, era uma forma de lhe lembrar que não importava o quanto provasse seu valor.

Haveria sempre algum imbecil para lembrá-la de sua condição feminina. E mais: de onde achava que mulheres deveriam ficar.

E de que elas deveriam servir.

- Se alguém me sussurrar algo no ouvido no dia de hoje, coronel, será um suspiro de morte.

O coronel continuou olhando para ela na mesma posição com o corpo inclinado e as mãos na nuca, aparentemente confortável para um homem em forma, mas extremamente incômoda para um homem pançudo.

- Entretanto, se insistir no que afirma, então será o inimigo que escutará o seu suspiro, capitã.

- Não, eles o escutarão quando Brobdingnag erguer aquela bandeira e nossos homens ainda estiverem precisando se embriagar para marchar em sua direção.

O coronel deu um sorriso irônico. Achava engraçado uma mulher dizer "nossos homens", ainda que o termo em tal ocasião não desse margem a nenhum duplo sentido.

Bradamante percebia. Mas ignorava.

- Eu vi homens amedrontados ganharem coragem para partir vassouras e virar caldeirões.

- Porque eles não sabiam o que lhes esperava. E lutaram

acreditando serem superiores ao inimigo.

- E Arzallum não se diz superior aos outros Reinos?

- Não confunda Arzallum com Minotaurus, coronel Baxter.

O coronel bufou e saiu de sua posição forçada. Aquilo que

fora dito *também* era uma provocação. Antes, ele havia

provocado a capitã pelo fato de ser mulher. Bradamante agora

devolvia a provocação, insinuando, de uma maneira

extremamente sutil, que Baxter era um estrangeiro sem status

definido no exército daquela nação.

Era difícil não notar que os sargentos arzallinos seguravam o

riso e vibravam em silêncio.

- Os arqueiros de Arzallum são os melhores do mundo. - Era

verdade, mas em se tratando de arcos longos de batalha. Se

contassem bestas, então Minotaurus mereceria o título. - Eles

irão fazer chover flechas que irão furar a parede de escudos

inimiga, enquanto a vanguarda de Arzallum penetra na parede

inimiga e a rompe. Quando a parede se romper, e o inimigo

dispersar, nossos cavaleiros irão flanqueá-los e esmagá-los de

uma vez.

O coronel olhou para os sargentos para conferir se algum

deles teria alguma objeção. Nenhum emitiu qualquer

comentário.

Mas Bradamante sim:

- Há falhas nesse raciocínio.

- Então me mostre, capitã... - respondeu o coronel, em um tom

de voz desinteressado e irritadiço.

- Não sabemos se as flechas romperão a parede de escudos de Brobdingnag, para que a *nossa* vanguarda possa penetrar. - O termo era reforçado propositadamente. Baxter de vez em quando deixava escapar, como anteriormente, frases como "a vanguarda de Arzallum", como se não lutasse também por tal lado. Aquela era outra forma extremamente sutil de Bradamante dizer ao mosquetense que ele estava querendo liderar em uma guerra que não era sua.

- Não serão flechas retas; serão flechas que virão curvadas por cima da parede.

- Ainda assim, dizem que a parede de escudos de Brobdingnag é *diferente*. Dizem que seus guerreiros nem mesmo *carregam* escudos, e que suas peças não possuem mesmo quaisquer suportes para serem acoplados aos braços ou mesmo erguidos durante um combate.

- E, se assim o for, ainda melhor que tenham de usar escudos sem suportes para se defender de flechas que descem em parábolas por cima de suas cabeças.

- Nem tanto assim. Tal estratégia exige que Arzallum abandone sua própria parede para avançar de forma afoita sobre um inimigo que ganhou fama em duelar em confrontos diretos. Nossa vanguarda pode não ser páreo para tamanho poder de destruição, e nem estou contando com a possibilidade de uma ventania típica de terras como estas, que

levantaria terra e poeira, cegaria os homens e desviaria as flechas.

- Soldados são treinados para avançar sobre a parede de inimigos.

- Quando os inimigos se portam de maneira *tradicional*, e com uma força ao menos aparentemente capaz de ser combatida.

Não com exércitos de lendas sombrias e de seres que a eles parecem invencíveis.

Bradamante sabia o que falava. Bastava correr pelo acampamento humano para perceber que o imenso acampamento arredondado de Brobdingnag, que crescia a cada dia, somado à lendas que eram disseminadas não apenas pelos homens mas também pelas conversas de tabernas ouvidas pelas mulheres, enchia o coração daqueles soldados de terror ante à aproximação do toque dos bumbos que anunciaria a subida da bandeira vermelha.

- Faremos como o exército de Stallia - disse Baxter, e dessa vez ele parecia estar levando a sério aquela conversa. - Nossa vanguarda irá avançar sobre o exército inimigo ao mesmo tempo em que as flechas estiverem cortando o ar e levando o pandemônio ao inimigo.

- Isso, coronel, se outras flechas não estiverem voando igualmente na direção de nossa própria parede de escudos.

- Brobdingnag não usa flechas.

- Mas Minotaurus, sim.

Houve outro silêncio constrangedor.

- Nosso exército poderá derrotar um reforço de Minotaurus em condições iguais quando os reforços de Cálice e Forte estiverem aqui - argumentou o coronel.

- Se esses reforços vierem. E se eles forem relevantes o suficiente.

- Acaso teme que Reis Segundo e Tércio não enviem suas tropas, capitã?

- Se depender apenas deles, tenho certeza de que sim, coronel.

Mas lutamos uma guerra de proporções mundiais. E temo que eles tenham de manter soldados ocupados demais já protegendo suas próprias fronteiras, ocupados o suficiente para não poderem lutar em outros campos de batalha.

- Ainda assim, podemos vencê-los!

- E se Uruk e Rökk vierem? E se seus exércitos bestiais se posicionarem no campo de batalha ao lado de Minotaurus e de Brobdingnag, prestes a flanquearem nossa parede de escudos?

Os sargentos se olharam e engoliram em seco. Já seria difícil fazer homens enfrentarem gigantes sem fraquejo. Seria ainda mais enfrentar gigantes ao lado de minotaurinos. Pensar em tal aliança explosiva acrescentada de seres bestiais, conhecidos por devorarem os mortos em batalha, era para fazer determinados soldados desertarem desde já da zona de guerra.

- Se Rökk vier a este campo de batalha lutar ao lado deles, então Aragon virá duelar ao nosso lado.

Aragon e Rökk eram Reinos inimigos jurados desde que Rei-

Fera Wöo-r tomou de Rei Adamantine sua futura esposa, a princesa Bella de Adamantine, e a manteve como sua princesa escrava até os dias de hoje. A triste balada que os bardos ainda cantavam como "A Bella e o Rei-Fera".

- Certo, se Rökk vier, Aragon provavelmente virá nos apoiar.

Mas, e se Uruk vier? - perguntou a capitã.

Uruk possuía um exército igualmente bestial, e diziam que arremessavam pedras no lugar de flechas contra paredes de escudos inimigas.

O coronel Baxter hesitou e raciocinou um pouco. E então disse de forma sincera:

- Então teremos de convencer mais alguém a lutar do nosso lado desde já.

Houve silêncio. E uma terceira voz disse:

- Talvez Orion venha - arriscou pela primeira vez um dos sargentos presentes.

- Não... - disse o coronel Baxter. - Orion enfrentará Gordio, e Rei Branford ainda lhe prometeu ajudar nisso.

Bradamante sabia disso, mas esperava que fosse apenas uma dessas promessas que ninguém espera realmente cumprir. A preocupação era mais do que justificável, cumprir tal promessa significava soldados de Arzallum *a menos* naquele campo de batalha. Sargentos engoliram em seco diante da possibilidade. De fato, Rei Midas, o Rei abençoado e

amaldiçoado com o toque de ouro, em sua ambição  
desenfreada, desencadeou eventos que culminaram em coma  
profundo da Rainha Belluci, de Órion; escárnios que ainda  
chamaram de "A Bela Rainha Adormecida". Desde então Rei  
Acosta dedicava sua vida a dois objetivos: acordar sua Rainha  
e destituir Midas da Coroa de Gordio.

- E se trouxéssemos Tagwood? - perguntou outro sargento.

- Seria uma solução. Mas isso seria entre Reis, e está além de  
nossa alçada como soldados - disse, de maneira honesta e até  
bastante franca, a capitã.

- Então devemos tentar convencer os homens a seguirem a  
estratégia do coronel Baxter? - perguntou novamente o  
primeiro sargento.

- Os soldados não terão coragem de partir para cima de uma  
parede de escudos em tais condições - afirmou Bradamante. -  
Ainda que a parede deles fosse desorganizada por chuvas de  
flechas, e ainda que atacássemos em conjunto com arqueiros  
inspirados em Stallia, ainda assim, o exército de Brobdingnag  
abriria e depois se fecharia de novo esmagando nossos  
homens.

O coronel Baxter resmungou, deixando claro seu  
descontentamento com a insistência em falhas de sua  
estratégia.

- O problema está apenas em nós não termos uma cavalaria  
expressiva! - ele enfatizou, irritado. - E é por isso que não

devemos erguer ainda aquela bandeira vermelha!

- Não! - insistiu igualmente descontente a capitã. - Com todo respeito, coronel, o problema está exclusivamente em *convencer* homens a enfrentar gigantes!

- E, se acredita em tamanho receio, capitã, por que a pressa em elevar a bandeira vermelha?

- Porque isso deixará o exército inimigo surpreso, já que ninguém espera que outra nação se diga preparada primeiro do que Brobdingnag. E isso fará com que acreditem que estão enfrentando um exército extremamente motivado e muito mais preparado do que esperavam.

- Diga o *verdadeiro* motivo pelo qual você quer erguer aquela bandeira, capitã - insistiu o coronel, como se tudo o que Bradamante dissera anteriormente fossem bravatas.

- Eu quero duelar agora porque talvez eles ainda não tenham suprimentos ou armas suficientes para todos os gigantes que irão tomar posição! Eu quero duelar agora enquanto *talvez* eles tenham alguma brecha de fraqueza!

- Não, na verdade você quer duelar com Brobdingnag *antes* que Minotaurus chegue.

Houve um silêncio mórbido naquela tenda. Alguns dos sargentos mordiam os lábios inferiores e suavam sem parar por motivos muitos mais internos do que externos.

- E o senhor acha que estou errada de *também* querer isso? - perguntou a capitã, mais uma vez de maneira franca.

O coronel Baxter apoiou o queixo sobre as duas mãos unidas, com os cotovelos de base na mesa. A expressão se mantinha fechada.

E então ele disse:

- Não...

## 06

Maria Hanson estava chegando à Escola Real do Saber para mais uma de suas aulas. Na entrada, esperando por ela, e arrancando suspiros de todas as alunas que já haviam desistido de tentar entrar, estava Casanova.

- O que você está fazendo aqui? - perguntou uma Maria Hanson sorridente.

- Estou preocupado com você aqui no centro, Maria...

Maria Hanson trocou o sorriso por uma expressão surpresa.

- Mas por que você estaria preocupado assim?

- O mundo está em guerra...

- E é por isso que eu preciso dar aula! - disse a professora com a eterna convicção que acompanha o frescor que recheia uma certeza juvenil. - Eu preciso manter a mente deles funcionando e em exercício, para que eles não enlouqueçam nessa situação de crise...

Giacomo Casanova ficou observando Maria Hanson e sorriu como sorri o homem orgulhoso. E perguntou:

- Não existem aqui estudantes velhos demais para a sua classe?

Maria sorriu. De fato, naqueles dias alguns pais pediam para que parentes mais velhos ou pessoas próximas acompanhassem alguns dos alunos, com receio de que algo pudesse lhes acontecer no caminho da escola e de suas casas. Essas pessoas acabavam pedindo autorização a Maria para assistir às aulas, já que ali estavam e que Maria não se importava.

- Eu não tenho preconceito, qualquer pessoa em qualquer idade pode aprender o que quiser. Professor Sabino costumava dizer que a mente também é um músculo, e que precisa ser exercitada. Como eu disse: é só uma questão de manter a mente deles funcionando...

- E você poderia manter a minha mente funcionando também?

Maria Hanson sorriu e suspirou. Ainda tentou dizer...

... mas suspirou e sorriu, rendida mais uma vez.

Definitivamente, era uma pena que o mundo estivesse em guerra.

## 07

Em Arzallum, logo que retornara da última *caçada*, Sabino von Fígaro havia pedido permissão para se dirigir ao acampamento humano na zona de guerra, comandando por coronel Athos Baxter e a campeã Bradamante Fiordispina. Rei Anísio Branford havia negado o pedido e ordenou que ele se encaminhasse com os Cavaleiros de Helsing para o Reino de Orion, com a justificativa de que Arzallum havia prometido

ajudar Rei Acosta em dias de guerra contra Gordio e seu Rei Midas.

Sabino von Fígaro coçou o queixo e ficou observando atentamente seu Rei, na tentativa de caçar uma linguagem corporal que revelasse que aquela decisão não se baseava no fato de o Rei de Arzallum querer evitar um atrito entre o próprio Sabino e o coronel Baxter em uma zona de guerra já tensa o suficiente. Rei Anísio Branford permaneceu olhando para Sabino, sem demonstrar um pingão de contradição. Sabino von Fígaro então acenou para o Rei, aceitando a missão, mesmo porque sabia que, fosse o que fosse que motivasse as decisões de um Rei, um soldado deveria obedecê-las. Os Cavaleiros de Helsing estavam indo à guerra.

**08**

Em um navio silencioso vagando por um oceano intranquilo e a caminho de algo que ninguém da tripulação saiba exatamente o quê, o maior desejo de um ser humano é o desejo de sobreviver à morte para saber se valeu a pena ter investido uma vida de tal maneira. Existem pessoas que temem o silêncio pelas lembranças e conclusões que ele pode trazer. E existem pessoas que não conseguiriam viver sem ele. Homens do mar eram desse segundo tipo.

- Você *realmente* esperava que estaria nesta situação um dia?

Snail Galford estava observando um horizonte azul-escuro sem perspectiva e não se virou. Reconhecia a voz do velho

que havia libertado e esperava que ele mantivesse um mapa

dentro da mente inquieta. Sem olhar para ele, respondeu:

- Estar seguindo atrás do Grande Tesouro?
- Estar no comando de um navio que foi de Jamil Coração-de-Crocodilo.

Snail chegou a sorrir quando escutou o nome do falecido.

- Antes de Coração-de-Crocodilo comandar esse navio, ele pertencia a James Gancho....
- Vê-se que seu nível de comando foi piorando a cada geração...

Os dois riram, como se a desgraça de um homem fizesse sentido.

- Acha que sou um comandante pior do que Crocodilo?
- Você não?
- Eu o enganei em um blefe histórico.
- Ele estava sóbrio?

Snail voltou a sorrir. Aquele velho poderia ser considerado insano e inconstante, mas continuava ardiloso.

- Piratas nunca estão.
- Ele arrancou o coração de um crocodilo para assumir a liderança deste navio. Você já fez algo como isso?
- Em nosso ramo, às vezes, avançamos mais pelas coisas que *não fazemos*.
- Me dê um exemplo de algo que *não* tenha feito e o tenha trazido aqui.

- Eu não tive a perna cortada por Áxel Branford. Nem fui

jogado do alto de uma catedral...

Hawkins parou mancando ao lado dele.

- Sempre existirão piratas piores. Seus homens neste momento

falam sobre um com perna de madeira e olho de vidro, que

anda ganhando fama.

- Um deformado desse ganharia fama em qualquer lugar. Até

mesmo no circo Gabbiani.

- Você conhece o valor de um pirata por seus inimigos...

- Então minha fama deve começar a correr o mundo.

- Você acha que seus inimigos se importam com você, pé-

rapado?

- Eu me esforço para que sim.

- Digamos que, hipoteticamente, Jamil Coração-de-Crocodilo

não tivesse sido jogado daquela catedral por Áxel Branford. O

quanto você acha que ele pagaria para ter você nas mãos dele?

Snail pensou, e pensou, e disse entre sorrisos:

- Muito mais do que o suficiente.

Jim Hawkins suspirou, como se aquilo fosse absurdo.

- Ainda assim, o fato é que você não chegaria aos pés de

Gancho...

- Que se dane! - e Snail enfim olhou para o velho. - Você

também nunca chegou aos pés de Flint. E isso não lhe impediu

de encontrar seus tesouros...

Hawkins sorriu, como sorri o homem frustrado que leva um

xeque-mate, mas ainda assim admira a perspicácia do outro jogador.

- Às vezes é possível gostar de você, pé-rapado.

- Só quando eu não estou alerta.

- Em nosso ramo, devemos *sempre* estar alertas.

- Então por que você foi capturado?

Foi a primeira vez naquela conversa que Jim Hawkins perdeu o humor, o melhor que vinha demonstrando ultimamente.

- Sabe... eu já tive a sua idade e já tive as mesmas motivações que você demonstra...

- E foi totalmente bem-sucedido?

- Em certo ponto, sim.

- Em todos os pontos?

- Em *certos* pontos.

- E em que pontos então você não foi bem-sucedido?

- Eu *nunca* deveria ter descoberto onde estava o Grande

Tesouro. Snail sentiu a pele arrepiar com a frase. *Aquilo* seria a última coisa

que ele esperava escutar de um Jim Hawkins.

- Você está tirando um sarro da minha cara?

- Eu pareço um homem engraçado neste momento?

Definitivamente a resposta era *não*.

- E por que não?

- Porque eu não estava preparado para ele. E não sei até hoje se estou. Snail balançou a cabeça, como se aquilo fosse a

conclusão mais estúpida do mundo na história das conclusões estúpidas.

- Quer me convencer de que um homem não está preparado para ser rico *demais*?

- Exatamente. Às vezes isso é capaz de o enlouquecer por um momento...

- Então quero compartilhar desse tipo de loucura.

- Porque você não sabe do que fala...

- Então me diga!

- Não, eu *não* vou dizer! - e a voz aqui se elevou, quicando sobre ondas que se quebravam esporadicamente. - E sabe por que não, pé-rapado? Porque eu não pedi para ser tirado daquela maldita cela! Eu estava muito bem lá, esquecendo do que você está me fazendo lembrar e esperando minha hora chegar para assumir meu quarto cinco estrelas em Aramis!

- Eu não o obriguei a subir neste navio!

- Sim, você o fez quando me tirou daquela prisão! E dessa forma me obrigou a estar aqui!

- Eu ganhei a inimizade de Will Scarlet por isso!

- Não, você o fez porque está apaixonado por aquela guria irritante!

Snail enfim demonstrou uma reação, expressando uma careta realmente irritada com aquela sugestão completamente *idiota*.

- Você está *realmente* maluco, não é? O que o faz pensar que lhe tiraram o livre-arbítrio?

- O fato de eu ter pedido ao maldito Criador por um sinal, caso eu devesse levar alguém ao maldito lugar para onde estamos indo!

Snail se calou abruptamente. Piratas insanos, mentiras, traições, manipulações: esses assuntos ele sabia dominar.

Começar a entrar em domínios envolvendo fé, crenças, religiões e coisas do tipo, não.

- Ou você realmente está tirando um sarro da minha cara, ou você realmente está insano...

- Você não faz ideia de onde está indo, Galford. Nem o que está buscando...

O velho encostou as costas na borda. Snail percebeu que o assunto era verdadeiramente sério ao notar o uso de seu sobrenome em vez de algum apelido depreciativo.

- Descobrir o Grande Tesouro... - continuou Hawkins -... significa mudar tudo! Significa mudar o mundo e o seu conceito de realidade do mundo. Significa ter nas mãos uma responsabilidade que homem algum quer ter...

Snail era apenas silêncio. E perplexidade.

- Encontrar o Grande Tesouro significa ter o poder do mundo nas mãos, e ainda assim não saber o que fazer com isso.

As ondas continuaram quebrando, enquanto os dois pensavam pensamentos de perguntas e respostas diferentes. Até que

Snail Galford perguntou:

- Então por que me levar lá?

- Você se sente culpado de ter essa informação de onde aquilo está, e viver a vida, ou o que lhe resta da vida, sem compartilhar isso.

Mas, assim como você, eu não faço parte do tipo que se importa com algo mais do que a própria pele. E então, de brincadeira, eu desafiei o maldito Criador. E disse a ele que, se algum milagre me tirasse daquela prisão, eu aceitaria a última missão antes da morte...

Snail estava boquiaberto.

- Você fala como se existisse algo de semidivino correndo por detrás de nossos caminhos.

- E como poderemos dizer que não?

- Eu não sou movido por fé.

- Nenhum da nossa laia é.

Snail sorriu debochado simplesmente do *pensamento* de que forças maiores poderiam agir por detrás de motivações mesquinhas, que ele fazia questão de que fossem mesquinhas.

- Eu ainda não compreendo. Se o Grande Tesouro é algo tão poderoso, por que não ficou com ele? Por que enterrá-lo novamente?

- Eu não me considerava homem o suficiente para ter aquele poder em mãos.

- E você considera que eu sou?

- É claro que não! Por que você acha que Flint enterrou aquilo em um lugar onde ninguém achasse, pé-rapado? Porque ele

também não se considerava bom o suficiente! Se *eu* já não era, imagine alguém como você...

Snail estava tão acostumado a ser denegrido que ignorava insultos como aqueles, e estimulou:

- E então...

- Mas alguém será. Alguém *tem de ser*. - E então Snail compreendeu. - E, para chegar às mãos desse alguém, ele antes precisa ser descoberto. Mais uma vez.

Snail balançou a cabeça. A típica reação de alguém que não sabe o que esperar.

- Como você descobriu onde ele estava?

- Eu juntei todos os tesouros que encontrei de Flint e percebi que cada um era um pedaço de um quebra-cabeça a ser lido em cima de um mapa. E li anotações dele sobre o que ele esperava encontrar naquele ponto.

- Está certo! - disse o jovem negro. - Nós vamos encontrar o Grande Tesouro, e talvez eu até aceite que não sejamos nós que tenhamos de ficar com ele. Mas o fato é que quem quer que seja vai ter de pagar o maior preço que já foi pago...

Jim Hawkins supirou, rendido. Snail Galford *definitivamente* mal sabia o que o estava esperando.

## 09

No acampamento humano, em um daqueles dias de espera, soldados correram de um lado a outro, desordenados, tentando compreender o que estava acontecendo. Havia barulho; havia

o som do tipo que centenas de lâminas batendo sobre escudos poderia produzir, mas o curioso é que ele não vinha do lado de fora da paliçada. Ele vinha dos céus. Era como se nuvens estivessem se abrindo para que semideuses guerreassem e o som daquelas lâminas se encontrando reverberasse para o campo de batalha abaixo. Mulheres gritaram, imaginando que a paliçada estava sendo atacada e que os gigantes estavam atacando diretamente de seu Reino dos céus. Homens correram, buscando peças de armaduras espalhadas. Tigelas de barro com sopa foram derrubadas. Armas foram embainhadas às pressas. Corações bateram em ritmos diferentes por motivos desconhecidos.

E então, quando as sombras começaram a tomar a paliçada, eles viram.

Eram quatro. Quatro daquelas espetaculares máquinas que invadiram Arzallum em plena posse de Rei Anísio Branford e trouxeram a tecnologia de Labuta, a Ilha-Gnomo, para o ocidente. As máquinas, conhecidas como *Vishnus*, que lembravam colmeias e barcos com hélices, e pontos luminosos que desafiavam a gravidade através da ainda desconhecida magia vermelha.

Eles sobrevoaram o acampamento, enquanto abaixo grupos de pessoas apontavam para o que lhes cobria a luz e comentavam sobre o que não sabiam explicar.

- Rei Branford e sua comitiva... - disse a capitã Bradamante ao

lado de coronel Baxter.

- Sim - Baxter respondeu, protegendo os olhos com a mão da luz do sol.

- Aonde acha que ele está indo? - ela perguntou.

- Tagwood...

Bradamente aquiesceu duas vezes e disse em uma voz que lembrava um suspiro:

- Tomara...

Um dos sargentos presentes, surpreso com o diálogo, perguntou:

- Rei Branford não virá aqui? - ele perguntou, com o receio que ronda o espírito intranquilo.

- Ele virá - respondeu o coronel, como se a presença ou não do Rei de Arzallum fosse uma mera formalidade. - Mas não agora...

- Mas... coronel... - insistiu o sargento. - Por que sobrevoar a zona de guerra, se ainda não virá nos encontrar?

O coronel Baxter tirou a mão dos olhos. Ele ia responder, quando...

- Para que o acampamento inimigo o veja - ... a capitã

Bradamente respondeu primeiro. - E saiba que ele está presente. E saiba que Arzallum não está sozinha.

Os sargentos compreendiam. Inspiração era o que aqueles homens obrigados a entrar em campos de batalhas contra homens de duas a três vezes maiores do que eles precisavam.

- E o que fazemos agora? - perguntou outro sargento.

- Esperamos - disse coronel Baxter, enquanto se afastava, como se estivesse com sono.

Os sargentos permaneceram ali, observando a capitã. Todos eles já haviam visto aquele olhar de lado e o conheciam bem.

Sua campeã tinha outros planos, que bateriam de frente com as ordens de um coronel presente. E, para um soldado, o mais difícil nem sempre está em obedecer ordens. Está, algumas vezes, em saber a quem realmente obedecer.

## 10

João estava deitado, ainda em recuperação, e Ariane cuidava dele em sua própria casa, acompanhada de silêncio e pensamentos inquietos. Havia sido resgatado pelos Cavaleiros de Helsing do antro macabro em que se metera para resgatar Lady Almirena, e desde então ainda não havia acordado, embora já tivesse sido socorrido, medicado e posto fora de perigo. Ariane se mantinha ao lado dele, trêmula e tensa o suficiente para contaminar um ambiente e fazer o mundo parecer mais turbulento do que já estava. João, porém, estava tão cansado, que dormia como pedra, embora, fosse por influência do ambiente, fosse por tudo que havia passado, seus sonhos não fossem dos melhores.

A jovem, contudo, mantinha a cabeça dele em seu colo, e mantinha uma postura corporal de *proteção* em relação ao redor dele, como se fosse uma fêmea que protege a cria de

intrusos. A postura, entretanto, mantinha-se incoerente a partir do momento em que existiam naquele ambiente apenas ela e seu noivo prometido. Ao menos no mundo físico. E isso só fazia sentido quando a concentração se limitava ao mundo físico. Ariane, porém, era capaz de ver além do que os sentidos tradicionais permitiam.

E, a cada dia, ela via *mais*.

Naquele dia, ela via Beanshee mais uma vez, recolhida em seu canto como uma cadela que sabe que será repreendida se tentar se aproximar do dono em um dia triste ou apreensivo. A questão a ser observada era apenas que Beanshee não possuía donos. E, por mais que gostasse de rodear aquele casal, naquele momento ela tinha um objetivo claro.

E precisava de Ariane. Mais uma vez.

Foi quando a mulher de vermelho tentou se aproximar do casal, e Ariane fechou a expressão e balançou lentamente a cabeça de maneira negativa. A jovem ajeitou carinhosamente a cabeça de João Hanson em cima de um apoio que substituísse sua coxa e ergueu-se em posição de desafio, em uma sublime e interessante troca da função de protetora e protegido.

Beanshee respeitou, deu um passo para trás e parou ao lado de um espelho que a mãe de Ariane utilizava. A ruiva, com a eterna expressão de choro e cabelos desgrenhados, apontou para o objeto.

*Ariane tremeu.*

Ainda assim, a menina caminhou até lá, a cada dia aceitando e tentando melhor compreender a figura da Morte. E ainda com os pelos arrepiados, e ainda com o coração marretando o peito, ela pegou o espelho nas mãos e olhou para o próprio reflexo. Beanshee se colocou atrás dela. E Ariane sentiu mais uma vez o toque frio da morte, dessa vez no centro da testa. A outra mão da ruiva gélida tocou a parte vítrea do espelho.

E Ariane, mais uma vez, *viu*.

Ao retornar a consciência, lágrimas desciam copiosamente de maneira inevitável pelos dois lados da face.

## 11

No acampamento de Brobdingnag, gigantes riam e se divertiam em rituais próprios. Na psicologia própria daquela raça, a guerra possuía as mesmas características que uma partida esportiva importante adquiria na psique humana. Em outras palavras: era algo que eles se preparavam para vencer e que se concentravam em vencer, mas não uma situação que os deixasse em conflito ou próximos das raias da loucura, imaginando a proximidade da morte, a interrupção de sonhos e privações de amigos e familiares, na maioria das vezes por motivos que nunca pareciam justos o suficiente.

Brobdingnag não estava acostumada a perder guerras. Suas tropas pouco entravam em batalhas, e quando entravam causavam, na verdade, um genocídio. Era um exército altamente destrutivo sem precisar fazer esforço, estava na

natureza de uma armada tão rude causar estragos. Além disso, gigantes não possuíam laços de família, e mesmo seus filhos eram treinados pelos pais muito mais por uma questão de entretenimento pessoal do que por afeto. Gigantes não tinham grandes sonhos ou aspirações, não desenvolviam qualquer tipo de arte e, quando evoluíam, o faziam por instinto, nunca por descobertas através do próprio intelecto. Logo, viver ou morrer para um brobdingnaguiano era mais uma questão de instinto do que um real conflito filosófico.

Para as outras raças, tal estilo de vida tinha um ponto negativo e um ponto positivo. O ponto negativo era que, como se estar diante de um exército duas a três vezes maior já não fosse extremamente aterrorizante, enfrentar um inimigo que não possuía conflito moral em relação à guerra transformava essa reação em algo próximo ao pânico. Era comum relatos de seres de diferentes raças correndo para longe e gritando feito crianças em distúrbios e ataques de nervos, diante de gigantes que abriam e esmagavam os crânios de seus aliados. De fato, até hoje, Brobdingnag, com seu estilo de vida e de guerrear, nunca havia perdido uma guerra em que havia ingressado.

E, para as outras raças, esse era o ponto negativo.

O ponto positivo de ela pensar assim era que, se Brobdingnag fosse mais intelectualizada do que isso, seria ela o Reino dos Reinos, e não Arzallum.

Na verdade, houve apenas uma raça que *quase* derrotou a

gigante. E que, provavelmente, e aqui falamos apenas de uma opinião pessoal que eu não poderia comprovar, a teria derrotado. A raça élfica guerreou como semi-deuses, ou como os deuses acima deles, e foi bonito de se ver, para aqueles que conseguem ver alguma beleza na guerra. Batalhas em que elfas-amazonas cortaram os céus e cortaram gigantes, e fizeram sangue chover nas terras abaixo das nuvens. Batalhas em que um Elfo-Rei cresceu.

Batalhas em que foram abandonadas à própria sorte pela raça humana.

De qualquer forma, o que interessava naquele momento era que soldados de Brobdingnag estavam em roda, gargalhando como adolescentes bêbados, tentando agarrar uma espáfia, um animal equivalente a uma galinha humana, mas na proporção de um gigante, e muito mais esguio. Era um bicho dotado de muita flexibilidade, e que possuía uma carne que agradava ao paladar daquela raça. Quando um deles conseguia enfim agarrá-lo com as mãos, dobrava o bicho ao meio e partia, em um movimento, a coluna vertebral. Na verdade, os homens daquela raça adoravam o *estalo* que fazia a quebra do osso. Humanos entortavam o pescoço de galinhas, quebravam-no em um único puxão e depois comiam os corações. Gigantes partiam colunas vertebrais e comiam os crânios ainda com olhos e bicos.

Logo, era assim o ambiente de uma paliçada de Brobdingnag,

um tom quase descontraído, como de uma equipe esportiva esperando uma partida oficial na qual entra invicta. E isso talvez explique porque os gigantes se olharam incrédulos e embasbacados quando, pela primeira vez em sua história de guerra, a parte inimiga fora quem lhe chamara primeiro para a guerra.

No alto, dentre sons de trombetas de guerra, tremulava a bandeira vermelha de Arzallum.

## 12

Áxel Branford estava sentado na sacada de um dos quartos da Torre de Vidro. Estava a muitos e muitos e muitos metros do chão, tão alto quanto os olhos humanos possam divagar, mas ainda assim se sentava na sacada com uma das pernas dobradas sobre ela, como se pudesse voar feito um elfo criança que escorregasse dali. Estava sem camisa e vestia apenas uma tanga utilizada pelos índios locais.

- Sabe, se *you* cair dessa sacada, *you* morre... - disse a princesa Livith, aproximando-se, vestida com um roupão de seda com desenhos tribais bordados em fios de ouro tão finos, que mais parecia um lençol nobre.

- E por algum acaso, se *you* caísse daqui, *you* não?

- Eu jamais cairia daí...

O príncipe riu. E voltou a observar o horizonte eternamente ensolarado e fantástico demais para existir.

- Vocês, elfas, fazem alguma coisa *normal*?

- "Normal" como?

- Digo normal para os padrões humanos.

- Por exemplo...

- Não sei. Coisas como... acordar com a cara amassada, ou roncar após uma noite de muito vinho, ou falar com bebês de forma engraçada, ou, sabe, sei lá: vocês chamam umas às outras por apelidos?

A elfa começou a rir diante daquelas observações curiosas.

- Hum, nós acordamos com hálito agradável. Um hálito doce.

- Ah, sim, me sinto *bem melhor* como ser humano agora...

- Não sabemos o que é ficar embriagadas, não importa a quantidade de vinho que bebamos.

- Está certo, você venceu: vamos mudar de assunto...

- E, de vez em quando, usamos apelidos.

Áxel percebeu uma certa *timidez* naquele comentário. E se sentiu bem por reconhecer algo de humano naquela cultura.

- É mesmo? E como era o *seu* apelido? - era visível que ele estava ávido por aquela resposta.

- Eu *já* vou lhe dizer!

- Ei, eu sou seu esposo! Eu tenho direito de saber segredos...

- Nós estamos casados há muito pouco tempo para segredos desse tipo...

Ela sorriu, e ele gostou mais uma vez de reconhecer sentimentos humanos femininos naquela elfa. Balançou a cabeça aceitando o fato, embora deixasse claro que não iria

desistir daquela resposta tão fácil. Voltou a observar o

horizonte e perguntou:

- Elfas-amazonas podem voar se quiserem?

- Nós somos instrumentos de guerra. Não é possível coabitar em um mesmo corpo guerreiro tanto a fúria necessária para a guerra quanto a pureza necessária para flutuação.

- Não?

- Acaso acredita que seria?

- Sua cultura me ensina a cada dia que nada é impossível em terras como estas.

Ela se aproximou, e Áxel achou que ela iria tocá-lo, mas, em vez disso, ela apenas se sentou em frente a ele na sacada, de uma maneira muito mais confiante e confortável do que a dele.

- Como vocês enfrentaram Brobdingnag?

- Em que sentido?

- Você me disse que humanos os enfrentaram em terra, e vocês os enfrentaram no céu. Se fadas-amazonas não voam, como vocês o fizeram?

- Cavalgando.

- O quê? Grifos?

- Dragões.

Juro: Áxel *quase* caiu daquela sacada.

- Então... elfas-amazonas cavalgam... dragões?

- Sim, mas só em tempos de guerra.

Áxel voltou a observar o horizonte infinito, como que procurando, entre brechas mal iluminadas, a sombra de seres acima da compreensão.

- E *onde* esses dragões estariam?

- Adormecidos nos mares do Nunca, até que os chamemos mais uma vez.

Áxel voltou a observar o mar em calmaria, dançando em forma de pequenas ondas, e tentou imaginar dragões dormindo abaixo das águas azul-escuras. Ele tentou o bastante, juro que tentou.

E ainda assim não conseguiu.

- E como eles sabem quando é a hora de *acordar*?

- Pela ligação que temos com eles.

- É uma habilidade feérica?

- Não, é uma ligação feita através de um ritual.

- E como é feito tal ritual?

- Gravamos na criança com um molusco encontrado por aqui as tatuagens tribais, contendo o nome da criança-elfa e de seu futuro dragão...

- Então essas tatuagens tribais que possui...

- Na verdade, são escritos élficos.

- Mas, se eles foram gravados quando bebês, como...

- As tatuagens, quando gravadas com as pequenas garras e as enzimas liberadas pelo molusco, crescem junto com a pele.

Áxel desceu da sacada e se aproximou dela para observar

melhor. Havia reparado que Livith possuía tais escritos nas costas, mas que isso não era uma regra entre elfas.

- E existe outro modo de gravar esses escritos?

- Existe uma ostra que também possui uma pinça em suas terras. Mas, com ela, a tatuagem adquire a cor da pele e não se percebe.

Áxel tocou o ombro dela, na intenção de afastar o cabelo violáceo do pescoço, e sentiu que ela estremeceu, como se estranhasse o toque.

- Eu *posso*? - ele perguntou, ao perceber o estranhamento.

- É claro... - a elfa sorriu. Aqueles olhos de prata eram difíceis de se desviar. - E que machos e fêmeas se tocam pouco em nossa cultura...

- Já na nossa eles se tocam o tempo inteiro.

A elfa continuou sorrindo e ela própria afastou o cabelo para que ele observasse os inscritos atrás do pescoço.

- O que significa esses escritos?

- *Livith ap Lyanda*. - Ao menos fora isso que Áxel entendeu da intenção do que ela quis dizer.

- É o nome de seu dragão?

- Da minha dragonesa.

Áxel ergueu as sobrancelhas, surpreso, e Livith, curiosamente, achou o movimento fascinante. As sobrancelhas élficas eram apenas uma pequena linha, quase imperceptível.

- Vocês mexem essa parte do corpo... - ela disse encantada,

como se Áxel fosse um alienígena.

- Mas... - continuou Áxel, sem perceber o súbito encantamento dela. - Como se *escolhe* o dragão?

- A dragonesa... - ela disse, de maneira displicente, ainda concentrada nas sobrancelhas dele.

- Certo. A dragon... ei, tem alguma coisa errada com meu rosto?

- Pelo contrário... - ela sorriu, uma vez mais. E voltou ao assunto: - Na verdade cavalgamos *apenas* dragonesas. As filhas da dragonesa que originou todos os outros. As filhas do Dragão de Éter mais poderoso dentre todos.

-Você está *realmente* falando de...

- Das filhas de *Tiamat*.

Definitivamente, eu não sei como Áxel Branford não caiu daquela sacada.

## 13

- Como... como você ousa... - tentou dizer em gaguejos neuróticos um coronel Baxter vermelho, observando a bandeira ao alto da mesma cor.

- Com todo o respeito, senhor, os homens me seguem porque eu os lidero na prática. E porque sou eu que vou estar à frente deles com uma espada vingadora nas mãos. Diante disso, eu sei que, se algo não for feito neste momento, a coragem deles irá se esvaír, e caminharei sozinha por aquele campo de batalha, independentemente de Rei Branford aqui chegar ou

não...

A capitã Bradamante se afastou e caminhou na direção de homens à espera da confiança que o bravo transborda, mas o comum apenas almeja.

Ao fundo, o coronel Baxter continuou espumando e rangendo dentes, observando aquela capitã que desafiava sua autoridade e comandava homens que a obedeciam, adoravam e respeitavam muito mais do que ele jamais conseguiria, ao menos naquelas terras em que suas canções como herói mosqueteiro não significavam o mesmo que em sua terra natal. Na verdade, em que não significavam nada.

De certo, era que a bandeira vermelha havia sido erguida, e Arzallum precisava armar sua fileira de escudos naquele campo de batalha. O coronel Baxter, porém, sabia que a capitã Bradamante pagaria por aquela afronta. E ele já tinha a perfeita ideia de como...

**14**

- Então aí reside também a *responsabilidade* que você havia citado da mãe sobre a filha em sua raça... - o príncipe concluiu.

- Sim. À mãe cabe mergulhar nas águas do Nunca em busca de um dos milhares de ovos de Tiamat.

- Eles não nascem embaixo d'água?

- Não, eles lá adormecem depois do nascimento. Mas eles chocam após serem trazidos à superfície.

- E quando a mãe não consegue o feito?

- Ela morre na tentativa.

Áxel engoliu em seco, franziu a testa e as sobrancelhas se uniram. Livith continuava observando-as como se fossem um brinquedo.

- E suas filhas...

- As filhas das mães que falham e padecem na tentativa tornam-se as elfas que nunca deixam o Nunca.

- Porque não voam...

- Porque seu destino é esse. No futuro, elas poderão tentar o mesmo feito para que sua descendência tenha outro destino.

- Aqui tudo está ligado a ser capaz de voar ou não, não é?

- Aqui tudo está ligado ao que se está destinado e a quão *pura* a sua vibração se mantém...

Eles se olharam tão sérios quanto os rumos que aquela conversa estava tomando.

- E quando a mãe sobrevive e traz o ovo?

- Esperam-se três dias, que é o tempo máximo que a dragonesa leva para nascer. Então se faz um corte no filhote de dragão e despejam-se algumas gotas de sangue na boca da criança-elfa...

Áxel era pura seriedade.

- E a criança?

- Chora como se estivesse sendo envenenada.

- E ela não está?

- Não, está aumentando sua vibração energética, apenas não sabe.

- E depois?

- Corta-se a criança, e é a vez do filhote de dragão provar o sangue dela.

Áxel expirou forte. Cada dia naquele lugar era, definitivamente, uma rodada de emoções.

- Vocês... *cortam* recém-nascidos?

- Apenas o suficiente.

- Isso é uma atitude forte...

- Soube que suas fêmeas, quando não se sentem preparadas para ser mães, são capazes de matar os filhos ainda dentro de si...

Áxel não conseguiu pensar em um comentário.

- Para nós isso é chocante. Não temos o *apego* que sua raça gosta de exibir, mas uma elfa jamais seria capaz de matar o próprio filho. E, se o fosse, com certeza o faria quando já estivesse em condições de se defender.

Áxel, pelo resto da vida, jamais conseguiu encontrar uma contra-resposta.

- Depois do... - a voz de Áxel era sombria. - Depois que ambos provam o sangue um do outro... está pronto?

- Aí se gravam os nomes de ambos tanto na elfa bebê quanto na dragonesa. Nas elfas, escreve-se na língua élfica. Nas dragonesas, pintam-se pelo corpo, principalmente ao redor dos

olhos.

- E a ligação se faz?

- Não, a ligação se faz quando compartilham o mesmo pensamento. Para isso, ambos são mergulhados ao mesmo tempo no *Lago da Saudade*, e ambos, enquanto lutam para não morrer na água quente, pensam em *sobreviver*, e é esse pensamento que gera a ligação.

- Porque elas compartilham da mesma vibração...

Livith *gostou* da conclusão dele.

- O pensamento segue a ação. A ação segue a energia - ela também concluiu.

Áxel apontou para um lago em meio a uma clareira, que era facilmente avistável da altura em que se encontravam.

- *Aquele é o Lago da Saudade?*

- Sim, o lago das ninfas.

- E por que esse nome?

- Quando uma pessoa morre, ela deixa gravada na própria energia o último pensamento. A água quente do lago é capaz de nos revelar essa marca...

Áxel chegou a sorrir diante da poesia fúnebre.

- Como é o processo?

- Os corpos são afundados na água para a purificação. Então são queimados em uma cerimônia élfica, e se tornam pó. Esse pó é espalhado pelo vento novamente nas águas do lago, e as cinzas desenham o último pensamento...

- Na maioria das vezes, tais pensamentos não devem dizer muita coisa, não é?

- Eles sempre dizem.

- Não são pensamentos de dor ou medo?

- Quando uma elfa pressente o segundo anterior à morte, ela, por reflexo, pensa na mensagem que quer deixar para sua cerimônia...

- É como um instinto?

- *É exatamente isso.*

Áxel ponderou. E ainda, em meio a pensamentos reflexivos, perguntou:

- E o que representa para um elfo ou uma elfa não fazer sua passagem para o outro mundo através desse ritual?

- Significa uma morte incompleta. E uma passagem intranquila.

Áxel pareceu mais concentrado do que o normal na conclusão dela.

- Você tem razão - ele disse, como se o mundo fosse justo. -

Você tem razão em tudo o que diz. E agora eu já sei como convencer Petter Pendragon de que ele deve ir à guerra...

Livith não sabia se existia algo de sombrio ou luminoso na expressão daquele príncipe, e realmente isso seria algo muito, muito difícil de ser concluído ainda ali. O fato era que tempos difíceis continuariam a chegar. Mas, ao menos, ainda que de maneira incompreensível, alguma luz já parecia começar a

também correr sobre eles.

15

A Rainha Branca Coração-de-Neve estava no Salão Real do Grande Paço e estava agitada. Rei Anísio Branford havia partido nas geringonças de gnomos para campos de batalha de onde teria uma volta incerta e a havia proibido de acompanhá-lo. Branca não iria obedecer ao desejo do marido, mas ele tinha razão quando dizia que *dessa vez* era preciso ficar um comando no Grande Paço. Em uma guerra de proporções como aquela, notícias urgentes poderiam chegar, tratados poderiam ser rompidos, decisões teriam de ser tomadas, recursos teriam de ser divididos e enviados, e quem viesse ao Grande Paço deveria encontrar um ponto de referência em momentos de loucura.

Além disso, havia outro argumento de proporção em simpatia e popularidade equivalentemente inversa à importância. Em verdade, ninguém sabia quanto tempo duraria aquela Primeira Guerra Mundial, e manter um exército em uma fronteira como Arzallum exigiria um custo altíssimo daquele Reino, custo este que teria de ser repassado para a população. Na prática, isso significava aumento de impostos, racionamento de alimentos e orações aos mortos. Exatamente tudo o que um Rei precisa fazer para diminuir sua popularidade e incitar revoltas de seus comandados. A par disso, só havia uma forma de um Rei sair menos ileso de uma situação tão destrutiva.

Seu Reino precisava vencer a guerra.

A Rainha Branca mantinha-se a todo o momento junto ao Tesoureiro Real, analisando a discrepância entre custos e impostos coletados envolvendo couro, sal, grãos e lã bruta, simulando variações para equilibrar essas contas e decidindo o que enviar, quem enviar e como enviar recursos, suprimentos e mantimentos às tropas permanentemente armadas para enfrentar Brobdingnag. Tudo tinha de ser muito bem pensado: o Grande Paço nunca poderia ficar desprotegido, e, ao mesmo tempo, não seria inteligente poupar um bom guerreiro da paliçada de guerra.

Por outro lado, deixar o Grande Paço à mercê dos menos experientes também não se tratava de uma boa opção.

Os Cavaleiros de Helsing estavam em missão, e Andreeanne parecia, a cada dia, muito mais uma cidade zumbificada, em que seus habitantes agiam e viviam muito mais por um instinto que lhes lembrava do que deveriam fazer do que pela consciência própria de um ser humano que faz o que tem de fazer por entendimento da necessidade do feito ou do prazer que ele lhe retorna.

-Vossa Majestade, com todo respeito, será preciso reduzir a quantidade de suprimentos pretendidos para ser enviadas às tropas.

- E por quê, tesoureiro?

- Porque não há meios de transporte suficientes. As caravanas

já estão lotadas.

- Então ordena que se construam mais carroças.

- Mas, Vossa Majestade, os lenhadores estão sobrecarregados de trabalho. E muitos deles se voluntariaram para ingressar como mercenários na linha de batalha de Arzallum, diminuindo a mão de obra.

- E, se a mão de obra de Andreamne diminuiu, e se as fileiras de mercenários de Arzallum na paliçada aumentaram, então esses são mais dois motivos de por que esses suprimentos serão muito mais necessários lá onde os feridos agonizam do que aqui onde se perde a fome com a espera.

- Mas, Vossa Majestade...

- *Tesoureiro*. - E o senhor magricelo, de olhos grandes e cabelos brancos, sentiu o tom de comando na voz de uma Rainha. - Eu não estou pedindo tua opinião neste caso. Eu estou ordenando que esses suprimentos sejam enviados aos soldados de Arzallum na paliçada do campo de batalha.

O tesoureiro assentiu.

- Sim, Vossa Majestade.

- Se não existem mais homens suficientes para baterem em uma árvore, que eles chamem suas mulheres para ajudar. Eu mesma aprenderia a usar um machado, se isso fosse ajudar meu marido! Se não há madeira suficiente para construir novas carroças, que derrubem casas sem donos e façam marceneiros dobrarem suas jornadas. Aliás, explica a esses

homens que eles têm apenas uma jornada de trabalho, e explica às suas mulheres o que acontecerá com seus corpos e sua decência se Arzallum perder a guerra e Minotaurus chegar até aqui!

- Sim, Vossa Majestade.

- Eu quero o toque de recolher das crianças no momento em que a luz começar a dar lugar à noite. Eu quero que da noite à madrugada o único som que seja escutado em toda a cidade de Andreanne seja o de homens e mulheres trabalhando em prol da guerra que iremos vencer.

- Sim, Vossa Majestade.

- Eu quero que pombos-correios voem por Arzallum e levem essas notícias. E quero que convoques bardos para o campo de batalha.

- "Bardos", Vossa Majestade? - o tesoureiro se assustou em meio a tudo o que anotava da maneira mais rápida que conseguia, com a pena e letra ilegível para outro alguém que não ele próprio.

- Sim, envie-os aos campos de batalha e faça com que os escritores escrevam sobre as batalhas com seus melhores versos, e faça com que os trovadores entoem cantigas com suas melhores líricas, e faça com que os contadores de histórias voltem e narrem vigorosamente com seu melhor fôlego nas tabernas mais populares. Se eles não servem para segurar a espada, que sirvam a esta bandeira usando a pena. E

é assim que uma vitória não é esquecida...

- Sim, Vossa Majestade.

Era difícil, por mais que a vida daquele tesoureiro estivesse uma desgraça, ainda assim negar a atração e fascínio que uma figura de comando como aquela exercia, ainda mais em um mundo com o histórico de Reis fortes, mas Rainhas submissas.

- Estás liberado por enquanto, tesoureiro...

- Ao seu dispor, Vossa Majestade...

E o senhor magricelo saiu com o olhar naturalmente esbugalhado, enquanto, ao fundo, Branca Coração-de-Neve se sentava no trono destinado aos Reis e apoiava o rosto sobre as duas mãos, com os cotovelos dobrados nos braços da cadeira. Sentia o mundo pesando nas costas como sentiam os Reis que ali se sentavam, e merecia se sentir assim.

- Majestade...

A voz vinha de um soldado inexperiente, que cumpria o papel da figura que anunciava visitantes a um Rei. O tom com que se dirigiu à sua Rainha era muito menos onipotente do que deveria, mas o pobre rapaz suava como em sua época de aprendiz, e a Rainha não se importou com nada que fosse supérfluo naquele momento tenso.

- O que foi, soldado? - ela disse, dentre uma expiração pesada.

- Vossa Majestade, existem duas visitantes que pedem por uma audiência.

A Rainha ergueu a cabeça e estranhou.

- *Duas* visitantes?

- Sim, Vossa Majestade. Uma delas afirmando se tratar da confiança de Conselheiro e general Sabino von Fígaro!

Branca modificou a posição no trono.

- Esta confiança foi ratificada?

- Sim, Vossa Majestade! Soldados mais experientes confirmaram que já a viram na companhia de general Sabino von Fígaro inclusive em momentos íntimos, como compartilhando poltronas no Majestade.

Branca coçou a parte debaixo do queixo, curiosa. E ordenou:

- Anuncia as visitantes, guarda.

O guarda colocou-se em posição e disse na voz mais potente que conseguia reproduzir, claramente incomodado com os títulos que lhe foram apresentados pelas visitantes:

- Vossa Majestade, a *sacerdotisa* Lenora Viotti e sua *aprendiz*, Ariane Narin...

Madame Viotti e Ariane entraram no Salão do Grande Paço.

No momento em que se olharam pela primeira vez, aquelas três mulheres já sabiam que estavam prestes a participar de uma parte da história do mundo.

**16**

Os soldados de Arzallum se posicionaram no campo de batalha de maneira trêmula. Estavam equipados e estavam armados, mas alguns olhavam de maneira estranha para uma espécie de máscara de médicos que haviam sido obrigados a

levar, mas ninguém entendia a função.

- Tem certeza de que devemos levar isto para a guerra? -

perguntou um dos sargentos à capitã.

- Nós soldados precisamos sempre partir do princípio de que nosso Rei sabe o que faz...

Metade daqueles homens estava ligeiramente embriagada, e talvez eu esteja sendo (bem) modesto nessa proporção. Não é possível culpar um homem naquela situação, que parecia marchar para a morte certa. É fato que normalmente não é assim que os bardos cantam estes tipos de canções, nas quais heróis virtuosos caminham de maneira imponente na direção dos inimigos, com a certeza da vitória ou preparados para a morte. Só que bardos fazem o que for preciso para que as histórias se tornem mais interessantes, embora até eles saibam como é a verdade crua que envolve uma zona de guerra. E, antes que se lembre da guerra que os bardos costumam narrar, um aviso direto: esqueçam o que eles cantam, podem ser interessantes histórias de cavaleiros com armaduras brilhantes resgatando princesas sem despentear o cabelo, mas, na prática, *glamour* está longe de um cenário de combate.

Primeiro de tudo: soldados fedem. Há o cheiro forte de suor e catinga, principalmente depois que as partes metálicas são acopladas; há o bafo de álcool que se projeta como uma flecha; há o cheiro de urina daqueles que não conseguem segurar o sistema nervoso, e nem vou dizer o cheiro daqueles

que não conseguem segurar os intestinos. É esse o cheiro de uma parede de escudos. Homens tremem, homens oram e homens choram. E o mundo, e todo propósito que faria sentido ao mundo, ali é esquecido, pois, do contrário, não haveria batalhas. Ou, ao menos, toda batalha seria a última.

- Lanceiros à frente, mercenários atrás, arqueiros a postos... -

bradou a capitã Bradamante para os oficiais mais graduados.

Os lanceiros marcharam à frente com os escudos próximos, até o ponto onde sua capitã desejava. E então houve o estalo provocado pelo som desses escudos encaixando-se uns nos outros, de forma a um homem proteger o companheiro ao lado, enquanto utilizava a lança no outro, com a confiança de que será igualmente protegido pelo seguinte. Não havia ainda cavaleiros nos exércitos unidos, comandados por Arzallum.

Havia poucos cavalos na paliçada humana, e os cavaleiros de verdade seriam os últimos a chegar, mesmo porque eram

aqueles que mais custavam a uma zona de guerra. Se

alimentar cavaleiros já era trabalhoso e expansivo, imagine

cavalos de guerra, e isso sem contar o cheiro ainda mais

nauseante que traziam e ajudavam a partilhar no

acampamento, através de dejetos que atraíam moscas e pelos

maltratados que acumulavam crostas de sujeira e piolhos.

Entretanto, como já dito, Bradamante não poderia esperar por eles.

Arzallum não poderia esperar por eles.

Para se ter a ideia das diferenças de importância da vitória daquela guerra para os três Reinos, bastava observar o comprometimento de cada Rei diante da situação. Rei Tércio e Rei Segundo não estariam naquele campo de batalha ao lado de seus Conselheiros, com grandes mapas espalhados por mesas extensas e na presença de mensageiros e capitães que estivessem pelos campos de batalha.

Rei Anísio Branford estaria lá pessoalmente.

- Quando estivermos em frente aos líderes de Brobdingnag, a capitã irá se lembrar quem exerce o real comando aqui?

O cavalo de pelo bem tratado e manchas escuras que

lembravam desenhos de crianças, e sustentava o robusto

coronel Baxter, aproximou-se da égua branca que

Bradamante montava. Para a jovem comandante, o mundo não

pareceu melhor por causa disso.

- Eu tenho consciência, coronel, de que é o senhor quem irá

fazer as honras e a troca de ofensas diante dos líderes

gigantes...

- Eu farei isso?

- Sim, o senhor fará, coronel.

- Por que eu sou o líder deste acampamento?

Bradamante suspirou. Adorava sua função, mas detestava a

parte de ter de lidar com pessoas como aquela, que cobravam

um alto preço de cinismo em troca de poucos momentos de

quietação.

- Senhor, peço desculpas se, por algum momento, pareci

duvidar de suas capacidades de comando, ou pareci querer

burlar sua autoridade. Minha intenção nunca foi a de criar uma

rixa ou disputa de comando, mas evitar que a união deste

exército seja esmagada junto com a confiança de nossos

homens, antes que o desespero próximo os domine como o

está fazendo neste momento.

O coronel ficou em silêncio, como que para ter certeza de que

Bradamante havia terminado o discurso de desculpas. Como a

capitã nada mais disse, embora o silêncio das palavras que

deveriam, mas jamais seriam ditas, fosse incômodo, o coronel

concluiu:

- Não se preocupe, capitã - ele disse, ainda de forma pausada. -

Eu vou lhe dar a perfeita oportunidade de demonstrar suas próprias capacidades e aumentar a confiança deste exército...

O coronel sorriu e avançou um pouco com o corcel.

Bradamante não gostou nem um pouco do que quer que parecesse correr por detrás daquele sorriso.

- Parede de escudos, parede de escudos! - ela voltou a gritar enquanto colocava sua égua para correr e checava a primeira fileira de ponta a ponta.

Parados e conectados por uma linha composta e reforçada pela mesma tensão que precede a morte, homens suados, trêmulos, embriagados e temerosos dividiam a mesma parede de escudos. Tratava-se de uma parede que estabelecia diversas fileiras de maneira competente, e de fileiras densas o suficiente para fazer tremer um inimigo humano. Ao menos um inimigo humano.

Comandantes de patentes menores que a capitã ajudavam a organizar os três mil e quinhentos lanceiros que tomavam à frente. Todos olhavam vez ou outra para um horizonte vazio, imaginando os outros mil e quinhentos lanceiros que viriam reforçá-los, mas o horizonte, fosse o que fosse que ele soubesse, não compartilhava das mesmas vontades daqueles homens prestes a sangrarem por motivações distintas.

Os mercenários se posicionavam atrás dessa parede. A função

deles era a de fornecer reforço à retaguarda, caso o inimigo tentasse flanquear a parede dos lanceiros. A maioria daqueles homens era hábil com machados e facas, mas havia golpeado árvores e tirado a carne de animais abatidos, e isso em nada se comparava a estocar um homem vivo bradando pelo seu sangue. Se lanceiros mais ou menos experientes tremiam esperando a chegada de um exército cantado como uma maldição de semi-deuses, aqueles homens destreinados se mostravam verdadeiras crianças a ponto de desistir, estimuladas pelos pais a não largarem tudo e saírem correndo com o choro da alma envergonhada. Alguns daqueles dois mil homens eram ex-prisioneiros que trocaram a prisão pelo campo de batalha. Alguns eram soldados aposentados que viveram o suficiente para estar em uma batalha de verdade, mais uma vez. Alguns já haviam matado, e mais de uma vez. Alguns haviam matado homens; alguns haviam abatido animais e consideravam a situação que viria parecida, embora esquecessem que não eram apenas homens que seriam combatidos. Não era dessa forma o exército que um líder militar sonharia ter ao seu comando quando o mundo bradava gritos de morte.

Entretanto, era aquilo que a Soberania, nome com que ficou conhecida a união de Reinos naquele campo de batalha, possuía naquele momento, e quando se está prestes a perder tudo, tudo o que se tem se mostra valioso.

Atrás dos mercenários, imponentes e alinhados como uma pintura, postavam-se os arqueiros. Na soma, totalizavam mil. Falavam pouco e não choravam nem sorriam. Pareciam falar com o olhar, na verdade, ou através de movimentos lentos com a cabeça. Como se localizavam atrás da fileira de mercenários, o grupo funcionava como espécie de cães de vigia para possíveis desertores. De fato, vez ou outra, algum lenhador ou açougueiro pensava na família que não veria mais, ou na descoberta do valor da própria vida agora que tão próximo da inexistência, e pensavam em correr para longe do exército no qual deveriam tomar parte. Entretanto, bastava olhar para trás, que seu olhar involuntariamente se encontraria em destrutiva colisão com o de arqueiros frios, que mostravam mais frieza do que um homem com a lança, por ser a classe mais afastada do inimigo e normalmente a última a morrer. E esse encontro de olhares, de maneira silenciosa, calava corações. Pois, nessa hora, arqueiros moviam as cabeças lentamente de um lado a outro, em um gesto negativo, que dizia muito na expressão. Uma expressão silenciosa que avisava ao mercenário inseguro que, se ele ao menos *ousasse*, uma flecha o afogaria no próprio sangue ao transpassar seu pescoço antes mesmo que ele alcançasse os duzentos metros de corrida. Logo, diante de tamanha opção, restava apenas a de continuar de pé e lutar, pois *talvez* na luta se vivesse. E foi assim que a aliança conhecida como Soberania esperou.

E então, após o tempo que foi preciso, mas nenhum soldado desejava que corresse, escutaram-se os bumbos, explodindo em ecos estrondosos e cadenciados como o som do fim do mundo. E escutaram-se as cornetas. E escutou-se a marcha. A primeira impressão que se tinha quando os primeiros deles surgiram no horizonte era de uma miragem. O calor provocava uma visão turva, que se balançava como se fosse um reflexo em um lago agitado. E, pouco a pouco, esse reflexo crescia e crescia e crescia. E por mais que a imagem a cada vez que se aproximasse se tornasse menos turva, e por mais que o calor começasse de repente a não ser mais o principal inimigo, a impressão que se tinha para o homem temeroso que observava a chegada era de que aquilo *ainda* era uma miragem.

Eram centenas, e centenas e centenas. Eram cinco mil aberrações que não deveriam existir e, se existissem, não deveriam estar do lado inimigo. Eles usavam vestimentas primitivas e grotescas, cobertas de peles de animais dos quais não haviam tido o trabalho nem mesmo de lavar o sangue. Muitos usavam elmos com chifres de animais desconhecidos; elmos de diâmetro tão grande, que lembravam bacias. No corpo, usavam peles grossas como armadura, e vez ou outra um peitoril de couro por baixo da capa de pele. E nada mais. Marchavam de maneira desordenada, como se a desordem do caminhar já demonstrasse o que traziam ao campo de batalha.

## Destruição.

A frente da massa de homens que variavam entre três e cinco metros de altura e não pesavam menos de cem quilos, estava Polifemo, o medonho até mesmo entre os hediondos. Com o imenso olho que lhe ocupava toda a testa, trazia marcas com símbolos tribais ao redor das bochechas, colares com dentes do tamanho de dedos no pescoço, brincos ao longo de toda extensão da orelha e uma pele grossa de um animal cinzento. Como se tamanha figura não fosse temerosa o suficiente, um maldito espinho lhe atravessava o queixo passando por baixo da língua, reverberando bem ao inimigo a filosofia de um ser que não se importava com a dor. Nas mãos, o estandarte de Brobdingnag, com um crânio que poderia ter pertencido a um gigante pequeno ou a um humano grande e gordo.

A visão era de uma horda de seres expurgados de maus pensamentos tomando forma e dançando em meio ao calor das terras mortas, como se o caos fizesse sentido. Não havia cavalos nem quaisquer outros tipos de animais. Eles andavam a pé, e andavam rápido, dando a impressão a um humano de que corriam, e talvez corressem realmente. Os que carregavam correntes, as arrastavam pelo chão, e o som daquelas cobras de metal se esgueirando por um campo de batalha provocava taquicardias próximas de um colapso nervoso. Mas as correntes não eram o pior som que soldados humanos escutariam. Pois foi só quando os exércitos estavam próximos,

e só então, que o exército da Soberania percebeu que não havia bumbos junto com o caminhar do inimigo. Os sons cadenciados que anunciavam o fim do mundo não eram produzidos por instrumentos trêmulos, de teor intranquilo. Eram produzidos pelos passos da corrida dos imensos guerreiros de Brobdingnag.

Homens começaram a urinar nas próprias calças e a não escutar mais a própria respiração, quando perceberam que não iriam viver um dia a mais para narrar a batalha que se seguiria.

Havia ali seis mil e quinhentos homens contra cinco mil gigantes, e nenhum homem parecia considerar isso uma vantagem diante daquela visão de demônios desordenados tomando vida para iniciar uma triagem de sangue.

A capitã Bradamante em cima de sua égua tentou disfarçar o pavor que aquela visão causava, mas não conseguiu. Por isso, abaixou o elmo que lhe deixou com um rosto metálico sem expressão. Em seu âmago, porém, nem mesmo ela tinha certeza de que seria capaz de inspirar seus homens a lutarem como se o inimigo fosse um igual e toda luta fosse justa.

No horizonte, não se via nem lanceiros, nem Reis, nem aliados. Aqueles soldados estavam sozinhos, e a maioria já começava a enxergar a ruiva maltrapilha caminhando pelo solo árido das Terras Mortas.

Beanshee havia chegado.

- E tanto uma quanto a outra, quereis que eu acredite que esta menina é capaz de tamanha vocação? - perguntou a Rainha Branca, após escutar o relato das visitantes.

- Sim, Vossa Majestade - respondeu Madame Viotti.

A Rainha parou pensativa, ponderando o que a ela era inacreditável. E tinha de ser. Ariane observava o Salão Real com cautela e estava tão nervosa na presença da Rainha, que mal conseguia se mostrar empolgada.

- Consideremos... - Branca Coração-de-Neve disse de maneira lenta e tom pausado. - Apenas *consideremos* que o que me foi dito seja verdade, está certo?

- Sim, Vossa Majestade... - estimulou a sacerdotisa.

- Consideremos que esta jovem seja uma menina tão especial quanto quereis me fazer acreditar em momento tão propício. *Como* ela receberia tais mensagens?

- Através de sonhos, Majestade - respondeu a sacerdotisa.

- Então ela sonhou com o que tu estás me revelando?

- Não - respondeu Ariane, de bate-pronto, imediatamente se arrependendo do tom irritadiço.

A Rainha se virou para ela, e era visível seu conflito. Branca era uma pessoa doce, que gostava de crianças e adolescentes, e, na maioria das vezes, tratava-as de maneira singela. A pressão a que estava sendo submetida como Rainha, contudo, obrigava-a a tomar decisões sem seu marido; decisões que poderiam trazer a glória ou a desgraça para Arzallum e

estavam-na transformando em uma pessoa que ela não estava gostando de ser.

- Não? - perguntou a Rainha e manteve-se concentrada em Ariane, indicando que queria ouvir explicações *diretamente* dela.

- Eu às vezes tenho em sonhos, entendeu? Só que às vezes eu tenho visões acordada! O que, no fundo, parece também que eu estou sonhando, então nem sempre eu sei diferenciar direito uma coisa da outra!

- Em outras palavras, tais visões podem não passar de sonhos comuns?

- Não, você não tá entendendo...

Branca Coração-de-Neve por um momento se manteve em choque com o tratamento espontâneo de Ariane. Madame Viotti, ao perceber, disse:

- Ariane, Reis e Rainhas se referem a nós plebeus por "tu".

Nós devemos nos referir a eles como "Vossa Majestade"...

Ariane fez uma careta.

- Ah... é? E quando é que alguém utiliza o "tu" com um Rei?

- Quando é igualmente um Rei, porque eles se vêem como iguais.

- Mas na Escola Real a gente não aprende que o "Vossa Majestade" está ligado à forma como a gente diz os verbos usando "você"?

- Sim. Mas apenas quando não falamos com Reis ou Rainhas.

- Ah... - esboçou Ariane, em uma conclusão que em condições normais lhe seria excitante, mas naquela parecia burocrática e sem sentido diante da urgência do que precisava ser compreendido. De certo, era que a nova geração odiava todos aqueles pronomes de tratamento cada dia mais inúteis.

- Mas... Rainha... - e então Ariane parou, temerosa. - Eu posso chamar a senhora de "Rainha"?

Branca, como há pouco tempo não fazia, relaxou e sorriu.

Lembrou-se de conversas com Áxel Branford, e de como o príncipe real a forçava a utilizar o "você" com ele, e de como uma atitude tão simples se mostrava tão difícil para ela.

Naquele momento, de repente, isso também pareceu a ela um detalhe extremamente burocrático e sem sentido.

- É claro, Ariane.

E Ariane também sorriu ao perceber que a Rainha de Arzallum *realmente* havia guardado o nome dela.

- Mas, Rainha, *então*, quando a gente sonha, a nossa casca abre, entendeu?

A Rainha franziu a testa e olhou para Viotti, esperando a mesma reação. A sacerdotisa apenas sorriu sem mostrar nenhum dente.

- Como assim?

- A gente pode ser o nosso verdadeiro eu, entendeu?

A Rainha ainda não tinha como levar o que lhe fora dito como verossímil, mas aquela menina, de alguma forma, começava a

cativá-la.

- E como é o nosso verdadeiro eu, Ariane?

Madame Viotti chegou a abrir a boca para explicar à Rainha o que Ariane quis dizer de uma maneira mais... culta.

Entretanto, Ariane ignorou a sacerdotisa e avançou a conversa com seu jeito peculiar:

- Olha... o Áxel é *meu amigo*, sabe?

- Ele é?

- Sim, ele namorava a minha *melhor amiga*, sabe? Quer dizer, tem a Taruga também, mas... a Maria é minha amiga primeiro, compreende? - e então Ariane se deu conta da confusão do que estava dizendo. - Olha, eu quero dizer que ele namorava a Maria só, entendeu? Não que ele já namorou as duas! Poxa, nem dava, né? A Taruga tem a minha idade e a gente ama ele, mas a gente é muito nova pra ele, né? E eu também jamais ficaria com um ex-namorado de uma amiga minha, não é?

Madame Viotti coçou a cabeça, esperando a reação de Branca Coração-de-Neve. A Rainha travou e... sorriu. Era um fato: a Rainha sabia que uma adolescente tão impulsiva e transparente não tentaria lhe dizer algo que não fosse verdade, ou ao menos não acreditasse que fosse verdade.

Madame Viotti suspirou com a reação.

- Mas, Rainha, eu soube pelo Áxel que, na época em que ele foi atrás do Rei Anísio, ele encontrou o Rei *diferente*...

Branca fechou a expressão, imaginando *o quanto* Áxel teria

dito.

- Áxel comentou isso contigo, Ariane?

- Bom... *comigo-comigo* não, né? Mas ele comentou com a Maria! E... ah... eu sei fazer a Maria me contar as coisas, né?

Assim, nem sempre eu consigo, tudo bem! Mas às vezes, sim!

- Certo. Mas *o quanto* diferente tu souberas que Anísio estava?

- Eu soube que ele estava *preso* em uma pele leprosa de anfíbio, como se a pele dele fosse pele de gente *queimada*, como se tivesse uma crosta horrorosa...

Branca estava em choque de perceber que aquela menina sabia *realmente* o que estava dizendo. Madame Viotti tomou a palavra:

- Vossa Majestade, tanto eu quanto Ariane estivemos na Catedral da Sagrada Criação quando nossa saudosa Rainha-Fada Terra exterminou Babau, a bruxa que *marcara* Rei Primo Branford.

Branca arregalou os olhos.

- Vós estivestes lá?

- Sim - disse Ariane, olhando para baixo. - Essa bruxa... ela...

ela manteve preso o meu *noivo prometido*, sabe? - e ela tocou seu cordão de compromisso com João Hanson, para o caso de a Rainha não acreditar que ela era *sim* uma noiva prometida. -

E fez coisas ruins com ele e com a irmã dele. A Maria, sabe?

Essa que eu tava falando! Que namorava o Áxel!

- Então são os irmãos da macabra *Casa de Doces*? - perguntou

séria a Rainha.

- Isso! - Ariane respondeu no impulso. - Você... não, desculpa... ééé... *tu* "sabia" desse caso, Rainha?

- Também sei fazer Áxel me contar coisas. Nem sempre consigo, mas, às vezes...

E Ariane sorriu um riso aberto, passando a achar Branca Coração-de-Neve o máximo.

- Mas, Ariane... - tomou a palavra novamente Madame Viotti, com o intuito de não fazer nenhuma das outras duas divagarem. - Explique à Rainha Branca por que utilizou o exemplo de Rei Anísio...

- Hum, tá! Mas *então*, o Áxel disse que quando ficou de frente para o irmão dele naquela... naquele jeito grotesco, tadinho, em que ele estava, ele ainda assim precisou de pouco tempo para *reconhecer* o irmão, sabe?

- Entendo...

- Se a senhora tivesse visto Rei Anísio daquele jeito, eu tenho certeza de que a senhora também..

- Eu vi - cortou a Rainha.

- Como? - perguntou Ariane, confusa.

- Eu o vi naquela forma - disse a Rainha de uma maneira fria. -

E fui eu que quebrei a magia negra.

As duas visitantes pararam chocadas. Ariane estava eufórica ao tomar conhecimento de um segredo real diretamente da própria Rainha, mais parecia que alguém havia lhe dado o

segredo da vida.

Madame Viotti manteve a postura séria.

- Vossa Majestade, então, conhece magia branca?

A Rainha vacilou um pouco, como se ponderasse se não estava revelando demais ante duas desconhecidas. Resolveu seguir o coração e a intuição que pulsa por baixo das batidas e respondeu:

- Apenas o que já li.

Madame Viotti estava *realmente* chocada.

-Vossa Majestade seria uma grande iniciada...

A Rainha ficou observando Viotti com uma expressão neutra, sem revelar o que uma frase daquela lhe dizia. Ariane voltou a dizer:

- Mas Rainha...

- Diga, Ariane.

- Então, assim como o Áxel, a senhora percebeu que era o Anísio, digo, o *Rei* Anísio, quando o viu naquela forma?

A Rainha suspirou e admitiu:

- Eu percebi, sim. De fato, eu o reconheceria ainda que ele estivesse em outras formas, e ninguém mais o fizesse.

- Porque a senhora reconhece o verdadeiro *eu* dele, entendeu?

E então a Rainha arregalou as sobrancelhas, surpresa por não ter notado o raciocínio óbvio ao qual a menina a estava conduzindo e que ela havia esquecido. Era uma pessoa culta, havia lido bastante sobre aqueles assuntos, e o único obstáculo

que a estava impedindo de levar crença naquelas duas era a imposição de não poder errar em um momento de crise como aquele.

Mas era um fato: ela estava cativada.

- Madame... Ariane... eu preciso que vós entendeis: não duvido que ambas sejam mulheres de conhecimentos místicos nos quais ainda sou uma curiosa, e passei por situações traumáticas em minha vida o suficiente para saber que a magia existe neste mundo, e nem sempre correndo através de boas mãos. Colocado isto, gostaria que vós entendêsseis que não duvido das capacidades visionárias de Ariane, apenas preciso ponderar a necessidade de basear nelas decisões que mudam o mundo. Seria absurdo que uma Rainha de Arzallum tomasse providências para eventos que ainda não aconteceram baseando-se em profecias ditas a ela por qualquer pessoa que se apresente neste Paço e se diga uma visionária.

Da forma como a Rainha colocava a situação, era difícil não compreendê-la.

-Vossa Majestade, nós compreendemos sua decisão - disse Madame Viotti, reverenciando-a e forçando Ariane a fazer o mesmo, embora a garota não estivesse muito satisfeita com isso. - Nós apenas tínhamos a obrigação de passar adiante o aviso...

- Preocupação que agradeço, sábia sacerdotisa. - E a Rainha fez uma reverência mais contida, em despedida.

Madame Viotti já estava puxando Ariane para fora do Salão Real, quando próxima da saída a adolescente se desvencilhou de maneira abrupta de sua mestra e perguntou em um tom enfático na direção da Rainha:

- Mas e se eu provar que minhas visões são corretas?

A Rainha voltou a atenção para a menina e a manteve envolta em titubeios esperançosos e silêncios improdutivos.

- E se eu lhe provar *agora*?

O coração de Madame Viotti começou a bater mais rápido, e ela orou à sua sagrada Criadora que sua discípula soubesse *realmente* o que estava fazendo.

## 18

O coronel Baxter e a capitã Bradamante haviam trotado com os cavalos até a metade do caminho que separava os exércitos parciais das duas nações, para o encontro com os líderes do exército gigante. Os cavalos estavam agitados e pressentiam o receio que corria na energia dos domadores, normalmente seguros de si. Havia ainda um terceiro com eles: um bardo de nome Hamelin, que fora convocado para a zona de guerra contra sua vontade simplesmente por ser conhecido em tabernas, para sua infelicidade, como o único bardo de Andreanne a ter estudado, dentre outras línguas, o dialeto ögr, falado pelos gigantes.

Do outro lado, o ciclope e campeão Polifemo e mais um gigante de cinco metros sem pelos e de pele acinzentada, que

nenhum dos dois reconheceu a princípio, aproximaram-se correndo como ursos. Bradamante e Baxter se arrepiaram com tal visão e *tentaram* não demonstrar.

Hamelin quase apagou de nervoso e não fez questão de esconder isso.

Nenhum dos dois gigantes usava uma montaria ou parecia esbaforido após a corrida.

- Diga a eles que eu sou o coronel Athos Baxter, senhor deste exército, e esta é a capitã da Guarda Real e campeã de Arzallum, lorde Bradamante Fiordispina - ordenou o coronel ao bardo, que demorou um pouco para sair do choque de ver aquelas figuras duas vezes e meia mais altas, e pelo menos três vezes mais pesadas, do que ele.

O pobre bardo repetiu a instrução na língua-alta na medida em que seu nervosismo permitia lembrar-se do difícil dialeto cheio de vogais graves e tons ríspidos, mais lembrando rosnados do que uma língua civilizada.

O gigante ao lado do ciclope Polifemo pareceu compreender, embora olhasse para o bardo com um certo desdém próximo do nojo pela forma com que ele se expressava no dialeto. De fato, Hamelin havia lido que gigantes puxavam as frases mais tônicas do ögr com vigor e violência, arranhando a garganta, e quanto mais tônico esse som mais respeito ao emissor impunha. Conhecia-se um líder imediatamente pela forma e vigor com que ele se expressava.

Hamelin se esforçava, e seus esforços de reprodução e tradução de frases eram suficientes para impressionar humanos em tabernas, mas, para um gigante legítimo, seu tom de comunicação era menos expressivo do que o de uma fêmea moribunda.

O gigante acinzentado que acompanhava o ciclope, como que para ensiná-lo como falar corretamente e no tom de um macho dominante, emitiu em seu dialeto através de rosnados que lembravam trovões:

- Eu sou o chefe de guerra Geirrord, e este é o campeão de Brobdingnag, Polifemo!

Mais uma vez, o bardo ficou pálido e demorou segundos em choque. Na verdade, iria demorar muito mais do que isso, se...

- Bardo! - chamou-o à razão a capitã Bradamante. O gigante Geirrord sorriu ao perceber que a fêmea presente possuía um tom mais respeitável do que o do próprio tradutor.

- Eles... eles são o chefe... de batalha... Geirrord, e o campeão... Polifemo.

- Diga a eles que Arzallum irá lhes cortar as cabeças e irrigar o solo destas terras mortas com o sangue que jorrar. E que iremos empalhar suas cabeças como estandartes e deixá-las aqui nas Terras Mortas à mostra como um museu de uma raça extinta...

O bardo travou. Mais uma vez.

- Diga a eles... - repetiu o coronel, em um tom mais firme.

Hamelin suspirou e repetiu a instrução entre tons ainda trêmulos, da maneira mais competente que conseguiu, porém, suavizando algumas partes.

O chefe gigante Geirrord respondeu:

- Diga a eles que Brobdingnag vai arrancar suas colunas das costas e chupar o sangue delas como se fossem doces. Que iremos fazer colares para nossas fêmeas costurando seus olhos nos outros. E que não reconhecemos uma fêmea como campeã...

O bardo engoliu em seco e repetiu de sua maneira.

Bradamante fechou a expressão. O coronel Baxter ordenou:

- Pergunte a eles o que eles reconhecem hoje aqui.

O bardo o fez e, ao ter a resposta, disse:

- Eles reconhecem um chefe militar menor negociando no lugar de um Rei covarde e... - o bardo pareceu constrangido -... e duas fêmeas...

O coronel se inflou. Era possível ver a raiva contida na expressão através do beijo trêmulo e nariz torcido. E então ele disse em tom militar ao bardo tradutor:

- Diga a eles que a raça gigante nasceu quando a primeira cabra foi violentada por um humano! Que Polifemo nasceu com um único olho para chorar diante da bela Beanshee, campeã de Arzallum! E diga a eles que, em nome da honra e da arrogância que dizem ter, Arzallum os desafia a um *duelo de campeões!*

Bradamante arregalou os olhos diante da ousada e chocante proposta do coronel. Ainda estava em choque quando Baxter concluiu para o bardo inseguro:

- E diga isso, bardo, em seu tom mais grosso! Ou, do contrário, eu prometo que será da sua coluna vertebral que eles irão chupar o sangue primeiro!

O bardo estava com o coração na boca, mas compreendeu o que estava em jogo. E, por mais que o medo possa travar uma pessoa, em determinadas situações ele também a liberta. E foi assim que Hamelin inspirou fundo e disse entre rosnados que lembravam felinos:

- A raça gigante nasceu quando a primeira cabra foi violentada por um humano, e ainda assim o primeiro bebê morreu por fraqueza! - e virou-se na direção de Geirrord. - Sua pele é acinzentada porque, quando foi concebido, a ovelha que servira como sua mãe já havia sido tosquiada e o casaco feito com sua pele dada a um mendigo, que o recusou! - e virou-se na direção de Polifemo. - Sua cara possui um olho só para que você reine em terras de cegos, no único lugar onde enxergarão alguma beleza em você! Seus Reinos são superiores para que o choro de suas fêmeas, quando tentam satisfazê-las, chegue até nós na forma de chuva! Seu dialeto é cheio de rosnados para lhes aproximarem de cães! E nosso Rei não está presente porque ele está esperando um exército de verdade requisitar sua presença!

Os dois gigantes começaram a bufar e se agitaram olhando um para o outro, chocados. Hamelin não parou:

- E que, se o seu campeão honrar apenas metade do que já não tem entre as pernas, ele irá aceitar o desafio de Arzallum para um Duelo de Campeões diante dos dois exércitos e irá chorar pelo único olho antes de ter a cabeça cortada pela espada de Bradamante, a Bela Beanshee, a Guerreira Preferida, Aquela Por Quem Os Homens Querem Chorar e, a partir de hoje, a Matadora de Gigantes!

Os dois gigantes continuaram a bufar como bichos. Coronel Baxter virou-se para Hamelin e perguntou:

- Você disse *exatamente* o que eu lhe mandei, bardo?

- *Também*, coronel.

O coronel sorriu mostrando os dentes, satisfeito. Do outro lado, o gigante Geirrod compreendia o teor daquele sorriso.

Mas foi Polifemo quem falou primeiro, com sua voz sombria e outras expressões que lembravam latidos de cães violentos.

Hamelin traduziu:

- Ele disse que ainda reconhece nossa capitã como *ninguém*, mas que, se humanos reconhecem uma fêmea como campeã, ele irá arrancar sua cabeça com as mãos e chutá-la para o meio de seu exército, como um aquecimento antes de uma batalha de verdade.

Bradamante não conseguiu dizer nada, ainda surpresa. O coronel Baxter foi quem deu a última ordem:

- Como diria Rei Anísio, se aqui estivesse, diga a ele que, na verdade, ele irá *tentar*...

E foi enquanto o bardo traduzia o último diálogo entre aqueles líderes que Bradamante exclamou:

- Coronel, o que o senhor está pensando?

- Você não queria estimular soldados a lutar através de sua liderança e do fortalecimento de sua moral? Tudo está agora em suas mãos, capitã...

O sorriso de Athos Baxter continuava no rosto. E Bradamante não sabia se as palavras do sujeito exalavam a crença fiel em suas habilidades diante da confiança de um exército temeroso ou uma severa punição pelo desafio anterior de sua autoridade. Independentemente, contudo, ela talvez nunca viesse a saber o real motivo.

Primeiro, ela precisaria sobreviver a um duelo impossível.

## 19

Áxel Branford mais uma vez estava de frente ao imenso Elfo-Rei, que igualmente se mantinha estirado em seu trono real, como se o mundo não tivesse importância nem merecesse uma segunda chance.

- Já enjoou da presença de *Lvth*, príncipe?

- Não o suficiente para preferir vê-lo, Vossa Majestade.

Rei Petter mudou de posição e ergueu os olhos diante da resposta atrevida. Fazia tempo, muito tempo que alguém não falava com tal audácia em seu salão.

- Então deve ter um motivo particularmente importante para voltar a minha presença...

- Com certeza. Vim até aqui ajudá-lo a se tornar um Rei de verdade.

Rei Petter Pendragon mais uma vez modificou a postura corporal.

Definitivamente, há muito tempo ninguém falava com o Senhor dos Dragões daquela maneira naquele salão.

- O príncipe real tem consciência dos terrenos perigosos por onde está pisando?

- O Elfo-Rei o tem?

O Rei do Nunca se ergueu, a cada momento mais furioso, e novamente Áxel pode ver a magnitude daquele ser fantástico, cuja presença e porte físico já seriam capazes de aterrorizar até mesmo as maiores raças.

- O que *realmente* quer, além de me irritar, Áxel Terra Branford?

- Eu quero que Vossa Majestade lute como um homem, em vez de se perder nesta torre em lamentos como os de uma criança.

O Rei caminhou em passos pesados, fixando os olhos de diferentes tonalidades de vermelho nos olhos claros do príncipe humano.

- E eu deveria começar com você?

- Acredito que deveria começar com *alguém de seu tamanho*.

Ou *maior* do que Vossa Majestade...

O comentário era inteligente, embora o terreno que Áxel estivesse pisando ainda fosse perigoso.

- Me dê um motivo para não arrancar sua cabeça, príncipe.

- Eu conheci a família Darling.

Por um momento, por um único e impressionante momento,

Áxel Branford sentiu Petter Pendragon tremer. E, diante do silêncio do Rei do Nunca, ele continuou:

- Quando eu era mais *jovem*... Anísio e eu fomos criados de maneiras bem diferentes. Anísio seria o Rei de Arzallum e vivia enfurnado em aulas de tudo que um Rei precisaria saber, enquanto eu tinha uma criação mais livre e próxima do que seria a educação de um jovem *normal*. - Houve uma pausa.

Áxel percebeu que os olhos vermelhos do Elfo-Rei continuavam nele, como que curiosos para entender aonde aquela conversa iria chegar. Ele gostou dessa reação, se não amistosa, ao menos titubeante. - Eu brincava com os filhos das famílias nobres que tinham acesso ao Grande Paço, e o clã Darling era uma dessas famílias. Eu conhecia tanto os pais George e Mary como os três irmãos herdeiros do clã, inclusive a herdeira mais velha, Wendy Moira Angela Darling...

O *nome*, sem sombra de dúvidas, fez Petter Pendragon tremer.

- Se ainda estivesse aqui, ela provavelmente teria a minha idade hoje. Michael e John eram mais novos e gostavam das histórias que eram contadas pela irmã. Vossa Majestade deve saber que Wendy era uma grande narradora...

- Sim, eu sei.

- Wendy tinha... *sonhos* estranhos. Ela dizia que podia viajar até outros mundos e conhecer outros povos. Ela descrevia mundos de éter e falava sobre formas de se chegar até eles...

O Elfo-Rei manteve-se em silêncio.

- Mas Vossa Majestade já sabia disso, não é?

- Aonde quer chegar, Áxel Terra?

- Vossa Majestade *se encontrava* com Wendy Darling através de sonhos, não é?

Rei Petter Pendragon *ainda* era silêncio.

- E sabe o que eu acho? Eu acho que Vossa Majestade sabia muito bem o que estava fazendo. Eu acho que Vossa Majestade não apenas passou *a gostar* dos encontros oníricos com a jovem Wendy como começou a *se viciar* nisso.

Os caninos do Elfo-Rei foram postos à mostra.

- E, se Wendy já comentava de tais encontros quando éramos crianças, imagino que tanto tempo passado deva tê-lo enlouquecido. Enlouquecido ao perceber que o tempo passa para a raça humana muito mais rápido do que para a raça élfica. E que Wendy Darling iria crescer! E *amadurecer*. E, então, deixaria de querer sonhar com uma criança, ainda que de orelhas diferentes...

Os olhos vermelhos continuavam fixos nos olhos claros.

Entretanto, a partir daquele momento eram os olhos humanos quem estavam intimidando os olhos élficos.

- Foi então que Vossa Majestade teve *a idéia*, não foi? Eu sei o que é perder um grande amor, e sei o que é ter de deixar um grande amor para trás. Logo, eu posso imaginar o que deva ser para um ser que *nunca* morre observar um grande amor padecer pela distância que domina o tempo.

E então Áxel se arrepiou quando o Elfo-Rei se virou de costas, pelo simples fato de não suportar continuar olhando em seus olhos. E Áxel viu a arrogância do Pendragon se dissipar, e sentimentos retidos como câncer aflorarem.

E compreendeu que seu raciocínio - até então descrito na importância de um blefe - estava de fato correndo por estradas certeiras.

- Foi então que Vossa Majestade a convenceu a vir até aqui! E a ensinou o mecanismo necessário e a mostrou onde ficava um dos *nodos*! E ela então convenceu a família a ingressar naquela bendita, ou *maldita*, viagem que a trouxe junto aos irmãos ao Nunca. A viagem que condenou a vida dela... e a sua.

- O que diabos você quer, Áxel Branford?

- Eu quero saber como funciona a sua maldita cabeça, Elfo-Rei!

Petter Pendragon olhou para Áxel Branford raivoso. Havia fúria naqueles olhos vermelhos. Mas havia fúria *também* naqueles olhos claros.

- Eu amei aquela mulher! Eu...

- Você amou a *criança!* - Áxel vociferou. - Você mal chegou a conhecer a mulher!

- *Não!* - foi dito com o mesmo vigor. - Ela aqui já chegou como uma adolescente! E muito mais amadurecida do que qualquer humana que você utilize de exemplo!

- E veja onde isso a levou...

- Quem é você para me julgar, príncipe?

- Eu sou o príncipe do mesmo Reino que está neste momento lutando contra a mesma raça que mantém o corpo da mulher que você diz amar como um troféu!

O Elfo-Rei bradou em fúria:

- E você acha que isso não me atormenta todos os dias, seu maldito atrevido desgraçado?

- E claro que isso o atormenta! O que torna sua atitude de auto- flagelo inexplicável!

- *Vocês* estabeleceram o pacto de armistício com gigantes!

- Eventos que não controlamos e dos quais você se utiliza para esconder sua execrável covardia!

O Elfo-Rei pegou o crânio de Áxel com as duas mãos e começou a pressionar as têmporas. Os dedos se contorceram, e parecia que a parte lateral da face do príncipe iria estalar e quebrar para dentro. Áxel sentiu que a cabeça ia explodir.

- Você sabe o que é ver a pessoa mais importante da sua vida ser tomada sem que você possa fazer nada?

- Sim, eu sei! - o príncipe disse, antes de *quase* apagar.

O Elfo-Rei o largou, e Áxel viu o mundo girar, desabando de joelhos. Aos poucos, a tontura foi passando, mas não a dor aguda, enquanto ele dizia:

- Eu perdi meu pai em um ritual de magia negra de uma bruxa canibal e arremessei do alto de uma catedral o maldito responsável, filho do mesmo pirata que aterrorizou este lugar! Rei Petter ainda respirava pesado, mas parecia demonstrar algum respeito por aquela informação.

- Eu fui atrás dela! - disse o Elfo-Rei, com a voz trêmula dentre dentes trincados. - Eu levei os irmãos de volta, e eu fui atrás dela...

- Eu sei. E por isso você *cresceu*.

- Eu matei gigantes e *gostei* disso. Mas eu não era forte o suficiente; não ainda.

Áxel aquiesceu.

- Eu também sei o que é ganhar a amizade incondicional de uma outra raça, e *também* ver sua vida tomada por um inimigo mais forte que você *ainda* não é capaz de combater...

- Com que outra raça estabeleceu amizade?

- Um troll. Cinzento.

- E quem é o inimigo que o matou e você não é capaz de enfrentar?

Áxel se calou e abaixou a cabeça. Houve um silêncio incômodo, que fez com que a energia corrosiva que emanava dos dois deixasse o ambiente ácido.

- Como você consegue lidar com a raiva por tanto tempo?

- Eu *não* consigo.

- Você hoje se tornou o Pendragon! Você é muito mais forte do que naquela época...

- Eu não sou o *verdadeiro* Pendragon.

- Como assim?

- Eu fui escolhido para manter o título até que o verdadeiro *desperte*.

Áxel se surpreendeu com aquela revelação. Gostaria de saber mais detalhes sobre aquilo, entretanto ele havia ido longe demais para desviar o foco naquele instante.

- O que lhe causa o *receio*, Petter Pendragon?

Elfo-Rei mantinha o silêncio.

- Livith me explicou sobre o *Lago da Saudade*. E, sabe, eu faria de tudo, eu moveria mundos fantásticos e morreria duas vezes apenas para espalhar ali as cinzas de meu amigo troll e descobrir sua última lembrança...

Silêncio.

- E eu sei que você sente a mesma raiva queimando em você e o corroendo todos os dias... e eu sei que você sente o mesmo desejo de conhecer os últimos pensamentos dela...

Silêncio.

- Mas o que eu não entendo... é de onde vem esse receio mais forte do que o desejo de ir buscar de um Rei que lhe deve a vida o que é seu por direito?

O Elfo-Rei se ajoelhou, e Áxel se assustou com o ato. Se fosse aquele ser um humano, naquele momento, teria chorado. O elfo, contudo, apenas apertou um punho fechado sobre a boca e manteve o olhar em desfoque.

- Ela estava grávida...

Os olhos se arregalaram, e o coração de Áxel balançou quando entendeu.

- Ela estava grávida e sonhava que teríamos uma fêmea com sangue élfico e sangue humano. Ela já possuía até os nomes.

Se fosse um macho... o chamaria Danny. Se fosse uma fêmea... a chamaria Jane.

E Áxel compreendeu nos sentimentos daquele elfo os mesmos sentimentos que correriam em um ser humano.

-Você tem medo, não é? Medo de saber a resposta. Medo de saber o último pensamento...

O Elfo-Rei ergueu-se e não focou nos olhos do príncipe.

Parecia que, mais uma vez, iria se manter em silêncio, quando...

- Sim, eu tenho.

E Áxel, mais uma vez, sentiu os pelos eriçarem com a revelação. A revelação de um espírito que realmente havia *amadurecido*.

-Vamos buscá-la! - bradou Áxel Branford, com a firmeza com que bradam os homens destemidos demais para ter noção de suas decisões.

O Elfo-Rei olhou para ele, curioso.

- Você quer me manipular para invadirmos o Palácio Ímpico de Brobdingnag e ajudar a batalha de Arzallum?

- Dane-se a política! - disse Áxel, com uma firmeza que chegava a assustar. - O fato é que haverá a guerra em terra com ou sem a sua presença! E isso significa que soldados gigantes descerão dos Reinos Superiores para o combate e enfraquecerão suas defesas no Paço Real. Uma chance que você só terá uma vez!

- Ainda assim não seríamos fortes o suficiente...

- Seríamos, se você levar as elfas-amazonas de guerra e fizer com que outros como você *cresçam*.

Rei Petter chegou a sorrir diante da ousadia.

- Eu *nunca* poderia obrigá-los a isso.

- Não, você jamais poderia obrigá-los. Mas, como Rei, você *nunca* deveria deixar de consultá-los e de permitir que exerçam seu livre-arbítrio...

Rei Petter Pendragon voltou a mostrar os caninos.

Se o mundo estava em guerra, nem seus próprios combatentes poderiam imaginar os poderes destrutivos que estavam sendo despertados.

**20**

- Eu tive uma visão... - disse Ariane. - Uma das pouco agradáveis...

- E o que havia nessa... "visão"? - perguntou a Rainha,

indecisa ainda sobre a crença.

- Havia Radamisto, aquele que lutou com o Áxel na final do Punho De Ferro.

- E... - estimulou a Rainha, percebendo o receio.

- ... e havia o Rei Anísio.

Tanto a Rainha quanto Madame Viotti demonstraram surpresa.

E Ariane Narin começou a relatar algo que nenhuma das duas poderia imaginar.

Mas não poderiam *mesmo*.

**21**

Bradamante girou a espada pelo cabo diversas vezes buscando a melhor posição, e ainda assim não se sentiu confiante em nenhuma delas.

Os exércitos estavam em uma área propícia ao silêncio que precede a morte e com o vazio que entranha nos piores círculos. Eram aquelas as Terras Mortas, e eram aqueles os campos áridos que enterrariam os mortos sem cerimônias, cobertos pela poeira soprada no vento contínuo que assobia os destinos ruins.

Do outro lado, Polifemo, o ciclope dos contos sombrios, preparava sua arma como um artesão diante da obra-prima, ou um artista confiante por anos de consagração. Aquela arma do gigante era lendária devido ao misticismo que corria no coração do homem aterrorizado que, feliz ou infelizmente, é o homem que sobrevive para contar a história. Tratava-se de

uma corrente poderosa com uma imensa e pesada bola de ferro agarrada à ponta tão marcada e tão riscada, que era difícil identificar de quantas batalhas havia participado. Havia muitas manchas de sangue seco ao redor da esfera metálica, e nem sempre de sangue vermelho, demonstrando que não eram apenas de seres humanos que havia esmagado crânios. Ou braços. Ou costelas. Ou sabe-se lá de quantas formas um ciclope pode esmagar um inimigo. As correntes também exibiam manchas, demonstrando que gargantas já haviam feito inimigos vomitarem tudo o que pudesse ser expelido de um corpo asfixiado por uma força que não deveria existir.

Bradamante, naquele momento, estava ajoelhada e parecia rezar a algum semi-deus preferido que trouxesse a uma alma aflita a energia da guerra. A capitã apanhou um punhado de terra e esfregou na palma da mão enluvada com as manoplas de aço. Vestia a armadura completa que lhe tirava o aspecto feminino, principalmente quando o visor era abaixado e a deixava com uma máscara metálica sem vida. Dessa vez, utilizava as asas, as grebas, as joelheiras e o escarpe, ignorando apenas a capa cinzenta, já que acreditava que capas eram boas para um campeão desfilarem moralmente diante de homens que necessitassem de uma figura que lhes inspirasse, mas não para brandir uma espada em um combate real que pudesse esmagar essa inspiração. O elmo tinha a forma do desenho do crânio de um dragão branco, e a máscara sem vida simulava a

face de uma fera metálica.

De fato, a armadura branca era magnífica de ser vista até mesmo pelo inimigo, e seria sua glória máxima se Arzallum vencesse o campeão adversário diante dos dois exércitos.

Bradamante, acima do coração acelerado debaixo do corselete de couro e das placas de metal reforçadas com cal, agarrava-se a essa possibilidade. E *apenas* a essa.

Ao fundo, tanto coronel Baxter como o chefe de guerra Gerrord posicionavam-se cada um de costas na direção de seus exércitos, afastados o suficiente para não pisarem em um campo de batalha que seria destrutivo o suficiente para levar com ele testemunhas próximas demais. O bardo Hamelin, por ser o único capaz de repetir a mesma frase em dois idiomas, estava com a responsabilidade de iniciar o combate e esperava, com a garganta seca, a aproximação dos dois lordes de batalha.

Polifemo se aproximou com o ranger de correntes. O ciclope era uma visão violenta *já* de se ver: usava anéis feitos com pontas de armas de campeões de outros Reinos derrotados, que ocupavam cada mão de seis dedos. Às vezes, mais de uma vez. Havia ainda o maldito espinho cortando de uma ponta a outra, passando por baixo da língua. Ele utilizava peles grossas de animais difíceis de serem imaginados como armadura, acima de um peitoral de couro. Na cabeça, um elmo com chifre. Nos joelhos, faixas amarradas feitas com pedaços de

trapos de estandartes inimigos remendados.

E nada mais.

Ao fundo, Bradamante ainda se mantinha de joelhos, repetindo palavras que lembravam orações e fazendo um desenho com a ponta da espada no chão árido. O símbolo era um círculo com runas gravadas em ideogramas de línguas orientais. Havia um escudo acoplado ao braço esquerdo, e atrás dela, no chão, havia uma lança feita com vara de freixo, mas de um tamanho maior do que o de uma lança tradicional. Polifemo começou a xingar a campeã de Arzallum dos piores nomes para fazê-la abandonar o ritual e começar a luta, e Hamelin não traduziu tais xingamentos.

E então a campeã de Arzallum se ergueu e guardou a espada novamente na bainha, fazendo gigantes gargalharem de desgosto e desdém. O escudo foi solto por um momento, e ela apanhou com as duas mãos a lança atrás de si e a cravou com impacto alguns centímetros atrás do círculo que havia feito no chão.

O exército gigante mostrou a mesma reação anterior.

E, quando ela enfim se aproximou do inimigo à espera, o bardo Hamelin iniciou o discurso que lhe havia sido passado, citando primeiro na língua altiva, de Arzallum, e depois na ögr, de Brobdingnag:

- Lorde Bradamante, campeã de Arzallum, este aqui é lorde Polifemo, campeão de Brobdingnag, apresentando-se para um

Duelo de Campeões, diante das nações de Arzallum e

Brobdingnag.

A máscara com o rosto metálico do dragão branco aquiesceu.

O bardo repetiu a frase na língua gigante e então se virou para o ciclope e disse na língua altiva:

- Lorde Polifemo, campeão de Brobdingnag, esta aqui é lorde Bradamante, campeã de Arzallum, apresentando-se para um duelo de campeões, diante das nações de Brobdingnag e Arzallum.

E então, mais uma vez, ele repetiu a frase na língua ögr. E então Polifemo, mais uma vez, sussurrou rosnados em sua língua.

O bardo ficou sem saber o que fazer.

- O que ele disse, bardo? - a voz abafada foi emitida debaixo da máscara de dragão.

- Ele disse que não a reconhece como campeã, lorde Bradamante.

- Diga a ele que, se modificar essa idéia, não arrancarei sua cabeça diante de seus homens por misericórdia.

O bardo repetiu aquilo ao ciclope. Mais uma vez ouviu grunhidos.

- Ele diz que ainda a reconhece como "ninguém", mas, na falta de um campeão de verdade, aceita partir suas costelas e lambê-las diante de nosso... de seu exército.

O ser sem rosto retirou a espada da bainha, com o som

característico que ecoa de uma lâmina desembainhada, mantendo o escudo no braço esquerdo. A frente, o grotesco de mais de quinhentos quilos deixou que um pouco da corrente que prendia a bola de ferro escorregasse um pouco, o suficiente para que ele pudesse girá-la e mostrar que estava pronto.

O bardo tradutor se afastou rapidamente e em desespero, como se o mundo estivesse no fim. Exércitos urraram e começaram a berrar dos dois lados das terras mortas. E o combate entre dois campeões se iniciou.

**22**

No Nunca, elfos haviam sido convocados às pressas por ordem direta de seu Rei. Elfas-amazonas estavam presentes, mas ninguém, fosse criança, fosse adulto, compreendia ainda o motivo de tamanho alarde diante de um Rei que há muito não demonstrava vontade em suas decisões.

Enquanto elfos chegavam flutuando de todos os cantos do Nunca diante de um palanque onde seu Rei esperava ao lado de Áxel, a voz do soberano perguntou:

- Príncipe... - e Áxel sentiu o cuidado precipitado de algo que seria perguntado.

-Vossa Majestade...

- Se não for tomar como indelicadeza, gostaria de lhe fazer uma pergunta...

- Somos de uma mesma família neste momento, Rei

Pendragon. Nada que seja importante para sua figura será

indelicado à minha pessoa...

Ainda que com o incentivo, Axeí percebeu que Petter

Pendragon tinha receio daquela pergunta.

- Os...

- Diga...

- Os irmãos de Wendy... os irmãos Darling... acaso sabem de seu paradeiro?

Áxel sorriu. E suspirou leve, com a satisfação de um homem que pode aliviar um pedaço de um coração amargurado.

- Michael e John hoje já atingiram a maioridade e escolheram caminhos de guerra, em lembrança à existência da irmã...

- Está dizendo que eles se tornaram guerreiros?

- Cavaleiros, Vossa Majestade. Mas não cavaleiros quaisquer.

- De que tipo eles se tornaram?

- Cavaleiros vermelhos. Cavaleiros de Helsing.

"Caçadores de Bruxas."

Rei Petter Pendragon pareceu sorrir e gostar. Os caninos apareceram, dessa vez, em uma reação poderosa que refletia uma parte de uma alma que voltava a gostar do mundo. À frente, dezenas de pequenos elfos já esperavam por suas palavras, da mesma forma como dezenas de elfas-amazonas.

Era o momento de convocar o Nunca para a guerra.

23

Bradamante esquivou quando a bola de ferro EXPLODIU um

pedaço do chão onde estava, erguendo terra, areia e poeira. Do lado do exército de Brobdingnag, bestas-feras URRARAM! A bola de ferro nas mãos do ogro girou mais uma, duas, três vezes, e a mulher por detrás da armadura de dragão branco esquivou quantas vezes foram necessárias, dentre nuvens constantes de fragmentos. A bola de ferro então girou diferente e foi arremessada para expandir a liga. A corrente correu esticada como uma corda na direção dos pés da arzallina, que a saltou como uma brincadeira de criança. A cadeia de ferro girou trezentos e sessenta graus, e, mais uma vez, ela a saltou como em uma brincadeira perigosa. E então a liga metálica girou mais uma vez, dessa vez com a bola esticada mais para cima, e a campeã de Arzallum se abaixou enquanto a corrente rodopiava acima dela na altura do pescoço e o adversário desistia dos giros contínuos.

Bradamante se ergueu, e o exército de Arzallum BRADOU com vigor diante do feito. Era evidente a diferença de tamanho e força daqueles dois, mas soldados em uma zona morta se agarram a qualquer possibilidade de um milagre que possa se estender até o limite da fé de cada um.

E, de súbito, a corrente girou mais uma vez, e a bola pontiaguda partiu em velocidade crescente na direção do elmo de dragão. Bradamante torceu o corpo para trás feito uma ginasta enquanto a arma passava acima de si esbarrando no escudo por reflexo, cujo impacto impulsionou a bola de metal

para longe. A pancada violenta da bola de ferro no escudo e a terra abaixo dos pés do corpo torcido tiraram o equilíbrio da guerreira, e Bradamante caiu sentada para trás no chão árido. A bola girou mais uma, duas, três, quatro vezes. E, em todas elas, a campeã girou em reflexo e desespero no chão para um lado, para outro ou para trás.

Polifemo RUGIU de raiva.

O fato era que Bradamante era rápida; extremamente rápida. Seu único perigo era que, diante de um ciclope, ela era frágil; bastava um único golpe de Polifemo para que aquele combate terminasse. Ela se pôs de pé e segurou a espada em posição de combate com uma única mão, já que a outra não podia soltar o escudo. O rosto estava com os olhos arregalados, e a respiração, pesada, mas o elmo de dragão escondia isso e passava a impressão apenas de um ser andrógono rápido o suficiente para um gigante conseguir atingir. Machos dos dois exércitos continuavam GRITANDO como se a vitória da primeira guerra envolvendo todo o mundo dependesse de seus gritos.

Seus líderes, porém, tinham reações diferentes.

O chefe militar Geirrd berrava como um ensandecido estimulando seu campeão junto com seus gigantes do lado de Brobdingnag. Mas, do lado de Arzallum, coronel Baxter mantinha-se quieto, sério e em choque, como se dando conta apenas ali de suas decisões polêmicas e do que estava em jogo

naquele embate do qual dependia a coragem de seus homens.

Polifemo atirou a bola de ferro no que parecia ser o corpo de Bradamante, mas quando o corpo foi desviado a verdadeira intenção apareceu: o impacto não havia sido no corpo, mas na direção da espada em punho. A arma, facilitada pelo fato de Bradamante ter de segurá-la com uma única mão, foi arremessada longe. O exército de Brobdingnag BERROU excitado. E Bradamante, aterrorizada, embora, mais uma vez, a máscara metálica não deixasse tal desespero transparecer, correu na direção da espada caída.

O gigante satisfeito girou a corrente, dessa vez na vertical, para esmagá-la de vez pelas costas, enquanto a inimiga corria. Entretanto, a corrida era um blefe.

Quando a bola foi arremessada na direção da espada caída, Bradamante subitamente mudou a direção da corrida e, surpreendentemente, correu na direção do gigante. Corações humanos foram à boca, e, quando perto o suficiente, ela abaixou-se para apanhar um grande pedregulho. E arremessá-lo.

A pedra acelerou o suficiente para ganhar energia cinética e fazer um ESPORRO ao se chocar com o queixo de Polifemo.

O golpe foi tão extremamente violento, que o espinho que atravessava a boca do ogro de um ponto a outro se deslocou bruscamente para trás e pressionou a língua. Polifemo soltou a corrente devido a dor e, urrando, colocou a mão na boca para

puxar o espinho um pouco para frente e liberar a língua pressionada.

O exército humano gritou ensandecido feito hienas famintas que avistavam ovelhas. Já o exército de Brobdingnag começou a xingar Polifemo, estimulando-o a parar de brincar e fazer seu papel de campeão de uma nação como aquela.

Bradamante não compreendia o idioma, mas compreendia a intenção daqueles gritos e *gostava* disso. A questão era que, no momento em que seu adversário não a reconhecera como campeã e no momento em que ele a tratara como uma fêmea sem valor de guerreiro, isso jogara para ele, diante de seu exército, a responsabilidade não apenas de uma vitória, mas a de uma *vitória rápida*. Entretanto, no campo de batalha, ele agora enfrentava uma guerreira aterrorizada com seu tamanho, é verdade, mas uma guerreira vestindo uma armadura andrógena, com um rosto metálico, que fazia qualquer um esquecer que havia uma mulher debaixo dela. E que, quanto mais prolongado aquele combate se desse, mais aquilo começaria a se tornar irritante e desonroso para Polifemo diante de seus gigantes.

Bradamante pegou novamente a espada de duas mãos, enquanto o inimigo se recuperava da pedrada certa.

Polifemo mostrou dentes e correu como corre todo homem do monstro de um sonho ruim. Sob a armadura branca, a guerreira esperou. E esperou. E esperou. E então, mais uma

vez, de maneira súbita, ela desacoplou o pesado escudo do braço esquerdo, segurando-o de maneira displicente. O ciclope gigantesco que vinha em velocidade frenética ergueu a bola de ferro pela presilha da liga da corrente feito um imenso haltere de ferro, exatamente como uma pessoa com raiva segura um copo de metal prestes a esmagar um inseto no qual tem nojo de colocar a mão, e, quando ia descê-la na cabeça do inimigo, Bradamante, subitamente, arremessou o escudo na direção de seu olho imenso.

No reflexo, o ciclope colocou o braço livre à frente e fechou o olho, descendo a bola sem precisão. Houve um ESTRONDO quando o escudo bateu no braço gigante, e houve outro quando o chão árido mais uma vez viu nuvens de poeira, terra e areia se erguerem com o impacto da bola de ferro.

Entretanto, lorde Bradamante não estava mais ali. Já havia corrido pelo lado do gigante na direção contrária e, com a espada de duas mãos, feito um talo considerável na altura da coxa direita do ciclope.

Polifemo, quando se virou na direção dela, sentiu a ardência na perna e então percebeu que, diante de seu exército, ele estava sangrando. A campeã de Arzallum não tinha mais do que um metro e setenta centímetros de altura. Polifemo tinha quase seis. E, ainda assim, naquele combate, a cada momento, ele se sentia cada vez menor.

E qualquer narrador, qualquer bardo, qualquer contador de

histórias não seria competente o suficiente para conseguir descrever o que foi a reação humana de um exército que colocava toda sua alma no coração de uma lorde campeã.

Geirrord começou a xingar Polifemo mais uma vez e ordenou que terminasse com aquilo. E terminasse *imediatamente*.

Polifemo estava em ira; em fúria; em descontrole. Se o inimigo fosse um guerreiro *normal*, um campeão tradicional que gerasse respeito e uma batalha considerável, tudo aquilo estaria dentro do previsto para uma luta entre dois campeões.

Mas não era. Nada ali o era. O fato era que o ciclope havia se recusado a reconhecer a condição de campeã do inimigo e tentado diminuir a importância daquela luta, de um Duelo de Campeões para um desafio comum de guerra, onde candidatos a herói desafiavam campeões do outro exército e quase sempre são decapitados antes que se dêem conta.

O ferimento na perna não era grave, mas o ferimento moral pelo qual estava sendo atingido era enorme.

Bradamante, à frente, jogava a espada de uma mão a outra como que zombando e o desafiando a tomar sua espada. Por baixo do elmo fechado, os olhos da capitã, mais uma vez, mantinham-se arregalados e em desespero, diante da adrenalina de uma pessoa que sabe estar na linha entre a morte violenta e a glória eterna. Sem contar o coração batendo com tanta violência, que parecia socar o peitoral.

O objetivo, contudo, funcionou, e Polifemo arremessou com

violência a bola de ferro na direção da espada de duas mãos no momento em que a arma saltava para a mão direita. Era um movimento de raiva; o tipo de movimento de quem não pensa antes do ataque. Afinal, Bradamante era destra, e Polifemo já havia percebido isso. E, por mais que a guerreira estivesse preparada e desafiando-o ao feito, seria muito mais difícil para ela fazer o que quer que quisesse fazer se ele tentasse retirar a espada no momento em que a arma estivesse saltando para a mão esquerda.

Aproveitando a boa mão, Bradamante agarrou o cabo da espada no ar e girou com violência chocando a lâmina na corrente grossa e fazendo um considerável ESTALO metálico. E então, mais uma vez, aproveitando o momento de surpresa, a guerreira vestida como um dragão branco correu na direção do gigante e saltou para um violento golpe. Polifemo soltou a corrente e armou um violento soco que iria provavelmente quebrar o pescoço da campeã no impacto, ainda que vestisse o melhor elmo do mundo.

Contudo, mais uma vez, era um blefe.

Enquanto o gigante esperava um ataque superior, Bradamante, dessa vez, aproveitou o pouco atrito provocado pelo chão de terra e forçou-se para frente na direção do chão, deslizando feito um carro de bois sem freio. Ela passou ao lado da perna esquerda do ciclope.

E, novamente, fez-lhe um talo no caminho.

Polifemo se virou e percebeu que, *mais uma vez*, sangrava. O exército humano voltou a fazer um pandemônio.

A algazarra calou o exército de Brobdingnag, perplexo.

Bradamante correu na direção da lança, cravada próxima do círculo que havia marcado anteriormente na terra em sua oração pré-combate. Correu como se o mundo já fosse dela; como se o mundo fosse perfeito e como se o mais fraco pudesse vencer o mais forte se acreditasse e não se mostrasse fraco ao feito, ainda que temesse o combate.

Entretanto, não era assim que era o mundo.

Talvez pelo calor; talvez pelo peso da armadura; talvez pela tensão de um combate mortal; ou talvez pelo colapso que era carregar a moral de uma nação em suas costas, ela sentiu uma fisgada na perna e sentiu cãibras e gritou, correndo aos trôpegos. O exército humano gemeu. O exército gigante BRADOU.

E Polifemo partiu com os brados.

Bradamante estava rendida. Uma mão segurava a espada, a outra mão segurava a coxa, como se o toque tivesse propriedades curativas. A corrente, *mais uma vez*, girou violentamente, dessa vez na horizontal, acima da cabeça do ciclope, e a bola de ferro pontiaguda partiu em linha reta de maneira devastadora...

E, então, Hamelin começou a se arrepiar de emoção ao perceber que seria ele o bardo a contar ao mundo sobre a

batalha em que uma lorde humana enganara um campeão gigante em *três* blefes, ao longo de uma mesma batalha que existiria para sempre.

Bradamante, outra vez, deixou-se escorregar um pouco, até parar no círculo que havia anteriormente traçado. E então, quando se esquivou da bola de metal que passava em sua direção, com as duas mãos, a espada avançou na direção da corrente, mas agora em um movimento que tinha cinquenta por cento de chances de dar errado.

Mas tinha cinquenta por cento de chances de dar certo.

A lâmina partiu na direção da série de anéis entrelaçados que uniam o ligamento flexível de metal, anéis esses tão grossos que era possível a lâmina de uma espada de duas mãos humana passar no meio deles. E, então, a campeã girou a espada de modo que lâmina e anel ficassem entrelaçados, a lâmina foi apontada para baixo, e Bradamante cravou a espada no círculo.

Polifemo ficou tão sobressaltado, que demorou a ter a reação contrária, a de puxar a corrente de volta e tomar a espada das mãos da inimiga. E, nesse sobressalto, Bradamante se ajoelhou e colocou a palma da mão esquerda à frente de uma das runas que há pouco menos de um ano havia sido gravada por ela sobre um dos lados da lâmina. E, então, ela sussurrou palavras esquecidas em um antigo e místico idioma oriental.

E *aquilo* aconteceu.

24

- E diante de tal cenário quantos aqui desejam continuar e quantos gostariam de *crescer* e batalhar comigo? - perguntou Rei Petter Pendragon.

O Pendragon esperou. Até que seis pequenos elfos deram um passo à frente de todos eles. Áxel apertou os olhos e gostou daquilo. Rei Petter mostrou os caninos.

Seis seriam mais do que o suficiente.

25

A lâmina de lorde Bradamante se *acendeu* em uma luz azulada, tomando a vida que não deveria ter. Como se o feito já não fosse impressionante o suficiente, as runas no círculo traçado no chão *também* se acenderam.

E dois exércitos ficaram perplexos.

A campeã de Arzallum largou a espada cravada ao chão e correu na direção da lança que havia sido posteriormente gravada fora do círculo. Apanhou-a em um movimento rápido e, bradando gritos de guerra e morte, armou-se da vara de freixo com ponta afiada e correu como uma matadora na direção do ciclope atordoado.

Polifemo, ao retomar o sentido da situação, fechou a expressão e puxou violentamente a corrente para envolver o corpo em movimento de Bradamante e finalizar o combate.

Entretanto, a corrente *não* saiu do lugar.

O campeão de Brobdingnag começou a se desesperar ao

perceber que o círculo azulado, aceso com a mesma luz que brilhava daquela espada, funcionava como uma espécie de buraco negro, que atraía qualquer gravidade para si. Ele puxou mais uma, duas, três vezes, e a corrente grudava-se ao chão como dois gêmeos siameses, impossíveis de serem separados.

E aquela maldita se aproximava com aquela lança.

Ele então desistiu, soltou a corrente e correu na direção dela para usar os próprios punhos, e, na hora em que começou a correr, os gritos de guerra se tornaram gritos de dor.

E Polifemo percebeu que os dois talos que haviam sido feitos em cada perna *também* acendiam azulado, envoltos em uma magia antiga que ninguém ali saberia cancelar.

O ciclope sentiu o que antes era uma leve ardência se tornar *intenso* como um toque em brasas, e os GRITOS perfuraram o espírito de guerra de seu exército, mas inflaram o do exército humano. Bradamante, ainda gritando como uma possuída, enfiou a lâmina da lança na altura dos órgãos genitais do inimigo, que tombou GRITANDO tanto, mas tanto, que os gritos reverberaram para sempre nas Terras Mortas.

Como que por piedade, a campeã de Arzallum retirou a lança do local atingido e, pela terceira vez em uma mesma luta, Polifemo sangrou.

O guerreiro gigante se calou, respirando pesado como um animal prestes a ser sacrificado. Bradamante foi até a espada, cancelou a magia, e a runa azulada se *apagou* tanto na lâmina

quanto no círculo. Ao fundo, seu exército ainda bradava como bichos. Bradamante caminhou como uma senhora de guerra na figura de um dragão branco andrógeno e imponente, e o âmago de cada um de seus homens caminhou com ela.

O coronel Athos Baxter era apenas um rosto em choque, de quem não sabia se desejava mais a perda ou a vitória daquele combate.

Lorde Bradamante parou à frente do guerreiro ajoelhado e ferido, que, ainda que ajoelhado, era bem maior do que ela. E então o elmo foi aberto, e, como que para lembrar que a campeã de Arzallum era uma mulher, ela o retirou, revelando o rosto suado e o cabelo encharcado, ensopado e grudado ao crânio. A mão direita foi erguida fechada, e o exército de Arzallum se calou com o comando.

A lorde vencedora ordenou que o bardo Hamelin se aproximasse.

Tanto o coronel humano quanto o chefe de guerra gigante mantiveram uma certa distância do desfecho, mas suficiente para tudo o que viria a seguir ser escutado.

- Pergunte a ele quem eu sou... - ela ordenou ao bardo, com a voz de uma campeã.

O bardo fez a pergunta em ögr. Polifemo respondeu devagar, na medida em que a dor permitia.

- Ele disse: *ninguém*, minha lorde.

Bradamante, com uma expressão demoníaca, foi até o ciclope,

subiu em uma de suas coxas e segurou-se em um dos chifres do elmo inimigo com a mão esquerda. A mão direita agarrou o espinho que servia de adorno e cruzava o queixo perfurado de uma ponta a outra, e, gritando como uma bruxa louca, em um momento de pura ira, em um súbito e violento movimento, ela o arrancou.

Os dois exércitos se mantiveram estupefatos com o gesto. E com os gritos. E, ainda assim, descobriram que aquilo ainda não seria o pior.

- Eu sou lorde Bradamante, capitã da Guarda Real e campeã de Arzallum! Repita isso, bardo!

O bardo repetiu, com a segurança de rosnados que exibiam o respeito na língua estrangeira.

E então, quando o bardo terminou, Bradamante cravou o espinho no imenso olho gigante do inimigo.

Aqueles gritos sim, sem sombra de dúvida, provavelmente podem ser escutados até hoje nos ecos das Terras Mortas.

Polifemo começou a tremer e a ter espasmos, lutando contra dores que nem mesmo um gigante estava apto a suportar. Ele grunhia e respirava pesado, lutando para não berrar o suficiente para *aceitar* a derrota diante do inimigo. A dor que deveria estar sentindo com certeza era muito pior do que as formas mais criativas de tortura de humanos de Nova Ether, e, ainda assim, o maldito grunhia e respirava pesado, de forma a não dar o gosto do choro ao inimigo.

A espada de duas mãos de Bradamante foi, mais uma vez, desembainhada.

- Quem furou seu olho, Polifemo? - ela bradou como uma semideusa. O bardo arzallino bradou a tradução igualmente.

O ciclope não respondeu, ainda dentre grunhidos de dor.

- Quem furou seu olho, Polifemo? - ela repetiu.

O ciclope começou a emitir os rosnados que representavam suas palavras devagar, e o bardo traduziu-as passo a passo.

- Quem...

Bradamante trincou os dentes.

- ... furou meu olho...

E tremeu em estresse a mão que segurava a espada.

-... foi...

Apertou os olhos. E...

-... *ninguém!*

Não houve receio nem titubeio.

A espada de duas mãos fez um arco tão poderoso, que o gume atravessou mais da metade do pescoço protegido pelas peles grossas de animais. Quando a campeã retirou a lâmina, a cabeça tombou para a frente, ficando presa por metade de pele. E então ela aplicou um segundo golpe. E, no terceiro, o imenso crânio enfim rolou, separando-se do elmo.

Seguindo a tradição de Duelos de Campeões, Bradamante foi até lá e apanhou pelos cabelos desgrenhados a cabeça caída, erguendo-a em triunfo na direção do chefe militar Geirrod e

do exército de Brobdingnag.

Ao fundo, o exército humano de Arzallum rosnavava como leões ou animais maiores que isso. E os soldados de Brobdingnag passaram a enxergar naquela mulher humana uma gigante.

- Fique com o elmo do derrotado como prêmio pela serventia, bardo... - ela disse ao homem que compreendia o valor incalculável que aquela peça teria, se ele conseguisse retornar vivo a Andreanne para contar a história.

E então Lorde Bradamante limpou o sangue da espada, apanhou seu elmo em forma de dragão e, com ele seguro nos braços, caminhou firme na direção do obeso coronel Baxter para, mais uma vez, fazer história. A mão enluvada agarrou uma parte do peitoral abaixo do pescoço e puxou o rosto do obeso comandante assustado para próximo do seu, antes de berrar diante da face gorda:

- Quem comanda os homens de Arzallum enquanto Rei Branford aqui não está sou eu! - ela bradou, em fúria guerreira intensa, destronando a moral do superior na frente de um exército enlouquecido e prestes a morrer por ela. - E, se tiver algum problema com isso, que a minha insubordinação seja lavada na ponta da espada!

O eco da frase continuou reverberando até arrepiar cada oração a um semideus piedoso. Bradamante ficou esperando a reação do obeso coronel, e sabia o quão arriscado era o terreno em que estava pisando. Era um fato que, se retornassem

ambos vivos, em vez de condecorada como uma lorde suprema de guerra, Bradamante seria, na verdade, julgada por se rebelar contra um superior militar e, com certeza, destituída de todos os cargos oficiais, além de provavelmente expulsa da Guarda Real. Entretanto, isso seria apenas se a guerra acabasse, e se ambos sobrevivessem.

Porque, naquele momento, existia apenas uma guerreira amada por seu exército, que lutaria à frente deles e que havia acabado de matar um campeão gigante lendário em combate direto.

E foi por isso, e foi assim, que os olhos de Athos Baxter se abaixaram, e ele mordeu o lábio inferior em profunda ira, a mesma ira que percorre o espírito de um homem encurralado. Bradamante, ao perceber a reação de submissão, caminhou na direção dos homens para quem já era mito. Ao passar ao lado do coronel, contudo, escutou o questionamento dito em uma inflexão de voz que lembrava um sussurro:

- Onde...

Ela então parou e se virou para ver se seu desafio seria aceito.

Observou em postura agressiva mais uma vez o desafeto.

E descobriu que não era um desafio.

- Onde... você aprendeu *magia antiga*?

Bradamante olhou o coronel de patente vazia com o olhar de desprezo que ele talvez merecesse, ou talvez não, e respondeu despreocupada antes de caminhar na direção de seus homens:

- Conversas na cama ao pé do ouvido podem render bons

frutos...

E foi dessa forma. Foi assim que os bardos passaram a contar sobre o dia em que uma humana se tornou três vezes maior do que era. Em que uma batalha entre dois campeões ajudou a definir a história da maior das guerras. E que homens, antes temerosos, passaram a acreditar serem capazes de vencer seres com o triplo de seu tamanho.

O fato era que o exército de Arzallum naquele dia passou a se sentir invencível. E Bradamante adorou aquilo.

Era a hora de humanos matarem gigantes.

**26**

- Eu vi Radamisto morrer.

Essa frase teve um impacto indescritível no equilíbrio de Branca Coração-de-Neve. Radamisto fora o imenso pugilista branco, o símbolo da eugenia e superioridade pregada por Minotaurus, que Áxel Branford vencera com muito custo no ano anterior na final do torneio Punho De Ferro. Na época, ambos saíram muito machucados daquele combate, e Radamisto teve costelas partidas que lhe renderam uma internação imediata, seguida de uma morte não muito bem explicada. Alguns diziam que as costelas partidas haviam perfurado o pulmão; alguns diziam que os golpes finais de Áxel causaram uma hemorragia no cérebro; e outros diziam muitas outras coisas, mas ninguém sabia afirmar exatamente o

real motivo do falecimento.

Menos Victon Ferrabrás, o autointitulado Imperador de

Minotaurus, que não tinha dúvidas quanto a essa causa.

- Radamisto foi envenenado.

Era essa a ideia defendida sem sombra de dúvidas pelo

Imperador de Minotaurus, assim como era esse o motivo de

seu pugilista ter perdido a luta para seu adversário arzallino.

Mas o mais chocante da frase citada era que ela não havia sido

dita (apenas) pelo Imperador de Minotaurus.

Ela estava sendo dita naquele momento por Ariane Narin.

- Ariane... - disse uma temerosa Madame Viotti. - Você tem

certeza do que está dizendo, querida?

- Eu tenho. - A jovem disse, como se fosse a dona do mundo,

ou o mundo precisasse de um dono naquele momento. - Eu vi

antes de ele morrer! Ela escreveu o nome dele em um espelho.

- A frase arrepiou Branca. Era um fato: Corações-de-Neve

odiavam magias envolvendo espelhos. - E depois ela me

mostrou...

- Quem é *ela*? - perguntou uma Rainha preocupada.

- *Beanshee*.

Aquilo era capaz de arrepiar até mesmo o mais cético.

- O que ela te mostrou? - a Rainha insistiu.

- Ela me mostrou *como* aconteceu.

Madame Viotti inspirou fundo. Gostaria que Ariane lhe tivesse

informado melhor sobre tais visões anteriormente, mas

também sabia que uma jovem da idade dela dificilmente se concentra em algo por muito tempo para lembrar tudo que devesse ser narrado.

- E como foi que acontecera? - a Rainha perguntou em um tom neutro, que não demonstrava nem ceticismo nem crença.

- Um homem de Minotaurus colocou na bebida dele pela manhã, antes da luta. Ele se sentiu um pouco enjoado, mas lutou assim mesmo. Só que, depois da luta, esse enjôo começou a *queimar* dentro dele. E ele começou a tremer todo. E não resistiu mais, espumando pela boca...

Ariane se calou, e o silêncio permaneceu dando o tom daquele Salão Real. Até que a Rainha perguntou:

- Ariane... e por que um minotaurino faria isto com seu herói nacional?

- Porque Rei Anísio pagou ele pra isso.

A Rainha mudou a expressão de maneira imediata. A expressão antes neutra, dessa vez assumiu a de ofensa.

Madame Viotti percebeu e viu que era tarde demais.

- Se tu não fosses uma criança que não sabes o que dizes, neste momento, serias presa, acusada de crime de *conspiração* contra teu Rei.

-Vossa Majestade, peço desculpas pela ofensa em meu nome e no da menina Narin. - Reparem como Viotti utilizava o termo "menina" no lugar de "jovem", para ratificar a justificativa anterior da Rainha.

- Mas eu não ofendi ninguém! - disse Ariane, de maneira perigosamente impulsiva.

- Ariane, querida, por favor, não piore a situação - ordenou Viotti, em um tom baixo, mas autoritário.

- Será que vocês duas não entendem? Se vocês não me escutarem, não vai fazer diferença se eu me calar ou não! Andreeanne simplesmente vai estar condenada! E eu não quero saber se eu vou ser presa, acusada de sei lá o que ou não! Nada disso importa, se eu conseguir provar pra Rainha o que eu estou dizendo aqui!

- E como poderias provar uma acusação de *traição* de teu Rei?

- perguntou a Rainha em tom explicitamente cético.

- Eu posso mostrar onde ele guarda.

- O quê?

- O frasco do veneno. *Ela* me mostrou onde ele guarda.

A Rainha ainda era indignação.

- E tu podes me mostrar?

- Agora, se quiser!

- E em que aposento isto se encontra?

- No quarto do Rei.

A Rainha chegou a sorrir da inocência da proposta.

- Tu queres que eu te dê acesso ao quarto onde eu e Anísio dormimos todas as noites?

- Ué, e qual o problema?

Houve silêncio. E Madame Viotti, observando o olhar de

dúvida de Ariane, explicou:

- O problema, Ariane... é que Vossa Majestade não se sentiria bem de permitir que duas iniciadas em caminhos místicos adentrassem um local tão íntimo, em que poderiam... fazer... *sortilégios*.

Ariane suspirou, compreendendo.

- Mas, Rainha, a senhora mesma não lia livros de magia branca? E não sabe que ela existe?

- Só que assim como você antigamente, e assim como a família Hanson, nossa Rainha teve muito pouco contato com a boa magia, Ariane, para confiar plenamente em duas estranhas

- respondeu Madame Viotti, como se a Rainha não estivesse presente.

- Madame compreende meu conflito - disse a Rainha, em tom de respeito. - Entretanto, além disso, existe outra questão.

Como disse: estou tratando este caso como o de uma criança que não sabe o que diz, porque vejo que o está fazendo com boas intenções. Entretanto, se permitir que Ariane adentre o Quarto Real, ela será responsável como uma adulta por suas atitudes. E, no caso de não encontrar o que procura, ela será presa pelo crime de *tentativa de conspiração* como qualquer pessoa seria.

Houve silêncio, mais uma vez. Mas não por muito tempo.

- Eu topo.

E Rainha e sacerdotisa olharam para a adolescente decidida,

percebendo como ela parecia ignorar as consequências do que pretendia.

- Eu aceito ser responsável pelos meus atos e ser punida no caso de estar errada.

A Rainha ponderou aquela afirmativa decidida e sincera. E não se demorou em seu veredicto:

- Que seja! Soldados acompanharão Ariane Narin na busca pelo que diz buscar e a levarão à detenção como responsável pelo ato, no caso de não proceder.

E foi diante dessas condições, e diante dessas palavras, que Ariane foi conduzida ao Quarto Real por dois soldados que a acompanhariam em uma busca que poderia representar para ela uma estrada entre os sombrios porões de Aramis ou os campos mais belos de Mantaquim.

Ariane entrou no recinto nervosa, torcendo para que sua visão estivesse tão correta quanto sua convicção em tal crença. A busca, ao menos, começava bem: o aposento era idêntico ao que havia lhe sido mostrado pela ruiva de cabelos desgrenhados. E então Ariane foi até o ponto do quarto, atrás de um quadro, o mesmo próximo a um criado-mudo com um espelho e uma chave com ponta de estrela presa na parede, onde lhe havia sido mostrado que Anísio Branford guardara o frasco que poderia acabar com sua reputação. E, ao mover o quadro de lugar, com o olhar constante e atento dos dois soldados, Ariane imediatamente descobriu em que tipo de

estrada estava andando. E aonde aquele sombrio caminho a levaria.

**27**

Maria Hanson havia acabado sua aula e estava se despedindo de seus alunos e dos acompanhantes designados por alguns pais, com receio de verem os filhos saírem de sua guarda em um mundo em guerra, ainda que esta guerra não houvesse chegado até então a seu território. Maria havia conhecido e reconhecido a senhorita Consuelo, avó da menina Tatá; o caseiro Seu Walter, que levava o menino Leopoldo; o irmão mais velho da família Remon, que acompanhara o caçula; até mesmo o senhor Tulan que acompanhava... bom... Maria Hanson percebeu então que não lembrava que aluno aquele homem acompanhava e não se preocupou com mais detalhes desse assunto.

Em muito pouco tempo ela iria descobrir que deveria ter se preocupado.

**28**

- Ariane Narin, você está presa por crime de tentativa de conspiração contra o Rei, o Estado e a política de Arzallum - anunciou um dos soldados.

E Ariane Narin foi condenada à prisão.

**29**

- Ninguém vai deixar esta sala – disse o senhor Tulan, para a turma de Maria Hanson prestes a sair. - Não até que eu

permita...

Maria, assustada, olhou para um Casanova igualmente preocupado.

- O senhor é da Guarda Real? - perguntou Giacomo Casanova, com olhar sério.

O senhor de barba malfeita e diversos buracos na pele do rosto sorriu. E sorriu irônico.

- Muito pelo contrário... - foi o que ele respondeu.

"Muito pelo contrário."

Foi assim que o pesadelo em Andreeanne começou.

### 30

Havia duas prisões em Andreeanne. Uma era a temida *Jaula*, para onde eram enviados os piores tipos ou aqueles que teriam de revelar informações que não relatariam de maneira amigável. A outra era *Inverno*, o pavilhão onde sempre fazia frio. Feliz ou infelizmente, Ariane havia sido enviada para a segunda. A adolescente fora escoltada por dois soldados em uma carruagem retangular com grades, diante da população que a avistava.

A notícia chegara rapidamente a Anna e Golbez Narin, pois notícias ruins viajam em grifos, e eles entraram esbaforidos na prisão real, depois de duas horas em uma carroça alugada e falando de maneira explosiva sem uma linha de raciocínio que pudesse ser considerada sã.

Soldados explicaram que *a prisioneira* não poderia receber

visitas *ainda*, e os pais pareceram enlouquecer ainda mais com tal situação. Foi quando Madame Viotti se aproximou do casal e disse dentre respirações pesadas:

- Ela não sabia o que estava fazendo... - disse Madame Viotti, com um olhar de quem havia chorado. - Ela... tentou explicar à Rainha, mas ela ainda não controla por completo tudo que ela é capaz de fazer...

Golbez Narin, ao perceber melhor a sacerdotisa, perdeu a sanidade de vez.

- Você... você é a mulher que anda seduzindo minha filha para peças de teatros sobre bruxaria, cerimônias profanas e sabe-se lá mais o quê, não é?

Anna, uma iniciada que conhecia o marido, e conhecia sua ignorância quanto à magia e ao desconhecido em geral, o puxou pela blusa.

- Golbez...

O marido se desvencilhou da mulher como se ela não existisse. E continuou caminhando colérico na direção de Madame Viotti, estendendo o indicador em sua direção:

- Você deveria ter sido queimada em praça pública naquele dia! - vociferou um desequilibrado Golbez. O homem, no caso, se referia ao dia em que Viotti havia sido condenada à morte pelo falecido Rei Primo Branford e escapara no último momento graças à intervenção de Ariane e Áxel Branford. - Você nem mesmo é um ser humano...

Anna continuava tentando puxar o marido, que se aproximava.

Madame Viotti se manteve em silêncio.

- A culpa de ela estar aqui é sua! Está me ouvindo, sua maldita bruxa? A culpa da minha pequena estar aqui é sua! Eu não sei o que você fez, eu não sei como você mexeu com a cabeça dela, mas eu sei que, se alguém deveria estar ocupando uma cela neste lugar, deveria ser você!

Madame Viotti abaixou a cabeça e sussurrou:

- Eu sei.

- Golbez! - gritou Anna, antes que o marido quase socasse a sacerdotisa. Soldados, alertados pelo grito, correram para o saguão e afastaram o homem da senhora.

- E juro que se estivéssemos fora desta prisão eu mesmo a mataria! Eu mesmo! Está me escutando, sua bruxa imunda?

Eu prometo a você que, se um dia, se, em um único e maldito dia, eu souber que você se aproximou novamente da minha filha, eu mesmo queimo você, sua maldita filha da...

E uma Anna Narin em desespero e soluçando horrores foi se afastando com o marido, fazendo gestos para que Madame Viotti perdoasse o marido. Ao fundo, a sacerdotisa fazia gestos de que o compreendia. Mesmo porque ela realmente o compreendia.

*A culpa de ela estar aqui é sua!*

Madame Viotti encostou na parede e recomeçou a chorar.

- Parede de escudos! Parede de escudos! - berrou a capitã

Bradamante para homens que a obedeciam como fanáticos.

Os homens começaram a se posicionar, e ouviu-se o estalar de escudos se tocando e se encaixando em posição de guerra. O coronel Athos Baxter não questionou as ordens, mas também não se submeteu a elas, afastando-se da tropa com seu corcel para observar o combate que se daria ao longe. Na prática, aquela atitude seria encarada como covardia. Na teoria, Athos justificaria a atitude com a afirmativa de que um coronel não poderia se submeter à autoridade de uma capitã comandando uma tropa em rebeldia.

Aquele momento estava particularmente incômodo para as paredes formadas porque o vento, o mesmo que havia criado aquela fascinante geografia através de sua erosão eólica, soprava, e soprava forte. Nuvens de terra e poeira se erguiam e, às vezes, cegavam os homens; outras cortavam a pele em regiões desprotegidas; outras enchiam de terra vestimentas através de pequenas brechas, que começavam a pinicar em guerreiros que não podiam se dar ao luxo de mexerem-se demais. Até ali ainda não haviam estado de encontro a uma das ventanias *grandes*, que faziam fama naquela região. Mas se as pequenas ventanias já estavam sendo adversários naturais o suficiente para Arzallum, também estavam sendo para seus inimigos.

Do lado de Brobdingnag, gigantes se posicionaram em

formação de avanço. Na realidade, não havia *exatamente* a mesma formação de guerra como se conhece como *paredes de escudos* por exércitos humanos no estilo gigante de guerrear.

Gigantes não eram tão organizados, militarmente dizendo, nem extremamente pacientes a tal ponto. De fato, tratava-se de um povo nada acostumado a esperar que inimigos avançassem sobre eles, ou viesse a chocar escudos contra seus escudos (que seriam de tamanhos e proporções bem variáveis, e nada justas), mas sim eles próprios romperem formações através de força bruta e destruição constante. Ainda não haviam feito isso com as formações humanas apenas porque uma fêmea havia arrancado a cabeça de seu principal guerreiro na frente dos dois exércitos. Ainda assim, não era exatamente isso que trazia o temor daquelas criaturas, a ponto de seus corações vacilarem um pouco antes do avanço.

O que trazia o temor era o fato de terem visto uma humana se utilizar de *magia antiga*. E mais: *magia antiga de guerra*.

Havia poucas coisas capazes de assustar o povo gigante.

Aquilo era uma delas.

Do lado de Arzallum, capitã Bradamante sabia que, temerosos ou não, se aquele exército gigante resolvesse avançar sobre sua parede de escudos, haveria muito pouco a ser feito além de rezar pela boa entrada de almas humanas em Mantaquim.

No período em que enfrentou Polifemo, e em que ambos os exércitos ficaram frente a frente esperando o próximo passo

do inimigo, reforços haviam chegado e se unido à formação.

De início, havia, do lado humano, três mil e quinhentos lanceiros. Mil e quinhentos eram ainda prometidos, e algo em torno de quinhentos desses homens esperados realmente haviam chegado e se unido à linha de frente da parede de escudos que estava sendo formada. Homens que não haviam tido tempo de se embriagarem e que escutavam rapidamente através de palavras exaltadas o feito perdido da campeã de Arzallum momentos antes.

Atrás da formação militar dos lanceiros, prestes a proteger a retaguarda e os flancos da parede de escudos à frente, estavam os mercenários. Na teoria, eram em torno de cinco mil homens, mas, na prática, esse número era menor, pois muitos destes estavam doentes devido às condições de higiene de uma paliçada de guerra, ou acovardados demais para mostrar, na prática, a coragem duvidosa que aflige um homem diante de um campo de morte. Muitos pensavam em desertar da própria formação no campo de batalha, mas a tropa daqueles que se postavam atrás eram os únicos obstáculos que os impediam.

Atrás dos mercenários, estavam os arqueiros. Senhores das temidas setas, sua função estava em provocar a formação fechada de escudos inimiga, de forma a lhe causar desordem e temor, enquanto seu próprio exército avançava e rompia a parede inimiga. E também eliminar desertores que resolvessem se acovardar nos momentos que antecedem o

combate. Estavam em número de mil e quinhentos e tinham a melhor expressão e saúde física dentre os soldados presentes.

Logo, Arzallum possuía quatro mil lanceiros, mil e quinhentos arqueiros e algum número no caminho entre quatro e cinco mil mercenários, totalizando quase dez mil homens presentes.

Brobdingnag era composta de cinco mil gigantes, menos um campeão morto.

Ainda assim, se o confronto direto se desse, não seria a proporção de dois humanos para um gigante uma equação justa. Cinco homens bem treinados para um gigante, talvez o fosse. Dois, definitivamente, não. Da forma como aquilo se daria, por mais motivado que seu exército estivesse, Arzallum estaria condenada. E capitã Bradamante sabia disso.

- Onde está a enfermeira que pedi? - esbravejou Bradamante para o primeiro sargento que avistou.

- Já está presente, capitã!

Aos poucos, a enfermeira assustada se aproximou, ao lado de soldados tão cheios de questionamentos quanto ela. De fato, a capitã Bradamante anteriormente ordenara a um de seus soldados que pegasse seu corcel e corresse até a paliçada, trazendo de lá a enfermeira mais feia que houvesse no lugar.

Apenas isso, sem motivo ou razão aparente.

Verdade, porém, seja dita: o sargento havia cumprido a missão com louvor.

- Qual seu nome, enfermeira? - perguntou a capitã, sem prestar

muita atenção na jovem. Não deveria ter mais do que vinte e cinco anos, mas parecia mais velha.

- É Clarabela, senhora... - disse a mulher, com o suspiro de quem espera ouvir as risadas que acompanham a graça da pronúncia. Naquele momento, porém, tão perto da morte, capitã Bradamante não conseguia ver graça nenhuma na vida.

- Você tem algum apelido, Clarabela?

A mulher vacilou. Mas disse, diante da seriedade com que sua capitã lhe falava:

- As outras enfermeiras me chamam de *Pata*, senhora. Dizem que pareço uma...

Era uma jovem de aparência pouco agradável, com um nariz que se estendia em ângulos confusos e lábios que formavam um bico na projeção dos beiços. O cabelo era na cor de palha, desganhado e preso por grampos, e havia manchas na pele, e de suor ao redor das axilas e outros pontos constrangedores da roupa. O cheiro que exalava dela era ruim, mas, nesse ponto, nada diferente do que o cheiro que todo homem tem em uma zona de guerra.

- Pata... - disse a capitã, com a falta de paciência que um ser humano com problemas de verdade tem diante de tolices das quais poderia até achar graça se sua vida fosse mais confortável.

- Na verdade, me chamam de *Pata Feia*, senhora.

Bradamante concordou com a cabeça, como se ambas

estivessem falando de algo extremamente importante. Na verdade, a atenção da campeã estava na formação gigante, prestes a avançar sobre o exército humano, assim que seu temor por uma possível magia antiga da Guerreira Humana se dissipasse.

- Escute... Clarabela... - e então ela se virou para a enfermeira, tocou em seus ombros e olhou no fundo dos olhos dela, como se ambas fossem amigas em um mundo justo e bom. - O que vou pedir que você faça não será algo simples, mas será imprescindível para que todos aqui, ou ao menos a maior parte daqui, possa retornar para casa, você me compreende?

A enfermeira aquiesceu, embora não compreendesse.

- Diga um animal que goste...

Mais uma vez, a mulher vacilou. E então disse:

- Gosto de cisnes, capitã.

- Cisnes... - a capitã passou o braço ao redor do ombro da enfermeira e a afastou do olhar curioso dos outros sargentos e homens presentes. Caminhou com ela na direção do exército do inimigo formado e apontou para a formação inimiga ao fundo. A visão encheu de terror o coração da jovem rapariga. - O que acha daquele exército?

- Assustador, senhora.

- Sim, ele o é. Sabe o que aconteceria se eles já tivessem avançado sobre nós?

- Provavelmente muitos soldados nossos estariam mortos.

- Provavelmente *todos*. Inclusive vocês, enfermeiras.

A jovem voltou a se aterrorizar. A capitã a continuava abraçando como uma velha amiga. E Clarabela, por um momento, desejava que o mundo fosse daquele jeito, e que pessoas importantes como aquela a tratassem com respeito e maneira singela como naquele momento. Na verdade, não apenas pessoas importantes, mas qualquer pessoa que não a julgasse por sua aparência fora dos padrões.

- Entretanto, se você passar pelo horrível sacrifício que irei lhe pedir hoje, eu garanto a você que ninguém mais lhe chamará *de pata*. Nem *feia*. Porque você terá se tornado um mito, e eu vou garantir que nossos bardos cantem as melhores canções com seu nome.

O rosto da mulher pareceu se iluminar como se o mundo não estivesse em guerra.

- Capitã...

- Você não será mais uma pata feia entre cisnes, Clarabela.

Você será ao meu lado uma das mulheres que fizeram história neste mundo, e terá seu próprio conto narrado entre crianças.

A mulher ficou em silêncio, tentada pela proposta. E somente um coração inseguro sabe o que é ver oferecido a si a estabilidade.

- Você será o mais belo cisne dentre os cisnes.

A enfermeira chegou a sorrir, ainda que a vida continuasse tensa. Ao menos por um objetivo como aquele, de repente,

parecia ser possível viver. De fato, é curioso como o ser humano pode viver e morrer por causas significativamente diferentes.

- O que você precisa que eu faça, capitã?

Bradamante *adorou* aquele tom de voz seguro.

E então a capitã da Guarda Real, campeã de Arzallum e comandante temporária de uma parede de escudos, explicou à enfermeira Clarabela o que necessitaria tanto que ela fizesse para poder *tentar* vencer aquela batalha.

E assim foi feito.

**32**

Snail Galford estava na proa do *Jolly Rogers*, o lendário navio que fora de James Gancho, quando um de seus comandados gritou:

- Navio se aproximando!

O negro correu até o rapaz e tomou a luneta para si, conferindo por si próprio. O navio que se aproximava se tratava de um corsado, com a bandeira comercial de Stallia em seu mastro.

Liriel Gabbiani parou ao lado de Snail Galford e perguntou preocupada, mas ainda assim inevitavelmente irônica:

- O que pretende fazer, *capitão*?

Snail abaixou a luneta. E sorriu.

- Preparar ataque...

**33**

João Hanson acordou bruscamente, sem conseguir novamente descansar tudo o que o corpo precisaria para diminuir o estresse que andava enfrentando nos últimos tempos. Os músculos ainda doíam, a cabeça latejava e parecia haver areia nos ossos. Ainda assim, ele não conseguia dormir, e por algum motivo *desconhecido*, nem mesmo tentar. Foi então que se ergueu da rede em que estava e quase caiu sentado novamente. A frente dele estava o menino mudo, dono de uma árvore que fora dada a ele, a mesma árvore em que João e Ariane gravaram seus nomes como amantes eternos. O coração de João começou a bater mais rápido, e ele sabia que existia motivo para isso.

- Eu ainda não sei quem é você, garoto. Não sei se é um bom espírito, ou um enviado de bruxas sombrias. Mas, de algumas coisas eu sei. Eu sei que devo algo a você pelo aviso anterior. - Hanson se referia a uma aparição em que o menino-espectro lhe mostrou que Ariane e sua irmã corriam perigo nas mãos do mesmo conde de ódio de quem ele mais tarde tomou a vida. - Contudo, ainda assim, eu temo sua presença. Pois, pelo pouco que aprendi, quando você aparece é porque alguma coisa não está bem, não é?

O menino-espectro aquiesceu, com uma expressão de tristeza inevitável. João Hanson ponderou bastante sobre a próxima atitude e então percebeu o quanto a vida o estava obrigando a amadurecer rápido. Afinal, o João Hanson de dois anos atrás

teria evitado aquela situação dentre uma voz que oscilava entre o tom grave e fino e esperado por um debate com a irmã para decidir o que fazer. Já *aquela* balançou a cabeça consciente de sua responsabilidade e disse com firmeza:

- Está certo... - disse o garoto dentre suspiros.

João Hanson então inspirou fundo; caminhou na direção do espectro; esticou uma das mãos e ordenou:

- Me mostre...

O menino-espectro obedeceu sem o mínimo vacilo. A mão espiritual se encontrou com a mão física. O nariz do escudeiro mais uma vez sangrou. E João Hanson viu o fim do mundo chegar.

## 34

O exército de Brobdingnag observava em choque a cena. Como dito anteriormente, e tenho certeza de que ninguém deve ter esquecido, havia diversos tipos de guerra em Nova Ether. Eram nações de homens e de seres diferentes, e assim como as filosofias e as artes as manifestações de guerra também variam de acordo com as nações e a forma como elas enxergam o mundo. Entretanto, por mais que para isso houvesse de se pagar com sangue, era fascinante para um homem treinado para batalha conhecer outros horizontes bélicos no campo de morte e sobreviver para contar a história e acrescentar às suas estratégias.

Era fascinante e assustador.

Lorde Bradamante, a comandante das tropas humanas de Arzallum, estava mais uma vez à frente, mas, dessa vez, não estava só. Ao lado dela, havia mais dois, e se isso foi capaz de chocar um exército de milhares de gigantes era porque esse detalhe era digno de nota.

Porque ao lado dela havia um bardo. E uma bruxa.

O bardo e a bruxa deram passos à frente, mas os olhos de gigantes, ou de qualquer outro presente naquele campo de batalha, eram apenas para a mulher bizarra. Tratava-se de uma mulher horrenda, suja, maltrapilha, vestida com roupas esfarrapadas, amassadas e cobertas de excrementos e manchas. Havia piolhos e insetos em seus cabelos. Havia brincos de desenhos psicodélicos em partes de seu corpo, colares bizarros nos braços e tornozelos, e ela estava com uma postura curva que acompanhava um andar sorrateiro e bambo. Ela segurava um cajado nas duas mãos, formado por uma lança com a cabeça de Polifemo na ponta, e o peso daquela cabeça deveria ser grande, pois era possível notar a força que ela tinha de fazer para mantê-lo de pé.

A lança foi passada para o bardo, que sentiu satisfação na exibição.

Gigantes até *pensaram* em começar a avançar sobre o exército humano, mas então a maldita bruxa apanhou dois chocalhos, começou a pular em um pé só e trocar de um pé para outro como uma criança debilitada mentalmente tentando chamar a

atenção. Mas uma criança fazendo algo do tipo seria ridículo.

*Aquela* bruxa fazendo isso depois de uma exibição de magia antiga era macabro.

Bradamante sentia o coração batendo forte e batendo rápido e batendo vivo. O que a capitã militar estava fazendo naquele campo de batalha era invocar um estilo de guerrear que não se fazia mais por nenhuma nação, ao menos daquele continente.

Ela estava trazendo de volta bruxas e feiticeiros ao campo de batalha para cuspir maldições e maledicências para o inimigo, amaldiçoando tantas gerações quanto fosse preciso para fazer um ser vivo temer tirar a vida de outro. Uma forma de guerra *quase* proibida.

Uma forma de guerra da Era Antiga.

Exércitos haviam parado de fazer isso quando Primo Branford iniciou a *Caçada de Bruxas*, quando queimou feiticeiras em praça pública e condenou qualquer um que apoiasse tais práticas *sujas*. Para ser condizentes com tal discurso, Reis pararam de levar misticismos e bruxarias para campos de batalhas, que se tornaram zonas de guerras apenas para guerreiros acostumados com aço, ferro e madeira, e nada mais. Uma nova geração de soldados e líderes militares surgiu, e somente os mais antigos haviam visto como eram as guerras daquela época que os mais novos só ouviam falar através de bardos.

Até aquele dia.

- Que a língua de cada criança gigante nascida após este dia se transforme em lesmas que as sufocarão ainda durante o parto!

- a *bruxa* começou a gritar, agitando os chocalhos e rebolando desengonçada feito uma dançarina bêbada surreal.

O bardo Hamelin começou a gritar em ögr o que a bruxa dizia.

Havia um sorriso inevitável nos lábios dele, de quem *gostava* daquela função.

- Que a virilidade de seus machos murchem como flores de árvores mortas!

Bradamante, em outra situação, também estaria rindo de tudo aquilo. O fato era que a enfermeira Clarabela havia incorporado bem aquela personagem que haviam criado, mas parecia que a havia feito até bem demais. Seus homens haviam, em pouco tempo, cuspidos nela, sujados-a, humilhados-a com insetos e espetados pedaços de *coisas* em seu corpo e tudo o mais que a mente de um homem perturbado sente vontade de fazer com uma pessoa que deseje importunar de graça, apenas devido à feiura ou diferença de seu conceito de normalidade. Dessa vez, contudo, por mais que as humilhações fossem ainda mais escrachadas do que costumavam ser, Clarabela pela primeira vez sentia-se no topo do mundo. Pois, dessa vez, ela não era mais a pata feia que não se enquadrava entre os gansos.

Dessa vez, ela era aquela que iria salvar a vida de toda a lagoa.

Enquanto a atenção de todos era desviada para a dublê de

bruxa dançando em um pé só, exibindo vez ou outra o traseiro feito uma cadela prenha e agitando chocalhos entre pragas sem sentido, mas ainda assim assustadoras, a capitã começara a desenhar círculos no chão de terra morta. A ponta da espada ia formando diversos largos e imensos círculos que iam se entrecruzando como dezenas de símbolos do infinito. Runas desconhecidas iam sendo riscadas em determinados pontos, e por mais silenciosa que ela estivesse durante a tarefa era possível dizer que ela parecia *rezar* durante o ato.

Seguindo suas instruções, pelo menos cinco dezenas de soldados faziam o mesmo e copiavam os círculos que se entrecruzavam e as runas que eram desenhadas em seus centros e criavam círculos de terras mortas ao longo de uma grande extensão.

- E que o toque da chuva queime suas peles como água fervendo! - gritou enfática a *bruxa* maldita, enquanto o bardo repetia mais uma vez aos berros em ögr.

Após a tradução, o bardo sorriu.

- Do que você está rindo? Não está bom? - sussurrou Clarabela para Hamelin, dentre fingimentos e simulações.

- Está. É que não chove em Brobdingnag. Não é à toa que é chamado de o Reino Acima dos Céus!

Clarabela estalou a língua, irritada, como se isso não tivesse importância.

- Ah, que se dane! Hoje choverá.

E então lorde Bradamante terminou seus círculos e escutou uma nova corneta de guerra.

A atenção de homens e gigantes se virou para o outro lado daquele campo extenso e erosivo de onde se aproximava o marchar de um exército disciplinado. Tratava-se de um ponto mais elevado, formado por cristas vulcânicas que culminavam em saliências de rocha pura. Era assim o cenário de batalha de uma guerra seca. O coração arzallino acelerou ao buscar a esperança de ver surgir, naquele extenso e obscuro horizonte sedimentar, a figura de Rei Branford comandando o exército de um Reino aliado, que trouxesse a esperança de que gigantes, enfim, poderiam ser vencidos, e que não seria naquele dia que Beanshee os veria chorar.

E, quando o novo estandarte que se aproximava se postou perto o suficiente para ser identificado, o sentimento de esperança deu lugar ao desespero que aperta a garganta e sufoca a respiração. Milhares de sonhos arzallinos foram esmagados quando avistaram que os cinco mil novos homens que chegavam para duelar naquele campo de batalha chegavam para decidir a guerra antes mesmo do combate.

Gigantes se postaram urrando e batendo no peito como gorilas monstruosos, enquanto arzallinos começaram a chorar pelos dois lados da face, acreditando que já choravam por apenas um. E não havia como culpar um único homem por isso. O estandarte do imenso touro tremulava nas terras mortas. A

esperança de uma vitória milagrosa se tornou, de uma hora para outra, apenas o delírio de um exército moribundo.

Minotaurus havia chegado.

35

Ariane estava em uma droga de cela fria e solitária, com sombras escuras dançando nas paredes decalcadas e no interior da mente inquieta. Havia desistido de balançar a porta da cela através das grades no pequeno espaço por onde, vez ou outra, algum guarda desconcentrado abria uma brecha. A impressão que se tinha, porém, era de que até mesmo os guardas estavam se sentindo solitários naquele lugar. A justificativa de tal fenômeno era fácil, afinal, em maior ou menor grau e autoridade, guardas no fim também são soldados.

E Arzallum estava guerreando.

Ariane estava encostada na parede, sentada com as mãos ao redor dos joelhos, tremendo sabe-se de lá se de frio ou de medo. Tremendo feito um catatônico. Feito uma criança de castigo. Feito Beanshee nas vezes em que a viu na casa dos Hanson.

O que significa "ser iniciada", mãe?

Lembranças voltavam, e voltavam forte. Batiam de dentro para fora da mente, como se socassem o lado interno do crânio. Aquilo doía. A cabeça latejava. O coração ficava intranquilo.

É hora de eu lhe contar o porquê de você ter ido sozinha  
aquele dia à casa da sua avó.

Ariane se lembrava de quando o mundo, por mais que, em  
determinados momentos, parecesse muito mais violento do  
que deveria, ainda assim parecia demorar a parar de girar. De  
repente, porém, sua vida começava a mudar rápido demais.

Sua infância parecia distante. E nem mesmo parecia mais  
haver diferença entre o rito de passagem da adolescência para  
a vida adulta.

Acontece que você tem o livre-arbítrio para escolher o que  
quer, mas... se você realmente nasceu marcada, como  
acreditamos... então a Criadora reservou um papel importante  
a você na sua Criação. E acho que você deveria cumprir o  
papel para o qual foi criada, não acha?

Lembranças de um mundo ainda não povoado por iniciações e  
responsabilidades iam sendo esmagadas, rodeadas pelo  
silêncio enlouquecedor de um enclausuramento. Afinal, como  
é difícil para um ser humano ser enclausurado contra a sua  
vontade.

Ariane, minha doce criança, você quer ser iniciada?

Contra a sua vontade.

Sim.

Aos poucos, os pensamentos foram sendo ajustados de  
maneira coerente, mas marcada, feito a imagem de um quebra-  
cabeça completado. E ela então visualizava novamente aquilo

que lhe foi mostrado pela mulher de vermelho.

Beanshee é a enviada da Morte, querida!

Pela *maldita* mulher de vermelho.

Quando alguém a vê, chora, porque sabe que sua morte é próxima e inevitável. Mas, pelo visto, você pode vê-la assim como provavelmente aos poucos o fará com outros seres invisíveis à maioria das pessoas.

Trazer aquelas lembranças desesperadoras à tona era um caminho sem volta. Porque, a partir do momento em que Ariane tomava conhecimento daquelas visões, isso gerava naquela jovem uma *responsabilidade*. A falta de experiência, porém, para discernir a melhor forma de tomar a frente da situação a jogara naquela mesma cela em que ela tinha de decidir se dominaria seus sentimentos ou seria dominada de vez.

Se você acreditar que você é apenas essa casca ao seu redor, a sua vida vai ser como a noz que é enterrada com casca, entende? Ela não vai mudar nem vai evoluir. Não importa o que aconteça, no fim, quando a casca apodrecer, ela vai ser a mesma.

O momento em que ela tinha de decidir enlouquecer ou evoluir.

Mas se você entender que você, na verdade, é o que está dentro da casca, então você vai ser capaz de evoluir, como a noz plantada sem ela.

E então Ariane fechou os olhos, e por mais que o vento ainda soprasse, e soprasse frio, o corpo parou de tremer, embora o coração continuasse agitado.

Quando a gente dorme, a nossa casca se abre.

E a respiração foi ficando mais lenta. E as palavras e imagens que lhe tomavam a alma, antes angustiantes, de repente pareceram, em meio ao caos, fazer algum sentido.

E esse é só o primeiro passo...

Ninguém havia ensinado o que ela estava prestes a tentar fazer. Entretanto, seu instinto lhe dizia para ao menos *tentar* aquilo. Como se estivesse escrito que era assim que deveria fazer. Como se uma voz soprasse respostas de perguntas que ela nem sabia que deveriam ser feitas.

Essa menina é muito especial.

E então a respiração se tornou uniforme. E os diversos pensamentos aleatórios foram se tornando únicos. A mente inquieta foi adquirindo serenidade.

E o coração foi enfim ficando mais tranquilo.

Por enquanto, Ariane precisa do sono, porque ainda não foi treinada.

Ariane então começou a imaginar-se leve e como se seu corpo físico fosse apenas um envoltório. Um envoltório de uma carne morta que de nada serviria sem a alma dentro dela. Uma casca vazia que apenas escondesse a verdadeira noz que havia dentro. Um instrumento semidivino e magnífico do qual

nenhum ser humano possuía total noção das capacidades de feitos extraordinários.

E então imaginou esse corpo se abrindo, como alguém fazendo pressão nos pontos certos de uma casca. Imaginou esse envoltório se quebrando, como uma pessoa poderia quebrar uma estátua para encontrar um tesouro que alguém houvesse escondido dentro dela. Imaginou o seu verdadeiro eu aflorando sem amarras, com a sua permissão e com a proteção de forças que ela ainda não conseguia compreender, mas nas quais já havia aprendido a confiar.

Mas, no futuro, ela não ficará presa a essa condição.

E então, de repente, ela estava de pé. E sentiu-se diferente.

Observou as próprias mãos e não viu nada de diferente. E, provavelmente, teria ficado horas imaginando que nada havia acontecido.

Se não fosse aquele fio.

Com os olhos arregalados, Ariane percebeu um *fio de prata* que saía de seu plexo e seguia *para trás*. Ela observou o fio argênteo e virou-se lentamente para ter revelada a visão que mudaria sua vida.

Do outro lado, o fio se prendia à casca.

Ariane então, o *eu* Ariane Narin, observou o próprio corpo físico imóvel e de olhos fechados. Pensou em se aproximar dele, mas curiosamente se afastou. E percebeu que, não importava o quanto se afastasse, seu fio de prata se alongaria com ela.

Logo, ela vai aprender a quebrar a casca sempre que quiser.

*Tempos interessantes começavam a surgir.*

**36**

- Capitã, para onde apontamos a formação? - perguntou um sargento à beira do colapso em um campo de batalha cada vez mais tomado.

- Monte as paredes de escudos e vire-as de frente para

Minotaurus.

O sargento engoliu em seco.

- Mas capitã... isso seria dar os flancos para Brobdingnag!

A capitã puxou o sargento pelos cabelos e aproximou o rosto dele de si, berrando:

- Você quer assumir o comando deste campo de batalha, sargento?

O sargento empalideceu com aquela possibilidade *ainda mais* assustadora.

- Não, minha capitã...

- Paredes de escudos de frente para Minotaurus...

- Sim, minha capitã!

O sargento se foi, gritando ordens que resvalavam repetidas em vozes diferentes como ecos. No centro, lorde Bradamante suave e torcia para que semideuses permitissem que estivesse certa, ao menos em dois terços das decisões em tom seguro que precisava parecer transmitir.

Seus arqueiros haviam saído da formação de proteção de retaguarda da parede de escudos e se dirigiam para os montes mais altos formados pelas elevações rochosas. Esse deslocamento permitiu também que boa parte de seu exército formado pelos mercenários que ali estavam apenas por uma gratificação após a vitória debandasse em desespero diante da chegada do exército poderoso com o estandarte com o imenso touro apontando uma espada para a terra e um pergaminho para o céu.

- Capitã, os mercenários estão debandando! - gritou mais um

dos inúmeros sargentos presentes.

Bradamante estava ansiosa e sentia o peito arder, mas havia ido longe demais para desmontar o único esquema que havia montado na cabeça para conseguir sobreviver com seus homens mais alguns momentos.

- Não importa, mantenham a parede. Mantenham a parede!

Ao fundo, o exército de Minotaurus marchava cada vez mais próximo, com escudos colados à frente e bumbos tocando ao fundo. Difícil dizer o que causava mais impacto no inimigo.

Ao fundo, sargentos e soldados repetiam o grito de manter a parede de escudos, ainda que todos soubessem que o mundo iria acabar no momento em que Brobdingnag avançasse pelos flancos e quebrasse a parede, permitindo que os lanceiros de Minotaurus viessem pela dianteira e perfurassem os que não morressem esmagados nas mãos de gigantes.

Uma coisa era certa, não haveria tempo de seus arqueiros chegarem no monte mais elevado antes de Minotaurus e Brobdingnag avançarem e destruírem a parede de Arzallum.

Mais uma vez, só havia um jeito de dar tempo ao impossível: Bradamante teria novamente de colocar em risco a si própria.

- Me dê a égua! - ela gritou para uma enfermeira próxima, que não sabia sua função em um cenário dominado por homens, mas comandado por uma mulher.

A égua foi trazida, e o coronel Baxter se aproximou igualmente em um cavalo, assustado pela presença

requisitada.

- Já não estamos condenados o suficiente? - ele perguntou, com uma voz no limite entre a cautela, a ironia e a preocupação.

- Nunca existe o suficiente.

- O que quer de mim, além da autoridade já tomada?

- Me acompanhe em um encontro de líderes com Minotaurus!

O obeso coronel arregalou os olhos.

- Você quer negociar com Ferrabrás?

- Eu quero ganhar tempo. Nosso exército precisa de tempo.

- Nosso exército precisa de um milagre.

- Se conseguirmos tempo, será o mesmo...

Os cavalos se postaram a caminhar, e a marcha de Minotaurus parou quando os dois equinos se destacaram da parede de escudos e caminharam isolados até a metade da distância entre um exército e outro.

Victor Ferrabrás, que observava com um par de lentes objetivas que aproximava as imagens observadas, pediu um cavalo e a presença de Huck, seu novo campeão. E também se destacou.

- Por que quis que eu a acompanhasse, se parece ter na cabeça todo um maldito plano que não compartilha? - perguntou o irritado e tenso coronel, esperando a aproximação do inimigo.

- Porque, *na teoria*, sua autoridade ainda é maior do que a minha. E, se eu viesse sozinha, talvez Minotaurus não

entendesse a atitude como um encontro de líderes, despejando setas afiadas. E eu já estaria morta antes de matar alguns minotaurinos.

- Ainda assim, o Imperador irá me reconhecer como a autoridade máxima deste campo de batalha.

- Sim, mas você não reconhecerá a dele.

O obeso coronel *realmente* arregalou os olhos dessa vez, quando entendeu.

- Eu me recuso a participar de uma afronta dessas... - o cavalo do coronel se virou lentamente para a meia-volta, e então, em um súbito movimento, a égua de Bradamante se aproximou, e ela segurou firme a sela do cavalo que ostentava o gorducho.

- Escute! - ela gritou, trazendo a atenção do ambiente caótico.

- Eu *também* estou com medo! Mas, ao menos eu consigo *pensar* em meio a esse caos! E ainda consigo liderar um exército, coisa que você não! E que você *sabe* que não! -

Baxter trincou os dentes. - Porque você já guerreou guerras difíceis, mas nunca nada parecido com o que estamos vendo hoje! Porque aqui não se guerreia como mosqueteiros! Aqui não se usam floretes nem se saltam em candelabros! Aqui se formam paredes de escudos e se usa magia antiga! E eu arranquei a droga da cabeça de um campeão gigante por uma decisão infeliz sua, que poderia ter condenado este exército que nem é seu! Eu ganhei tempo para prolongar a sua vida! E agora eu preciso de você para prolongar a minha e a de todos

esses soldados que ainda estão de pé no campo de batalha com o brasão do dragão!

O coronel observava a capitã com um olhar sério e petrificado.

- É isso, ou você prefere enfrentar Ferrabrás em um *duelo de comandantes*?

- O que quer que eu faça? - o coronel perguntou rendido.

-Apenas permaneça em silêncio. Ainda que se dirijam diretamente a você, não responda. E permaneça em silêncio.

O cavalo do coronel foi novamente virado na direção do inimigo. E Ferrabrás e seu campeão chegaram.

## 37

O navio com a bandeira comercial de Stallia havia sido tomado de maneira rápida e sem transtornos. Ganchos com cordas se engataram no casco, quando os órfãos de Snail Galford escalaram como lagartixas e, por mais que um ou outro tivesse tombado diante de armas de pólvora boas para um tiro, mas não para mais de um, não tiveram dificuldades para dominar o navio abalroado.

Snail havia sido um dos primeiros a subir no navio dominado.

Liriel, uma das últimas. Os homens que haviam traído Will Scarlet em troca de sua parte no Grande Tesouro tomaram parte na dominação e gritaram como loucos e rosnaram como órfãos quando vão à guerra. Cumprimentaram Snail pela conquista, como se fosse ele já um capitão, e Snail gostou da sensação. Os antigos homens de Scarlet permaneceram ao seu

lado feito guarda-costas, e até o velho Jim Hawkins se aproximou. Ao longo da proa com madeira já desgastada pelas constantes roídas por teredo, um molusco maldito do qual nem o *Jolly Rogers* estava a salvo, homens de Stallia estavam ajoelhados e sendo amarrados pelos jovens órfãos. Outros jovens varriam o convés e todas as cabines e compartimentos que pudessem conter tripulantes escondidos. Eram jovens, afoitos, selvagens, felizes pelo sentido de unidade trazido às próprias vidas, ainda que esse sentido pudesse ser visto de maneira deturpada pelas mesmas classes da sociedade nas quais eles apenas vislumbravam indiferença.

Todos os encontrados haviam sido reunidos no convés, e Snail se dirigiu ao capitão:

- Qual o destino deste barco? - perguntou na língua altiva, a única que conhecia, acompanhado de gestos para melhor compreensão.

O capitão respondeu na língua stalliana, mas Snail compreendeu que algo na resposta dizia que navegavam para Arzallum.

- Qual o compartimento deste navio?

O capitão dominado, um senhor barrigudo de barba por fazer e vestes amarrotadas, não respondeu.

- Qual o compartimento deste navio? - ele insistiu.

O stalliano voltou a ficar em silêncio. Um dos antigos comparsas de Will Scarlet foi até o velho senhor e lhe deu

uma "bica" no estômago. O velho capitão arqueou. Ao rolar no chão, Snail percebeu a tatuagem de um dente de tubarão no antebraço.

- Qual o compartimento deste navio? - ele perguntou pela terceira vez. E quando o mesmo comparsa se preparou para chutar novamente o velho senhor, o subalterno dominado mais próximo, dentre outras dezenas, exclamou nervoso:

- Armas. Levávamos armas... - disse na língua altiva, antes que machucassem novamente seu capitão.

-Você fala o altivo, marujo? - Snail largou o capitão caído e seguiu na direção do navio. Jim Hawkins seguiu com ele.

Liriel ficou apenas observando ao fundo, no meio da tropa de órfãos-piratas agitados.

- Eu... sou arzallino - disse o rapaz, de cabeça baixa, como se aquilo fosse uma vergonha.

- Sorte sua... - comentou o velho Hawkins.

- Por que este navio levava armas para Arzallum?

- Porque estamos em tempos de guerra.

- Mas a guerra não é em Arzallum... - retrucou Snail.

- Apenas seguimos ordens...

Snail ficou observando o rapaz de um jeito desconfiado típico.

Observou mais uma vez o capitão do navio ainda se contorcendo. E perguntou alto para nenhuma pessoa em específico:

- Foram encontradas armas neste navio?

Twist, um de seus *capitães de areia*, tomou à frente e respondeu:

- Encontramos bestas, sabres e outras armas brancas aglomeradas, senhor.

- Hump! - resmungou Hawkins. - Talvez eles digam a verdade...

- Não duvido disso, velho - acrescentou Snail. - Minha dúvida aqui é apenas outra... - Ele se virou para o jovem marujo e perguntou de maneira fria: - Onde as *verdadeiras* armas estão?

O garoto engoliu em seco. Não havia como ludibriar aquele novo líder do lendário *Jolly Rogers*, qualquer tentativa seria um flerte com a imprudência. Snail era astuto o suficiente para raciocinar que, se haviam enviado um navio com armas para Arzallum em tempos de guerra, era porque aquele navio não carregava espadas, bestas ou flechas de qualquer tipo.

Era porque carregava pólvora negra.

Snail agitou o sobretudo, que, no balançar, revelou cabos de facas presos em bolsos internos. A visão foi suficiente.

- Nos barris localizados no porão, senhor - o marujo respondeu de cabeça baixa e com uma voz melancólica.

Snail caminhou à frente. E caminhou decidido. Atrás dele, seguiam Hawkins e seus novos guarda-costas. Alguns de seus meninos seguiram com eles, mas apenas os *capitães*.

- Não sabia que capitães de navios comerciais ostentavam tatuagens... - comentou Snail enquanto caminhava na direção

do porão do navio.

- Todo capitão já foi um marujo despreocupado e arrogante... -

comentou Hawkins, como se o comentário fosse óbvio. Talvez

fosse. Ou talvez fosse uma indireta para o próprio Snail

Galford.

- Ainda assim, um marujo stalliano não tatuaria um dente de

tubarão no antebraço...

- Aquele desenho não é um dente de tubarão...

Snail já estava abrindo a boca para perguntar ao velho gagá

que desenho então aquilo representaria, quando o coração foi

à boca assim que um dos ex-comparsas de Will Scarlet se

preparou para acender uma tocha.

E recebeu um tapa de Snail na nuca.

- Você está maluco, animal? Acenda isso aí em um ambiente

fechado com pólvora negra e tubarões não irão precisar nem

ter o trabalho de mastigar nossos pedaços...

O homem resmungou pelo tapa, mas apagou a tocha. Snail

entrou na frente e sentiu o calor daquele lugar. O

compartimento era quente e abafado, e a energia era pesada.

Ratazanas do tamanho de gambás corriam e tentavam se

esconder da pouca luz que entrava, espremendo-se entre

dezenas e dezenas de barris amontoados. Havia sujeira, havia

poeira, havia umidade, era o típico lugar que faria um atacado

por rinite espirrar sem parar em ataques incontroláveis de

alergia, o típico ambiente em que ninguém deveria armazenar

pólvora negra.

Ou em que ninguém armazenaria pólvora negra.

Quando Snail compreendeu isso, já era tarde demais.

**38**

- Eu sou o Imperador Victon Ferrabrás, e este é lorde Huck, campeão de Minotaurus - disse Ferrabrás, cumprindo a rotina das apresentações, na direção do coronel Baxter.

- Eu sou lorde Bradamante, capitã da Guarda Real e campeã de Arzallum - ela respondeu, atraindo atenções surpresas, já que deveria ser a maior autoridade presente a cumprir aquele papel. - Este é o coronel Athos Baxter, atual senhor do exército de Arzallum neste campo de batalha.

- Um *coronel*? - perguntou Ferrabrás, impressionado. - Pelo cavalo virado, pensei que o coronel iria se retirar deste encontro...

- Ele iria se retirar por não reconhecer a presença de um Rei.

- Já lhe fora anunciado que não existe um Rei aqui. Existe um Imperador.

- Auto-proclamado, não por direito. O único título que Arzallum reconhece no campo de batalha de hoje é o de um Rei abdicado e o de um campeão vazio. Logo, nosso coronel não pode dialogar com nenhum dos dois como líderes militares.

- É ousado de sua parte falar assim, mulher - disse o campeão de Minotaurus.

- Use o termo "capitã", "lorde" ou "campeã" ao se dirigir à minha pessoa.

- Em Minotaurus não reconhecemos mulheres como campeãs...

- Em Brobdingnag faziam o mesmo, até eu cortar a cabeça de seu campeão neste campo de batalha diante de seu exército.

Os dois se olharam surpresos.

- Venceu Polifemo em um *Duelo de Campeões*? - perguntou Ferrabrás, admirado.

- Vosso Rei abdicado deve saber que nós, arzallinos, gostamos de vencer campeões de outras nações...

Ferrabrás poderia ter sentido vontade de enforcar aquela atrevida, mas, na realidade, sentiu um certo prazer naquele jeito marrento e ousado.

- Vou pedir para que meus homens tentem não matá-la, para ouvir seus atrevimentos em meu leito dias após a vitória de guerra.

- Ouvi dizer que seu leito já está ocupado com mulheres que fazem pactos sombrios e dormem com gênios.

- Nem *todos* os meus leitos.

Bradamante sentia vontade *apenas* de enforcar aquele machista desgraçado.

- E que nação é esta em que um coronel se cala, representado por uma mulher? Onde está seu Rei, que aqui deveria estar?

- Se um coronel não se dá ao trabalho de reconhecer as

autoridades presentes, Rei Anísio Branford nem mesmo

interromperia seu descanso após as refeições para tal.

- Está certo, *capitã*... - disse Ferrabrás, com seu tom irritante. -

E qual sua proposta eufórica para se dar ao trabalho de nos fazer cavalgar até aqui? Rendição imediata?

- Sim, ofereço misericórdia a seus homens, se entregarem as próprias almas e se submeterem ao julgamento de Arzallum.

Os dois presentes começaram a rir. O riso não era de deboche, era surpresa verdadeira.

- Ah, mulher, você me diverte!

- Ao menos então alguns de nós escapam do tédio em tal encontro - ela disse. Séria.

Os cavalos do Imperador e de seu campeão viraram-se na direção oposta. E escutou-se a voz masculina dizer:

- Espero nos encontrarmos no campo de batalha ou em meu leito de vitória, mulher.

- Prometo que, em qualquer um dos dois, haverá aço manchado com seu sangue.

- Talvez uma estocada dessas me acorde para um mundo com campeões e coronéis de verdade.

- E espere não cruzar seu caminho com nenhum Branford.

Os cavalos se retiraram com os montadores rindo. Quando Bradamante se virou, seu coronel continuava mudo. E em choque.

-Você pode falar agora, coronel...

- Você não é uma mulher. Você é um maldito demônio de

Aramis...

- Espero sinceramente que esteja certo, coronel. Nunca ouvi ninguém comentar a respeito, mas, de repente, em crenças de guerra, demônios também concedam milagres...

Era aquela uma boa hora de descobrir.

**39**

Havia dezenas de sanguinários. Dezenas. Uma tropa inteira de homens do mar e nenhum do melhor tipo. Snail Galford observava embasbacado aquelas dezenas de homens sombrios e ensandecidos saltarem como zumbis dos barris onde deveria haver pólvora negra, mas que acabavam por esconder outro tipo de morte. Alguns dos soturnos apontavam bestas. Alguns brandiam facas. Todos possuíam algum tipo de lâmina.

Nenhum tomara à frente como líder. Snail Galford se virou abruptamente para sair daquele compartimento no intuito instintivo de ordenar a tranca do porão tomado como isca. A ordem, porém, nunca chegou a ser cumprida. Porque uma faca lhe pressionou a garganta. E ele pôde escutar o grito de Liriel ao fundo, sendo igualmente dominada à força.

A faca em seu pescoço era de um dos antigos comparsas de Will Scarlet.

- Sem movimentos bruscos - o rapaz disse, e parecia haver um certo prazer naquele nada simpático tom de voz. Um dos homens do mar recém-saídos dos barris se aproximou e

começou a tomar as facas dos bolsos de Snail. De perto, ele sentiu o forte cheiro de rum e suor e imaginou quanto tempo aqueles malditos haviam permanecido escondidos dentro de um artifício tão claustrofóbico quanto um barril fechado em um ambiente escuro, abafado e de calor intenso.

Ao mesmo tempo, outro comparsa fechou a porta e isolou o compartimento, dominando os *capitães* de Galford.

- Quem são eles? - Snail perguntou ao homem que lhe apontava a faca, sabendo que, pelas regras do submundo em que viviam, fossem quem fossem aqueles homens, eles haviam previsto aquele encontro há tempos e, mais do que isso, colocado na mesa alguma oferta melhor.

Sabe, existe um pirata recém-chegado que quer o *Jolly Rogers*.

O comparsa *quase* respondeu à pergunta. Mas...

Parece que é barra-pesada...

Uma voz grave e arranhada, do tipo de voz que já viveu muita coisa e teria mais histórias para contar do que bardos letrados, tomou o controle:

- Você irá concluir por si só...

Todos sempre são.

Ele surgiu caminhando ao fundo. Mancando, arrastando uma das pernas em um gingado cansado.

Não... não esse.

E, enquanto o aleijado caminhava, Snail Galford só se

lembrava das palavras de Jim Hawkins, espalhadas por um pedaço de mar já navegado.

Esse parece que é barra-pesada mesmo.

Apesar da postura que lembrava um idoso e da voz que lembrava um senhor, ao se aproximar o recém-chegado se mostrava mais jovem do que parecia, fato não escancarado apenas pela longa barba grossa que lhe tomava toda a parte inferior do rosto.

Do tipo de cara realmente mau.

Snail logo percebeu que um dos olhos não era humano. E o pé que mancava não era deformado, era muito mais bizarro do que isso.

Para você ter uma ideia, parece que ele colocou um olho de vidro no lugar de um arrancado, e um pedaço de pau no lugar da metade cortada de uma perna.

E então, ao ficarem próximos o suficiente, o capitão dominado reconheceu o rosto do recém-chegado.

Ali Snail Galford desejou já estar morto.

**40**

Os irmãos gêmeos Andreos e Albarus Darin chegaram esbaforidos no pátio de uma casa de família, que hoje estava em posse da Coroa e servia como escola para determinadas lições práticas para aprendizes de cavaleiros. Ao chegarem ao pátio, já havia outros adolescentes de idades próximas, que também ali haviam chegado correndo. Todos haviam escutado

o *chamado do mentor*, através da corneta localizada na casa de médio porte. E por isso chegavam esbaforidos.

Se você nunca foi escudeiro, provavelmente não sabe disso, mas havia, naquela casa-escola, uma corneta que só era acionada em casos muito, muito extremos. Ela só era ativada quando as coisas estavam *realmente ruins*. Acionar aquela corneta significava que todo aprendiz deveria correr para o pátio para se apresentar para combate, ou, o mais sensato, para o auxílio de seu senhor. Logo, dezenas de escudeiros corriam para o local, prestes a ajudarem seus senhores a se vestir e se armar para a guerra, para receber instruções do que fazer em seu período de ausência, ou mesmo para servirem de testemunhas em duelos de honras envolvendo a honra de cavaleiros ou daqueles que tais cavaleiros representavam. E, naquela tarde, a corneta tocou. Para todos aqueles meninos, pela primeira vez.

- Alguém... alguém... - tentou dizer um Andreos esbaforido. -

Alguém sabe *quem* tocou a corneta?

- Não! - respondeu Max, um dos jovens escudeiros dentre as dezenas presentes, ou que iam chegando, igualmente esbaforidos. - Todos os nossos senhores estão na guerra...

- Ao menos os que têm senhores... - comentou o jovem Born.

O comentário era ácido, mas era verdadeiro. Nem todo aprendiz de cavaleiro se tornava um escudeiro de verdade, pois nem todos eram convidados para servir a um real

cavaleiro. A maioria se mantinha à espera de um convite precioso. Para se ter uma ideia, dos cinquenta garotos que se aproximavam, metade possuía um real tutor.

Born, o dono do comentário, possuía um. Logo, seu comentário não era de lamento, era de tripudiação gratuita.

- Será que foi algum engraçadinho? - perguntou Andreos, desconfiado.

- Não deve ser isso - disse o irmão Albarus. - Não em tempos de guerra. Provavelmente alguém da Guarda Real deve nos dar instruções sobre como procedermos à espera de nossos tutores...

- Ou talvez nós sejamos chamados à guerra... quem sabe? - levantou a hipótese o caçula entre os escudeiros, Ian.

- Escudeiros na guerra? - comentou Andreos. - Isso não seria um bom sinal! Significaria que soldados muito mais experientes do que nós foram dizimados no campo de batalha, e nós só iríamos até lá para morrer igualmente.

- Tá, pode até ser qualquer uma dessas todas... - comentou o jovem Jaú. - Mas isso ainda não responde à pergunta do Andreos: afinal, *quem* tocou a corneta?

- Fui eu.

O tom atraiu as atenções. A voz era de João Hanson.

- Todos vocês estão certos. Todos os nossos senhores estão na guerra, vocês vieram aqui receber instruções sobre como proceder e vo- cês irão à guerra. Mas a guerra nossa não será

no campo de batalha de nossos senhores. Nós iremos batalhar em Andreanne! Todos se olharam embasbacados. E confusos.

- E quem irá nos liderar? - perguntou Albarus.

- Eu irei...

Pelo olhar do adolescente, ele falava muito sério.

## 41

Sabe, existe um pirata recém-chegado que quer o *Jolly Rogers*.

O corpo de Snail Galford estava em condição psicológica de choque, em uma intensidade muito maior do que o choque psicológico provocado pela morte de um parente próximo.

Porque, ao menos a morte de um parente, por mais chocante que possa vir a ser, faz parte das regras da vida.

Aquilo, não.

- Sabe, não sei se o odeio ou se o admiro... - disse o pirata caolho a um Snail Galford que não conseguia nem mesmo *fingir* o jeito frio e desdenhoso que costumava ter diante da vida, ainda que nos piores momentos.

- Eu estava caçando o *Jolly Rogers* há um certo tempo e então me surpreendi *realmente* quando tive a confirmação do novo capitão deste navio. Alguém astuto o suficiente para passar a perna em metade de Arzallum, e até talvez na outra metade dela.

Liriel Gabbiani foi trazida entre gritos e resmungos por piratas que deixavam marcas arroxeadas na pele branca. Ao avistar o

grotesco pirata, a pele ficou ainda mais pálida do que já era.

- Ah, claro. E claro que não estaria sozinho...

Snail então engoliu em seco, sabendo que o mundo, que nunca fora bom, iria ficar pior. Suspirou, e difícil seria definir todos os sentimentos contidos naquele suspiro.

Não sabia que capitães de navios comerciais ostentavam tatuagens...

Caíra em uma maldita armadilha que poderia ter evitado se estivesse mais atento, afinal...

Todo capitão já foi um marujo despreocupado e arrogante...

... por mais simbólicos que pudessem ter sido, havia recebido sinais anteriores da possível traição.

Havia visto a bandeira comercial de Stallia no mastro daquele navio-arapuca, e isso devia tê-lo alertado, afinal ele já conhecia aquela manobra.

Havia trechos de frases do velho Hawkins em que deveria ter prestado maior atenção.

Na verdade, o que corre é que não é exatamente um recém-chegado. Mas um veterano que resolveu retornar.

Havia pressentido que um navio de armas não navegaria sem escolta, ainda mais com a suspeita de portar pólvora negra.

E havia notado o maldito desenho no falso capitão.

Não sabia que capitães de navios comerciais ostentavam tatuagens...

- Quem era o homem que se passou por capitão? - Snail enfim

perguntou em uma baixa voz submissa.

- Homens do mar costumam chamá-lo de *Mee*...

Snail trincou os dentes. Queria conseguir se isolar daquele grupo apenas para estapear a si próprio por tamanha estupidez.

Mee; o grande comparsa. O braço direito. O homem que aterrorizou o mundo ao lado de James Gancho e sobrevivera para contar histórias sombrias demais para um homem acreditar sem uma testemunha viva para relatar os detalhes.

- E o que você pretende?

O pirata aleijado sorriu.

- Além do Grande Tesouro de Flint?

Snail trincou os dentes de raiva. Ele, definitivamente, gostaria de ter acreditado que Jim Hawkins conseguiria levá-lo até o maldito tesouro, e que ambos o encontrariam juntos. Não que não pensasse em trair o velho Hawkins depois do feito, mas, ao menos *até lá*, havia decidido acreditar na parceria. Logo, a raiva que brotava não estava, na realidade, na traição esperada.

Estava em ter sido enganado *primeiro*.

- Eu vim buscar o *Jolly Rogers*, *negro*. - Snail detestou aquela alcunha reconhecível.

- Eu vim tomar o que é meu de direito. E vim atrás de cada um que provocou minha desgraça.

Não, aquilo não era possível.

Um marujo stalliano não tatuaria um dente de tubarão no

antebraço...

- Afinal, eu posso não ser o pirata mais sanguinário que já navegou por esses mares.

Aquilo *não deveria* ser possível.

Aquele desenho não é um dente de tubarão...

"Mas sou o filho dele."

Era um dente de crocodilo.

42

Rei Petter Pendragon se encontrava isolado com seus seis *primeiros*. O Rei do Nunca sabia que tudo iria mudar no momento em que desse início *àquilo*. Como mudou quando ele próprio passara por aquele processo violento e dilacerante.

Quando o primeiro elfo do mundo se tornou adulto.

Quando Petter *Pan* cresceu.

Entretanto, se o destino caminhava para aquilo, e se o mundo estava em guerra e os caminhos se cruzavam para aquilo, ele iria seguir em frente.

Afinal, em sua ilha fantástica, as coisas *nunca* eram como normalmente se esperaria.

O processo ali era o mesmo. Ele sabia o que cada um daqueles seis elfos que resolveram segui-lo por uma estrada de provação e dor iriam sofrer; e sabia o quanto iriam ser cobrados através de um processo que lhes cobraria seus sentimentos mais puros, sua inocência e também toda paz interior que um elfo poderia reter dentro de um coração de

intenções maduras, mas curiosidade e fascínio infantis.

Estavam em terras afastadas do Nunca e lideradas por sociedades humanas, em ilhas que existiam no mundo material. Uma ilha frequentada por animais selvagens e índios loucos de cultura rústica e ainda não dizimada pela mesma civilização que os tratava com filosofias bárbaras.

Áxel Branford observava o processo.

Haviam ali chegado através de grifos, e, embora os seis elfos pudessem voar, havia oito grifos naquela ilha. Afinal, Rei Petter Pendragon havia lhes lembrado que, quando o processo finalizasse, nenhum deles poderia voar novamente. Cada elfo possuía acoplada em si uma coleira bem mais grossa que o tamanho dos pescoços, cujas ligas de ferro se acumulavam nas duas mãos do poderoso Rei. Para Áxel, a visão chocava. De fora, a cena mais parecia a pintura de um megalomaníaco ditador utilizando seus seguidores como cães, mas o príncipe também começava a aprender que...

Culturas não se medem com sinais de mais ou de menos.

... não deveria analisar uma atitude élfica através de uma filosofia humana, ou, do contrário, jamais haveria compreensão, mas preconceito.

Era visível que estar longe de suas terras natais deixava aqueles elfos... *diferentes*. Os olhos pareciam expandidos, as veias pulavam no pescoço, a respiração ficava pesada e acelerada. Eles bambeavam feito bêbados e coçavam a

garganta como sedentos. Aos poucos, começavam a emitir grunhidos que não eram nem a língua erdim nem a língua élfica, mas uma linguagem animal selvagem e obscura. E as horas foram se passando, e a cada hora a fraqueza dos acorrentados aumentava, os grunhidos se intensificavam e o bambear dava lugar ao agito extremo.

E então de repente...

- Hwuaaah! - foi o grito selvagem do primeiro elfo que pulou no pescoço de Áxel, como se fosse uma fera. A corrente e a força do Elfo-Rei o impediram de chegar ao príncipe chocado.

E Áxel, ainda mais assustado, percebeu que, se a corrente ainda não estava apertada naquele pescoço, ao menos também já não estava mais frouxa.

E então todos os outros cinco começaram a rosar como vampiros.

E os elfos do Nunca começaram a crescer.

**43**

O tambor de Minotaurus tocou, e os soldados de Arzallum passaram as mãos no rosto. Os gigantes de Brobdingnag começaram a bater seus tambores, e a morte naquele campo de batalha começou a esperar por quem a tiraria para dançar.

Minotaurus então tomou posição, e seus lanceiros avançaram sua parede de escudo na direção da parede de Arzallum.

- Capitã... - gritavam sargentos e soldados para uma Bradamante concentrada apenas no lado gigante.

- Mantenham a parede virada para Minotaurus!

- Capitã!

- Mantenham a droga da parede, já disse!

Manter a parede. Bradamante *já* havia gritado e gritado novamente aquela ordem centenas de vezes e compreendia o receio de seus guerreiros em obedecê-la. Brobdingnag começou a avançar pela lateral da parede que seria destruída como um castelo de areia nas mãos de uma criança no momento em que gigantes cruzassem as áreas desenhadas com seus círculos.

E então os lanceiros de Minotaurus começaram a correr e avançar em fúria e gritando horrores na direção da frágil parede de Arzallum.

- Firmes, suas bestas! Se irão morrer hoje, ao menos morram com dignidade e levem minotaurinos com vocês para Aramis!

- gritou o coronel Baxter no meio da parede.

E Brobdingnag então também começava a correr ao encontro dos flancos da parede de Arzallum. Dois ataques que seriam esmagadores. Perto. Cada vez mais perto.

- Capitã! - gritaram novamente sargentos. Bradamante ignorou os gritos.

Gritos. Gritos de homens e gritos de gigantes cada vez mais perto. Homens começaram a urinar em si próprios, rezando a semi-deuses e tentando manter firmes os escudos trêmulos e os intestinos soltos.

Ao fundo, Bradamante *já* havia percebido que seus arqueiros haviam subido até o ponto dos montes mais altos, onde ela havia ordenado.

Aquela decisão seria sua fortuna ou sua desgraça.

Bradamante, por dentro, *também* tremia. Pensou em Ruggiero, o guerreiro oriental por quem gostaria de sobreviver para poder com ele estar mais uma vez. E quem a havia treinado nas artes místicas que só ouvira falar, mas nunca encontrara um mestre. Perto. Gritos e vozes cada vez mais perto.

- Firmes! - gritou o coronel Baxter pela última vez.

A parede de Minotaurus então se chocou contra a de Arzallum em um estalar violento e retumbante. Os homens começaram a forçar para a frente em uma competição absurda de força e resistência, enquanto lâminas de lanças tentavam encontrar espaços dentre homens espremidos e metal abraçado.

E então Bradamante viu os gigantes de Brobdingnag pisarem na área em que ela e seus homens haviam rabiscados os símbolos místicos e suas runas. E houve o grito que tomou conta daquela zona de guerra de maneira muito mais intensa do que qualquer corneta ou qualquer tambor.

Era o grito da Bela Beanshee. O urro da Matadora de Gigantes. O berro d'Aquela Por Quem Os Homens Querem Morrer.

A espada, mais uma vez, acendeu-se azulada, e uma das runas da lâmina foi ativada pela campeã. O círculo em que fora

cravada se acendeu como se a luz azulada fosse contagiosa.

Embasbacados, gigantes viram aquelas luzes se espalharem.

E todos os círculos riscados e entrelaçados se acenderem.

A princípio, todos pararam surpresos, imaginando o que

aquilo significaria. Soldados de Arzallum, sem poder prestar

atenção no que estava acontecendo ao redor, só podiam se

concentrar no empurra-empurra dos choques das paredes de

escudos. E nos cuspes e socos e chutes e golpes de lanças ou

espadas que vinham por baixo de escudos chocados uns

contras os outros. Homens de Arzallum se digladiavam com

os de Minotaurus dentre as paredes, passando por cima dos

que iam caindo mortos pelos golpes aplicados dentre couraças

e placas de aço.

E todos, sem poder olhar para os lados, perguntavam-se onde

estavam os gigantes naquela guerra.

Já os seres de Brobdingnag perceberam então que ainda

estavam vivos, e que a guerra continuava tão próxima de si. O

temor da magia deu lugar ao ódio que percorre o coração de

um gigante na guerra, e eles rosnaram novamente e partiram

como bichos.

Apenas para descobrir que não conseguiam sair do lugar.

Bradamante começou a suar frio quando percebeu que aquilo

estava *realmente* funcionando. Havia aprendido com Ruggiero

a criar um *círculo de gravidade zero*, como o que utilizara

para prender a corrente de Polifemo na terra. Mas não havia

aprendido a fazer aquilo com um alcance tão longo, nem se seria possível, nem se seus soldados saberiam reproduzir as runas que havia ordenado. E, no fim, quer saber? Eles haviam sido ótimos.

E Brobdingnag temporariamente estava parada.

Os gigantes, chocados com seu natural temor de magia antiga, mantiveram aquele momento de choque inicial diante da arapuca mística. Uma grande parte de seu exército estava presa, como se as pernas fossem agora pernas de gárgulas petrificadas sobre uma superfície azulada que não os deixava se mover. Eles agitavam os troncos feito esquizofrênicos e batiam nas próprias pernas como se fossem elas as culpadas, mas nada adiantava. Havia, porém, uma grande parte de gigantes que ainda não havia penetrado nos círculos, e, em vez de avançar, tentava retirar os companheiros presos dos círculos acesos. Os gritos de desespero daquela raça poderosa lembravam os de animais acuados.

Bradamante, com o coração exaltado, observou seus soldados - seus fiéis soldados - se digladiando contra o exército minotaurino e fez um sinal para seus arqueiros. Desesperados ao verem a parede de Arzallum de flanco aberto em suas direções, e resistindo de igual para igual com Minotaurus sem que eles pudessem ir até lá destruí-la, os gigantes presos nos círculos ordenaram que seus irmãos contornassem aquela área iluminada e dessem sequência ao ataque. Gigantes se

afastaram e começaram a correr, contornando os círculos azulados, com o intuito de arrancarem a espada cravada no primeiro círculo e massacrar a parede de escudos que resistia.

Quando a primeira flecha perfurou o pescoço do primeiro gigante e o fez se afogar no próprio sangue, eles descobriram que não seria assim tão fácil.

Arzallinos começaram a gritar e lutar com mais vigor e ênfase quando perceberam que Brobdingnag, por algum motivo iniciado por sua amada campeã, não viria destruir sua parede, ao menos naquele momento. Bradamante, ainda ao lado de sua espada, dividia-se entre o alívio de ver um plano suicida dar certo e a angústia de querer brandir a mesma espada ao lado de seus homens na parede de escudos. Sabia, porém, que não poderia se afastar daquela lâmina cravada. Não poderia *arriscar*. Para isso, necessitava da parte mais difícil de um ser humano em uma liderança: confiar plenamente que seus comandados executassem suas ordens delegadas com feracidade e crença.

E quer saber? Eles executaram.

Centenas, centenas de setas zuniram por aquele campo de batalha, disparadas por arqueiros em posições superiores privilegiadas, que miravam os pescoços de gigantes aturdidos e desconcentrados. As ordens haviam sido bem diretas: eles deveriam mirar os pescoços e mirar os que *não* estivessem nos círculos. A chuva de flechas produzida por mil e quinhentos

arqueiros tomou conta daquele campo, enquanto gigantes dispersos e desesperados tombavam de repente sem entender nem mesmo por completo o motivo da queda.

Ao observar a cena catastrófica, os arqueiros de Minotaurus correram pelo campo de batalha para tomar as melhores posições, onde os ângulos de suas bestas fossem suficientes para chegar até os arqueiros elevados de Arzallum. Correram pesado, com o ar seco a dificultar a respiração e o raciocínio. Encontrar tal posição tomou tempo, e nesse tempo os arqueiros de Arzallum mataram gigantes como se disputassem um macabro torneio de caça. Quando os arqueiros de Minotaurus atingiram enfim tal posicionamento, porém, o jogo começou a mudar. Porque nem todas as flechas que saltavam daquelas bestas chegava com a perfeição que eles gostariam nos homens protegidos nos montes elevados, mas as que chegavam causavam baixas. Arqueiros arzallinos começaram a receber ataques que furavam ombros, coxas, clavículas, baço, joelhos. Escutavam-se gritos, e gritos em diferentes tonalidades, que lembravam dor e lembravam morte.

E ali Bradamante temeu que a sorte de Arzallum fosse mudar. Gigantes continuavam a tentar contornar os círculos acesos com runas, e os arqueiros de Arzallum que os estavam fazendo tombar não sabiam mais se continuavam a tentar tombá-los ou se resistiam aos arqueiros de Minotaurus que os atacavam

constantemente.

Era difícil tomar tal decisão porque era algo que decidiria a guerra.

Afinal, não derrubar os gigantes significava que a parede de escudos de Arzallum seria rompida e aquela batalha estaria perdida. Derrubar os gigantes significava se sacrificar em prol da vitória, dando a vida ao atacar um inimigo enquanto outro lhe agredia sem revide.

O resultado foi que alguns arqueiros de Arzallum continuaram a atirar nos gigantes, e outros a atirar nos minotaurinos.

Nenhuma decisão daquela forma, porém, era a ideal, afinal, na adrenalina que dispersava, nem gigantes ou minotaurinos eram abatidos com a precisão que deveriam, nem arzallinos estavam a salvo por completo.

Com a divisão de foco do inimigo, gigantes enfim começaram a contornar os círculos de maneira suficiente para Bradamante *realmente* temer a aproximação. E quando o primeiro conseguisse se aproximar dela o suficiente - como estava se aproximando - ela teria de arrancar sua espada para matá-lo.

Mas arrancar aquela espada significava cancelar a magia que prendia boa parte daqueles homens na terra, magia esta que também seria anulada se ela fosse morta e a espada tombada.

Ao fundo, o som das paredes de escudos ainda se chocando quando fileiras de soldados avançavam por cima dos cadáveres das fileiras mortas, e vez ou outra escorregavam no

sangue derramado. O gigante se aproximou dela mais. E mais.

Bradamante segurou o punho da espada, fechou os olhos e pediu ao Criador que lhe desse uma boa passagem para o mundo dos mortos.

E então abriu os olhos, ao escutar os gritos e perceber que os arqueiros de Minotaurus estavam sendo mortos.

O coração da capitã começou a desejar sobreviver, nem que fosse, ao menos, para contar tudo aquilo que estava presenciando naquele campo de batalha.

Tanto na liderança dos homens que jamais a haviam deixado quanto dos homens que haviam retornado para ela.

O fato foi que o bando de mercenários arzallinos, o mesmo bando que havia fugido daquele campo de batalha diante da perturbadora visão do exército de Minotaurus e de Brobdingnag prestes a esmagar Arzallum, agora resolvera, na loucura inspirada diante da visão de resistência, retornar com coragem renovada para a zona de guerra, e aproveitava o fato dos arqueiros minotaurinos terem se afastados de seu exército de lanceiros para esmagá-los sem que pudessem ter muita chance de resistência, afinal um homem que escolhe matar outro de longe é porque sabe o quanto é limitado seu talento para fazer o mesmo de perto. O fato de ver guerreiros desertores retornarem a um campo de batalha após tais condições se inverterm devido aos esforços de guerreiros de verdade causaria asco e desprezo nos soldados de verdade.

Entretanto, naquele dia em que o mundo parecia difícil e limitado a milagres, ver aquele grupo de mercenários fugidios retornar ao campo de batalha em um ato que mais parecia estrategicamente planejado era o verdadeiro deleite de um líder militar.

Ao perceber que os arqueiros de Minotaurus estavam sendo esmagados por aproximadamente seiscentos mercenários que retornavam à zona de guerra, os arqueiros de Arzallum voltaram suas setas aos gigantes de Brobdingnag antes que estes pudessem chegar até sua capitã. Bradamante viu um deles cair com uma flecha no pescoço a menos de cinquenta metros de si própria. O estrago, contudo, já estava feito.

Muitos gigantes continuavam se aproximando feito formigas, e não haveria como seus arqueiros darem conta de todos eles. Bradamante teria de escolher entre lutar e cancelar a magia ou morrer e deixar sua zona de guerra sem comando.

O mundo ainda era ruim, e ela ainda não tinha uma decisão.

Foi quando, mais uma vez, o campo foi tomado por um som.

Um som extremo, violento e sobrenatural, que vinha dos céus.

Um som já característico, mas nunca ordinário e comum. Um som capaz de fazer exércitos estagnarem e recuarem.

Um som de máquinas que não deveriam existir.

*Vishnus*, os mesmo que antes haviam sobrevoado o campo de batalha como pura exibição, agora retornavam. Como em uma trégua que não era dita, a parede de escudos de Arzallum

recuou, e a de Minotaurus fez o mesmo. Os gigantes de Brobdingnag, que já estavam estáticos diante da ação de magia antiga e do temor de estar próximo dela, também recuaram, preocupados.

As máquinas, como sempre, desceram bambeando como se não estivessem acostumadas com o próprio peso, e desceram em pleno campo de batalha no espaço que Minotaurus e Arzallum, cada vez mais, ampliavam ao se afastar. E então houve o estrondo que aquelas malditas máquinas faziam quando sustentavam o grande peso. E os compartimentos foram liberados, e escadas no formato de um pedaço de melancia, deslocadas até tocarem o chão. E quando o primeiro homem saiu de lá, Bradamante enfim começou a chorar pelos dois lados da face, enquanto seus homens começavam a urrar como campeões. E, se fosse um soldado de Arzallum, ali você com certeza teria feito o mesmo.

Rei Anísio Branford havia chegado.

**44**

Rainha Branca Coração-de-Neve estava sentindo o peito doer, Vcomo se a caixa torácica começasse a se comprimir de maneira lenta e asfixiante. Encostou-se na parede do quarto, com a mão acima dos seios e sem que nenhuma aia estivesse por perto para ajudá-la. Tropeçou, cambaleou um pouco e, por fim, evitou a queda segurando-se de maneira brusca em um criado-mudo. Havia frascos de fragrâncias e outras especiarias

raras que tombaram e se partiram. Na parede, tombou também a chave com ponta de estrela, presa ao redor de um chaveiro pesado formado com moedas antigas soldadas. Branca permaneceu de cabeça baixa e com as mãos trêmulas nas bordas do móvel, e então a respiração aos poucos foi se acalmando. E o coração ficou mais tranquilo.

Ela abaixou-se e apanhou a chave caída. Quando ergueu a cabeça, à frente dela havia um espelho. O espelho refletia uma Rainha abatida, com olheiras e marcas que a envelheciam muito mais do que sua real idade. E Branca, naquele reflexo, visualizava o melhor e o pior que existia em si.

Ela então se questionou, observando aquele espelho:

- Existe alguém melhor do que eu... para estar nesta posição neste momento?

Observando o *seu* espelho.

- Existe alguém mais competente do que eu... para estar nesta posição neste momento?

A imagem continuava refletindo muito mais uma mulher cansada do que uma Rainha mítica. E então o espelho passou a não refletir mais *apenas* isso.

No espelho, atrás dela, estava o reflexo de Ariane Narin.

A Rainha começou a virar o pescoço para olhar para trás, e o reflexo de Ariane no espelho balançou a cabeça negativamente. A mente de Branca ordenava violentamente que ela olhasse para trás e comprovasse a alucinação

provocada pelo estresse a que estava sendo submetida.

O coração exigia que ela utilizasse apenas fé e *acreditasse* no que estava testemunhando.

- Tu queres me mostrar algo, não é? - ela perguntou em voz alta.

O *reflexo* de Ariane assentiu.

- E como queres fazer isso?

A imagem de Ariane esticou os braços, como se o estivesse fazendo ao lado da Rainha, na direção do espelho. Pelo reflexo mostrado, porém, o que a Rainha via era o reflexo de Ariane esticando a mão na direção dela. Ou *de uma parte* de Ariane. Ou da verdadeira essência *que era* Ariane.

Branca Coração-de-Neve suspirou. Afinal, era uma mulher cansada ou uma Rainha mítica?

- Então me mostre - disse uma Rainha cansada. - Espelho meu, me mostre o que há por trás deste eu...

A Rainha esticou os dedos e tocou as mãos de Ariane esticadas no *reflexo*. E tudo o que Ariane antes havia visto a ela foi mostrado.

45

- Como sabe disso tudo que está dizendo, Hanson? - perguntou Born, desconfiado. João segurava uma arma embrulhada em um pano, que se podia deduzir ser uma espada de treinamento.

- Sei o que me foi *mostrado*...

- E por que é *você* que irá nos liderar?

- Porque eu estou requisitando essa liderança neste momento.

Born fechou a expressão.

- E se *alguém* aqui não concordar?

João Hanson colocou a arma embrulhada no chão e retirou a camisa. Jogou o tecido no chão. E então desembulhou o objeto oculto que se parecia com uma espada de treinamento de madeira.

Era uma espada média de verdade.

- Então *alguém* poderá tentar tomar de mim essa liderança.

A espada balançou na mão direita. E aquilo *assustou*.

- E eu vou liderar este grupo porque fui eu, dentre todos vocês, quem sobreviveu à arapuca de uma bruxa canibal ainda criança. Fui eu quem matou um homem antes dos quinze anos.

Fui eu quem foi requisitado por Lorde Wilfred de Ivanhoé. -

João Hanson se virou de costas e a visão de suas costas marcadas e tatuadas com símbolos místicos tribais antigos

*arreprou* os presentes. - E fui eu aquele que deveria ter perdido a vida três vezes em situações de risco e retornou das estradas da morte através de caminhos sobrenaturais...

- João... - comentou para si um Albarus chocado e com voz trêmula.

- E eu irei proteger esta cidade com ou sem ajuda. Eu irei morrer por caminhos naturais ou violentos, por ela e pelas pessoas que vivem nela. A questão é apenas que quero dar a opção de vocês estarem comigo ou não...

Houve silêncio. João recolocou a camisa e embrulhou a espada.

- Agora, quem quer voltar pra casa e quem quer me seguir?

O silêncio continuou. Mas as expressões se modificaram. E João Hanson, naquele instante, sentiu um pouco do que era ser uma figura lendária como Robert de Locksley, capaz de inspirar homens ordinários a feitos extraordinários. Ali ele também começava a coletar espíritos.

**46**

Maria Hanson estava, como todos os presentes, há horas acuada em um canto como bicho repreendido em abatedouros.

Os pais presentes abraçavam suas crianças com medo, enquanto o tal senhor Tulan andava de um lado a outro e vez ou outra se concentrava neles. O velho senhor havia dado sinal para que mercenários que cheiravam a homens do mar invadissem a sala de aula e acuassem as pessoas como reféns, ainda que aquilo não fizesse o menor sentido.

Ao lado de Maria, Giacomo Casanova tentava acalmar as pessoas, acalmar a ela e tentar extrair alguma coisa dos captores.

- Se o problema for dinheiro...

- Eu já lhe disse que isso não envolve dinheiro. Não *agora*.

- E quando envolverá?

- Quando Arzallum perder a guerra...

Diálogos como esse estavam sendo frequentes e deixavam as

mulheres ainda mais inquietas, os idosos ainda mais preocupados e as crianças ainda mais em choro. O momento mais tenso, porém, havia acontecido uma hora mais cedo. O velho Tulan havia exigido que Maria Hanson fosse trazida mais próxima, e um dos mercenários a havia erguido pelo braço, levando um golpe de Casanova no joelho. Outros vieram e surraram o pobre rapaz, enquanto as mulheres gritavam.

Por fim, após o velho olhar bem Maria Hanson e a comparar com um sinistro desenho que aproximava do rosto, feito em um pergaminho com pena de tinta, ele a liberou para que se juntasse novamente aos acuados. E então Casanova conseguiu extrair que os homens ali estavam porque acreditavam que Maria Hanson era uma refém valiosa em guerra, já que era a escolhida do príncipe. E que eles eram apenas os primeiros. Outros estavam chegando, e Andreanne seria tomada enquanto seu Rei e seus soldados estavam na guerra.

- Vocês estão agindo como cães estúpidos... - disse um Casanova machucado e com hematomas. - Eu não sei quanto irão lhes pagar por este absurdo, mas eu poderia dobrar o valor...

- Você é idiota? Eu já expliquei que não se trata de uma questão de valores...

- Com homens como vocês, *sempre* se trata.

- Por isso continuamos vivos, enquanto pessoas *como* vocês,

não.

- Seu idiota! Será que não compreende? Essa mulher aqui não é mais a escolhida do príncipe! Ela foi usada por ele e rejeitada como uma vulgar, abandonada sem sua honra e humilhada perante a sociedade em que permanece...

As palavras duras atingiram Maria Hanson e *doeram* por dentro. A menina em choque não estava em condições psicológicas de discernir se aquilo era um blefe ou não e manteve-se paralisada buscando um caminho racional para a associação do pensamento fragmentado. Já Casanova se preocupava apenas com a reação daqueles homens e percebeu que Tulan havia fraquejado por um momento; um momento curto, mas um momento.

-Você blefa... - disse o velho Tulan.

- Essa mulher agora é *minha* noiva prometida - disse Casanova com a certeza do homem que sabe o que diz. Ou que acredita saber. - Eu a tomei para mim depois que o herdeiro Branford a dispensou. Como refém valiosa, ela representa tanto quanto qualquer um desses velhos, mulheres e crianças aqui presentes...

Mais uma vez houve o *momento*. E mais uma vez, o velho disse:

-Você blefa...

- Blefo? - Casanova perguntou, diante de seu sorriso cínico e confiante. O mesmo sorriso safado que conquistara o coração

de dezenas de moças de diferentes índoles, que se partiram depois. A mão direita pegou Maria Hanson pelo braço e a ergueu de maneira súbita. A professora, que ainda mais parecia um zumbi sem saber como reagir diante de uma situação absurda, teve o corpo trazido junto ao corpo dele. E sentiu a língua de Casanova dançar sobre a dela.

Os velhos, crianças e idosos presentes, por um momento, o tipo de momento inexplicável da psique humana que tanto valoriza assuntos relacionados a sentimentos e ao coração, saíram daquela situação absurda, e se observou em choque, surpresa ou êxtase, dependendo do julgamento de cada um, como se o mundo fosse bom e não estivesse em guerra.

Já Maria Hanson continuava em choque. A mente ainda sem condições de discernir o que estava sendo dito, o que estava acontecendo e o que estava sendo feito. Era a primeira vez que outro homem a beijava desde Áxel Branford; era a primeira vez que um homem a beijava de língua na frente de outras pessoas no meio de um sequestro.

O resultado foi que ela não aceitou o beijo nem o recusou.

Casanova, quando afastou o rosto, manteve o corpo de Maria colado junto ao seu e olhou para o velho Tulan, com seu sorriso cafajeste. Só havia o reconhecível *momento* no rosto do velho.

- Você não blefa? - perguntou um Tulan realmente surpreso.

- Eu blefo... amor? - Casanova perguntou a Maria Hanson.

Maria então enfim saiu de seu estágio catatônico e abraçou forte o loiro alto. O cérebro enfim começara a raciocinar novamente, e ela conseguiu compreender que Casanova estava jogando tudo em um jogo que poderia ter cinquenta por cento de chances de dar certo. Isso, claro, se ela colaborasse.

- É claro que não... - ela disse com a cabeça encostada no peito dele.

- Você confirma que perdeu a honra com o príncipe de Arzallum e que foi rejeitada e abandonada como uma vulgar?

Aquilo continuava a doer. Porque Maria sabia que, na melhor das hipóteses, mesmo se tudo desse certo e eles saíssem vivos dali, os reféns presentes iriam espalhar a história como se fosse verdade, muito antes e muito mais rapidamente do que ela poderia desmentir e explicar que fora apenas um artifício.

Mas... bom, isso acabaria com o nome de sua família, mas, ao menos nessa hipótese, ela ficaria viva.

- Eu confirmo... - ela disse, com uma voz frouxa e a cabeça baixa, em vergonha. - Áxel Branford nem mesmo está mais em Andreanne, partiu atrás de sua *real* noiva prometida: uma princesa estrangeira.

- E por que um herdeiro Casanova iria atrás de uma mulher submetida à tamanha vergonha?

- Porque, abandonada ou não, ela foi a escolhida do príncipe, e não há para um homem com a vida que levo troféu mais valioso....

As pessoas, que deveriam estar preocupadas em estar reféns, voltaram a emitir onomatopéias baseadas em seus próprios julgamentos da moral humana. O mais impressionante, porém, era que Tulan parecia convencido da história proposta. O que por sinal acabava sendo um ato de bom senso, já que, por mais que Casanova e Hanson houvessem dado todo um floreio à história, ela não deixava de ser verdade.

- Então essa garota realmente não nos serve mais - lamentou Tulan. - Ela nos é inútil, como todos vocês...

Havia realmente cinquenta por cento de chances do arriscado plano de Casanova dar certo.

- Podem matar todos eles.

O problema era a outra metade dessa porcentagem.

**47**

- Rei Branford... - disse a capitã a Anísio quando seu Rei se aproximou. Havia lágrimas nos olhos dela. Na verdade, havia nos de todos os soldados presentes.

- Se ainda está viva, capitã, é porque deve ter boas histórias para narrar em um futuro breve.

- Espero estar viva *também* até lá, Majestade... - Bradamante achava estranho escutar Rei Branford se referindo a eles como "você". Entretanto, todos sabiam que era um fato: um campo de batalha não possuía momentos para cerimônias ou floreios.

- Onde está o coronel Baxter?

- Aqui, Majestade.

O obeso coronel se aproximou da rápida reunião de líderes militares em pleno campo de batalha, e Bradamante ficou a prestar atenção aos olhos dele. Preparou-se para enfrentar a fúria de olhos orgulhosos.

- Como está comandando e mantendo a moral deste exército, coronel?

Mas encontrou olhos envergonhados e ressentidos.

- Majestade... - disse o coronel, ainda pensativo se iria delatar sua capitã ou não, quando...

- Eu tomei o comando temporário deste exército, Rei Branford.

... a própria o fez primeiro.

O Rei se surpreendeu, e muito.

- Como é?

- Foi uma atitude que espero ser punida no futuro, se esse futuro existir e eu estiver viva até lá. Mas, neste momento, sei que a chegada de Vossa Majestade dará garra aos trêmulos e ainda mais vigor aos convictos. E que deveria ser nisso, e apenas nisso, que deveríamos nos concentrar neste momento.

Ninguém retrucou. Ao redor, o campo de batalha estava parado. Era uma verdade que, enquanto aquelas geringonças voadoras futuristas e surreais estivessem no campo de batalha, ninguém arriscaria dar um próximo passo, com medo do que quer que aquelas máquinas fossem capazes de fazer.

Afinal, máquinas capazes de voar talvez também fossem

capazes de matar.

O capitão Lemuel Gulliver, cujo filho havia dado início a todo aquele processo e que chegara dos céus junto com Anísio Branford, aproximou-se e invadiu a conversa sem cerimônias.

- Senhores, por um acaso aqueles círculos que estão bloqueando Brobdingnag são formados por magia antiga?

- Eles me arrepiam também - respondeu o coronel Baxter. - É o que dá mulheres daqui se juntando com orientais...

As pessoas pareceram ignorar o comentário sexista contido na frase, e o gnomo Rumpelstichen, que também se aproximara, indagou:

- Ruggiero lhe ensinou magia antiga, capitã? Conheço pessoas próximas a ele que já lhe imploraram e receberam recusa...

- E porque não se aproximaram demais... - incluiu o coronel.

- Ruggiero sabe discernir as pessoas a quem poderia entregar tamanha responsabilidade, barão - colocou Bradamante.

- E você nem imagina as formas com que ele discerne essas pessoas... - insistiu o coronel.

- Formas essas sóbrias o suficiente para negar tal conhecimento a pessoas como você, coronel - disse a capitã.

- Sim, mesmo porque eu não sou o tipo dele.

- Gostaria de ver este exército mais concentrado. Porém, se sua liderança é dispersa, como posso exigir isso dos comandados? - questionou Rei Branford.

- Desculpe, Majestade - disseram em tempos diferentes tanto a

capitã como o coronel.

- A questão é: qual o nosso atual cenário? - perguntou o Rei.

- Majestade, nossa parede de escudos é capaz de enfrentar a parede de Minotaurus, mas não a de Brobdingnag unida à do inimigo. Os círculos de runas mantiveram o exército gigante bloqueado e assustado e deram chance a nossos arqueiros de conseguir algumas baixas, mas não posso prendê-los aqui para sempre, e logo os gigantes fora desse círculo irão desistir de tentar soltar seus companheiros e virão para cima flanquear nossa parede e destruí-la!

-Você pode manter essas... *runas* por quanto tempo ainda? - perguntou o capitão.

- Até que um se aproxime o suficiente dessa espada, pois, no momento em que ela for tirada da terra, os círculos se apagarão.

Rei Branford imediatamente observou os arredores, imaginou diversas hipóteses e começou a dar ordens:

- Manda a parede recuar!

- Como, Majestade? - perguntou confuso o coronel.

- Ordene que a parede recue, e que recue até a paliçada.

- E o que faremos quando a capitã *desligar* as runas para cumprir tal ordem? - insistiu o coronel.

- As runas e a capitã permanecerão nesta posição ainda. Quem irá liderar este recuo será *você*, coronel.

O coronel se surpreendeu. Talvez pelo tom de voz do Rei.

Talvez por visualizar uma mensagem subliminar contida no fato de seu Rei ordenar que viesse dele uma ordem covarde de recuo.

- Como quiser, Vossa Majestade - disse o coronel, em tom inseguro.

- E quanto a mim e os arqueiros, meu Rei? - perguntou a capitã, concentrada.

- Você irá manter Brobdingnag bloqueada como está, e nossos arqueiros irão continuar atirando nos gigantes livres que contornam os círculos e tentam se aproximar. E, no momento em que a parede de escudos em recuo estiver no mesmo nível, você irá liberar essas runas e correrá na direção de seus homens.

- Gigantes me alcançarão antes disso.

- Terá de confiar em nossos arqueiros.

A capitã suspirou. Confiava em todos os seus homens, mas é aquilo: uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa...

- Algum aliado nosso virá? - perguntou a capitã, ansiosa.

- *Talvez* sim. Concentre-se no que possuímos agora até termos uma resposta. Temos armas e flechas o suficiente?

-Vossa Rainha tem nos enviando madeira em excesso... - confirmou Bradamante.

O Rei pareceu muito satisfeito.

- Majestade...

- Diga rápido, coronel!

- Desculpe a ignorância, mas... o recuo que irei liderar não fará

com que nossos inimigos se aproximem demais de nossa paliçada e que a conquista de nossa bandeira seja facilitada?

- O objetivo é esse.

O coronel definitivamente estava com vontade de bater a cabeça em uma árvore, tamanha a desordem mental.

- Mas, Majestade... lutamos uma Guerra de Paliçada!

- Não, lutamos uma guerra como nunca foi feito. Neste momento, Orion está batalhando com Gordio, e Lorde Ivanhoé e nossos Cavaleiros de Helsing estão agindo ao lado de Rei Acosta contra o império de Rei Midas! Aragon está batalhando com Rokk, e não sabemos o que será mais poderoso, as armas de fogo de Rei Adamantine ou as catapultas de pedras de Rei-Fera Wöo-r! - o detalhe dos cavaleiros vermelhos pareceu ter sido acrescentado apenas para aliviar o coração de uma capitã presente. - Stallia e Mosquete estão concentrando suas forças contra Albion! Minotaurus está em maior parte neste campo, mas também está no campo contra os outros Reis Branford, juntando forças aliadas contra Cálice e o Forte em outras zonas! E Brée, sem guerreiros treinados para tal resistência, deve estar sendo arrasada, e minha consciência irá me torturar o resto da vida por não poder ajudar Rei Loki neste momento infeliz em que ele tanto precisa de aliados! Você está compreendendo o que estou dizendo, coronel? Eu estou lhe dizendo que estou pouco

me lixando para bandeiras e normas de guerra porque isto aqui que estamos presenciando é uma guerra única! Isto aqui é a Primeira Guerra Mundial de Nova Ether! Ninguém neste campo de batalha irá parar de trucidar nossos soldados depois de conquistar uma bandeira, nossos inimigos vieram aqui para dizimar os inimigos! Vieram aqui para transformar nossos homens em escravos ou troféus!

- Compreendo, Majestade... - disse um coronel com a voz ainda baixa.

- E se mais gigantes descerem de Brobdingnag? - questionou o capitão Gulliver.

- Então, como em muitas outras vezes, só nos restará milagres - disse o Rei.

- Como se reza por um milagre em pleno campo de batalha?

- Fazendo a nossa parte e esperando que o Criador faça a Dele.

Todos se olharam sem saber o que dizer.

- Mas, Rei Branford... - perguntou a capitã Bradamante - ... o que Arzallum fará quando nossos homens estiverem encurralados na paliçada?

O Rei imediatamente se virou para o gnomo.

- Senhor Rumpelstichen, o senhor confirma o que seus instrumentos de voo lhe mostraram ao longo da viagem até aqui?

- Sim, Majestade. Pela variação dos ângulos de ventos, podemos calcular que a qualquer instante haverá uma ventania

longa que tomará as Terras Mortas.

- E confirma a direção informada...

- Em direção ao norte e nordeste, Majestade.

- Então, senhores, é aí que iremos começar a jogar nossas

fichas na busca por uma virada de sorte. Recuem as

enfermeiras e ordene a elas que peguem em armas e se

mantenham afastadas da paliçada. Senhor Rumpelstichen, por

favor, retire seus *Vishnus* do campo de batalha e os posicione

atrás da paliçada, descarregando nossa bagagem trazida...

- Majestade, devemos guerrear dentro das paliçadas? - insistiu

o coronel Baxter ainda em suplício e desespero.

- Não. Devemos acender tochas.

- Para batalharmos durante a noite?

- Não, batalharemos na escuridão, iluminados apenas pelas

luzes das estrelas de semi-deuses.

- Então por que o crepitar?

- Porque iremos queimar as paliçadas - disse um Rei

despertando sentimentos diversos e contraditórios dentro de

cada presente. - Porque iremos incendiar o campo de batalha.

"Porque iremos batalhar sob a cortina de fogo."

**48**

Snail Galford acordou enjoado, ouvindo o barulho do mar.

Havia sido surrado e apagou desnortado no décimo oitavo ou

décimo nono chute. O corpo estava dolorido e marcado, mas a

única coisa em que pensava era na maldita fome. Estava

acorrentado a todos os seus meninos, sentados, semi-nus, com ligas nos pés interligando-os, exatamente como reféns de antigos navios escravocratas.

Sentiu-se ainda pior ao avistar outros navios próximos, que não se lembrava de ter visto antes. Achou que estava vendo dobrado, mas nem se importou muito mais com isso, mesmo porque já era noite e não havia como acreditar em muita coisa oriunda da luz trêmula e surreal de uma tocha em alto-mar.

Entre sua tripulação acorrentada, estava Liriel Gabbiani. E não muito mais ele continuou a perceber dentre dor, enjoo e tonteira, quando Coração-de-Crocodilo se aproximou, mancando e fazendo o baque sinistro que entranhava o sistema nervoso a cada passo com aquela macabra perna improvisada.

Eu não tive a perna cortada por Áxel Branford. Nem fui jogado do alto de uma catedral...

Na mente, Snail recordava conversas com o velho Hawkins que gostaria que tivessem sido conversas frívolas, com detalhes sem importância.

Digamos que, hipoteticamente, Jamil Coração-de-Crocodilo não tivesse sido jogado daquela catedral por Áxel Branford.

Mas, diante da atual situação, definitivamente não eram.

O quanto você acha que ele pagaria para ter você nas mãos dele?

- Com fome? - perguntou aquela sinistra versão torta do pirata que um dia ele conhecera.

- Por quê? - o negro perguntou observando o pirata mais velho e barbado. - Pretende me dar um pedaço de perna pra assar?

O pirata gargalhou.

- Enfim retornou o negro insolente que eu conheci...

O pirata ESTALOU a palma da mão no rosto de Snail. O mercenário voltou a olhar para ele e mesmo a sorrir, dizendo:

- Se tiver acabado a perna, você pode me servir um olho...

A mão ESTALOU de novo. O pirata de pé *também* sorria.

-Ai... ai... - disse o negro acorrentado e agredido e, incrivelmente, ainda sorridente e debochado. - Está certo.

Quer saber? Eu nem gosto de pernas ou olhos. Sabe o que eu realmente gosto de devorar? Corações...

O pirata captor pareceu desistir da surra. E disse com bom humor:

- Você me diverte. Se não tivesse me passado a perna, teria se tornado meu braço direito.

- Ainda bem que seria o braço. Se fosse a perna, estaria pela metade...

Houve outro ESTALO.

- Você nunca se cansa? - pergunto o manco.

Snail voltou a sorrir e perguntou em tom sincero:

- Como você soube?

- Que era Snail Galford o novo capitão do *Jolly Rogers*?

- Como soube que estaríamos em alto-mar neste momento...

- Hum... agindo da mesma forma que você: jogando cartadas

altas. E oferecendo preços certos.

O quanto você acha que ele pagaria para ter você nas mãos dele?

As palavras de Hawkins voltavam. E, então, Snail apertou os olhos quando as compreendeu.

Muito mais do que o suficiente.

Buscou nos arredores e enfim percebeu que, entre sua tripulação acorrentada, o velho Jim Hawkins *realmente* não estava. Hawkins na verdade estava mais ao fundo, de pé e sem que ninguém o abordasse, e olhava para o pirata capturado sem parecer nem orgulhoso nem arrependido. Snail também não o aprovava nem condenava. Afinal, tanto um quanto o outro sabiam que era um fato; era assim a vida de um pirata. E, definitivamente, alguém sempre tinha de ser traído.

**49**

Giacomo Casanova estava cheio de hematomas e com o corpo de Maria Hanson completamente ensanguentado nos braços.

Para compreender melhor o porquê, não há outro jeito senão retornar um pouco para que tudo possa lhe ser mostrado.

ALGUNS MINUTOS ATRÁS...

- Podem matar todos eles...

Os mercenários presentes avançaram. O primeiro agarrou Maria Hanson e a chutou com vigor nas canelas, fazendo a menina cair de joelhos, gritando. Segurou-a pelos cabelos e ergueu a lâmina de uma faca, e ali já teria sido o fim.

Giacomo Casanova, porém, gritou e se jogou sobre o homem, atracando-se no chão. Ergueu o corpo e bateu e bateu e bateu e bateu e então sentiu mãos lhe erguendo e arrastando para longe do homem que surrava e sentiu as mesmas mãos lhe batendo e batendo e batendo e batendo.

Maria gritou e continuou gritando quando outras mãos foram até ela. As mesmas que antes haviam sido interrompidas e cujo dono prometia, devido a insolência, fazer *coisas* com ela na frente do sujeito herói antes de cortar os dois.

As mulheres e crianças presentes começaram a gritar. E chorar. E gritar.

E chorar.

E, no momento em que o mercenário surrado estava prestes a fazer sabe-se lá que coisas com Maria Hanson, houve um engasgo. E um vômito. O engasgo fora provocado por um pedaço de madeira que viajou pela janela e se alojou na garganta. O vômito fora sangue.

Maria Hanson gritou e chorou. Gritou e chorou.

Quando Giacomo se aproximou dela para minimizar o choque, todos os outros mercenários já estavam morrendo ainda que ninguém entendesse de onde estava vindo aquela salvação.

NAQUELE MOMENTO...

Casanova ainda estava consolando uma Maria Hanson em choque, quando homens com arcos e bestas nas mãos entraram na sala de aula perguntando pela saúde dos reféns. O

único dos homens que não morrerá fora o velho Tulan, ajoelhado e com os braços para cima como um infiel arrependido, buscando a glória de seu Criador.

Casanova falava com Maria, mas a jovem parecia não compreender diante do choque emocional provocado pelo vômito de sangue de um homem que iria fazer *coisas* com ela na frente de idosos, mulheres e crianças e, de repente, caíra morto com uma seta na traquéia. Mas, no momento em que o jovem Juan de Marco entrou naquela sala liderando os outros mercenários, o mundo enfim passou a fazer sentido, e o choque momentâneo desapareceu.

O resultado foi que ela se desvencilhou dos braços de Casanova e correu para os de De Marco, que gritara o nome dela.

Agora, vamos fazer justiça: nós aqui de fora podemos ter uma visão verdadeira do acontecido. Analisemos: Maria Hanson estava em choque e o mundo não fazia sentido. No momento em que Juan De Marco entrou, aquele jovem moreno de cabelos espetados simbolizou o fim daquele caos. Ao gritar o nome dela, ele a trouxe à razão. Ao entrar no local de maneira contundente e como um *elemento externo*, ele passou a representar a *segurança* da salvação. E por isso Maria Hanson correu até ele.

Logo, podemos entender então que, na realidade, durante o choque, ela *não percebera* que Casanova estava ao lado dela,

mesmo porque ele representava um *elemento interno* e que já pertencia àquela rotina de caos. Se a situação fosse oposta, se Don Juan tivesse estado com ela lá dentro, e Casanova fosse quem entrasse e gritasse o nome dela, representando o elemento externo que trazia a segurança e eliminava o choque, ela teria se desvencilhado de Don Juan e corrido aos braços dele igualmente.

Mas isso é muito mais fácil para nós avaliarmos aqui fora da situação. De dentro, Casanova só ferveu de ódio diante da acolhida calorosa da menina destinada ao rival.

- Graças ao Criador... - respondeu Don Juan. Seus guardas pessoais terminaram de ajudar as pessoas e conferir os mortos, enquanto escoltavam o velho Tulan como prisioneiro.

Maria mantinha o rosto no peito dele e chorava.

- O que... o que... quem... como você soube que...

- As mães de algumas dessas crianças estavam desesperadas.

Além do mais, a situação é grave...

- E qual seria o seu maldito problema? - perguntou Casanova se aproximando dos dois, com uma expressão nem um pouco amistosa.

- Andeanne está sendo atacada.

"Mais uma vez..."

**50**

Snail Galford havia sido levado até a lateral do navio seguido por todos os piratas de Coração-de-Crocodilo, caminhando

agitados em um soturno ritual. Havia tochas iluminando a caminhada noturna, que, por mais que fosse curta, era lenta, já que Snail havia sido solto da corrente que o ligava à sua tripulação e fora acorrentado a uma maldita bola de ferro pesada como o diabo, que o estavam obrigando a carregar. O principal homem de sua escolta era o velho e gordo Mee, antigo braço direito de James Gancho naquele mesmo *Jolly Rogers* e hoje um velho em busca de uma morte sem significado na vida.

- Está na hora de morrer, negro... - disse Mee, através da boca desdentada com bafo de rum.

- Todos nós vamos morrer um dia, assim como Gancho também morreu, gordo.

- Sim, ele morreu, mas Jamil retornou.

- Se você chama aquele ser *torto* de um retorno, prefiro morrer sem volta.

- Você irá morrer sem volta.

- Não gostaria de ir comigo? De repente visitamos Gancho, e você pode latir e abanar o rabo para ele em Aramis...

Mee cuspiu no rosto de Snail e armou um soco, GRITANDO em seguida quando a imensa bola de ferro que o negro segurava foi solta e esmagou uma parte de seu dedão. Outros piratas chegaram gritando coisas e afastando os dois, e Snail ergueu os braços dizendo que a culpa não fora dele.

Mee começou a amaldiçoá-lo em diversos idiomas e fez

questão de caminhar manco até ver o fim daquele negro.

-Você devia me agradecer. Manco dessa forma, você e seu capitão já podem formar uma dupla...

E então, passados os deboches, Snail viu o que seria o seu fim:

a prancha já esticada do *Jolly Rogers*. Postado no início dela,

Jamil Coração-de-Crocodilo. Ainda assim, ele não se entregaria tão fácil.

- Tá me olhando assim por quê? - perguntou um Snail cansado, diante do olhar debochado do pirata. - Tô com um olho pintado na testa por acaso?

Jamil *teve* de rir.

- Sabe por que esperei até agora para jogá-lo no mar, negro?

Porque queria que visse que não adianta você acreditar que pode mudar seu destino; você não pode. Você não é nem nunca será livre, Galford. Porque você é o tipo mais esforçado da ralé da sua laia. Mas você ainda é da ralé mais baixa e não consegue chegar mais longe sem que tenha pessoas da mesma laia que eu, ou Gancho, ou Hawkins, ou Flint, para lhe dizer o que fazer. Ao lado de pessoas como nós, você seria grande.

Mas você não quer ser comandado por pessoas como nós, não é?

Snail não conseguia responder com um único argumento.

- Mas, antes, eu quero que olhe, olhe ao redor. Ainda que estejamos com pouca luminosidade, você pode reconhecer em que mar você irá morrer...

E então Snail observou ao fundo e viu diversos e diversos navios e o desespero começou a lhe arder no peito porque tudo o que aquele maldito estava lhe dizendo cada vez mais soava difícil, porque soava como verdade.

Snail aceitaria morrer, mas morrer como pirata. Morrer em alto-mar. Morrer longe da vida claustrofóbica que sempre tivera. Entretanto, compreender que não teria esse direito gerava uma sensação asfíxiante que angustiava, a sensação de um ser humano que tenta nadar e nadar contra a maré de um mar violento cujas ondas, sem se sensibilizar com os esforços do nadador, sempre o trazem de volta ao ponto inicial na areia. Liriel observava e chorava porque compreendia. Não eram os mesmos sentimentos dela, as vidas de ambos haviam sido diferentes em extremos, mas ela compreendia o sentimento dele. De fato, por mais que a noite tivesse tomado o cenário e por mais que a vista pouco alcançasse, eles sabiam o que eram aqueles navios atracados ao longe e o que eram os navios que navegavam ao lado deles.

Era um retrocesso. Era uma maldita lembrança. Era o revive de um ataque que ainda não havia sido esquecido por um povo em busca de uma identidade suprema. E, por isso, e *também* por isso, ele observou o que já era impossível de ser bem visto e não quis morrer no destino para o qual estavam indo.

Eles estavam indo para Andreeanne.

- Ao menos, antes da morte, você teve o meu respeito... - disse

Jamil, como um consolo. - Parta pensando nisso...

Snail abaixou a cabeça. Olhou de lado para Jamil e perguntou em um tom amistoso, como se ambos fossem bons amigos:

- Foi um blefe genial aquele, não foi?

- Sim, admito que sim. *Se* eu não tivesse me agarrado a cordas e rolado aleijado depois de ser jogado daquela Catedral, você mereceria o título de capitão deste navio...

Os dois, em um último momento, sorriram um para o outro, como bons amigos. O sucesso, se não concluído, ao menos naquela vida, esteve-lhe próximo.

E foi assim que Snail Galford caminhou pela prancha do *Jolly Rogers* para a morte.

## 51

Rainha Branca Coração-de-Neve estava prestes a sair do Grande Paço, quando um de seus sargentos, um desses soldados que nunca sabe se preferiria estar ou não no *real* campo de batalha com seus companheiros, puxou-a de volta para o palácio, encaminhando-a dentre corredores soturnos a uma das saídas secretas do palácio.

- Quem está atacando Andreanne? - a Rainha perguntou enquanto caminhava apressadamente, rodeada de gente nervosa andando para todos os lados e sem saber o que fazer.

- Mercenários piratas, Majestade. Os ataques parecem muito semelhantes aos do ano retrasado...

- Eu irei continuar minha rota ainda assim!

- Majestade, nossas tropas estão fragilizadas com homens inexperientes que não foram selecionados para a guerra...

- Eu quero que a Guarda deste paço se mantenha aqui!

Ordenai que a atriz tome meu lugar como sócia, e permaneçei firmes como se vossa Rainha estivesse presente!

- Mas, Majestade, como a senhora irá até as Zonas de Travessias em meio a um ataque?

- Cavalgando como uma amazona enquanto os invasores se dirigem até aqui. - O sargento *quase* disse alguma coisa, quando sua Rainha parou de andar bruscamente e olhou para ele: - Sargento, compreende que, se esses homens vieram até aqui em pleno tempo de guerra, é porque desejam chegar a este paço e tomar vossa Rainha como refém? Isso seria a chave da vitória diante de vosso Rei no *real* campo de batalha.

O sargento abaixou os olhos.

- Mas será um troféu que eu *não* posso permitir que tenham.

Contudo, para chegar aonde preciso para salvar esta cidade, também preciso que eles se concentrem em vir até aqui enquanto corto caminho a cavalo. E se, e pense isso apenas na pior das hipóteses, se nossos inimigos descobrirem a farsa a tempo de me impedir, eu mesma darei cabo à minha vida antes que o inimigo me use como troféu...

O sargento se assustou apenas com a possibilidade. E então a Rainha abriu a porta do aposento que dava para os estábulos e caminhou mais uma vez com seu sargento prestes a ter um

colapso nervoso.

- Mas, minha Rainha, não podemos permanecer aqui lutando, sabendo que a senhora estará sozinha...

-Vossa Majestade... - foi a terceira voz que surgiu no estábulo do Grande Paço. Um local bastante acessado e utilizado por servos reais, é verdade, mas muito, muito mais acessado por aprendizes de cavaleiros que tratavam e conduziam os cavalos presentes a seus cavaleiros em espera.

O sargento e a Rainha travaram, espantados com a visão.

Havia quase uma centena de escudeiros ajoelhados, vestindo mantos escuros e de cabeças baixas.

Apenas um ainda de pé.

- Vossa Majestade, cada vida nossa é sua... - a voz era do homem João Hanson.

Branca chegou quase a sorrir.

- Definitivamente, eu não estarei sozinha, sargento...

52

Snail observava o mar escuro diante da prancha de um navio parado, e a água escura ao redor do breu intimidador lhe parecia um portal diretamente para Aramis.

Talvez o fosse.

- Salte, maldito! - gritou Mee, tendo logo o reforço da tripulação de bucaneiros sanguinários de Coração-de-Crocodilo gritando coisas do tipo ou ainda muito piores. - Não se preocupe com tubarões! Nem mesmo eles irão querer seu

sangue...

Os piratas gritavam escárnios e zombarias, menos Jamil Coração-de-Crocodilo. Liriel poderia tentar *mexer* alguma coisa, mas, machucada, desconcentrada e naquele breu, era muito difícil saber até *em que* se concentrar para o feito. Snail continuava olhando a água negra, e os braços começaram a ficar dormentes pela bola de ferro pesada que mantinha segura. *Algo* se mexia naquelas águas, e ele imaginava o que havia sido atraído quando bucaneiros propositadamente haviam arremessado peixes bastante ensanguentados para preparar o mergulho do traidor.

- Ei, Mee, é sua última chance - disse por cima do ombro. -

Não quer vir comigo para se tornar engraxate em Aramis?

Poderá fazer um pacote e lustrar o gancho do pai e a perna de pau do filho por um desconto especial...

- Traga a garota... - ordenou Jamil.

Dentre gritos e protestos, Liriel foi trazida, ao som de berros da tripulação, gritos animais que lembravam rituais de sacrifício. Snail se virou de costas para a água e de frente aos homens sedentos pelo pulo.

- Certo, antes de morrer, eu preciso admitir algo a vocês. Algo do qual eu me envergonho! - Os piratas, curiosamente, fizeram silêncio. - Eu, para chegar aonde cheguei, fiz pacto com forças sombrias. Eu *fechei* o meu corpo e passei a ser acompanhado por entidades escuras...

- Como é? - Jamil perguntou, em tom bem-humorado.

- Eu vendi minha alma a demônios de Aramis. Foi por isso que consegui enganar Jamil, matar *Sombra*, montar meu exército e sobreviver em Sherwood, e ainda me tornar capitão do *Jolly Rogers*! Por que vocês acham que um rato como eu seria capaz de tamanhos feitos? Porque essas forças *caminham* comigo e, em troca, farão o que quiser com a minha alma depois da morte...

- Elas então devem estar mais ansiosas do que nós no dia de hoje... - disse Mee, seguido de risadas.

- Minha morte não deveria se dar no dia de hoje, e, se me obrigarem a saltar nessa prancha, prometo que levarei um de vocês comigo para servir ao meu lado em meu trabalho escravo eterno.

- Eu vou adorar ver você tentar isso... - disse Mee.

- Pois então será você quem levarei comigo, velho gordo...

Mee parou o sorriso diante da expressão do tom sério de Snail.

Era um fato que piratas não acreditavam em *coisas* daquele tipo, mas sabiam que elas existiam.

- Negro, você conseguiu me enganar em um blefe. Considere isso um feito histórico, mas não haverá um segundo.

Jamil colocou uma faca no pescoço dela.

- Sabe quem deveria ter feito isso com essa garota? O mesmo assassino idiota que eu paguei com moedas de reis e consegui morrer na sua mão... - disse Jamil.

- Da próxima vez, não contrate alguém com um olho na testa.

Aliás, no seu caso, uma pessoa com dois olhos normais já será uma vantagem, não é?

Jamil fez um talo no rosto de Liriel. A menina GRITOU.

- Ou você salta ou nós jogamos ela...

Snail olhou para Liriel. A iluminação das poucas tochas nas mãos de piratas ainda era parca, mas ela conseguiu visualizar um aceno. Um aceno que poderia ser uma concordância. Ou uma despedida.

E então Snail saltou na água escura.

E, de repente, Mee GRITOU. E os homens incrédulos viram o homem gordo começar a deslizar como empurrado por forças fantasmas na direção da borda do navio, sem controle sobre o próprio corpo, como um possuído. Ele tentou se agarrar em Jamil Coração-de-Crocodilo, que saltou quando a mão do pirata gordo quase prendeu sua perna de pau, e seguiu gritando até a borda da prancha, caindo agitando os braços e gritando em desespero, como uma alma arrastada de maneira feroz.

Quando o corpo de Mee tombou na água, houve silêncio.

Era o silêncio do choque de homens que não sabiam como reagir diante de forças sobrenaturais muito, mas muito além da compreensão. Junto a esse grupo, Liriel igualmente se mantinha em choque profundo, sem saber como reagir. Afinal, de uma coisa até tinha certeza: no momento em que Snail

sinalizara, lembrando-se do treinamento que o próprio ladino a fizera passar diante da privação de comida e luz, ela conseguira *mexer* a corrente que prendia o tornozelo do negro à bola de ferro.

Mexer a ponto de *destrancar*.

Entretanto, ela tinha certeza de que *não* fizera nada em relação ao velho gordo e desprezível Mee.

O *Jolly Rogers*, naquele momento, ainda era silêncio.

Perplexidade. E escuridão. Tudo porém, em alguns minutos, ainda ficaria muito mais sombrio.

**53**

De volta ao Nunca, Axel Branford observava Rei Petter Pendragon segurar como bichos seus seis elfos crescidos e animais em coleiras formadas por grossas correntes.

Havia aprendido até mesmo seus nomes. Tootles, Nibs, Slightly, Curly e os gêmeos Twin.

Eram essas as suas seis crianças selvagens; os seus seis elfos crescidos.

- Você irá comigo? - Petter perguntou à irmã e princesa élfica

Livith, já esposa de Axel Branford. O príncipe de Arzallum se encontrava ao lado dela em uma das sacadas da Torre de Vidro.

- Se você acreditar *de coração* que este é o momento...

- Eu irei até lá e trarei o que é meu.

- Não há retorno na decisão?

- Não. É agora... ou *nunca*.

E então a princesa Livith se virou para o horizonte daquela sacada.

- Elfas-amazonas... - ela disse em um brado ecoante de fúria. -

O Nunca irá à guerra...

Mil e quinhentas elfas-amazonas, vestidas em armaduras feéricas, pisaram no chão em uma única batida militar e acenderam varas mágicas de guerra nas mãos.

**54**

Muitas coisas aconteceram nos dias seguintes, e poucas foram *coisas boas*. O que será narrado a seguir não serão narrativas agradáveis, e nem todas aconteceram ao mesmo tempo.

Muitas delas levaram muito mais tempo do que irá parecer a princípio, e nem todos os relatos serão precisos, afinal toda informação que se tem de tempos de guerra vem da boca dos bardos, e bardos nem sempre são confiáveis.

Ainda assim, irei contá-las a você na melhor forma que possa, e da maneira que melhor funcione como história, embora seja difícil contar eventos de tamanho sofrimento de qualquer maneira que não a lamentável. De qualquer forma, tudo o que será aqui narrado aconteceu em Nova Ether. E muito do que aqui não será narrado, também. Afinal, muitas coisas ruins aconteceram ao longo de muitos e muitos dias.

Essas foram algumas delas:

Rei Anísio Branford estava montado em um poderoso cavalo

de guerra, ao lado de outros cavaleiros, próximo de sua parede de escudos. A função daquela cavalaria seria a de proteger os flancos da parede formada. Aquele grupo estava ali para ao longo do combate fazer pressão de fora para dentro, desviando não apenas a concentração como a energia direcionada do inimigo sobre o grupo sitiado.

Observando por determinados pontos de vista, aquelas terras áridas não pareciam uma boa decisão a princípio como escolha de campo de guerra. O fato era que, com exceção das áreas mais planas, mas não por menos irregulares, tratava-se de um terreno horrível para se percorrer, caminhar, correr, até mesmo cavalgar. O calor se acumulava de maneira mais intensa que de costume, e a falta de ventos constantes ajudava a prolongar essa sensação. Quando alguma forte ventania resolvia soprar vez ou outra, junto com o pouco frescor, trazia com ela uma dança de terra e poeira que irritava o homem tenso e atrapalhava a visão já embaçada.

Um campo incômodo de se mover e guerrear. Um cenário que Rei nenhum no mundo teria escolhido para levar seu exército se fosse sua a escolha.

Entretanto, Rei Anísio Branford havia escolhido aquele campo de batalha.

O raciocínio da decisão caótica não era difícil, embora parecesse muito mais simples na teoria do que na prática:

Anísio Branford sabia, afinal, que um exército humano não

poderia enfrentar um exército gigante em campo aberto, ou seria aniquilado. Logo, ao fundo, Bradamante ainda mantinha gigantes bloqueados que cada vez mais se aproximavam dela, e arqueiros arzallinos não iriam mais dar conta de protegê-la em pouco tempo. O caso era que Arzallum não tinha homens suficientes - ao menos perto do exército de Minotaurus e Brobdingnag ao redor - para definir bem o que era sua vanguarda e o que era sua retaguarda.

Minotaurus possuía.

O poderoso exército de Ferrabrás marchava em sua direção com uma parede de escudos em formação quadrada, o que simbolizava uma formação de guerra que visava o isolamento do adversário. Se Brobdingnag não estivesse ali, Arzallum assumiria uma posição semelhante e suas paredes iriam se chocar em uma briga não muito desigual, ao menos com os soldados de Rei Segundo e Tércio Branford reforçando os de Rei Anísio.

Mas a presença do exército gigante mudava tudo.

Arzallum precisava urgentemente de uma aliança extra que pudesse bloquear aquela força enquanto ela se confrontava com Minotaurus. Uma força extra que não comparecia ao campo de batalha porque já estava ocupada protegendo seu próprio território, muitas vezes com o reforço de soldados arzallinos que deveriam estar ali, mas nem sempre em política tudo o que se quer se pode fazer. Vencer uma guerra com o

mundo contra você prestes a se unir e o enfrentar por motivos rancorosos, às vezes, é pior do que perder com o mundo a seu favor prestes a lhe esticar a mão quando você resolver lutar mais uma vez. E Rei Anísio Branford pretendia vencer aquela guerra e ter o melhor do mundo ao seu lado.

- Rei Branford! - os soldados, principalmente os sargentos, gritavam dentre o recuo tenso, implorando por alguma ordem que trouxesse coerência ao caos.

- Comecem a assumir formação pontiaguda!

Corações começaram a bater mais rápido. Todo soldado, ao menos entre os treinados, e os que ali estavam e não fossem treinados estavam em maus lençóis, sabe que assumir uma posição pontiaguda significa assumir uma posição para *penetrar* na fileira inimiga. E por isso eram chamadas *pontiagudas*, porque avançavam *cortando*.

- Majestade... nós iremos... - o sargento não queria concluir aquela frase.

- Nós *iremos* avançar! - o Rei concluiu com vigor, para não deixar margem à dúvida.

Alguns homens começaram a chorar, principalmente os menos treinados. Porque sabiam o que a ordem significava. Porque eles sabiam que iriam morrer.

- Arzallinos, iremos penetrar naquela parede de escudos de

Mi-notaurus e espero que aqueles que não sobrevivam que ao menos levem alguns malditos minotaurinos consigo para

carregar sua bagagem até o Portão da Triagem, onde seguirão para Mantaquim enquanto seus inimigos são condenados ao pior círculo de Aramis!

Os homens mais próximos iam repetindo as falas do Rei - alguns excitados, outros nem tanto - para os homens mais afastados, que não conseguiam escutar o que era dito. De vez em quando, nessas repetições, acabavam trocando algumas palavras e dando origem a frases de sentidos diferentes, mas, ao menos, ninguém errava quando era a hora de explicar que formação militar iriam adotar.

- Minotaurus avança em uma formação quadrada! Isso significa que seus lados são encorpados e seu centro é tênue! Na verdade, sua linha principal está recuada! Nosso exército irá avançar em formação pontiaguda e iremos espalhar o caos no campo de guerra! Homens de armas pesadas avancem com a cavalaria pelos flancos e tentem isolar as laterais, enquanto nossa elite *fura* até o centro! Quando atingirem esse centro e a linha principal deles se mover, *recuem!* E mandem esses bardos fazerem algum barulho!

Corações voltaram a se apertar.

- O centro de Minotaurus parece forte... - disse capitão Lemuel Gulliver, em outro cavalo ao lado do Rei.

- Sim, o objetivo deles é esse mesmo.

- Serem fortes?

- Parecerem *fortes*.

- Não seriam de fato?

- Não. É como um animal que eriça os pelos para parecer maior e mais assustador. É por isso a disposição esparsa, e por isso será possível penetrar pelo centro. O segredo é se preocupar com o avanço da linha principal atrás! Se recuarmos neste momento, perderemos a guerra...

- Iremos perder muitos soldados nesse avanço louco, não?

- Sim. Eu até *conto* com isso para a vitória.

- Conta com a morte de nossos soldados?

- Estamos em guerra, capitão Gulliver! Homens irão morrer aqui hoje. Mas vou garantir que suas mortes sirvam à glória deste país...

Capitão Gulliver não compreendia ainda como a morte de soldados arzállinos se encaixava nos planos de Rei Branford para sobreviver a um massacre escrito, mas Anísio, ao menos, parecia saber o que estava fazendo, e isso é tudo que uma liderança mais tem de fazer em tempos caóticos.

Imperador Ferrabrás se mantinha impassível com sua linha principal, atrás dos soldados minotaurinos de vanguarda que avançavam com calma e cautela em formação densa. Mais parecia um observador de um grande espetáculo em um camarote. Estava ávido por aquela vitória, havia sonhado com ela muito antes de se autoproclamar Imperador, e seria a vitória que lhe faria imortal. Porque iria vencer Arzállum. Observou o inimigo modificar a posição de formação e

estranhou a insanidade temporária de um adversário condenado. Observou o inimigo recuar e não ordenou a corrida sobre o adversário devido ao mesmo princípio que não se deve tentar capturar um animal sem deixar que ele tenha uma impressão, mesmo que falsa, de que há uma possibilidade de fuga. Do contrário, em um acesso de medo e desespero, ele pode se virar com uma força extra que não sabia possuir e atacar com uma fúria assassina e suicida.

Logo, o melhor era aquela situação: ver o inimigo *acreditar* em uma possibilidade de vitória, e então esmagá-lo.

Foi diante desse cenário que bardos arzallinos começaram a batucar tambores de maneira vibrante, que o exército de Arzallum, com os estandartes de Cálice e Forte tremulando também em suas fileiras, começou a adotar uma posição pontiaguda. E que a elite de guerreiros foi colocada na ponta daquela formação.

E Arzallum avançou em um ataque suicida contra a parede de escudos de Minotaurus.

A Rainha de Arzallum havia cavalgado por estradas que anoiteciam em um caminho no qual já difícil de se enxergar alguma luz. Cavalgou rápido e não cavalgou só. Ao redor dela, uma centena de aprendizes encapuzados dividia selas de cavalos com a coragem muitas vezes encontrada nas narrativas dos guerreiros veteranos, mas pouco na prática do que não é contado.

Cavalgou até uma área afastada do porto, na qual esperava que piratas demorassem a enxergar. Deixaram os cavalos afastados e caminharam a passos de pouco barulho na direção de um elevado de madeira, que ali se mantinha com um suporte de metal onde se prendia um sino formado de um metal que não existia no mundo da superfície. Ao redor do sino, havia uma grade de ferro muito difícil de ser aberta, como uma gaiola de grades que formassem uma curiosa versão de uma jaula de prisão. Só que o desenho da fechadura que abria aquela grade era diferente. Não era o desenho de uma chave comum.

Era o desenho de uma fechadura no formato de estrela.

A Rainha foi até lá e destrancou a gaiola de ferro com a chave presa no chaveiro pesado de moedas antigas soldadas. As dobradiças rangeram como se fossem pouco, mas bem pouco usadas.

Ou como se nunca houvessem sido usadas.

- Está frio... - disse alto demais Jaú, o caçula dentre todos os escudeiros, aquecendo os braços.

- *O frio é psicológico* - disse João Hanson. E depois em tom de *ordem*, acrescentou: - Repita.

O menino olhou para os lados, como se tentando compreender se aquilo era sério ou não.

- Eu *mandei* repetir... - disse João Hanson, com uma voz baixa e rouca que assustava mais do que um grito.

- O frio é psicológico... - disse o jovem menino, parando de

tremar.

A Rainha então olhou para trás, na direção do jovem líder, pensando se iria mesmo *fazer* aquilo. No momento em que tocasse aquele sino, qualquer mercenário que estivesse desembarcando de navios piratas na costa principal e provocando terror mais uma vez em Andreade poderia ter a atenção chamada até ali.

João Hanson olhou para ela com penetrado e fez um sinal positivo com a cabeça. O sinal não significava que sua Rainha deveria fazer aquilo. Mas que, se ela fizesse aquilo, ele e seus companheiros estariam prontos para morrer por ela.

Rainha Branca Coração-de-Neve suspirou fundo, tremeu um pouco e agitou aquele sino formado de metal das profundezas da maneira mais forte que conseguia, por quanto tempo a cabeça conseguiu escutar aqueles ecos sem explodir.

Mercenários escutaram o barulho da área principal e começaram a correr naquela direção. De onde estavam, tanto a Rainha quanto seus escudeiros encapuzados podiam ver a aproximação dos assassinos.

João Hanson se pôs à frente do grupo. Tocou o cabo da espada. Fez sua melhor oração. E esperou a chegada deles.

55

Espadas cada vez mais sem fio se chocaram enquanto homens começavam a gritar suspiros de morte.

Assumir uma posição pontiaguda exigia uma coesão treinada.

O termo cabe bem à metáfora de uma espada. Funciona assim: se a base não fosse grossa, não haveria nem como começar a batalha. Se a lâmina fosse fina ou cega, ela não iria cortar. E, se a ponta não estivesse afiada o suficiente, ela não iria penetrar no corpo do exército adversário. Logo, Rei Anísio havia ordenado a formação de três batalhões. Tanto Rei Segundo quanto Rei Tércio, assim como Rei Anísio, tinham em suas fileiras soldados de elite e esquadrões suicidas, estes formados por homens de pouco sentido na vida que não o militarismo e embebedados de rum e hidromel.

Para se juntar a Arzallum naquela batalha, Rei Segundo havia enviado mais homens de elite. Rei Tércio, que precisaria mais de sua elite em Cálice, enviara mais soldados suicidas. E eram esses soldados que foram para a *ponta* da espada que a formação de Arzallum se tornara. Dois batalhões formavam a frente de batalha e esticavam os flancos através dos mercenários levados à guerra e da cavalaria. Enquanto isso, o grupo de elite seria quem iria *cortar* de verdade, já que eram treinados para atacar exatamente os pontos estratégicos do adversário. E foi assim que aconteceu. O esquadrão suicida se lançou violentamente sobre aquela parede de escudos, saltando sobre minotaurinos direto para a morte certa, ao encontro de lanças afiadas que colocavam para fora seus intestinos. Havia muitos gritos, xingamentos e sons surdos de metal batendo em metal constantemente.

Rei Anísio Branford avançou no cavalo de guerra em *diagonal*, cortando os flancos, ao lado de seus cavaleiros.

Aquilo não era apenas uma boa estratégia, mas era a *única* possível, afinal, por mais treinado que um cavalo seja, ele não é maluco de avançar de maneira suicida contra uma parede de escudos cheia de pontas de lanças afiadas.

Guerreiros suicidas embriagados até o são; cavalos sóbrios, não.

O cavalo do Rei correu como a maldita montaria de um semi-deus, e a espada arrancou duas cabeças e se chocou contra uma, duas, três, quatro, cinco lâminas e alguns escudos. Ele guardou a espada e a trocou por um mangual preso na sela, esmagando crânios com aquela bola de ferro pontiaguda. No primeiro, um dos olhos foi afundado. No segundo, um pedaço do couro cabeludo de um minotaurino. Viu um arzallino morrer sem ver de onde viera a lâmina que lhe rasgou o ventre. Escutou homens gritando o nome de esposas antes de morte. Talvez fossem os nomes das filhas.

Rei Anísio girava o cavalo constantemente, de maneira que o inimigo que avançasse acertasse pouco e, quando acertasse, que acertasse nas placas de metal. Ele arremessou o mangual na direção de um minotaurino que iria atacar capitão Lemuel Gulliver e puxou novamente a espada. Cortou algumas mãos e *escutou* outros cavalos pisarem nos inimigos decepados. O olhar do Rei era difícil de se traduzir. Era o olhar de um

homem que descobria gostar do campo de batalha, do *sabor* de matar no campo de batalha. Cavaleiros de Minotaurus saíram de suas posições e foram na direção do embate com cavaleiros de Arzallum, e, para surpresa deles, os cavaleiros de Arzallum puxaram bestas pequeninas - do menor tamanho que já existira - construídas por Much, o ferreiro de Stallia, especialmente para aquela guerra, e enviadas pelo Primeiro-Ministro Robert de Locksley. As pequenas flechas avançaram como espinhos mirados na jugular. A pouca espessura facilitava a penetração através das partes mais maleáveis, e Arzallum sabia que a maioria dos cavaleiros de Minotaurus não usava proteção no pescoço para facilitar os movimentos. O resultado foi cavaleiros tombando afogados em sangue nas melhores hipóteses. Nas melhores hipóteses.

Arqueiros de Minotaurus queriam ajudar a retaguarda, mas o caos já estava armado, e não havia como atirar flechas na direção de Arzallum sem separar inimigos de aliados.

Um cavaleiro de Arzallum foi derrubado e o cavalo assustado acabou correndo em desespero caótico para o meio dos soldados minotaurinos.

O resultado foi melhor do que o esperado.

Ainda em um acesso louco, começou a girar e girar e girar dando coices a torto e a direito sem saber nem mesmo em quem. Logo, uma parte da lateral encorpada da parede de Minotaurus teve de se romper e se preocupar em ou não se

aproximar do cavalo louco ou matá-lo. Mas, se já é difícil avançar sobre um homem em um campo de batalha iluminado pela luz de tochas e estrelas, imagine sobre um cavalo louco protegido por placas de metal e acoplado com ferraduras capazes de afundar um nariz humano com um coice no meio da cara.

Esse conflito trouxe o caos esperado. E soldados de Arzallum eufóricos descobriram que seu Rei estava certo e o centro da parede de escudos de Minotaurus parecia forte, mas era tênue. Logo, não havia mais, ao menos daquele lado quebrado de Minotaurus, o conceito do que era *lateral* e do que era *centro*, e então a parede minotaurina de soldados que deveria se manter firme começou a bambear.

Nesse bambeio, a tropa de elite de Arzallum entrou.

Soldados bem treinados começaram a avançar *matando* onde deveriam, e a parede de Minotaurus - pasmem - foi rompida, enquanto inimigos lutavam pisoteando e tropeçando nos corpos dos mortos suicidas. Algum minotaurino enfim conseguiu matar o enlouquecido cavalo arzallino, mas as lâminas continuavam a cortar e cortar e cortar, até o momento em que perdiam o fio. E no momento em que um soldado vê o fio de sua espada se perder, a espada vira uma espécie de porrete, com a qual ele começa a *esmagar* o crânio do inimigo em vez de cortá-lo.

Rei Anísio continuava a arrancar pescoços com a armadura

manchada com pedaços de cérebro e a gritar para *avançar* e *avançar* e *avançar*.

E então, em meio ao caos instalado, os sobreviventes do centro da parede de Minotaurus começaram a recuar quando sua vanguarda começou a ser flanqueada por Arzallum. Todos sabiam que era assim que se matava uma vanguarda, contornando-a e esmagando-a.

A linha principal de Minotaurus, contudo, não iria ficar olhando sua vanguarda ser trucidada e, obviamente, iria enfim tomar a frente e avançar. Arzallum, com esse avanço teria homens trucidados pelas costas, mas valeria a pena arriscar tais perdas e se virar para a nova linha que avançava e continuar a batalhar depois de tamanho estrago. Valeria enquanto Brobdingnag estivesse parada. Valeria enquanto o sangue estivesse quente e a confiança, crescente. E foi assim que Victon Ferrabrás ordenou que a linha principal de Minotaurus avançasse. Foi assim que soldados arzallinos, já tomados pela sensação louca do combate ensandecido, babaram e desejaram a continuidade do próximo embate, atiçados pelo sabor da parede de escudos destruída, e foi assim que...

- Recuar!

... soldados arzallinos sentiram o conflito que vinha da frustração da ordem de recuo.

- Majestade, nós podemos...

- Recuar! Recuar! Recuar! - gritava e gritava e gritava o Rei, com uma ordem repetida a exaustão por sargentos e comandados.

Acreditando no espírito visionário do mesmo Rei que lhes levava a partir a parede de escudos inimiga, soldados arzallinos e aliados recuaram diante de uma Minotaurus confusa.

- Imperador... - perguntou um subcomandante. - Eles estão recuando de maneira consciente e estratégica ou de maneira desesperada e derrotista?

Imperador Ferrabrás ainda não tinha uma resposta.

## 56

No mar sombrio, o *Jolly Rogers* havia esperado um pouco diante do silêncio e da noite assombrada por mistérios quando uma força sobrenatural atirara o robusto Mee na mesma direção de onde Snail Galford havia saltado para o mar.

Passado o susto e a falta de explicação, e como mais nenhum fenômeno destrutivo tomara conta da embarcação, o navio se pôs a singrar na direção da costa de Andreadne, onde diversos outros navios piratas estavam, ou já atracados ou igualmente se aproximando para aumentar a fileira de mercenários.

Enquanto singrava águas escuras de sons trêmulos e lembranças difíceis, Jamil Coração-de-Crocodilo, ou *o que sobrara* de Jamil Coração-de-Crocodilo, sentia e se alimentava da glória de ser novamente o capitão daquele

navio. O navio que fora do pai e com o qual ele provocara terror no mundo de uma maneira que não deixava nada a dever a nenhum pirata, principalmente aos piores. E Coração-de-Crocodilo então se lembrou de quando era um jovem normal - ou ao menos não tão deformado - e impedira o motim que acabaria com a vida do pai, um velho Gancho senil e definhando com câncer.

Observou o convés e se lembrou quando, munido da arrogância e loucura que corre por todo sangue juvenil, anunciou a homens raivosos que seria o novo capitão e mergulhou com uma faca na boca rodeado dos gritos e risadas de descrença da tripulação. E se lembrou de quando abriu e arrancou com as mãos o coração do maldito crocodilo lendário que perseguia aquele navio como a um imã. E se lembrou de como, seguindo a tradição pirata, ergueu o imenso coração para a tripulação boquiaberta e, manchado de sangue e furor, anunciou que era por direito o novo capitão do *Jolly Rogers* ao perguntar:

- Alguém questiona esse direito?

E ao não obter resposta.

Logo, imagine, e apenas esse ato de imaginar já dará vida, o que foi para o pirata deformado estar pensando em tais lembranças enevoadas, quando no mundo ele passou a não mais diferenciar o que era sonho e o que era realidade, quando uma voz anunciou em meio à negritude que cercava o

inconcebível:

- Eu sou Snail Galford, e a partir desse momento, por direito, o capitão deste navio e desta tripulação.

As atenções se viraram para o ser *sobrenatural* que se mantinha de pé sobre a proa, no *mesmo local* onde Jamil fizera o mesmo anos atrás. Havia sangue em suas roupas, sangue que não poderia ser facilmente visto na escuridão, mas do qual era possível sentir o *cheiro*. A visão, ainda que envolta em trevas, paralisava. E o motivo era justo.

- Alguém questiona esse direito?

Nas mãos de Snail Galford, havia um coração.

O coração arrancado do peito do robusto Mee, braço direito do falecido James Gancho e capitão por direito daquele navio, se Jamil não retornasse, e que ele fazia questão de exibir como se fosse um coração de crocodilo...

Foi assim que o ser disforme que *ainda* era Jamil Coração-de-

Crocodilo se pôs no centro do convés e retirou um facão de

lâmina circular e um facão de lâmina reta. Mercenários

correram para os lados liberando uma futura área de combate.

Snail Galford tirou duas facas, sabe-se lá de onde, e caminhou

para o centro como caminha um homem certo do que está

fazendo. Ou um homem que tenha voltado da morte e não

tenha mais o que temer.

Os dois piratas se olharam frente a frente em um acerto de

contas que definiria a liderança do navio mais cobiçado do

mundo. E definiria muito mais do que isso. Tochas foram acesas para dançarem com a noite no mais lendário campo de batalha pirata da história, o mais lendário desafio pirata já narrado.

E o combate pela posse do navio pirata mais famoso do mundo enfim começou.

**57**

A capitã Bradamante não conseguia mais manter suas runas ativadas e arrancou a espada, liberando um exército gigante enlouquecido dos círculos onde antes estavam parados e sendo

alvos de setas mortais. Muitos estavam mortos, com flechas transpassando os pescoços e lembrando macabras alegorias indígenas. Ela corria na direção da cavalaria que se aproximara, liderada por Rei Anísio Branford.

Ao fundo, o exército de Arzallum continuava recuando na direção da paliçada feito um animal acuado. Enquanto Minotaurus parecia que ia ameaçar um ataque em massa diante de um exército que nunca demonstrava se estava recuando de maneira estratégica ou por medo da batalha, Arzallum então se colocava em posição de ataque e, ao invés de continuar o recuo, marchava na direção deles pronto para mais um embate.

O resultado era que Minotaurus travava e nunca se sentia confiante para ratificar o ataque, desconfiada das intenções daquela atitude. Logo, os dois exércitos ficavam na maioria das vezes mais rosnando um para o outro, como dois cães prestes a se atacarem, como que esperando o outro parar de rosnar e dar a primeira mordida. Entretanto, por mais que um nunca acabasse atacando de verdade o outro, uma ação estava sempre acontecendo naquele campo: Minotaurus avançando e Arzallum recuando.

Um gigante EXPLODIU um BUM no chão, ao tentar esmagar Bradamante na corrida de fuga. A capitã cortou para uma corrida em ziguezague quando outro gigante tentou o mesmo, e depois outro e em seguida o primeiro novamente. O quarto,

porém, iria esmagá-la com um punho fechado, quando o corpo gigante foi violentamente arremessado para o outro lado em uma situação absurda que lembrava um teatro de marionetes.

Outro gigante próximo tentou procurar o que estava acontecendo, e o corpo *também* foi arremessado para trás, em violento choque com irmãos de raça que vinham em galope.

Por um momento, o exército gigante parou atordoado com mais um exemplo de magia antiga na zona de guerra. E então todos entenderam o que havia acontecido.

E em cima de seu corcel de guerra, Rei Anísio Branford sorriu.

Algum aliado nosso virá?

O fato era que não se tratava de mais um exemplo de magia antiga de guerra.

Talvez sim.

Para Brobdingnag, a situação era muito, muito pior do que isso.

Concentre-se no que possuímos agora até termos uma resposta.

Um poderoso martelo de guerra zuniu e parou erguido por uma única mão, enquanto Mestre Anão Zangado assumia posição de combate.

Ira enfim havia chegado ao campo de batalha.

**58**

No centro de Andreanne, mais uma vez, havia caos

esgueirando-se por entre sussurros e choros e gritos rodeados de energia de angústia. Vidros de casas eram quebrados, pessoas corriam, caíam, eram pisoteadas e continuavam a gritar e chorar e tentar correr. Mercenários traziam de volta um terror supremo que existia ali, mas também já existia *por dentro* de cada arzállino. Dessa vez, porém, seus melhores soldados estavam em outra guerra, e o mundo parecia muito mais perdido.

Maria Hanson gostaria de correr para a casa dos pais, mas, ao mesmo tempo, não iria jamais abandonar suas crianças à própria sorte. Um grupo de alunos estava acuado em uma espécie de beco, com crianças abraçadas entre sombras e receio. Tentaram se misturar ao lixo da rua e passar despercebidos, mas mercenários costumam avistar bem os esconderijos que a raça humana gosta de buscar em momentos de pânico.

Maria estava de pé à frente delas. Apanhou um pedaço longo de madeira do chão, mas sabia que não tinha nem ideia de como utilizar aquilo como arma. Cinco homens, do tipo mais sombrio e maltrapilho que você consiga imaginar, ali sorriam enquanto se aproximavam e acuavam ainda mais aquelas crianças. E aquela mulher.

Ela tentou acertar o primeiro, que segurou o bastão com o mesmo desdém de um adulto atacado por uma criança. O segundo a puxou pelo cabelo e a prensou na parede. Crianças

choraram, mas os choros eram apenas mais alguns dos de uma cidade atacada. O terceiro se aproximou e cheirou o pescoço dela. E Maria Hanson, diante de tais sorrisos, não sabia mais se aqueles homens estavam naquele beco por causa das crianças. Ou por *causa dela*.

Ela cuspiu no rosto do primeiro e ordenou que ficasse longe *de suas crianças*. O homem armou um soco que afundaria o rosto da jovem Hanson.

Entretanto, morrera antes.

Os mercenários se assustaram quando perceberam um pedaço de metal perfurando o crânio do morto e olharam ao redor sem ver muita coisa. Um deles correu para a entrada do beco e igualmente foi morto. Outros homens entraram no beco e exterminaram os três restantes como se o ato de matar fosse um ato tão natural quanto comer.

- Maria...

Dessa vez, o rosto que lhe trazia de volta à razão era o de Giacomo Casanova. E então ela compreendeu que, assim como o exército particular dos De Marco fizera antes, o dos Casanova agora também se apresentava naquele cenário como justiceiros, como uma milícia disposta a tentar controlar a ordem enquanto o real poder ali não poderia estar.

- Eles *machucaram* você?

Maria Hanson balançou a cabeça negativamente. Ao fundo, os homens da segurança de Casanova retiravam da área suja as

crianças acuadas e cheirando a medo. Maria observou o morto mais próximo, o que havia sido o primeiro a morrer. E sentiu náuseas.

- Ele ia... ia...

- Não mais.

- Como... vocês nos acharam aqui?

- Quando um deles voltou ao final do beco, um dos nossos o matou. E então viemos ver se havia mais.

- Certo... - e então o raciocínio de Maria mais uma vez agiu rápido, ainda que sob tamanho estresse, e ela perguntou imediatamente: - Espere! Então não foi um de vocês que matou este homem?

- Este primeiro, não.

- E *quem* o matou?

Casanova mostrou a ela o detalhe do metal perfurado no crânio do morto, e principalmente o detalhe do ângulo arremessado. Um metal arremessado violentamente. Um metal que viera *de cima*.

- Alguém lá de cima.

- Lá de cima? Tipo semideuses?

- Não! - e Casanova chegou a sorrir diante da situação absurda. - De cima dessa construção.

- Mas *quem* poderia fazer isso?

-Você mesma pode ver...

E Casanova conduziu Maria Hanson para a saída daquele

beco. Quanto mais se aproximava da saída, mais havia sons de coisas se quebrando, de coisas se chocando e de pessoas desmaiando ou morrendo. Um som que não deveria ser muito diferente do som do fim do mundo.

A visão geral, porém, era brutal. Brutal, assustadora e poderosa.

Mercenários, ladinos e piratas continuavam a se aproximar, armados, mas cada vez menos confiantes. Isso tinha um motivo: a maioria dos seus estava morrendo ou senda tombada, e o pior de tudo, para eles, era que não na mão de soldados.

Mas na mão do povo.

Adolescentes caminhavam pelos telhados arremessando pedras e... bom... coisas pontiagudas de metal... na direção da cabeça de invasores. Soldados ruins o suficiente para ir à guerra, mas suficientemente competentes para liderar ataques civis, incentivavam o organizado caos. Homens cansados de se esconderem e dizerem às famílias que tudo iria ficar bem erguiam as mangas, apanhavam facas e pedaços de pau e ferro e davam com tudo na cabeça dos estrangeiros terroristas e chutavam os caídos e tacavam fogo nos piores e esmagavam a cabeça dos malditos lobos que ousavam tentar *assoprar suas casas*. Mais uma vez.

E então Maria Hanson percebeu que aquilo que estava testemunhando não era *apenas* uma reação civil. Aquilo era uma transmutação. Era o retorno de um sentimento de

identidade e da força de reação de um povo cansado da passividade diante de um terror externo que lhes assaltava a rotina e os costumes sem que lhes fossem exatamente explicados os porquês.

- Andreeanne está em guerra... - sussurrou Maria Hanson para si própria.

- Cada arzallino hoje está.

De fora, aquela era a visão do fim do mundo. De dentro, parecia a de um violento recomeço.

**59**

- É um blefe. Ataquem em formação e ataquem agora! - ordenou Victon Ferrabrás aos líderes de Minotaurus. A chegada de um Mestre Anão, os quais normalmente se mantinham neutros em decisões políticas, e o fato de ele estar ao lado de Arzallum, queria dizer que havia uma maquinação muito bem traçada por Anísio Branford.

Os lanceiros minotaurinos foram postos em formação quadrada, prestes a avançar. Os arqueiros de Minotaurus tomaram posição. Rei Anísio Branford percebeu que eles iriam atirar, mas estava longe demais para dar instruções aos seus capitães. A capitã Bradamante e o capitão Gulliver também estavam afastados e virados para Brobdingnag, e não tinham como dar ordem ao exército de frente para os minotaurinos. Ainda não era aquele o momento esperado por Anísio para que Minotaurus atacasse com tudo,

desfragmentando o receio necessário para o tempo que precisava ganhar. Entretanto, era um fato: os arqueiros estavam armando suas bestas, e Minotaurus iria avançar.

E Arzallum iria pagar caro por isso.

Foi quando...

- Formação de nuvem! Formação de nuvem!

... uma voz no meio dos soldados virados para Minotaurus surgiu. A voz de um robusto coronel, assumindo um comando que havia perdido de maneira vergonhosa.

- Coronel... - disse um sargento, tentando garantir que escutava corretamente as ordens disparadas.

- Assumir postura de nuvem! *Agora!*

As ordens do coronel Baxter foram dadas, e de uma maneira bonita de se ver - ao menos para os que conseguem enxergar beleza na guerra - soldados se moveram como máquinas e assumiram uma nova formação em pleno campo de batalha, que mais uma vez ressabiou Minotaurus.

A *formação de nuvem* se tratava de uma formação difusa, cuja principal função era fazer o oposto da formação de uma parede de escudos: ao invés de concentrar, diluir. No caso, todos sabiam que fazia sentido. Aquela era uma forma de tentar reduzir o número de baixas que viria da temida chuva de projéteis de Minotaurus, apelando para o espalhamento de soldados e obrigando o inimigo a vir ao confronto direto, já que tal formação não era propícia a uma retaliação. Era um

fato: um exército no campo de batalha com tal formação poderia evitar algumas baixas em uma chuva de flechas, mas seria aniquilado se uma onda de lanceiros partisse em sua direção em formação quadrada, com cavaleiros cobrindo seus flancos.

- Imperador... - o responsável pelos arqueiros de Minotaurus pediu a ordem.

- Atirem uma rodada. E partam os lanceiros...

Flechas voaram ao som de gritos. Tanto dos gritos dos lanceiros que corriam ao encontro da matança quanto dos arzállinos que erguiam escudos esperando escapar da enxurrada de flechas. Alguns escudos evitaram as setas.

Alguns, de madeira mais vagabunda, não. Algumas setas entraram por ângulos difíceis de prever e acertaram homens nos pés, nos ombros, nos quadris, nos pescoços, nas clavículas e nas nádegas.

Os gigantes de Brobdingnag haviam cercado Mestre Ira e batiam e chutavam e tentavam esmagar o maldito e absurdamente gigantesco (obviamente não de altura, mas de massa muscular) anão que, na maioria das vezes, retornava ainda mais furioso, erguendo gigantes com o martelo de guerra destrutivo.

A capitã Bradamante enfim se aproximou da cavalaria e Rei Branford disse:

- Capitã, vá com o capitão Gulliver liderar os homens contra

Minotaurus!

- Rei Branford... - insistiu o capitão, para ter a certeza de ser seu nome naquela afirmação.

- Leve a capitã e lidere os carros de guerra - disse o Rei. - Se isso não der certo, perderemos.

O capitão aquiesceu, e Bradamante, em dois movimentos, já estava em sua garupa, cavalgando na direção do exército humano atacado por flechas. Rei Anísio Branford virou-se para sua cavalaria e apontou com a espada para os inimigos gigantes. Partiu como um enlouquecido, e sua cavalaria partiu com ele.

E então se aproximaram os carros de guerra trazidos através de geringonças gnomas, que nasceram como meio de transporte, mas que o homem já estava transformando em armas de guerra.

Ao fundo, começava a amanhecer. Mas o mundo ainda parecia escuro.

**60**

João Hanson e a tropa de escudeiros se mantinham firmes. Ou pareciam se manter.

Grupos de mercenários haviam se aproximado. Deveria haver, colocando aqui por baixo, talvez oitenta ou noventa deles.

Colocavam-se lado a lado como uma fileira de espectros indecisos, buscando na indecisão do outro uma personalidade própria. Brandiam armas, analisavam situações e sorriam

sorrisos que a escuridão tapava, ainda que o dia começasse a nascer.

A frente deles, uma fileira de espadachins iniciantes na técnica, mas experientes na alma. Meninos-homens que já sofriam na pele os desgastes, as humilhações e as durezas de todo um treinamento de escudeiro e traziam consigo toda experiência e evolução que um treinamento do tipo traz a um ser humano. Usavam capuzes e mantinham espadas em bainhas em posições imóveis, mais parecendo estátuas esculpidas em terracota. No centro deles, ainda João Hanson. O homem, o sobrevivente, o matador de um conde, o futuro cavaleiro. Nenhum deles dizia uma única palavra. E mantinham o mesmo olhar.

Ao fundo, a protegida mais importante do mundo, sua Rainha. Sobre um deque de madeira ela observava a água escura de um mar aparentemente calmo e aguardava como se o mundo atrás de si não estivesse prestes a explodir em conflito. Observava a água após ter tocado o sino aberto com a chave com ponta de estrela e soprado palavras no mar em uma língua que não era nem esquecida, nem desconhecida, nem morta. Uma língua simplesmente ancestral.

Uma língua única.

- Entregue-nos sua Rainha e mataremos apenas metade. A outra poderá servir de escravo em conveses e porões - disse um dos mercenários, quebrando enfim o silêncio incômodo.

- Recuem como se nada acontecesse aqui e não mataremos a todos - disse a voz grossa de um João Hanson concentrado.

Os homens se olharam compartilhando diferentes reações. O fato era que, de longe, eles sabiam, pela altura e massa corporal daquelas figuras, que se tratava de jovens que não foram à guerra lutar com os soldados *de verdade*. Entretanto, a postura firme de espadachins aguardando o confronto e aqueles *malditos* capuzes que os deixavam sem face e os faziam mais parecer um exército de pequenos golens animados por um grande linche *arrepiava*. Arrepiaria o homem de bem.

E arrepiava o homem ruim.

- Vocês sabem que são crianças sem idade para ir à verdadeira guerra, não sabem? - a pergunta a princípio parecia um desdém. Analisada de forma mais profunda, porém, era um blefe que visava uma confirmação.

- Nós somos uma tropa de elite, escolhida a dedo para proteger uma Rainha... - disse a voz de um João Hanson irreconhecível, piorando a dúvida dos mercenários. Malditos fossem, deveria haver quase uma centena daqueles pequenos esquisitos, imóveis em posição estufada com uma mão na bainha, outra no cabo das espadas médias.

- Andreanne está condenada. Neste momento, milhares estão invadindo uma capital sem soldados, e viemos tomar reféns que mudarão os rumos de qualquer batalha de Arzallum.

- Então morreremos aqui nesta capital invadida e levaremos vocês conosco - a voz de Hanson, e principalmente a *certeza* na voz de Hanson não arrepiava apenas o inimigo. Arrepiava cada um dos moleques trêmulos, ainda com medo da morte, mas dispostos o suficiente a não desistirem da unidade que haviam se tornado.

O mercenário deu um passo à frente irritado com o desafio.

No mesmo momento, João Hanson GRITOU um comando de voz de um instrutor, e quase uma centena de meninos espadachins - ao *mesmo tempo* - ergueu a bainha com a espada, afastou uma perna para trás, mantendo a da frente flexionada, e abaixou a bainha novamente em posição de início de batalha.

O mercenário não avançou novamente.

Por debaixo daquele capuz, o coração de João Hanson sofria.

A voz saía grossa, os movimentos saiam firmes, mas as mãos estavam trêmulas e o estômago embrulhado. Era um fato:

Hanson sabia que a maioria esmagadora daqueles aprendizes de cavaleiro não estava preparada para enfrentar um bando de mercenários assassinos. Além dele, vai saber quem ali já havia matado um homem pela primeira vez. Provavelmente, apenas ele. Talvez menos da metade havia conseguido a adoção de um tutor próprio.

João Hanson sabia que, se o combate começasse, haveria um massacre, e ele próprio poderia *talvez* levar consigo alguns

mercenários antes de padecer, mas *apenas* alguns. Entretanto, de uma coisa também sabia: cada um daqueles adolescentes ali presentes havia escolhido tentar o merecimento de viver o código de um cavaleiro. E sua Rainha estava de costas para eles, como se fossem todos dignos de tal vida e de tal código. Então, que se danasse, que todos estivessem prontos também para morrer pelo código, se aquilo fosse necessário.

Logo, a única forma de sobreviver, e de manter seus companheiros igualmente vivos, seria fazer aqueles malditos mercenários acreditarem no blefe. Acreditarem que estavam diante de uma tropa de elite sombria, que não foi à guerra por ter sido escolhida para proteger uma Rainha.

- O que vocês acham? - perguntou o mercenário líder ao seu bando. - São guerreiros ou são crianças?

Os mercenários observaram desconfiados e gritaram coisas como:

- São crianças! Vamos tirar-lhes a pele e vender no Nascente! Vamos cortar-lhes a garganta e servir o sangue para bruxas em troca de *serviços*! Vamos trazer suas mães e fazer coisas com elas na frente deles, para que chorem como bebês e deixem as mães envergonhadas antes e depois da morte...

Alguns dos presentes ao lado de Hanson tremiam e urinavam em si próprios de nervoso. Mantinham a posição em guarda, mas tremiam, suavam, sentiam o tato cada vez mais distante e a pressão baixar pouco a pouco. Era impossível negar que ali

alguns pareciam crianças, mas já eram guerreiros. Mas a

maioria ainda parecia com guerreiros...

... mas eram crianças.

- Ian... para de tremer... - sussurrou Albarus para um dos mais jovens escudeiros.

- Desculpe... - disse o pobre garoto ainda na faixa dos treze anos. - Estou tentando...

- Esses caras são assassinos... - sussurrou Jaú. - Eles nunca vão acreditar que somos uma tropa de elite.

- E o que você quer fazer, imbecil? - perguntou um explosivo Andreos. - Entregar a eles nossa Rainha e condenar Arzallum?

- Talvez... - sussurrou o jovem Max e travou com receio.

- Talvez o quê? - insistiu Andreos.

- Talvez... fosse melhor assumirmos uma posição dispersa e tentarmos fazer com que nos seguissem, afastando-os de nossa Rainha.

- Não iria adiantar. Daqui a pouco chegarão mais deles - analisou Albarus.

- E então iremos morrer... - comentou o mal-humorado Born.

- Você tem alguma idéia melhor, gênio? - perguntou Andreos.

- Vamos avançar! Se vamos morrer, que avancemos primeiro e levemos conosco quantos pudermos - insistiu Born. Por um momento, houve uma dúvida entre os escudeiros. E então...

- Não - disse a voz de comando de João Hanson. - Nós iremos nos manter como uma parede. Ninguém avança e ninguém

recua.

E antes que Born pudesse sussurrar mais alguma coisa contra,

Hanson acrescentou:

- E digo isto como uma ordem.

Ninguém teceu um comentário.

Ao fundo, outros mercenários piratas começavam a se juntar ao grupo parado, aumentando proporcionalmente os presentes a cada segundo, todos ávidos para ter em mãos a Rainha de Arzallum. Ouvindo algum eco, fruto dos murmurinhos, sentiram-se mais confiantes e deram mais alguns passos.

João Hanson outra vez GRITOU.

Escudeiros em união ensaiada exaustivamente debaixo de sol de rachar levaram à frente as pernas que estavam afastadas, enquanto retiravam as lâminas das bainhas e se posicionavam de pé, segurando espadas com os peitos estufados pelos cabos com as duas mãos.

Do outro lado, mercenários, mais uma vez, *travaram*, extremamente irritados com aquele maldito jogo. Era assustador aqueles pequenos demônios encapuzados segurando espadas como guerreiros de verdade. Mas era angustiante um homem que vive de matar igualmente travar diante de uma luta que poderia ser facilmente vencida. Uma coisa era certa: as espadas haviam sido desembainhadas; e o próximo movimento só poderia ser de embate. E morte.

- Sabe o que fazemos quando capturamos crianças? Nós as

enforcamos no alto dos mastros e as deixamos balançando um tempo para que outros navios vejam. Quanto mais cabeças em um mastro, mais poderosa a aura mística ao redor de um navio. E, quando esta aura se torna forte o suficiente, a tripulação retorna após a morte, e nascem os navios fantasmas...

O mercenário-líder contava a história em um maldito tom de angústia. E observava a reação de cada um que conseguia ver. A maioria, principalmente os da fileira da frente, mantinha-se em posição firme na medida do possível, mas não era a reação desses que o mercenário procurava. Ele procurava a reação dos mais afastados. Ele procurava a reação de encapuzados como o jovem Jaú, que, por mais que tentasse se manter firme, não conseguiu evitar os espasmos de terror que percorria o corpo de uma criança diante da morte ouvindo histórias de fantasma da boca de seus futuros assassinos.

E o mercenário-líder *viu*.

- São crianças! São crianças! Arranquem as cabeças delas!

Os mercenários partiram animados, gritando sons agudos e desejando o cheiro de um escalpo. Adolescentes encapuzados com espadas nas mãos começaram a se afogar em dopamina e adrenalina e pediram ao Criador uma boa passagem e, ao menos, a morte de um inimigo em suas mãos antes da própria.

João Hanson mostrou os caninos como se fosse um bicho, o jovem Jaú fechou os olhos esperando o golpe, o maior de

todos, Max, sorriu gostando da sensação que precedia o combate real, o invocado Born fechou o rosto por achar que iria morrer de maneira desnecessária, como se a vida fosse supérflua e todo homem tivesse uma segunda chance, e os irmãos Darin se agitaram em estresse esperando o choque do inimigo. Daquela quase uma centena presente, todos sabiam que iriam morrer.

E todos *iriam* morrer.

Até que sua Rainha viu seu chamado atendido. E, no horizonte, o sol enfim começou a nascer.

## 61

A capitã Bradamante e o capitão Lemuel Gulliver cavalgaram na direção dos carros de guerra que haviam sido desembarcados das geringonças gnomas. Milhares de lanceiros de Minotaurus, a cada momento, esmagavam mais dos soldados arzallinos espalhados em formações difusas. O exército recuava como um bicho caçado e prensado, e Minotaurus avançava esmagando e esmagando. E esmagando. Corpos caíam, membros eram decepados, sangue molhava a terra seca, e molhava muito. O pior dos gritos de morte não eram exatamente os gritos originais, eram os *ecos* que se espalhavam e estremeciam corações em conflito.

Os pesados carros de guerra eram empurrados por quatro ou cinco soldados, que deveriam estar brandindo espadas, mas desfalcavam os companheiros, que iam sendo mortos, e se

arrepriavam com seus gritos. A capitã Bradamante e o capitão Gulliver ajudavam a empurrar um carro de guerra cada um. Os carros, no caso, eram espécies de carroças pequenas, que poderiam ser puxadas por cavalos. Uma jaula se colocava no centro de cada uma, e havia feno ao redor de toda ela, impedindo de se ver seu interior. Lanceiros de Minotaurus não se importaram com a visão daquelas coisas e continuaram avançando e avançando e reduzindo o exército de Arzallum a menos da metade do que havia originalmente ali. Havia assim menos da metade dos cinco mil lanceiros originais, havia um terço dos cinco mil mercenários originais. O único motivo pelo qual Arzallum ainda não havia sido flanqueada por Minotaurus e esmagada de vez era o fato de seus soldados terem uma capacidade de remendar as linhas e unir fragmentos, solidificando novamente a todo o momento as formações de combate. Tais formações eram orientadas a todo instante pelos gritos do coronel Baxter. A atual era uma formação pontiaguda, onde a combinação de armas era a maneira mais eficiente de sobreviver com poucos soldados e evitar o cerco. Para um comandante, dispor de pequenas forças com armamentos diferenciados era uma maneira de não apenas manter a adaptabilidade de cada soldado como aumentar sua eficiência. Esse importantíssimo papel era feito pelos mercenários ainda vivos, e o que coronel Baxter demonstrava naquele campo era uma liderança extremamente inteligente

que poupava Arzallum do massacre total. Por mais alguns momentos.

Para combater tal estratégia, Imperador Ferrabrás ordenava o avanço aos poucos, sem afobação ou desespero e em formação quadrada. Seria tentador avançar como um bicho e matar Arzallum de uma vez, mas, por algum motivo desconfiado, Ferrabrás *sentia* que era isso que Anísio Branford desejava e preferia ir destruindo camada por camada, feito um jogo de xadrez, do inimigo temeroso, que recuava em desespero para a própria paliçada enquanto ia tombando aos pedaços pelo caminho.

Fosse qual fosse o objetivo do Rei de Arzallum, Anísio Branford, em algo estava certo: se aquilo não desse certo, fosse o que fosse *aquilo*, Arzallum seria não apenas derrotada, mas completamente aniquilada.

Do outro lado, o Rei de Arzallum corria com seu imenso corcel de guerra entre gigantes em fúria. Ao lado de cavaleiros igualmente assustadores e ao lado de um Mestre Anão que adorava a guerra, lanças perfuravam pescoços de seres descomunais e espadas vorpais arrancavam cabeças, quando a lâmina não estava cega e ficava presa na pele do pescoço dos gigantes. Para que aquilo pudesse acontecer, havia uma divisão de combate bem definida.

Arqueiros afastavam a retaguarda de Brobdingnag impedindo a aglomeração e permitindo a ação dos cavaleiros; Rei Anísio

e seus cavaleiros cortavam e matavam no chão; Mestre Ira esmagava no ar.

Logo, cavaleiros se esquivavam e cortavam e arranhavam e decapitavam. Quando gigantes saltavam para esmagá-los, feito um homem martelando uma estaca Mestre Ira saltava mais alto, girava o martelo de guerra e *quebrava* o inimigo. O som do impacto de um martelo de guerra de duas mãos quebrando as costelas de um gigante, ou lhe afundando a caixa torácica, ou lhe estalando um pescoço em quebra, eram como o som de uma ponte móvel de um castelo tombando sem correntes que conseguissem impedir a queda. Quando Mestre Ira falhava, e isso era raro, cavaleiros eram apanhados, erguidos e *partidos* com as duas mãos no ar por gigantes enfurecidos. Enquanto isso, flechas zuniam na direção de gigantes que tentavam se aproximar e passar a correr na direção dos montes de pedra por onde os arqueiros humanos se posicionavam.

E então gigantes saltaram e caíram no meio dos arqueiros, que abriram como um exército de formigas abre quando seu formigueiro é derrubado. Alguns desses gigantes que saltaram de encontro aos arqueiros caíram mortos com setas na traqueia; alguns, não. E esses ainda vivos iniciaram um genocídio frente a homens treinados para combates a distância e sem uma retaguarda que já não estivesse morta no campo da batalha.

O corcel do Rei Anísio relinçou quando correu para o lado e um punho gigante explodiu no chão. E correu para o outro quando outro punho explodiu de novo. E iria correr para outro em ziguezague novamente, quando...

... Rei Anísio foi arremessado ao chão violentamente quando o corcel subiu diante de um golpe avassalador. E caiu morto. O Rei se ergueu sem deixar que sua espada lhe escapasse.

Segurou-a com as duas mãos e respirou ofegante. Mestre Ira saltou e saltou e caiu ao lado dele, ainda com o imenso martelo. Os cavaleiros que *ainda* estavam vivos correram até ele. Eram poucos; pouquíssimos.

- Lembra da primeira vez que lutamos juntos, Mestre Ira?

- Sim, quando se cansou da leprosa pele anfíbia, que por sinal lhe caía bem...

O Rei *esboçou* um sorriso. Ao fundo, gigantes se reuniram em uma visão assustadora. Para mostrar que Arzallum estava condenada, enquanto, ao fundo, seu exército recuava cada vez mais esmagado por Minotaurus, os gigantes de Brobdingnag assumiram sua assustadora parede de escudos. Na verdade, aquilo não poderia ser chamado de uma *parede* de escudos, seria uma definição pobre. *Aquilo* era uma muralha de escudos. Uma parede infinita de seres descomunais eclipsando o sol com o bloqueio de uma terra que não era sua, mas que eles estavam dispostos a tomar.

Havia ainda ali uns dois mil gigantes

Rei Anísio Branford, no chão, Mestre Ira e os poucos cavaleiros ainda vivos começaram a recuar. Os arqueiros que *ainda* não haviam morrido corriam dos montes de pedra feito crianças fugindo do cativo de bruxas. Inclusive, com o mesmo horror. Ao fundo, havia a paliçada de Arzallum. E todos sabiam que Minotarus e Brobdingnag não iriam parar aquele massacre quando tivessem o estandarte inimigo nas mãos.

- Sabe *mesmo* o que está fazendo? - perguntou o Mestre Anão, ainda em posição de guerra, recuando lentamente.

- Não. Mas *preciso* acreditar que sim...

- E em que quer tanto acreditar? Há pelo menos dois mil gigantes em parede de escudos à nossa frente!

- Eu sei.

- Por que não usar o...

- Ainda *não*.

- Seu exército basicamente já foi derrotado por Minotaurus!

- Ainda *não*.

- Mesmo que fossem semideuses e vencessem Minotaurus, seus homens seriam posteriormente esmagados por Brobdingnag...

- Não. *Se* eles fossem semideuses, eles esmagariam Minotaurus e Brobdingnag...

O Rei dessa vez sorriu. Mestre Ira achou que era a maldita loucura que precede a morte.

Mas não era.

O sorriso do Rei vinha do som que enfim começou a sibilar nas Terras Mortas. O som que ele esperava sobreviver para escutar, o som que havia sido calculado por gnomos em equações matemáticas precisas e instrumentos que o ocidente desconhecia. O som que começava a erguer terra e poeira e então aumentava de intensidade bruscamente a cada segundo, erguendo ainda mais terra e poeira. Os soldados de Arzallum e os soldados aliados que ali também eram Arzallum começaram a sentir a parte das costas, dos tornozelos e dos braços sendo cortados por pequenas pedras que entravam e se alojavam em suas armaduras e brandiam suas roupas para frente em ventania cada vez mais crescente. Aquela terra entrando por dentro de botas, grudando na pele suada e abatendo ainda mais o corpo cansado fazia soldados arzallinos fraquejarem, *quase* desistindo. Eram homens cansados, com o psicológico abalado de quem está vendo o fim da linha se aproximar, cercados de cadáveres de amigos mortos por um exército três vezes maior. E nem falamos do outro exército *verdadeiramente* maior. Mas aquele som, ao menos para um Rei visionário, mudava tudo.

Pois era o som de uma ventania que poderia mudar o destino da guerra.

Pela variação dos ângulos de ventos podemos calcular que a qualquer instante haverá uma ventania longa que tomará as

Terras Mortas.

O sinal foi feito pela capitã, e, na paliçada coberta de óleo, as enfermeiras com corações batendo forte começaram a incendiar a própria paliçada. Era a hora de saber quem iria vencer a guerra.

**62**

As espadas e lâminas piratas se encontraram uma, duas, três, quatro vezes. O roçar emanava faíscas, e toda uma tripulação gritava excitada, sem saber exatamente para quem. Dois piratas que haviam retornado da morte exibindo um coração lutavam um duelo de vida e morte pelo navio de um pirata que não retornaria de Aramis.

A lâmina de Jamil rasgou um pedaço de Snail ao lado das costelas, e, em seguida, o pirata manco sentiu um corte no rosto. Snail sentiu um joelho bambear; a coxa arder; a mandíbula ESTALAR. Girou e atacou e girou e atacou e girou e sentiu a cintura receber um corte, a têmpora receber um soco, o plexo sangrar. Afastou-se e percebeu que o maldito pirata deformado que enfrentava ainda era muito perigoso, mesmo que com um único olho e uma perna de...

A respiração foi estabilizando. Um único olho. Uma perna de pau...

Lâminas se roçaram mais duas; três; quatro; os gritos continuaram, enquanto Snail se mantinha com o corpo mais voltado para o olho que *ainda* enxergava de Jamil. Jamil bateu

e virou. Snail percebeu que o pirata vinha com o dorso da mão direto em sua face e manteve o rosto parado à *espera* do golpe. O golpe pegou em cheio, ESTALANDO. Snail chegou a cuspir sangue com o golpe.

No entanto, quem gritara fora Jamil...

Havia um rasgo em diagonal na altura das costelas de Coração-de-Crocodilo. Um golpe que não vira, porque era um golpe aplicado

enquanto a atenção do atacado estava em outra direção. Um golpe invisível. Um golpe que era a especialidade de um Jamil Coração-de-Crocodilo com *dois* olhos.

E que Snail Galford havia roubado a técnica e aprendido bem.

Bufando de raiva, Jamil avançou, como sempre, pelo lado do olho bom. Snail aparou com a lâmina de uma das facas e mais uma vez...

- Argh! - o pirata deformado sentiu um corte no lado cego.

Jamil atacou de novo e...

-Argh! Seu maldito filho da...

E Snail mais uma vez lhe cortou o lado cego. Jamil caiu de joelhos. Snail achou que haveria a rendição, quando o ajoelhado pulou para cima dele como um louco e cortou-lhe o peito em diagonal, com a lâmina roçando em diversas pequenas lâminas escondidas em bolsos falsos do sobretudo do ladino. Snail, sangrando e irritado, aparou mais uma vez a lâmina de Jamil e BAM! O chute bateu na dobra costurada de

pele e madeira, e a perna de pau bambeou. Jamil, desesperado, se jogou para frente tentando cortar a garganta do inimigo.

Snail Galford se ajoelhou em reflexo e...

- Aaaaaaargh!

... cravou uma das facas no pé ainda bom de Coração-de-Crocodilo. Jamil caiu com os dois joelhos no chão, chorando de dor, raiva e impotência. Era um fato: ambos sabiam que o *verdadeiro* Jamil Coração-de-Crocodilo, aquele Jamil jovem que matou um crocodilo com as mãos e que enlouqueceu um Rei, no auge de sua forma e inteligência, engoliria Snail Galford em uma luta direta. Mas não *aquele* Jamil.

Não *o que* sobrara daquele Jamil.

- Alguém me traga um machado... - disse a voz soturna de um Snail Galford diante de uma tripulação em choque. - E me tragam o traidor Jim Hawkins.

Seguindo o código pirata, os mercenários do *Jolly Rogers* permitiram, e os capitães de areia de Snail se agitaram quando o pequeno Twist lhe trouxe um machado de lenhador. Afiado. Os outros trouxeram um velho Hawkins vermelho e assustado com aquele maldito que retornava da morte e subjugava um pirata lendário.

- Que todos os presentes testemunhem que eu, Snail Galford, reassumo por direito meu posto como capitão deste navio, a não ser que um de vocês ouse me desafiar neste momento pelo posto...

Ninguém emitiu comentários. Para aqueles homens, Snail

Galford se tornava um ser tão sombrio quanto qualquer versão de Jamil Coração-de-Crocodilo. Um marujo mercenário transformado em capitão pirata por direito e merecimento. E talvez por motivos muitos mais soturnos do que isso.

Caído no chão, estirado de dor com a faca ainda cravada no peito do único pé, Jamil falava baixo em meio à dor:

-Você conseguiu, negro... - as frases eram interrompidas por caretas e tosses. - Você conseguiu ser, entre todos esses trastes, o mais próximo de mim..

Snail ergueu o machado. Vozes se calaram. E Jamil soube que iria morrer.

- Eu ainda não pareço com você... - disse o negro antes de o machado descer em um ângulo violento.

Jamil GRITOU. E percebeu que ainda estava vivo. Vozes de mur- murinho correram pelo convés.

E apenas um pedaço da perna de Jamil se separou do corpo.

- Você tem razão, pirata. Eu, dentre todos, sou o mais próximo de você. Mas realmente sou o mais esforçado, mas ainda não sou da mesma laia que a sua, ou da de Gancho, ou de Flint, ou de Barba Azul, ou desse traste que aqui me traiu. - tanto

Coração-de-Crocodilo quanto Hawkins observavam atentos cada palavra, tentando entender se iriam morrer naquele dia.

Ou não. - Entretanto, eu serei maior do que todos vocês. Mas, para isso, eu preciso *aprender* com vocês. E, a partir deste

momento, a vida dos dois e as almas de todos os presentes neste navio que comando são todas minhas. A partir deste momento, vocês serão meus conselheiros, mas também serão meus escravos. Farei de vocês homens ricos, se ficarem ao meu lado. Farei de vocês homens mortos, se escolherem o outro. Farei de vocês mortos-vivos, se não tomarem um lado...

Liriel Gabbiani sentia um *arrepio* com aquelas palavras e aquele tom de voz. O Snail Galford que ela via naquele momento era um homem muito diferente do que havia conhecido. Era um Snail potencializado, *ainda* mais calculista, *ainda* mais frio, *ainda* mais direto. Ela admitia que sentia medo disso. Mas também sentia uma atração e uma perigosa excitação por aquela figura difícil de ser negada. Ou explicada.

- A partir deste momento, este homem derrotado não é mais Jamil, o Coração-de-Crocodilo. Ele será apenas Jamil, o Manco...

Jamil olhou para a perna de madeira diminuída e para o pé perfurado e, por mais que odiasse profundamente aquela figura do negro insolente, tinha de admitir que alguma parte sombria e deturpada dentro de si também a admirava.

- *Pai...* - disse o jovem Twist, atraindo atenções no clima tenso. Snail olhou para ele. - E quanto ao traidor velho?

- Deite-o aqui neste chão, pois preciso testar novamente o fio deste machado...

Os *capitães de areia* sorriram de prazer. Os antigos marujos de Crocodilo, que agora também eram de Galford, agitaram-se. Jim Hawkins começou a ter um ataque de nervos.

- E como devemos passar a conhecer o velho? - insistiu o órfão, com um sorriso nos lábios, curioso pelo desfecho.

- Jim, o Maneta... - respondeu o novo e soturno capitão do lendário *jolly Rogers*.

**63**

Os mercenários mais uma vez *travaram* no campo de batalha.

E não apenas travaram, como também se afastaram abruptamente temerosos e angustiados, e imagine a intensidade do acontecimento para que homens que veem coisas ruins todos os dias possam ter tido tamanha reação.

Meninos-escudeiros se viraram para sua Rainha no deque de madeira ao ouvir o som que tomara de assalto aquela parte do porto de Andreanne, e o mundo, tanto para o crédulo como para o ateu, tornou-se fantástico.

Branca Coração-de-Neve não estava mais só.

A sua frente, *algo* havia se erguido. Algo com seis metros de altura apenas na parte de fora da água, com um corpo submerso que possuía talvez vinte ou trinta metros de diâmetro. Algo surreal e assustador o suficiente para enlouquecer um ser humano à simples visão, ou encantá-lo de maneira irreversível. Algo como um monstro. Algo como uma entidade.

Algo como um lendário Rei.

Os olhos eram do tamanho do tronco de um ser humano, e havia uma pupila negra. A pele ao redor era cheia de brotoejas, lembrando a cor e a textura de moluscos, mas em uma intensidade gigante. Plantas nasciam de poros e pequenos animais marinhos acostumados a viver em simbiose mantinham-se presos àquela pele, como se fosse aquele ser um coral vivo. No lugar de onde haveria um nariz ou um focinho saíam dezenas de trombas com membranas que lembravam tentáculos, que se mexiam a todo o momento. A boca parecia se localizar abaixo dos tentáculos. Não havia pelos. Não havia reação diante de um ser de tamanha magnitude e unicidade.

Aquele era o único ser daquela espécie no mundo. Aquele era o Rei do Reino submerso de Atlântida. Aquele era o Rei medonho.

Aquele era o Rei Kraken.

- Pelo Criador... - sussurrou Albarus, com a espada baixa, próximo a João Hanson. Um João Hanson chocado demais para dizer qualquer coisa.

Mercenários não sabiam mais se corriam ou se avançavam, tão próximos de seu objetivo quanto estavam, mas igualmente distantes da sanidade que há pouco se gabavam de possuir.

Branca Coração-de-Neve se colocou de joelhos, como se as palavras não precisassem ser ditas naquele momento brutal,

porém esperançoso. Porque talvez não precisassem.

Afinal, o Rei Kraken *também* não estava só.

Alguns se ergueram da água marinha de maneira lenta feito zumbis. Saíam da água como se *rastejassem* por ela, como se entre o mundo líquido e sólido não houvesse diferença. Outros saltavam da água feito piranhas assassinas das piores histórias.

Caminhavam ou corriam ou saltavam deixando pegadas pegajosas pelo caminho, através de uma pele oleosa cheia de membranas, barbatanas e espinhos. Vestiam armaduras formadas por conchas, mas pareciam ter a pele verde-musgo resistente que teria um ser aquático que sobrevive a pressões profundas de um mar revolto. Tinham a cabeça arredondada com olhos que se projetavam; um focinho achatado; uma boca quadrangular e projetada para a frente, lembrando a boca de grandes sapos, e orelhas desproporcionais em ângulos extremos. Alguns usavam os dentes serrados em formas pontiagudas. Outros utilizavam tridentes que deveriam matar uma pessoa de tétano só pela visão.

Mercenários gritaram, sem saber se corriam ou se enfrentavam a visão que lhes tomava a sanidade. A visão de um exército tão fantástico quanto medonho. Um exército de seres submersos que subia à superfície para proteger a capital de Arzallum, em um acordo planejado.

Um exército de homens-peixe.

Quando grupos de mercenários começaram a tombar diante de

dentes ou tridentes afiados, e quando o som da morte em outros pontos do porto começou a reverberar com o vento, e quando o barulho de navios piratas sendo atacados e tomados e virados começou a tomar de assalto o som da guerra, a maioria daqueles meninos escudeiros assustados largou as espadas, ajoelhou-se ou começou a chorar descontroladamente de alívio, como a reação de um homem condenado que, de repente, é informado da absolvição.

A outra metade, como João Hanson e os irmãos Darin, avançou para a guerra com um certo gosto pervertido e renovado e começou a matar.

## 64

Em uma guerra, um comandante, ao menos dos bons, sabe que existem elementos que são essenciais de serem estudados antes de se iniciar um embate em um campo de guerra.

O sol é um deles.

O vento é outro.

No caso do primeiro, o ideal é tê-lo a suas costas. A luz, quando bate na vista, cega, e quando bate na pele aumenta o transtorno provocado por suor e perda de água. Já o segundo é ainda mais complexo, afinal, o vento em um campo de batalha pode vir de oito direções e afeta não apenas a visão como também a coordenação, a audição e a capacidade de resistência.

Imperador Ferrabrás e Rei Anísio Branford eram bons

comandantes. Talvez os melhores do mundo e, logo, sabiam disso. Ferrabrás contava com o nascer do sol que iria cegar seus oponentes, embora nuvens escuras tomassem o céu naquele momento e houvesse pouca luz naquele campo, ainda que o dia estivesse nascendo. E, da maneira como aquele combate estava se dando, esse artifício elementar nem mesmo seria necessário para a vitória. Entretanto, Rei Anísio conseguira, através de instrumentos e matemática gnomos, saber a direção do vento e um cálculo aproximado do momento. E isso era um trunfo que nunca um comandante de guerra na história de todas as guerras pôde contar anteriormente.

O detalhe mais importante de toda a questão era: se Anísio Branford não soubesse a direção que o vento iria soprar naquele dia, Victon Ferrabrás teria vencido a guerra.

Mas Rei Anísio soube.

O fogo começou a crepitar, e o cheiro entrou pelas narinas das enfermeiras de guerra que estavam próximas, sufocando. Elas corriam para se afastar da paliçada ardendo com panos ao redor dos narizes e bocas, tossindo, lacrimejando e orando pela sobrevivência. A madeira começou a entortar pouco a pouco, e a fumaça preta, densa e intensa começou a se espalhar como uma praga, espalhada pela ventania que a cada momento se tornava mais intensa e mais intensa e mais intensa.

E foi quando mais uma cena que arrepiava corações aconteceu.

Soldados de Arzallum, os soldados de Arzallum que ainda estavam vivos para ver aquilo, tiraram os panos em forma de máscaras de médicos de seus bolsos e colocaram na boca e no nariz, como ladrões que não querem ser reconhecidos, enquanto o vento espalhava a fumaça preta para a frente, indo de encontro ao inimigo que avançava.

Tem certeza de que devemos levar isto para a guerra?

Minotaurus por um momento ficou em choque com aquela maldita fumaça e com aquele maldito cheiro. E com aquele maldito exército mascarado observando-o como se o mundo não fosse mais tão ruim.

Nós soldados precisamos sempre partir do princípio de que nosso Rei sabe o que faz...

O exército de Minotaurus travou quando perdeu a noção do inimigo assim que o vento, e *o que vinha* com o vento, tornou-se seu principal inimigo. A fumaça começou a lhes intoxicar os pulmões, a embaçar-lhes a visão, a provocar tosse, cuspidas, vômito, calor e desespero. Capitã Bradamante GRITOU uma ordem e, fosse o que fosse que houvesse dentro daqueles carros de guerra, soldados entraram pelas jaulas de feno e acionaram. Havia nove daqueles carros de guerra, trazidos pelos gnomos. Quatro deles estavam apontados para Minotaurus. Quatro para Brobdingnag. Um para nenhum dos

dois.

E então houve um ESTRONDO provocado pelo primeiro carro de guerra.

O feno que protegia a grade evaporou quando as terras erosivas daquele campo tremeram com o som do fim do mundo. A mente dos soldados arzallinos retornou ao momento em que Rei Branford cruzou os céus do campo de batalha nos *Vishnus* gnomos. E tudo passou a fazer sentido.

Rei Branford e sua comitiva...

Um som repetido por todos os outros carros de guerra, menos um.

Sim.

Um som que ensurdecia um inimigo que já estava cego e desorientado o suficiente para começar a imaginar que o domínio soberano de um continente já não estava mais tão próximo como parecia.

Aonde acha que ele está indo?

Um som de pólvora. Um som oriundo de carros de guerra trazidos do único Reino capaz de criar coisas daquele tipo.

Tagwood...

Um som de balas de canhão.

Balas de ferro cuspidas a uma velocidade absurdamente violenta viajaram por dezenas de metros até se **CHOCAREM** contra uma parede de escudos gigante, derrubando seres colossais como se fossem pinos de um jogo infantil. E, se o

estrageo já era grande contra seres daquele tamanho, imagine o estrageo que fazia quando mirado para o exército humano, cego e atordoado pela fumaça negra da guerra incendiária. As balas destroçavam, assustavam, quebravam, estalavam, esmagavam. Soldados minotaurinos tinham partes do corpo afundadas e de uma maneira tão brutal, que não havia nem mesmo o tempo de gritar. E, se houvesse, isso significava engolir uma boa golfada daquela fumaça preta que intoxicava o homem cansado o suficiente até mesmo para desejar estar morto.

O atordoado Imperador Ferrabrás suava frio. O fato era que ali, e somente ali, ele compreendeu que havia sido ludibriado, e liderado *errado*. De fato, se houvesse ordenado anteriormente que seu exército tivesse avançado de forma afoita e tomado Arzallum de uma única vez, ainda que sucumbisse muito de sua vanguarda para a formação pontiaguda do inimigo, ele teria esmagado Arzallum *antes* que o inimigo pudesse usar a ventania a seu favor. Mas a confiança que vem com uma superioridade militar o havia tranquilizado, e o fato de saber que Anísio estava jogando suas fichas em algo *grande* lhe havia dado o temor. Mas Anísio fizera com que Ferrabrás acreditasse que *queria* que Minotaurus viesse para esmagá-lo como um bicho, exatamente o que teria dado a vitória a Minotaurus. Só que fora o contrário.

E era agora a hora de Arzallum avançar.

Coronel Baxter ordenou com todo pulmão que lhe restava ao que sobrara de Arzallum que avançasse. Soldados avançaram em rodopios e entrelaces degolando minotaurinos como se fossem galinhas em um matadouro. *Rodopiar* e *entrelaçar* eram meios de lidar com emergências. Um rodopio que levantasse poeira poderia ser usado para tirar proveito da falta de visão. E, com a fumaça e o desespero que balas de canhão traziam à zona de guerra, nunca, naquela guerra, houve momento tão propício à matança.

Soldados humanos de estandartes diferentes se chocaram e começaram a se bater com armas que já haviam perdido o fio e se tornavam legítimos porretes que esmagavam miolos e membros. Era uma guerra primitiva e violenta, principalmente porque era uma guerra cega. Não apenas no sentido filosófico de *toda guerra ser cega*, mas no sentido de que a fumaça continuava a soprar na direção de Minotaurus, e a Arzallum que avançava também acabava batalhando sem ver muita coisa do campo de batalha. Isso igualava o combate, afinal dois inimigos passavam a lutar de olhos vendados com seus arqueiros bloqueados. E até mesmo tais condições já não eram mais vantajosas para Arzallum, pois era a hora de aproveitar o estrago que balas e canhões haviam feito, e ainda faziam, na parede de seu inimigo, para perfurá-la e vencer a guerra.

Coronel Athos Baxter sentiu o peso da idade de um mosqueteiro que lutara na juventude como um touro, mas na

velhice sentia o peso da idade e do estresse de uma guerra. O ar, de repente, tornou-se rarefeito e o peito *doeu*. As mãos ficaram trêmulas e a pele, pálida. A mão direita apertou o peito, e ele caiu de joelhos, sendo atropelado por soldados em luta.

Escute! Eu também estou com medo!

Quando fechou os olhos e soube que seu coração iria parar, Athos Baxter podia ainda escutar os sons de batalha do exército de Arzallum sobrevivendo mais um pouco através de ordens suas, e aquela sensação foi serena.

Mas, ao menos eu consigo pensar em meio a esse caos!

Mais tarde, quando a guerra terminasse, iriam encontrar o corpo do coronel pálido devido à parada cardíaca, mas com uma expressão suave no rosto.

E ainda consigo liderar um exército, coisa que você não!

Como todos os mortos, fora pisoteado diversas vezes pelos soldados em embate, mas nenhuma arma lhe cortou ou transpassou o corpo, e nenhum inimigo pôde se gabar de ter conseguido tirar a vida de um coronel que morrera fazendo o que mais sabia.

Imperador Ferrabrás começou a gritar ordens para que seu exército saísse da posição quadrangular e assumisse uma formação difusa espalhada. Uma formação que iria desconcentrar a formação densa de seus soldados e, diante do cenário caótico da cortina de fumaça instaurado, igualaria as

condições contra o inimigo no campo cego, talvez, e isso iriam descobrir no fogo, até ao ponto de superá-lo. A estratégia era coerente e fazia sentido. Poderia ter dado certo. Poderia, se nuvens não tivessem rosnado. E a chuva não houvesse descido.

**65**

- Eu não sei se devo admirar ou temer o novo Galford... - disse uma Liriel Gabbiani observando um mar infinito, ao lado do capitão do *Jolly Rogers*.

- Você deve admirá-lo se permanecer como está. Você deve temê-lo se não gostar do que vê... - as frias palavras de Snail Galford ainda arrepiavam Liriel. Ainda a assustavam. E ainda a excitavam.

- Você tem certeza quanto a manter dois inimigos que o odeiam como seus conselheiros-escravos?

- Tenho. Para ser o maior pirata destes mares, preciso aprender com os *piores*...

- E quanto a mim?

- O que tem?

- Você acha que eu ainda tenho alguma função para você?

Afinal, não sou mais sua *sócia*, não é? Você agora está hierarquicamente muito acima das minhas possibilidades para isso...

Snail chegou *quase* a sorrir.

- Eu *preciso* de você, Gabbiani.

- Precisa? - ela perguntou em um tom feminino *propício*.

- Preciso. Porque o caminho que estou seguindo é um caminho perigoso. Eu estarei entre os piores para ser o melhor entre eles, e posso acabar vendendo minha alma nesse processo.

Você é o pilar que irá manter alguma humanidade em mim, através do caminho que vou seguir...

- Pensei que já houvesse vendido a alma... - o comentário era inteligente.

- *Ainda* não... - ele disse, divertindo-se.

- Então... em nome da humanidade que manterei em você... eu poderia saber como? - Snail olhou para ela de lado. - Ora, vamos! Eu não conseguirei dormir sem saber! *Como* você conseguiu arrastar o gordo Mee contigo para o fundo do mar?

Quer dizer... eu sei que você *rouba* técnicas alheias por aí, mas...

-Você quer saber se eu *roubei* suas habilidades psíquicas?

Não, *nem eu* seria tão bom..

- Então *como*, seu metido?

Snail dessa vez sorriu de verdade. Era aquilo a que ele se referia quando falava da humanidade que ela manteria nele.

- Se não estivesse concentrada em explicações fantásticas, você saberia a resposta. Eu já havia explicado a você quando tiramos Hawkins da prisão...

Os olhos de Liriel se desfocaram, buscando a memória acelerada. E então se arregalaram.

Mas que maldição de corda é essa?

Era óbvio. É claro que era óbvio.

É corda fria.

No momento em que Snail deixou a bola de ferro cair no pé do gordo Mee, ao se encaminhar para a prancha, ele se abaixou próximo da perna do falecido.

Não se fabrica, ao menos não nos meios normais. Na realidade, não é exatamente uma corda, é um organismo inteligente utilizado para amarrar criaturas.

Próximo o suficiente.

Ela é quase invisível aos olhos e impossível de ser partida.

Você nem mesmo a sente na pele.

- *Pai...* - cortou a conversa receoso o jovem Twist, atualmente o capitão preferido de Snail, promovido a um de seus líderes da tripulação. - Desculpe interromper, mas... que direção devemos seguir?

- Iremos para o noroeste. - disse um Snail Galford triunfante. -

Que se dane a guerra dos Reis! Nós iremos atrás do Grande Tesouro de Flint...

O jovem se retirou sorridente, e Liriel bem observou a reação de idolatria que aquela tripulação tinha diante da figura de Galford.

- Sabe como a tripulação anda chamando você? - ela perguntou. - Galford, o Sobrenatural.

Snail voltou a observar o mar infinito, para onde seguia em

busca do maior tesouro do mundo, e sorriu largo.

- Eu *gosto*. Sabe, todo pirata é conhecido por uma alcunha. E *gosto* dessa. Mas prefiro que seja citada na linguagem de meus antepassados; os bisavôs de meus pais. Eles tinham uma palavra para isso... para *algo que não podia ser explicado...* para algo *sobrenatural...*

- E como é esse nome antigo pelo qual quer ser conhecido?

Snail se virou para ela. Os corpos estavam próximos. E havia um sorriso largo nos lábios dos dois. Naquele momento, nascia a alcunha de um nome que iria povoar as histórias dos bardos ao longo de séculos.

Havia nascido Snail, o Sobrenatural.

E como é esse nome antigo pelo qual quer ser conhecido?

Havia nascido Galford, o Simbad.

**66**

- Vão! Vão e ataquem o flanco de Minotaurus! Ataquem o flanco! O flanco! - gritou o Rei para os cavaleiros próximos de si, que observavam balas de canhões destruindo paredes de gigantes temerosos. Como dito, gigantes tinham receio de magia, e bolas de ferro cuspidas por coisas trazidas do céu se equiparavam ao imaginário de uma bola de fogo cusvida por um dragão.

Os cavaleiros partiram, e, de frente para Brobdingnag, sobrara apenas um Rei e um Mestre Anão.

- Parece que somos apenas nós dois contra muitos mais uma

vez, Mestre Ira.

- Nunca sei quando está sendo audacioso ou estúpido no campo de batalha. - O anão escarrou no chão, quando a chuva começou a molhar o corpo aumentando o estalar das gotas se chocando no solo árido. - Ao menos prefiro batalhar ao seu lado no dia de hoje, do que no da última vez...

- Ainda que estejamos desta vez diante de gigantes?

- Ao menos desta vez está vestido...

E em uma situação absurda, em pleno campo de guerra, sem um cavalo ou aliados diante de um exército de homens com três vezes a sua altura, um Rei a cada dia tão grande quanto o próprio pai gargalhou. A risada correu em eco por aquele campo de batalha a cada momento tomado ainda mais pela chuva e arrepiou gigantes que passaram a temer dois guerreiros três a quatro vezes menores do que eles.

A chuva que chegara limpava a visão de um campo de batalha inicialmente dominado pela terra, depois pelo vento, depois pelo fogo e então pela água. Cavaleiros começaram a correr na direção dos flancos de uma Minotaurus assustada, que começou a tombar e tombar e tombar diante de arzállinos ferozes que passaram a acreditar que sobreviveriam a um combate praticamente perdido para contar a façanha do triunfo.

A chuva, porém, também limpava a visão dos arqueiros. As bestas de Minotaurus foram erguidas e zuniram pelo campo

matando mercenários e, às vezes, até minotaurinos, por acidente. Balas de canhões foram lançadas em suas direções, e apenas a possibilidade de ser acertado por uma arma destrutiva daquelas já causava caos a um sistema de combate que necessitava da disciplina. Ainda assim, parte dos arqueiros de Minotaurus armaram bestas e atiraram setas afiadas na direção dos carros de guerra, perfurando o feno e matando os soldados que utilizavam os canhões, deixando-os como espetos humanos de um açougue de abutres dentro daquelas carroças.

Rei Anísio e Mestre Ira partiram solitários na direção de centenas de gigantes assustados e começaram a dançar. A espada de Anísio se concentrava em decepar pernas; o martelo de Ira, em amassar membros e arremessar corpos sobre outros. A espada dançava no infinito, o martelo girava em círculos. Um, dois, três, dez, quinze; era uma visão incrível ver dois homens tão pequenos em tamanho colocarem no chão dezenas de seres maiores, temerosos de suas origens... *estranhas*.

Por que não usar o...

E, se eles temiam magias sombrias, ainda não haviam visto o principal.

Ainda não.

Mas iriam.

- É agora! - gritou Rei Anísio, e então Mestre Ira soube que iriam vencer. O martelo subiu e explodiu no chão em um

estrondo que não fazia sentido para quem guerreava. Mas significava um sinal para quem estava em paz.

E, então, o único carro de guerra que não estava virado para nenhum exército, o único que não possuía ninguém ao redor e o único que não havia sido atingido por dezenas de flechas, EXPLODIU de dentro para fora, espalhando pedaços para todos os cantos.

E revelando um ser.

Um ser pequeno e de aparência de centenas de anos, com uma bengala e aparência suja que nem mesmo a chuva parecia ser capaz de tirar. Um ser capaz de falar com os mortos e murmurar palavras sombrias em campos de batalha que poderiam mudar os rumos de uma guerra. Um ser conhecido como Mestre Dunga entre os homens.

Mas como Mestre Sórdido entre os anões.

O que aconteceu naquele campo a partir daí pode ter sido invenção e composto de muito floreio da parte dos bardos, mas *quem* poderia culpá-los por isso? Pois o que dizer quando um Mestre Anão de aparência frágil e suja surgiu de uma carroça de feno inútil para... bem... o fato foi que as palavras foram sussurradas. A chuva aumentou sua intensidade. Todos os corações presentes se aceleraram.

E os olhos de Mestre Sórdido brilharam uma luz escurecida e acinzentada.

Foi o momento... foi o bendito ou o maldito momento em que

alguns dos mortos se levantaram, com o símbolo de Arzallum no peito. Mortos sem partes do corpo, mortos perfurados, esmagados, cortados e com membros expostos. Mortos que se erguiam como um exército que não aceitava permanecer de fora da guerra enquanto ela não terminasse, e que lembravam bem quem os havia matado. Gigantes travaram quando arzallinos se levantaram gemendo murmúrios e começaram a cortar-lhes as pernas.

O corcel de Rei Anísio se levantou com os olhos igualmente cinzas e correu até seu senhor. O Rei de Arzallum montou em seu cavalo-fantasma, e, no momento em que partiu como um demônio na direção dos gigantes, Brobdingnag sabia que iria perder aquela batalha.

Os milhares de minotaurinos que batalhavam do outro lado começaram a ser espremidos em uma armadilha macabra. E a capitã Bradamante e o capitão Gulliver, que avançavam com gosto para trucidar o inimigo, enfim entenderam mais uma ação visionária e polêmica de seu Rei.

Iremos perder muitos soldados nesse avanço louco, não?

A frente do exército assustado de Minotaurus, o exército *vivo* de Arzallum avançava. Na retaguarda desse mesmo exército assustado, o exército *desmorto* de Arzallum o esperava para matá-lo pelas costas.

Sim. Eu até conto com isso para a vitória.

Os arqueiros começaram a largar os arcos e a correr como

crianças, gritando e implorando por misericórdia e sanidade.

Conta com a morte de nossos soldados?

Soldados minotaurinos descobriram na prática da loucura que

um golpe bem dado, usando uma espada cega como um

porrete, devolvia os mortos para... a morte. E isso seria

relativamente possível de enfrentar se tal exército *desmorto*

estivesse à sua frente. Mas os mortos que se levantavam eram

os mortos que já haviam sido pisoteados e estavam na linha de

trás.

Estamos em guerra, capitão Gulliver! Homens irão morrer

aqui hoje.

Como se tudo fosse esperado.

Mas vou garantir que suas mortes sirvam à glória deste país...

Foi dessa forma. Foi dessa forma que o exército de

Minotaurus começou a ser esmagado em duas frentes, até que

seus soldados desistissem e aceitassem a rendição. E foi assim

que seres *desmortos* atacaram seres gigantes que temiam

magias sombrias, e que cavaleiros, mercenários e guerreiros

empolgados o suficiente com a vitória continuaram a correr

para se juntar a um Mestre Anão movido por ira e que

batalhava ao lado de um Rei visionário que cavalgava um

corcel fantasma. Ao contrário de minotaurinos, nenhum

gigante iria se render ou aceitar uma rendição, e os que não

foram exterminados nem caíram com pernas decepadas pelo

campo de batalha resolveram recuar e fugir, na primeira vez

na história do mundo que um exército colocava Brobdingnag para fora de um campo de batalha.

-Anísio... - disse um capitão Lemuel Gulliver se aproximando de um Rei Branford triunfante, mas preocupado. - Vossa Majestade sabe que vencemos aqui, mas...

O Rei sabia. Havia ainda a criança em posse de Brobdingnag.

E não apenas isso.

E se mais gigantes descerem de Brobdingnag?

Havia ainda a possibilidade de Brobdingnag descer por completo de seus Reinos superiores, e então Arzallum não teria como juntar mais forças para enfrentá-los nem com a ajuda de seus mortos.

Então nós rezaremos por um milagre.

Anísio Branford, porém, havia visto muita coisa naquela vida para não acreditar naquelas palavras.

Como se reza por um milagre em pleno campo de batalha?

E fazê-las valer a pena.

Fazendo a nossa parte e esperando que o Criador faça a Dele.

De início, as primeiras imagens naquele céu sombrio e chuvoso pareciam alucinações de homens que viram a morte de muito perto. Elas começavam como sombras indefinidas e tomavam de assalto a visão do bom homem, que, ainda que seja bom, é capaz de matar na guerra. E de desejar sobreviver para viver um dia a mais. O barulho era como o de bater de asas de centenas e centenas de pássaros, um assobio suave e

ao mesmo tempo incisivo, que suplantava o cheiro de sangue ao redor da terra molhada de suor. Cinza. E chuva.

A visão trazia alívio através da força e do impacto. Só isso poderia descrever o que foi para aqueles homens ver passar por cima de suas cabeças rodeadas por nuvens em círculos de chuva a imagem de mil e quinhentas fadas-amazonas, vestidas em armaduras feéricas e com varas de guerra acesas e prontas para o combate, montadas em dragonesas. Guerreiras em formas femininas que traziam o inimaginável a um campo em que a crença cada vez mais se dissolvia de maneira tão rápida quanto a esperança, que voltou a brotar no mesmo âmago em conflito.

Era isso o que significava ver passar por cima de sua cabeça mil e quinhentas fadas-amazonas prontas para a guerra.

No centro delas, oito grifos trazendo nas costas nove personalidades. Seis elfos encoleirados, crescidos e raivosos, buscando sangue como animais carnívoros recém-nascidos.

Havia um Elfo-Rei com a união das correntes de suas *crias* nas mãos. E havia um príncipe humano, o único do mundo casado com uma princesa élfica do Nunca. Era difícil para as pessoas abaixo reconhecerem Áxel Branford em meio àquele pandemônio que delimitava a supremacia. Difícil, a ponto de quase ser impossível, a não ser que toquemos nos planos da esperança que alimenta os sonhos. Mas, no coração de um deles, essa certeza era plena e incontestável. Ela não precisava

ser compartilhada, mas apenas reverberada dentro daquele âmago em vibração. Rei Anísio Branford sabia que seu irmão havia chegado, e que havia cumprido o destino que precisava cumprir.

Brobdingnag é realmente páreo para Arzallum, não é, meu Rei?

A vitória de Arzallum enfim era possível.

**67**

Brobdingnag, pela primeira e única vez em toda a História de Nova Ether, *tremeu*.

Foi no momento em que gigantes que se preparavam para descer e reforçar companheiros no campo de batalha das Terras Mortas que descobriram que sua própria capital já iria começar a merecer a mesma alcunha. Monumentos e construções milenares de centenas de metros de Lorbrulgrad se despedaçaram quando o poder destrutivo de mil e quinhentas fadas tomou por assalto a capital do Reino gigante, lembrando a fúria de um agricultor que destrói um formigueiro que acabou com sua colheita. Gigantes gritaram e, na maioria das vezes, não eram gritos de guerra, mas de desespero. Eram gritos que não eram de costume; gritos que causavam naquele povo um arrepio muito maior do que deveriam, não porque não fossem justificados mas porque simplesmente não eram conhecidos de uma cultura acostumada a provocá-los.

Fadas com varas acesas de guerra perfuravam crânios; desviavam-se de ataques controlando dragonesas nascidas do ventre do mais poderoso *Dragão de Éter* do mundo, a dragonesa Tiamat; zuniam como insetos gigantes que sabiam bem o que buscavam. No centro de uma praça de bancos, monumentos e estátuas de seis metros, fadas em dragonesas passaram em rasantes que ergueram poeira, viraram os bancos e destruíram monumentos. Um soldado gigante tentou usar um martelo de guerra e acertou duas fadas-amazonas em vôo, antes que uma vara de guerra lhe arrancasse um olho; duas fadas-amazonas EXPLODIRAM a vidraça de um palacete de três andares; cortaram gigantes no caminho e EXPLODIRAM novamente as vidraças do outro lado quando saíram; dragonesas mastigaram gigantes feito imensas cobras engolindo humanos; no centro de Lorbrulgrud, uma tropa de choque responsável pela ordem na grande capital se posicionou com escudos de mãos em formato octogonal, esperando o conflito, e fadas-amazonas moldaram a energia de pequenas varas de guerra em forma de espadas, cortando como manteiga o metal e os braços que deveriam ser protegidos; em outro ponto, varas de guerra foram transmutadas em grandes marretas apenas para que telhados de grandes tabernas fossem destruídos na passagem em vôo; algumas entraram por paredes de estalagens DESTRUINDO blocos de concreto reforçados; outras raspavam lâminas em

forma de energia por vitrais de igrejas simplesmente para destruir ídolos de semi-deuses esquecidos que não deveriam ser cultuados.

Uma estátua de bronze de noventa metros com o corpo de Rei Blunderbore em posição magnânima teve a cabeça bruscamente arrancada pela princesa élfica Livith, erguida e arremessada em pleno centro comercial de Lorbrulgrud, como mostra do real poder do novo mundo. Lirath, a irmã da princesa, desfilou pelos céus exibindo um brasão de Brobdingnag ardendo em chamas.

O maior alvo, contudo, não eram estalagens, nem monumentos, nem tabernas, nem igrejas, nem estátuas. O grande alvo estava ao fundo, e onde não apenas fadas-amazons como elfos crescidos, sedentos por morte, voavam em grifos poderosos: o grande símbolo de Lorbrulgrud, a morada de Blunderbore, o cativo da criança humana que iniciara a guerra do mundo.

O imponente Palácio Impico.

Soldados de elite de cinco metros de altura se posicionaram em formação esperando o choque. A visão, não apenas das fadas de guerra em vôo mas daqueles malditos elfos crescidos parrudos e demoníacos se aproximando em velocidade crescente com caninos pontiagudos, iria fazer humanos correr.

Humanos, talvez.

Gigantes, não.

Os grifos estavam a poucos metros do encontro com os soldados em formação. Rei Petter Pendragon apertou o mecanismo que segurava e concentrava os grossos anéis metálicos que prendiam as outras pontas no pescoço de suas crias, puxou, girou e então os puxou violentamente mais uma vez.

O resultado foi que as correntes nos pescoços dos elfos crescidos se soltaram. E a Guarda Real gigante conheceu uma parte de Aramis em Nova Ether.

Brobdingnag é páreo para qualquer nação.

Os seis elfos animais saltaram como lobos no meio daqueles gigantes assustados. Quase todos os imensos soldados já haviam batalhado - e se ali estavam é porque, o mais importante, haviam *sobrevivido* - contra elfas-amazonsas em outras épocas. Já haviam visto o Elfo-Rei caminhar por um campo de batalha, impedido de voar. Mas nunca, nunca haviam visto o que era enfrentar uma pequena tropa de elfos muito mais próximos de bichos do que de seres racionais.

Nenhum exército é capaz de galgar os céus com facilidade, e fileiras de soldados unidas não possuem a força de um único soldado desta nação.

Os seis *perdidos* rosnavam, cravavam garras em olhos, perfuravam pescoços com caninos e devoravam os pedaços de carne que vinham com eles. Giravam e pulavam e empurravam, e a força que vinha de dentro do que quer que

tivessem passado a ser era descomunal, suprema a ponto de igualar uma força gigante. Fadas-amazonas e suas dragonesas reforçavam o embate, girando a energia de varas de guerra transmutadas em chicotes, maças, espadas, martelos, lanças e tudo o mais que a mente de uma fada de guerra pudesse dar forma e com o que ela pudesse se sentir bem para matar.

Grifos que não tinham mais elfos nas costas saltavam sobre gigantes caídos e lhes devoravam pedaços, satisfeitos como em um imenso e macabro banquete.

Ainda montados em seus grifos, porém, Áxel Branford e Rei Petter Pendragon invadiram o Palácio Impico ao lado de elfas-amazonas furiosas, destruindo portas de madeira grossa, obras de artes históricas da cultura gigante e servos que tentavam lhes bloquear os caminhos. Nas mãos de Petter Pendragon, a imensa espada mística de duas mãos cortava cabeças de gigantes, enquanto o Elfo-Rei mantinha os olhos acesos e os caninos à mostra, emitindo grunhidos que nem mesmo os homens saberiam repetir em batalha.

Enquanto avançavam, *ainda* escutavam os gritos da Guarda Real sendo morta por elfos crescidos, seus grifos famintos e suas fadas eufóricas. E foi quando os grifos começaram a galgar escadas em que crianças humanas poderiam brincar de corda, e foi quando gigantes conhecidos por nunca recuar temeram continuar a enfrentar elfos crescidos sanguinários e ser mortos por fadas-amazonas em frenesi de batalha, que os

dois momentos mais dramáticos daquela invasão aconteceram.

Primeiro foi Áxel Branford.

Invadindo corredores montado na assustadora criatura fantástica e afastando servos reais e soldados gigantes comuns à simples visão, Áxel se dirigiu com outras fadas-amazonas ao redor na direção dos quartos reais. Rei Petter Pendragon, porém, não foi com eles. Eles passaram pelo quarto do Rei e testemunharam uma Rainha de quatro metros de altura chorando como uma criança, acuada em um canto abraçada a jóias que valiam fortunas naquele Reino e seriam incalculáveis em Reinos abaixo. Uma Rainha em desespero sem seu Rei.

Avançaram para os próximos quartos e enfim encontraram o que haviam ido buscar: o pequeno Jack Spriggins, de cinco anos, assustado e com lágrimas nos olhos diante da mãe Mary Burton.

A mesma mulher que segurava uma faca à frente do pescoço da criança.

- Não se aproxime dele... não dele... - disse a voz trêmula da mãe. Ao fundo, na sala, havia ainda Iddian-Si, a temida Mãe Gorda. Usava um vestido maltrapilho que poderia cobrir crianças e agitava chocalhos com penas e pedaços de pele.

- Mataria seu próprio filho, Mary Burton? - perguntou a voz conciliadora de Áxel.

- Se fosse para vocês não o terem...

A criança continuava a chorar. A Mãe Gorda começou a fazer caretas e amaldiçoar Áxel na língua-alta, e a voz começou a ficar estridente o suficiente para irritar.

- Alguém cale a boca dessa maldita bruxa...

Elfas-amazons rapidamente acataram a ordem do príncipe.

Não a mataram, mas fizeram com que a bruxa gorda o desejasse.

E, no fim de tudo, caso Mãe Gorda esteja errada, ela própria sabe que eu mesmo irei cortar sua cabeça...

Áxel, entretanto, tinha outra preocupação por trás de gritos de espancamento da velha bruxa:

- Jack... eu vim levá-lo para seu pai...

A expressão do menino, por um momento, travou. E o mundo, se sua mãe não estivesse com uma faca lhe roçando a garganta, teria passado a ser bom.

- Não, você não vai levá-lo... eu fui a escolhida para trazer o avatar...

- Não. Você *não* foi...

Mary Burton emanou uma expressão de terror imediata.

Talvez porque aquela possibilidade jamais pudesse ser aceita; talvez pela expressão contundente de Áxel Branford.

- Você não irá me confundir, príncipe! - a voz trêmula gaguejava. - Este é meu filho; ele é o novo Cristo...

- Petter Pendragon foi até o Conselho, e mesmo você não é estúpida o suficiente para negar o poder do Pendragon. Eles

acionaram os círculos. E o Pendragon mais uma vez falou com *Dragões de Éter*. - O som daquelas palavras *tremia*. A lâmina, também. - Eles ratificaram que a escolhida para a vinda do avatar possuirá *sinais*. Possuirá chagas do Cristo queimado na fogueira! Chagas que você *não* tem...

Os dentes da mulher começaram a tremer por estresse. Os olhos arregalados da pessoa em choque.

- Ele agora sabe *onde* o avatar irá nascer, Mary Burton! E *não* foi você a escolhida...

- Não, seu maldito! - ela gritou apontando a faca para Áxel. - Este menino é Merlim Ambrosius de Avalon, e eu sou a escolhida que...

- Não... - disse Áxel com um sorriso nos lábios de quem sabia que o mundo já era dele. - Você *não* é...

A vidraça do quarto EXPLODIU com um *kiai* de semi-deuses, quando um rastro incandescente cruzou o salão em velocidade sobrenatural, arrancando a faca trêmula esticada na direção do príncipe. Tuhanny, a águia-dragão, girou pelo palacete com a arma no bico e, quando a arremessou longe, o menino de cinco anos já havia corrido para os braços de Áxel Branford.

- Não... você está mentindo... é mentira... é mentira... tem de ser mentira... - dizia a voz de uma mulher rendida e estirada ao chão, em uma cena dividida entre a vergonha e a pena. - Tem de ser mentira...

- Este é apenas um menino humano que está no lugar errado -

disse um príncipe com uma criança nos braços, abraçado a ele como um salvador do mundo. - Este é apenas um menino curioso e inocente, que foi além de onde deveria. Este é apenas um arzallino que está voltando pra casa...

E toda uma nação retornaria com ele.

Rei Petter Pendragon abandonara seu grifo devorando guardacostas de Rei Blunderbore, enquanto se posicionava na sacada mais alta do Palácio ímpico. Estavam a muitos e muitos e muitos - e coloque ainda muitos - metros de altura. Havia um vão enorme entre eles, e Blunderbore com seus imensos seis metros estava um nível acima em um compartimento arredondado, o cômodo mais alto de todo o palácio, onde diziam que guardava seus troféus de guerra mais preciosos. O local pelo qual Petter Pendragon *cresceu* elfos e ao qual batalhou para chegar.

- Me entregue... - disse o Pendragon em erdim. Blunderbore entendeu o sentido da frase.

Mas se recusou.

- Me entregue...

No salão atrás do Rei gigante, havia relíquias que contavam a história do mundo, no entanto havia apenas um embrulho em suas mãos, do tamanho de uma estátua humana. Do tamanho de um corpo humano.

De onde vem esse receio mais forte do que o desejo de ir buscar de um Rei que lhe deve a vida o que lhe é seu por

direito?

Do tamanho de um cadáver humano.

- Poderia digladiar e decidir quem de nós viveria hoje, Elfo-Rei! - disse o Rei gigante com a voz monumental. - Mas não farei isso. O que quero que veja hoje é apenas que toda a sua jornada, e toda a sua petulância de vir até aqui, foi em vão. Eu quero que veja que este troféu nunca foi e nunca será seu! Eu quero que você veja essa imagem antes de tentar dormir! Eu quero que veja que você fracassou...

Eu sou o príncipe do Reino que está neste momento lutando contra a mesma raça que mantém o corpo da mulher que você diz amar como um troféu!

O corpo morto que estava roto nas mãos do Rei gigante foi descoberto e o coração de um selvagem Petter Pendragon *doeu*. O Elfo-Rei BRADOU em fúria.

E você acha que isso não me atormenta todos os dias, seu maldito atrevido desgraçado?

Nas mãos de Blunderbore, o corpo embalsamado de Wendy Darling.

Rei Blunderbore, na sacada mais alta do Palácio Ímpico, arremessou o corpo que estava em suas mãos na direção do vão entre o gigante e o elfo crescido que não podia mais voar.

Elfas-amazons podem voar se quiserem?

O instinto animal de Petter Pendragon assumiu o controle e, rosnando como um bicho, o Senhor dos Dragões correu.

Correu como um elfo preparado para a guerra, correu como um homem amadurecido para o mundo, correu como uma criança assustada com o titubear da inocência.

Nós somos instrumentos de guerra. Não é possível coabitar em um mesmo corpo guerreiro tanto a fúria necessária para a guerra quanto a pureza necessária para a flutuação.

O elfo iria assistir ao corpo do único amor de uma vida eterna espatifar-se diante de uma queda que ele não poderia mais impedir. Pois não era mais puro o suficiente.

Não?

E foi quando uma força se apossou de um corpo bruto e de uma mente de guerra, em um instante que poderia mudar a energia do mundo, e trouxe à tona de volta não o ímpeto do crescido que vive a vida como se fosse o último dia, mas o da criança que vive cada dia como se fosse o primeiro.

Acaso acredita que seria?

Um sentimento que não trazia o desespero do fim; mas o fascínio do início.

Sua cultura me ensina a cada dia que nada é impossível em terras como estas.

O Elfo-Rei correu e gritou a cada passada. Os gritos não distinguiam se eram de choro ou de dor.

Se eram de um homem ou de uma criança.

Eu não estava vivo para ver esses tempos de guerra passados, mas conheço a complexidade que existe nos sentimentos

humanos e os temores que correm no coração de minha raça.

Se eram de uma criança guerreira ou de um adulto inocente.

Somos apegados realmente aos nossos próximos; apegados a ponto de temer por eles e a ponto de temermos morrer e deixá-los...

A dor começou primeiro pelo coração e então se espalhou pelo resto do corpo como se viajasse através do sangue.

Para nós, um amor materno, ou um amor fraterno, ou um amor romântico, não é algo que enxergamos como mera responsabilidade.

Aquilo começou a pulsar a cada passada; a cada conflito que se dividia entre o empenho e o desespero; entre a loucura e a fé. E continuou a se espalhar e se espalhar e se espalhar. Tudo aconteceu em frações de segundo, mas o mundo pareceu correr tão devagar naquele momento, que cada fração desse segundo era valiosa demais para ser perdida.

É algo que dá sentido à nossa existência.

Foi o momento em que o Elfo-Rei, o primeiro elfo crescido do mundo, gritou uma última vez quando todo aquele sentimento começou a se alojar no mundo que carregava nas costas, e enfim o motivo daquele grito foi reconhecido. O grito era por amor.

Talvez a única coisa que dê sentido à nossa existência...

No momento em que as costas do Senhor dos Dragões começaram a ser cortadas *por dentro*, ele só conseguia

enxergar o sentimento que pulsava por uma mulher. E apenas semideuses podem dizer o que foi que aconteceu quando as costas foram *rasgadas*, a camisa foi destruída e asas de dragões retraídas que lembravam seres superiores nasceram do coração para as costas de Petter Pendragon no instante em que o elfo saltou em sacrifício para o vã da morte, *simplesmente* com o intuito puro de agarrar o corpo de Wendy Darling sem que o resto da vida - ou da morte - tivesse maior importância. E a linha que ligasse a vida e a morte não fosse mais tão tênue, nem distante da energia de amor que corre ao longo dos círculos de vida de todo ser vivo.

Raças diferentes tendem a trocar culturas.

O tempo parou e pareceu caminhar, na mesma velocidade lenta que correm os melhores momentos do mundo, quando os amantes, tanto o que estava vivo quanto o que já não estava mais, encontraram-se de maneira sublime. O elfo agarrou o corpo humano que caía feito um homem que ergue uma mulher no colo, e aquele momento não se mostrava um momento de rancor, ou de inocência, ou de loucura, ou de desespero, ou de qualquer outro sentimento puro ou destrutivo. Foi apenas um momento de sentimentos plenos. De sentimentos intensos.

Sentimentos manifestados pela vontade e ilimitados pela fé.

Aqui tudo está ligado a ser capaz de voar ou não, não é?

Um Rei gigante se sentiu pequeno quando percebeu que fora

derrotado em todos os sentidos da guerra por um ser vivo que, não importasse idade ou tamanho, *sempre* fora maior do que ele.

Aqui tudo está ligado ao que se está destinado e a quão pura a sua vibração se mantém...

Petter Pendragon olhou para o coro embalsamado de sua Wendy nas mãos e se esqueceu de que o resto do mundo, ao contrário de seu coração, *ainda* estava em guerra.

Qual mulher não gostaria de mexer com um homem a ponto de ele mover uma guerra por ela?

E foi assim que o elfo crescido, com lágrimas de crianças nos olhos, voou.

**68**

Com lágrimas que se misturavam à chuva, arzállinos que esperavam a morte viram seus mortos serem devolvidos ao mundo espiritual e em seguida marcharam ao lado de seu Rei na direção das paliçadas de onde retiraram estandartes de guerra e disseram ao mundo quem vencera a grande batalha daquela Primeira Guerra. Sobreviventes se abraçaram e rezaram aos mortos e continuaram a chorar simplesmente porque estavam vivos para celebrar a vida em um mundo rodeado de morte.

Aquelas paliçadas tinham a forma de círculos, e naquele momento era assim que parecia a forma do mundo. A forma de círculos de guerra. De círculos de sangue. De círculos de

ação. De círculos de runas. De círculos de morte. O enlace formado pelos braços dos vivos, porém, lembrava outros sentimentos. Pois lembrava a forma de círculos de corações que batiam forte. E batiam vivos, abençoados por semi-deuses.

A forma de círculos de esperanças. A forma de círculos da vida.

A forma de círculos de chuva.

**69**

Muitas batalhas além das que aqui foram narradas aconteceram em Nova Ether. A Aliança de Arzallum venceu algumas dessas batalhas, mas nem todas. A vitória improvável de Arzallum, porém, foi determinante para que o mundo compreendesse que Rei Anísio Branford não apenas era por direito o Rei do Mundo como também estava prestes a conquistar o impossível: se continuasse sua escalada meteórica, tornaria sua figura historicamente superior à figura do pai.

O capitão Lemuel Gulliver teve a guarda do filho resgatado de volta pelas mãos de Áxel Branford e foi convidado a se reintegrar ao exército de Arzallum. Todos os sobreviventes - fossem soldados, fossem mercenários - foram tomados como heróis e agraciados com títulos, medalhas e pedaços de terra. Gnomos receberam permissão, e o ouro conquistado na guerra foi utilizado para financiar a revolução que a tecnologia

gnoma iria trazer ao continente do Ocaso. O Rei assumiu um débito com Rei Kraken de Atlântida e estabeleceu um pacto de aliança para o dia em que precisassem de Arzallum.

Nenhum mercenário pirata foi encontrado vivo.

O Imperador Ferrabrás tentou escapar do campo de batalha, mas foi capturado por soldados de Stallia em outras zonas de combate, comandados por um ainda irritado Will Scarlet.

Levado para o julgamento nas leis stallianas, Ferrabrás teve de se contentar em ser julgado pelo parlamento cujo líder esbarrava na figura de Robert de Locksley, o mesmo ex-prisioneiro e figura lendária que caçara por anos e tentara condenar à morte nas leis de Minotaurus. Locksley afirmou que, se os tempos fossem outros e ele não houvesse visto a vida através de novos olhos, Ferrabrás já estaria sendo julgado sob o pedido de pena de morte. Entretanto, afirmava que Ferrabrás teria um julgamento militar com direito de defesa perante uma bancada com Reis ou representantes dos Reinos vencedores.

Obviamente, a pena de morte nunca estaria descartada.

A capitã da Guarda Real, a campeã de Arzallum Bradamante, depois da brilhante atuação diante de um campo de batalha perdido à espera de seu Rei, foi condecorada major Bradamante. A cerimônia aconteceu na presença de todos os grandes líderes militares de Arzallum, inclusive de Lorde Wilfred de Ivanhoé, Sabino von Fígaro e capitão Ruggiero,

poderosos comandantes dos Cavaleiros de Helsing, vitoriosos na batalha ao lado de Orion contra Gordio.

Era a primeira vez na história militar de Arzallum que uma mulher adquiria tal título.

Ela dedicou o título à memória do coronel Athos Baxter, afirmando que "mesmo um homem que não saiba viver, ou não saiba *mais* como viver, poderia aprender, mesmo que no fim, como morrer".

Ariane Narin foi libertada sob ordens diretas da Rainha Branca Coração-de-Neve. Houve outro encontro entre ela, Madame Viotti e a mãe da menina, Anna Narin, um encontro que todas imaginavam que a soberana marcara para se desculpar por não tê-las escutado ou qualquer coisa do tipo. Branca Coração-de-Neve, porém, em nenhum momento pedira quaisquer desculpas, afinal, em sua posição de Rainha, fizera tudo o que podia com as informações que possuía.

Informações que a estavam pondo à prova desde que a condessa Helena Bravaria tentara seduzir seu pai e se tornar sua madrasta, penteando seus cabelos diante de um espelho para um trabalho de magia escura. Informações que a cada dia lhe faziam mais falta.

Informações que pretendia *ampliar*.

Quando Madame Viotti, Anna e Ariane Narin compreenderam o que aquilo significava, o mundo já não era mais o mesmo. O éter parecia mais sublime.

E o *coven* de bruxas brancas havia ganhado sua mais influente integrante.

Depois de sua atuação diante da liderança dos aprendizes de cavaleiros e da entrega do risco da própria vida pela de sua Rainha, João Hanson foi liberado de suas atividades de escudeiro por seu tutor. Com a ascensão militar de Bradamante Fiorestina, que ainda continuava a campeã de Arzallum, o cavaleiro Rinaldo Grimaldi fora condecorado como o novo capitão da Guarda Real, que devia a João Hanson também o sacrifício em prol da vida de sua senhora Almirena.

João se arrepiou quando chegou na fazenda de seu senhor para se dirigir ao estábulo onde dormia e Rinaldo disse-lhe em bom humor que, se voltasse a fazer aquilo e passasse a não entrar pela porta da frente naquela casa, iria *enfiar-lhe um golpe na nuca*.

Escudeiro entra pela porta dos fundos da casa de um cavaleiro. Foi só então que João compreendeu que não era mais um escudeiro.

Lugar de escudeiro é junto de bicho, e de toda ralé a que ele pertence. Compreende?

Ao entrar na casa, o coração voltou a balançar e a pele se arrepiou quando viu lhe esperando, no interior dela, todos os seus companheiros escudeiros - mesmo os invejosos - que sobreviveram e haviam sido por ele liderados. Havia ali os

gêmeos Darin, como também sua mãe, Érika, havia a irmã

Maria e havia Ariane Narin. Havia o menino-espectro

Geppeto, que poucos poderiam ver.

Como se isso não bastasse, havia ainda o general, magistrado

e Lorde Wilfred de Ivanhoé.

Todos pareciam sérios e ansiosos, sem saber se João seria

congratulado ou punido por suas ações.

-Apresente-se, Hanson... - disse a voz de Rinaldo Grimaldi de

mãos dadas com Lady Almirena. Ariane *ainda* olhava

atravessado para a jovem.

João Hanson se aproximou e se pôs em posição de sentido.

- Senhor...

- Milady... - Rinaldo disse em autorização à prometida.

- Em... meu nome e de meu amado, gostaria de agradecer por

ter dedicado tua vida à segurança de tua antiga senhora. - disse

Almirena com os olhos baixos.

Rinaldo não deixou de prestar atenção em cada reação de

João. Ninguém daquele salão deixou.

- Irei iniciar os preparativos de minha união definitiva com mi-

lady Almirena Goffredo, a farei minha mulher e mãe dos meus

filhos, e gostaria que você estivesse presente em tal momento

como minha testemunha.

João se assustou; testemunhas de casamento de cavaleiros

costumavam ser apenas... bom..

- Será uma honra, senhor...

- Há algo que você gostaria de me dizer antes de liberá-lo de minha tutela e devolvê-lo a Lorde Wilfred de Ivanhoé?

João Hanson olhou para Lady Almirena, e o estômago ferveu pelo conflito.

Tu ficas melhor sem armadura...

Ele deveria dizer a seu senhor que a mulher que amava havia flertado consigo?

Você disse que Ariane acha que interrompeu um beijo de você e tal lady, não é?

Deveria dizer que quase havia sucumbido e caído em tentação com a futura esposa de seu senhor?

E se ela não tivesse aparecido?

Contar *aquilo* na frente de todas aquelas pessoas, inclusive de seus tutores, seria acabar com a própria honra, seria jogar para o alto tudo o que havia conquistado e estava conquistando.

Seria abdicar de toda glória, de todo prestígio, de todo respeito. Seria tornar-se um pária, seria envergonhar o sobrenome da família e perder o sustento de sua casa. Contar seria isso.

Ficar calado seria trair o código de escudeiro e cuspir na confiança de seu senhor.

- Senhor...

- Hanson...

João olhou nos arredores e, por mais sério que permanecesse, não conseguia esconder a angústia. O peito começou a arder, o

estômago continuava a ferver. As pessoas, principalmente os invejosos, percebiam que havia algo errado. As imagens do pai lhe vieram à mente, e ensinamentos que a vida - e a morte - do antigo patriarca lhe trouxeram voltaram como uma avalanche. O coração bateu intranquilo.

E João fez sua escolha.

- Senhor... - ele disse, antes de inspirar fundo, sabendo o quanto aquilo iria matar a si próprio. - Eu não sou digno de nenhuma honra...

Houve suspiros entre os presentes. E as pessoas se olharam surpresas.

- E por que não, Hanson?

- Porque falhei em sua confiança e não mereço nenhum respeito. Porque protegi mal sua senhora e quase morri nas mãos do inimigo. E porque quase caí em tentação, desgraçando qualquer respeito que pudesse ter por mim e pelo código do escudeiro...

Houve um momento de choque. Rinaldo Grimaldi soltou a mão de Lady Almirena e se aproximou devagar, como se fosse enfiar um soco no rosto de João. Talvez fosse.

- Está me dizendo que teve tentações em relação à milady Almirena, Hanson?

João baixou a cabeça e fechou os olhos, esperando o golpe.

- Sim, senhor.

- E tal luxúria partira exclusivamente de sua parte, Hanson? - a

pergunta era séria. Aquele momento era de mais um conflito.

João sabia que dali para a frente já seria socialmente e militarmente destruído perante sua gente, a questão era apenas se queria arrastar a outra parte consigo.

O ego desejava que sim. O superego lhe dizia que, se seu senhor tanto amava aquela mulher, talvez aquela história devesse terminar com apenas um único infeliz. Um infeliz que poderia manter a honra de seu senhor no último instante de desgraça e a honra de sua senhora como desculpas pela inexperiência para protegê-la.

- Assumo a inteira responsabilidade e todas as punições que me infringir, senhor...

A cabeça permaneceu baixa. Ele tinha vontade de chorar, mas ainda não seria ali. Queria olhar para os olhos das pessoas ao redor, principalmente das que mais amava, mas sentia vergonha. Imaginava o que pensavam, e, em nenhuma das imaginações, havia algo bom.

Talvez por isso a surpresa quando os aplausos começaram.

Talvez por isso a desordem mental quando sorrisos surgiram ao redor de todos os lábios, menos nos dos invejosos.

Como um escudeiro sabe que saiu da posição em que está e está pronto para se tornar um cavaleiro em treinamento?

Ainda debaixo de aplausos, João viu seu antigo senhor abraçá-lo com o orgulho de um padraсто, enquanto ao fundo a mãe, a irmã e a noiva prometida se emocionavam por terem sido

previamente avisadas do que veriam a seguir. E ao ver que até mesmo Lady Almirena sorria e continuava a aplaudir foi que João Hanson enfim compreendeu.

E começou a tremer.

Quando o considera pronto, se não conseguir fazer seu aprendiz desistir, o tutor o faz passar por alguma prova de fogo envolvendo força ou lealdade ao código.

Lorde Wilfred de Ivanhoé retirou a espada de duas mãos da cintura. E sua ordem estremeceu cada espírito presente.

- De joelhos, João Hanson...

João Hanson, pela segunda vez na vida diante daquele lorde, se pôs de joelhos e começou a chorar.

O menino sonhador desacreditado entre a plebe havia se sagrado cavaleiro.

Maria Hanson passou os dias ainda indecisa entre seguir a vida ao lado de um Don Juan ou um Casanova. Na dúvida, ambos continuaram a disputá-la como a mulher mais invejada de todo Reino, e a figura de Áxel Branford e o sentimento doloroso que a aprisionava a ele, aos poucos, foram se dissolvendo.

Em um desses encontros, Casanova lembrou-se dos momentos de cativo na Escola Real do Saber e lembrou quando beijou Maria tentando dar seqüência a um plano arriscado de blefe.

Maria ficou sem-graça com a lembrança, mesmo porque fora

um momento de choque, e Casanova enfim avançou um passo

à frente do rival De Marco ao concluir:

- Você não deveria ficar sem-graça com essas lembranças...

- Desculpe! É que...

- Até porque você beija mal.

Maria abriu a boca em choque e mudou a expressão sem graça para uma *extremamente* ofendida.

- Olha aqui, senhor Casanova! - ela disse, colocando uma das mãos na cintura e apontando o dedo com a outra, mais parecendo Ariane Narin. - Eu não beijo mal, não, está ouvindo?

- Ah, não? - o loiro de cabelos longos e olhos claros sorriu.

- Não! É que eu estava sob pressão e fui pega de surpresa, tá legal?

- Ah, é? - ele perguntou em *tom* de desafio.

- Sim, senhor!

- Então prove...

E Maria Hanson compreendeu mais uma vez porque era tão difícil para as mulheres resistir àquelas duas famílias. E Giacomo Casanova compreendia que, na dificuldade de conquistar aquela mulher, poderia estar enfim seu desejo de ser fiel a uma única.

Seu rival Juan De Marco, porém, não iria deixar aquilo tão barato.

Estrelas se acendiam diante daquela guerra amorosa. E

semideuses faziam suas apostas.

A dor é inevitável. O sofrimento é opcional.

Sabem, existem poetas que sempre sabem o que dizem.

Snail Galford, o *Simbad*, demorou tantos dias quanto foi preciso, mas com sua nova e poderosa tripulação conseguiu chegar com o *Jolly Rogers* ao Grande Tesouro do lendário capitão Flint. A terra foi escavada, os baús foram retirados, e Liriel arrancou cadeados enferrujados sem precisar encostar neles.

E então Snail começou a xingar o mundo, enquanto um pirata manco e aleijado gargalhava, e outro em idade avançada tentava compreender o que *aquilo* significava.

Não havia uma única moeda de ouro. O tão sonhado tesouro de Flint não tinha jóias; nem prata; nem tecidos ou qualquer tipo de raridade. A única coisa que havia naquele baú era um mapa. Mas não um mapa físico.

*Um* mapa de estrelas.

Snail por dias xingou e amaldiçoou Flint, desejando que o maldito falecido revivesse apenas para que ele pudesse matá-lo novamente.

Até que, após horas de debate com seus inimigos odiados, ele enfim compreendeu que estava diante do tesouro mais valioso do mundo.

E Sabino von Fígaro, general dos Cavaleiros de Helsing, foi até João Hanson cumprimentá-lo pelo título conquistado de

cavaleiro em treinamento.

- No dia em que estiver preparado, você irá matar Rastyara e então estará pronto para ingressar nos Cavaleiros de Helsing...

João Hanson não iria se esquecer daquela promessa. Não *mesmo*.

E Áxel Branford, antes de retornar ao Nunca, teve seu sombrio momento a sós com Mestre Ira.

Eu não posso lhe matar agora porque preciso aceitar a trégua exigida por você como cobrança de débito a meu irmão... - disse um irreconhecível Áxel tomado de ódio.

- Você não poderia me matar nem se quisesse.

- Por quê?

-Você não é forte o suficiente. Talvez nunca seja...

- *Por que* você o matou?

-Você *ainda* não entenderia...

-Você se alimenta disso, não é? Da raiva...

- É por isso que me chamam Ira.

- Eu começo a entender neste momento como é se sentir possuído por esse sentimento...

- Não há nada que você possa fazer agora.

- Eu sei. Mas um dia haverá. acredite, Mestre Anão, a morte daquele troll cinzento não irá lhe sair assim tão barato...

"Quando você estiver pronto, eu estarei esperando..."

**70**

Quando o elfo crescido caminhou naquele amanhecer na

direção daquelas águas místicas, o mundo, fosse qual fosse a natureza que corresse por trás da energia que o movia, se ao menos não era justo, também não era mais desleal.

Petter Pendragon caminhou passos leves, e caminhou como caminha um homem que teme o fim da vida ou a criança que teme a morte.

Aquele é o Lago da Saudade?

Suas elfas-amazonas caminharam com ele, sem distinguir se eram elas as elfas dele. Ou ele o Elfo-Rei delas. Sem saber se era ele o crescido que as liderava. Ou a criança que elas tinham de encaminhar.

Sim, o lago das ninfas.

Nos braços, carregava o corpo de Wendy Darling - a *sua* Wendy Darling - que mergulhou nas águas sagradas do Lago da Saudade para a purificação exigida na passagem de um bom espírito. O corpo quando retirado trazia o cabelo molhado e um resquício da vida que não existia mais ali.

E por que esse nome?

Ainda com ela nos braços, o Senhor dos Dragões a carregou para um altar élfico armado próximo das águas, onde incensos foram acesos e oito círculos energéticos do corpo morto, acionados, para que o fio que ligava o corpo a uma alma atormentada pudesse ser partido. O elfo amante de uma mulher humana se afastou com o coração apertado. Livith, a princesa élfica e mulher de um príncipe humano, disse as

palavras sagradas no idioma místico, e a pira de fogo se acendeu, enquanto o corpo de carne se tornava pó.

Quando uma pessoa morre, ela deixa gravada na própria energia o último pensamento.

Em nenhum momento, o Elfo-Rei derramou uma única lágrima.

Quando um elfo pressente o segundo anterior à morte, ele instintivamente pensa na mensagem que quer deixar para sua cerimônia...

Áxel Branford observava a sagrada cerimônia, afastado e vestido com indumentárias do Nunca, ao lado de índios que lhe tratavam como aliado. Dentro de si, perguntava se um ser humano também conseguiria pensar, no segundo que antecede à morte, em algo a ser dito aos que ficavam por instinto, como fazia aquela raça.

E não teve dúvidas da resposta.

Raças diferentes tendem a trocar culturas.

O pó do corpo cremado fora recolhido por pequenos elfos, adultos na mente e crianças nos corpos. Toda cinza fora cuidadosamente recolhida e depositada em um recipiente com runas na linguagem antiga.

O recipiente fora entregue por um xamã indígena novamente ao Elfo-Rei.

E o que representa para um elfo não fazer sua passagem para o outro mundo através desse ritual?

O elfo crescido se virou novamente para as águas do lago. E pareceu temer o que viria a seguir.

Significa uma morte incompleta. E uma passagem intranquila.

Áxel Branford, que a cada dia aprendia a respeitar ainda mais aquela cultura tão diferente e ao mesmo tempo tão fascinante, sabia bem o motivo que atemorizava o coração daquele elfo.

Ela estava grávida.

Rei Petter sentiu a água quente do Lago da Saudade mais uma vez tocar em seus tornozelos. E ainda assim elas eram frias perto da temperatura em que estava seu coração.

Você tem medo, não é? Medo de saber a resposta. Medo de saber o último pensamento.

A mão destapou o receptáculo e tremeu no segundo que antecedia o ato. Tremeu diante do que viria a seguir. Tremeu diante do último pensamento.

Eu tenho.

O vento soprou, e o Elfo-Rei, o Senhor dos Dragões, o primeiro elfo crescido do mundo e o único elfo adulto a voltar a voar, deixou que o vento dançasse de maneira poética com o pó, que antes era carne e abrigava um espírito. O pó se espalhou pelas águas do lago como se tudo fosse parte de um grande todo acima da compreensão científica, e como se o mundo, quando quisesse, fosse apenas poético. E intenso.

O pó se manteve sobre a água, e então tomado pela vida que se move através do fantástico desenhou, como por mágica, o

último pensamento.

Áxel Branford ali ainda não havia aprendido o idioma élfico, mas até mesmo ele conseguia compreender o que aquelas palavras formadas por sentimentos maiores que a vida e a morte queriam dizer.

"Não foi sua culpa." E realmente não o era, ao menos até que aquelas palavras enfim o libertassem. Ramificações de remorso e dor começaram a se rasgar dentro do peito de um elfo forte na casca, mas castigado no âmago. Respirações começaram a se tornar mais intensas e mais profundas quando o ar pareceu mais abundante, e o mundo nunca pareceu tão tenaz.

O som da batida de um coração libertado era uma música de tons diferentes, que repetia eternamente a mesma estrofe.

Não foi sua culpa.

Rei Petter *Pan* se ajoelhou sobre as águas do Nunca, sentiu o coração mais quente e chorou incontrolavelmente como uma criança.

**71**

No quase esquecido vilarejo de Trigger, no exato local indicado há centenas de anos, em um mapa de estrelas escondido há dezenas de anos por piratas já falecidos, uma virgem de não mais do que quinze invernos, criada no cativeiro de um palacete e sem contato com o mundo externo desde o nascimento, eriçou-se feliz como um cão ao escutar

sua detentora se aproximar com o almoço do dia.

A mulher que lhe trazia a comida todos os dias era uma senhora gorda e rica conhecida como Mãe Gothel, que mantinha nas feições a mesma simpatia que uma psicopata torturadora deveria demonstrar em eventos sociais, com o rosto carregado da mesma maquiagem pesada que torna grotesco o medo da velhice. Aquela senhora era uma das maiores iniciadas ainda vivas.

E ela era uma bruxa. Nem sempre do melhor tipo.

- Querida, mostre-me suas tranças... - a gorda exigiu, observando a menina, como se fosse ela a jovem mais importante do mundo, ou como se o mundo fosse voltar a ser importante por causa dela.

O cabelo da menina era loiro, imenso e lindo, escorrido por muito além das costas. Entretanto, havia um detalhe curioso: as pontas do cabelo da jovem. Chegava a ser curioso como eram bem mais escuras do que o resto do claro couro cabeludo. Como se fossem eternamente pintadas à mão.

Como se fossem palha.

Como se houvessem sido queimadas.

Nos últimos tempos, a adolescente, em sua inocência e pureza, acreditava estar engordando por comer demais e, por isso, suas roupas andavam tão apertadas. A verdade, contudo, era conhecida pela bruxa gorda e ia muito, muito além do que a menina jamais poderia compreender.

Aquele senhora velha, rica e gorda era uma fada caída.

E aquela enclausurada virgem *marcada* de longas tranças estava grávida.

∞

Um círculo não tem início nem fim; mas isso apenas depois que ele já está formado.

Para que um círculo seja formado, porém, primeiro não há nada e, então, seja o que for que vá dar forma a ele, corre por um trajeto que só fará sentido quando completar toda uma volta e se encontrar com o ponto inicial. É então que se compreende o motivo do trajeto. E tanto o início quanto o fim daquela forma não apenas se tornam impossíveis de ser identificados como também isso deixa de importar.

Porque a única coisa que passa a ser vista é somente o todo da figura completa.

Cada lágrima que você derrama é um círculo que se abre ou se fecha dentro de você. E, sejam vidas criadas por semideuses, sejam semi-deuses criados por forças maiores, cada lágrima derramada é preciosa, pois as alegrias nos dão sentido, mas são as cicatrizes que nos tornam mais fortes.

Todo deus um dia será esquecido. Todo semideus um dia deixará de existir.

E o que sobrar da passagem de cada uma dessas energias vivas são os círculos formados através de ciclos que não podem ser detidos. E seja por onde eles vierem a correr, e seja

por onde eles vierem a tomar forma, tais ciclos não serão lembrados por seus inícios ou finais, nem por suas larguras, nem por seus diâmetros, somente pela perfeição da figura formada pelo todo.

Cada lágrima jorrada sobre a terra jamais será perdida.

Ela irá cair e se misturar à terra. E então, quando o calor vier, ela irá evaporar e, ao se juntar com outras, tornar-se-á chuva.

E quando o ar decidir dançar nuvens carregadas, cada lágrima, antes derramada na terra, irá descer novamente sobre nossas cabeças, abençoando e trazendo êxtase. Um êxtase que irá permanecer até que outras delas sejam mais uma vez derramadas sobre a terra e o todo recomece.

Como em um eterno ciclo. Como em um esplêndido e inesgotável círculo. Um círculo que sempre irá nos ensinar que...

A dor é inevitável.

... vale a pena percorrer a jornada. Mesmo porque...

O sofrimento é opcional.

... o círculo sempre se fecha.

Ainda que nos corações mais fracos. Ainda que nas mentes mais instáveis. Ainda que nas vidas mais vazias.

O círculo se desfaz, mas ele nunca se rompe.

Ainda que por vezes pareça difícil, ainda que doa, ainda que fraqueje, percorra o círculo completo. Seja caminhando pelo círculo de fogo, seja caminhando pelo círculo de chuva, o

final de todo círculo da vida ainda terá sempre o mesmo valor.

Todo ciclo um dia irá terminar, é verdade. Mas o que sobrar dentro de você, e o que sobrar de você nesse ciclo, jamais irá se perder. Ou se romper.

Ou se apagar.

Todo deus um dia será esquecido. Todo semideus um dia deixará de existir.

Mas, enquanto eles não forem esquecidos, e enquanto você existir, continue a jornada.

Simplesmente percorra o círculo.

# Table of Contents

[João Hanson estava esgotado. Completamente esgotado, depois](#)